

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

Orgão da Federação Spiritista Brasileira

Toda a correspondência deve ser dirigida a—F. A. XAVIER PINHEIRO—Rua da Carioca 120

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

ANNO VI

Brazil — Rio de Janeiro — 1888 — Janeiro — 1

N. 123

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos subscriptores, que têm mudado de residencia, communicarem-nos seu novo endereço para lhes fazer chegar ás mãos varios numeros do «Reformador», que têm sido recambiados pelo correio.

Pois que podem os nossos leitores querer assignar algum jornal spiritista estrangeiro damos abaixo a relação das publicações com que permutamos:

Espiritualismo Experimental—publicação mensal; redactor Santos Cruz Junior. S. Paulo 105 rua de S. João.

O Espiritismo—jornal de estudos psicologicos. Redactor D. Antonio da Silva Pessanha, Lisboa, 102 Rua Augusta.

Light—journal of psychical, occult and mystical research. Charing Cross. London, 16 Cranen Street.

Religio-Philosophical Journal—devoted to spiritual philosophy. All letters should be addressed to John C. Bundy, Chicago, 92. La Salle Street.

Golden Gate—a journal of practical reform, devoted to the elevation of humanity in this life, and a search for the evidences of life beyond. Editor J. J. Owen, San Francisco, 734. Montgomery Street. Terms \$2.50.

The Carrier Dove—an illustrated monthly magazine devoted to Spirituality and Reform. Editor Mrs. J. Schlesinger, San Francisco, California, 32 Ellis Street.

The World's Advance—Thought—Salem. (Oregon) (United States).

The Harbinger of Light—a monthly journal devoted to zoistic science, freethought, spiritualism and the harmonical philosophy. Proprietor W. H. Terry, Melbourne, 84 Russell street. Price 6 d.

La Revue Spiritiste—journal d'études psychologiques et spiritualisme expérimental; revue bimensuelle, fondée en 1858 par Allan Kardec. Gérant H. Joly, Paris, 5, rue des Petits-Champs. Prix 14 francs par an.

La Chaine Magnétique—fondée en 1879 sous la direction de M. le Baron Du Potet. Gérant Louis Aufinger. Paris, 15 rue du Four-Saint-Germain. Prix 9 francs par an.

Journal du Magnétisme—fondé en 1845, par M. le baron Du Potet; paraissant tous les mois sous la direction de M. H. Durville. Paris, 5 Boulevard du Temple. Prix 7 francs.

Le Spiritisme—organe de l'Union Spiritiste Française. Rédacteur Gabriel Delanne. Paris, 38 rue Dalayrac, prix 6 fr.

La Vie Posthume—revue mensuelle, sous la direction de M. George. Marseille, 27 rue Thiers, prix 5 fr.

La Lumière—révélation du nouveau spiritualisme. Organe des spiritualistes indépendants, sous la direction de Mme. Lucie Grange. Un numéro par mois. Paris. Boulevard Montmorency 75. Prix de l'abonnement facultatif, le minimum est de six francs.

La Pensée Nouvelle—organe de recherches psychiques et de philosophie expérimentale, paraissant le premier de chaque mois. Rédacteur-gérant M. E. di Rienzi. Paris. Rue de Sévres 155. Prix 3 fr. 50 par an.

La Religion Laïque et Universelle—organe de régénération sociale, paraissant le 8 et le 23 de chaque mois, sous la direction philosophique de M. Ch. Fauvety. Correspondance adressée au gérant M. P. Verdade. Nantes. Prix 6 fr.

Le Magicien—journal des sciences occultes physiologiques, philosophiques et magnétiques, paraissant le 10 et le 25 de chaque mois. Directrice Mme. Louis Mond. Lyon. Rue Terme 14. Abonnement un an 10 fr.

Le Magnétisme Thérapeutique—organe de la Société Magnétique de Genève; quatre numéros par an; redacteur Louis Sené. Genève, 28 rue St. Léger, prix 1 fr. 25.

Lumière et Liberté—journal humanitaire instructif, philosophique, émancipateur, qui paraît tous les deux mois. Genève. 33 rue du René. Prix 3 fr.

Le Messenger—spiritisme, questions sociales, magnétisme, journal bimensuel. M. H. Saive. Liège. 24 Boulevard de la Souvenière, prix 5 fr.

De Rots—journal spiritiste, organe du groupe spiritiste de Rots, écrit en français et en flamand. Ostende. Chaussée de Theurout, prix 3 francs.

Moniteur Spiritiste et Magnétique—mensuel, redacteur M. B. Martin. Bruxelles. 73 rue Bosquet, prix 2 fr. 50.

Les Sciences mystérieuses—revue mensuelle de Psychologie spéculative et expérimentale, rédigée par un Comité. Elle est purement éclectique. Bruxelles. Rue des Fabriques, 17. Abonnement fr. 2.60.

Gazetta Magneto-Scientifica—bollettino del Gabinetto di consultazioni magnetiche del prof. D'Amico. Si pubblica per trimestri. Bologna, Via Ugo Bassi n. 29.

Revista de Estudios Psicologicos—periodico mensual; Barcelona. 17, 1ª calle Principe de Viana. Precio 10 pesetas.

El Eco Universal—periodico filosofico, libre pensador de estudios psicologicos. Barcelona. 15, 2ª 1ª. Rech Condal. Precio a voluntad de suscriptor.

El Criterio Espiritista—revista mensual; organo de la Sociedad Espiritista Española. Madrid. Valverde, 24, Principal Derecha. Precio 15 pesetas.

La Solucion—publica-se cada quinze dias. Gerona, 14 plaza Balloch, precio 10 reales.

Constancia—revista mensual espiritista. Redactor Cosme Mariño. Buenos-Aires. 331 General Lavalle. Precio 0,50 pesos.

Luz del Alma—salá todos los domingos. Buenos Aires. 658 Calle de Montevideo. Precio mensual 0,60.

La Verité—journal spiritiste, écrit en français et en espagnol, paraissant les 10 et 20 de chaque mois. Directeur P. Rastouil. Buenos Aires. 331 general Lavalle. Abonnement 1,60.

La Fraternidad—revista quincenal; director D. Antonio Ugarte. Buenos-Aires. 301 Calle Junin. Precio 85 cts.

Revista Espiritista—periodico de estudios psicologicos publicado por la Sociedad Espiritista Montevideana. Año XVI. Se publica del 15 al 06 de cada mes, y se reparte gratis.

La Revista Espiritista—periodico mensual. Valparaiso (Chile). Precio \$2.00.

La Verdad—revista mensual; director José Mayner. Kingston (Jamaica) 89 East St. Precio 15 centavos.

La Nueva Alianza—Cienfuegos (Cuba) 58 Colon. Gratis para todos.

La Investigacion—periodico espiritista. Se publica tres veces al mes. Puerto-Principe (Cuba) San Esteban 62. Precio 25 cts. oro.

La Buena Nueva—periodico espiritista. Sancti-Spiritus, Cuba. Principe 3.

La Alborada—revista quincenal de literatura, estudios psicologicos e intereses generales. Sagua la Grande (Cuba). Gloria 20. Gratis para todos.

O anno novo

Mais uma vez poz termo o nosso planeta ao seo gyro invariavel em torno do fóco da vida organica; mais um anno tambem de existencia vae encetar o modesto periodico, que já por cinco vezes trasladou em redor do fóco de toda a vida moral: a verdade evangelica com as revivescencias na immortalidade.

Como apezar de todas as catastrophes que se dão em seo seio ou fóra delle continúa o globo terraqueo em sua marcha imperturbavel, assim tambem ao debil *Reformador* s

tem sobrado coragem para permanecer imperturbavelmente obediente ás leis da gravitação moral.

Si a esphera, que nos é habitação, apezar de ponto microscopico perdido na vastidão infinita do espaço sem termos, concorre tambem no côro das harmonias celestias que o universo entôa á Sabedoria Creadora, o *Reformador*, ceitil que no ambiente da imprensa se perde em sua modesta pequenez, não tem deixado tambem de fazer vibrar na lyra do sentimento aquellas cordas que rythmam hymnos só comprehendidos pela alma.

Na faina da propaganda, e de esclarecer os espiritos que irreflectidamente se obumbram na treva da ignorancia, espera o *Reformador* continuar a sua tarefa penosa, embora modesta.

E-lhe grato relancear fugitivas olhadas pela estrada percorrida pela nobre philosophia por cuja propagação se esforça. Assim é que vê com satisfação intima e com o coração cheio de graças ao Soberano Regedor de todas as cousas as victorias ganhas pelo spiritismo em 30 annos apenas de juvenildade.

Como a faisca electrica, que no instante mesmo em que se forma percorre de um a outro extremo o horizonte, deixando atraz de si o rastro luminoso de sua passagem, tem o spiritismo avassalado o mundo, sulcando fulgorantemente as regiões todas do seo perpassar!

Dir-se-ia ter-se renovado a fabula, abrindo-se o augusto cerebro de Jupiter para dar sahida á segunda Minerva completamente armada.

Contam-se com effeito por centenas aquelles que, ouvindo a palavra de verdade, rompem o véo que lhes offuscava a razão, a qual não mais quer dar guarida aos prejuizos do obscurantismo ou á teima das opiniões preconcebidas.

Hoje já se estuda despreocupadamente, aos olhos da multidão abyssmada, as leis que regem o mundo moral. Para isso ha concorrido a propaganda tenaz e corajosa, que se não tem amedrontado nem com a escabrosidade da tarefa, nem com as contrariedades dos interesses privados; para isso ha concorrido a imprensa spiritista do mundo, que se multiplica a olhos vistos quer nas cidades populosas, quer nos recantos

mais occultos; para isso ha concorrido tambem o modo da propaganda: discipulos do venerado mestre da Judéa, que affirmava não ter vindo destruir a lei mas dar-lhe cumprimento, comprehendem por demais os spiritas que é sua tarefa exclusiva a da reconstrução.

Assim pois não procura a propaganda alimentar odios e malquerenças no ingrato mister da derrubada: ella sabe que os edificios solapados pelo tempo, ou carcomidos pela inopia da conservação, derruem-se pela propria annosidade.

Além disso, não urge que mãos estranhas concorram para o desmoronamento, já que delle são factores importantes os que se presumem unicos intermediarios entre o Creador e as creaturas: é aquelles que só prégam com palavras que se dirige a apostrophe do Christo «tumulos caiados por fóra, mas tão só podridão por dentro»; são aquelles que nem mesmo com a palavra prégam, limitando-se á exterioridade da observancia de um culto paganizado, que chamar se podem novos Epimevidios, e ainda não despertos de seo somno, apezar do clangor de ensurdecer com que estruge os tempos modernissimos a sonora trombeta do progresso.

Demais são inconscientemente nossos collaboradores os incredulos, os materialistas de toda ordem, que preparam o terreno em que vamos alastrando a semente bemdita, expurgando-o elles proprios da planta daninha dos erros seculares.

São todos portanto, mesmo os operarios da inverdade, nossos auxiliares; e este alvo unico com o qual enfrentam sem discrepancia, apezar de aparentemente contradictorios, está nos indicando de que lado vem a direcção: a Providencia é omnisciente, as palavras do Messias não passarão.

Não se nos faz mister, portanto, quaes novos Fabios, levantar um regaço de nossa toga, onde offereçamos o dilemma — paz ou guerra: em nosso regaço só deve ir offerta de paz.

Animado dos mesmos principios com que até agora se ha empenhado na propaganda, e reforçado pelas conquistas que no orbe inteiro há

feito a causa da verdade, o *Reformador* espera pisar, com firme passo, sem vacillações e tibiezas, o 6.º estado da carreira, que com o presente numero enceta.

Avante, avante, sempre avante!

A prece

A prece é uma necessidade espiritual, tão soberanamente imperiosa, como o alimento são é para a saúde do corpo. Mas, visto que nem todo o alimento é compatível com as forças do organismo ou com a energia da saúde, assim também a prece requer condições, exigências para sua efficacia.

A prece é o transbordamento do que de mais puro existe no amago de nosso coração, levado por um impulso de nossa vontade aos pés do Creador.

Assim pois cumpre que duas condições primordiales sejam satisfeitas: a plenitude no coração de sentimentos puros, e a energia da vontade. Uma só dessas condições sem a outra não caracteriza a verdadeira prece, entretanto maior importancia tem a primeira, que, em dados casos, ha por si só bastado. Foi, por sem duvida, alludindo a esta condição, que o Christo ensinou: «quando vos pizerdes em oração, si tiverdes alguma cousa contra alguém, perdoae-lhe, para que vosso pae, que está nos céos, vos perdõe também vossos peccados.»

Ora, como um simples desejo, um mero pensamento pôde preencher completamente ambas aquellas condições, preciso não se faz que se revista a prece de uma proximidade de palavras. «Não affecteis orar muito em vossas preces, ensinava Jesus, como fazem os pagãos, que julgam que é pela quantidade das palavras que ellas são attendidas.»

Bem razão tinha o mestre nazereno, pois que os boudhistas pensavam que nem era necessario comprehender o sentido das preces, e até mesmo que bastava apenas relancear olhares para o papel em que se achavam escriptas; dahi uma invenção para orar por machina: a *roda das preces* é um cylindro cuja superficie está cheia de orações em caracteres de ouro, e que se move por manivella. Os fieis contam as voltas e mais agradam á divindade aquelles que por mais tempo e mais depressa dão voltas á *roda*!

No Ceylão e na Mongolia o systema se tinha aperfeiçoado: nas principaes ruas, nos templos e nas casas particulares taes cylindros eram cheios de pequenos papeis, em que por milhões se achavam repetidas as preces; cada volta do cylindro equivalia á recitação de todas as que nelle se continham. As pessoas piedosas tinham em suas casas um creado, cujo unico serviço consistia em fazer gyrrar o cylindro de familia!

Não muito longe disto vae a pratica dos catholicos em certa época da idade média: os mais cheios de piedade recitavam por 40 horas seguidas preces que aplacassem a colera divina. Hoje mesmo ainda existe um arremedo de taes praticas na monotona recitação de duas preces por tantas vezes quantas se podem dedilhar as contas de um rosario.

Vê-se que são poucas, duas apenas, as condições para a verdadeira prece; entretanto os gregos, que as faziam de pé ou sentados, exigiam que previamente se purificasse pela agua aquelle que as tinha de fazer nos templos. Era de uso entre elles recital-as em voz baixa, contrariamente á opinião de Pythagoras, que aconsel-

hava que se fizesse bem alto, para ue nada se pedisse de que se tivesse e corar.

Não se julgue que era por ser demasiadamente precavido que o philosopho fazia tal exigencia: muitas preces ainda hoje mesmo se fazem contrarias á justiça, ao pudor, á caridade: os salteadores italianos pedem devotamente á Madona o bom exito de suas façanhas, e põe sob seu patrocínio o punhal assassino, com que alguns momentos depois vão commetter o crime! Alguns christãos, já não mais da mesma classe, elevam preces para que cheguem a bom fim seos jogos de acaso, ou suas intrigas de amor!

E' o desejo vehemente de praticar um bem, que deve ser a base da prece; e, como tal vehemencia só se tem quando se sabe sentir as dores alheias, é em taes momentos que se deve transportar ao Creador a alma assim momentaneamente purificada. Orar portanto em occasiões prefixadas é fazer um trabalho mecanico, que bem se pôde equiparar ao do cylindro de familia.

«Quando quizerdes orar, ensina Jesus, entrae em vosso quarto, e fechando a porta orae a vosso Pae em segredo; e elle, que sabe o que se passa em vosso intimo, vos dará a recompensa.» Duas vantagens encontram-se de prompto neste conselho: 1.ª, ausencia de ostentação, que é hypocrisia culpavel; 2.ª, alienação de causas que poderiam distrahir o espirito. Não é outro sinão este ultimo o motivo (segundo a affirmação de Virgilio) pelo qual os romanos, para orarem, punham-se de pé e velavam a cabeça: receavam serem perturbados pela face de um inimigo.

Ora, é em satisfação a este segundo preceito que a prece deve ser feita na attitude em que se foi surpreendido: pouco importa que se esteja de pé, sentado ou em decubitus; entretanto ha espiritos que ainda não souberam elevar-se acima destas exterioridades, extranhavel não é, pois, que procurem a attitude, em que melhor se costumam transportar.

E' por dar se mais que a merecida importancia a estas filigranas que os mahometanos exigem que se volte o rosto para o oriente, e que a mais antiga postura entre os velhos povos consistia em elevar as mãos com a face palmar voltada para os céos. Ainda hoje, na lithurgia catholica, é esta a attitude imposta aos sacerdotes em determinadas occasiões.

Mas, o que tem real importancia é a condição em que se colloca aquelle que tem de orar; melhor não poderiamos traduzir nosso pensamento do que repetindo as proprias palavras do Sr. Allan Kardec:

«A prece do christão, do *spiritista* de qualquer culto, deve ser feita logo que o espirito subjugou o imperio da carne; ella deve se elevar aos pés da magestade divina com humildade, com profundeza, em um impulso de reconhecimento por todos os beneficios concedidos até ahi.»

NOTICIARIO

Conferencia spiritista. — Iniciamos hoje a publicação da conferencia, que o illustre presidente da Federação Spiritista Brasileira — o Sr. major Dr. Ewerton Quadros — intentava fazer, como remate aquellas que tão procuradas foram no salão da Guarda Velha. O encerramento, porém, da estação das conferencias não tendo permittido satisfazer a boa vontade do nosso amigo, julgamos que é premiar a anciedade dos nossos leitores publicar o alludido trabalho, tanto mais quanto tendo em anterior conferencia considerado o spiritismo

como sciencia positiva, nesta o encara como sciencia revelada. Entra portanto em causa o grave problema da revelação em suas referencias com todas as religiões havidas, com todos os dogmas, com todas as interpretações humanas. Si tivessemos autoridade, aconselharíamos aos erudtos que não deixassem de ler o trabalho do nosso esforçado amigo, sem esquecerem entretanto de que se trata de um simples discurso para conferencia publica, e não de um livro.

A' Imprensa spiritista do mundo. — E' com o coração nãodando em jubilo, que dirigimos aos nossos confrades da imprensa spiritista que mantem connosco permuta os mais amigaveis agradecimentos pela visita de periodicos, que tanto nos têm instruido sobre o que se passa pelo mundo.

Hoje que encetamos o 6.º anno de existencia, deviamos dirigir-nos aquelles confrades, com os quaes colaboramos na tarefa ingente da propaganda da verdade. E' á sua prosperidade e ao seo grande numero, tanto quanto á firmeza de nossas crenças, que devemos a coragem com que, isolados no meio da imprensa do Rio de Janeiro, mantemos inquebrantaveis e impassiveis ante os murmurios que em torno de nós cochicham a má vontade, a ignorancia, as idéas preconcebidas ou os interesses contrariados.

Enviando, pois, daqui a todos e a cada um, um alentado aperto de mão, esperamos continuar a receber suas visitas periodicas, tanto mais quanto está no pensamento da Federação Spiritista Brasileira dilatar-lhes o numero de leitores.

Spiritismo na Hungria. — Está patente aos olhos dos que os não fecham de proposito que a doutrina spiritista lavra com intensidade pasmosa. Por toda a parte já nella se fala com aquella despreocupaçãocom que se trata de cousas communissimas. Muito não ha que calculadamente deixava-se de empregar a terminologia spiritista em roda de pessoas que não fossem todas reconhecidamente crentes: hoje, porém, no meio das ruas mais concorridas, nos vehiculos publicos, nas folhas diarias ouve-se e lê-se a cada passo neologismos que são conquistas do spiritismo.

Aqui, como em toda parte, o seo caminhar é de acceleração tal que não ha memoria de doutrina philosophica que se tenha derramado com tal presteza e em tão vasta extensão: é que cumpre que se tornem effectivas as vistas da Providencia, que julgou oportuna a occasião para que pelo mundo se esclarecesse a verdade.

Occorreram-nos taes considerações ao deparar no hebdomadario *La Fraternalidad* com a seguinte noticia que, com a devida venia, transcrevemos:

«A Sociedade Nacional Spiritista da Hungria, em Buda-Pesth, é uma associação bem organizada, que, reconhecendo a necessidade e vantagem de obrar pela união, firmou alliança com a associação nacional britanica de Espiritualistas.

A Sociedade «*Spirite Forsches*» (investigadores spiritistas) tem uma organização completa e perfeita de baixo de todos os pontos de vista.

Fundando-se em principios de 1871, contava já então cerca de 100 membros.

O anno passado viu-se obrigada a instalar-se em um local exclusivamente construido para seo proprio uso por um de seos membros.

Continuou seos trabalhos sob a protecção do governo hungaro, a cuja approvaçãoforam submettidos regulamentos e estatutos.»

Não será portanto para estranhar que entre nós, também collectadas as forças pela união, possamos dar um desenvolvimento maior á doutrina.

Manifestação em sonho. — So nos auctorizados pelo nosso amigo o snr. capitão Belchior da Fonseca a narrar o seguinte facto, dado no Maranhão em Março do anno ultimo: Nesse mez seguiu para o Recife, afim de encetar seos estudos de jurisprudencia um mancebo, filho de uma das mais importantes familias da capital do Maranhão.

Um sentimento ainda inexplicavel para os que não admittem os avisos de nossos irmãos invisiveis, um presentimento, como elles dizem, de desgraça despertou no animo da mãe do joven o desejo de demorar-lhe a viagem, mas teve de ceder, pensando no prejuizo que da demora podia provir a seo filho, e este partiu.

Na noite de 24 acordou seo marido sobresaltado por ouvir a soluçar, e viu-a louca de dor, dizer-lhe, entre soluços: «Meo filho morreu; o vapor *Bahia* naufragou. Eu acabo de velo frio e molhado pela agua do mar. Elle me disse que o vapor foi a pique, e sua vida terrena terminou.»

Embalde procurou se consolal-a. Passaram-se telegrammas para o Recife, mas ahi ainda nada constava.

Foi pela tarde que chegaram telegrammas annunciando o naufragio do *Bahia* e a morte do joven.

Dirão: «Isso é já uma cousa tão commum. Todos nós temos tido d'esses avisos.»

Pois bem, buscai explical-os, sem ser pelas palavras sem sentido *acaso*, *coincidencia*, que nada explicam, e nós ficaremos satisfeitos, pois temos a convicção de que não achareis explicação alguma mais racional, que a da communibilidade dos que foram-se da terra, com os que ainda nella vivem.

Extraordinarias manifestações. — Com essa epigraphe publicou o *Religio Philosophical Journal*, de Chicago, de 12 de Novembro ultimo, uma extensa carta do Sr. Warren Hutchins, de *Grands Rapids*, que por seo grande interesse offerecemos, vertida para a nossa lingua, aos nossos leitores. Diz a carta dirigida ao edictor do citado jornal:

«Os inclusos extractos de recentes cartas do Dr. Schermerhorn estão seriamente occupando a attenção do publico, principalmente por saber-se ser elle um homem intelligente e de reconhecida probidade.

O referido doutor nasceu proximo desta cidade, cursou a nossa Universidade e goza do respeito e confiança do publico. Ha algumas semanas elle foi a S. Francisco, onde se patenteou como um maravilhoso medium de materialisação.

Em proveito daquelles que não leram um artigo do Sr. Smith Thorington, sogro do mesmo doutor, publicado ha já alguns mezes, contarei resumidamente como elle se tornou spiritista.

Ha cerca de 5 annos, apesar de todos os seos esforços para ter uma crença, era o Sr. Thorington um consumado sceptico, quando, victima do cyclone que cahiu sobre Rochester, falleceu um seu irmão, chamado Job.

Indo elle visitar a sepultura desse irmão, ficou com o animo repleto de tristeza e desespero por não poder revel-o. Regressando á sua herdade, nos suburbios desta cidade, elle resolveu seo genro a sentar-se com o resto da familia formando um circulo.

No principio nada obtiveram; depois começaram a ouvir pancadas, e afinal sentenças de alto valor.

Havia mais de 30 annos que o Sr. Thorington trabalhara para um collegio de Oregon, junctamente com um irlandez chamado John Chancy, que nesse intervallo tinha fallecido. Foi o espirito de Chancy que primeiro se apossou do medium, desenvolvendo a sua poderosa faculdade.

Em Julho de 1886 falleceu um irmão meo, chamado Carlos, victima do movimento intempestivo de um trem, de que elle queria aprear-se. Elle fôra agente e editor do *American Board of Foreign Missions*, durante 20 annos, e por isso era muito conhecido.

Dez dias depois de sua morte seo espirito se me apresentou em uma sessão do Dr. Schermerhorn, chamou-me por meo nome com uma voz bem clara, deu-me o seo e disse-me: «Tudo vae bem.» Fallou-me varias vezes depois, e em uma dellas disse-me: «Reconheço que tudo isto é uma verdade.»

Por muitas vezes havia o doutor feito tentativas inuteis para deixar o vicio de fumar. O espirito de John augmentou-lhe de tal modo o desejo de praticar esse acto, que elle viu-se forçado a substituir o fumo por tudo o que encontrava; fumou tanto e tudo, que por uma vez enjoou e abandonou o vicio.

Ultimamente passeiava elle em S. Francisco, quando viu um homem enfiar-lhe o braço e acompanhá-lo; era John, que depois de algum tempo desapareceu. — *Warren Hutchins.*

APONTAMENTOS DO DR. SCHEMERHORN
S. Franc. da Calif., 18 Set., 1887.

Vou contar-vos o que se passou em minhas experiencias da noite ultima:

A's 6 horas da tarde se me apresentaram os espiritos John e meo tio Job, dizendo-me que eu teria materialisações n'aquella noite, si fosse alguma sessão, como elles desejavam. Pelo jornal *S. Francisco* soube que o medium Wild daria uma sessão ás 8 horas.

Ahí comi, areci, encontrando reunidas umas 25 pessoas em um pequeno gabinete situado na extremidade de um salão terreo e delle separado por pesada cortina. Sendo eu a unica e pessoa estranha ahí presente, não tendo dado o meo nome nem a minha morada, suppunham-me um visitante incredulo: fui convidado para examinar o gabinete e o medium, caso eu o desejasse.

Fil-o. O gabinete tinha paredes e sólo solidos, e o medium nada tinha de suspeito sobre si.

Dous minutos depois de diminuir-se a luz, apresentou-se nos uma forma de mulher, envolta em longo véo; deu seo nome distinctamente e foi reconhecida por seo irmão, que a estreitou nos braços por cerca de 4 minutos, onde ella se foi dissolvendo á vista de todos, até desapparecer.

Muitos outros vieram depois, procedendo do mesmo modo, e sendo reconhecidos pelos seus parentes.

Vieram muitos com formas de crianças totalmente materializadas, um dos quaes, que figurava um menino de 6 annos, sentou-se sobre os meos joelhos, pedindo-me que lhe examinasse o corpo.

Fil-o; e elle desapareceu deixando-me a sensação completa de haver tido em meos braços uma verdadeira criança.

Chegaram a manifestar-se até sete espiritos ao mesmo tempo. De repente ouviu-se uma voz, por mim bem conhecida, dizendo:

«Estás ahí, doutor?» Avancei para a entrada do gabinete e senti a minha mão apertada pela de John. Vi-o distinctamente; apalpei-lhe cuidadosamente o corpo e apertei-o em meos

braços. Job apresentou-se perto de mim, apertou-me a mão, enquanto John se assentava, na cadeira que eu deixára.

As feições de Job eram tão naturaes, que me parecia o estar vendo com seo corpo terreo. Minha mãe também se mostrou materializada, mas não consentiu que eu a abraçasse. Ella deu-me uma rosa, que alguns minutos depois me desapareceu das mãos evaporando-se.

19, Set., 87. — Nessa noite, havendo eu me recolhido á minha camara, os espiritos me convidaram a diminuir a luz do gaz e sentar-me em uma cadeira.

Algun tempo depois vi uma massa branca, que aos poucos se foi contornando, até tomar a figura perfeita de John. Elle assim se conservou por alguns segundos, agradecendo-me o ter-lhe eu feito a vontade. Também vi os espiritos de Job e minha mãe, materializados, mas não com formas tão bem definidas.

21, Set., 87. — Nessa noite, ao voltar eu de uma sessão, sahiram-me ao encontro no corredor do hotel duas senhoras, inquilinas, muito excitadas e pallidas, perguntando-me quem era e o que queria o individuo, que entrára adiante de mim. Eu que não o havia visto, fiquei surpreso, mas convenci-me logo do que era, quando ellas me descreveram perfeitamente John.

Busquei calmal-as, dizendo-lhes, que seus sentidos as haviam illudido; porém ellas não crêram. Nesse interm eu também o vi.

22, Set., 87. — Pelas 2 horas da manhã eu vi ainda John e Job, que então conservaram suas formas por 23 minutos.

O inventor Edison. — Já por mais de uma vez ros temos referido aos methodos notaveis, de que se serve o grande inventor americano para pôr em pratica suas idéas, ou antes as d'aquelle que lh'as sugere, e de quem elle é medium. Taes idéas lhe assaltam repentinamente elaboradas e já formuladas, e elle só faz enuncial-as e pô-las em pratica.

Já dissemos de outra vez e é factó sabido, que elle vive sem habito algum regular, quer quanto ás horas e natureza dos seus repastos, quer quanto ás horas e logar de seo repouso, come e dorme para não morrer; e assim se conserva, até que uma nova obra lhe acuda ao espirito.

E' um dos casos mais notaveis do que chamamos um genio ou um medium.

Onde se deterá elle? O *Times* publicou uma interessantissima noticia sobre a sua ultima descoberta, que é realmente de grande importancia, para os que apreciam os rapidos progressos que a sciencia está fazendo no estudo das forças occultas da natureza, e nos mostra como o materialismo se vai recolhendo aos seus ultimos intrincheamentos.

(Ext. do *Light*, de Londres.)

Salvo por um sonho. — No *News*, de Dallas (Texas), lê-se o seguinte:

«Ha mais alguma cousa entre o céo e a terra que os sonhos de philosophos; ha mais maravilhas nos nossos sonhos do que nas historias de Aladino e da Lampada mysteriosa.

«Assim se exprime o Sr. Ben de Beck, morador na rua Hawkins, narrando o que lhe aconteceu: Sonhou elle uma das ultimas noites, que um amigo seo cahira sob os golpes de um assassino, e o quadro lhe foi pintado tão ao vivo que elle despertou. Mas então viu um homem junto ao seu leito, o qual sentindo-se descoberto, fugiu. Revolveu-se toda a casa, e escondido na cosinha foram

encontrar o ladrão. Este conseguiu escapar, mas tão precipitadamente que deixou cahir uma machadinha que trazia.

«Assim podemos com muita probabilidade dizer que o Sr. Beck foi salvo por um sonho.»

Si os homens ouvissem os conselhos que lhes dão seus amigos do espaço, quantas desgraças se poderiam evitar! Lembrem-se dos avisos que teve J. Cesar no dia de sua morte; e dos que todos têm tido, quando vai acontecer alguma cousa de máo.

MISCELLANEA

Divina Epopéa

DE

JOÃO EVANGELISTA

Tradadada para versos heroicos por
F. L. Bittencourt Sampaio.

(Continuação)

CANTO XI

Estava então enfermo um certo homem Da aldéa da Bethania onde assistiam Maria e Martha, sua irmã. Aquella Era a mesma Maria que espalhára Sobre o Christo Senhor cheiroso balsamo, E alimpára-lhe os pés com seus cabellos; E o enfermo era o irmão chamado Lázaro.

Mandaram, pois, dizer por estes termos As irmãs á Jesus: Senhor, aquelle Que tu amas, enfermo está de cama. Ouvindo isto Jesus assim fallára: — « Não se encaminha á morte esta molestia, Mas a dar gloria a Deus, para que seja O Filho seo glorificado n'ella. » Entretanto, Jesus amava a Martha, E a sua irmã Maria, como a Lázaro. Tendo ouvido, porém, qu'elle se achava Enfermo na Bethania, inda dois dias Deixou-se alli ficar. Passado o tempo, Então disse Jesus aos seus discipulos: — « Tornemos outra vez para a Judéa. » Ao que disseram elles: — « Mestre, ha pouco Quizeram os Judeus apedrejar-te, E voltas outra vez para a Judéa? » Respondeu-lhes Jesus:

— « Do dia as horas Doze não são? Aquelle que caminha De dia não tropeça, por que andando Vê a luz deste mundo; mas aquelle Que de noite caminha, este tropeça Porque lhe falta a luz. » E assim fallando Jesus lhes disse:

— « Nosso amigo Lázaro Dorme, mas eu pretendo despertá-lo. » — « Si elle dorme, » disseram-lhe os discipulos, Será curado. » Mas Jesus fallára De sua morte; e entenderam elles Que lhes fallára do dormir do somno.

Então Jesus lhes disse abertamente: — « Lázaro é morto; e eu por vós me alegre De não me ter achado junto d'elle, Para que vós creáis. Porém, paríamos. » Disse logo Thomé, chamado Didymo, Aos outros condiscipulos: — « Nós todos Vamos também para morrer com elle. »

Chegou emfim Jesus, e vio que Lázaro Sepultado se achava ha quatro dias.

Perto de quinze estadios vão apenas Lá de Jerusalém até Bethania. Por isto a Martha e á sua irmã Maria Muitos Judeus vieram consolal-as Pela morte do irmão. Sabendo Martha, Que Jesus em caminho era da aldéa, Sahiu a recebê-lo, enquanto em casa Ficára sua irmã. E Martha em pranto Assim disse a Jesus:

— « Senhor, si houvéras Estado aqui comnosco, não morrerá Por certo meo irmão; mas sei no entanto Que tudo que tu pedes, Deus concede-te. » Respondeu-lhe Jesus por estes termos: — « Sim; teo irmão resurgirá. » E Martha Lhe disse: — « Eu sei que resurgir elle ha de No ultimo dia. » Então Jesus lhe disse: — « Martha, a resurreição eu sou e a vida; Aquelle que em mim cré, ainda mesmo Que morto esteja, viverá; e aquelle Que vive e cré em mim, não terá nunca A morte. N'isto creís? » Disse-lhe Martha: — « Senhor, eu creio que tu és o Christo, O Filho de Deus vivo á nós baixado. »

E depois que isto disse, ella partira, E fôra ter com sua irmã Maria, Á quem disse no ouvido: — « E' vindo o Mestre E te chama. » E Maria tal ouvindo, Ergueu-se, e fôra logo ao encontro d'elle; Por que Jesus não tinha entrado ainda Na aldéa da Bethania, mas se achava Onde Martha sahira a recebê-lo.

Entretanto os Judeus que em casa estavam Com ella e a consolavam, — como viram Que Maria se erguera de repente, E sahira, — dizendo, acompanharam-na: Ella, vai a chorar sobre o sepulchro. » Chegando, pois, Maria onde se achava Jesus, lançou-se-lhe a seus pés, dizendo: — « Senhor, si houvéras tu comnosco estado, Meo irmão não morrerá. » E elle vendo-a Chorar, e bem assim a todos quantos Seguiram-na até alli, no seo espirito Bramiu e se turbou; depois o mesmo, Olhando para todos, perguntou-lhes: — « Onde o posestes vós? » Lhe responderam — « Senhor, vem tu e vê. »

Então o Mestre

Chorou; — o que foi causa de dizerem Os Judeus: — « Vêde como o amava elle! » Alguns, porém, disseram: — « Por ventura Quem ao cego deo vista, não podia Fazer também que não morresse este outro? » Novamente Jesus bramiu comsigo, E chegou-se ao sepulchro; — e era este Uma gruta, e por cima estava a campa. E disse-lhes Jesus:

— « Tire a pedra. »

Martha, a irmã do defunto assim lhe disse: — « Senhor, já cheira mal, porque elle é morto De quatro dias. » Respondeu-lhe o Mestre: — « Pois não t'o disse eu, que si tu creéses Haverias de vêr de Deus a gloria? » A pedra então tiraram.

Levantando

Os olhos para o céo, Jesus exclama: — « Graças, te dou, ó Pai, porque me ouvistes! Eu bem sabia que me ouves sempre; Mas eu fallei assim por causa d'estes Que me cercam, me vêem, para que creám Que tu me has enviado. » Taes palavras Tendo dito Jesus, bradára:

— « Lázaro,

Sahe para fóra. » E já no mesmo instante Sahiu o morto, os pés e mãos ligados Com atad. ras, e o seo rosto envolto N'alvo sudario. E assim aos mais fallando Disse Jesus então por estes termos: — « Desatae-o, deixae que se erga e ande. »

E muitos dos Judeus, que alli vieram Visitar á Maria e á Martha, vendo O que Jesus fizera, fôram logo A ter com os Phariseus, e lhes disseram O que Jesus houvera praticado.

Em conselho ajuntaram-se os Pontífices E os Phariseus dizendo: — « O que faremos? Quantos milagres não pratica este homem? Se o deixarmos obrar, crêrão só n'elle; E virão destruir-nos os Romanos Esta nossa cidade, e escravizar-nos. » Mas um d'elles, Caiphaz, que era o Pontífice D'aquelle anno, fallou-lhes nestes termos: — « Não sabeis cousa alguma, e nem pensae! Que vos convéma vós que morra um homem Pelo povo, e que toda não pereça D'este modo a nação. »

Isto não disse

Elle mesmo de si; mas sendo Principe Dos padres n'esse anno, prophetára Que devia Jesus perder a vida Não só pela nação, mas mesmo ainda Para os filhos de Deus que eram dispersos Reunir n'um só corpo. E d'esse dia Em diante, cuidavam só nos meios De ver como deviam dar-lhe a morte. De sorte que Jesus não mais de publico Se via entre os Judeus; mas retirou-se, N'uma terra visinha do deserto, A cidade de Ephrém assim chamada, Onde ficou-se lá com seus discipulos.

A pascoa dos Judeus estava proxima. Muitos d'aquella terra então chegando Lá em Jerusalém, onde elles iam A's purificações que eram de uso, Procuravam Jesus, e alli no Templo Uns aos outros diziam d'este modo: — « Que julgaes de não ter vindo elle á festa? » Porém os Phariseus mais os Pontífices Deram ordem, que todo o que soubesse Onde Jesus estava, o descobrisse, Para que elles o prender fizessem.

SECÇÃO LIVRE

Spiritismo

Eis a palavra terrível que levanta odios e injurias; no entanto ella só significa a sciencia, que tem por fim estudar a natureza, a origem e o destino dos espiritos, e suas relações com o mundo corporeo.

Não comprehendemos que homens, que julgam-se seguros de seus destinos, não queiram que outros investiguem si a alma aniquila-se com a morte do corpo ou si ella continúa a viver; admira-nos que nos injuriem, porque procuramos conhecer pela observação e experimentação o seu novo modo de existencia.

Por que nos querem tanto mal? Por que nos apontam como homens perigosos, quando nós não pretendemos impôr as nossas crenças, e respeitamos as suas, que julgamos sinceras?

Si os materialistas, positivistas, dogmatistas e livres pensadores têm a liberdade de pensar como lhes aprouver, e buscam estudar os factos sujeitando-os á philosophia que professam, por que nós não poderemos estudar a alma em todas as suas manifestações e tambem como nos aprouver?

Parece-nos que elles, certos da verdade, seguros de seus destinos, deviam tolerar que nós quizessemos tambem saber o destino de nossos espiritos.

Não é a liberdade de pensar a maior conquista do nosso seculo? Não é a tolerancia a maior gloria para o homem, quando elle procura a verdade por amor della, sem preconceitos, nem prejuizos?

Como pois criticar o spiritismo? Como condemnar aquelles que o estudam, quando elles sómente o fazem para conhecer o elemento intellectual que se manifesta apesar da má vontade dos que não querem para os outros o que desejam para si?

Ordinariamente critica-se o spiritismo, porque nada se sabe sobre elle.

Criticar é julgar, apreciar.

Ora não se pode julgar sem se ter ideias claras e positivas daquillo sobre que se ajuzia ou se julga; portanto criticar o spiritismo é dar opinião sobre elle, é mostrar que se o conhece a fundo; e não rejeita-lo, porque á nossa razão repugne sua aceitação.

Um homem que se respeite não tem opinião sobre o que não sabe, sobre o que nunca viu, e que só conhece por ouvir fallar.

Quem assim procede dá prova de má fé ou pouco senso.

São portanto injustas e sem valor scientifico as opiniões formadas pelos ignorantes.

O ridiculo que elles pretendem atirar sobre os que estudam as manifestações dos espiritos recae sobre elles, que criticam o que não conhecem.

Então, porque a minha razão repugna aceitar a verdade do spiritismo, porque eu o não comprehendo nem sei explicar como os phenomenos se dão, segue-se que devo rejeital-os e até pedir aos poderes constituidos força e fogueira para aquelles que os estudam?

Então, porque os meus conhecimentos adquiridos não aceitam a possibilidade da manifestação dos espiritos, não devo querer adquirir outros que não conheço?

Não devo estudar os factos, sujeitando-os á minha observação e experimentação?

Si os conhecimentos adquiridos fossem barreira para a investigação

de novas verdades, e diremos mesmo para modificação de algumas adquiridas, não haveria progresso e a humanidade de hoje não seria superior á humanidade de outrora.

Nem sempre a razão nos leva ao conhecimento da verdade.

A razão sem a observação seria impotente para ensinar-nos a germinação e o crescimento fetal do corpo humano.

Um telegramma expedido da Europa para o Brazil seria ha um seculo um facto só acreditavel para os ignorantes, supersticiosos ou para os amigos de milagres.

Os effectos produzidos pelo telescópio e pelo microscópio seriam miraculosos, si fossem observados ha muito tempo, e suas manifestações teriam o mesmo nome que tem os factos spiritas para aquelles que fecham os olhos e não querem ver.

Não se mergulha a mão em um metal em fusão sem a queimar; e no entanto esse facto não é um exemplo de uma lei natural em contradição a uma outra lei conhecida?

As manifestações hypnoticas, as suggestões mentaes, a acção de medicamentos á distancia e outros factos que vão apparecendo não são resultados da observação e da experimentação?

Como poderia a razão só por si descortinar novas forças da natureza desconhecidas até então?

Pensamos que aquelles que dizem que a manifestação dos espiritos lhes repugna á razão, e que ella vae de encontro aos conhecimentos adquiridos, não devem fugir á observação e á experimentação, si quizerem conhecer a verdade.

Tornem-se Thomés: veja e creiam.

Não se humilha a razão, quando o homem procura pela observação novos conhecimentos.

E tanto isso é verdade que homens illustrados, verdadeiros sabios, physicos, chimicos, physiologistas e naturalistas, professores de diferentes academias, dos mais afamados, estudaram e ainda estudam os phenomenos das manifestações dos espiritos.

Eis a relação de alguns que continuam a ser considerados no mundo scientifico como autoridades, apesar de se entregarem ao estudo do spiritismo:

Roberto Hare, professor da Universidade de Pensylvania, um dos sabios mais eminentes d'America, publicou em 1856 o livro *Experimental investigation of the spirit manifestations*.

O illustrado jurisconsulto Edmonds, membro das duas camaras e presidente do senado dos Estados-Unidos, tambem publicou em 1856 um livro em que expõe as suas experiencias e affirma a realidade das manifestações. Um outro senador o illustrado N. P. Tallmadge, ex-governador de Visconsin, tambem se declarou spiritista e confirmou as experiencias de seu collega.

O professor Mapes, que ensina chimica na Academia Nacional dos Estados Unidos, e o celebre Roberto Dale Owen, um dos melhores escriptores da lingua ingleza, não se julgaram humilhados, estudando os surpreherentes phenomenos, e se confessaram spiritas.

Na Inglaterra tambem alguns sabios e homens de reputação firmada publicaram diversas obras sobre o spiritismo; citarei a de M. P. Barkas, membro da sociedade de geologia de Newcastle, publicada em 1862, com o titulo *Outlines of investigations into modern spiritualism*.

O naturalista A. Russel Wallace, emulo e collaborador de Darwin, em seu livro — *Miracles and modern spiritualism* — expõe a verdade das manifestações dos espiritos.

O presidente da Sociedade de Mathematica de Londres, secretario da Sociedade real astronomica, tambem publicou um livro intitulado — *From master of spirit* —, que trata dos mesmos phenomenos.

C. F. Varley, grande physico, engenheiro em chefe das Companhias de telegraphia internacional e transatlantica, inventor do condensador electrico, expõe ao professor Tyndall em 1868 as experiencias feitas.

Oxon, professor da Faculdade d'Oxford, igualmente dá conta das experiencias feitas por elle em seu bello livro — *Spirit identity* —.

Serjeant Cox, jurisconsulto, philosopho e celebre escriptor, tambem é spiritista, e não se julga humilhado, declarando a verdade das manifestações spiritas.

William Crookes, illustre chimico, um dos mais sabios homens da Inglaterra, descobridor do thallium e inventor do radiamento, publicou diversas obras sobre o spiritismo, e affirma a verdade dos factos apresentados.

Na Allemanha, o illustrado astronomo Zöllner, professor de philosophia; Ulrich, o physiologista Weber — o professor da Universidade de Leipzig — Fechner Scheibner e outros estudaram as manifestações da alma em diferentes épocas de sua existencia, sem nada perderem em sua dignidade e sabedoria.

Na França, os snrs. C. Flammarion, Eugéne Nus, G. Delane, Mme. de Girardin, Sardou, Victor Hugo, Vacquerie, Louis Jourdan, Maurice Lachâtre, A. Franchot, Allan Kardec, Jacolliot e muitos outros que tem escripto sobre o assumpto não se envergonham em estudar os novos phenomenos e em affirmar a verdade do spiritismo.

Apezar da má vontade de alguns, o spiritismo entre nós já se vae tornando conhecido, estudado e comprehendido.

E' a philosophia que em menos tempo mais se propagou. O numero de seus adeptos conta-se por milhões.

Pelo exposto parece-nos que nós tambem podemos estudal-o sem por isso sermos excommungados, tidos como visionarios e considerados fóra da communhão dos homens.

Dezembro 12 de 1887.

S. DIAS.

O spiritismo como philosophia religiosa

PELO

Dr. E. Quadros

Na ultima vez que tive a subida honra de dirigir-vos a palavra desta tribuna, falei-vos do Spiritismo, considerado sob o ponto de vista scientifico; procurei determinar o seu logar na classe das sciencias positivas e de observação, sua importancia como philosophia moral, suas relações com as outras sciencias e sua poderosa influencia no desenvolvimento destas.

A attenção que então me dispensastes, animou-me a vir hoje, affrontando um confronto que me não pôde ser favoravel, quando ainda está tão fresca em vossas mentes a impressão produzida por essa brilhante pleiade de oradores distinctos que me precederam na tribuna, fallar-vos do Spiritismo sobre um outro ponto de vista, não menos importante que o primeiro.

Hoje vamos estudal-o como revelação moral e religiosa, como o complemento e a explicação da doutrina de Moysés que, a seu turno, completára e explicára as de Abrahão e Zoroastro.

Disse De Maistre: «Dia virá em que ficará demonstrado, que as tradições antigas são todas verdadeiras, que o paganismo todo não é sinão um vasto systema de verdades, ainda não comprehendidas e mal interpretadas por nós; bastando-nos purgal-as dessas interpretações grosseiras, para que as vejamos em todo o seu esplendor.»

Vamos entrar n'esse estudo, que, estou certo, não poderá ser perfeito; pois é uma tarefa difficilissima, quando faltam n'aquelle que d'ella se encarrega as luzes e o prestigio necessarios para fallar aos animos de seus ouvintes, e ainda muito mais quando lhe cabe erguer sua voz não auctorisada em um recinto, onde ainda repercutem os ecos da palavra inspirada dos illustres mestres que vos fallaram desta tribuna.

Comtudo, confiado na vossa benevolencia, certo de que conheceis e desculpareis a fraqueza de quem hoje vos dirige a palavra, entro em materia.

Senhores! — E' tempo de banirmos da nossa mente a idéa blasphema de haver hoje no mundo, ou de ter havido em tempo algum, uma raça, um povo, uma classe privilegiada aos olhos de Deus, aos olhos do nosso pai commum. Todos os homens são seus filhos, todos igualmente o alvo de seus cuidados paternaes.

E, si as revelações variam em grandeza, alcance e sublimidade, de um a outro povo, de uma a outra época, é porque ellas são sempre apropriadas aos graus de adiantamento moral e intellectual de cada povo, de cada raça, de cada época. E' o mesmo que praticamos na educação de nossos filhos, nenhum de nós fazendo que estude a philosophia ou as materias de um curso superior, uma criança que apenas comece a soletrar.

As revelações foram sempre opportunamente trazidas, para que os homens as comprehendessem e dellas tirassem a luz necessaria para se dirigirem no cumprimento do seu destino.

Assim vemos Zoroastro, o fundador do mazdeismo, formar a mais alta concepção da força creadora do universo, com todos os seus attributos de poder, sciencia e justiça infinitas, quando uma lucta formidavel se empenhava no seio dos Aryanos, quando o partido das crenças espiritualistas tinha de expatriar-se, vencido pelo direito do mais forte, para ir levar a outros pontos os principios e doutrinas do seu mestre. Mas a idéa do mal levantou-se como uma barreira ante os olhos do grande reformador, que, não podendo negar-lhe a existencia e não crendo que a fonte de toda a bondade e de todo o amor fosse tambem o causador de todos os males e soffrimentos dos homens, admittiu a existencia de um outro deus, igualmente poderoso, porém perverso e inimigo dos homens: Arhiman, o adversario de Ormuzd.

Abrahão, que estudou essa doutrina, quando os Medas com a sua conquista a propagaram na Caldéa, repelliu a idéa dessa força egual em poder, mas contraria e sempre em lucta com o seu Deus, e foi o fundador do monotheismo hebraico. Para elle o bem era uma obra de Deus com o fim de recompensar aos bons, o mal um castigo do céo, ainda uma obra da justiça divina castigando os maos.

D'ahi essa idéa de um Deus vingativo e rancoroso, idéa de grande necessidade então para conter esse povo de cerviz dura, sempre revel, sempre disposto a menosprezar os conselhos dos guias.

(Continúa).

REFORMALUR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

Orgão da Federação Spiritica Brasileira

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a—F. A. XAVIER PINHEIRO—Rua da Carioca 120

ANNO VI

Brazil — Rio de Janeiro — 1888 — Janeiro — 15

N. 124

Theosophismo

Tem esta doutrina philosophica a pretensão de universalisar-se, dominando todas as crencas, e senhoreando-se das consciencias, por se presumir a ultima palavra da sciencia d'alma. — Assim é que, partindo do extremo oriente, da India boudhista, tem procurado pelo jornal e pelo livro transmittir á culta Europa a resurreição das crencas vedicas.

Já demos aos nossos leitores uma idéa, bem que succinta do que seja a nova doutrina; esperavamos, como em tempo dissemos, que viesse ella caminhando de par com o spiritismo, para ser-lhe arrimo em vez de estorvo. Tanto mais razão tinhamos em tal supposição quanto era mesmo entre os spiritas que ella recrutava os seus adeptos.

De principio, com effeito, assim o foi, como o demonstram o trato affavel e fraterno com que se mimoseavam spiritas e theosophos, e a permuta dos jornaes destes ultimos com os dos primeiros. Floresceu mesmo, de um modo relativo, a doutrina, tanto que ao seo representante em Adyar, poude juntar um periodico em França, outro nos Estados Unidos, e um terceiro, que ultimamente appareceu em Buenos Ayres.

Desde então, não sabemos por que fatalidade, a linguagem amistosa até ahi entretida para com os spiritas, seos irmãos mais velhos, transformou-se em ataque por tal sorte vehemente que se fez mister resposta de jornaes spiritas francezes, sem exceptuar desse numero os immortalistas.

Na Republica Argentina, um dos nossos mais illustres collegas, que se havia tambem empenhado na defesa da doutrina tão habil e criteriosamente corporificada pelo eminente philosopho Sr. Allan Kardec, teve de abandonar a arena da discussão, que via polluida pela acidez da linguagem: é que em vez de argumento só havia ataque.

Em taes circumstancias, é de toda oportunidade que aquelles que cultivam a nossa philosophia tenham um conhecimento pleno do que seja o theosophismo. Por vezes e com taes vistas temos tentado penetrar o amago da doutrina para que della tivessem nossos leitores amplas no-

ções. Infelizmente a nós succedeu, não já o que a todos os collegas da imprensa spiritica, mas até mesmo aos proprios iniciados no theosophismo. Por vezes tem-se lhes pedido que exponham suas theorias por medo a que fiquem ao alcance de todos; mas a resposta, sempre a mesma, é dada em linguagem emphatica e empolada, afirmando que seo conhecimento só se adquire aos poucos e após a iniciação! Aquelle provem do estudo meditado do livro de Hermes, do Zohar, dos Vedas, dos livros sagrados e das tradições de todas as religiões!

Emquanto nós temos um corpo de doutrina, e por centenas de trombetas aconselhamos o seo estudo á luz do que tem adquirido a sciencia moderna e o esforço da intelligencia humana, os theosophos invertem os dados do problema e querem respigar os livros cobertos pela poeira millenaria, para formar então uma doutrina, que ainda não possuem corporificada! E' o regresso ás épocas medievas, em que se perdia tempo em vãs interpretações de alfarrabios. Emquanto, pelos nossos principios, pelos nossos methodos de investigação, ao que estudamos não se pôde recusar a classificação de verdadeira sciencia, os theosophos contentam-se com serem tradicionalistas.

Professando a doutrina boudhica do Nirwana, em que todos os espiritos, com prejuizo da personalidade, ir-se-ão mergulhar, affirmam os theosophos que por este modo tornar-se-á o homem uma especie de divindade; é por isso que acreditam que é o proprio Deus que se lhes communica e que lhes permite os extraordinarios phenomenos mediumnicos! Quanto a todos os mediuns spiritas, isto é, aos individuos não iniciados, o que obtém é devido á só intervenção do que chamam *elementals* ou espiritos imperfeitos, ainda não completamente formados. Por este modo *só os theosophos* é que têm o privilegio das communicações com os espiritos; a doutrina spiritica, porém, ensina que independentemente de iniciação ou de creença, *todos* podem entrar em relações com o mundo dos espiritos. O contraste é manifesto: enquanto aquelles prestam vassallagem aos principios aristocraticos, do spiritismo decorrem as mais liberaes e democraticas doutrinas.

Ha ainda outros pontos em que se afirma o antagonismo

entre spiritas e theosophos: aquelles, por exemplo, aconselham a actividade da vida do mundo, a necessidade do trabalho como uma lei natural, enquanto que decorre dos principios theosophicos o quietismo para se adquirir facultades prodigiosas.

E' mais ou menos isto—tudo quanto se pôde deduzir do estylo abundante, palavroso, figurado, oriental e mystico, com que os theosophos escrevem suas revistas e seos livros.

Ninguem confunda, portanto, theosophia com spiritismo; aquelle norveia-se para o passado, este vae de jornada caminho do futuro.

NOTICIARIO

Conferencias do Dr. Ramos Nogueira.—Recebemos deste nosso confrade uma brochura, contendo as conferencias que aqui no Rio de Janeiro fez o anno pasado.

E' possivel que não nos encontremos em todos os assertos do conferenciador; a uniformidade de vistas, porém, em assumptos tão vastos, como aquelles que são dos dominios do spiritismo—é um impossivel moral!

Agradecendo a offerta, esperamos que o nosso irmão em crencas cada vez mais adquira forças bastantes para a tarefa penosa da propaganda.

Refutação.—Acabamos de receber de Barcelona um folheto intitulado *Refutación a los folletos El liberalismo es pecado y Que hay sobre el espiritismo del Sr. D. Felix Sardá y Salvany*. A epigraphe desta resposta é um trecho publicado pela *Cabaña*, periodico spiritica infelizmente já desaparecido, e do conhecimento de nossos leitores. Por esta epigraphe que aqui transcreveremos, poder-se-á julgar o espirito do livro: «El liberalismo y Espiritismo pertenecen a Dios y al Christo. El Catolicismo es antideista y anticristiano.» Agradecemos a offerta.

Jubileo de Leão XIII.—Lê-se no *Moniteur Spiritic*:

«O bispo de Olinda (Brazil), refere o jornal hespanhol *El Liberal*, pediu a todas as familias ricas de sua diocese que offerecessem, como lembrança ao papa por occasião do jubileo, a liberdade de seos escravos.

A humanidade reconhecida, diz a este proposito a *Revista de estudos psicologicos*, de Barcelona, bemdirá deste bisp), que cumprio por esta maneira os deveres de seo cargo e interpretou tão bem a doutrina do martyr do Golgotha. Si o clero catholico assim comprehendesse sua missão, outra seria a sorte do catholicismo.

Mas em face deste acto, acrescenta o mesmo jornal, colloca-se o do arcyprestre de Jerez, que, para celebrar o mesmo jubileo, pediu que suas ovelhas enviassem ao Santo Padre o melhor vinho de sua lavra! O contraste é frisante.

Pedimos permissão aos nossos collegas para duas corrigendas: não foi só o bispo de Olinda, mas quasi todo o episcopado brasileiro, que procedeu por este modo; outrossim, não solicitaram dos ricos de suas dioceses, mas sim, em nome da caridade christã, de todos quantos ainda se julgam com o direito ao nome de senhores.

Para sermos justos, cumpre que, si somos inexoraveis contra o clero, quando concorre com o seo poder para o obscurantismo e a marcha tardia da humanidade, não devamos tambem ser parcos em elogiosas palavras, quando elle sabe interpretar as doutrinas do Christo.

Porque sou spiritica.—Com esta epigraphe o *Religião Philosophical Journal* (Chicago), de 29 de Outubro ultimo, publicou um artigo do Sr. B. F. Hoyt, de Greenwich, que resumimos:

«Ha cinco annos, cedendo ás sollicitações de um amigo, li pela primeira vez uma obra spiritica, diz elle, mas não quiz perder tempo em investigar uma cousa que me parecia absurda. Li depois o vosso jornal, acheio-o interessante, e continuei.

Vi as obras de Hudson Tuttle e Dr. Watson, que me agradaram muito e dirigiram o meo pensamento em um rumo muito diverso do materialismo, que seguira até ahi.

Achei mais bellezas na philosophia spiritica que em qualquer outra das que eu conhecia. Si isto fôr a verdade, dizia eu, como é grande e glorioso! Busquei então provas, e nisto gastei cerca de um anno, sem nada achar que me satisfizesse.

Fui á Pensylvania visitar alguns amigos, e uma noite, retirando-me para o meo quarto no 2º andar da casa, onde eu morava só, quando apaguei a luz e ia deitar-me, vi sobre o tecto uma pequena luz branca, que se foi estendendo, formando um circulo de 3 pés de diametro, semelhante a um formoso halo, em cujo centro se mostrou um bello rosto de mulher, rodeado por uma grinalda de flores. Fiquei tão tonto que não busquei reconhecer quem me apparecia. Tudo sumiu-se. No dia immediato recebi a noticia do fallecimento de minha irmã mais moça. Desde então quiz ter provas certas da existencia conscienciosa do espirito depois de sua separação do corpo.

Fui a uma sessão em companhia de minha mulher, e ahi uma senhora que nos não conhecia, disse nos: «Eu vos vejo em um logar sinistro e sombrio, cercado de altas muralhas, d'onde não podeis sair. E' a representação do vosso estado mental. Depois tudo muda-se, e estou vendo inclinar-se para vós uma moça, que traz uma luz. Ella vos salvará,

A pintura feita pelo medium era um retrato de minha irmã fallecida, tão perfeito, como eu mesmo não o podia fazer-o.»

Depois narra outras manifestações que lhe trouxeram a plena convicção da realidade da comunicação do mundo espiritual com o nosso.

Clarividencia.—O *Medium and Daybreak*, conta dous notaveis factos de clarividencia, que resumidamente offerecemos aos nossos leitores:

«Um joven embarcado de cerca de 20 annos de idade, deixou em Londres o paquete em que viajava, propalando a noticia de ir fazer uma viagem ao norte da Inglaterra; conduziu sua bagagem á estação da via-ferrea, e d'ahi foi a bordo despedir-se de seus camaradas. Ninguém mais o viu. Seu pai, que era commissario do paquete, chegando de Cardiff deus ou tres dias depois, admirou-se de não vel-o, e dando se buscas, encontrou-se sua bagagem na estação; mas do joven nada se pode saber. Sua mãe, que então viera também a chamado de seu marido, estava inconsolavel suppondo que seu unico filho cahira ao mar e se afogara, quando o paquete deixara o dique em busca da boia.

Nessa occasião levaram-na a uma sessão spirita e o medium consultado a respeito, respondeu: «O mancebo está vivo e bom; e o vejo em lugar situado cerca de 100 milhas de Cardiff, pagodeando com alguns amigos. Si d'aquí a tres dias forem á estação, vel-o-ão na plataforma do carro que vier de Newport.»

Seos pais ali se acharam no dia designado, e a sua surpresa foi indizível, vendo-o na posição predita pelo vidente.

Convém estudar-se esse facto. Ahi não ha simples videncia de um acontecimento passado ou presente, mas também patente previsão.

O outro facto não é menos importante:

«Em uma sessão havida na rua Wordsworth, Londres, uma senhora chamou a attenção dos presentes sobre um artigo de jornal, em que se promettia um premio a quem descobrisse o paradeiro de uma joven, que havia desaparecido, de familia respeitavel, amiga e parenta da supra-dicta senhora.

Interrogado um somnambulo, este disse: «Vejo-a,» e descreveu-a perfeitamente. «Ella passeia á borda de um curso d'agua; pensa que estaria bem allí mergulhada. Não é um suicidio que ella tenta; parece que está sonhando. Eil-a, entra n'agua e desaparece. Vejo agora alguns homens que lhe tiram o corpo e conduzem-no.»

Dias depois receberam u na carta, narrando o occorrido. A joven afogara-se no Saverna, tres dias antes d'aquelle em que se fizera a consulta.

A realidade n'um sonho.—Conta o seguinte *The Chronicle*, da California:

«Ha cerca de 20 annos um cavalleiro de Oakland sonhou estar de visita em casa de uma familia desconhecida, composta dos paes e duas meninas.

Desde então constantemente sonhava elle com essa familia, convivendo com ella na maior intimidade e acompanhando *pari passu* ás filhas em seu desenvolvimento desde a infancia até a juventude.

Esse modo de vida fóra do natural, como geralmente se suppõe, dava-lhe a creença de encontrar um dia seus sonhados amigos.

Por ultimo assistiu elle ao passamento do chefe da familia, sempre em sonhos, e então cessou de vel-os. Depois recebeu elle de New-York uma carta da viuva de um primo seu,

de quem havia muito que elle nem ouvira fallar, encarregando-o de preparar commodos para ella e suas filhas, pois tencionavam vir residir em Oakland.

Ao receber-as na estação, ficou elle pasmo de reconhecer n'ellas as suas amigas de 20 annos. O espanto das senhoras não foi menor, quando elle lhes descreveu as mais intimas scenas de sua vida.

Esse cavalleiro desposou ultimamente a viuva de seu primo, e vivem todos perfeitamente felizes.

Que de mysterios e que de luz vem trazer á mente do pensador esse phenomeno natural e tão velho como o mundo a que chamamos o sonho! Livre da prisão corporea, nas horas do repouso do corpo, a alma vaga no espaço e busca um circulo sympathico para confraternizar. Era uma pedra preciosa em que o homem tropeçava a cada passo e cujo alto valor só agora elle começa a apreciar.»

Conferencias em Cleveland.—O *Golden Gate* de 12 de Novembro ultimo falla de uma notavel conferencia spirita feita a 17 de Outubro no theatro Columbia, de Cleveland, ante numeroso auditorio, pelo Sr. Samuel Watson, antigo ministro da igreja methodista episcopal.

O conferente demonstrou as bases solidas de sua convicção, adquirida á força de muito estudo e serias observações durante a sua longa estada em Memphis e paizes vizinhos; convicção de que partilharam varios homens eminentes, quasi todos scepticos e materialistas, que com elle trabalhavam.

Foi principalmente o phenomeno das materialisações, que mais o veio firmar na creença spirita.

Ao concluir o seu monumental discurso, o primeiro de uma serie, que elle pretende fazer, disse o Sr. Watson: «Foi um grande erro dos spiritistas se mostrarem no começo tão radicais. A muitos tenho ouvido dizer, que o seu maior desejo era arrasar a igreja e destruir a Biblia, essa velha Biblia tão cheia de factos e ensinios spiriticos. Eu fujo desses homens, e creio que só devemos censurar a igreja, por ella se mostrar antagonica ao poder espiritual e ás manifestações dos espiritos, que foram o alicerce sobre que se levantou a primitiva igreja christan. Ha muitos individuos, frivolos, maos ou fanaticos, que se comprazem em provocar antagonismos, nada mais conseguindo que tornar antipathica a causa que defendem. Por ser spirita eu não deixei de ser sectario do Nazareno. O verdadeiro spiritismo só nos manda amar a Deus e ao proximo, como Jesus ensinou. Não é illudindo-a, mas cumprindo a lei que seremos felizes. Ninguém, como disse Jesus, sahirá deste mundo, antes de pagar sua ultima divida. Sejamos bons, justos, puros e temperantes, e cumpriremos os divinos preceitos.»

No correr de seu discurso, contou o venerando conferente muitos factos de materialisações que obteve em Memphis, com auxilio do medium Hollis, em sua propria casa, em plena luz do dia.

Hypnotismo.—Dia a dia se vão apresentando factos, que nos demonstram, a não deixar duvida, o poder admiravel que o Creator confiou a seus filhos, para o seu progresso, alliviando as dôres que os pungem, na sua perigrinação por este mundo. Entretanto é só agora que essa força maravilhosa começa a occupar a attenção dos pensadores, apesar da opposição systematica dos partidistas do *statu quo*.

Uma importante cura azaba de ser operada em Montevideu, pelos Drs. Auvichini e Rappaz, por meio da suggestão hypnotica, como pu-

blicou o proprio pae da enferma, o Sr. L. C. Cubas, na *Tribuna Popular*.

Cansado já de tantas tentativas infructiferas, esgotados os recursos da sciencia medica, como suppunha o attribulado pae; vendo sua filha, de 18 annos de idade, lançada sobre um leito, havia já 7 annos, surda, muda, paralytica e soffrendo de ataques epilepticos, tudo em consequencia de um susto, induziu elle os supradictos doutores a recorrerem ao hypnotismo, conseguindo-se o mais esplendido resultado.

A cura se operou em 13 dias, ficando a menina completamente boa.

O Sr. Cubas conta toda a marcha seguida no tratamento.

No principio conseguiram fazel-a dormir. No terceiro dia deu-se-lhe a ordem de pronunciar certas palavras quando acordasse, e ella o fez. No quinto dia fallou livremente como lhe fóra suggerido durante o somno. No setimo dia suggeriram-lhe a ordem para levantar-se e caminhar, e com espanto de todos, ella acorrendo, executou a ordem. E no fim do decimo terceiro dia, todo o curativo estava concluido.

Eis, como cremos, deviam proceder todos, com quem se dão factos dessa ordem. A sua publicidade induz ao estudo, e quem estuda não censura aquillo que não conhece.

Uma conferencia do Sr. Crookes.—Diz o *Daily Telegraph*, de Londres:

«Jámais será capaz o pensamento humano de formular uma theoria que explique claramente a origem da materia, da vida ou da força, assim como do começo do tempo e do limite do espaço. Sobre a materia têm-se os homens acostumado a julgar que os setenta ou mais chamados elementos são a *ultima ratio* dos atomos.

Em uma destas ultimas noites no theatro «Of The Royal Institution,» em presença de selecto auditorio, o Sr. W. Crookes, fallando da genesis dos elementos, fez uma serie de brilhantes experiencias, tendentes a demonstrar que os atomos evoluíram de uma forma material ainda mais simples.

O illustre chimico occupou-se principalmente com o Yttrium, servindo-se de correntes electricas, do espectroscopio e da phosphorescencia em um meio muito rarefeito.

Mais que qualquer outro investigador, o Sr. Crookes tem conseguido obter o ar no maior estado de rarefacção. Nessa noite elle ahi obteve um ar 5 milhões de vezes mais rarefeito que o commum.

Em um meio um milhão de vezes menos denso que a nossa atmosphera produziu-se a phosphorescencia, e o yttrium pareceu decompor-se, ás nossas vistas, pelo menos em seis novos elementos; d'onde a conclusão de ter havido um tempo em que esses elementos se combinaram.

«Ha apenas algumas semanas, disse o illustrado conferente desta tribuna, o Sr. W. Thomson convidou-vos a retrocederdes com elle na marcha dos tempos, fazendo uma excursão imaginaria até á época de nós separada por 20 milhões de annos.

Ahi elle vos descreveu o momento que precedeu immediatamente á formação do nosso sol; quando os atomos se precipitavam de todos os pontos do espaço, formando uma massa fluidica incandescente, o nucleo do systema solar. Eu vos peço que façaes commigo ainda mais longo percurso, em busca do tempo em que esses atomos chimicos se consolidaram na substancia primordial.»

Por esse modo discorrendo elle demonstrou, que pela intervenção da electricidade em seus varios estados,

os elementos que conhecemos, provêm de uma materia simples primitiva.

Prolongados applausos o receberam ao deixar a tribuna.»

SECÇÃO LIVRE

1ª revesção

Sr. redactor.—Ha uma questão para nós tão melindrosa, tão maguante da susceptibilidade dos nossos mediums, que sempre evitamos fallar sobre ella, apesar de sabermos que, a nossa intenção sendo boa, e nossos amigos recebendo sempre do espaço lições de amor e de perdão, nada temos a temer, nem dos que conosco ainda vivem na terra, nem dos que já partiram para uma vida melhor.

A vaidade e o orgulho são as pedras em que tropeçam os nossos mediums no desempenho de suas missões; por isso cumpre-nos por todos os meios evitar que taes sentimentos desabrochem no animo d'aquelles, que se esforçam para repellir-os de si.

Uma força maior, porém, me impelle hoje a vir, talvez, provocar uma lucta seria no animo de um irmão em crencas, mas tenho fé em Deus, que elle vencerá, pois está intimamente convencido de ser um simples instrumento de nossos protectores e amigos invisiveis.

Como em toda a parte do mundo, o jornalismo de nosso paiz já fallou do medium Eduardo Marius, residente em Nietheroy; com uma differença, porém, que nos outros paizes, quando os jornaes se occupam dos individuos que gozam de tão admiraveis faculdades, buscam provocar o estudo dellas; ao passo que os d'aquí só fallaram, porque acharam nisso uma arma para ferir ao governo, á policia e á junta de hygiene. Ninguém se deu ao trabalho de ir observar para poder fallar com conhecimento de causa.

O Sr. Marius não é para nós um ente extraordinario; é um medium, mas medium importante, de notavel clarividencia. Seria interminavel a nossa narração, si quizessemos, mesmo de leve, tocar nos factos que allí se têm dado, nos quaes nós, como elle, bem sabemos, que nada mais ha que a manifestação de um espirito, trabalhador incançavel na propaganda do christianismo moderno.

Todos os que o buscam, ficam espantados por verem conhecidos por estranhos os factos mais intimos da sua vida, seus pensamentos, em summa, tudo aquillo que elles suppunham ha tantos annos sepultado no esquecimento, ou que nunca foi sabido, porque o isolamento o garantia da publicidade.

Homens, crentes ou descrentes da doutrina spirita, convencei-vos de que no mundo não ha segredos de que todos os vossos actos, quaesquer que se-

jam as precauções que tomeis, todos os vossos sentimentos e pensamentos são testemunhados por nossos irmãos do espaço, talvez por aquelles mesmos a quem tanto presastes na vida e a cuja memoria veneraes, infelizes que hoje vertem lagrimas de sangue, vendo emaranhar-vos nas intrincadas veredas do erro.

Nada ha de occulto que não deva ser conhecido, disse-o Jesus, e a communicação dos espiritos o está demonstrando.

Ao Sr. Marius aconselhamos e pedimos toda cautela, toda vigilancia, não contra os homens, pois acima delles está Deus, e quem pratica o bem, não deve ter temores: mas contra esses terriveis inimigos da nossa alma, esses vicios que se insinuam em nosso espirito para marcar-nos aos olhos do nosso Pai celestial.

Vigiae, pois Jesus disse o mesmo aos seus amados discipulos, esses espiritos elevados que se encarnaram para acompanharem-n'o em sua missão terrena.

Freq.

Estudo sobre fluidos

PERISPIRITO

I

O perispirito é o corpo do espirito.

No estado normal elle é invisivel e impalpavel, pois que é formado de materia fluidica

Não vemos nem sentimos a presença dos espiritos entre nós, apesar de sua existencia, por causa da natureza de seus corpos. Os nossos olhos não podem vel-os como não podem ver todas as raios luminosos.

O nosso nervo optico só é sensivel para as radiações comprehendidas entre o vermelho e o violeta da imagem spectral; ha portanto raios luminosos invisiveis para os nossos olhos, como ha sons imperceptiveis para os nossos ouvidos.

Felizmente a sciencia já nos autorisa a dizer que ha cores invisiveis como ha sons que nós não ouvimos.

Si nossos olhos não podem vel-os, existem substancias que accusam a sua presença; assim, si expuzermos uma folha de papel molhado em solução de sulfato de quinina aos raios invisiveis que existem alem do vermelho, ella repentinamente reflectirá uma bella côr phosphorescente.

Nem nos deve surpreender que não possamos ver os espiritos, quando sabemos que existe uma infinidade de fluidos e gazes que não são vistos nem sentidos por nós, e que são no entretanto os agentes mais poderosos da natureza.

O calorico é um fluido, imponderavel, invisivel e no entanto existe e divide os corpos os mais resistentes, os reduz a vapor, e dá aos gazes uma força de expansão irre istivel.

A luz, que só é vista por nossos olhos em certas e determinadas circunstancias, exerce acções chimicas quasi sobre todos os corpos, os com-

põe e os decompõe; sem ella não haveria vida, os reinos vegetal e animal desapareceriam.

A electricidade, essa força gigantesca que curva barras de ferro e atira por terra edificios, que transporta grandes navios, que funde os metaes, só é conhecida pelos seus effeitos, e hoje ninguem deixa de reconhecer-a como uma força capaz de actuar sobre a materia.

O fluido magnetico, que tambem é imponderavel e invisivel, dá ao ferro um poder extraordinario; elle é capaz de fazel-o sustentar grandes pesos, e no entanto não affecta nenhum de nossos sentidos.

Por que accetamos a existencia dessas forças? Não são as manifestações de seus effeitos que nos autorizam a affirmar que ellas existem?

Qual a materia que passa do iman para o ferro doce, quando se dá o contacto entre ambos? quaes as propriedades physicas perdidas pelo iman e ganhas pelo ferro?

Não é verdade que o ferro agora attrahe os corpos leves, tendo ganho essa qualidade, que não tinha antes?

Não será isso a resultante de uma força, que o iman tem, e que pelo simples contacto foi capaz de dar á materia inerte?

Por ventura não existe materia em tal estado, que, não tendo acção directa sobre os nossos sentidos, produz contudo effeitos sobre outros seres animados?

Por que o cão percebe o dono, quando este se disfarça, ou porque elle toma o faro e vai enconral-o á distancia?

Qual a materia que feriu o sentido do olfacto e o guiou até ao logar procurado?

Hoje já não se houve a grande distancia (21 kilometros) a voz humana por intermedio do telephone, do selenio e da luz projectada?

Que materia trouxe em si o raio de luz para fazer vibrar a placa e ouvir-se a voz?

Esse facto não nos causa, á primeira vista, admiração, não nos parece mesmo impossivel e no entanto Graham Bell não o obteve com o seu *photophono*? Não é surpreendente que um raio de luz sirva de fio conductor e possa trazer de uma estação a outra uma manifestação intelligente?

Essas ligeiras considerações que acabamos de fazer só tem por fim chamar a attenção dos que negam a existencia dos espiritos, porque não querem admitir que elles tenham um corpo invisivel, que possam sentir e continuar a viver como na terra, desde que a materia grosseira de seu antigo corpo desapareceu com a morte.

Procuraremos explicar, não como deviamos, pois nos falta espaço, o que é o perispirito e o importante papel que elle representa no mundo spirita; mas antes, para maior cla-

resa, estabeleceremos as seguintes preliminares.

Alma é o principio intelligente que anima os seres da criação, lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade; unida ao envolucro fluidico ou perispirito constitue o ser espirital, chamado *espirito*.

Este, unido ao corpo material pela encarnação, constitue o homem.

Assim o homem tem alma, ou principio intelligente, perispirito, ou envolucro fluidico, e corpo, ou envolucro material.

A alma é um ser simples; o espirito um ser duplo composto de alma e perispirito; o homem um ser triplo composto de alma, perispirito e corpo.

O corpo sem o isperito é materia inerte; o perispirito separado da alma é materia fluidica, sem vida e sem intelligencia.

(Continúa)

S. DIAS.

O spiritismo como philosophia religiosa

PELO

Dr. E. Quadros

(Continuação)

Correram os tempos, a humanidade caminhou muito; as sciencias não se demoraram em sua marcha, e chegamos ao ponto de podermos dizer hoje aos nossos irmãos catholicos: Rasguemos esse véo que nos esconde os ensinamentos do mestre dos mestres; deixemos as palavras; ponhamos de parte as interpretações, que a idade média deu a esses ensinamentos, cujo espirito sómente devemos hoje procurar aprofundar.

Era chegado o tempo da vinda de uma nova revelação. De um lado, as religiões formalistas, mais capazes de impressionar-nos os sentidos, que de fallar-nos á alma; de outro lado, a descrença e o frio materialismo, fructo das contradicções da sciencia positiva com as interpretações humanas dadas aos ensinamentos do Christo, conduziram o mundo a um estado de duvida e luctas sem tregua, que não podia continuar sem grave prejuizo para o progresso da nossa humanidade.

Essa revelação promettida pelo Christo chegou enfim, e com a rapidez do relampago invadio todas as sociedades e fez por todos os pontos do mundo surgir inspirados propagadores da religião do futuro, dessa religião que vem ligar com inquebrantaveis laços toda a familia humana.

Essa nova revelação, essa consolidação que, por ordem do Eterno, nos tempos apropriados, os espiritos trazem hoje aos naufragos do mundo, é o *Spiritismo* ou o christianismo expurgado das erroneas interpretações dos homens, e comprehendido segundo o espirito que vivifica.

Abri vossas moradas ao novo hospede; não o repillaes antes de saberdes ao que elle vem. Não julgueis

que o spiritismo se apresenta para combater as outras crenças; não, elle vem apenas completal-as, expurgal-as dos erros adicionados aos principios revelados outr'ora; addicionamento devido á ignorancia, ao atraso do homem do passado.

As idéas ensinadas pelo spiritismo não são novas, em sua maioria; vós enconral-as eis dispersas pelo mundo em todas as religiões do passado, como vol-o vamos demonstrar. E' sómente a sua codificação, a sua reunião em um corpo de doutrina harmonico, racional e conforme com os progressos da sciencia moderna, bem como a sua verdadeira explicação, segundo os rigorosos preceitos da logica, que foi a obra de um homem de hoje.

Estudando o caminhar da humanidade através dos seculos, vemos que sempre, nos começos da civilização de um povo ou de uma raça, apparece a crença na existencia de um poder supremo, creador e regedor do mundo, e na vida d'além-tumulo. A necessidade de materialisar tudo, para melhor impressionar os animos, faz surgir depois a adoração dos fetiches e o culto dos animaes; mas esses são de pouca duração, e somem-se ao avançar para o seu zenith o sol da civilização.

Não se encontra hoje um povo, por mais barbaro e atrasado que seja—digo mais, nunca existio um povo—que no fundo das formulas, embora grosseiras e grotescas, de seu culto, não nos deixe ver bem patentes suas idéas da existencia de uma força que fez e domina o mundo, e da sobrevivencia da alma ao corpo que se decompõe na morte.

Os insulares da Polynesia, os negros da Africa, os selvagens da America, os povos da Malasia ainda conservam seus fetiches, mas os manes de seus mortos são o principal objecto do culto.

Segundo elles, essas almas são de uma essencia mais apurada que a do corpo, continuam a viver depois da dissolução deste, conservando as mesmas paixões que tinham na vida terrena e podendo entrar em relação connosco.

Os Australianos passeiam, á noite, nos cemiterios para conversar com os seus mortos; e asseguram que ahi ouvem vozes partidas das arvores, do sólo, do espaço, etc.

Todos elles crêm na vida da alma depois de separada do corpo; e que n'essa nova vida os bons irão ter uma recompensa e os máos um castigo.

Os negros da Africa equatorial, como diz o Sr. Paulo de Chaillu, principalmente os da tribu Orungás, temem visitar os cemiterios, por crêrem que os espiritos de seus mortos ahi andam vagando e não desejam que se os importune por motivos frivolos.

Os Carolinos, os Malaios, os negros da Ethiopia, do Sudan, da Guiné, da

Cafraria e da Hottentotia, como os mais brutos selvagens da America, acreditam na intervenção dos espiritos dos mortos e na possibilidade de se os evocar.

Eis, senhores, o contingente que nos offerecem aquelles que começam a dar os primeiros passos na estrada da civilisação.

Dirão, sem duvida, que a crença nessas manifestações é n'elles filha de suas poucas luzes, do seu pouco conhecimento da natureza. Pouco conhecimento da natureza!

Vaidade do homem civilisado!

Porventura nós, que vivemos mergulhados no seio de uma existencia toda ficticia, em luxuosas cidades, teremos a pretensão de conhecer tanto a natureza, para podermos zombar d'aquelles que a contemplam de perto, que vivem com ella n'uma lucta continua?

Quantas vezes o selvagem não dá lições de experiencia ao homem cultivado?

Não, senhores; esses homens dizem o que vêem e ouvem. Seus fluidos ainda muito pesados permitem, que os espiritos se tornem muito sensíveis, muito materializados entre elles.

Nós sabemos que os espiritos errantes se utilisam dos fluidos vital e magnetico dos seus mediuns, que a natureza d'esses fluidos varia com o adiantamento do individuo, e que os espiritos, se apossando d'elles em suas manifestações, tomam fórmulas tanto mais apreciáveis aos nossos sentidos, quanto mais pesados forem esses fluidos.

Passemos agora a outros povos, que têm desempenhado papeis mais salientes na historia da humanidade.

Vejamos os Chinezes.—Desde tempos já sumidos nas brumas de remotissimo passado, era crença entre os Chinezes de que tudo o que existe no mundo procede de dous principios, ambos materiaes, ainda que dotados de propriedades oppostas: um aeriforme, perfeito, subtil, ligeiro, intangível, principio de vida, movimento, calor, luz e intelligencia; o outro grosseiro, pesado, tangível e inerte; que da junção d'esses principios nascia a vida terrena, e da sua separação a morte do corpo, indo então o principio aeriforme reunir-se ao centro de substancia perfeita, d'onde havia sahido.

O espirito, esse principio que anima o corpo, não era, pois, para elles, como não é para nós, uma entidade abstracta, mas um fluido, uma materia tenuissima, cuja natureza escapa ainda aos nossos meios de apreciação, e só nos pôde ser denunciada por seus effeitos, como se dá com o fluido tambem subtil, porém muito menos que o espirito, que se nos manifesta pelos phenomenos caloríficos, luminosos, electro-magneticos, sonoros, nervosos, etc. São diferentes graus de rarefração da materia cosmica; inerte, pesada e bruta em um dos extremos da cadeia, subtil, e depositaria de

centelha divina, que a torna intelligente, sensível e capaz de vontade, no outro extremo.

Como para nós, o principio espiritoal era e é para elles indecomponível e immortal.

(Continúa)

A casa malassombrada

Romanço de costumes sertanejos pelo
Dr. A. Bezerra de Menezes

A poucas leguas da Villa do Caicó, na provincia do Rio Grande do Norte, havia em 18... uma casa cercada de arvores, que a encobriam aos viajantes, na qual de certo tempo a esta parte, começaram a apparecer visagens, que lhe deram a fama de malassombrada.

Os habitantes do campo, nos vastos sertões do Norte, tem, de par com as mais esquipaticas crendices taes como as de lobis-homem, mula sem cabeça e caipora, a firme convicção de aparições d'almas do outro mundo.

Homens de venerando caracter referem factos de aparições, que repugnam aos sabios, e principalmente aos padres, admittirem; mas os factos não são por isso menos verdadeiros, e a massa popular accita os sem reluctancia.

Os mortos voltam ao turbilhão d'onde foram tirados, sem que reste delles memoria ou consciencia propria, dizem os que não admittem a existencia de algum elemento que não seja o material.

O espirito que vae, não volta, dizem os sectarios da Igreja romana, que ensinam a sobrevivencia da alma, com a memoria e a consciencia do que foi em vida; mas que dá immediato destino á alma separada do corpo, destino eterno, de que não se pode desprender para vir á terra manifestar-se de qualquer modo, para bem ou para mal.

O que são, pois, esses factos attestados por homens da maior respeitabilidade, uma vez que a sciencia e a religião os repellem, embora por oppostos principios?

Temos culto do maior respeito pela sciencia—idolatria pela religião; mas não podemos levar o fanatismo até o ponto de recusarmos fé ao que vemos, porque sciencia e religião nos ensinão o contrario.

Para nós, essas duas escadas, por onde o espirito se eleva á sua maior grandeza—ao mais excelso grão de sua perfectibilidade, são adstrictas ás condições da humanidade, no tempo.

Queremos dizer: que tanto uma como outra são pequeninas na medida do progresso que faz a humanidade; e, portanto, que, nem comprehendem toda a verdade, nem no que guardam em seus cofres ha só verdade.

O que hontem era mysterio para qualquer das duas, hoje é verdade conhecida em todas as suas relações.

O que foi ha seculos, tido por di-

vino, e hoje, graças á luz brilhante da revelação messianica, considerado prejuizo humano, que os legisladores sagrados foram obrigados a respeitar.

Galileu—Newton—Archimedes—Laplace e muitos outros luminares da sciencia, trouxeram luz a innumerados problemas que offuscavam a vista intellectual da humanidade.

Pelo mesmo modo, podemos assegurar-o, futuros Messias scientificos baixaram á terra, para illuminarem mais amplos horizontes, e para banirem, do que temos por conhecido, as impurezas que o erro sempre deixa no fundo da taça das puras verdades.

Moysés trouxe á humanidade novas leis moraes, e reduziu a pó practicas do periodo abrahamico, que eram consideradas—sagradas.

E Jesus alargou o circulo das verdades reveladas, varrendo a Archa de impurezas, que recebiam o incenso da adoração.

E, pois, nem o sabio pode ter presumpção de possuir a verdade, nem a Igreja é coherente com a norma do ensino divino, acreditando que tendo o que não se acha em seu repositorio é falso e condenavel.

Além do que sabemos, ha uma infinita quantidade de leis, physicas e moraes, que ignoramos.

E' com o tempo, com o maior desenvolvimento de nossas faculdades comprehensivas, que essas leis nos virão sendo recordadas.

Não pede, pois, o sabio, como não pode o padre, repellir um facto bem verificado, só pela razão de não ser conforme com os principios que constituem um punhado de conhecimentos.

O das aparições está neste caso. Repilla-o quanto quizer o que só vê no homem um punhado de materia vivificada, esconjure embora o que define o futuro das almas, por toda a eternidade, immediatamente depois da sua separação do corpo; que os factos não deixam de ser, porque não os querem ver materialistas e fanaticos.

A casa da ribeira do Seridó falla mais alto do que os tratados e as decisões conciliares.

Ninguém habitava aquella casa, havia já um anno, e o que se sabia pela visinhança era: que, poucos mezes antes de ser ella abandonada, uns desconhecidos, que pareciam ser gente rica, a tinham comprado e a occuparam com tanto mysterio quanto foi o do seu desaparecimento.

Viveram alli sem se communicarem com alguém, e desapareceram sem que se soubesse para onde foram.

E, tão depressa foi abandonada por seus proprietarios, começou aquella casa a aterrar a visinhança.

Os que passavam por defronte viam partir d'alli, em noite escura, fogos amarellados que corriam em varias direcções, ouviam grunhidos de porcos, latidos de cães, cacarejos

de gallinhas e gemidos de moribundos.

Naquelles sertões, é muito commum encontrarem-se, á beira das estradas, casas abandonadas, que os viajantes aproveitam para rancho.

Grada-se a marcha de modo que, á hora de pousar, esteja-se no ponto conhecido dos que transitam por aquellas estradas.

Alli se encontram frequentemente duas ou mais tropas, chamadas por lá, comboyos, que são, ainda hoje, o meio de transporte entre a cidade do Recife e as provincias da Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauh, que tem aquella cidade por emporio commercial.

Dão-se por taes encontros, verdadeiras festas no deserto, quando são velhos amigos que concorrem áquelles pontos, ou mesmo simples conhecidos, que longe do torrão natal, estimam-se como amigos.

Larga ceia, si é de noite, lauto jantar, si é de dia, desfalecem a matutagem dos que bem precisam della para a longa viagem.

Esse desfalque, porém, não causa grande mal, porque os costumes patriarchaes dos sertanejos não permitem recusar ao viajante pousada com a cama e a mesa, provisões para a viagem, si alguém está falto dellas, e até remonta de animaes, quando adoecem ou cançam os de taes hospedes.

Ha fazendeiros que levam a hospitalidade até o ponto de reterem o passageiro, enquanto mandam comprar uma vacca, para lhe fornecer a famosa carne de vento.

Tambem, de pouco mais carece o farnel do viajante dos sertões, cuja alimentação cifra-se em carne secca, farinha e rapadura.

O mais é accidental. O essencial é aquillo e o milho para a tropa.

A caça que fazem no matto, por onde passam, o peixe que pescam nos rios, que atravessam, o mel de abelhas, que abunda por toda a parte e as fructas, quer de vasante, quer silvestres, são diversas por desfastio.

Ha viajante que não toma pouso sinão no matto, em logar onde se encontra agua para a gente e para os animaes.

E' que o movimento de transportes só se faz, naquelles sertões, em tempo de secca, quando não cabe gotta d'agua do ceo, os rios estão sem corrente, guardando apenas em seu leito, e nos pontos os mais escavados, poças d'agua mais ou menos profundos, e a temperatura, durante as noites, pode-se dizer invariavel.

Em taes condições, podem-se fazer longas viagens, sem nunca se tomar casa para descanso.

As marchas se fazem de manhã e á tarde, ao romper da estrella d'alva e pouco antes do pôr do sol; que das 9 horas do dia até ás 5 da tarde o calor é de queimar.

(Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

Orgão da Federação Spirita Brasileira

Toda a correspondencia deve ser dirigida a—F. A. XAVIER PINHEIRO—Rua da Carioca 120

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

ANNO VI

Brazil — Rio de Janeiro — 1888 — Fevereiro — 1

N. 125

EXPEDIENTE

Communica-se aos Srs. socios da Federação Spirita Brasileira, assignantes desta folha e Redacções que com ella permutam, que a sociedade mudou sua sede para a casa sita á rua do Club Gymnastico n. 17, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

As assignaturas terminam sempre a 31 de Dezembro.

A voz da razão

Não mais é possível a duvida sobre a realidade da existencia do mundo espirital e de sua constante comunicação, com aquelle em que vivemos, presos a um corpo carnal. Se, por um lado, factos sem conta de importantes e variadissimas manifestações, todas susceptíveis de minucioso exame pelos meios rigorosos de que dispõe a sciencia positiva; todas estudadas e analysadas profunda e conscienciosamente por homens, cuja honorabilidade e criterio scientifico estão acima de toda suspeita, attestam exuberantemente essa verdade; de outro lado, a razão, esse attributo sublime do nosso eu pensante, nos affirma com força não menor, que isso é assim, porque não podia deixar de sel-o; porque o Creador, o principio omnisciente, omnipotente e, por consequencia, infinitamente justo e bom, não podia crear o homem para sujeital-o a tantas dores e privações e, illudindo-o com uma esperanza de melhor futuro, conduzi-lo a um completo aniquilamento, em que se confundam os que seguiram voluntariamente o caminho do mal e os que se esforçaram por cumprir os seus deveres.

Seria suppor-se o Creador um ente caprichoso e cruel, predicados que contradizem aos seus poder e saber infinitos, manifestados na magestosa obra da criação.

Seria crível que essa força, tão sabia, tão poderosa, tão admiravel, como nol-a denunciavam as leis eternas e invariaveis que presidem ao universo inteiro, desde os colossaes corpos celestes, gravitando entorno de centros ainda para nós desconhecidos, até os pequeninos atomos que

se movem no interior de um grão de pollen, sepultado no ovario da mimosa florsinha, se divertisse em formar seres pensantes e sensiveis, capazes de soffrer a dôr e comprehendel-a, para n'um momento reduzi-los ao nada, abusando assim do seu poder?

O universo nos prova a existencia de uma força primeira, e a existencia dessa força, com os dotes que ella não pôde deixar de possuir, é uma prova irrefutavel da immortalidade da alma humana.

Basta-nos comparar as desigualdades, que se notam na partilha dos dotes phisicos, moraes e intellectuaes dos homens, para que nos convençamos, que erram os que propalam que tudo se termina na morte. Não; a nossa razão protesta contra esse aniquilamento do nosso ser, e impõe-nos a idéa de que a tumba é apenas o marco terminal da nossa peregrinação terrena, como o berço o marco onde ella começa, e que além desses dous limites o nosso espirito vivia e viverá, caminhou e caminhará, seguindo, através da eternidade, um determinado roteiro em busca da perfeição indefinita.

Como a idéa da immortalidade da alma, a de sua comunicabilidade com os que vivem ainda neste mundo, é aceita e proclamada pela razão.

Que pôde haver de mais justo que a permissão concedida áquelle, que viu inesperadamente interromper-se o fio da sua existencia terrenal, de vir acompanhar em seu progresso, ajudar com seus conselhos e experiencia, aos entes queridos que elle não pode guiar na vida de relações? Deus, tão justo, todo misericordia e amor, poderá condemnar uma mãe a ser do espaço simples expectadora dos soffrimentos de sua adorada prole? Não, seria mil vezes preferivel o anihilamento, e este é impossivel.

Para nós a idéa necessaria da justiça divina é a mais forte prova da immortalidade da alma humana e de sua comunicabilidade com os que vivem ainda presos a um envolvero material, neste vale de dores e privações.

Quanto consolo nos não vem trazer esse pensamento da immortalidade do nosso espirito! Quanto lenitivo offerece ás penas que nos pungem, ao separarmos-nos dos entes queri-

dos com que convivemos, a idéa de que elles nos seguem, nos amando sempre e esforçando-se para arredar-nos das veredas do mal!

A certeza da sobrevivência do nosso eu á destruição do corpo, que lhe serviu de instrumento na vida terrena, como a da possibilidade, quando separados do corpo carnal, de irmos em auxilio dos nossos parentes e amigos que ainda ficarem, é a mais doce animação que podemos ter, no meio das attribulações em que vivemos.

Não é só a mente illustrada dos sabios que, depois de longas e penosas reflexões, chega a essa conclusão; o rustico camponio, o ignorante, todos, todos sem excepção, vivem e morrem embalados na esperanza de um futuro melhor, de um encontro, cuja época e lugar não conseguem precisar, com aquelles que os precederam na partida d'este mundo.

Fallae a qualquer na comunicação dos espiritos conosco, e notareis, que a sua primeira impressão é sempre favoravel á essa idéa. E' um sentimento intimo, uma reminiscencia que é depois suffocada por sentimentos contrarios, filhos do orgulho e dos mesquinhos interesses mundanos.

Homens, meditaes sobre as palavras do Christo; velaes para que em nada vos afasteis do prescripto no codigo santo, que elle trouxe ao mundo por ordem do Pae celestial. Meditaes, sobre os seus ensinamentos; elles são a luz, a verdade e a vida; elles são a porta da bemaventurança, o caminho que nos conduzirá a Deus.

Geração de organismos novos

Hoje que a doutrina da selecção natural está sendo por toda parte objecto de serios estudos, julgamos conveniente transladar para a nossa folha a seguinte opinião de um dos luminares da sciencia dos nossos tempos.

Diz o Sr. Baugœrtner: «E' provavel que os animaes mais perfeitos de uma classe, provenham dos ovos dos animaes inferiores da mesma classe.

Esse facto é possível, mesmo na classe dos mammiferos, pois que os ovos delles se desenvolvem, muitas vezes, fóra da matriz.

A prenhez extra-uterina e o successo da transplantação dos ovarios nos ensinam, que os ovos desses ani-

maes se podem tambem desenvolver em outros lugares, que não sejam os que lhes são originariamente assignados.

Factos dessa ordem se podiam ter dado em toda a serie dos animaes, nos diferentes periodos da criação, produzindo modificações successivas nas fórmulas dos individuos.

Com a tendencia natural dos mundos vegetal e animal para um desenvolvimento mais perfeito, houve em cada periodo uma formação de novos germens primitivos, que se tornaram a base de novas metamorphoses.

Os generos organicos e os organismos são productos das divisões dos germens, e essas divisões mesmas são occasionadas por diversas influencias naturaes.»

«Os primeiros homens, diz elle ainda, sahiram dos germens dos animaes immediatamente inferiores a elles, na escala dos seres.

Elles não tinham então senão uma existencia de larvas.»

Aos que dizem que os espiritos que entram em relação conosco, em nada têm feito adiantar a sciencia, nós respondemos que essas idéas que o Sr. Baugœrtner emite tão timidamente, já foram ensinadas categoricamente pelos espiritos na celebre obra dictada a J. B. Roustaing—*Os quatro evangelhos explicados em espirito e em verdade*, no ponto em que tracta do apparecimento do homem nos mundos, que chegaram ao estado de o poderem receber.

«São verdadeiras larvas, dizem elles, unicamente animados do desejo de saciar a sua fome e procrear a especie.»

NOTICIARIO

Propaganda.—No *Lavrense*, de Lavras (Minas-Geraes), têm apparecido importantes artigos do nosso amigo e irmão em crenças, o illustrado Sr. Dr. Augusto José da Silva, sustentando com todo o denodo os principios subidos do Spiritismo por elle professados. Um aperto de mão ao illustrado propagandista.

O Sr. Alfredo R. Wallace.—O *Golden Gate*, de S. Francisco (California), falla das conferencias desse conhecido sabio, a 25 e 27 de Maio ultimo, tractando do desenvolvimento e demonstração da theoria darwiniana; tornando-se notavel pela sua rara modestia, que lhe faz fallar sempre como de um discipulo, quando elle se vê forçado a tractar de si, ao passo que todos sabem ser elle um dos fundadores dessa grande escola.

O distincto propagandista é um desses homens, que não temem erguer a sua voz para manifestar as suas convicções, sem se importar com as exigencias dos descabidos preconceitos do mundo official.

«Viverá o homem depois da morte» é o thema que elle prometteu discutir ao voltar a S. Francisco.

Importantes factos. — O Spiritismo lavra. Nossos amigos do espaço não descançam, e tudo se encaminha para a grande era, de que falou-nos Jesus.

Em dias do mez ultimo foi chamado o nosso amigo Dr. F., para ir a uma casa, onde desejavam fallar-lhe sobre objecto de interesse.

Sentimos não ter auctorisação para declarar os nomes, mas afiançamos, serem da alta sociedade. Antes de partir teve o nosso amigo a manifestação do espirito do Dr. Mello Moraes, esse infatigavel propagador das novas ideias, o qual lhe disse:

«Tracta-se do soffrimento da filha da Sra. M. O tractamento não tem ido acertado. A enferma acredita soffrir dos pulmões; é falso. Seu mal principal reside no figado. Em tal epocha ella teve febres; e depois soffreu de tal molestia, que quasi levou-a á sepultura.

Chegado á casa para onde o chamaram, depois de fallar-se sobre cousas diversas, a respeito de outros enfermos, viu o Sr. F. confirmar-se o que o espirito lhe dissera, cahindo a conversa sobre a supradicta enferma; e então contou tudo o que se havia passado em sua casa.

A admiração da senhora foi grande, não só pelo acerto dos factos narrados, como ainda mais por ser o aviso dado pelo Dr. Mello Moraes, que fôra o medico que tractára de sua filha nessa grave enfermidade, á que o espirito se referiu.

Depois, entre outros factos, que com ella se têm dado, contou a mesma senhora os tres seguintes:

Uma noite acordou ella sobresaltada, vendo perfeitamente seu pai juncto do seu leito. No dia seguinte chegou-lhe a noticia de haver seu pai fallecido á mesma hora, em que fôra por ella visto.

Outra vez viu em sonhos um filhinho seu, que estava de saúde perfeita e dormia no quarto immediato ao della, rodeado de muitas flores, sorrindo-se e dizendo-lhe: «Vou-me embora, adeus.» Ella correu ao leito, e achou o menino morto, victima de uma congestão cerebral, que não lhe deixára dar um grito.

O terceiro facto se deu com um amigo seu que, consultando a um espirito sobre sua saúde, recebeu em resposta, que pozesse em ordem seus negocios, pois pouco se demoraria na terra; e oito dias depois foi sepultado.

David e Jolith. — Um interessantissimo episodio acaba de dar-se no Chile, no theatro de Rancagua, como conta *La Revista Espritista*, de Valparaiso.

Resumamol-o: Ante numeroso auditorio surgiu na tribuna o illustre pastor protestante Jorquera que, voltando de uma viagem em serviço das missões, resolveu-se a fazer em Rancagua uma conferencia religiosa, tomando para thema: O que é o homem, e o que será depois da morte.

No brilhante desenvolvimento do thema escolhido, aproveitou-se o Sr. Jorquera da occasião para accusar desabridamente á doutrina spirita, a cujos adeptos desafiou para uma discussão publica.

Apenas terminava elle, quando, com grande surpresa dos circumstantes, ergueu-se uma menina de 15 annos de idade, a senhorita Eulogia Avarena, e n'um impeto arrojado de inspirada eloquencia, combateu e destruiu, um a um, todos os argumentos do illustre pastor; declarando que aceitava o repto por elle feito.

Este, porém, retrahiu-se e disse que só n'uma praça publica podia

ter lugar tal discussão; mas vendo-se alvo de geral reprovação, teve de aceitar a discussão pela imprensa, que lhe foi proposta pela sua gentil contendôra.

A causa justa centuplica as forças de seus defensores, e em defesa da verdade uma criança pode, muitas vezes, desbancar ao maior sabio do mundo.

D'aqui enviamos nossas saudações á inspirada propagadora da santa causa da religião do Christo.

Uma aparição. — Conta-nos o seguinte nosso amigo, o Sr. capitão Belchior da Fonseca: Manuel da Costa Launé, negociante na capital do Maranhão, foi um d'aquelles que, convencendo-se da justeza dos principios ensinados pelo spiritismo, mais se empenharam pela sua propaganda n'aquella capital.

Vendo a resistencia que lhes oppunham, dizia elle: Quando eu morrer, virei manifestar-me á toda essa gente para convencel-a; e se não poder, ao menos aos meus amigos hei de fazel-o.

Tendo elle fallecido a 17 de Outubro de 1883, cumpriu a sua promessa. Uma noite dormia o Sr. capitão Belchior em sua camara, bem illuminada, quando despertado viu Launé sentado juncto de si com os braços cruzados, como elle tinha por habito. Não podia ser uma allucinação. O capitão Belchior ergueu-se, vendo sempre a figura na mesma posição, ferida pelos raios da luz.

Depois de 4 ou 5 minutos o espirito dirigiu-se para a porta, e ali se foi dissolvendo até sumir-se.

Electricity & New-Force. — E' o titulo de uma obra nova do Sr. José Mayner y Ros, de Jamaica, tractando da electricidade como agente therapeutico.

A obra vem enriquecida de valiosos mappas estatisticos das curas obtidas pelo auctor.

Agradecemos a offerta.

MISCELLANEA

Um conto sem pretensão

Era noite. Em pequeno e simples gabinete de estudo, em um predio, sito n'um dos arrabaldes desta cidade, conversavam junto a uma mesa, á luz, de um candieiro elegante, um ancião respeitavel e um mancebo, que regulava ter 18 annos, avô e neto.

«Uma vez que me permittis, dizia o joven, que eu vos communique sempre os meus sentimentos e pensamentos; deixai que vos diga, que me parece um mytho essa força omnisciente e omnipotente, creadora de tudo, inventada pelo homem de outrora, quando lhe faltavam as luzes precisas para explicar as maravilhas, que elle contemplava, no meio em que vivia.

As propriedades da materia estão hoje conhecidas; a sciencia verifica que os atomos materiaes se attrahem, para formar os corpos; e que tudo no mundo é um resultado dessa attracção. Se, pois, a attracção é uma propriedade da materia, tudo se pode explicar sem a intervenção de um poder sobrenatural.»

Com um amavel sorriso o velho respondeu: «Meu filho, em todo esse universo, cujas maravilhas nos espantam, notamos sempre o cunho da contingencia. Dizes que a sciencia reconhece que os atomos materiaes se attrahem para formar todos os corpos; admittamos que assim seja, ainda que a sciencia não possa de mostrar que essa attracção seja antes dos atomos um sobre o outro,

que do fluido que os envolve; mas quem deu á materia essa propriedade? quem determinou que, em taes e taes condições, os atomos se ligassem deste ou daquelle modo, para formar tal ou tal corpo? Ha leis eternas e absolutas regendo á criação, e quem podia estabelecel-as a não ser um ente superior á ella?

A ideia de Deus é a unica necessaria na concepção do homem, tudo o mais é contingente, podia deixar de ser.»

«Mas, retorquiu o joven, os philosophos dizem que o universo é coeterno de Deus; e assim como poude elle crear aquillo que existiu sempre?»

«E' um fructo da fraqueza, da imperfeição da nossa linguagem, disse o velho. Referindo-se ao creado, o qualificativo eterno não tem o mesmo sentido absoluto, que quando se applica ao Creador, alli elle exprime um tempo excessivamente longo, tão longo que escapa á nossa comprehensão. Eterno, absolutamente fallando, só é o principio creador increado.

Ja os proprios Hebreus o entendiam assim, pois Moysés disse: «O universo adorará a Jehovah eternamente e ainda além da eternidade.»

«A mente do homem, tornou o joven, sente-se constringida e foge á crença de um ente, que nunca teve começo.

«D'onde veio esse Deus? O que fazia elle antes do mundo ser?»

«Continúa, disse o velho sorrindo. Quem foi seu pai? Qual é a sua cor, a forma de seu corpo, etc., etc.?

São perguntas proprias do acanhamento da nossa intelligencia. Basta ao homem reconhecer, convencer-se da existencia de Deus, sem procurar comprehender a sua essencia, problema que elle não pôde resolver. Se em um lugar ermo encontrares um troço de uma estatua de marmore, de fino trabalho, dizes logo: «E' obra de um artista, de um homem; e entretanto ignoras quem foi o pai desse homem, d'onde elle veio, quaes os seus dotes physicos e moraes. Pela sua obra elle se denuncia; assim tambem Deus se nos manifesta na sublime grandiosidade da criação. Recusas a idéa de um ente que nunca teve começo, e entretanto attribues a eternidade á materia.»

«Admittindo que Deus exista, rearguiu o joven, elle não pôde ser infinitamente poderoso e bom, como affirmas. A nossa vida é toda de soffrimentos. Deus não teria podido libertar-nos disso? Se poude e não quiz, não é bom; se quiz e não poude, não é poderoso.»

«Julgas-me máu, tornou o avô, porque desde criança não te deixei sómente entregue aos brincos da infancia? porque te forçava a te conservares na tua mesa a estudar? a ir para o collegio, em vez de passares a vida a brincar?»

«Não, disse o moço, pois me preparavas para o futuro, para que eu em tempo opportuno viesse a poder apreciar e gozar da vida.»

«Eis ahí o que Deus faz, disse o velho. Pai carinhoso, elle submete seus filhos a essa aprendizagem, necessaria para o seu bem-estar futuro. Todos esses soffrimentos são provas indispensaveis ao nosso progresso. Ellas são tanto mais pesadas, quanto mais preguiçoso e rebelde tem sido o alumno nos outros annos de seu curso.»

«Bem, concordo que isso se dá com o homem, que uzou mal do seu livre arbitrio; mas o irracional, que não tem responsabilidade, porque soffre?»

«E' uma questão muito séria, e que exigiria um longo desenvolvimento. A dôr é necessaria para o desenvolvimento da sensibilidade,

sem a qual a intelligencia não pôde progredir. O soffrimento do animal não é comparavel ao do homem. O cão que quebra uma perna, soffre physicamente a dôr, que elle esquece depois de curado; nas mesmas condições, o homem soffre muito mais. Além da dôr physica, elle tem a moral, proveniente da comparação do seu estado com o dos individuos são que elle encontra, e do prejuizo que sua desgraça vai causar á sua familia.»

Davam 11 horas, o joven retirou-se pensativo, e o velho, satisfeito com a sua consciencia, foi repousar.

Freq.

Divina Epopéa

DE

JOÃO EVANGELISTA

Tradladada para versos heroicos por
F. L. Bittencourt Sampaio.

(Continuação)

CANTO XII

Sais dias, entretanto, antes da paschoa
Veio Jesus á aldéa da Bethania
Onde morrêra Lazaro, que havia
Jesus resuscitado. Alli lhe deram
Uma cea; na qual servia Martha.
E onde fôra visto o proprio Lazaro
Tambem com elle á meza.

Então Maria,
Uma libra tomando d'esse balsamo
De puro nardo de custoso preço,
Com elle de Jesus os pés ungira;
E toda a casa recendeu do aroma.
Judas Iscariotes que isto vira,—
E que era de Jesus um dos discipulos,
Aquelle mesmo que o trahir devia,
Assim fallou:

—Por que se não vendera

Por trescentos dinheiros este balsamo,
Que melhor se teria dado aos pobres?
Taes palavras, porém, Judas dissera
Não pelos pobres, qu'elle não amava,
Mas por ser um ladrão; pois tendo a bolsa
Trazia o quanto se lançava n'ella.
Mas Jesus respondeu:

—«Deixai que o faça,

Já que ella reservou este perfume
Para o dia da minha sepultura;
Por que comvosco tereis sempre os pobres,
Mas sempre a mim não me tereis na terra.»

Sabendo muitos dos Judeus que achava-se
Jesus n'aquella aldéa, então vieram
Não só por causa d'elle, mas ainda
Para verem a Lazaro, que havia
D'entre os mortos Jesus resuscitado.
Porém, dos sacerdotes os Pontifices
Assentaram matar tambem a Lazaro,
Por que muitos Judeus se retiravam
Por causa d'elle d'essa antiga seita,
E criam em Jesus.

No dia postero

Vindo á Jerusalém immenso povo
Para a festa da paschoa, e alli sabendo
Que Jesus em caminho era da mesma,
Tomaram ramos de palmeira e foram
Recebel-o, exclamando: «Hosanna, Hosanna!
Bem dito de Israel o Rei que chega
Em nome do Senhor!» E tendo achado
Jesus um jumentinho, d'elle em cima
Montou, segundo ha muito estava escripto:
«Não temas, filha de Sião: eis chega
O teu rei: vem montado sobre o asniho
Da jumenta.»

Não deram seus discipulos

No principio attenção a estas cousas;
Mas quando entrou Jesus em sua gloria,
Relembrou-se e então de tudo quanto
Estava d'elle escripto, e que elles mesmos
Por sua parte concorrido houveram
Para seu cumprimento.

E o grande numero

Dos que se acharam com Jesus na aldéa,
Quando chamando a Lazaro do tumulo,
Lá d'entre os mortos resurgir fizera-o,
Lhe davam testemunho;—e fôra isto
O que tambem levára a tanto povo
Sahir ao seu encontro; por que ouviram
Que Jesus tinha obrado este milagre.
E então os Phariseus assim disseram:
Entre si:—«Vêde vós; nada ganhamos:
Eis todo o mundo que após elle corre!»

SECCÃO LIVRE

Estudo sobre fluidos

PERISPIRITO

(Continuação)

A alma é o principio da intelligencia.

O pensamento é o attributo característico do ser espiritual. Na alma reside esse attributo — attributo que se manifesta quando a alma quer. É portanto a vontade o agente que põe em movimento os meios, que tem a alma para a sua manifestação; e, como o espirito só tem o perispírito como intermediario para a manifestação de seu principio intelligente, lança mão delle, como nós homens lançamos mão de nossos corpos.

É por intermedio de nossos órgãos que manifestamos os nossos pensamentos, que recebemos as impressões externas. Também os espiritos, que são as nossas proprias almas desprendidas do corpo, manifestam os seus pensamentos, e recebem as impressões externas, por intermedio do perispírito, ou da materia fluidica de seus corpos.

O perispírito não pensa, não é a alma; ainda que ethereo, subtil e de natureza especial, não deixa contudo de ser materia. É formado, por assim dizer, pela condensação do fluido cosmico, attrahido pelo principio intelligente ou pela alma; é uma modificação atomica desse fluido exercida pela força psychica.

No homem o fluido perispiritual identifica-se com o corpo, penetra-o por todas as partes, de tal sorte que torna-se o intermediario entre elle e a alma; é pelo perispírito que ella actua sobre os órgãos e percebe as sensações das cousas externas.

Com a morte, isto é, com a desagregação completa de todas as moleculas do corpo, o perispírito se desprende por não ser mais necessario, e, unido sempre ao principio vivificante, continúa a existir, e a prestar os mesmos serviços que prestava.

Elle forma então o novo corpo para o novo ser — corpo admittido pelas mais antigas theogonias e mencionado pelo Apostolo Paulo na 1ª epistola aos Corinthios, (Cap. 15 v. 35 a 44).

A existencia do perispírito não é uma cousa imaginaria, uma hypothese para explicar os phenomenos spiritalis. A sua existencia é um facto confirmado pela observação.

O desdobraimento do homem em certas circumstancias, o seu apparecimento com o corpo fluidico n'um lugar, enquanto o corpo material está em outro, determinam a existencia do perispírito de um modo positivo.

A bi-corporeidade humana, comprovada pelos factos citados pelos adversarios do spiritismo, a appareção do corpo fluidico, quando observamos as manifestações da alma, as affirmativas dos videntes, e o teste munho dos espiritos provam também a existencia do perispírito.

A sciencia nos diz que os corpos animados têm como principios constituintes o oxygeno, o hydrogeno, o azoto e o carbono, combinados em diferentes proporções. Para nós esses corpos simples só têm um principio que é o fluido cosmico universal, que pelas suas diversas combinações forma as variadas substancias que constituem o corpo humano; assim podemos considerar o corpo como uma concentração, condensação ou solidificação do fluido universal.

Não é o diamante uma solidificação de gaz carbonico?

O corpo sem vida desagrega-se em moleculas de oxygeno, de hydroge-

no, de azoto e de carbono; e, si nós actualmente pudessemos pela analyse decompor esses corpos simples, teriamos o fluido cosmico em seu estado primitivo.

O corpo dos espiritos ou o perispírito também é formado do mesmo principio: é uma condensação; mas a modificação atomica do fluido não é a mesma que a do corpo do homem: a transformação molecular opera-se de modo diferente, ella conserva as qualidades ethereas e a imponderabilidade do fluido universal.

A origem e natureza do corpo dos espiritos e dos homens são os mesmos, sómente varia o estado da materia.

O perispírito é materia fluidica, o corpo do homem é materia mais grosseira.

II

A vontade é a forma activa do pensamento. É uma força — força moiz, capaz de pôr em jogo as peças anatomicas do corpo humano, de levantar alavancas, de mover articulações.

É pela vontade que nós nos movemos, que levantamos os braços, quando elles cançados e obedecendo á gravidade e ao proprio peso intrinseco cahem ao longo do corpo.

É a vontade portanto uma força, cuja acção se manifesta em opposição á outras e capaz de as modificar.

É também pela vontade que os espiritos actuaem sobre seus corpos, como nós sobre os nossos. É pela vontade que elles manipulam, no grande laboratorio da natureza, os fluidos apropriados a esta ou áquella manifestação, como nós nos nossos gabinetes compomos e decomposmos os corpos.

A chimica moderna reconhece que todos os corpos da natureza são formados pela combinação dos corpos simples em diversas proporções, e que da infinidade dessas combinações nascem as innumeraveis propriedades desde todos elles.

Elle trouxe grande clareza para a fac. comprehensão da vida dos espiritos, de seu modo de acção e da possibilidade de sua comunicação com o nosso mundo.

Tudo reduz-se a condições de meio e modo de acção, em uma palavra, da modificação da materia.

Hoje que se admitte a pluralidade dos mundos habitados, que se conhecem diferentes atmosferas desses mundos, a sua composição chimica, não se pode deixar de admittir a diversidade dos organismos de seus habitantes.

Os seres do planeta Terra differem dos seres dos outros corpos celestes pela materia de seus corpos, que varia, segundo a constituição de cada mundo.

Assim o homem que habita a Terra, despreendendo-se do involucro corporeo, precisa de um novo corpo differente do antigo para poder viver no novo meio em que o adiantamento e sua alma o colloca.

O novo corpo deve harmonisar-se com o seu estado espiritual, por isso elle tem o perispírito, que é materia fluidica, de facil manejo, que pela acção da vontade modifica-se; permitindo assim facil accesso em outros mundos.

S. DIAS.

(Continúa).

O spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA

Pelo Dr. E. Quadros

(Continuação)

(1) Moysés veio completar, explicar e codificar os ensinamentos transmitidos ao povo hebreu desde Abrahão, offerecendo-lhe o celebre Decalogo, esse código sublime que, por ordem de Deus, lhe fora dictado no meio da magestosa manifestação do Sinai. Jesus, o maior dos missionarios que têm vindo á terra, tirou á lei mosaica toda a dureza que ella encerrava, mostrando-nos no Pai celeste, não um espirito odioso e sempre disposto a castigar, mas o principio de todo o amor, toda a justiça, toda a misericordia.

Assim vemos, no seio de uma mesma raça, as revelações serem trazidas cada vez mais perfeitas, á medida que os homens iam progredindo.

A antiguidade cahia esphacelada; a desmoralisação tinha ferido de morte os habitantes do velho Olympo; e a descrença ia estender-se por grande parte do mundo, com todo o seu cortejo de crimes, horrores, immoralidades e soffrimentos, quando n'uma humilde palhoça de Belém, pequena cidade da Judéa, veio ao mundo aquelle, por quem o Eterno nos enviava a luz, a verdade e a vida.

Era o tempo em que o imperio romano, pesado colosso de bronze descaçando sobre um pedestal de fragil barro, já fendido e desgastado pelas injurias do tempo, começava a vacillar, ao escutar os cantos dos barbaros que se agglomeravam em suas fronteiras, lançando cubicozas vistas sobre aquillo que se lhes afigurava uma facil e rica presa.

A antiguidade ia desaparecer com todas as suas grandezas, misérias e corrupções. O christianismo, essa religião da mansidão, da resignação, do perdão e do amor, ia ser propagado no seio de uma sociedade de costumes rudes e quasi selvagens, onde a violencia tinha o nome de coragem, a vingança o de nobreza de caracter, a paciencia e a resignação o de covardia; e tornou-se necessario que elle revestisse uma forma adequada a essas intelligencias; em resumo, que o temor do castigo do céu viesse conter os desregramentos dessas sociedades ferozes, que abusariam da idéa de um Deus sempre prompto a perdoar as faltas de seus filhos.

D'ahi a necessidade dessas interpretações humanas, segundo a letra das Escripturas, que constituem o corpo da religião catholica romana. Foi uma necessidade imperiosa, era imprescindivel para que d'ella sahisse a nova civilisação.

Os serviços do catholicismo foram immensos na preparação dos animos dos povos da idade média para comprehenderem os ensinamentos do Christo, que seus apóstolos nos transmitiram nos Evangelhos.

Quando a Europa inteira succumbia sob o peso da ignorancia dessas hordas barbaras, que a inundavam, nos conventos, no interior das frias cellas os frades estudavam e commentavam as obras primas da antiguidade, cultivavam com desvello essas sementes fecundas, que, livres por elles do furor medonho desse furacão que se desencadeára sobre o mundo europeu, deviam, um dia, germinando e se desenvolvendo, auxiliar ao christianismo em sua obra de regeneração e progresso.

(1) Por engano, tendo sido omittido um capitulo inteiro deste trabalho, vamos publicarlo do ponto em que ficamos no nosso n. 123, pelo que pedimos desculpa.

Ora, haviam também alguns gentios, que tendo vindo á festa na cidade para a Deus adorar, se dirigiram a Philippe, que fora da Bethsaida da Galiléa, e lhe fizeram todos este simples pedido: «A Jesus-Christo Nós quizeramos vêr.» Logo Philippe veio a communicar a André, e foram Transmittil-o a Jesus conjuntamente. E Jesus respondeu-lhes:

—E' chegada

A hora em que será glorificado Aquelle que vos falla, o Filho do homem. Em verdade, em verdade assim vos digo: Se o grão de trigo que se lança á terra Não morre, fica só; mas se elle morre, Muitos fructos produz. E assim aquelle que preza a sua vida, ha de perdê-la; Mas aquelle que a odia n'este mundo, Terá de a conservar para a vida eterna. Se alguém me serve, que me siga, e aonde Eu me achar, estará também meu servo. Se alguém me serve, pois, meu Pai lo honra. Entretanto, minh'alma está turbada; Porém o que direi? O Pai me livra Desta hora fatal! mas foi por ella Qu'eu desci. Glorifica, Pai, teu nome.» Ouviu-se alli do céu no mesmo instante Uma voz que dizia: «Já de ha muito Glorificado o tenho; mas ainda O glorificarei.» O povo entanto, Que ouvira o som d'aquella voz, dizia Ter sido de um trovão; outros, que um anjo Lhe fallára. E Jesus por estes termos Respondeu-lhes:

—«Não foi por mim que fez-se»

Ouvir aquella voz, mas sim por todos. Agora vai o mundo ser julgado; E expellido será do mundo o Principe. E quando levantado eu for da terra, A' mim attrahirei todas as cousas.» Isto dizia assignalando a morte Da qual devia de morrer. E o povo Respondeu-lhe:

—«Da Lei temos ouvido

Que o Christo permanece eternamente. Como, pois, dizes tu que o Filho do homem Deve ser levantado? Quem é elle? Respondeu-lhes Jesus:

—«A luz com vosco

Por um pouco de tempo ainda se acha: Andae enquanto a tendes, pra que a noite Não vos venha apanhar. O que caminha Em trevas, para onde vai não sabe. Enquanto a luz tiverdes, crede n'ella, Para que todos vós sejaes seus filhos.» Isto disse Jesus, e, retirando-se Do povo se occultou.

Mas sendo tantos

Os milagres que fez diante delles, Não criam em Jesus; para cumprir-se O que disse Izaías, o propheta: —«Senhor, quem creu no que de nós ouvira? E a quem, a quem já fora revelado O braço do Senhor?» E foi por isto Que não podiam crêr, porque de novo Disse ainda o propheta: —«Elle cegou-lhes Os olhos, e obdurou-lhes os seus peitos, Afim de que não fossem convertidos, E nem eu os curasse.» Eis o que disse Izaías, ao vêr a gloria d'elle, Quando delle fallou.

Contudo, muitos

Dos senadores também crêram n'elle; Mas não ousavam confessar em publico Temendo os phariseus, por não se virem Expellidos d'alli da Synagoga; Por quanto amavam elles mais a gloria Dos homens, que a de Deus.

Ora ensinando

Disse Jesus então por estes termos: —«Aquelle que em mim crê, não crê por certo Em mim, mas sim no Pai que me enviára; E aquelle que a mim vê, ao mesmo tempo Vê o Pai que enviou-me. Eu vim ao mundo, Eu, sim, que sou a luz, para que todo Aquelle que em mim crê, não fique em trevas. Se alguém, por tanto, ouvir minhas palavras, E as não quera guardar, eu não no julgo; Por qu'eu não vim para julgar o mundo, Mas sim para o salvar. Quem me despreza, Estas minhas palavras não recebe; Quem no julgue elle tem, é a palavra Que lhe tenho fallado; ella somente É que o ha de julgar no ultimo dia. Por que de mim eu não fallei aos homens; Mas o Pai que enviou-me foi o proprio Que assim por mandamento prescreveu-me O qu'eu devo dizer-vos e ensinar-vos; E eu sei que o mandamento é a vida eterna. O que vos digo, pois, sómente o digo Como o Pai me ordenou que vos dissesse.»

Correram os tempos, a humanidade caminhou muito; as sciencias não se demoraram em sua marcha, e chegamos ao ponto de podermos dizer: hoje aos nossos irmãos catholicos: Rasguemos esse véo que nos esconde os ensinamentos do mestre dos mestres; deixemos as palavras; ponhamos de parte as interpretações, que a idade média deu a esses ensinamentos, cujo espirito sómente devemos hoje procurar aprofundar.

Era chegado o tempo da vinda de uma nova revelação. De um lado, as religiões formalistas, mais capazes de impressionar-nos os sentidos, que de fallar-nos á alma; de outro lado, a descrença e o frio materialismo, fructo das contradicções da sciencia positiva com as interpretações humanas dadas aos ensinamentos do Christo, conduziram o mundo a um estado de duvida e luctas sem tregua, que não podia continuar sem grave prejuizo para o progresso da nossa humanidade.

Essa revelação prometida pelo Christo chegou enfim, e com a rapidez do relampago invadiu todas as sociedades e fez por todos os pontos do mundo surgir inspirados propagadores da religião do futuro, dessa religião que vem ligar com inquebrantaveis laços toda a familia humana.

Essa nova revelação, essa consolação que, por ordem do Eterno, nos tempos apropriados, os espiritos trazem hoje aos naufragos do mundo, é o *Spiritismo* ou o christianismo expurgado das erroneas interpretações dos homens, e comprehendido segundo o espirito que vivifica.

Abri vossas moradas ao novo hospede; não o repilaeis antes de saberdes ao que elle vem. Não julgueis que o spiritismo se apresenta para combater as outras crenças; não, elle vem apenas completal-as, expurgal-as dos erros addicionados aos principios revelados outrora; addicionamento devido á ignorancia, ao atraso do homem do passado.

As idéas ensinadas pelo spiritismo não são novas, em sua maioria; vós encontral-as-eis dispersas pelo mundo em todas as religiões do passado, como vol-o v a m o s demonstrar. E' sómente a sua codificação, a sua reunião em um corpo de doutrina harmonico, racional e conforme com os progressos da sciencia moderna, bem como a sua verdadeira explicação, segundo os rigorosos preceitos da logica, que foi obra do homem de hoje.

Estudando o caminhar da humanidade através dos seculos, vemos que sempre, nos começos da civilização de um povo ou de uma raza, apparece a creença na existencia de um poder supremo, creador e regedor do mundo, e na vida d'além-tumulo. A necessidade de materialisar tudo, para melhor impressionar os animos, faz surgir depois a adoração dos fetiches e o culto dos animaes; mas esses são de pouca duração, e somem-se ao avançar para o seu zenith o sol da civilização.

Não se encontra hoje um povo, por mais barbaro e atrasado que seja—digo mais, nunca existiu um povo—que no fundo das formulas, embora grosseiras e grotescas, de seu culto, não nos deixe vér bem patentes suas idéas da existencia de uma força que fez e domina o mundo, e da sobrevivencia da alma ao corpo que se decompõe na morte.

Os insulares da Polynesia, os negros da Africa, os selvagens da America, os povos da Malasia ainda conservam seus fetiches, mas os manes de seus mortos são o principal objecto do seu culto.

Segundo elles, essas almas são de uma essencia mais apurada que a do corpo, continuam a viver depois da

dissolução deste, conservando as mesmas paixões que tinham na vida terrena e podendo entrar em relação conosco.

Os Australianos passeiam, á noite, nos cemiterios para conversar com os seus mortos; e asseguram que ali ouvem vozes partidas das arvores, do sólo, do espaço, etc.

Todos elles crêm na vida da alma depois de separada do corpo; e que n'essa nova vida os bons irão ter uma recompensa e os máus um castigo.

Os negros da Africa equatorial, como diz o Sr. Paulo de Chaillu, principalmente os da tribo Orungús, temem visitar os cemiterios, por crerem que os espiritos de seus mortos ali andam vagando e não desejam que se os importune por motivos frivolos.

Os Carolinos, os Malaioes, os negros da Ethiopia, do Sudan, da Guine, da Cafraria e da Hottentotia, como os mais brutos selvagens da America, acreditam na intervenção dos espiritos dos mortos e na possibilidade de se os evocar.

Eis, senhores, o contingente que nos offerecem aquelles que começam a dar os primeiros passos na estrada da civilização.

Dirão, sem duvida, que a creença n'essas manifestações é n'elles lida de suas poucas luzes, do seu pouco conhecimento da natureza!

Vaidade do homem civilizado!

Porventura nós, que vivemos mergulhados no seio de uma existencia toda ficticia, em luxuosas cidades, temos a pretensão de conhecer tanto a natureza, para podermos zombar d'aquelles que a contemplam de perto, que vivem com ella n'uma lucta continua?

Quantas vezes o selvagem não dilicções de experiencia ao homem cultivado?

Não, senhores; esses homens dizem o que vêem e ouvem. Seus fluidos ainda muito pesados permittem, que os espiritos se tornem muito sensíveis, muito materializados entre elles.

Nós sabemos que os espiritos se utilizam dos fluidos vita e magnetico dos seus mediums, que a natureza d'esses fluidos varia com o adiantamento do individuo, e que os espiritos se apossando d'elles em suas manifestações, tomam formas tanto mais apreciaveis aos nossos sentidos, quanto mais pesados forem esses fluidos.

Passemos agora a outros pops, que têm desempenhado papeis mais salientes na historia da humanidade.

Vejamos os Chinezes.—Desde tempos já sumidos nas brumas de remotissimo passado, era creença entre os Chinezes de que tudo o que existe no mundo procede de dous principios, ambos materiaes, ainda que dotados de propriedades oppostas: um aeriforme, perfeito, subtil, ligeiro, intangivel, principio de vida, movimento, calor, luz e intelligencia; o outro grosseiro, pesado, tangivel e inerte; que da junção d'esses principios nascia a vida terrena, e da sua separação a morte do corpo, ido então o principio aeriforme reuni-se ao centro de substancia perfita, d'onde havia sahido.

O espirito, esse principio que anima o corpo, não era, pois, ara elles, como não é para nós, uma entidade abstracta, mas um fluido, uma materia tenuissima, cuja natureza escapa ainda aos nossos meios de apreciação, e só nos óde ser denunciada por seus effeitos, como se dá com o fluido tamem subtil, porém muito menos que o espirito, que se nos manifesta pelos phenomenos caloríficos, luminosos, electro-magneticos, sonoros, nervosos, etc. São d'fferentes grás de rarefração da materia cosmica; ierte,

pesada e bruta em um dos extremos da cadeia, subtil, e depositaria da centelha divina, que a torna intelligente, sensível e capaz de vontade, no outro extremo.

Como para nós, o principio espiritual era e é para elles indecomponivel e immortal.

(Continúa)

A casa malassombrada

Romanço de costumes sertonejos pelo

Dr. A. Bezerra de Menezes

(Continuação)

Depois de estiradas, 4 ou 5 leguas, que se adiantam na primeira jornada, toma-se uma frondosa oiticica, á beira de algum rio, e arma-se a rede, que é a cama dos sertões, de um galho para outro.

Alli, fica-se resguardado dos ardores do sol, bafejado por fresca viração, e embalado pelo canto de milhares de passarinhos, que se refugiam naquellas horas, á sombra das grandes arvores.

Si acontece que o rancho provisório fique ao pé de algum pogo, forçado bebedeiro de tudo o que vive algumas leguas em torno; é grato vér-se desfilar, em cordão, o gado de todas as especies, que vem dos pastos a saciar a sede, e que volta aos pastos, satisfeita aquella necessidade.

E' a vacca, que chama o filho perdido no incessante torvelinho.

E' o touro, que desafia o rival, depois de ter afiado as pontas na mó de alguma barreira.

E' o lote de eguas, cujo pastor, cheio de zelos, corre de um lado a outro, para evitar que se misturem com outras de lote estranho.

São os rebanhos de ovelhas, enchendo os ares com seus balidos, e deleitando a vista com a variedade de suas côres e tamanhos.

Além, divisa-se o que chamam vasante, uma parte do leito do rio, a começar das ribanceiras, cercada e coberta de plantações, verdes como limos d'agua.

Provém-lhe o nome do facto de se fazer a plantação no terreno que as aguas do rio vão deixando descoberto, á medida que vão decrescendo, vão *vasando*.

Na vasante colhe-se á farta, o melão, a melancia, a abobora, chamada gerimum, o feijão de cardo, o milho, o aipim, conhecido por macacheira, tudo, enfim, que se cultiva em hortas.

E, apesar de se fazer plantações no leito arenoso dos rios, é talauberdade daquellas terras, que não se pode calcular o que produz uma vasante, desfructada todos os dias, antes do sol sahir.

Montes de fructas jazem, naquelles logares á disposição de quem as quizer aproveitar, visto que não ha consumo para ellas.

Os viajantes aproveitam a faculdade, que é de uso geral, e regalam-se com o delicioso melão, com a preciosa melancia, com a immensidade de fructas, cujo sabor não se compara com o que lhes conhecemos cá.

O que, porém, mais apreciam é o gerimum, que comem com a carne secca, e que dão aos animaes, avidos da excellente ração, que lhes restaura as forças, quasi tanto como o milho.

O rancho da noite varia de condições.

E' em campo limpo que se prefere dormir, por ser mais claro e mais fresco.

Arma-se a rede em juremas, arvores que perdem as folhas na estação

secca, como quasi todas, e que por isso não embarçam os ventos geraes, que sopram invariavelmente todas as noites.

Naquelle descampado faz-se o fogo, e prepara-se a ceia, depois da qual dorme-se, tendo-se por coberta o firmamento.

Nem todos, porém, gostam deste modo arabico, ou beduinico, de viajar, e procuram de preferencia as habitações, ou essas casas abandonadas de que acima fallámos.

Nas primeiras encontram desvelada hospedagem, que ás vezes sahe cara, por terem de supportar algum membro da infinita familia dos amoladores.

Calcule-se o desespero do infeliz que chega morto de cançado, e que encontra um freguez sequioso de saber de tudo e de todos!

Nas casas abandonadas goza-se a liberdade dos ranchos no deserto, porém não se tem ali nem o fresco nem a poesia daquelles.

E, ás vezes, desmancha no prazer, mimoseando os hospedes com uma immudicie de ratos, pulgas e percevejos.

Vamos visitar uma destas desertas habitações, que, ás vezes, nada significam, mas que, em muitos casos, encerram segredos dolorosos, quando não pavorosos mysterios.

Sigamos para a casa malassombrada.

Pela estrada geral que corre á margem direita do rio Seridó, quasi defronte da villa do Caicó, que fica á esquerda daquelle rio, passaram, ao pôr do sol, montados em robustos cavallos, um moço que representava ter 25 annos e um cabra, vestido de couro e trazendo atravessado no arção da sella um formidavel trabuco.

Pouco antes, cerca de meia hora, tinha passado por aquelle ponto um comboyo, na direcção que levavam os dous cavalleiros, isto é, em procura de Pedras de Fogo, antiga feira de gados, d'onde se fornecia de carne verde a cidade do Recife.

Chegando a um morro, d'onde se descobria, na margem opposta do rio, a villa que gozava de certa consideração, por ter uma aula de latim regida pelo padre Guerra, mais tarde senador Guerra, os dous cavalleiros pararam como dominados pelo mesmo pensamento.

E o comboyo que eu mandei me esperasse aqui? disse o moço para o companheiro, que não passava de seu pagem ou escravo.

Talvez tivesse entrado para a villa, respondeu o cabra, esticando-se nos estribos, alim de poder ver mais longe, e lançando a vista para o lado opposto do rio.

Não, para lá não passou nenhum comboyo, que não vejo rasto de animaes no caminho que se separa aqui da estrada.

Sim, senhor; aqui não ha rastos, disse o cabra, depois de ter-se apeado e examinado attentamente o caminho divergente da estrada real.

Diabo! exclamou o moço. Tanto que recommendei ao bruto do Manoel que me esperasse aqui!

Mas, sinhô moço, que mal faz que tenha seguido para diante? Quanto mais depressa andarmos, mais cedo chegaremos.

Assim é; porém, daqui para diante não se encontra senão a casa mal assombrada; e eu não quero passar a noite com almas penadas ou com demonios.

Ora, ora, sinhô moço! Eu pensei que vosmecê tinha outra razão para se affligir. Vamos dormir na tal casa e veremos que o demonio não é tão feio como se pinta.

(Continúa)

Biblioteca Nacional Córte
FEV 88
LHA
SÃO PAULO

Rua do Passieio.

REFORMADOR

75

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

Orgão da Federação Spirita Brasileira

Toda a correspondencia deve ser dirigida a—F. A. XAVIER PINHEIRO —Rua do Club Gymnastico 17.

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

ANNO VI

Brazil — Rio de Janeiro — 1888 — Fevereiro — 15

N. 126

EXPEDIENTE

Communica-se aos Srs. socios da Federação Spirita Brasileira, assignantes desta folha e Redacções que com ella permutam, que a sociedade mudou sua séde para a casa sita á rua do Club Gymnastico n. 17, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

As assignaturas terminam sempre a 31 de Dezembro.

A nova revelação

Como o viajante que, enlevado na contemplação das bellezas da florida paisagem, caminha incauto pela encosta de elevada montanha, e só, ao chegar ao tópo, voltando a si, sente-se transido de horror, á vista dos precipícios que o rodeiam, e dos perigos que o aguardam na descida; o homem, dominado pela magia das conquistas da sciencia materialista, repellindo para longe toda a fé, toda a crença que lhe legaram seus avós, e que lhe seria um arrimo seguro em sua peregrinação através dos desertos da vida; ao chegar a um ponto já adiantado da sua jornada, viu erguer-se ante si o gelido espectro do nada, o desengano de suas tão bellas esperanças, e o receio de uma perda completa dos thesouros, que accumulára em suas penosas lucubrações.

Do aprofundado estudo da materia chegou elle á conclusão, de que todos os seus conhecimentos se reduziam a simples apreciações das impressões que os corpos produziam sobre elle; apreciações feitas sómente pelos organs do sentido, que, variando de um a outro individuo, não nos podem fornecer a verdade absoluta.

Conhecendo sómente as propriedades sensiveis dos corpos, e estas mesmas marcadas com tão pronunciado cunho de relactividade; nada podendo dizer sobre a natureza intima dessa materia, que elle endeusava, seu espirito sentiu-se ferido de tristeza; e abatido e desanimado, elle comprehendeu que era necessario voltar atraz, apesar da revolta do seu orgulho por ter de declarar se vencido.

E' então que, compadecendo-se de tanta loucura, Deus, como bom pai, lhe envia um raio de luz para dissipar as trevas do seu espirito e,

retirando-o dos caminhos de travesia em que elle se havia perdido, conduzi-lo á larga estrada, que o levará á verdadeira felicidade, ao templo onde brilha a verdade sem veu. Pela voz de seus arautos elle lhe faz dizer: «Não esmoreças; teu trabalho não está perdido; os thesouros que accumulaste, te serão conservados, pois elles são necessarios ao teu progresso.»

Sim, senhores, é a voz de Deus que nos leva ao conhecimento de que, além do mundo palpavel e contingente que apreciamos pelos nossos organs sensoriaes, existe um outro, presentido pelo passado, denunciado pelos videntes de todos os tempos, e que hoje se eleva pujante, manifestando-se nos por mil diversos modos e convidando-nos a estudal-o pelos meios, de que a sciencia já dispõe.

Por todos os pontos do planeta formigam os mediuns. esses intermediarios do mundo invisivel, vindo fornecer-nos a explicação do que suppunhamos sobrenatural.

Elles não constituem uma corporação distincta; a mediunidade não é um privilegio desta ou daquella classe social; ella invade todas as classes; ella busca dissipar os mysterios de todas as mentes, por meios adequados aos desenvolvimentos moraes e intellectuaes daquelles entre os quaes se manifesta.

A epoca dos milagres passou.

Nada existe no universo todo, que escape á acção das leis eternas e absolutas, estabelecidas pelo Creador; segundo as quaes todas as suas creaturas, qualquer que seja o reino natural á que pertençam, têm de avançar para o cumprimento dos seus destinos, que os estudos spiriticos nos vêm agora melhor fazer conhecer.

Embalde lutarão. O progresso tem de fazer se por nós mesmos ou apesar de nós.

Porque ainda repellem o spiritismo? Será por elle dizer-nos que a vida não se termina na tumba? que os que supponmos mortos, continuam a viver ao nosso lado e nos podem auxiliar com os seus avisos e conselhos? que cada um de nós é o fructo de suas proprias obras? e que acima de tudo existe um juiz, o unico infallivel, que dará a cada um segundo as suas obras?

Mas, onde encontrareis principios mais racionaes, e mais conformes com os sublimes attributos da Divindade? Que balsamo santo esses ensinos não derramam nos corações dos afflictos, dos já desenganados em suas illusões de encontrar a ventura neste mundo!

Além de tudo, esses principios não são novos. Vós os encontrareis dispersos pelo mundo, nas predicas dos grandes missionarios que têm vindo á terra, em diversas phases da vida da humanidade, para impellirem-n'a ao progresso.

O spiritismo não fez mais que reunil-os em um só corpo de doutrina; ensinar-nos o meio de regularmos a nossa comunicação com o mundo espirital, e della tirarmos todo o proveito possivel.

NOTICIARIO

Uma doutrina morta.—No *Religio Philosophical Journal*, de Chicago, de 10 de Dezembro ultimo, encontramos um artigo do Revm. Brook Herford, que offerecemos resumido aos nossos leitores:

«A doutrina da condemnação dos pagãos está morta; ninguém mais lhe presta credito, qualquer que seja a interpretação que lhe queiram dar.

Era uma doutrina que entenebrecia a vida, e não se podia coadunar com o amor christão, tão dôce, tão caritativo, tão puro, incapaz de ensinar que todo o mundo antigo, Egypto, Assyria, Grecia, India, China e tantos outros filhos do Deus vivo fossem lançados aos tormentos do inferno eterno.

Pensem nos espiritos elevados, nos homens que viveram, nos tempos que já foram, tão altos, tão nobres que seus nomes não se sumiram na voragem dos seculos: Zoroastro e Budha, o compassivo Confucio, e entre os Gregos, tantos philosophos e sabios que consumiram suas vidas em renhidas luctas em busca da verdade; e tantos heróes como os trezentos que cahiram ao redor de Leonidas, defendendo seu paiz contra as poderosas hostes da Persia.

E' possivel que todos elles não tenham merecido mais que o inferno? Haverá alguém que possa crêr, que Socrates tenha sido condemnado pela justiça divina?

Nenhum ensino derrama, como este, tanta desesperança no animo do homem. Espalhou-se e muitos crêram que o imperador Trajano só salvou-se pelas preces do papa Gregorio I.

O que, porém, mais me desgosta é vêr que acreditou-se, que essa myriada de anonymos que, desde o desolado Oceano Arctico, até os illimi-

tados planos tropicaes, sem deixar memoria, cresceu, afadigou-se, cumpriu a sua tarefa, educou sua prole, ensinou-lhe o dever, como ella o comprehendia, julgando o approximar-se de Deus e merecer uma vida melhor, não poude alcançar mais que o inferno. Como isto é horrivel! Felizmente seu tempo passou, e essa crença não é mais hoje aceita por ninguém.»

Nicolas Loff.—Deixou o envoltorio terreno esse grande athleta do Christianismo scientifico, presidente da Sociedade Spirita de Moscow.

Convencido da verdade da doutrina spirita, despiu-se dos preconceitos sociaes, e entrou na lucta da propaganda, em que conquistou immarcesciveis louros.

Que Deus lhe pague em ditas as dôres que alliviou com seus ensinos, as luzes que derramou com a sua propaganda.

Mediumnidade inconsciente.—Que de innumerous factos vão tendo sua explicação natural; quantas duvidas e receios vão desaparecendo, com a divulgação dos ensinos spiriticos!

Contou-nos uma respeitavel senhora, de apurada educação e alta hierarchia social, entre muitos outros, os seguintes factos que se deram com ella, e que foram testemunhados por outras pessoas:

Uma vez sonhava ella que um anjinho trazia a seu marido a sua nomeação para uma commissão importante, facto em que este nem pensava. Acordando sobresaltada, ella disse a elle seu sonho, o que fê-lo rir-se. Ao amanhecer vieram trazer uma carta, e a ama de seu filhinho foi com o menino recebê-la. A criança quiz por força segurar na carta, a ama consentiu, e foi ella quem veio entregal-a ao pai. Ao vêr isso, bradou a senhora: «Ah! Foi o anjinho que eu vi.» De facto, a carta era de um amigo, dando os parabens pela nomeação annunciada.

Outra vez, diante de varias pessoas, teve ella uma syncope, e ao tornar a si, disse ter visto sua mãe gravemente ferida e seu filho quasi louco. Suppozeram-n'a victima de alguma affecção cerebral; porém, cinco dias depois chegou da provincia a noticia, de que, passeando de carro sua mãe e seu filho, o carro quebrára uma roda, e com a queda sua mãe se ferira e seu filho, batendo com a cabeça, tivera uma congestão que o fez ficar vario por algum tempo.

E' um medium clarividente que, hoje convencido da realidade da doutrina spirita, pôde muito servir á santa causa, que defendemos.

Videncia.—Mrs. C. V. Jamison, de Nova Orleans, a auctora de varias obras, entre as quaes se conta a *Historia de um entusiasta*, apparecida ultimamente, possui uma natureza singularmente sensivel á acção do mundo invisivel.

Conta o *Boston Trowler* que, em sua ultima viagem a Boston, ella

narrára o seguinte curioso incidente de sua meninice :

Entrando uma vez na sala de sua casa, ella viu ahi commodamente assentado um homem trajando uniforme militar.

Como criança, não deu ella grande importância a isso, pois acreditou ser um amigo da familia. Depois, porém, perguntou á sua mãe quem elle era, mas nem esta nem alguma outra pessoa lhe poude responder, pois ninguém mais o havia visto.

Algum tempo depois, mostrando-se-lhe pela primeira vez, os retratos de seus avós, ella reconheceu em um delles o homem, que lhe havia apparecido na sala de sua casa. Seria um puro effeito da imaginação ?

Que caprichosa imaginação de menina que lhe pinta tão ao vivo um ente que ella nunca tinha visto, mas que realmente tinha existido, com todos os traços que a appareição lhe mostrára!

Confessemos: essa nova explicação é de mais difficil concepção que a natural e real. A menina, tendo o dom de videncia, viu o espirito de um de seus avós, que por sympathia visitava a morada dos seus.

Manifestação de um encarnado. — Não é impossivel a manifestação de um espirito ainda preso ao corpo, ainda sujeito ás contingencias da vida de relações: mas tambem não se podem dar facilmente essas manifestações.

É preciso que o manifestante esteja em condições especiaes, como as que se dão quando o corpo dorme ou está muito enfraquecido pelas enfermidades. Entre alguns factos que conhecemos dessa ordem, consta-nos o seguinte :

Ha dous annos falleceu nesta côrte D. Maria Balbina da Conceição Baptista, respeitavel senhora e crente confessa do spiritismo. Dous dias antes do seu passamento, estando perfeitamente acordado, viu o nosso amigo, o Dr. Quadros um espirito com a fórma perfeita dessa senhora, e suppondo que o seu passamento já se tivesse effectuado, dirigiu-lhe a palavra, aconselhando-lhe resignação pela sua separação dos entes queridos, com quem convivera; ao que ella respondeu que bem sabia o que isso era.

Desappareceu: aqui o importante do facto: á mesma hora, já muito fraca, a enferma despertou, dizendo á sua filha: estive agora mesmo conversando com o Dr. G. Apenas trocára o nome.

Foi sómente dous dias depois que teve lugar o seu desprendimento.

Uma importante conversão. — Lê-se no *Religio Philosophical Journal*, de 17 de Dezembro:

« O clero de Syracuse, no estado de New-York, sentiu-se abalado profundamente com a noticia de que, na edição especial do *Standard* de domingo, ia apparecer um artigo do Revm Ovid Miner, em que este ancião venerando, cujo saber e piedade ninguem ousava pôr em duvida, e cujo devotamento á igreja estava demonstrado por uma pratica de longos annos, declarava afastar-se della, no que se refere ao modo de interpretar a Escriptura, na parte que tracta da punição em uma outra vida.

É mesmo com as Escripturas e a Historia Sagrada que elle vem combater o dogma das penas eternas.

O que, porém, mais nos deve admirar é, que o clero se tenha mostrado mais escandalizado por ter elle escolhido o dia de domingo para fazer a sua publicação, do que por vir esta atacar um dogma fundamental da religião.

Empregaram todos os meios para dissuadi-lo; mas tudo foi inutil e o artigo appareceu.

A luz vai se fazendo; o dominio da letra succumbe e a voz da razão fortalecida pela sciencia, nos ha de conduzir á verdadeira crença, áquella que se estriba no raciocinio e no estudo, aquella que nos faz comprehender e amar a Deus pelo conhecimento da creação.»

Lumen. — É o titulo de um periodico semanal, democratico, scientifico e litterario que acaba de apparecer em San Martin de Provencals, Barcelona. Satisfazendo seu programma, entra desassombrado na propaganda do christianismo scientifico, do christianismo libertado das interpretações que o tornavam antagonico das idéas liberaes, que hoje dominam o mundo.

Saudamos ao novo campeão do progresso, desejando-lhe prospera jornada; e pedimos-lhe permuta.

A casa assombrada. — O *Religio Philosophical Journal*, de 10 de Dezembro ultimo, transcreveu do *Herald*, de Utica, estado de New-York, o seguinte:

«Kosterville, arrabalde de Lyonsdale, está prendendo a attenção dos lugares vizinhos pelos factos que ahi se estão dando em uma casa, dicta assombrada ou frequentada pelos mysteriosos habitantes do outro mundo. É uma grande e velha casa, onde o Sr. Mickin e sua esposa tinham estabelecido uma pensão burgueza.

Ha cerca de 3 annos ahi falleceu uma irmã da Sra. Mickin, e logo depois começou esta a ouvir uns sons, semelhantes aos gemidos da fallecida na hora do passamento.

Aos poucos foram esses sons se tornando mais frequentes, e chamaram tambem a attenção dos pais da Sra. Mickin e de outros moradores da casa de pensão.

Ha um anno falleceu ahi tambem seu pai, e os phenomenos começaram a variar e tornar-se mais seguidos. Diversos inquietos viram por si só mover-se uma cadeira, apezar de todos os esforços para contel-a em seu lugar.

Buscas rigorosas têm sido feitas, mas sem resultado algum.

Ultimamente a mãe da Sra. Mickin estabeleceu uma communicação por meio de pancadas convencionaes com o mysterioso visitante, e concluiu estar em relação com os espiritos de sua filha e de seu marido.»

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

Não cremos que assumpto algum possa ter mais attractivos para o pensador philosopho, para quem deseja conhecer o meio em que vive, do que aquelle que se refere ás manifestações do principio sensível, intelligente e activo dos animaes, desses seres que o orgulho humano despreza com tanto desamor, e em cujas vidas, entretanto, podia, muitas vezes, ir colher uteis lições de experiencia, constancia no trabalho, amor materno, e um sem numero de sentimentos altos, de que precipitadamente a maioria os julga incapazes.

Para o spirita esse estudo tem séria importancia, pois elle já sabe que nesses seres se aperfeicão o principio que, de degrau em degrau, de classe em classe, chegará finalmente á encarnação hominal.

Os animaes são nossos irmãos mais moços, educandos destinados ás grandes luctas do futuro, primeiro em mundos apropriados ás novas encarnações dos espiritos, que succumbem no começo de sua carreira, depois em outros cada vez mais elevados, atravez dos seculos, até, como nós,

como os que já são puros, attingirem á perfeição.

Com Plutarco nós cremos que os animaes, por terem uma intelligencia mais grosseira e um raciocinio mais defeituoso, não são destituídos das facultades do raciocinio e da intelligencia.

Com Lactancio acreditamos que o animal possui, em certo grau, as facultades do homem; com o Corão que todos os animaes, que se arrastam ou caminham sobre a superficie da terra, ou que vôam nos ares, formam comunidades como nós; e com S. Francisco de Assis que os animaes, nossos irmãos inferiores, nos precederam na terra e foram os nossos primeiros mestres.

Com Montaigne, Reaumur, La Fontaine, Georges Leroy e F. Cuvier cremos que os chamados brutos são intelligentes, e com Cabanis que existe uma relação intima entre a organização e as facultades intellectuaes de cada ser.

Quem observa e estuda, não pode crer que os habitos, a industria e as artes dos animaes não soffrem modificação alguma, desde que a natureza, como dizem, traçou-lhes um programma de vida.

Os animaes velhos são mais arditos que os novos; a ave que pela primeira vez construe seu ninho, o faz e colloca mal; é aos poucos que ella vai corrigindo sua obra, até conseguir o seu ideal.

Assim, pela acção repetida, das sensações, e pelo exercicio da memoria combinada com a reflexão, o bruto se modifica e é perfectivel, nos limites da sua organização.

As aves de rapina ensinam seus filhos a se atirarem no espaço, a pairarem, demorarem ou precipitarem seu vôo, a calcularem as distancias e lançarem se sobre suas presas. Vêde as andorinhas no momento da sua emigração: as mais novas que nunca viajaram, se preparam com alguns dias de antecedencia, fazendo evoluções multiplicadas de vôo em bandos; e só depois de muitas repetições e de estar terminada a instrucção, é que, ao signal convencionado, o grande exercito entra em movimento, conduzido por velhos chefes, de experiencia reconhecida.

Os peixes são dotados de uma intelligencia, que nada deve ás suas relações conosco, mas sim sómente á sua propria natureza. Elles sabem, quando a necessidade o exige, usar em seu interesse de uma habilidade verdadeiramente superior.

O lobo, tão avido de carne, faz longa aprendizagem de seu officio de carniceiro.

As manifestações intellectuaes estão nos animaes em relação com a sua organização, com o seu systema nervoso.

O reino animal pode ser dividido em cinco grandes ordens: a dos *protozoarios*, a dos *radiados* ou *zoophitos*, a dos *molluscos*, a dos *articulados* ou *anelados* e a dos *vertebrados*.

A organização dos primeiros, de uma simplicidade espantosa, consta apenas de células, não se podendo nelles descobrir órgãos distinctivos.

Até hoje pouco se pode dizer sobre as manifestações intelligentes desses pequenos seres. São tão rudimentaes e os nossos meios de observação ainda tão acanhados! Comtudo o microscopio já nol-os mostra movendo se com uma rapidez pasmosa, evitando os perigos que os ameaçam, e portanto já manifestando intelligencia.

(Continúa)

Conto sem pretensão

Sempre senti uma invencivel repugnancia á vista de um cadaver. Se eu fosse medico, creio que nunca accitaria o encargo de fazer uma autopsia; mas, não tenho remedio senão lembrar-me delles para offerecer-vos este conto

Não vos posso determinar a cidade em que me achava, mas isso não influe na moralidade do facto:

Éil-o:

Eu vi-me transportado a uma pequena sala, forrada de marmore, em cujo fundo havia um altar com uma imagem do crucificado de tamanho natural.

Ao longo das paredes corria uma fileira de mesas da mesma pedra, com pés de ferro, todas com as cabeceiras para a parede e os pés para o centro da sala.

Sobre uma dessas mesas achava-se o cadaver de uma mulher; e ao lado delle um homem ainda moço, um medico, fitava-o como nelle querendo ainda surprehender algum signal de vida.

Elle se cria só; mas recostado no altar eu vi um ancião respeitavel, trajando a toga de medico.

Seus longos cabellos, crespos e brancos, emolduravam uma fronte vasta, e em todos os seus traços physionomicos se liam as provas inculdiveis de uma alma energica e boa. Era um habitante do espaço. Seus olhos fitos no medico pareciam estar lhe suggerindo algum pensamento, contra o qual este reluctava.

Afinal, olhando para todos os lados para ver se alguém o observava, corando como se estivesse commettendo um crime, o joven collocou uma das mãos sobre a fronte do cadaver e a outra sobre o peito na altura do coração. Seus olhos se fitavam no crucificado. Passaram-se 10, 15, 20 minutos; mas então elle collocou o ouvido sobre o peito da morta. Teria surprehendido algum signal de vida, nesse corpo que ia ser sepultado? Sim, ligeiras contracções no canto da bocca, e alguns estremecimentos nas palpebras. Elle ergueu se, tomou a sua primitiva posição, mas no seu semblante se lia perfeitamente a esperanza do triumpho. A mulher abriu os olhos, seu coração pulsava, estava viva.

Depois conduziram-na d'ali; e o medico retirou-se tambem.

Então ouvi o velho dizer: «Infelizes os que sacrificam tudo aos preconceitos sociaes! Vistes este homem que acaba de conseguir uma cura tão bella? Pois elle tem vergonha do seu triumpho; pensa em occultal-o, porque receia que o chamem de charlatão. Que lucta tive de sustentar com elle para resolvel-o a salvar áquella pobre! Venceu; Vencemos. Deus se apiede delles.»

Todas as idéas novas são mal recebidas pelos homens; todos os que se incumbem de propagal-as, têm sido e serão expostos aos sarcasmos dos que não querem caminhar; por isso Deus dará muito áquelles que buscam fazer o bem, sem ligar importancia a esses tropeços que temtam impedir-lhes a marcha.

Trabalhai, trabalhemos. A verdade hade triumphar.

Freq.

SECÇÃO LIVRE

A morte aparente

Diariamente lemos nos obituarios publicados nos nossos jornaes fallecimentos por syncope cardiaca. Ora a syncope ou a suspensão subita e momentanea da acção do coração

com interrupção da respiração, das sensações e dos movimentos voluntários, pode ser consequência da apoplexia ou derramamento sanguíneo nas membranas, nos ventrículos ou, mesmo, na massa do cérebro; da asphyxia, em que o pulmão é o primeiro órgão affectado; ou de outras causas.

A's vezes, porém, a enfermidade começa por essa paralyzação do coração, e o sangue não mais chegando ao cérebro, a acção deste ultimo organo se aniquilla, interrompendo as sensações, a locomoção, a respiração, etc.

Qual a causa dessa paralyzação do coração? é uma questão bem digna de estudo.

Será a syncope uma enfermidade, ou sempre a consequência, um symptoma de outra? A ser assim, era esta que devia ser procurada para ser convenientemente combattida.

Será a syncope cardiaca o resultado de grandes perdas do fluido nervoso ou vital? Nós o cremos; e é por isso que nos occupamos com esta questão.

Na catalepsia tambem todas as manifestações da vida, sem que cessem de dar-se, tornam-se inapreciáveis aos meios, de que a sciencia dispõe: as pulsações do coração são nos então imperceptíveis; e no cataleptisado se mostram todos os symptomas da morte, a ponto de illudir aos mais expertos.

Qual a differença da syncope cardiaca para a catalepsia? Os phenomenos que se apresentam, são os mesmos e, portanto, da-se com ambas o mesmo perigo do sepultamento de pessoas vivas.

Esta questão está sendo estudada em toda parte, e ainda ultimamente, segundo o *Med. and. Surg. Reporter*, foi discutida em uma sessão do Congresso dos cientistas allemães; onde o Dr. H. Frank fez conhecer o processo, á que já elle deve varias curas. Ao emprego da electricidade, que diz produzir um choque, que pode ser fatal, elle prefere bater fortemente com a mão sobre a caixa thoraxica do enfermo, na altura do coração, até que se manifestem os phenomenos do despertar da vida, que começam geralmente por ligeiros estremecimentos das palpebras ou dos cantos da bocca.

A este processo, que tambem se nos afigura violento, julgamos preferível a magnetisação ou hypnotisação. Aqui não ha o perigo do choque forte que a electricidade pode produzir; a acção é lenta e dóce; e por ella o coração, sem abalos, recebe a força que lhe faltava para restabelecer a circulação.

O operador sentirá diminuir suas forças com a perda de parte do seu fluido, mas com facilidade pela respiração elle conseguirá restabelecer o equilibrio em seu organo em muito pouco tempo.

O magnetismo animal é um dos mais poderosos agentes therapeuticos conhecidos; e as curas por elle effectuadas se contam diariamente por centenas de milhares.

Além disso, todas as vezes que o operador trabalhar com a firme vontade de praticar o bem, de alliviar as dores de seus semelhantes, seus amigos do espaço virão em seu auxilio, quer elle creia quer não em tal intervenção.

Estudo sobre fluidos

PERISPIRITO
(Continuação)

III

PERCEPÇÃO, SENSACÃO E SOFRIMENTO
DOS ESPIRITOS

Já tratamos da existencia do perispírito e de suas propriedades; hoje procuraremos estudá-lo como o agente physico-pelo qual o ser espirital se manifesta por factos sensíveis, intellectuaes e voluntarios.

E como a cada uma dessas grandes classes de factos corresponde uma faculdade da alma, estudaremos a sensibilidade, o entendimento e a actividade.

Principiemos pela sensibilidade, que pôde ser physica, moral ou intellectual; physica, se ella refere-se ao organismo corporal; moral, se affecta o ser no seu moral; intellectual, se refere-se a algum phenomeno da intelligencia.

Todas as faculdades e os phenomenos que ellas produzem, têm como centro commum a propria alma.

A consciencia afirma que não ha um ser que sinta, outro que pense e um terceiro que queira.

Convém notar que as operações da alma, isto é, o exercicio de suas faculdades, manifestam sempre actividade; quer ella passiva receba as impressões pela sensibilidade, quer activa produza actos pela vontade, quer activa e passiva tenha idéas pela intelligencia.

E', portanto, a alma e sómente ella quem sente, quem conhece e quem quer.

No homem o mecanismo pelo qual a alma recebe uma sensação, compõe-se de tresapparehos, que são um receptor, o outro transmissor e um terceiro perceptor.

A impressão feita sobre o órgão transmite-se pelos nervos até o cérebro, e ahí operada a impressão cerebral, a alma accusa uma sensação.

O facto physiologico é a impressão cerebral, sendo a sensação o facto psychologico, que é attestado pela consciencia.

A impressão é um modo do corpo como a sensação é um modo da alma: esta tem a percepção da sensação, e sendo ella um effeito, a alma a guarda com maior ou menor firmeza, conforme o grau de sua actividade.

Assim, se a alma ligada ao corpo material, soffre uma dor por intermedio do organismo, conserva a sua percepção, pois que ella é um effeito; e quando separada d'elle, mas presa á materia fluidica do perispírito, continúa a conservá-la por um acto de memoria, sentindo a mesma dor como se estivesse ligada ao antigo corpo.

Muitas vezes a lembrança e a apprehensão de uma dor physica produzem effeitos, como se fossem reaes. As pessoas que soffrem amputações não accusam dores nos seus membros que já não existem? Não é verdade que a apprehensão de um mal apparente pôde provocar sensações dolorosas e até occasionar a morte? Não se tem visto em tempo de epidemia, pessoas que se deitam em leitos onde presumem terem morrido doentes, serem acommetidas do mesmo mal? O condemnado a quem os medicos fizeram crer que lhe tinham aberto as veias, vendando-lhe os olhos e deixando cahir-lhe sobre os braços agua aquecida, para que elle cresse n'um extravasamento de sangue, não apresentou todos os symptomas que apresentaria, se o facto fosse real? Porque perdeu as côres, desmaiou, teve suôres e sobreveio-lhe a morte?

Só pela apparencia o principio intelligente vivamente impressionado

teve percepção do mal, pois lhe conhecia as consequencias. O effeito manifestou-se porque, como já dissemos, a percepção é sempre um effeito. Estes exemplos provam que a alma pôde sentir dores, ter apprehensões e até agir sobre a materia grosseira do nosso mundo independente do organismo.

Para que a alma sinta basta que tenha percepções; portanto as sensações não se localizam no organismo; um membro offendido não guarda em si sensação de dor: o cérebro recebe as impressões, a alma as sente e as conserva.

Agora já se torna facil comprehender como os espiritos podem sentir; como elles, sem órgãos materiaes, podem receber sensações por intermedio da materia perispiritica de seus corpos.

Já antes dissemos que o perispírito era o laço, que unia o espirito ao corpo para constituir o homem; que elle era formado de materia etherea, subtil; agora diremos ser elle o agente das sensações exteriores. Como, porém, os espiritos não possuem, como nós, órgãos especiaes para localizar as sensações, elles as sentem de um modo diverso. N'elles a sensação não é localizada; elles não soffrem mais em uma parte que n'outra. Seu soffrimento é geral, entretanto não é uma dor moral como o remorso, a ira ou o desespero; é um sentimento intimo, alguma coisa de vago que, ás vezes, o proprio espirito não comprehende nem sabe explicar, pois não é uma dor physica propriamente dicta.

As vibrações moleculares chocando o todo produzem impressões differentes das que nós sentimos, por isso as percepções modificam-se, e os espiritos podem ouvir, vêr e conhecer sem necessidade de órgãos especiaes.

Nas manifestações hypnoticas, no somnambulismo artificial, nos phenomenos da lethargia dos sentidos pela acção dos anestheticsos o principio intelligente tambem ouve, vê e conhece sem necessidade de órgãos sensitivos.

A intelligencia não sendo uma força organica, nem uma propriedade da materia organizada, se manifesta independente dos sentidos. E' assim que o espirito vê sem necessidade da nossa luz, pois que a faculdade de vêr está na alma, é um attributo seu.

O espirito pela natureza de sua constituição e meio em que vive, pôde receber maior numero de vibrações que os nossos olhos. Nós não vemos todos os raios do spectro; os infra-vermelhos não têm acção sobre a retina e, no entanto, são os mais quentes, e o thermometro os aprecia.

As experiencias do illustrado professor Tyndall mostraram, que elles levavam á incandescencia laminas de platina. Assim o nervo optico tão sensível á luz não recebe as vibrações dos raios infra-vermelhos e ultravioletas. Isso prova que o homem só percebe effeitos de luz segundo um limitadissimo numero de vibrações.

Não acontece o mesmo aos espiritos que, como já dissemos, por sua natureza e meio em que vivem, recebem muito maior numero e podem vêr na obscuridade, tanto mais quanto forem elles mais elevados, educados e intelligentes.

Os espiritos não tendo órgãos sensitivos podem, contudo, tornar nullas ou activas as suas percepções. Assim em determinadas circumstancias, podem pela poderosa acção de sua vontade modificar a natureza de seus corpos, tornando-os visíveis ou invisíveis.

S. DIAS.
(Continúa).

O spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA

Pelo Dr. E. Quadros

(Continuação)

Para demonstrar-vos como as interpretações humanas alteram as verdades trazidas pelas revelações, basta dizer-vos que os Chinezes, que admittem que, morto o corpo, o espirito se vai reunir ao principio donde sahira, isto é, perde a sua individualidade; acreditam na manifestação dos espiritos dos antepassados, e lhes votam um culto, desde os tempos do imperador Ti-ko, 2436 annos antes da nossa era, para o que é necessario que esses espiritos conservem a sua individualidade.

Segundo elles, o mundo espirital precedeu ao material, o céu visível é uma imagem do invisível, e os espiritos influem muito nos destinos dos homens.

A escola de Tao-sse crê que as verdades moraes e religiosas foram reveladas ao homem por mensageiros de Deus.

Finalmente para mostrar-vos a alta ideia que esse povo forma da Divindade; contrariamente ao que suppozem certos auctores modernos, baseados em observações muito superficiaes, basta-nos recordar-vos o conselho, que, no anno 2:250 antes da era christã, deu o imperador Chum a Ju, quando nomeou-o presidente das ceremonias do culto: « Lembrai-vos de que o primeiro dever do vosso cargo está no coração; que o céu sabe tudo: que um exterior hypocrita offende-o; que elle, justo e equitavel, recompensa á virtude e castiga ao vicio; e que apezar da distancia immensa que d'elle nos separa, com elle nos communicamos pela virtude. »

...

Os Aryanos, esse tronco robusto da maioria dos povos que hoje figuram no mundo, tinham no começo uma religião monotheista, que depois foi muito adulterada pelas interpretações humanas, tendentes a pol-a de harmonia com os progressos de sua civilisação e com os novos interesses de sua vida terrenal. Os phenomenos naturaes, principalmente os atmosphericos, passaram a ser considerados como outros tantos deuses.

Zoroastro, porém, apresentou a sua reforma pelo anno 2:300 antes do Christo, a qual veio produzir uma grande sisão no seio d'esse povo; indo os seus adeptos para a Persia e para a Media, donde a sua doutrina, mais ou menos alterada, propagou-se por toda a Asia occidental; emquanto os seus contrarios tomaram o caminho da India, onde foram entrar em relações com os Cuschitas, cuja civilisação adiantada muito modificou-lhes as ideias que traziam.

Para Zoroastro, esse precursor do Floismo de Abrahão e, portanto, do Mosaismo e do Christianismo, Deus era invisível e immaterial; ninguém podia dar d'elle uma ideia sensível: os phenomenos moraes da ordem mais elevada, as mais sublimes virtudes sómente nos podiam fazer antever suas perfeições.

Os Persas admittiam as revelações successivas, conforme as necessidades da humanidade; que, morto o corpo, o principio que o animava, não morria, mas resurgia do seu sepulcro de carne, para ir viver no seio de Ormuzd, o principio do bem, sempre em lucta com Arhiman o principio eterno do mal. Elles crêram depois, com os progressos de sua civilisação, que o principio máu tambem se regeneraria um dia, e que Arhiman iria ser tambem feliz nos braços de Ormuzd.

X...

Assim, para elles, como para nós, tudo era susceptível de melhoramento, tudo tinha de attingir á perfeição. E' uma ideia grandiosa que os apóstolos do Christo consignaram em seu credo, dizendo-nos que *todos os peccados serão remidos*.

Os espiritos eram para elles os agentes d'essas duas divindades, e Mithra era o espirito encarregado de pesar as almas dos mortos, e conduzir os justos á presença de Ormuzd, á morada dos felizes.

Essa ideia de os crimes influirem no peso das almas é tambem pregada e melhor explicada pelo Spiritismo, que ensina que o espirito, á medida que se aperfeiçoa, vai expellindo de seu perispírito os fluidos pesados que limitavam suas faculdades, e torna-se mais leve, ao mesmo tempo que mais puro.

Já vimos como a religião dos Hebreus sahio do mazdeismo primitivo, pelos Medos levado á Babilonia, quando a familia de Abrahão residia em Ur, uma das capitães da Caldéa.

E' ainda do mazdeismo que, por occasião do captiveiro de Babilonia, os Judeus tiraram a ideia da existencia de Satan, personificação do mal, dos vicios que degradam o homem e o fazem soffrir.

Os Judeus criam na comunicação dos espiritos, e evocavam-nos para se aconselharem com elles, como nól-o demonstram os estudos de Huxley, publicados na *Revista do Seculo Nono*, de Londres.

Não cessam nossos irmãos, adeptos intransigentes da letra da Biblia, de citar, como arma de combate contra o Spiritismo, a prohibição feita por Moysés ao seu povo de consultar os mortos sobre os negocios dos vivos.

Ha uma falsa interpretação da palavra *mortos* nessa citação. Jesus tambem disse: «Deixai os mortos sepultarem seus mortos.»

Ora, ninguém acredita que elle aconselhasse, que abandonassemos os cadaveres dos nossos parentes, para que os espiritos os viessem sepultar. A palavra *mortos* ahí, como na prohibição de Moysés, significa os descrentes, os amantes cegos dos gozos terrenas. Não consulteis aos pythons e os adivinhos, que são os mortos da nossa crença, queria elle dizer; não lhes peçaes conselhos sobre as cousas da vida eterna, porque elles vos podem transmittir ideias falsas, e desviar-vos do culto puro que deveis ao Senhor.

Os Aryanos que se estabeleceram na India, no principio divinavam tudo, o que lhes feria os sentidos, e adoravam ás forças da natureza como outros tantos seres distinctos. Depois, porém, os grandes problemas da origem do mundo, do termo e do fim da existencia, constituiram o objecto de suas profundas meditações.

Elles não erguiam templos, nem fabricavam imagens, e faziam seus sacrificios e abluções nas margens dos seus grandes rios. Elles acreditavam que os espiritos dos bons iam, depois da morte do corpo, viver entre os deuses no céu, ou continuavam a vagar entre os homens, conservando-se sempre presos a um corpo subtil.

Eis, senhores, o perispírito admitido pelos spiritas, corpo fluidico, ainda que menos rarefeito que o fluido espiritual, e que acompanha a este em seu movimento ascencional, rarefazendo-se e purificando-se sempre

A existencia desse corpo fluidico, sustentada pelos Hindús e pelos Spiritas, teve tambem apologistas em outros tempos, entre os quaes Her-

més, Santo Hilario, S. Justino, S. Clemente de Alexandria, S. Cyrillo, Arnobio, S. Gregorio de Nazianze, S. Gregorio de Nysse, S. Ambrosio, S. Bernardo, João de Thessalonica, S. Athanasio, S. Bazilio, S. Irineu, Leibnitz, Origenes, S. Paulo, etc.

(Continúa)

A casa malassombrada

Romance de costumes sertanejos pelo

Dr. A. Bezerra de Menezes

(Continuação)

Qual, Thomé! Meu tio Estevão não é homem de fugir de caretas; e entretanto quasi ficou louco, só por ter chegado á meia-noite perto de uma dessas malditas casas.

E' porque sinhô moço Estevão, apesar de valente, acredita em almas do outro mundo.

E tu não acreditas?

Sinhô moço crê nessas historias?

Certamente; e não ha de que te admirares.

Não te lembras do que aconteceu á minha mãe quando morreu meu irmão Antonio nos sertões de Caratheus, assassinado pelos Mourões?

Não te lembras que ella, tres mezes antes de chegar a fatal noticia, viu meu irmão banhado em sangue, que lhe corria do ferimento do peçoço?

Era, ou não, a alma de meu irmão que lhe apparecia? Era, ou não, uma alma do outro mundo?

Qual, sinhô moço, aquillo foi sonho de minha Senhora, que a gente quando morre vae para o fundo da terra, para nunca mais sahir da cova.

Sonho! Como ser sonho a visão perfeita de uma scena que se passa a 300 leguas e em que nem se cogita?

Eu não sei lá como é isso; mas contanto que não posso acreditar nessas cousas. Os sabios devem explicar-as de modo que as almas não fiquem zangadas e nos deixem em paz.

Os sabios, Thomé, pouco ou nada sabem dessas cousas; e os factos que se vêm, explique-os como quizer a sciencia, são sempre os que se vêm e como se vêm.

Sobre o caso que se deu, da appareção de meu irmão morto á minha mãe, os sabios inventam theorias—de dupla vista—de magnetismo—de somnambulismo; mas tudo isso é imaginativo, é hypothetico, não passou pela prova experimental.

Será, ou não será; mas o que não soffre duvida é que meu irmão appareceu á minha mãe.

E eu perguntarei a esses senhores que repellem as appareções das almas, só por negarem a existencia do espirito; eu lhes perguntarei o que é mais incrível, mais maravilhoso, mais immaterial: vir o espirito do morto fallar-nos, ou simplesmente apparecer-nos; ou atravessar a nossa materia espaços de centenas de leguas e assistir, como presente, ao que alli, a tão longas distancias, se está passando, e com todas as circumstancias com que se dão os factos?

Nega-se o que é mais natural, para sustentar-se o que é inverosimil!

Sinhô moço pode dizer o que quizer; mas eu não acredito em historias do outro mundo, de que ninguém voltou cá para dar noticia.

Olhe. Eu tenho mais medo de passar agora de noite pelo boqueirão da serra da Ignez, do que de hir dormir na tal casa malassombrada.

Cá, no boqueirão, corremos o risco de sermos atacados pelas onças, que abundam naquella serra,

Lá, na casa, havemos de encontrar alguma raposa, ou gato do matto, ou jacurutú, que se tem aboletado no deserto* predio, e que com seus miados e piados assustam os espiritos dispostos a explicarem tudo pelo sobrenatural.

E a prova vamos ter hoje, do que muito me alegre; porque sempre desejei encontrar-me com uma alma do outro mundo, e ha muito que procuro ter occasião de penetrar nas afamadas casas malassombradas.

Hoje é dia de desassombrar esta.

Deus queira, Thomé, que não vás procurar lan e venhas tosquedo.

Deixe o negocio por minha conta, sinhô moço, que eu lhe apresentarei a alma do outro mundo enfiada no meu facão.

Emquanto assim fallavam, hiam os dous caminhando epuchando pelos cavallos áfim de vencerem a distancia de seis leguas, para o que lhes não sobrava o tempo, visto que já tinham dado seis horas da tarde.

O leitor já conhece as idéas dos dous interlocutores com relação ao assumpto que se prende ao titulo deste romance.

Dir-lhe-hei, agora, em duas palavras quem erão elles.

O moço, Leopoldo Dantas, era filho do coronel Dantas, senhor do engenho de Mageiro, em Pedras de Fogo.

De mediana estatura, musculoso, cabellos castanhos e olhos pretos, physionomia attrahente, côr morena, requeimada pelo sol do sertão, era dotado de uma força de energia pouco vulgar.

O cabra era escravo do coronel, seu fiel, de trinta e cinco annos de idade, robusto como um touro e valente como um tigre.

O coronel confiara-lhe o filho, que elle adorava, na viagem que fôra obrigado a fazer pelos sertões.

Depois de estender-se por immensos taboleiros arenosos, cobertos de capim mimoso e panasco seccos, a estrada geral, que liga os sertões de Pernambuco, Parahyba do Norte e Ceará, penetrava, pode-se dizer: desapparecia, n'uma matta espessa, cujas arvores se tocavam pela coma, formando uma especie de abobada de tunnel, por baixo da qual, defendidos dos ardores do sol, viajavam agradavelmente os innumerables freguezes da unica feira daquellas provincias, e do emporio de seu commercio, a cidade do Recife.

Inumeros eram, com effeito os viajantes que e percorriam aquella longa estrada, da qual, partiam para as villas, povoados e sitios lateraes, estradas e caminhos subsidiarios.

Todo o gado creado nos vastissimos campos do Parahyba ao S. Francisco, não tinha outro mercado se não Pedra de Fogos, salvo o que divergia, em numero insignificante, para as capitães do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba.

Todo o commercio de fazendas e molhados vinha para aquelles vastos sertões, em troca do gado vivo e de couros e solas, que exportavam da capital de Pernambuco.

Calcule-se, sómente por esse movimento commercial, sem contar mesmo, o dos pontos intermediarios, quão grande não devia ser o transito pela estrada geral, que se extendia do Recife á Pedra de Fogos, na Parahyba—da Pedra de Fogos á Caicó, pela ribeira do Seridó, no Rio Grande do Norte—do Caicó, pela ribeira do Riacho dos Porcos e pela do Apody, no Riacho do Sangue, no Ceará—e d'ahi, pelas ribeiras do Quixeramobim e Quixadá aos Inhamuns e Caratheus, limites do Piahy.

Passado o tempo das aguas que, naquella vasta região, regula de Janeiro a Junho—seccos os rios de

modo a se poder viajar sem necessidade de atravessar nem uma corrente, todos os creadores (e todos aquelles campos estão cobertos de criação) começam a despejar de suas fazendas o gado vendavel, bois e vaccas velhas.

De todos os pontos das referidas provincias convergem para a estrada geral as boiadas do Snr. Capitão—do Snr. Major—do Snr. Coronel—do Capitão-mór—do Sargento-mór desta—daquella—de innumerables ribeiras.

A grande estrada está orlada de habitações, quando não são fazendas, onde é de rigor haver grandes curraes para gado vaccum, e rancho para viajantes, embora os donos das casas seão sollicitos em chamar á sua hospitalidade os que pedem pouso em seu sitio ou fazenda.

As boiadas atravessam a longa distancia fazendo curtas viagens, pois que as habitações, com rarissimas excepções, não distam umas das outras mais de 1, 2 ou 3 leguas.

Ao romper do dia, o gado recolhido nos curraes de um daquelles pontos, põe-se em marcha pelos campos cobertos de pastagem e cortados de riachos e rios, onde ha pozos naturais, e vae comendo e andando para diante lenta e naturalmente, até que ao anoitecer tem vencido a distancia que vae do ponto de partida ao calculado para novo descanço.

Por esse modo, sem cançar e sem emagrecer, uma boiada vence a longa distancia do Piahy á feira e vae ainda d'ahi para o Recife, ou para a Bahia, por conta dos marchantes.

E' raro ficar em caminho uma rez estropiada. E se tal caso se dá, pode-se dizer: que é em consequencia de não ter a boiada bons conductores.

Estes são em numero de 3 ou 4 para cada uma, que não deve exceder de 100 á 120 cabeças—e fazem o improbo serviço por uma bagatella. 20\$000 ou 30\$000 por viagem.

Uma boiada bem conduzida não perde nenhuma cabeça na viagem e não faz senão a despeza dos conductores, pois que não se pagam os pousos.

Ha, entretanto, dois perigos para o boiadeiro, que nenhum zelo, nem a maior pericia podem evitar.

E' a peste, chamada «mal triste» e os arrancos que são pouco frequentes, mas que são terribes.

O mal triste tira o nome do estado que apresenta a rez accommettida da molestia.

A rez atacada daquelle mal, ou do carbunculo que é rarissimo, não escapa e contagia a boiada.

O boiadeiro sangra a que conhece affectada, e queima-a até reduzi-la a cinzas.

Usa tambem, como meio prophylactico, de fazer nos curraes fogueiras com plantas aromaticas, de que tira muita vez o resultado de fazer parar a epyzootia.

Se isto não consegue, pode dar por perdida a boiada.

Os arrancos, o mesmo que se dá com a cavallada no Sul, consiste em tomar-se o gado de um panico, por qualquer cousa, ás vezes, porque meia duzia de rezes, mordidas pelo maribondo, arranca em desespero, e dahi uma disparada infrene, que não cessa senão quando as rezes ficam extenuadas.

E' horroroso assistir a um arranco, quer esteja a boiada pastando nos campos, quer esteja recolhida ao curral.

(Continúa)

REFORMADOR



ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Club Gymnastico n. 17

ANNO VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Março—1

N. 127

EXPEDIENTE

São nossos correspondentes na cidade do Rio Grande do Sul o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro, e em S. Paulo o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

Em sessão de 17 do mez ultimo foi lançado na acta um voto de agradecimento aos Srs Lima e Cirne, André Pourroy, Dr. Barros Leite, Santos Moreira, Valerio O. Vieira e Grupo Spirita Fé e Caridade, por intermedio do Sr. Abalo, pelos donativos com que auxiliaram a sociedade na sua obra de reorganização.

São convidados os Srs. socios da Federação Spirita Brasileira a comparecerem na sala de suas sessões no dia 2 do corrente, ás 7 horas da tarde, afim de proceder-se á eleição da nova directoria, de conformidade com o que prescreve o regulamento.

A HORA SE APPROXIMA

A arvore gigante do spiritismo, brotada das sementes espargidas pelo Christo ha dezenove seculos, depois de lançar fundas raizes, ergue hoje aos céus sua copa magestosa, offerecendo grata sombra e um seguro abrigo aos tristes que fogem intimidados, á vista da crise medonha e dos formidaveis cataclysmos que estão abalaudo o mundo; ultimos arrancos de um passado que se esborôa, aurora risonha de um futuro de regeneração, de paz e harmonia.

Ao choque impetuoso do vento das tormentas suas flores se despregam e alcatifam o solo, impregnando o ambiente de gratos aromas que, como os pensamentos dos simples de coração, se elevam aos pés do Eterno, do seio dessa desordem que provocam-lhe em torno as paixões desenfreadas dos cegos adoradores dos bens mundanos.

Homens! São passados dezenove seculos desde o dia em que, no pequeno paiz da Judéa, no tempo do reinado de Tiberio Cesar, sahiu do deserto uma voz forte e poderosa, convidando os homens, e arrastando-os por seu invencível ascendente moral, a fazerem penitencia, lavarem se das maculas do passado, libertarem-se do jugo de suas paixões brutaes, e franquearem o caminho ao enviado dos céus.

Não era um grande, um potentado na hierarchia mundana; não era um sabio reconhecido e venerado pela

vaidosa sciencia dos homens; mas um pobre eremita, um selvagem que, inspirado pelo sopro divino, se elevava para combater os costumes corruptos do seu tempo, e chamar o mundo ao cumprimento das leis santas que Moysés recebera no Sinai.

Esse homem rude, esse selvicola, tão pequeno, segundo o padrão pelo qual costumamos medir nossos semelhantes, era, como affirmou-o Jesus, o maior de entre os nascidos da mulher, o precursor inspirado do Messias; era João o-Baptista, filho de Isabel e Zacharias, e, segundo Jesus, o proprio Elias que os prophetas haviam prometido dever marchar em sua frente, para desbasta-lhe os caminhos, isto é, para dispor os animos a receberem os ensinios que o Eterno lhes enviava.

Era o tempo em que da lucta das religiões com a philosophia tinha nascido a descrença, que ia com seu sopro gelido asphixiar todas as aspirações generosas, matar todas as esperanças e lançar a sociedade nos braços de inevitavel dissolução.

Lancemos os olhos sobre a sociedade hodierna, e facil nos será descobrir, sob o manto brilhante de seu tão apparatuso progresso nas sciencias, nas artes e na industria, os symptomas infalliveis do mal que lhe corrôe o seio.

A sciencia materialista, transpondo as raias em que devia deter-se, tirando consequencias exageradas dos factos e leis por ella observados, lançou de novo ao mundo os germens da descrença, que nos arrastaria a um abysmo, se a mão d'aquelle que vela incessante sobre a obra do seu amor, não se estendesse, applicando-lhe o balsamo que ha de restabelecer-lhe a saúde, e conduzir-a ao caminho que a levará ao seu destino.

Era tempo de chegar a nova revelação promettida por Jesus; e novos Baptistas, a phalange innumeravel dos grandes espiritos do Senhor se abala, e vem annunciar ao mundo tão agitado a proxima vinda do Espirito de verdade, isto é, dos ensinios complementares e explicativos da doutrina do Christo.

São elles que nos dizem: Os tempos são chegados. Vede os signaes predictos. O enviado celeste se aproxima. Lavai-vos, purificai-vos para o poderdes receber.

Estai attentos, pois não sabeis a hora em que elle chegará. Conservai-vos promptos, afim de que em vossas lampadas não falte o oleo, quando bater á vossa porta o promettido das nações.

Não temais as iras e as perseguições dos espiritos encarnados ou desencarnados que vos odeiam; infelizes cegos no meio de tanta luz! A hora do arrependimento ha de soar tambem para elles, e humildes e contrictos terão de dobrar-se á lei do progresso.

Temei sim esses inimigos occultos, que nasceram e se desenvolveram em vossos seios: o orgulho, a vaidade, a inveja, a ambição, e esses tantos vicios, pelos quaes vos deixais arrastar a um futuro de dôres e expiações, que será para vós um verdadeiro inferno.

Amai-vos; praticai a caridade; sede humildes e bons, resignados e doceis, e merecereis a benção do nosso pai celestial.

NOTICIARIO

A verdade ha de apparecer

—Esplendidos e numerosos artigos-protestos estão apparecendo em diversos jornaes da Europa e da America, e mesmo volumes, contra a precipitada decisão da commissão nomeada pela Universidade de Pensylvania, condemnando os phenomenos spirititicos, como fructos do embuste e do charlatanismo.

Entre outros escolhemos, para apresentar, em resumo, aos nossos leitores, a carta que publicou a *Tribuna Republicana* de Madville (Pensylvania), e que foi dirigida á douta corporação pelo Sr. A. A. Richmond, formado em medicina e jurisprudencia, homem que tem feito notaveis conferencias sobre chimica e physiologia, e que, sendo intimo amigo do prestidigitador Anderson, foi por este iniciado em todos os segredos de sua arte.

Um amigo seu, homem leal, intelligente e circumspecto, mostrou-lhe, ao voltar de Cassadaga, uma communicação obtida sobre ardosias, que parecia dirigir-se a elle e vinha assignada por um morto, a quem elle votára sincera amizade.

Com o auimo bastante prevenido, contando com certeza descobrir alguma fraude, partiu o Dr. Richmond para Cassadaga. Ahí encontrou uma reunião numerosa de pessoas serias e intelligentes, que como elle vinham em busca da verdade; mas a descripção que lhe fizeram dos factos por elles observados lhe pareceu não exagerada, tão fóra do natural, que elle confessa haver intimamente las timado tanta credulidade.

Compareceu elle tambem na casa do medium, e desconfiando de que

esse se tivesse preparado para receber-o, levou comsigo um jogo de ardosias, que elle nunca abandonou.

Escreveu sobre diversos papeisinhos varias perguntas, enrolou-os e misturou-os, de modo a elle proprio os não poder distinguir; collocou-os diante de si sobre a simples mesa de pinho, posta no centro da sala, perfeitamente esclarecida pela luz que entrava por todas a janellas.

Collocaram um pedacinho de lapis entre as duas lousas, que elle segurou com força, e nas quaes o medium apenas tocava com a ponta dos dedos. Tendo puxado um dos papeisinhos para juncto de si, sentiu o Dr. Richmond que o lapis escrevia entre as lousas, e ao abril-as encontrou uma resposta categorica á pergunta que elle fizera no papel, e que o medium desconhecia inteiramente. A resposta era assignada pelo mesmo nome que assignára a communicação, que o seu amigo lhe havia mostrado, e a lettra era a dessa pessoa que elle bem conhecera em vida.

Não satisfeito, fez ainda segunda experiencia, e o resultado foi obter a resposta da pergunta que fizera em outro dos papeisinhos que elle puxára para junto de si.

Retirou-se, mas, lembrando-se das recommendações feitas pela commissão em seu relatorio, o Dr. Richmond marcou as suas lousas, e foi á casa de um outro medium. Escreveu nos papeisinhos os nomes de diversas pessoas fallecidas, e segurou suas lousas bem seguras. Antes, porém, de ir ter com o medium teve elle uma conversa com alguns amigos sobre Seybert, cujo legado em verba testamentaria foi a causa de toda essa questão. Apenas o medium tocou nas lousas com as pontas dos dedos, sentiu o consultante que havia uma força extranha, que lh'as queria arrebatar das mãos. O medium declarou-lhe que ahí se achava um outro espirito, que não consentia que se manifestasse aquelle que elle evocára. « Pois, deixai que esse outro se manifeste, » disse elle; e logo o lapis escreveu o seguinte:

« Senhor, esforçai-vos para combater o erro, em que cahiram os meus commissarios. Elles não foram fieis. —Seybert.»

Essa carta, demasiado longa para podermos transcrever-a aqui, escripta por um homem de probidade reconhecida e possuidor dos conhecimentos precisos para ser juiz em tal questão, encerra uteis conselhos aos commissarios nomeados pela Universidade, e põe bem patente o erro em que elles cahiram.

Obsessão pelo fogo.—Do *Messenger* de Liège resumimos o seguinte, por elle transcripto do *Herald* de Boston de 7 de Agosto ultimo:

Os habitantes da cidade de Woodstock andam sobressaltados por causa de seguidos incendios espontaneos, que se têm manifestado na casa occupada pelo Sr. C. Hoyt e sua familia.

Sem causa alguma apparente, o fogo se mostra nos objectos mais pa-

tentes ás vistas de todos; ora é a cortina de um leito, ora a cesta das compras, uma camisa suspensa de um cabide, etc.

Estavam muitas pessoas examinando cuidadosamente os aposentos em busca da resolução de tão extraordinario problema, quando de um sofá de mola, forrado de couro, começou a sahir fumo; o fogo estava ateado no interior do movel.

O Sr. James Walls, edictor principal de um jornal do lugar, indagava do facto, conversando com o dono da casa, quando ás vistas de ambos incendiou-se a cortina de uma janella.

E' prudente e de bom aviso não attribuir aos espiritos tudo o que de mal nos acontece; porém, as circumstancias extraordinarias que acompanham o facto, nos fazem pensar na possibilidade de uma perseguição a essa familia por parte de um inimigo invisível, que, evocado convenientemente e bem aconselhado, talvez abandone seu malevolento intento.

Vidência e audição.—O que vamos contar passou-se ultimamente no grupo spirita *Santo Agostinho*, que funciona nesta Côrte, na praça de S. Christovão: Em conversa com um amigo, dissera o Sr. Dr. S. M., juiz de direito da comarca de ***, que era positivista de convicção, mas que, se o espirito de sua mulher se lhe manifestasse, de modo a elle ter a certeza de ser ella, não trepidaria em crer na sobrevivência e communicabilidade dos espiritos. Convidado para ir ao grupo acima referido, elle ali se apresentou com seu irmão, materialista intransigente.

Seu irmão tentou primeiro a mediumidade psychographica, mas só obteve traços e letras inintelligíveis; mas, uma senhora que alli se achava, medium vidente e auditivo desenvolvido, disse-lhe: Está juncto do senhor o espirito de um moço, que parece haver fallecido de molestia pulmonar, e descreveu-o; elle diz que o senhor nada consegue porque é um *encouraçado*, e que elle é no espaço o mesmo *pandego* que foi na terra.

E' bastante, disse o experimentador; acaba de pintar-me o perfeito retracto de meu irmão, que falleceu de molestia de peito, e que me chamava de *encouraçado*, como todos nós o chamavamos de *pandego*; cousas que reconheço que a senhora não podia saber.

A' vista disso, tentou o Dr. M. tambem a experiencia. O resultado foi o mesmo; traços inintelligíveis. Então o mesmo medium disse-lhe: Está juncto do senhor o espirito de um homem que, pelo modo de trajar, parece ter sido um fazendeiro; elle diz que não consente que o espirito evocado se manifeste, porque é o espirito da que foi sua mulher.

O medium descreveu-o e acrescentou: Elle diz que não é bom, e por isso na terra chamavam-n'o o *reprobo*.

Erguendo-se da mesa, disse o experimentador: E' tudo real. A mulher com quem casei-me, hoje fallecida, era a viuva de um fazendeiro conhecido pela alcunha de *reprobo*.

São factos simples, mas da reunião de pequeninas flores se formam grandes ramalhetes. E um só desses factos, muitas vezes, desperta a crença adormecida em nossos peitos.

Aos que pouco conhecem das manifestações de espiritos, diremos: Os espiritos que se nos manifestam, tomam as figuras que tinham na terra, para serem conhecidos, e com os fluidos que elles manipulam, apresentam as formas dos vestidos de que usavam.

Um outro facto deve ainda chamar a attenção dos inexperientes, e é o de dizer o espirito que não consentia na manifestação daquelle, que era evocado; é um facto muito commum, devido á pouca lucidez desses espiri-

tos; um delles sente-se ainda ferido pelo ciúme, não é bom e ameaça ao outro, que se afasta intimidado, receiando um perigo que já não existe.

O professor Huxley.—Conta o *Messenger* de Liège, de 1º de Janeiro ultimo, que esse notavel sabio inglez, o immortal auctor do *Lugar do homem na natureza*, tem feito estudos sobre os phenomenos spiriticos, e se mostra resolvido a nelles proseguir.

Alguns cousa encontrou nelles esse consciencioso investigador da verdade. Que Deus o guie, são os votos que fazemos, nós que nos congratulamos com os nossos irmãos em crença por uma tal aquisição.

Barão Lazaro d'Hellenbach.—Falleceu em Veneza esse valente campeão da propaganda spirita, que combateu com ardor e triumphou dos detractores de suas crenças, por occasião do episodio dado em Vienna d'Austria com o medium Bastian, facto que foi muito explorado pelos nossos adversarios.

Elle fez, á sua custa, vir a Vienna o medium Eglinton, que com os factos maravilhosos que produziu com a sua med umidade, obrigou a opposição a esconder-se envergonhada.

O barão d'Hellenbach luctou pelo spiritismo até o ultimo momento da sua vida, e foi um dos mais activos collaboradores da *Sphinx*, revista spirita de Leipzig.

Partiu, mas a sua obra não terminou. Deus lhe concederá a dita de vir em auxilio dos que trabalham pela implantação das grandes ideias do christianismo scientifico.

Novo accumulador de electricidade.—O Sr. Commelin, spirita e medium, inventou um novo aparelho-accumulador de electricidade. Fizeram-se experiencias, com feliz resultado, no porto do Havre com uma chalupa movida pela força desse aparelho.

Covenhamos, senhores; os Edison se vão multiplicando; e nossos amigos do espaço estão mostrando que o seu trabalho não consiste sómente em fazer dansar mezas para entretenimento dos ociosos.

Comprimntamos o nosso confrade.

Il Corriere Spiritico.—E' o titulo de nova e importante revista mensal, dedicada ao estudo da sciencia spirita, que acaba de apparecer em Florença (Italia), sob a direcção do distincto propagandista, Sr. Giovanni Succi; assaz conhecido por suas viagens á Africa e pela descoberta medianimica do meio de resistir-se aos effeitos de um jejum prolongado.

O novo campeão entra desassombrado na lucta, conscio de sua força e do auxilio que lhe vem do alto.

Comprimntamol-o, e fazemos votos pela consecução do seu desideratum.

Agradecemos o seu primeironumero e pedimos permuta.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

Os *radiados* ou *zoophytos*, animaes que devem seu nome á disposição de seus orgãos rodeando um eixo mediano, o que lhes dá uma apparencia de plantas, apresentam um systema nervoso pouco desenvolvido e reduzido a um collar de ganglions dispostos ao redor da bocca, e correspondendo por seu numero aos raios ou divisões do corpo; notando-se mesmo

a ausencia desse systema, já tão rudimentar, em algumas familias. A sciencia humana ainda não possui meios para precisar as manifestações intelligentes nesses seres, que não têm cabeça, nem coração, nem braços, nem pernas; em que só o estomago domina, munido de uma só abertura por onde recebe os alimentos e expelle os residuos da digestão.

A' medida, porém, que nos formos elevando nas familias dessa ordem, veremos os membros se irem agrupando ao redor desse estomago, formar-se um cerebro, nervos, sentidos delicados para todas as funcções; de modo que os individuos mais aperfeiçoados della já não vivem sómente para comer, mas tambem para sentir, obrar e exercer, mais ou menos, uma actividade intelligente.

A marcha da *estrella do mar* é um verdadeiro acto de intelligencia. Ella dispõe seus raios de modo a accommodal-os á configuração do objecto sobre o qual rasteja; ella distingue perfeitamente o terreno, em que se acha, os obstaculos a vencer, e obra em consequencia, do modo o mais intelligente.

Os *molluscos*. Estes animaes são facilmente reconhecíveis por seu corpo molle, sem esqueleto interior nem articulações exteriores. Elles possuem um systema nervoso já bastante desenvolvido e habitualmente composto de duas partes, uma superior ao oesophago e outra inferior ao mesmo canal, reunidas por uma dupla abertura. Alguns ganglions são dispostos ao redor dos orgãos principaes e presos ao cerebro por filetes de communicação. Alguns desses seres possuem organs da visão, da contracção muscular, do movimento. Os que são revestidos de uma concha, como as *ostras*, tomam o nome de *molluscos testaceos*.

Se dos molluscos tomarmos o typo mais perfeito, isto é, aquelles cujo cerebro é protegido por uma pequena cartilagem, comparavel a um craneo, e cujo systema circulatorio é tambem mais completo, nelles reconheceremos signaes de intelligencia. E' certo que a sua glutoneria, muitas vezes, embota a acção de seu cerebro e lhe obscurece a intelligencia.

E', porém, da ordem dos *annelados* ou *articulados* para cima que essa faculdade se nos manifesta mais patente. Os insectos, principalmente os *hymenopteros* ou de azas membranosas, dão-nos verdadeiras provas de intelligencia. Seu corpo é symetrico e binario, e compõe-se, na maioria dos casos, de uma successão de aneis, destinados a alojar as visceras. Com essa mudança de forma seu systema nervoso é tambem mais desenvolvido; elles possuem um cerebro, um collar oesophagiano e uma cadeia ganglionar, collocada abaixo do canal intestinal. Sua vida animal e intellectual deve ser mais elevada, pois que ha nelles mais elemento nervoso e sensível.

As fórmulas da vida nos insectos podem ser referidas a um plano unico de organização, e ainda que nelles esta diffira da dos que as têm mais complexas, elles não se afastam do typo geral dos seres organizados.

O aparelho da organização do corpo de um insecto é tão completo como o de um elephante; havendo mesmo pontos em que aquelle tem sobre os animaes superiores uma verdadeira superioridade.

A *mosca* commum tem 8:000 olhos, e uma certa especie de borboleta 25:000, cada um dos quaes, em proporções microscopicas, com a maioria das partes que entram na composição do nosso globo occular.

Intimamente agglomerados, elles suprem por seu numero os inconvenientes de sua immobilidade. Sua massa é tal que, em certas moscas, ella invade a quasi totalidade da cabeça, e fórma mesmo o quarto do peso do corpo. A fórma e a côr desses olhos não são menos multiplicadas, nem menos notaveis; ellas, sem duvida, correspondem a modificações no sentido da vista.

Aquelles que buscam sua nutrição durante a noite, têm os olhos mais escuros para absorver melhor os menores raios luminosos; os insectos carniceiros os possuem maiores.

Certas especies aquaticas apresentam, ás vezes, muitos pares, dirigidos em sentidos diferentes, de modo que, nadando na superficie da agua, elle vê, ao mesmo tempo, o peixe que o ameaça de baixo, e a ave que vai lançar-se sobre elle.

Outros têm sobre a cabeça tres pequenos olhos, tres poderosos microscopios muito bombados. Encontramol-ossobretudo n'aquelles que vivem em galerias pouco esclarecidas ou que constroem ninhos.

(Continúa).

SECÇÃO LIVRE

Estudo sobre fluidos

PERISPIRITO

(Continuação)

III

PERCEPÇÃO, SENSACÃO E SOFFRIMENTO DOS ESPIRITOS

Pelo que temos dicto conclue-se que os soffrimentos dos espiritos dependem exclusivamente da actividade de suas almas, que as suas sensações mais dolorosas são produzidas por suas percepções; que elles soffrem emquanto dominados pelas cousas do mundo, levados pelas más paixões do odio, da inveja, do orgulho e do egoismo, arrastam-se na materialidade dos fluidos grosseiros de suas imperfeições.

Nessas condições, não podendo remontar-se pela natureza dos proprios sentimentos ás esferas, onde predominam o amor e o bem, onde a acção da materia não impera, continuam a soffrer, continuam a produzir o mal.

Mas se, pelo contrario, o espirito, na sua ultima encarnação, calçou as suas imperfeições, educando a alma

para as grandes virtudes que elevam o homem aos olhos de Deus e de seus semelhantes, desprezando-se do corpo material, não conserva lembrança alguma dos soffrimentos.

A paz que lhe dá a consciencia, o amor que sente por Deus e por seu proximo, são outras tantas aspirações que illuminando-lhe a alma, dando-lhe, luz e amor, fazem desaparecer as antigas sombras de seus erros, como a luz do sol as trevas dos abysmos, illuminando as escabrosidades de seu fundo.

IV

ENTENDIMENTO OU INTELLIGENCIA DOS ESPIRITOS

O espirito não se limita a sentir; elle sabe que sente, que conhece e que exerce a sua actividade.

A faculdade de conhecer que a alma possui, chama-se entendimento ou intelligencia. Essa faculdade considerada no seu ultimo modo de conhecer, que é um modo especial, chama-se *razão*.

Em geral as operações da intelligencia produzem idéas, noções, percepções, juizos e raciocinios. Esses phenomenos intellectuaes constituem o attributo por excellencia do ser espirital, chamado — pensamento.

As manifestações da alma fazem-se por intermedio do perispirito, que é o agente directo do espirito.

Pela acção da vontade o espirito põe em movimento a natureza fluidica de seu corpo, e então projecta raios, que transmitem os seus pensamentos, que vão, de alguma sorte, animados pela vitalidade da substancia pensante.

No homem as modificações da alma, nos diferentes modos de sentir, entender e querer, isto é, os sentimentos, idéas e vontades manifestam-se e traduzem-se por signaes.

Entre os espiritos essas manifestações operam-se de modo diverso.

Nós temos a linguagem da palavra, do gesto e da escriptura para as diversas expressões do pensamento; elles têm o perispirito que é, por assim dizer, a grande tela onde photographam-se todos os pensamentos.

Elles communicam-se pelas diversas naturezas das irradiações do seu perispirito.

O pensamento age sobre os fluidos e produz a sua acção, como o som produz sobre o ar os fluidos, transportando-o como o ar transporta o som.

Os espiritos comprehendem-se pela transmissão do pensamento, que é para elles a lingua universal; elles não precisam da linguagem articulada, como não necessitam della os somnambulos, os hystero-epilepticos, os hypnotisados e os anestesiados, para comprehenderem os magnetisadores e experimentadores.

O que acabamos de dizer é confirmado pelos mais illustrados physiologistas.

Hoje sabe-se que as tres grandes faculdades da vida de relação (sensibilidade, intelligencia e actividade), apesar de suas dependencias, não desaparecem simultaneamente sob a acção dos anesthetics: as faculdades da intelligencia continuam a funcionar, quando as das outras classes estão paralyzadas. O que prova ser a substancia pensante puramente espirital; não soffrer a acção material do ether, do curare e de outros anesthetics; ser o pensamento independente das outras faculdades para as operações do entendimento. Prova ainda que a alma é um principio independente da materia, que tem uma existencia que lhe pertence, exclusivamente sua; que o exercicio de suas faculdades se manifesta sem o auxilio de órgãos materiaes.

Assim, as faculdades do entendimento entre os espiritos são identicas

às dos homens; originam-se das mesmas causas; pois que os espiritos são as proprias almas dos homens; só variando o modo de suas manifestações.

Os espiritos têm maior facilidade no desenvolvimento de suas faculdades, aprendem e estudam em condições mais favoraveis; a intelligencia, sem as péas da materia, descortina novos conhecimentos; uma nova luz illumina-os e novos horizontes se abrem ás suas investigações.

Se pensam, as irradiações fluidicas dos perispiritos traduzem os seus pensamentos e os transportam, como nós pelo som de nossas palavras exprimimos os nossos.

Se actuam pela vontade sobre os fluidos que os cercam, os manipulam, como nós pelas nossas mãos manipulamos a materia e a modificamos.

Em geral, a acção dos espiritos sobre os fluidos, varia com o adiantamento delles.

As manifestações intellectuaes operam-se com muito mais facilidade entre os espiritos superiores, que entre os atrasados, facto devido á natureza dos fluidos perispiritaes: os fluidos radiantes dos primeiros são mais aptos para as operações do entendimento que os fluidos grosseiros dos segundos.

Os fluidos são para os espiritos o que são para os homens os bons livros; nos bons fluidos os espiritos contemplam a natureza sob um aspecto differente; suas faculdades mais aperfeiçoadas podem receber os pensamentos dos espiritos puros, e então guiados pelas irradiações dos bons fluidos descortinar os grandes mysterios que lhes eram velados aos olhos do corpo.

S. DIAS.

(Continúa).

Qual delles?

« Se queres entrar no reino dos céus, disse Jesus, vende o que tens, e dá o producto aos pobres. »

Foram esplendidas as festas do jubileu de Leão XIII. De todos os pontos do mundo capricharam os catholicos, mesmo aquelles que recusam o obulo da caridade ás infelizes victimas dos cataclysmos tantos que amiudadamente se estão dando, em cumular de valiosos presentes o chefe de sua religião.

Todos os qualificativos foram pelos jornaes chamados a postos, sem conseguirem com isso dar aos seus leitores uma ideia, sequer approximada, do que se passou nesse dia na capital do reino da Italia.

Sobre um oceano de purpuras e ouro, veludos e pedrarias, appareceu a barquinha do humilde pescador da Galiléa, transformada em magnifico andor, de sobre o qual o pontifice romano, do meio do mais esplendoroso luxo, abençoava á catholicidade.

Tu es Petrus — bradaram mil vozes combinadas em cadenciosa harmonia, ao vel-o transpor os humbraes do templo. Que irrisão!

Oh Pedro! Oh simples e amado discipulo do Mestre divino! Se tentasses naquella dia com tuas pobres vestes, com a tua angelica simplicidade, entrar no templo, que dizem te ser dedicado, talvez te lançassem fóra d'alli por não estares vestido decentemente.

Ao mesmo tempo em que isto se dava na monumental cathedral do catholicismo; em uma modesta sala do instituto da rua Cottolongo, em Turim, em pobre leito agonizava um velho, cujas altas virtudes elevam-no até o nivel dos mais sublimes apóstolos do christianismo.

D. Bosco, o fundador desses tantos institutos em que 300:000 crianças recebem o pão do espirito, que ha de libertar-as das garras do vicio e transformar-as em uteis instrumentos de progresso, falleceu em Turim, extenuado por seu longo e penoso trabalho a favor dos desherdados da fortuna, legando-nos o mais subido exemplo de caridade christan.

Qual delles é o successor de Pedro?

Qual delles o continuador dos discipulos de Jesus?

X.

O spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA PELO DR. E. QUADROS

(Continuação)

Foi proximo ao anno 1:500 antes do Christo, que os Hindús aceitaram de novo a ideia, que haviam abandonado, de uma causa primeira, principio immaterial do qual tudo sahira por emanção. E foi pelo anno 1000 antes de nossa era, que os brahmines edictaram o codigo de Manú, vasto repertorio de tudo o que era necessario para guiar o homem no cumprimento do seu destino, e onde o pensamento da transmigração das almas se mostra perfeitamente definido.

Para conter o desregramento das paixões das massas ignorantes, essa ideia da transmigração das almas atravez de corpos diferentes, até attingirem á perfeição, foi transformada na India, como depois na escola de Pythagoras, na Grecia, na de poderem ellas, segundo seus vicios e faltas, habitar o corpo de um ser inferior, de um bruto. Eram principios aceites pelo povo, mas aos quaes as classes doutas não ligavam o sentido litteral, que aquelle lhes prestava.

As penas, nessa sublime e sabia religião, não eram eternas; as almas progrediam até que, purificadas, chegassem ao nirvana, isto é, se confundissem no seio de Brahma, da alma universal, da qual tinham sahido todas as almas, desde a do vegetal até as dos deuses.

E' o principio da progressão indefinita ensinado pelo Spiritismo.

A essencia espirital percorre a serie, sempre se purificando, passando do mineral ao vegetal, onde se torna apta para vibrar sob a acção de um agente estranho, isto é, para transmitir impressões; d'ahi ao animal onde se lhe desenvolvem a intelligencia, a sensibilidade e a vontade; e depois ao homem onde essas faculdades se aperfeiçoam, tornando-se o espirito capaz de conceber ideias abstractas e de dirigir-se com plena consciencia de sua responsabilidade, em um progresso seguro, até os mais altos graus da hierarchia dos seres animados da criação.

Para os sectarios do brahmanismo o dever consistia na resignação, no pagamento do mal com o bem, a temperança, a probidade, a pureza, a repressão dos sentidos, a abstinencia da colera e o conhecimento da alma suprema.

Enquanto os brahmines ensinavam

essa religião tão sublime e racional, o polytheismo dominava as massas, principalmente nos paizes conquistados ao sul da peninsula, arrastando aquelles a aceitarem Vichnú e Siva como deuses iguaes a Brahma, tres deuses confundidos em um só.

Com isso as cerimoniaes do culto se tornaram grosseiras para satisfazer ás paixões dos novos adeptos, e esse monstruoso systema religioso tornou-se o alvo dos ataques das escolas philosophicas, que ali se abriram; resultando disso a desmoralisação e a descrença, para combater ás quaes appareceu o budhismo, esse systema philosophico que nos prega as mais altas virtudes, mas que tem o defeito de não fallar na Divindade, tirando assim toda base á moral. Seu fim foi destruir a superstição e a intollerancia sacerdotal e favorecer o derramamento das luzes.

Era uma revolta semelhante á produzida em nossos dias pelo Comtismo, elevado com o fim de destruir as abusões, com que o clero tentava desviar os homens da investigação da verdade.

O budhismo, porém, não se limita á crença na vida do mundo material, e manda honrar os manes ou pitris.

* *

Entre os Assyrios e Babylonios encontramos o polytheismo perfeitamente caracterisado, preponderando a sciencia astrologica; porém, se levantarmos essa capa espessa que velava ao povo os mysterios dessa religião, ali iremos descobrir a ideia de um Deus unico, concepção muito vasta para poder ter uma fórmula representativa, e portanto, incapaz de ferir a attenção das massas incultas.

Elles criam que os espiritos ou genios se dividiam em muitas classes ou ordens e se podiam communicar com os homens.

* *

Os Arabes do Hedjaz e do Nedjd acreditavam n'um Deus unico—Allah, crença para ali trazida pelos Israelitas; na presença dos espiritos vagando entre os homens, a ponto de nunca um delles lançar um objecto para o ar, sem pedir perdão aos invisiveis, a quem podessem ter offendido

* *

Entre os muitos deuses dos Phenicios e Carthagineses apparecia o pensamento de um ser unico, em grandeza e em poder, creador de tudo, mas a quem elles não prestavam um culto ostensivo.

Muito se falla da ferocidade dos costumes, das atrocidades sem nome praticadas no culto dos Phenicios, em honra e nome de seus deuses, era isso um producto do genio desse povo, sempre dominado pela ideia mercantil, a ambição das riquezas, o desejo do luxo e da ostentação, paixões que corrompem o pensamento do homem, prendendo-o ás miserias dos gozos materiaes, e afastando-lhe o espirito da contemplação das bellezas da criação.

* *

Mas, deixemos a Asia, e penetremos na patria dos velhos pharaós, nesse solo onde viveu o povo mais religioso da antiguidade, nesse paiz onde tudo tinha o cunho da religião. Sua escriptura era cheia de symbolos sagrados; as letras e as sciencias não eram ali mais que ramos da theologia, e as artes esgotavam todos os seus recursos na glorificação dos deuses e dos reis divinizados.

Deixemos de parte o culto materializado e pomposo, com que os directores dessa sociedade entretinham a

ignorancia do povo, e rasguemos com mão profana as cortinas desses soberbos sanctuarios, onde os grandes, os nomeados sacerdotes egypcios escondiam a sua religião, fundada em principios mais elevados e tendo para base a ideia grandiosa da unidade de Deus.

Foi esse pensamento sublime que presidiu á construcção dos templos monumentaes de suas primitivas idades, onde não viam idólos nem imagens esculpidas.

Depois, porém, essa ideia cedeu o lugar preponderante a um vasto polytheismo, em que os attributos do grande ser foram divinizados como outros tantos seres particulares.

O pensamento da vida de além tumulo preocupava o espirito dos Egypcios, que a viam symbolizada nos diversos phenomenos da natureza, principalmente na marcha apparente do Sol, passando da morada da luz e da vida á das trevas, para resurgir no dia immediato cheio de brilho e resplendor.

Elles criam que, depois de deixar o corpo, a alma vagava na região infernal, donde voltava á Terra para reviver com um outro corpo; admitiam que se podia evocar os espiritos, e que estes auxiliavam ou prejudicavam aos homens, intervindo em seus negocios.

(Continúa).

A casa malassombrada

— «:» —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

(Continuação)

Neste, a cerca a mais forte é levada como se fosse feita de palitos!

Quando uma boiada arranca, e se espalha pelos campos em distancias de algumas leguas, o boiadeiro tem grande prejuizo, tanto porque lhe é preciso perder muitos dias campeando o gado, como porque não lhe é possível colher todo.

Só esse movimento de boiadas, com que tenho aborrecido a attenção do leitor, enche a estrada geral e faz de toda ella uma especie de cidade ambulante.

Póde-se dizer que toda a vida dos sertões se concentra naquella desmedida linha, por onde tractam os boiadeiros e os cambioeiros, além dos que viajam escoteiros.

Os comboieiros são os que tomam fazendas ou molhados no Recife e transportam pelos sertões, em costas de cavallos, chamados de carga, ou quartãos, para trocal-as por garrotes ou curvas, que conduzem, os primeiros para os soltar, onde se refazem — e os segundos para o grande mercado já indicado.

As viagens dos comboieiros fazem-se de manhã e á tardinha, regulando a marcha diaria por 8 e 10 leguas.

A raça cavallar, apesar de não ser de sangue classificado, é tão forte que uma tropa viaja seis mezes seguidos sem cançar, nem estropiar.

E cada cavallo transporta naquella tempo uma carga de cerca de oito arrobas — e não é ferrado, como se usa no Sul.

Todo esse extraordinario movimento, que fazia a grande vida dos sertões do Norte, tende hoje a desaparecer, pela navegação costeira que multiplicou os centros commerciaes e matou a concorrência do cavallo — e pelas estradas de ferro que vão invadindo os desertos.

“ Ceci tuera cela. ”

* * *

A grande estrada, como uma imensa serpente, depois de desenvol-

ver-se pelos vastos taboleiros, que vão do Cairo até as proximidades da serra da Ignez, enfia pela matta como por um tunnel.

A lua cheia esparge seus raios de prata pelos arraiaes, que brillam como a mica á luz do sol.

A argentea claridade envolve a coma da escura floresta, como um lenço branco cobre a carapinha revoluta da africana.

De espaço em espaço, por entre as naturaes clareiras daquellas espessuras, penetra até ao chão da estrada o limpido clarão do astro da noite.

Tudo é silencio naquelles ermos logares, onde sómente se ouve, quebrando a monotonia do immenso deserto, o gemido das arvores impellidas pelo vento e o farfalhar deste nas folhas que dão sons, como risadas.

Leopoldo Dantas, espirito imbuído nas credencias do sobrenatural, passava por aquellas solidões, com o coração apertado de medo.

Elle que não temia o encontro de um homem inimigo, por mais forte que fosse, estremecia dos pés á cabeça, quando, á luz da lua, divisava a sombra de um toco, ou ouvia o ruido que fazia uma cotia correndo para o matto!

Impressionado com a ideia de ir pousar na casa malassombrada, o sussurro do vento lhe representava á imaginação gemidos de almas penadas e gargalhadas dos demonios, que se deleitam em tortural-as.

Já tinham dado oito horas, e os viajantes deviam achar-se em meio da travessia, e bem proximo do boqueirão.

O boqueirão era um fundo rasgão que fizera na serra a corrente do rio Siridó.

Não é facil explicar aquelle phenomeno natural pelos conhecimentos geologicos que possuímos.

Se admittirmos a cavidade de creação do rio e da serra, houve tempo em que o famoso dique de cerca de 500 metros de altura fez refluir as aguas do Seridó a muitas leguas de distancia, constituindo um immenso lago, o maior sem duvida das provincias do Norte.

Nesta hypothese, as aguas do rio galgaram a cumiada da serra, em algum ponto mais baixo, e foram-n'a escavando até fazerem a passagem do nivel, que hoje se ahí vê.

Mas, se o facto se deu por este modo, devia ter ficado, senão a tradição do lago, ao menos os vestigios de sua existencia.

Não ha, porém, nem uma nem outra cousa.

Começariam, rio e serra, a se desenvolver pouco e pouco, de modo que a corrente fez logo seu caminho — e se foi mantendo á medida que a serra foi-se levantando ?

Não ha noticia, consignada na sciencia, da formação lenta de uma montanha.

Entretanto a sciencia consigna o facto de irromperem lentamente do fundo dos mares ilhas e continentes.

Como quer que seja, o boqueirão, junto do qual se acham nossos viajantes, não é o unico aberto por um rio, sem que se possa colher o minimo vestigio da refluencia das aguas.

Em Lavras, na provincia do Ceará, o facto ainda é mais notavel, porque a serra é tão alta, que a refluencia inundaria a maior parte dos campos.

Fique, porém, a solução deste problema aos cuidados dos sabios; e vamos nós acompanhando a marcha do jovem Leopoldo e de seu pagem, que já deixaram atraz as cargas apalhadas muito além do Caicó, onde o moço costumava pernoitar.

La elle resando e encommendando-se a Nossa Senhora — e o preto rindo de prazer por ter occasião de enfrentar com a famosa casa mal assombrada — ambos embebidos nos oppostos pensa-

mentos; quando ao começarem a travessia da serra, onde a estrada margea o rio, aproximando-se das penedias, ouviram um urro medonho, de abalar o ar e fazer tremer a terra.

Como se tivesse cahido um raio ao pé, os cavallos recuaram tão violentamente, que, a não serem bons cavalleiros, os dous teriam medido a terra com o corpo.

Bufavam e pulavam os mancos animaes, como potros bravos, em que se põe sella pela primeira vez.

— Era o perigo que eu temia, disse mestre Thomé.

— Este logar é um inferno povoado de onças — e as onças daqui tem fama — não fogem da gente e atacam des-temidamente.

— Esperemos os cargueiros — e nós dous com os dous que lá vêm, faremos frente a um exercito das terriveis feras.

— E' prudente o teu conselho, respondeu o moço; mas é bom estarmos de armas engatilhadas, porque as cargas não chegam antes de meia hora, e os feroses animaes talvez não tardem a nos atacar.

— Oh! diabo. Parece que meu cavallo vai morrer! Treme que mal se sustem!

— O mesmo se dá com o meu. Pobres animaes, como têm medo de onça.

— E' que ella está perto, e nós estamos a conversar.

Não tinham acabado de soar estas palavras, e um tiro de espingarda echoou aos ouvidos dos dous.

Não podia ter sido dado a mais de cem passos; e tão depressa ouviu-se a explosão, ouviu-se o ronco furioso da fera, tão estridente que parecia romper os timpanos dos ouvidos.

Logo após, encheram os ares gritos descompassados de quem se vê a braços com ingente perigo.

— Ha homem em perigo; bradaram os dous — e ambos saltaram dos cavallos, brandindo um o trabuco e o outro duas pistolas, que trazia nos coldres.

Os cavallos, tão depressa se viram livres dos cavalleiros, partiram em desenfreiada carreira para o lado opposto ao em que rugira a onça.

Thomé, vendo isso, disse para o sinhô moço:

— Queimaram-se nossos navios. Agora vencer, ou morrer.

— Deus seja connosco; foi a unica resposta do moço, que partiu correndo na direcção do tiro.

— Espere, sinhô moço; espere um pouco. Não vamos como creanças entregarmo-nos á bocca da onça.

— O que queres fazer? disse o moço com impaciencia, por temer que já chegassem tarde para salvar o infeliz, que gritava desesperadamente.

— Eu já fui caçador de onça, respondeu o cabra; e sei que bala não basta para ellas, porque se não são feridas mortalmente, dão cabo do caçador n'um apice. A melhor arma é esta, disse mostrando o facão; mas esta precisa de um auxiliar: uma forquilha que mantem o bicho a respeitosa distancia.

E sem mais dizer, cortou um forte galho de moróró que acabava em forquilha.

* * *

Tão depressa Thomé armou-se do páo, que tomou na mão esquerda — e da faca de matto, que segurou com a direita, disse a Leopoldo:

— Eu não preciso de outras armas; mas vosmecê bote as pistolas no cinto — e tome o trabuco, que está carregado com bala. Com isto faz-se melhor pontaria do que com as pistolas.

Assim preparados, marcharam os dous para onde os gritos continuavam a encher os ares, de par com os rugidos da onça.

Caminharam cousa de cem passos, indo Thomé sempre na frente.

Ao desembocarem na extrema opposta do boqueirão, onde o rio occupava o espaço de rocha a rocha, deixando apenas um caminho aberto a picareta na penedia direita, por onde se passava quando elle estava cheio, os dous passaram diante de um espectáculo terrivel, alumiado pela lua quasi em pino.

Adiante delles vinte passos, quando muito, estava lançado por terra e moribando um cavallo ajaesado com arreios de prata — e sobre um bloc de pedra redondo e liso, que teria tres a quatro metros de altura, estava acorçado — com as mãos nos olhos, e a gritar desesperadamente, um homem vestido de preto.

Leopoldo chegou a acreditar que o homem estava louco, pois que a onça que o accomettera já não estava alli; mas immediatamente se convenceu do contrario; pois viu a terrivel fera, agachada ao pé da pedra, soltar um rugido medonho e formar um salto que por pouco não lhe permittiu galgar a chapada da pedra, onde se achava, transida de medo, a cubiçada presa.

Felizmente a pedra era tão lisa que o animal não encontrava onde firmar as garras.

Não desanimava, porém, de lograr seu fim; e quanto mais era rechasado, mais se esforçava em seu feroz intuito.

O homem, tendo tido pelo medo a força sobrenatural de escalar o bloc, não se julgava seguro naquelle reducto — e, a cada salto da fera, via chegado seu ultimo momento.

Desarmado, porque largara a espingarda para se salvar, o unico recurso que tinha era gritar, para ver se algum viajante o soccorreria.

A onça parece que se enfurecia com aquelles gritos, porque a cada um respondia com terrivel rugido, e encolhendo-se quanto lhe era permitido, formava pulos que pareciam impossiveis a um animal tão pesado.

O peso, porém, da onça bazileira, nem lhe embarga a espantosa agilidade, nem lhe tira a força descomunal.

A terrivel fera sobe ás arvores como um gato — e salta da maior altura em cima da presa, sem perder o bote.

Nenhum animal lhe resiste ao furioso impeto, exceptuados o touro e os porcos chamados — queixadas.

Não é, talvez, aborrecido referir ao leitor algumas scenas da vida deste terrivel selvicola.

No sul do Imperio elle é tímido — fuge do homem — e só o ataca quando é obrigado a defender-se.

No norte é o contrario: procura o homem, que rasteja e fareja até apañal-o.

Tem mesmo um certo instincto, que revela uma tal ou qual intelligencia; pois que ataca de frente os animaes fracos, e arma ciladas aos fortes.

Ao homem, elle procura surprehender, já esperando-o acorçado ao pé de alguma rocha — já saltando sobre elle de cima de alguma arvore.

O que, porém, mais revela sua intelligencia, na lucta contra o rei da creação, é que, tendo farejado a passagem de algum, corre pelo matto, para não ser presentido, e vai esperar-o adiante, acoutado n'algum escondrijo.

Com os touros procede tão cautelosamente como com o homem.

De frente não o ataca, porque conhece a superioridade do inimigo, corpo a corpo; valendo na lucta mais os cornos deste do que as suas garras.

(Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil 5\$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA
ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Março—15

N. 128

EXPEDIENTE

São convidados os Srs. socios da Federação Spiritica Brasileira, spiritas e mais pessoas que queiram honral-a com sua presença, para a sessão que terá lugar no dia 31 do corrente, no predio sito á rua do Club Gymnastico n. 17, em commemoração do passamento de Allan-Kardee.

Em sessão de 2 do corrente foram eleitos para os cargos da directoria durante o corrente anno os Srs.:

Presidente, Dr. Ewerton Quadros.
Vice-Presidente, Dr. Dias da Cruz.
1º Secretario, M. Fernandes Figueira.
2º Secretario, J. Silveira Pinto.
Thesoureiro, A. Elias da Silva.
Archivista, C. J. de Lima e Cirne.

Na acta da mesma sessão foi lançado um voto de agradecimento aos Srs. Manuel José Tavares, João J. de Moura, Francisco X. Vieira Gomes, Francisco Vieira de Souza e grupo spiritica «Deus, Fé e Caridade» pelos donativos que fizeram á sociedade.

São agentes desta folha: no Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto, e na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

São nossos correspondentes na cidade do Rio Grande do Sul o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro, e em S. Paulo o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

OS SIGNAES DO TEMPO

« Haveis de ouvir guerras e rumores de guerra, disse Jesus; mas não vos turbeis; pois importa que assim aconteça. Nações se elevarão contra nações, povos contra povos; e haverá pestes, fome e terremotos em diversos lugares. Tudo isso será o começo das dôres. »

Lancemos os olhos sobre a velha e culta Europa, sobre esse fóco da mais moderna das grandes civilizações, que têm dominado o mundo. O genio da guerra, em sua sanha feroz, em seu insaciavel desejo de carnagem, sacode o facho da discordia, estendendo seu sanguinoso e funebre clarão das margens do Atlantico ás estereis regiões da antiga Sarmatia. O templo das artes cerra suas portas, as officinas se calam, a lavoura definha, o commercio succumbe, e a razão intimidada abandona os conselhos dos poderosos, cedendo o lugar ao odio, á inveja, ao desejo da vingança.

Milhões de braços validos são arrancados ao trabalho util para se irem amestrar, como os antigos escravos gladiadores da velha Roma, na arte de matar ou morrer para a satisfação dos caprichos de seus crueis senhores,

Tudo se prepara; tudo se conserva attento ao menor signal. Um *quid* mysterioso domina todas as mentes; e aquellos mesmos que bradam furiosos contra os ceus, quando um naufragio, um abalo da crosta terrena, uma erupção vulcanica ou uma inundação destroe uma centena de vidas, julgam-se felizes e merecedores da veneração dos posteros, quando descobrem um meio de dizimar com mais presteza aos que pelos interessados lhes são indigitados como inimigos do seu paiz.

Ah! Tramei, soberbos potentados que, sem escrúpulos, jogaes nessa perigosa cartada as vidas de tantos infelizes, que, deslumbrados por vossas fallazes promessas, vão deixar ao abandono milhares de criaturas, que só delles recebiam os meios de subsistencia! Talvez que, uma vez vencedores e adestrados no manejo das armas, como os antigos gladiadores, elles vos tomem severas contas do mal, que lhes tendes feito.

Mas, tudo isso tinha de dar-se, tudo isso é o preludio da grande reforma, que ha de abalar a face inteira do uosso planeta.

Do seio dessa conflagração geral ha de surgir uma sociedade nova, regida por leis mais conformes com os principios de moralidade e justiça, que a humanidade já comprehende, como indispensaveis ao seu progresso.

Tudo se transforma; tudo caminha para a perfeição; e nessas hecatombes gigantes, na voragem desses medonhos cataclysmos, que sempre vemos precedendo ás grandes reformas sociaes ou religiosas, abysmam-se as individualidades e os principios, que se erguiam antagonicos ao estabelecimento da nova ordem de cousas.

Os ensinios spiriticos, a palavra divina despida das falsas interpretações mundanas, hoje profusamente espalhados por toáo o mundo, como predissera o Christo, serão as pedras novas, sobre as quaes se tem de levantar o magestoso templo do futuro; onde os povos todos, esquecidos de suas futeis rivalidades, nascidas de pequenas divergencias do culto externo, ou das interpretações contradictorias que deram ás palavras dos emissarios divinos, só adorarão a Deus em espirito e em verdade.

E' nessas horas de angustias e attri-

bulações, que a nova revelação vem prestar aos homens assignalado serviço, dando-lhes um consolo, uma luz, que elles não podem encontrar em nenhuma outra philcosophia, em nenhuma outra religião.

Ella anima aos que vão deixar a terra, incutindo-lhes no animo a certeza da sobrevivencia do seu espirito á dissociação dos atomos que lhes formam o corpo material; e aos que ficam firmando-lhes a crença, de que um dia irão encontrar aquellos que partirem.

Com a aceitação dos ensinios spiriticos a caridade será a soberana do mundo; e as rivalidades, as guerras, os assassinatos, e esses tantos crimes e vicios hediondos que ainda nos maculam, fugirão da Terra, como os monstruosos seres antediluvianos que se extinguiram, por se lhes tornar a vida impossivel nas novas condições climatericas que o planeta foi adquirindo, em sua marcha progressiva atravez dos tempos.

Spiriticas, trabalhai sem descanso, perseverai e venceis.

CAUTELA

« O fim justifica os meios », diziam os Jesuitas; e todos os que procuram combater á celebre companhia, não deixam de lançar mão dessa maxima, como uma arma capaz de desmoralisal-a aos olhos do mundo.

Entretanto, muitos dos que a citam com menospreso, empregam-n'a, quando della póde advir algum proveito, á causa que defendem.

Vejamos: Na incandecente questão da abolição da escravidão no Brazil, questão que podemos dizer vencida, graças aos esforços combinados de todos os brasileiros, os bispos catholicos se elevaram tambem empenhados no triumpho da grande causa. Elles aconselharam; elles pediram; elles conseguiram muito.

A lucta se aproxima de sua feliz terminação, e talvez, mais breve do que se espera, seja essa nodoa lavada da face do nosso paiz.

E' nessas condições que pedem a intervenção do pontifice romano para precipitar a crise.

Mas, a que vem essa intervenção? Pretenderão que elle aconselhe ao clero brasileiro aquillo, que este já

fez espontaneamente? Ella seria desnecessaria.

Quererão, por acaso, que elle imponha a abolição immediata ao governo do paiz? Essa intervenção viria desmoralisar-nos aos olhos do mundo, e, além disso, acarretaria um grave perigo para a consecução de outras reformas, não menos uteis, que o Brazil aspira.

Se o papa póde impôr-nos hoje a abolição immediata da escravidão; ninguem lhe deverá contestar o direito de exigir amanhã, que não sejam adoptados entre nós o casamento civil, a secularisação dos cemiterios, e um sem numero de outras medidas urgentes e indispensaveis ao nosso progresso.

Sejamos prudentes. A abolição se ha de fazer; mas evitemos que ella se faça com desdouro para nós.

NOTICIARIO

Distincção. — As sociedades napolitanas — *Scuola Dantesca Napoletana*, destinada á educação e instrucção popular; *Circolo Promotore Partenopeo Giambattista Vico*, litterario, scientifico, industrial, artistico e humanitario; e *Unione Operaia Umberto I*, de socorros mutuos, conferiram o titulo de socio benemerito e protector ao nosso distincto confrade, o Illm. Sr. F. A. Xavier Pinheiro, thesoureiro da Federação Spiritica Brasileira.

Comprimntamos ao agraciado.

Materialisações. — O sabio russo, Sr. Al. Aksakow, narra no *Psyche Studien*, de Leipzig, as importantes experiencias de materialisações de espiritos, que obteve em Londres com o medium Eglinton.

Tomadas todas as precauções, o medium adormeceu em uma cadeira juncto á cortina, que separava a sala do gabinete destinado a servir de quarto escuro para o desenvolvimento das chapas photographicas. A machina estava prompta, e a luz que, na occasião opportuna, devia servir era a de uma lampada de magnesium.

Apresentou-se juncto ao medium uma figura de homem, de roupas brancas, barbas crescidas e physionomia bem definida. Projectou-se a luz sobre o grupo, e as chapas foram levadas para o quarto escuro.

Convém notar que o Sr. Aksakow as havia marcado, afim de não serem substituidas.

Então a figura de branco desappareceu, depois de tentar em vão conduzir o medium, que cahiu sobre o solo privado dos sentidos. A forma voltou, deu alguns passes magneticos no medium desmaiado, e todos ouvi-

ram uma voz que dizia: Conduzi o medium para fóra da sala, exponde-o ao ar fresco.

O Sr. Eglinton foi conduzido n'um estado de abatimento assustador, sendo obrigado a guardar o leito por alguns dias.

Quando lhe apresentaram as chapas, em que ao lado do seu retractor se via o do espirito abraçando-o, elle com voz muito fraca disse:

— Communicai isso ao Sr. Hartman, para que elle explique-o pela sua theoria das allucinações.

Nós sabemos que nessas manifestações o espirito se utiliza dos fluidos materializados do medium, e a perda deste é tanto maior, quanto mais demorada fôr a experiencia.

Um photographo habil pôde perfeitamente estampar n'uma chapa uma imagem estranha e illudir aos incautos; mas, perguntamos, o Sr. Aksakow prestaria o seu nome a um embuste de tal ordem?

Não, elle tinha inteira confiança nos seus auxiliares. O medium esteve á morte, e elle se sujeitaria a correr esse risco com o fim de illudir aos outros? Qual a vantagem?

O charlatanismo pôde abusar de tudo, e por isso deve haver muito criterio no estudo das manifestações spiriticas. O caracter do medium influe muito nos resultados obtidos.

Uma casa assombrada.

Ninguém ha que não tenha já ouvido fallar de casas, onde se produzem factos, que os que desconhecem as relações do mundo invisivel com o nosso, classificam de maravilhosos e sobrenaturaes. O spiritismo veio rasgar o véu que nos escondia esses artificios de que lançavam mão espiritos ainda pouco lucidos para perseguir ou divertir-se á custa dos homens, fazendo-os abandonar certas casas, já com o fim de vingarem-se dos proprietarios, já com o fim de ficarem isolados nos lugares que habitaram em vida, e onde acreditam que devem continuar a viver.

Entre os muitos factos que podiamos citar, fallaremos de um dado aqui entre nós.

Em um dos lugares mais frequentados desta Côte havia uma casa em que, durante 40 annos, os inquilinos se succediam com incrível rapidez.

Alguns mesmos depois de a haver arrendado por um certo numero de annos, iam no fim de alguns mezes desfazer o seu contracto, mesmo com prejuizo.

Ha cerca de 8 annos ali morava uma familia respeitavel, que já desesperada de obter socego, estava resolta a mudar-se, quando, ouvindo os conselhos de um amigo, quiz em uma sessão spirita ali reunida, evocar os invisiveis que a perturbavam, afim de aconselhal-os e fazel-os comprehender o mal que estavam fazendo a si e aos outros.

Ouviam-se nessa casa ruidos insolitos á noite; a louça era lançada ao chão e quebrada; as crianças despertavam atemorizadas, e todos sentiam-se feridos de enfermidades, que nada tinham de real.

Reunidas na sala cerca de vinte pessoas, todas concentradas pediram a manifestação dos obsessores. Foi uma scena solemne. Todos ouviram um forte ruido, semelhante ao que produziria uma bala de artilharia rolando sobre o ferro da sala.

O relógio deu oito horas, e logo dous mediums somnambulos cahiram adormecidos; e os videntes disseram estar vendo um homem já velho juncto de um delles, e juncto ao outro um joven, que parecia louco.

Foi o velho que primeiro fallou. « Oito horas, disse elle. Ha quarenta annos, a esta mesma hora, deu-se nesta casa um facto bem triste, epilogo de um drama de sangue na vida

de relações, e prologo de uma tragedia pavorosa na vida da erraticidade.

Aqui viveram dous homens que se estimavam muito, pai e filho, de familia rica e considerada; teriam sido felizes, se uma paixão funesta não viesse perturbar-lhes a paz, fazer desses entes tão respeitadas, dous criminosos dignos do mais severo castigo.

O moço casou-se e veio morar com seu pai. Algum tempo depois este, allucinado por uma paixão cega, tentou seduzir a mulher de seu filho, e sendo repellido, inventou uma fabula, arranjou provas falsas, e convenceu a este da infidelidade de sua innocente esposa.

O casal sahio da Corte, e pouco depois o infeliz moço estava viuvo; e entregue a terribes soffrimentos partiu para o estrangeiro, deixando sua filhinha confiada aos cuidados de velhas parentas suas.

Quinze annos depois tornou elle á patria, encanecido, abattido e enfermo; e ao chegar correu a abraçar sua filha, já então uma moça. Era terrivel a provação que o esperava. Quando elle se encaminhava para estreital-a nos braços, ella, como allucinada, recuou e disse-lhe: Eu nunca beijarei a mão do assassino de minha mãe. O golpe foi tremendo. O desgraçado enlouqueceu.

Aqui, nesta casa, ha quarenta annos, a esta mesma hora, elle poz termo á sua vida; e eu, o primeiro causador de tantos males, perseguido pelo remorso, segui-o á tumba pouco depois.

Nossos soffrimentos no espaço foram acima de tudo o que podeis imaginar. Ha quarenta annos que uma força occulta e irresistivel o prende a este lugar, onde elle commetten a ultima falta da sua vida; e eu sou obrigado a acompanhal-o sempre, buscando acalmal-o e sempre por elle repellido, tendo ante os olhos a representação indelevel do meu crime.

Ainda para augmentar meus soffrimentos procura incansavel harmonisar-nos, fazer que elle me perdoe o espirito angelico, que foi a victima de nós ambos.

A luz afinal se fez para elle, e o perdão que elle concedeu-me hoje, vai ser o começo de uma vida de reparação para nós ambos.

Pedi a Deus por nós. Adeus.»

As datas das mortes do pai e do filho, e o modo por que se deram, tudo nos foi confirmado por testemunhas de vista.

Escreitura directa. — Antes de seguir para New-York o Dr. Slade deu algumas sessões em Inglaterra. No começo de Outubro elle convidou a imprensa de Newcastle para assistir aos seus trabalhos, dos quaes o *Newcastle Daily Chronicle* publicou uma minuciosa descripção. Foram trazidas duas ardosias novas e, em plena luz, foram collocadas sobre o hombro de um dos assistentes. Quando se as abriu, viu-se em uma dellas escripto o seguinte, em caracteres diferentes: « Un homme sage est au-dessus de toutes les injures qu'on peut lui dire. — *L. de Mond.*

« The best answer that can be made to such outrages is moderation and patience. — *Dr. Davis.*

« Sie haben nicht unrecht. — *J. S.*
« Quanto simo felici di avere un tempo così bello! La prego de miei rispetti a tutta la di lei cara famiglia. — *Z. E.* »

Era impossivel, accrescenta o jornal, que o medium tivesse escripto isso, pois que suas mãos estavam á vista de todos.

(Extrahido de *Le Messager de Liège*).

Importante cura. — Soffrendo muito, perseguida por uma enfermidade cujo symptoma principal era a suffocação, a Sra..... partiu desta

Côte com um filhinho de 7 annos de idade, para passar algum tempo em companhia de seus pais, deixando aqui seu marido, que pelo emprego que occupa, não pôde segui-l-os.

Uma noite achando-se muito incommodada, pediu a Deus lhe prolongasse a vida, até ella poder voltar á Côte e entregar o pequeno a seu pai. Pouco depois sentiu em si um abalo estranho; o mal cessou e ella agitada e intimidada sentou-se na cama.

Durante esse tempo o menino, dormindo alli juncto, fallava alto e chorava, mas depois acomodou-se.

Perguntando-se lhe no dia seguinte porque chorára, disse elle:

« Eu vi juncto da mamã um velho com um ferro que parecia uma faca. Elle cortou-a na altura do coração, tirou uma porção de sangue negro, e esteve lavando a ferida com um panuo molhado. Eu gritei e pedi que não a matasse; e elle sorrindo me disse: Não tenhas medo: eu não quero matal-a, mas sim cural-a. Então en fiquei quieto.

Aviso dado por um desencarnado. — Na *Revista de Estudos Psicologicos*, de Madrid, de Dezembro ultimo, lemos o seguinte: Lord Byron, o homem mais sceptico do mundo, contava esta aventura acontecida com um seu amigo. Uma noite o capitão Kidd, despertando-se em sua cama, sentiu um corpo pesado descansando sobre o seu; abriu os olhos e reconheceu seu irmão, vestido com o seu uniforme de official de navio. Estendendo a mão, conheceu que esses vestidos estavam molhados. Completamente acordado, elle chamou: alguém se approxinou, e o corpo desapareceu.

Nessa mesma noite esse seu irmão morria afogado no oceano Indico.

E' um desses factos em que hoje já a ninguém é licito duvidar, tão communs estão elles sendo; mas cuja explicação provocaremos sempre, até que os scientistas reconheçam que nenhuma é mais racional que a que nos dá o Spiritismo.

O espirito que abandona o corpo que lhe servia de instrumento na vida terrena, vai avisar de sua partida aos seus parentes e amigos.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

III

Nos insectos o sentido do odorato é de extrema finura. O mel exerce uma grande attracção sobre as abelhas; e nós as vemos irem longe, em procura das flores que o contém. A mosca sente ao longe o cheiro da carne, que lhe deve servir de alimento.

Todo insecto reconhece perfeitamente o que lhe convém: assim, vemos os que roem a jalapa, só comerem a parte nutritiva da planta, abandonando a purgativa.

Cuvier e Dumeril collocam a sede da olfação no orificio das pequenas aberturas, chamados *stigmata*, pelas quaes o ar se introduz nas trachéas; situação em que Pouchet encontra muita analogia com a do nariz dos grandes animaes, á entrada do aparelho respiratorio.

De Blainville julga que esse sentido reside antes nas antenas, que melhor correspondem ao nariz dos grandes

animaes; o que parece ter ficado demonstrado com as experiencias de Dugés que, cortando esses orgãos em borboletas e moscas, viu-as não mais poderem ir em busca de seu alimento e de suas familias.

A anatomia não conhece ainda onde reside o sentido da audição dos insectos; entretanto não podemos duvidar de sua existencia, pois que elles produzem ruidos e sons, a que seus companheiros respondem.

A sede do tacto parece estar nas antenas; para o que basta ver que com ellas elles procedem ao reconhecimento do terreno, em que pisam.

De ha longo tempo já que tem sido notada a intelligencia das formigas. Como o homem, ellas nascem completamente nuas; e melhor que elle, ellas têm boas amas, que lhes dispensam os mais assiduos cuidados, e lhes prodigalissimas mais ternas caricias.

Crescendo, ellas suprem a fraqueza de seu corpo pela velocidade de suas patas, pela finura de seu tacto e por seus 50 olhos que, vigilantes sentinellas, as previnem dos perigos, que as possam ameaçar. A' sua disposição ellas têm um acido mordente que lançam sobre seus inimigos, e do qual certas especies se servem para seccar e queimar as arvores, em que constroem suas habitações.

Em sua republica, que parece realisar os sonhos politicos de Platão e Morus, reina uma completa fraternidade e igualdade. As femeas são sempre cercadas de respeitoso cortejo, carregadas mesmo em triumpho, quando se sentem fatigadas; porém não gozam na republica de alguma influencia politica; consistindo toda a sua gloria em dar muitos cidadãos ao estado. Honradas durante sua vida, Huber pretende mesmo que lhes fazem, em sua morte, magnificas exequias.

O poder pertence ao povo, aos trabalhadores, ao grosso da nação,

Só esse modo de vida nos attesta sua intelligencia: sem termos necessidade de procurar mais provas disso no modo, por que ellas planejam e constroem suas habitações com tão admiravel arte, e se occupam dos misteres de sua vida presente, preparando-se tambem para as eventualidades do futuro. No trabalho vemol-as sempre com persistencia e ingenho lutar e vencer os innumerados obstaculos, que se lhes antepõem, e não descançar sem conseguir o seu intento.

Se una dellas encontra em seu caminho um objecto que lhe convenha, mas que por seu peso ella só o não possa conduzir, vel-a-heis correr ao encontro de suas companheiras, cruzar suas antenas com as destas, parecendo, por uma linguagem que desconhecemos, communicar-lhes seus pensamentos, e correrem junctas para conduzir a seu destino o pesado fardo.

As formigas conhecem os cidadãos

de sua republica. Prendei uma formiga, e lançai-a no meio de um formigueiro, e conhecereis logo, se ella pertence ao grupo, ser reconhecida e recebida como irmã; mas se, embora da mesma especie, ella é uma estrangeira no lugar, ser perseguida e mesmo morta, se não fugir a toda a pressa.

(Continúa).

SECÇÃO LIVRE

Estudo sobre fluidos

PERISPIRITO

(Conclusão)

IV

ENTENDIMENTO OU INTELLIGENCIA DOS ESPIRITOS

Já estudámos as faculdades de sentir e conhecer, manifestadas por intermedio do perispírito; estudaremos agora a faculdade de querer ou da vontade; desempenhando-nos assim do compromisso que temos com os nossos leitores.

Já vimos que a alma era capaz de produzir factos sensíveis e intellectuales: vimos também que ella para produzi-los precisava ter acção, e como acção quer dizer exercício de uma força, concluimos que ella possui a faculdade de exercer essa força. E' essa força em acção que os philosophos chamam actividade da alma. É como os espiritos a exercem por intermedio do perispírito, estudaremos a sua acção nas manifestações spiriticas. Elles a empregam tanto nas operações da propria alma, como em outras fóra della: manifestam-n'a entre si e entre elles e nós.

A sciencia spirita explica como elles podem agir sobre a materia grosseira do nosso mundo; como as suas manifestações entram em uma ordem natural de factos, fazendo desaparecer o maravilhoso das crendices populares.

Os homens de sciencia não objectarão, de certo, que o perispírito, materia fluidica, possa ter acção sobre a tangível, quando sabem que os gazes os mais rarefeitos são os que mais serviços prestam á nossa industria.

A actividade manifesta-se por actos não espontaneos e actos voluntarios. Os primeiros são produzidos pelo instincto, que é um impulso natural da alma; os segundos pela vontade, que é uma forma activa do pensamento, um acto de reflexão.

Occupar-nos-hemos sómente com os segundos, pois que os outros nos afastariam do nosso assumpto.

E' a vontade, como já dissemos, quando tratamos das propriedades do perispírito, a força pela qual os espiritos actuam sobre os fluidos; é ella quem determina as suas diferentes combinações, quem por sua poderosa acção manipula e cria as imagens fluidicas do pensamento.

Estudemos agora as manifestações dos espiritos, e vejamos o importante papel do perispírito: mas antes procuremos na sciencia official factos, que tenham analogia com os que se passam nas transformações da materia perispiritual.

A chimica faz-nos ver uma analogia no estado allotropico de alguns corpos; assim o phosphoro que por sua composição molecular apresenta outros corpos, apresentando propriedades inteiramente diferentes, é sempre phosphoro. A analyse a mais rigorosa nelle encontra sempre a mesma substancia.

O ozona, que é o proprio oxygeno do ar, também por disposição molecular apresenta propriedades diversas do oxygeno, e exerce acções diferentes; assim, quando este gaz contém 1/50 de ozona, produz profundas modificações nas propriedades physicas do mercúrio, o qual perde o seu brilho e mobilidade e adhiere immediatamente ás paredes do vaso, que o encerra.

Essa curiosa acção foi devida á pequenissima parte do ozona, que mudou o aspecto primitivo do mercúrio, fazendo-lhe perder as antigas e adquirir novas propriedades.

O diamante, o carvão de pedra, o anthracito, o lenhito, a turfa, o graphito; todos são estados allotropicos do carbono, variando as suas propriedades com as suas disposições moleculares.

Por analogia diremos que o perispírito, soffrendo uma modificação molecular, pode tornar-se também opaco, e portanto visível, apesar de conservar sempre a natureza de sua composição, como acontece com os corpos supramencionados.

Compreende-se que o espirito para tornar-se visível tem de modificar o movimento molecular radiante de seu perispírito, de modo que possa reflectir raios luminosos, visíveis para nós.

Para esse fim elle emprega a vontade, a qual é considerada por muitos psychologistas como uma *força motriz*, quando em seu exercício é acompanhada de movimentos corporeos, como acontece no presente caso. Mas para que o perispírito torne-se visível, é necessario que sua composição se aproxime muito do agrupamento molecular da materia tangível, porque só assim elle reflectirá os raios visíveis do spetro: e como a vontade é insufficiente, o espirito vai buscar no fluido vital, que existe no organismo humano, átomos capazes de retardar, por sua materialidade, o movimento vertiginoso dos átomos perispiríticos e então, sendo menor o numero de vibrações, elle reflecte raios luminosos e torna-se visível.

O espirito não é visível, quando quer: a vontade só por si não opera a transformação; é também necessaria a afinidade do fluido vital; mas como este fluido existe no homem, este torna-se o intermediario, por isso chamado *medium*.

Para termos uma idéa mais clara do phenomeno; para comprehendermos como elle se passa, lembrem-nos das transformações da agua pelas variações de sua temperatura: ao principio ella é completamente invisível, pouco a pouco vai apparecendo em estado de vapor; depois torna-se liquida e finalmente solida.

O mesmo acontece na manifestação do espirito: primeiramente vemos uma especie de neblina, uma cousa vaporosa e diaphana; depois os contornos se vão accentuando, até que elles firmam-se, fazendo destacar os traços physionomicos do espirito. Umavez o espirito torna-se tão visível, que parece-nos realmenie um homem; outras se mostra tangível, palpavel, offerecendo-nos resistencia ao tacto.

Neste ultimo caso temos o phenomeno da materialisação. O processo desta manifestação é analogo ao da visibilidade, sómente a abundancia do fluido vital, a energia da vontade e afinidade entre os dois fluidos são muito maiores.

Não é phenomeno muito commum. O illustre chimico W. Crookes o obteve em Inglaterra com a medium Miss Cook; e nós já a obtivemos nesta cidade com um medium, que ia de passagem para Buenos-Ayres e prestou-se de boa vontade ás nossas experimentações. Então obtivemos diversas manifestações sematologicas e

typtologicas, e, o que é mais raro, a escriptura directa ou pneumatographica. Foram experimentações feitas com todas as cautelas, e diante de muitas pessoas, que ainda as podem attestar.

As manifestações dos espiritos, em geral, se operam por intermedio do perispírito e do fluido animalizado do medium, quer elles actuem directamente sobre este, quer sobre outras pessoas não presentes.

Em todos os casos patenteia-se a actividade dos espiritos pelo exercício da vontade.

As manifestações intelligentes ainda se operam por intermedio do perispírito e também provam a actividade dos espiritos. Nellas é ainda a faculdade de querer, que exerce a sua poderosa acção sobre a expansibilidade do fluido perispiritico, projectando-o sobre o perispírito do medium, envolvendo-o e nelle imprimindo pensamentos.

Não nos occuparemos com a explicação de todos os phenomenos da actividade por faltar-nos espaço; podendo os nossos leitores encontral-os na sciencia que estuda o homem posthmo.

As manifestações pneumatophonicas, psychographicas, directas ou indirectas, as pneumatographicas, em uma palavra, as physicas ou intelligentes são todas produzidas pela faculdade que estudamos.

Do rapido estudo que fizemos vê-se que os espiritos como os homens, têm as mesmas faculdades, variando sómente o modo de external-as.

D'ahi se conclue que as almas dos espiritos são as dos homens, pois que os seus effectos são identicos; que os espiritos não são seres creados fóra da lei geral, mas seres que vivem nas condições de sua natureza.

Ao concluir, pedimos ao estimado confrade, que nos solicite o presente trabalho, desculpa, se elle não correspondeu aos seus desejos.

Escrevendo estas modestas linhas, so tivemos em vista provar-lhe a nossa boa vontade em satisfazer ao seu valioso pedido.

Janeiro de 1888.

S. DIAS.

O spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA PELO DR. E. QUADROS

(Continuação)

Chegamos á Grecia, á patria sagrada das bellas artes, a esse torrão abençoado onde o viajante não avança um passo, sem tropeçar nos dispersos restos, involvidaveis attestados das mais ricas producções do genio humano; sem encontrar por toda parte vestigios incontestaveis da mais famosa e brilhante civilisação.

O pensamento da immortalidade da alma humana apparece em todas as obras de seus maiores homens, dos Pythagoras, Anaxagoras, Socrates, Platão, etc.; e domina todas as crenças populares da Grecia.

Pythagoras trouxe da India a ideia da transmigração das almas por diferentes corpos em busca do aperfeiçoamento; era a transmigração sem retrogradação; mas ahi, como na India, a necessidade de intimidar o povo e conter o impeto de suas paixões deu lugar á propagação da metempsicose. Seus discipulos, porém, conservaram o ensino primitivo em toda a sua pureza.

Mais que qualquer outro povo, o grego cria na existencia dos espiritos; para elle o céu, o ar, o fogo, o ether, a terra, o mar, as fontes, etc., eram povoados por genios ou espiritos de diferentes ordens.

Era por phenomenos do magnetismo animal e espiritual que os espiritos entre elles, como o fazem entre nós, manifestavam a sua presença. Era sob a influencia de suas suggestões, que as pythonisas prophetisavam o futuro nos templos de Isis e de Esculapio, na caverna de Trophonius, nos oráculos de Dodona, Delphos e Epidauro.

Platão foi, entre os Gregos, o mais celebre representante do spiritualismo. Para elle o mundo visível só podia ser comprehendido pela contemplação do invisível. Sua moral nos propunha para fim supremo a semelhança com Deus, cujo attributo principal era o amor.

Elle disse no Phedon: « Não é senão por encarnações successivas e diversas, que a alma chega á mansão celeste e eterna, depois de haver expiado seus peccados nos corpos terrestres. »

Seu mestre, Socrates, dizia que um espirito o acompanhava e aconselhava sempre; — Hesiodo, que os genios habitavam a terra para serem os benefiteiros dos homens; — e Plutarco, que os genios protectores se nos manifestavam em sonhos, por palavras e vozes propheticas, ouvidas por pessoas sãs ou enfermas, ou ainda por aparições no momento da morte.

* * *

A religião dos Romanos não tinha a belleza poetica da grega; ella fallava mais á razão que aos sentimentos; era essencialmente positiva, uma instituição politica.

Como na Grecia, porém, a nigromancia era tida em grande apreço por todas as classes d'essa sociedade. As almas dos mortos, principalmente as dos bons e justos, eram evocadas por toda parte, e tinham um culto particular.

« Os manes, diz Servius, são as almas separadas dos corpos humanos. »

Em seus poemas Lucano torna bem patente, o quanto ahi se honrava a evocação dos mortos.

O dogma da immortalidade da alma era a base de todas as crenças dos Romanos.

* * *

Os velhos Gaulezes formavam da Divindade uma ideia tão alta, que não admittiam que se a representasse materialmente em seus templos. Era á sombra das magestosas florestas do seu paiz, que elles criam se dever sómente adorar a magestade da força creadora.

Lucano diz-nos na sua *Pharsalia* que, segundo os Gaulezes, as almas dos mortos iam animar outros corpos em outros mundos. Hermés era para

elles o guia das viagens eternas, conduzindo as almas aos differentes pontos do seu imperio sem limites.

* * *

Deixemos a antiguidade, e penetremos nos mysteriosos recessos da idade média, nesse periodo de luctas medonhas, em que as hordas errantes da Asia supplantam o colosso romano, e em que os successores dos discipulos do Christo, até ahí tão perseguidos, tão pobres, tão simples e tão grandes, se fazem, a seu turno, perseguidores e dominadores, abandonam a humildade de seus predecessores, tornando-se tão poderosos, tão opulentos, tão arrogantes e tão pequenos.

As cruzadas, as perseguições contra a consciencia, e os cem mil modos violentos de abafar os protestos da razão são as armas então empregadas, não mais para convencer o mundo da sublimidade dos principios da caridade, igualdade e fraternidade ensinados por Jesus, mas para escravizal-o em proveito de uma classe, cujo imperio não devia ser deste mundo.

Mas... corramos um véu sobre essas aberrações do passado.

Não viemos aqui accusar a pessoa alguma, e nem temos o direito de fazel-o. Não sabemos o que teriamos feito nas condições, em que elles viveram. A Terra é ainda um mundo atrasado; a nós cumpre estudar os erros, as faltas dos nossos maiores e suas funestas consequencias, não para amaldiçoal-os, mas para evitarmos a mesma queda.

Não viemos aqui chamar o odioso sobre qualquer religião, mas sim demonstrar-vos que as ideias spiriticas foram sempre a base de todas as revelações.

Encontramos, é certo, entre os brilhantes luzeiros da idade média, muitos como S. Agostinho, Lactancio, Tertuliano e outros, que combatiam a crença nos males ou na manifestação dos espiritos dos mortos, admitindo que só os anjos e os demonios podiam entrar em relação com os homens.

Convem, porém, que nos lembremos do tempo e das condições em que isso se dava, e qual o movel desse seu modo de proceder. Elles tinham em mira desthronar o paganismo, acabando com a innumeravel multidão de deuses, a quem rendiam culto as diversas fracções da humanidade. Entretanto, S. Athanasio, patriarcha de Alexandria, diz que a alma separada do corpo conhece o que se passa entre os homens, e com elles se pôde comunicar; e S. Jeronymo, que a transmigração das almas foi por muito tempo ensinada pelos primeiros christãos, como uma doutrina tradicional, que só devia ser confiada a alguns eleitos.

* * *

Pondo de parte a materialisação dos gosos reservados aos crentes no seu paraíso; accrescimento necessario para

captar os favores dos asiaticos sempre afeminados e sensuaes, o mahometismo encerra principios de subido alcance moral.

Elle creê na unidade de Deus, na immortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na communicabilidade dos espiritos comosco, e prega a mais perfeita e desinteressada caridade.

(Continúa).

A casa malassombrada

— « —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

(Continuação)

Tambem, por conhecer essa superioridade, o touro protege, contra a onça, o gado fraco, que lhe seria facilimo apannar.

Nos pastos onde ha onça, o gado não desgarrá — anda em lotes — e dorme em mó, sob a protecção dos touros.

Onve-se de longe o bufar intermitente do poderoso animal, semelhante ao da machina locomotiva quando começa a mover-se.

Durante a noite, os touros não dormem, rondando em torno do rebanho, que tranquillo descansa, como quem tem plena confiança na protecção dos que velam por sua segurança.

E confia com razão; porque se a onça, por mais faminta que esteja, arde em desejos de colher a fraca vitela, não ousa tental-o, vendo alerta o mais valente inimigo que encontra nas selvas.

A's vezes, arrisca-se a accommettel-o, como ao homem, de emboscada; mas perde sempre a partida; porque, embora salte no dorso do valente animal — e por isso esteja resguardada de seus cornos, não escapa á tactica que elle emprega em casos taes.

O touro desde que sente a onça no dorso, dá furiosos corcovos para atiral-a ao chão — e como a fera segurase com as garras, que lhe entram pelas carnes, dispara pelo matto cerrado com a velocidade do raio — e, passando por baixo de arvores ou galhos inclinados, faz que o inimigo apanhe tantos e tão duros golpes, que lhe tiram a vida.

Ha muitos exemplos de se encontrar nos campos um touro trazendo morta, com a cabeça esmagada pelo choque das arvores, uma onça, que lhe está segura pelas garras.

Com os queixadas o terrivel felino, apesar da sua superioridade corpo a corpo, não se dispensa das maiores precauções; porque elles só andam em lote — e, desde que vêm um accommettido, atiram-se de dentes ao inimigo, que destripam n'um momento, seja qual for sua força — sejam quaes forem suas armas.

Por evitar esse perigo, a manhosa fera sobe a uma pedra, ou a um galho de arvore, na trilha costumeira dos queixadas — e d'alli salta sobre o ultimo da fila, no qual dá tão certo sopapo, que sempre o deixa exangue.

Com a rapidez com que salta sobre o porco, volta ao reducto d'onde o esperon.

E faz bem; porque, ao guincho do accommettido, toda a fila retrocede e faz mó em torno do infeliz, batendo os queixos com tal furia que atordoá.

Os caçadores contam que sente-se vertigem ouvindo-se aquelle bater de queixos.

Eis em ligeiros traços o que é a onça do Norte, que offerece tres variedades: a pintada, a sussuarana e o tigre.

* * *

Leopoldo Dantas, que nunca se tinha isto a barbas com tão furibundo inimigo, quasi tremeu, vendo-o tão de perto e no momento em que chegou com as patas dianteiras a dous palmos do infeliz, que se achava por elle sitiado.

Thomé, porém, acostumado á caçada da terrivel fera, sentiu dilatarem-se-lhe as narinas, vendo-a quasi ao alcance de seu vigoroso braço.

Conhecendo que o sinhô moço estava aterrado, voltou-se para elle rindo se — e disse-lhe:

— Mecê tem medo, porque nunca matou onça.

— E' verdade, tenho medo, e nem tenho força para segurar o trabuco. Olha como me treme o braço.

— Não se assuste, que eu só dou conta do bicho. Não será esta a primeira vez que me encontro com os mais valentes de sua especie.

— Thomé. E' mais seguro atirar sobre elle de longe, do que te arriscar á luta com um páo e uma faca.

— Vosmecê está enganado. Este bicho é o demonio. Se a bala não acerta em lugar mortal, de um pulo elle vem, pelo cheiro da pólvora, sobre o caçador, que lhe atirou, e não lhe dá tempo, nem para dizer: Jesus. Entretanto desafiado, como vou fazer, elle accommette de frente, dando tempo á gente de recebê-lo dignamente. O nosso plano deve ser este: Eu vou chamal-o a mim, e vosmecê fica encostado áquella pedra com o trabuco engatilhado. Quando eu o segurar com a minha forquilha, e elle ficar immovel, vosmecê desfeiche-lhe o tiro na pá, que é logar seguro. Peça a Deus que tenha tempo de fazel-o, para ter a gloria de dizer que já matou uma onça; porque eu talvez lhe roube essa gloria, enfiando a faca na garganta do malvado.

Leopoldo já estava restabelecido do primeiro espasmo, e concordou com o pagem no modo de acabar com a fera.

Esta, tão incarnicada estava em colher o homem que lhe escapára, refugiando-se na pedra roliça, que não se apercebeu da presença dos novos inimigos; nem lhes ouviu a conversa a meia voz.

Soltando um rugido desesperado, arremeteu contra a pedra com tal furia, que chegou a pôr as patas na chapada, ficando suspensa por ellas. Felizmente não tinha onde firmar as trazeiras, e mais este supremo esforço foi frustrado. Escorregou pela pedra abaixo rugindo de raiva e de desespero.

— Misericordia! bradou o pobre acoutado, quando viu seu refugio quasi invadido.

A esse grito, respondeu o de Thomé, que echoou nas penedias:

— E' commigo a festa, meu gato.

A onça deu um salto, como se tivesse sido ferida — e voltando-se para o lado d'onde lhe soára o grito, soltou medonho urro, que ribombou, como um trovão, pelas mattas e serras visinhas.

— Vem cá meu gatinho; vem que te quero dar um abraço.

Os olhos da fera faiscavam, não menos que os do cabra, mas ella ficou quieta e muda, como se planejasse o ataque e a defesa.

Sentou-se sobre as nadegas, sem tirar os olhos do inimigo, que avançou dous passos, e assim ficou por minutos.

O homem da pedra cobrou animo vendo-se tão miraculosamente soccorrido, e erguendo-se da posição em que se achava, tirou da cinta uma faca de cabo de prata, de que só agora se lembára, e preparou-se para o que desse e viesse.

Do outro lado, Leopoldo segurava o trabuco com firmeza, tendo readquirido o sangue frio em presença do perigo.

Eram tres contra um; mas este tinha força e armas naturaes para resistir aos tres, se lhes faltassem o pé, a mão, a vista, e as armas de que estavam munidos.

Era uma luta medonha travada nos desertos, entre a intelligencia e a força bruta, e de que só era testemunha a lua em seu sereno trajecto pela face da terra.

A onça como para fazer ostentação do pouco caso em que tinha o inimigo que lhe offerecia batalha, levantou uma das patas, e, depois a outra, que lambeu descuidosamente.

Thomé irritou-se com aquelle desdem e, dando mais dous passos, jogou-lhe o chapéo em cima.

A fera rugiu surdamente, e encolhendo-se rapidamente, deu um salto que a trouxe a seis passos do valente cabra.

— Então sempre te resolveste, gritou este chasqueando, e tomando a faca nos dentes e a forquilha nas duas mãos, depois de correr o pé atraz para melhor resistir ao choque.

A onça assanhada com aquella voz tão ao pé do ouvido, rugiu de raiva, e erguendo-se nas patas trazeiras, atirou as dianteiras sobre o inimigo.

Com uma firmeza de vista, que abo-nava sua fria coragem, Thomé correu com o páo de modo que tomou o peito da fera na forquilha, cujas pontas enfiarão nos subacos, privando-a do movimento dos membros anteriores.

Deu-se, então, uma luta medonha. A onça, sentindo-se presa, deu um arranco para derrubar o cabra.

O cabra, sentindo o choque do pesante animal, fez as pernas flexiveis para amortecêl-o, e depois reagiu com violencia de fazer recuar o inimigo.

Foi um jogo de forças, em que se oppunha a violencia á dextreza.

Thomé só ardia por um momento, em que podesse livrar a mão direita, tomar a faca e cravar no jugular da fera.

Esta, porém, não lhe dava descanso.

Repellida para traz até assentar as nadegas no chão, reagia de prompto e repellia o cabra até a maior curvatura do corpo.

Já ambos estavam fatigados, quando Leopoldo, que apesar de ter cobrado a coragem, se perturbára vendo o animal saltar sobre o fiel Thomé, lembrou-se do papel que lhe fôra confiado.

Avançou para o campo da luta com o trabuco em punho; mas quando ia fazer fogo, viu do outro lado o homem da pedra á dous passos da onça e na direcção da sua pontaria.

— Não faça fogo, que á mim cabe dar o golpe mortal neste demonio que tanto me assustou.

A onça ouvindo aquella voz junto de si, voltou-se para o homem que fallava; e Thomé, aproveitando o momento, enterrou-lhe a faca na garganta, e lançou-a por terra rugindo.

* * *

— Safa! exclamou o cabra, tomando larga respiração. Nunca me bati com um bicho tão forte! E o caso é que por um triz não me escapou, cahindo ao golpe de qualquer dos senhores. Era uma vergonha para mim!

Os tres chegaram-se para junto do animal, que ainda tinha ligeiros estremecimentos, e sem dizerem palavra admiraram seu enorme tamanho e belleza.

— E's um bravo! disse Leopoldo á Thomé.

— Ainda não vi tanta coragem! disse o redivivo.

(Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Março—31

N. 129

EXPEDIENTE

Em homenagem ao anniversario do passamento do illustre philosopho christão—Allan-Kardec—, publicamos hoje o numero deste periodico, que devia sahir amanha.

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto. Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes. Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro. Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

SAUDAÇÃO

A historia da humanidade terrena nos mostra que em todos os tempos, no seio de todos os povos, deram-se sempre factos extraordinarios que, pelo desconhecimento das leis que os regiam, eram qualificados de miraculosos e sobrenaturaes.

O pouco adiantamento das sciencias positivas e de observação, e o infundado temor de incorrer na colera divina por tentativa de devassar os celestes arcanos, constituíam então um serio embaraço, para que alguém se arrojasse a tão arriscado empreendimento.

Entretanto, pedras destinadas á futura construcção, esses factos ficaram consignados na historia, e vêm hoje fortalecer-nos a crença de ser a communicabilidade dos espiritos comnosco uma das grandes leis eternas e invariáveis da natureza; pois ella verificou-se desde o dia em que, attingindo ás necessarias condições, a Terra recebeu em seu seio o ente racional e livre, aquelle que por seus dotes espirituales é justamente collocado acima de toda a serie animal.

Ultimamente, porém, tornaram-se essas manifestações mais frequentes e variadas, chamando a attenção do homem por toda parte; e este, já possuidor dos conhecimentos precisos para tentar uma proficua investigação nesse sentido, e convencido de ter-lhe sido concedido o dom da razão para estudar tudo, o que lhe parecesse merecedor de estudo, tomou para objecto deste esses phenomenos maravilhosos, cujas leis, hoje conhecidas e codificadas, constituem o corpo de doutrina da sciencia spirita.

Como em todas as tentativas desta ordem, a lucta appareceu. E' tão grande o numero 'dos quietistas, que se julgam felizes no actual estado de cousas ou que, pelo menos, receiam-se de qualquer innovação; são tantos os interesses mundanos que ella vem chocar, que era impossivel a implantação da nova doutrina, sem encontrar contradictores resolvidos a impedir-lhe o passo.

Mas, e é esse um facto digno de nota, essa lucta foi muito menor do que as que se deram com qualquer das outras reformas, sociaes, politicas ou religiosas.

Os adversarios do Spiritismo não poderam concentrar suas forças, dirigir seus ataques em um só sentido, porque a propaganda irrompeu ao mesmo tempo de todos os pontos do mundo.

Os tempos eram chegados; a humanidade estava preparada para receber a nova luz, baixada do alto dos céus.

Sabios e ignorantes, grandes e pequenos, ricos e pobres, todos se vão dobrando ante a grandeza e sublimidade dos ensinamentos spiriticos que, ao mesmo tempo, lhes fallam á razão e captivam-lhes os corações.

De entre os que mais se distinguiram no estudo e codificação dessas leis e principios, no levantamento dessa magestosa obra de progresso, que será infallivelmente uma das maiores glorias do nosso seculo, torna-se saliente a imponente figura de Leon Hippolyte Denizart Rivail, mais conhecido com o pseudonimo de Allan-Kardec.

Nascido em Lyon (França) a 3 de Outubro de 1804, depois de uma vida laboriosissima, sempre encaminhada a derramar a instrucção no seio da mocidade de seu paiz; trabalho em que sempre notabilizou-se por seu sublime desinteresse e grandeza d'alma, comprehendeu ser chegada a hora de empenhar-se a grande lucta pela propaganda da nova revelação, dos ensinamentos complementares e explicativos da que nos legára o Christo nos Evangelhos.

Desde então trabalhou com admiravel constancia na confecção dessas obras, que immortalisaram seu nome, e são um seguro pedestal para o estudo do christianismo scientifico.

Prova a grande importancia dellas

o facto de terem sido vertidas para todas as linguas, e o de sua constante procura, principalmente entre os que fallam idiomas sahidos do latim.

A 31 de Março de 1869, ha dezanove annos, tocou Allan-Kardec ao termo de sua feliz e grandiosa missão, partindo resignado e contente para a immensidade, onde nos braços de seus amigos de outr'ora foi receber o premio, que Deus reserva aos trabalhadores de boa vontade, aos que se dedicam neste mundo ao progresso e á ventura de seus irmãos.

Hoje, da morada da verdade, seu espirito, esclarecido pela luz divina e incendiado nas chammas de um amor ardente pelos que luctam na propagação das novas ideias, não cessa de vir auxiliá-los e guial-los; com seus conselhos.

Que Deus o illumine sempre, e dê-lhe em gosos a paga do bem que nos fez.

A Federação Spirita Brasileira congratula-se com seus irmãos em crença, no dia em que se commemora a volta do illustre mestre á sua verdadeira patria.

Salve, Allan-Kardec!

NOTICIARIO

O Sr. Henry Slade.—E' quasi certo, que nos venha brevemente visitar esse notavel medium de escriptura directa, cuja faculdade admiravel mereceu justificados applausos nas mais cultas capitães da Europa e na America do Norte.

Em carta dirigida ao nosso distincto confrade, o Sr. Xavier Pinheiro, manifestou elle esse desejo, em cuja realisação distinctos cavalheiros da nossa sociedade se mostram empenhados.

E' um bello assumpto de estudo. Anciosos esperamol-o.

Um cego que vê.—O *Herald* de Chicago falla de um phenomeno admiravel, que se dá com o Sr. Henry Hendrickson, natural da Noruega.

Esse homem é completamente cego; facto facilmente observavel, pois não tem os globulos oculares; e no entanto elle distingue os objectos, sabe quando se acha em um terreno elevado, como as pessoas que possuem o sentido da vista; seguindo por uma rua, debrá na esquina no momento apropriado, conhece quando passa juncto de uma porta, calcula a altura dos edificios; em summa, segundo o Sr. White, é cego, porém vê.

Tendo perdido os órgãos da visão com a idade de 6 mezes, elle foi educado no Instituto dos Cegos de Ja-

mesville; depois dedicou-se a varios officios, entre outros, ao de fabricante de escovas. E' o autor de um livro intitulado—*Nada de trevas*, no qual, em parte, elle explica a sua segunda vista, de um modo conforme ás sciencias physicas.

Em Washington pozeram á prova a sua faculdade do seguinte modo: Cobriram-lhe a cabeça com uma tela bastante espessa, atravez da qual ninguém poderia ver.

Pois bem, elle via e descrevia todas as posições, que um dos assistentes dava á sua bengala.

Depois dessa experiencia, elle mesmo disse: Nada ha nisso de sobrenatural; são faculdades perceptivas, que eu quizera, mas não vos posso explicar. Cobrir-me a cabeça é uma formalidade inutil; eu nada vejo pelos órgãos visuaes. Levai-me a um logar que eu não conheça, onde eu nunca tenha entrado, e qualquer que seja a obscuridade, eu vos darei exactamente suas dimensões sem tocar nas paredes. Viajando em um trem, que se mova a toda a força, eu posso distinguir e contar os postes do telegrapho, e o faço frequentemente para julgar da velocidade do trem. Eu não vejo, porém, percebo; minhas faculdades perceptivas não são influenciadas pela minha cegueira. Cerca-me uma grande luz, que só uma vez extinguiu-se, quando eu fui picado por uma abelha.

E' um phenomeno merecedor de serio estudo, principalmente da parte daquelles, que acreditam que os órgãos sensoriaes são o unico meio de que dispomos para estudar a natureza. Não haverá ali um phenomeno da dupla vista?

Nós já vimos, aqui nesta capital, um medium tambem cego, no dia dos funeraes de um parente seu, descrever minuciosamente o cemiterio, o lugar exacto onde o corpo fora sepultado; ora se este de sua casa podia ver o que se passava a tal distancia, não havia difficuldade alguma em que visse tambem o que se passava ao redor de si.

O que nos parece extraordinario no Sr. Hendrickson é a permanencia dessa faculdade de perceber.

Factos notaveis.—Na *Gazeta Commercial* de Cincinnati, segundo narra *La Lumière*, publicou o Dr. Wolfe uma noticia dos surprehendentes phenomenos obtidos com a mediumnidade da Sra. Fairehild.

São phenomenos de materialisação, de escriptura directa, etc.

Ouviram-se vozes de espiritos em diferentes pontos da casa; e os moveis andaram em uma phantastica contradança. O Dr. Wolfe diz que presenciou as mais completas materialisações, estando o medium á vista; e que conversou durante 40 minutos com o espirito Plimpton, segurando-o e passeando com elle diante de muitas pessoas, entre ellas os Drs. Gerard e Walnut, aquelle advogado e este medico.

Um medium escrevente analphabeto. — A revista *Constance*, de Buenos Ayres, dá noticia do apparecimento no departamento de Mendoza de um medium psychographo, que não sabe ler nem escrever.

E' uma mulher indigena que nunca frequentou escolas, e vê-se em serios embaraços para segurar na pena como os outros.

São phenomenos capazes de dissipar as duvidas, ainda aferradas aos cerebros dos cabeçudos S. Thomés do nosso tempo.

Os pequenos prodigios. — Com esta epigrapha publica o seguinte o *Messenger* de Liege, de Dezembro ultimo: Está fazendo furor em Londres um menino pianista. Ha uma cousa notavel, e é que esses prodigios precoces se manifestam principalmente na arte musical.

No entanto não é um privilegio absoluto, pois têm apparecido em outros ramos das bellas artes tambem exemplos de precocidade não menos espantosos.

O pintor Guirlandojo despediu de sua officina o pequeno Miguel Angelo por nada mais ter que ensinar-lhe. Canova, menino, era pasteleiro, e foi inesperadamente que se manifestou a sua vocação para a esculptura. Um dia na ausencia de seu chefe, elle fez para a mesa de um senhor italiano um leão tão semelhante ao natural, que sua vista arrancou um grito de admiração a todos os convivas. Retiraram-n'o da cozinha e confiaram-n'o a um mestre de esculptura.

Pedro de Corti era ajudante de cosinheiro, mas fazia já tão bellos desenhos, que confiado a um mestre, em poucas lições elle tornou-se um celebre pintor.

Em outra ordem de conhecimentos citam Pic de la Mirandola, o homem que possuiu o maior poder de assimilação; Pascal, cuja grande aptidão para as mathematicas revelou-se aos 12 annos de idade; e Henri de Heineken, que com a idade de 2 annos fallava tres linguas, podia ser interrogado sobre os principaes factos da historia e pronunciava pequenos discursos em latim. Só se alimentava de leite, e quando, aos 5 annos de idade quizeram mudar-lhe a alimentação, falleceu.

Nenhuma theoria dá dessas precocidades uma explicação mais racional, do que aquella que as considera como o fructo de uma reminiscencia de conhecimentos enthesourados em precedentes encarnações. Victor Hugo dizia: Eu tenho em minha cabeça muitos poemas, que não me lembro de ter lido em parte alguma.

Uma brincadeira proveitosa. — Conta-nos o nosso amigo, Dr. E. Quadros o facto seguinte com elle acontecido nesta Corte:

Quando, ha 7 annos, visitou-nos o mais bello cometa, que nestes ultimos tempos d'aqui tem sido visto, sentia elle grande desejo de tambem observar-o; mas as manhans eram tão frias, que sempre se via obrigado a adiar a prestação da sua homenagem ao famoso astro.

Uma manhan, porém, acordou em sobresalto, parecendo-lhe que alguém pretendia forçar a porta que dava para o seu quintal. Mesmo desperto elle sentia que empurravam a porta. Então ouviu um espirito que lhe disse: «E' um ladrão; vai até lá.» Assim o fez, mas nada encontrou de suspeito. Então o mesmo espirito lhe disse: «Agora que te levantaste, vai vêr o cometa.» E realmente se o invisível não tivesse recorrido a esse expediente, o nosso amigo teria perdido a occasião de contemplar aquella maravilha.

O spiritismo na Russia. — O *Psychische Studien*, de Leipzig, de

Janeiro de 1881, publicou uma extensa e importante carta do Sr. Alex. Butlerow, professor de chimica na Universidade de São Petersburgo, sabio de reputação européa, ha pouco fallecido, na qual este homem notavel combate o procedimento dos adversarios do spiritismo, que buscam desconsiderar-o sem se quererem dar ao trabalho de estudal-o convenientemente.

O *Messenger* de Liege, de 15 de Janeiro ultimo, transcreveu essa carta, da qual extrahimos a narração do seguinte facto medianimico, acontecido em uma villa nas visinhanças da capital do imperio moscovita:

Ahi viviam Margarida Bitsh, viuva de um colono, e o colono Adão Bauer, tutor de seus filhos, tendo em sua companhia uma joven de 17 annos, sahida de uma casa de expostos e chamada Pelageja.

Era essa pobre moça victima de uma perseguição desenfreada da parte de inimigos invisiveis, que produziam na morada dos colonos uma desordem e um desasocego intolleraveis.

Por onde quer que fosse, seus inimigos buscavam feril-a, atirando sobre ella tudo o que encontravam.

Batatas, utensis de cozinha, ferramentas de trabalho, achas de lenha, bancos e até um gato serviam-lhes de projectis, fugindo este ultimo todo arripiado e espavorido, como se estivesse vendo alguma figura horrenda.

Facto notavel, porém, os projectis attingiam-n'a, mas não lhe produziam a menor contusão.

Embalde deram-se buscas, nada se conseguiu descobrir; e uma vez os bonets dos visitantes foram tirados de um e collocados em outro ponto.

O pope benzeu a casa, mas os hospedes estranhos não se deram por achado.

Afinal foi Pelageja afastada desses lugares, onde tudo ficou quieto, e o illustre signatario da carta, donde extrahimos este resumo, poude fazer experiencias com ella e reconhecer sua poderosa mediumnidade de efeitos physicos.

O Sr. Butlerow estudou muito o facto, e só depois de convencido apresentou-o ao publico.

Que bello seria, se os espiritos começassem a empregar esse meio de convicção com aquelles, que combatem o spiritismo, sem o quererem estudar, uma vez que o susto fosse o unico damno que de tal brincadeira lhes proviesse.

Um trabalho importante. — O *Espirito (uma causa celebre na Australia)*, é o titulo do escripto do Sr. Joseph Etienne, que, em outro lugar desta folha, começamos a publicar, vertido para o portuguez pelo Sr. Candido Costa, que bondosamente nol-o offereceu.

Recebemos. — *Bibliographia brazileira*, valiosa publicação dos Srs. Alves & C.; o *Patriota*, órgão neutro e commercial, de Rio Pardo, Rio Grande do Sul; o *Mineiro*, publicação semanal, de Barbacena; o *Monitor Catholico*, semanario, da Bahia; a *Revista Typographica*, desta capital.

A todos agradecemos cordialmente, e pedimos permissão para a permuata.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

— — —
(Continuação)

IV

As aranhas. — De um modo geral, não se póde fallar do grau de intelligencia desses animaes, á vista dos variadissimos typos que essa familia

encerra. Todavia está bem averiguado que elles possuem um systema nervoso, variavel em seu desenvolvimento, segundo esses typos; mas que geralmente attinge um alto grau de centralisação.

Se algumas aranhas são desprovidas do sentido da vista; a maioria, pelo contrario, possui olhos, sempre simples.

O sentido do tacto reside na extremidade das patas, perfeitamente conformada para isso.

Para conhecermos a intelligencia desses animaes, observemos o modo, por que secretam seus delicados fios e tecem suas redes, de conformidade com os differentes fins, a que as destinam.

Segundo E. Blanchar, essa fina materia textil póde ser empregada no tapetamento das moradas construidas de alvenaria; na formação de retiradas pouco accessiveis para o animal, de laços para prender victimas vivas, de escadas que lhe permittam sem perigo descer grandes alturas, e de envoltorios protectores de seus ovos contra os ataques dos animaes carnicieiros.

Muitas aranhas empregam a seda para fabricar tubos, moradas em que ellas se escondem para surprehender sua presa e, ao mesmo tempo, fugir aos ataques de seus inimigos.

Os fios que ellas empregam na fabricação de suas redes, não são todos da mesma natureza, nem da mesma grossura. Os que constituem a corda transversal, a vertical e os raios, são de uma seda, que é secca desde que sahe da fieira; ao passo que, as que constituem os circulos, são de uma seda, que fica longo tempo aglutinante; propriedade preciosa porque ella permite ao fio contrahir uma adherencia completa com os raios.

A seda destinada a envolver os ovos é ainda differente, da que fórma o resto da teia. Ella é branca e a outra côr de ouro.

Essas diversas sedas são secretadas por glandulas especiaes.

Muitas vezes, nos paizes quentes, as aranhas lançam suas redes de uma á outra margem dos cursos d'agua.

E', porém, nos meios que empregam para apanhar suas presas, que se nos patenteia principalmente a sua intelligencia. A aranha das muralhas se agacha em uma fenda á espera das moscas e, no momento opportuno, se atira de um salto e raramente erra o golpe.

Outra especie espera sobre uma arvore as lagartas, juncto á porta de seus ninhos, e logo que uma apparece, se atira sobre ella, a suga avidamente e lança os restos fóra.

Ha muitas aranhas que mostram pronunciada paixão pela musica.

As abelhas. — O habito de viver em sociedade é nos animaes um claro signal de intelligencia. Como o homem, as abelhas formam sociedades

regulares permanentes, constroem cidades, estabelecem ordens diversas na sua republica, fazem emigrações e fundam colonias.

Surprehede ver esses animaesinhos executar tão magnificos trabalhos; porque nos esquecemos sempre que o pequeno e o grande são apreciações relativas do homem, que se pretende fazer o centro de todos os mundos e a unidade de medida de todos os seres.

A natureza, diz Swammerdam, pela grandeza das obras que produziu, patenteando-nos todo o seu poder sobre a materia, enche-nos de assombro; porém não é menos incomprehensivel quando, trabalhando na formação do menor insecto, concentra todas as suas forças em um só ponto.

Depois dos trabalhos de Swammerdam, Maraldi, Schirach, Huber, Wihelmi, John Hunter e Deizzon nada mais se póde acrescentar sobre as maravilhas das construcções desses animaes, e dos cuidados que prodigam ás suas larvas. Procuremos sómente aquillo que é nelles verdadeiras manifestações intelligentes.

As abelhas, diz Fée, cujos actos são mais regulares, se approximam muito das formigas pela intelligencia. O que se sabe de sua conducta nas colmeias, causa assombro; e os resultados que ellas obtêm com instrumentos de extrema simplicidade, attingem a um grau de perfeição incrível.

Será simplesmente instincto essa solicitude de todos os instantes? essa singular distribuição do trabalho? essa policia admiravel que submete tudo a uma regra fixa, e attende logo a um sem numero de eventualidades, que só por esse dom o animal não podia prever?

As abelhas conhecem a inquietação, o odio, a colera; ellas modificam seus actos segundo as circumstancias, usam de estratagemas contra seus inimigos, mais fortes que ellas, e sabem proporcionar a defeza ao ataque.

(Continúa).

Um conto sem pretensão

«Esplendido, esplendido!» dizia lord Wellington, generalissimo do exercito inglez, no memoravel dia de Waterloo, ao ver precipitarem-se na pugna as imponentes massas da cavallaria contraria.

O bello horrivel de um combate embriaga, fascina aos que nelle estão envolvidos, fazendo-os esquecerem-se da propria conservação, para só pensarem no triumpho da causa que defendem.

Ide, porém, sosinho a um campo onde na vespera se tenha ferido uma batalha, e serão muito diversos os sentimentos, que vos hão de dominar.

Experimentareis então um mixto de compaixão e repugnancia pela ferocidade sanguinaria desse ente vaidoso e mau, que com tanta arrogancia

se adorna com o pomposo titulo de rei da criação.

O homem é ainda o mais cruel de todos os animaes; elle é o unico que sem necessidade derrama com satisfação o sangue de seu semelhante.

Era de tarde, e eu, sem poder explicar como, achei-me transportado a um velho campo de batalha, ao logar onde um dia milhares de infelizes, loucos, desvairados pelas seducções de uma gloria van, tinham vertido a ultima gota de seu sangue, para, despertando na eternidade, chorar amargamente sua cegueira fatal.

Em todo o vasto campo reinava triste e pavoroso silencio.

O sol ia desaparecer. Encostado a uma arvore eu vi um joven militar mergulhado em profundo abatimento. Sua farda rasgada e tincta de sangue, seu rosto excessivamente pallido, seus olhos fixos no campo, sua espada partida pareciam denunciar nelle uma das victimas do terrivel dia.

Approximei-me; e uma voz intima avisou-me, que elle já não era deste mundo.

« Quem és? perguntei-lhe. Porque não deixas estes sitios, cuja vista parece magoar-te tanto? »

« Quem sou? respondeu elle. Já t'o disseram. Ha cinco annos que um invencivel poder desconhecido me prende a estes logares, onde, ao lado de centenas de companheiros, cahi regando o solo com o meu sangue, para despertar em uma nova vida, em que eu não acreditava. Oh! Tenho soffrido muito. »

« Mas eras, soldado, disse-lhe eu; e não podias furtar-te ao dever de lutar e morrer para lavar a affronta irrogada ao teu paiz. Do que te accusa a consciencia? »

« O homem é ainda muito fraco; redarguiu elle. Muitas vezes um impulso generoso nos leva a praticar um acto, que é bom e merece os applausos da nossa consciencia; mas, aos poucos, insensivelmente, um sentimento ruim se insinua em nosso animo, e se não fôr logo repellido, nos escravisa e vem marear o brilho, roubar o merecimento que delle nos podia advir.

Luctava para vingar a injuria feita á minha patria; mas aos poucos foi se apossando de mim um sentimento de ferocidade, de que hoje eu me envergonho.

Muitas vezes passei dias inteiros occulto atraz de uma arvore, de um parapeito, esperando que uma sentinella do campo contrario se mostrasse distrahida, para, como um salteador, feril-a com certa pontaria.

Qual a vantagem desse assassinato? Nenhuma; um outro vinha rendel-o no seu perigoso posto; e apenas havia um homem de menos nas fileiras contrarias, e um acrescimo de culpas para o desgraçado que aqui se acha.

Um dia empenhou-se uma acção

geral. Foi uma batalha formidavel. O campo ficou coberto de mortos e feridos. Eu avançava com um pelotão de soldados adestrados, aos quaes eu recommendára só apontar para os chefes e officiaes. Cahiram muitos, e eu me applaudia disso, quando experimentei no coração uma dor immensa, que me fez perder os sentidos.

Depois... tornei a mim; mas a lucta já não apresentava o mesmo aspecto. O inimigo fugia disperso, perseguido pelos nossos. Eu tambem corri sobre elles, desejando que um só não escapasse da derrota.

Mas, de repente eu vi diante de mim a figura triste de um veneravel ancião. Fixei-o e reconheci-o cheio de terror. Era meu pai, morto havia 10 annos. Desvairado quiz abraçal-o; mas elle repelliu-me dizendo: « Vai primeiro purgar-te dos crimes, que praticaste. Não foste um soldado cumpridor do seu dever, mas um assassino covarde. Já não és da terra; teu corpo lá ficou entre os mortos. Soffre; pois só assim repararás tuas culpas. Eu te acompanharei sempre, soffrendo com o teu soffrimento e buscando levantar-te em teus desfallecimentos. Deus te perdoará. »

Muitas vezes elle me conduziu á morada d'aquelles a quem a miuha crueldade fez orphãos.

O remorso fez em mim nascer o arrependimento. Minhas dôres se vão acalmando, e espero um dia reparar o mal que pratiquei. »

Homens, no desempenho das funcções de que vos achardes incumbidos, buscai sempre minorar o rigor das imperfeitas leis humanas, pelo principio da caridade ensinado pela lei divina!

FREQ.

SECÇÃO LIVRE

31 de Março

Como se dá com os corpos mais leves que a agua, quando nella os mergulhamos, a verdade fluctua sempre.

A doutrina spirita é a affirmação desse principio; apesar dos herculeos esforços que o pharisaismo e o materialismo empregam em combatel-a, ella continúa, em escala sempre crescente, a converter os adeptos de todas as seitas, os politicos de todos os matizes, os descendentes de todas as raças.

E' o começo do fim, predicto pelo Nazareno, o começo da unificação das crenças, que produzirá a confraternisação humana.

Hoje, anniversario da desencarnação do eminente philosopho moralista, Allan-Kardec, ao qual devemos o conhecimento do Spiritismo, saúda-o agradecido.

A. ELIAS DA SILVA.

o spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA PELO DR. E. QUADROS

(Continuação)

Que grande numero de sabios de iminorredora nomeada, como João Fernel, Van-Helmont, Paracelso, Thomaz Willis, De Haen, Van-Switten e Ambrosio Paré, se apresentou então, confessando a sua crença na existencia do mundo espirital!

Nenhum d'elles punha em duvida a intervenção de agentes espirituales, de seres invisiveis e impalpaveis, em muitos phenomenos psychicos.

* * *

De entre os barbaros, a historia nos conserva certos factos de patente mediumnidade.

Perguntando-se a Attila porque elle recuára ante o pontifice romano, elle declarou, com toda a sua simplicidade barbara, segundo Laurent: « Eu não tive medo d'esse velho, mas sim de um homem de fogo que vi juncto a elle, me ameaçando com a sua espada. »

Esse chefe barbaro inconscientemente dizia: « Eu sou o flagello de Deus »; e os interessados em fazel-o odiar pelos homens, traduziram essas palavras no peor sentido que ellas podiam ter, isto é, que elle se proclamava inimigo, perseguidor de Deus. Não, Senhores, sem comprehendel-o, elle repetia o que lhe davam por intuição: Eu sou o flagello de Deus queria dizer — Eu sou o flagello, de que Deus se serve para castigar os maus.

* * *

Saiamos d'essa atmosphaera asphyxiante e tão prenhe de odios e maldadezas dos tempos medievaes; e veremos com a Reforma começar o livre exame em materia de religião. Tudo avança; os mysterios tendem a desaparecer.

Do seculo 15º ao 18º todos os phenomenos hoje conhecidos e analisados pelo Spiritismo ou espiritalismo experimental, como as possessões, obsessões, segunda vista e mediumnidades, tinham já provocado a attenção de todos, mas foram considerados como uma sciencia infernal.

As fogueiras do Santo Officio impunham-se ao mundo, e n'elle derramavam o terror, devorando 100:000 victimas de 1580 a 1680 por suspeitas de feitiçaria.

O sangue desses martyres fertilisou o solo, e d'elle brotou a arvore gigante, que hoje estende seus virentes galhos sobre o mundo inteiro.

Entre os mais salientes precusores do Spiritismo contam-se Bayle, Kante, João Huss, Linneu, Schlegel, Warburton, Lessing, Moore, Chardel, Deleuze, Glanville, Ballanche, Franck, Esquiros, Montel, João Reynaud, etc.

* * *

Reservamos de proposito para o fim d'esta nossa revista de crenças, a parte que se refere ao catholicismo. Não vamos atacar seus fundamentos, porque para nós, como já dissemos, não ha religião que no fundo seja má; toda religião é boa, uma vez que nos ensine a amar a Deus e ao proximo, uma vez que ella faça a felicidade dos seus adeptos.

São as interpretações dos homens, que desvirtuam os ensinios simples, que lhes são trazidos pelas revelações.

Christo e os espiritos puros, essa phalange gloriosa que executa e transmite aos homens as vontades do Pai celeste, são seres já tão elevados moral e intellectualmente, que nem um só de seus pensamentos discorda dos

pensamentos do Eterno, em relação ao meio em que elles vivem.

Era n'este sentido que o Christo dizia: « Quem me vê, vê a meu Pai. Eu e meu Pai somos um. »

Esses espiritos elevadissimos são um em pensamento com Deus, porque elle; nada pensam que seja contrario ao sentir do Soberano Senhor; mas essa unidade de pensamento não destróe a individualidade de cada um d'elles.

Eis, Senhores, como entendemos esse dogma em que os homens confundiram unidade de pensamento com unidade de essencia; eis como cremos, se devia entender o dogma da Trindade catholica; interpretação que o proprio Jesus nos auctorisa a fazer, quando diz a seus discipulos: « Sede um commigo, como eu sou um com meu Pai, afim de serdes tambem um com Elle. »

Diz o credo dos Apostolos que Jesus foi concebido por obra e graça do Espirito Santo. Foi uma sublime revelação! O nascimento do Messias, cumprido conforme os prophetas hebreus haviam anunciado tantos seculos antes, foi um d'esses factos que, aquelles a quem faltam as luzes do Spiritismo, não podem ainda bem comprehender; que uns admittem por fé, e outros negam por não sabel-o explicar; foi um facto em tudo digno da grandeza, da elevação moral e intellectual d'esse typo de pureza, d'esse ser de quem disse um enviado do Eterno pela bocca do propheta Isaias: « Eu puz as minhas palavras na tua bocca, e te protegi com a sombra da minha mão, afim de que plantasses os céus e fundasses a terra. » Sim, espirito já assaz adiantado e puro na occasião da formação do nosso planeta, Jesus foi pelo Pai encarregado d'essa formação, pela reunião dos elementos que se acham por toda parte dispersos na natureza, conforme ás leis eternas e invariaveis estabelecidas pelo Senhor da Creação.

O factos de materialisação de espiritos, ultimamente tão communs nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde o sabio Crookes e muitos homens notaveis de diferentes paizes têm feito a respeito serios e importantissimos estudos, demonstram-nos, a não se poder mais duvidar, o que foi a encarnação do Christo; o que foi o corpo com que elle veio á Terra; o que foram seu nascimento, sua morte, seu desaparecimento do sepulcro, vigiado pelo odio e o temor dos phariseus, sua reaparição entre os discipulos e sua resurreição.

Dizem alguns que, se Jesus não teve uma encarnação como a nossa, foi um embusteiro, que illudiu aos homens com um simulacro de virtudes, que a nossos olhos perdem todo o merecimento, porque, não tendo um corpo carnal como o nosso, elle não podia passar pelos soffrimentos inherentes a este. Jesus não podia então dizer aos homens toda a verdade, porque ella estava fóra do alcance da sua comprehensão. Nunca elle faria conhecer aos seus ouvintes a natureza do corpo que elle revestia, e o modo por que foi este formado, no estado de atrazo em que se achavam as sciencias na época de sua missão terrena; elle, porém, deixou pontos de reparo para as investigações do futuro, dizendo aos seus discipulos que João Baptista era o maior de entre os nascidos da mulher, que elles (os discipulos) eram da Terra e elle não.

Se elle não tinha soffrimentos phisicos, tinha os moraes, que são mil vezes mais pungentes; soffria prevendo o endurecimento dos homens em combater a lei de amor, que elle lhes trazia.

(Continúa).

O Espirito

(UMA CAUSA CELEBRE NA AUSTRALIA)

JOSEPH ETIENNE

Nessa mesma Australia, ainda em grande parte desconhecida, para onde a Inglaterra exporta grande numero de criminosos, vê-se surgir do Sydney a Melbourne, entre o oceano austral e as Montanhas Azues, numerosas villas, *cottages* e herdades.

O bem-estar, o asseio, as riquezas da Grã-Bretanha, penetraram com rapidez nestas colonias tão violentamente *stigmatisadas* por Sesmondi com o nome de — *sentinas de desordem e de vicio*.

Ha vinte annos dizia esse eminente moralista:

« — Envia-se para lá homens des-honorados por julgamentos infamantes innoculando desta forma o crime em uma nação nova e constituindo assim, o que se designa por um nome que faz tremer — « Colonia penal! »

Apezar deste grito de indignação partido de uma alma virtuosa e graças á Providencia, que do mal tira constantemente o bem, as colonias de Nova Galles, na costa do sudoeste da Australia, cresceram e povoaram-se rapidamente.

Construida em menos de tres annos pelos forçados da *stockade* (tambem ditos do presidio de Penbridge), uma magnifica estrada liga Melbourne a Sydney e alonga-se por entre propriedades risonhas, verdes pastos e fertilissimos campos, divididos por sombrias alamedas ou por baixas cercas, como na Inglaterra.

Aquelle aspecto de prosperidade material em via de progresso, retem e alegra os olhos, e esta mesma prosperidade ajudará, certamente, a moralizar-se pouco a pouco a sua população, apezar da tristissima nomeada que goza.

Ha já alguns annos que honrados lavradores escossezes e bravos rendeiros do norte da Inglaterra, expulsos das suas respectivas cabanas, pela miseria, não forçados pela ambição, estabeleceram-se nestas longinquas paragens, aceitando assim a terrivel visinhança dos *stockades* e dos forçados, vulgarmente chamados *convicts*, que, a principio, trabalham para o Estado, acorrentados dous a dous, sob a inspecção de sentinellas armadas; a proporção que se corrigem, gozam de mais liberdade e ao cabo de algum tempo, obtêm *permissões*, especie de exoneração que os autorisa a vender seus trabalhos a particulares; gradualmente, enfim, conseguem plena liberdade.

N'um paiz em que a terra é barata e são raros os trabalhadores, a careza da mão de obra permite a qualquer homem emprehendedor, industrial e perseverante, fazer fortuna rapidamente.

As numerosas herdades que se levantam, como por magia, de todos os lados, pertencem tanto a antigos criminosos *libertos*, como a honestas familias que abandonaram o paiz dos seus avós pela unica razão de não encontrarem ahí o pão quotidiano.

Entre estes ultimos colonos vivia ha alguns annos um emigrado de Yorkshire, um bravo homem, já idoso, conhecido por Benjamin Lytton, ou, como o chamava familiarmente sua mulher, um pouco *dona* da casa, — « o velho Ben ».

Homem fóra de casa, se não o era no interior, Benjamim Lytton, cuidava prudentemente da sua herdade, situada não longe da aldeia de Penrith, a oito leguas de Sydney, e todas as quintas-feiras ia ao mercado desta cidade conduzido, em sua carroça, por

uma bestinha, a Grise, afim de vender hortaliças e fazer compras.

Muitas vezes voltava alta noite, pela solitaria estrada.

Sua mulher fazendo *tricot* junto á grande chaminé, esperava-o, não sem inquietude, mas sempre disposta a preparar-lhe uma bebida quente, chá ou *grog*, assim que elle chegasse.

Homem de habitos regulares e de juizo, Ben mostrava-se singularmente circumspecto nas suas relações com os visinhos. Vivendo com elles em harmonia, mettia cuidadosamente as mãos nos bolsos, não elogiava nunca a sua propriedade, não contava os seus lucros, tratava tranquillamente de seus negocios, não se retrahindo nem se expandindo com pessoa alguma.

Apezar disto, uma troca de terrenos, deu lugar a uma sorte de ligação entre Ben e um outro rendeiro chamado Hardy, que, originariamente deportado para a Australia, não conseguira a liberdade senão pelo servilismo.

Mas que importa! já havia muito tempo e a fortuna que elle devia ao seu espirito de ordem, á sua grande actividade e á sua admiravel energia, era bastante consideravel para classificar-o bem.

A casa, o gado e as terras, representavam um capital de mais de 200.000 francos.

Ben era pobre, porém Hardy, lisongeado por entreter relações com um homem de reputação intacta e de rara probidade, sobretudo na Australia, fez todas as despesas, e, apezar dos seus habitos serem um pouco ferozes, conseguiu impor-se á amizade de Ben.

Visitava frequentemente Margarida Lytton e algumas vezes mandava-lhe estes pequenos presentes que tanto agradam ás donas de casa: ovos de volateis raros, ervilhas, grãos de bico, etc., recebidos de sua terra natal.

O character original e rabugento de Hardy se modificava em favor de seus tranquilos visinhos, entretendo, as relações amistosas do rico proprietario com Ben, não foram de longa duração: diminuíram a pouco e pouco e já estavam inteiramente rompidas, quando correu o boato de que Hardy partira para Inglaterra.

O antigo deportado, que não devia voltar, segundo constava, não despediu-se de pessoa alguma.

Partir assim sem dizer sequer agua-vai, observava Magde de máo humor, é mesmo procedimento de um Hardy! E acrescentava á meia voz, pois sabia que os proverbios e as allusões, muito mal vistos na Australia, poderiam trazer sérias consequências.

— Não se faz do negro, branco, nem da sardinha, baleia!

Apezar de não se ter despedido dos visinhos, Hardy não deixara sua casa abandonada.

Um homem, — Brush, — estabelecido pelas immedições havia mais de um anno, fora encarregado de reger os bens durante a ausencia de seu dono, e o acto que lhe conferia estes poderes, estava conforme, dizia elle, e prestava-se a mostral-o a quem quizesse vêr, comquanto, não havendo partes interessadas neste negocio, ninguém procurasse convencer-se de *visu*, da veracidade das suas palavras.

A intenção de visitar a familia, que vivia na Inglaterra, era constantemente manifestada por Hardy, e, embora suas relações com o agente escolhido, datassem de pouco tempo, havia entre os dous grande intimidade, sobrejamente provada na inteira confiança concedida a Brush.

Quasi ao mesmo tempo da partida de Hardy, Ben Lytton fez tambem uma viagem mais ou menos longa, mas um pouco mysteriosa, e, segundo seus habitos sem dizer a pessoa alguma para onde se dirigia.

(Continúa.)

A casa malassombrada

— « —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— « —

(Continuação)

— Ora, isto não é nada para quem está acostumado, como eu, a limpar as mattas destes insectos. E' o vigésimo quarto de que dou cabo.

— Duas duzias! Póde-se chamar — o papa onças!

Os chocalhos da tropa de Leopoldo, que os tropeiros destaparam, para espantarem as feras, interromperam aquellas considerações.

Em cinco minutos a tropa estava no lugar em que se achavam os tres, trazendo os tropeiros os cavallos da montaria que dispararam e que só pararam quando os encontraram.

Os bons rapazes, que adoravam a Leopoldo, acercaram-se delle para se certificarem de que estava vivo; pois que o facto de lhes apparecerem os cavallos esbaforidos, lhes dera serios cuidados, e a quasi certeza de que seu bom amo fora victima de algum desastre.

— Graças a Deus que nada houve, exclamaram na maior effusão de contentamento.

— Nada, felizmente, disse o moço, graças a Thomé, que arriscando a vida, dá-nos o prazer de contemplar esse bello animal, que vocês vão conduzir, para lhe tirarmos a pelle.

— Pois vamos já com elle, que não é cedo para os pobres animaes beberem e descansarem disse o cabra.

— Quanto teremos ainda de caminho? interrogou Leopoldo.

— Na direcção que os senhores levam, respondeu o desconhecido, só ha pouso d'aqui a tres leguas.

— Não, senhor, interrompeu Thomé. D'aqui á casa malassombrada não póde haver mais de um quarto de legua.

— Como! Pois os senhores querem pousar na casa malassombrada?!

— E porque não? Quem não recua de um bicho destes, ha de recuar de almas do outro mundo?

— Senhores. Eu lhes devo a vida, e por isso preso-os como meus melhores amigos. Peço-lhes que não arrisquem este passo.

— Qual risco, qual nada, interrompeu o cabra; pois eu lhe digo que é mulher o homem que falla como o senhor.

— Lá isto não, que me preso de ser homem; mas olhem que contam daquella casa cousas do demonio.

— Tanto melhor, porque teremos occasião de ver o demonio, ou suas obras; o que não é para todos neste mundo.

— Com effeito! O camarada é valente até a temeridade!

— Não, senhor. Eu sou um homem que gosto de ver o que mette medo aos outros. E o senhor não quer fazer-nos a graça de ceiar connosco?

— Desde que conto certo o perigo que vão correr, meu dever é acompanhá-los. Pela casa passei eu ha pouco, e ouvi cousas de me fazerem irriçar os cabellos.

— Lá o senhor nos contará isto. Agora toca a preparar para a viagem.

Dizendo assim, Thomé que, por sua decisão, tinha dominado todas as vontades, tomou a faca e abrindo o ventre da onça despojou-a dos intestinos e visceras, pelo que ficou a carga muito mais leve.

Ajudado pelos dous rapazes collocou o corpo da fera como sobrecarga do mais forte dos animaes, e perguntou ao desconhecido: se não queria que conduzisse tambem seus arreios, visto ter morrido sua cavalgadura.

A' resposta affirmativa, tirou os arreios ao bonito cavallo, que jazia estendido, e collocou-os sobre outra carga.

Chegou ao sinhô moço o cavallo de sua montaria, e deu o seu ao desconhecido, que quiz recusar, dizendo que iria a pé.

— Não senhor. A pé vou eu, que a isto estou acostumado.

A caravana partiu, ás 10 horas da noite.

Em 20 minutos enfrentaram com a casa, cuja entrada não tinha vestigios da passagem de algum ser humano.

Instinctivamente pararam todos, tomados de indissolvel pavor.

— Ainda é tempo, senhores, de desistirem de sua temeraria resolução, disse o desconhecido. Eu moro a algumas leguas daqui e sei bem quanto é ella arriscada.

— Mas já aconteceu alguma desgraça a quem parou aqui? perguntou o teimoso Thomé.

— Não ha noticia de terem homens parado aqui, depois da horrivel desgraça que provavelmente deu fim aos habitantes desta casa; mas ha noticia de terem muitos ficado quasi loucos, só por passarem aqui a horas mortas,

— Ah! Então se o perigo é de ficar louco, não é cousa de metter medo a ninguém. Rapazes, vocês têm medo de endouecer?

— Nós, não; responderam os carregueiros.

— Nem eu, disse Thomé, que fizera a pergunta, contando com aquella resposta. Alli o Sinhô moço Leopoldo, aposto que não se arreceia de tal perigo.

— Queres por força dormir aqui, respondeu o moço; pois vamos dormir aqui.

A esse tempo, os cavallos de carga, fatigados pela desmedida marcha, foram-se deitando, para mostrarem que já não podiam mais.

— Estão vendo? Os cavallos de carga já não podem seguir para diante. A' vista disso, a parada aqui é forçada.

— Já disse que paremos aqui, repetiu o moço Leopoldo.

— Então, toca para a casa, bradou o cabra, e tomou a frente para indicar o caminho, apagado de todo e perdido no meio das arvores crescidas pelo abandono da casa.

Em um instante a caravana parou em frente da deserta habitação; e Thomé, ajudando os camaradas, botou cargas abaixo no esburacado terreiro, que navia já muito tempo não tinha a honra de ser pisado por pé humano.

— Vão dar agua aos animaes, alli embaixo, e passando o rio para o outro lado, vocês encontrarão bons pastos.

* * *

A casa malassombrada era um vasto edificio de páu a pique, rebocado simplesmente de barro, como se usa nos sertões do Norte, onde não se caíam as casas, apezar de abundarem por toda a parte montes de pedra de cal.

Na frente, voltado para a estrada, havia um grande alpendre aberto e sustentado por esteios de arueira, madeira cuja duração póde-se dizer eterna.

Dessa peça externa passava-se para a interior por uma unica porta ladeada por duas janellas equidistantes.

Nos oitões, de um e de outro lado, viam-se apenas duas outras janellas, o que dava á casa o aspecto de uma prisão.

Nos fundos havia uns páus já pendidos, indicando que alli existira uma latada de folhas, muito usada naquellas paragens e que corresponde ás palhoças do Sul.

(Continúa.)

Typographia do REFORMADOR.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERACAO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Abril—15

N. 130

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o
Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pi-
nheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de
Souza, largo do Riachuelo n. 14.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

O symbolismo na antiguidade

A medida que se vão dissipando as
espessas nuvens, que nos escondiam
as vidas dos tantos povos, que prece-
deram na terra ao estabelecimento da
era christan; á medida que os moder-
nos, com iusano labor, vão arrancando
do solo e do interior dos velhos san-
tuarios, ainda de pé, os segredos das
maravilhas de arte e sciencia, que
esses nossos predecessores nos legaram,
como um testemunho da grandeza e
importancia de sua civilização; o sabio
pasma e sente-se dominado de inven-
cível vontade de couhecer, até onde
chegou o adiantamento desses ho-
mens, até bem pouco para o mundo
quasi desconhecidos.

O homem é sempre extremado em
seus juizos, como a historia da huma-
nidade nol-o demonstra a cada passo.

Nesta questão elle não podia deixar
de manifestar-se, como o tem feito
sempre, exaggerando ou deprimindo os
resultados que já se tem obtido nesses
estudos da antiguidade.

Uns julgam que os conhecimentos
dos nossos antepassados, nas artes, na
sciencia, na industria, foram além de
tudo o que hoje podemos conseguir;
outros acreditam que os resultados, á
que a exploração moderna tem che-
gado, não são mais que sonhos de
mentes fascinadas, e que os antigos
apenas possuíam os rudimentos dos
progressos hodiernos.

Nós cremos que é no meio termo,
que se encontra a verdade.

Estudando o que hoje podemos vêr
do homem desses tempos já tão idos,
é impossivel não reconhecermos, que
o guiava uma intuição poderosa das
verdades eternas, que o levava a
formar uma ideia synthetica admira-
vel do universo e de seu Criador.

Mas o homem progride sempre, tal
é uma das grandes leis, eternas e in-

variaveis da criação. Nós não somos
mais que reencarnações desses antigos
habitantes do planeta; teremos então
retrogradado? Saberemos hoje menos
do que sabiamos outr'ora? Não; cada
um de nós, tomando um novo corpo,
traz consigo os thesouros, que con-
quistou em suas outras vidas; ne-
nhum de nós esquece o que aprendeu.
E' preciso, porém, que não olvidemos
que, hoje como outr'ora, todos os ho-
mens não se acham no mesmo nivel
de saber e de virtude; uns são velhos
espíritos, relativamente á nossa hu-
manidade, que guardam o que colhe-
ram em outras vidas; outros são espí-
ritos mais novos vindos á terra para
se instruir nesse contacto dos mais
adiantados.

Não zombemos; a sciencia dos an-
tigos era grande, era admiravel, mas
o egoismo fazia, que ella não fosse
profusamente propagada no seio do
povo, e se conservasse occulta ás vis-
tas profanas nos mysteriosos recessos
dos santuarios.

Se, por ventura, eram obrigados
pela necessidade a manifestal-a em
publico, revestiam-na de uma capa
através da qual só as vistas dos ini-
ciados podiam penetrar.

Tudo entre elles era symbolico,
tudo tinha um sentido occulto.

No Egypto e na Assyria, onde as
artes subiram tanto, encontramos por
toda parte essas imagens, representa-
ção symbolica de grandes verdades,
que o povo não comprehendia, e que
eram para as classes doudas sublimes
lições.

Basta contemplarmos uma esphinge,
uma dessas colossaes figuras que adorna-
vam as entradas dos templos e pala-
cios dos successores de Teglath-
Sandam ou Nino, para conhecermos,
uma vez esclarecidos pela luz da
sciencia moderna, que altos conselhos
ahi encontravam esses grandes, cujos
corpos e poderio estão, ha tanto, re-
duzidos a pó; e nós mesmos que arro-
gantes nos ufauamos com o que já
suppomos saber.

Ahi se via uma cabeça humana
adornada com os attributos da inicia-
ção, presa a um corpo de touro, com
tetras de mulher, possantes garras de
lião e azas de aguia.

E' um monstro de Horacio, dirão
muitos. Não; interpretemos: a cabeça
humana representa a intelligencia,

seus adornos a instrução, as garras
de lião a audacia do emprehendi-
mento, o corpo de touro a persistencia
e a paciencia, as tetras de mulher o
amor, e as azas da aguia a prece, a
inspiração.

Cultivai a intelligencia, nos diz a
esphinge; tende coragem, luctai com
perseverança e paciencia; amai muito;
e quando vier o desfallecimento, bus-
cai o apoio do céu nas azas da inspi-
ração.

Se estudarmos o sentido occulto das
pyramides, tambem tão empregadas
em suas construcções, acharemos não
menos importante lição.

O triangulo era para elles o sym-
bolo da ideia, do pensamento; o qua-
drilatero o da pratica, da applicação.
Em suas pyramides vemos quatro
faces triangulares sobrepostas a um
quadrado; é o pensamento, a theoria.
O espirito dominando a applicação, a
pratica, a materia.

As quatro faces triangulares vão
terminar em um ponto superior, e do
outro lado nos limites da base.

O ponto superior é o principio, a
força intelligente, regedora dos des-
tinos do mundo; as quatro faces são
as ideias do bem, do bello, do justo e
do util, que emanadas do alto vão
confundir-se, homogenisar-se na pra-
tica, na applicação.

Fazei sempre, diz-nos a pyramide,
que vossos actos sejam bons, bellos,
justos e uteis.

Na sciencia de hoje domina mais o
espirito analytico; todas as suas rami-
ficações são estudadas profundamente,
mas isoladas umas das outras. Sua
principal gloria consiste em propa-
gar-se indistinctamente, em collocar-se
ao alcance de todas as intelligen-
cias.

Não zombemos do passado, pois elle
muito nos póde ensinar; mas não
adoptemos o seu egoismo: estudemos,
estudemos muito, mas derramemos a
mãos cheias o que colhermos em nos-
sas investigações.

Deixemos que riam-se, aquelles que
se creem no apogeu dos conhecimentos
humanos; elles um dia conhecerão
seu erro, e confessarão que temos
razão.

Tomemos para nós os conselhos da
esphinge e da pyramide, e havemos
de acertar.

Spiritismo e mediumnidade

Se a grandeza e racionalidade dos
principios que elle ensina, não o col-
locassem em plano superior ao que
póde ser attingido pelos botes de seus
adversarios, mesmo assim ao Spiri-
tismo já era hoje dado caminhar sem
medo sob a egide protectora de cen-
tenares de adeptos confessos, cujos
nomes são por seu saber e virtudes
venerados pelo mundo inteiro.

São tão sublimes os seus ensina-
mentos, e satisfazem tão perfeitamente
ás mais ardentes aspirações, ás mais
urgentes necessidades do homem de
hoje, que não se póde deixar de crer
ser providencial a sua vinda, ser elle
uma manifestação poderosa da von-
tade do Altissimo.

E' pelas mediumnidades, dote mais
ou menos desenvolvido em todos nós,
que os espiritos, as almas dos que
foram, entram em relação com os
que ainda vivem presos a um corpo
carnal.

Não devemos confundir o Spiritismo
com a mediumnidade: aquelle é uma
doutrina philosophica pura e da maior
elevação; esta uma faculdade que
póde ser bem ou mal dirigida, tor-
nando-se a fonte de grande progresso
ou de tremenda queda, para aquelle
que a pratica.

Por isso temos dicto e diremos sem-
pre aos mediums: estudaí a doutrina,
preparai-vos para distinguir o que ha
de bom e de mau, nas communicações
que receberdes.

Sem a luz da doutrina o medium
caminha ás cegas em um mundo des-
conhecido e cheio de perigos; é o nauta
perdido na amplidão dos mares, sem
uma bussola que o conduza ao dese-
jado porto.

Muito se tem ultimamente fallado
acerca dos trabalhos do Sr. Eduardo
Reg, e não podemos deixar de pro-
testar contra as injustiças que lhe
irrogaram seus accusadores.

O Sr. Eduardo, como elle proprio o
confessa, nada tem lido do Spiritismo,
e basta assistir-se a um trabalho seu
para reconhecer-se isso; mas d'ahi a
negar-se a sua mediumnidade é im-
mensa a distancia. Os factos que elle
denuncia são de tal ordem, que é im-
possivel acreditar-se em uma mysti-
ficação, visto que, muitas vezes, as
pessoas com que se deram, já nem
delles se lembravam.

O medium conserva-se em sua varanda, ás vistas de todos, e só falla com aquelles, que o vêm consultar, sem receber instrucções de quem quer que seja.

Quizeramos que os jornalistas observassem por si mesmos o que alli se passa, para poderem emittir a respeito uma opinião conscienciosa, sem deixar-se levar a juizos temerarios por informações pouco pesadas, de quem não soube ou não quiz observar como devia.

Alli ha uma clarividencia admiravel e digna de estudo.

Confraternisação espiritual

São louvaveis e devem produzir beneficos efectos, todos os esforços tendentes a unificar os pensamentos dos que se dedicam á propagação do Spiritismo. E' tão vasto seu campo de estudo, que nas minuciosidades podem apparecer divergencias, que lhe venham demorar a marcha.

Com o fim de evitar esse inconveniente a sociedade Spiritica de Salem, no Oregon, convidou a todos os crentes do mundo para, n'um mesmo dia de cada mez, a uma mesma hora, se concentrarem todos por espaço de meia hora, collocando-se nas condições de receberem a inspiração do alto, os effluvios beneficos dos espiritos protectores.

Foi escolhido o dia 27 de cada mez, ao meio dia de Salem.

Afim de poderem os nossos amigos, que queiram, partilhar dessa grande obra de proveito para todos nós, damos as horas que correspondem ao meio dia de Salem.

	Horas	Minutos	Segundos
Rio de Janeiro...	5	16	59
Manáos	4	8	40
Belém	4	53	44
S. Luiz.....	5	12	33
Recife	5	50	6
S. Salvador.....	5	35	35
Santos.....	5	4	24
S. Paulo	5	3	7
Taubaté.....	5	7	19
Rio Grande.....	4	40	47
Lavras (Minas)..	5	9	31

NOTICIARIO

Sessão commemorativa. — Esteve bastante concorrida a sessão da Federação Spiritica Brasileira, a 31 do passado, em commemoração do passamento do illustre philosopho Allan-Kardec.

Depois do discurso inicial do presidente occupou a tribuna, como orador official, o Illm. Sr. Dr. Castro Lopes.

Oraram depois os Illms. Srs.: Ulisses Cabral, pelo grupo Spiritica D. Romualdo; F. Pacheco de Oliveira, pela União Spiritica do Brazil; C. Lina e Cirne, pelo grupo S. Agostinho; A. Elias da Silva, pelo grupo 7 de Marco; Noya Junior, João Pinto, Fernandes Machado e Dr. Siqueira Dias.

Tambem soubemos por carta particular, que nossos irmãos de S. Paulo, dos grupos Centro-Familia-Spiritica e Religião e Sciencia, celebraram com sessões magnas o mesmo facto.

Victor Hugo-spirita. — A *Revue Spirite*, de Pariz, de 1º de Janeiro, publicou a seguinte pagina das memorias do grande poeta:

«Uma noite Mme. Victor Hugo convidou nosso filho Carlos, que passava por ter muito fluido, a ir com ella interrogar á mesa; e como elle se excusasse, ella chamou sua criada, uma camponeza de cerca de 12 annos, orphan que nós haviamos recolhido, e que era de um natural taciturno e arisco. Eu me conservava á distancia, trabalhando, quando minha mulher me disse, que eu dirigisse a palavra ao movel.

Depois de saber que elle me responderia, eu fiz-lhe a seguinte pergunta: Qual a missão do homem na Terra?

A mesa por pancadas convencionaes respondeu com as seguintes letras: E, D, E, I, O, R, A; o que ficou incomprehensivel para todos. Perguntou-se-lhe se era uma palavra franceza, respondeu — não; se era uma palavra latina — não; se mais de uma palavra neste ultimo idioma — sim.

Então reunimos as letras formando as tres palavras — *ede, i, ora*, come, caminha. ora; e a mesa confirmou.»

Victor Hugo fez gravar essas palavras sobre uma das portas de Hauteville-House; e contava a todos esse facto, mas não gostava que o buscassem aprofundar.

Confrontando-se a pergunta feita pelo sabio e a resposta dada pelo ser invisivel, do modo por que a interpretaram, vê-se que ellas não combinam: o espirito responde aconselhando ao interrogante que comesse, andasse e orasse, mas não lhe diz qual a missão do homem na terra. Se combinarmos as letras supracitadas de um outro modo, teremos a expressão tambem latina — *a Deo ire* — caminhar segundo a vontade de Deus.

Não poderão dizer ser uma traducção forçada, pois Cicero diz — *ab aliquo stare, facere*, etc. — seguir a vontade de alguém, a opinião de alguém.

Essa nova interpretação foi dada por um espirito a dos nossos mediums; e parece-nos combinar mais com a pergunta:

Qual a missão do homem na terra? Caminhar segundo a vontade, os preceitos de Deus.

Mais uma convicção. — No *Religio Philosophical Journal* de 24 de Dezembro ultimo, publicou o Sr. J. F. Snipes, de New-York, uma extensa carta, na qual descreve alguns dos phenomenos importantes que, segundo elle confessa, fizeram ir por terra o seu castello de duvidas, e conduziram-n'o a tomar lugar nas fileiras dos soldados do spiritualismo experimental, que elle affirma por uma convicção segura ser o maior adversario das superstições.

De entre os factos que narra, traduzimos os seguintes:

Ha pouco enviaram-lhe da Virginia um pedaço de argila; e uma tarde, estando elle conversando com Mrs. Judge Goodwin, collocou a amostra sobre a mesa, diante della. Immediatamente ficou essa senhora sob o imperio do espirito de uma joven india que, em mau inglez, declarou que essa pedra vinha do sudoeste da Virginia, das proximidades de uma sepultura, que alli se havia tornado um objecto da curiosidade geral. Depois ella descreveu minuciosamente os lugares, os habitantes, etc.

Ora a carta que o Sr. Snipes recebera da Virginia dizia, que a pedra fora tirada das visinhanças da sepultura de uma joven india, heroína de uma antiga historia muito em voga no lugar.

Consultando um outro medium, elle ainda obteve as mesmas informações. O Sr. Snipes obteve a photographia

de um irmão de sua mãe, chamado Henrique, que é, segundo os entendidos, uma das mais perfeitas que se tem conseguido.

Elle conta tambem que, tendo o incorrigivel habito de acordar tarde, pediu um dia a um espirito amigo que o acordasse ás 5 horas da manhã, e collocou juncto á cabeceira de seu leito uma pequena mesa. Exactamente á hora aprasada, despertou elle com a bulha que fazia o movel; que não cessou de bater, enquanto elle esteve no leito.

Do estudo destes e muitos outros factos, analysados com toda a calma, como deve fazel-o aquelle que quer investigar a verdade, nasceu a sua crença robusta na sobrevivencia e communicabilidade dos espiritos, e aceitação das grandes verdades ensinadas pelo christianismo scientifico.

O Dr. Henry Slade. — Breve estará entre nós esse distincto medium, cuja faculdade maravilhosa foi posta á prova nos mais civilizados centros da Europa, merecendo geral aceitação.

A seu respeito escreve no *Banner of Light* o Sr. J. O. Goodwin de New-York:

«Convidado com o Sr. Ceruelos, comparecemos a uma notavel sessão do Sr. Dr. Slade, depois do seu regresso da Europa, Ahí tomámos assento com outras pessoas ao redor de uma mesa, que ficava proxima a uma janella.

Trouxeram um jogo de lousas novo, que os presentes submetteram, como a mesa, ao mais minucioso exame, não se podendo encontrar o mais leve motivo de suspeita. Colocou-se um pedacinho de lapis entre as lousas, e segurámos as mãos do medium.

Pouco depois todos ouviram o ranger do lapis que escrevia, como se alguém o estivesse movendo.

Por tres pancadas annunciou a força invisivel, que seu trabalho estava terminad; e abertas as lousas, poderamos ler o seguinte:

«Buon giorno. La serviró come signore, e spero che ella sara contentu. — S. C. K.

«Guten morgen. Wie steht es mit ihren gesundheit? Ihn engebenster Diener, unt wiedersehen. — C. S.»

«My friends. The spirit that has just given the above message is not able to do more now; this is his first effort to write in this way. I am truly the spirit of. — Dr. Davis.»

«Madame. Je me charge de votre affaire, reposez-vous entierement sur moi; je ferai tout mon possible. — V. V. L.»

«My friends. Your spirit-guides are pleased to meet you her. I am — Dr. Davis.»

Depois escrevemos diversas perguntas em uma das lousas, sem que o medium as visse, e na outra appareceram as mais acertadas respostas.

Um livro collocado sobre as lousas sumiu-se ás vistas de todos, e depois mostrou-se no mesmo lugar.

Uma cadeira no extremo opposto da sala erguen-se ao ar, e nelle viajou contornando a mesa e vindo afinal collocar-se juncto della.»

Confessa o noticiarista que os factos observados excederam á expectativa dos mais exigentes.

Faz-se notar que as mensagens estão escriptas com os mesmos erros, com que foram dadas.

O Spiritismo na Allemanha. — *Il Corriere Spiritalico*, de Italia, publicou a seguinte carta do Dr. Wittig, professor da Universidade de Leipzig, dirigida ao Sr. Cav. Fenzi em 1879:

O Spiritismo, vindo da Inglaterra e d'America, tem muito se desenvolvido na Germania, prendendo ultimamente a attenção das mais altas notabilidades scientificas de Leipzig, graças aos

continuos esforços do conselheiro russo Alex. Aksakow, fundador do jornal *Psychische Studien*, de que tenho a honra de ser o director, e bem assim da *Bibliotheca do Spiritismo na Germania*, fundada em 1866.

O Conselheiro Aksakow fez vir de New-York a S. Petersburgo o medium Sr. Slade, que de passagem esteve em Londres, onde o accusaram de fraude, mas depois foi absolvido e retirou-se para Berlim.

Ahi promoveram-lhe tambem a guerra, mas essa não teve resultado serio, á vista do interesse que tomaram por seus trabalhos varios professores e homens de alta posição social. O barão Oscar de Offmann, um dos mais ricos e respeitados cidadãos de Leipzig, alojou-o em sua residencia e fez ahi notaveis experiencias, em companhia do Dr. F. Zollner, da Universidade.

Tambem assistiram a essas experiencias os Srs. G. Weber, prof. de electricidade, Thiersch, celebridade na cirurgia e ex-reitor da Universidade, Scheibner, o assaz notavel physico.

Desde então o Spiritismo tomou na Germania um desenvolvimento extraordinario, e homens importantes, como os philosophos Fichte em Stoccarda, Huber em Monaco, e Ulrici em Halle, se apresentaram defendendo-o na imprensa e na tribuna.

Em S. Petersburgo o Grão Duque Constantino obteve com esse medium resultados surprehendentes e convincentes, como em Praga os principes Thurn e Thasis.

De Vienna pedem com instancia a vinda de um bom medium.

Em Leipzig, Berlim, Dresda, Breslavia, etc., existem sociedades spiriticas, para fazer conferencias ou trabalhos privados com mediums.

Essas experiencias podem affrontar o exame mais severo.

Estudar as leis que regulam as manifestações dos espiritos, será um problema digno da sciencia do seculo XIX. Nellas repousam as maiores descobertas e invenções do futuro.

Uma suggestão criminosa.

—O *Gaulois* de 10 de Agosto ultimo narra o seguinte acontecido em Pariz: Uma pobre moça, de conducta equivocada, mas bastante formosa, vivia, havia já alguns annos, em companhia de um mancebo de boa sociedade, de um desses typos, que infelizmente se vão tornando communs, para quem as palavras moralidade, justiça, caridade são sons sem sentido, que em seus corações embotados pelo gozo dos prazeres mundanos não despertam sentimento alguém.

Enfastiado da amante, quiz elle abandonal-a para casar-se; ao que esta oppoz-se com todas as forças.

Um dia foi a pobre moça encontrada morta, tendo a cabeça varada por uma balla. Reconheceu-se que ella se havia suicidado; mas o seu companheiro, que não perdera tempo em pôr seu plano em execução, tinha por descuido deixado em casa da infeliz alguns livros de hypnotismo. Foi um raio de luz para guiar a justiça na busca de um crime, que hoje está reconhecido. Elle a havia feito adormecer, e durante o somno suggeriu-lhe a ideia de suicidar-se.

Já prevejo que vão levantar-se todos contra o hypnotismo. Não, senhores! Não é esse o nosso inimigo. O hypnotismo é talvez o mais poderoso agente therapeutico conhecido; sem o querer, todos nós o empregamos inconscientemente, quando desejamos ardentemente, com vontade firme, a cura dos enfermos que nos são caros. O nosso pensamento se transmite a elles, e lhes dá a coragem, a animação precisa para luctarem contra a molestia.

O inimigo que devemos combater é a immoralidade que vai minando os nossos costumes. Trabalhem para inculcar nos animos de nossos filhos ideias nobres, pensamentos dignos do ser mais adiantado do planeta em que vivemos. Em uma sociedade moralizada o hypnotismo só pôde produzir benefícios, mas esses immensos, não só contra as dores e enfermidades do corpo; mas ainda contra os soffrimentos da alma, o abatimento, a descrença, os vícios que a fazem decahir e nivelar-se com os brutos.

São já muitos os factos de correção moral conseguidos pelos experimentadores em diversos pontos do mundo; e tudo nos presagia ainda maiores triumphos.

Um aviso.—No *Religio Philosophical Journal* de 14 de Janeiro ultimo conta o Sr. Nick Becker o seguinte: Tendo ido passar o outono e o inverno ultimos em Chicago e estando alojado em modesta casa de pensão, accordou elle em uma noite de Setembro ultimo, e viu pasmo a figura de uma velha, cujas feições poude bem apreciar, mas que lhe era totalmente desconhecida, caminhando para elle até uma distancia de 3 pés. Acenou-lhe para que se retirasse, e ella o fez; mas então percebeu, que no andar inferior se estava dando uma seria altercação. Foi ver o que se passava, e poude chegar a tempo de impedir, que um inquilino da pensão, estando muito embriago, ferisse a outro com um candieiro, do que provavelmente resultaria a morte deste e, talvez, o incendio da casa.

Foi só depois que elle comprehendeu o fim da apparição do espirito da velha, que o viera despertar com tanta oportunidade. Era, sem duvida, um espirito familiar, talvez amigo da proprietaria, senhora viuva e pobre, que serviu-se desse meio para livral-a do prejuizo, que a ameaçava.

Desencarnação.—Ao entrar para o prelo nossa folha tivemos noticia de que em Lisboa acaba de abandonar o envolvero material aquelle que se chamou D. Antonio da Silva Pessanha.

Medico—elle só liberalisava os productos de sua sciencia em nome dos sagrados principios da caridade.

Fidalgo—(pois que ainda os ha em Portugal) elle sabia polir os brazões nobiliarchicos na roda viva da trilogia: liberdade, igualdade e fraternidade.

Spirita—elle encontrava na energia vivaz de suas convicções a robustez precisa para sustentar só em seus hombros os precalços todos da propaganda. Assim é que fundou e sustentou em Lisboa o periodico spirita *A Luz*, a que deu como successor o *Espiritismo*.

São nossos votos que este espirito trabalhador se aproxime de nós para alentar-nos as forças na tarefa que tambem é delle.

Assim Deus o illumine e avigore.

MISCELLANEA

O espaço e o tempo

TRABALHO MEDIANIMICO

Campos, 19 Março 1888. Medium
T. Queiroz

Nós não podemos formar ideia de um objecto sem lhe prestarmos uma forma, pela qual elle nos impressione; e como o espaço e o tempo não têm forma physica, vamos emprestar-lhe uma abstracta, isto é um modo de ser ou de existir.

Nós não conhecemos a forma do espaço e do tempo, mas sabemos que

elles existem, porque os sentimos e nelles vivemos. Logo elles não são ideias vagas, são reaes, porque existem.

No espaço e no tempo se desenvolvem todas as manifestações maravilhosas da natureza; nelles rolam esses mundos infinitos que nos adornam o firmamento; nelles imprimiu Deus o cunho do seu poder e vontade; portanto o espaço e o tempo são a imagem da Divindade, por serem infinitos no seu modo de existir.

Sentimos que o espaço e o tempo são infinitos; como definil-os?

Se não houvesse espaço e tempo, onde estaríamos?... poderíamos existir?

O tempo é necessario para o movimento, pois sem elle não haveria medida nem duração. O espaço é necessario como capacidade, porque sem elle nada se moveria, por não haver lugar para isto.

Sem espaço e sem tempo nada se poderia criar e crescer, porque é no espaço e no tempo que tudo se move.

O espaço e o tempo são dous infinitos, que abrangem e contêm tudo; e portanto concorrem perfeitamente para que haja vida e movimento; porque tudo se encadeia para um fim, e não se pôde dizer que o espaço e o tempo sejam espectadores mudos e indifferentes daquillo que se passa em seu seio.

No espaço e no tempo reside a consciencia universal, reina a ordem e a harmonia infinitas, e Deus se nos revela!

E' no espaço e no tempo que se sumiram as gerações passadas, e que têm de surgir as do porvir.

No tempo, quasi que podemos dizer, não existe presente, porque o presente é como um ponto mathematico, que desaparece na eternidade.

A forma do tempo é a duração, sem a qual não haveria medida para o movimento e, portanto, nada poderia existir.

A forma do espaço é a immensidade sem limites, este é o seu modo de ser.

Deus existe no espaço e no tempo; e seu poder e vontade infinitos abrangem o tempo e o espaço infinitos.

Deus resume em si todos os infinitos, todos os poderes e todas as perfeições infinitas.

Deus! mysterio insondavel!

Quem te poderá definir? E' tão impossivel definir-te como negar-te.

Tuas obras estampadas nas maravilhas da criação são o teu revelador; e se alguém ousasse negar-te, seria um louco, embora a muitos parecesse um genio.

A nossa consciencia e a nossa razão te proclamam, e nos dizem: sem Deus não existirieis.

E' no meio das irradiações de sua divina luz que tudo se move, porque sem a luz divina o espaço e o tempo nada seriam, por lhes faltar a base para a vida e o tempo infinitos, dentro dos quaes reside a criação inteira, e nelles Deus se acha presente.

JONAS.

SEÇÃO LIVRE

O spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA PELO DR. E. QUADROS

(Continuação)

Vem depois o dogma do peccado original. Apagando-se á letra da Biblia, desprezando-lhe o sentido e calcando nos pés a mais simples noção de justiça, attributo sem o qual é-nos impossivel conceber a existencia da força omnisciente e omnipotente, regedora dos destinos do mundo, ensinam as diversas seitas sahidas do Christianismo que todos nós, todos os homens do passado, do presente e do futuro carregamos com a culpa da desobediencia dos nossos primeiros pais; que o primeiro casal vindo á Terra postergou os preceitos divinos, pelo que toda a sua descendencia foi condemnada a soffrer. E' uma ideia contra a qual a razão se revolta; é uma blasphemia lançada contra o principio de todo o amor, de toda a justiça e de toda a misericordia.

E' necessario que o homem seja muito degradado, moralmente fallando, para responsabilisar os filhos pelas faltas de seus pais; e no entanto os homens attribuem á Divindade, aquillo que elles repellem de si.

E' certo que Moysés diz no Exodo, que Deus punirá até a terceira e quarta geração, d'aquelles que offenderem, e recompensará até a millesima d'aquelles que seguirem seus preceitos; mas no Detronomio, no livro da lei, elle diz tambem: « Não morrerão os paes pelos filhos, nem os filhos pelos pais, mas cada um morrerá pelo seu peccado. »

Ha uma manifesta contradicção n'essas duas citações, se não ligarmos á palavra geração o seu sentido proprio, como aconselha o Spiritismo.

Tracta-se aqui das differentes gerações, de que faz parte o mesmo espirito, em suas diversas encarnações.

Por esses dous versiculos Moysés proclama a theoria das reencarnações.

No dogma da resurreição da carne ha ainda uma interpretação, que estamos convencidos de não ser a verdadeira. *Da carne* é um complemento terminativo, exprimindo o lugar donde o espirito resurge, e não um complemento restrictivo do substantivo *resurreição*.

Na morte do corpo o espirito resurge do seu sepulchro de carne, para entrar no mundo espirital.

Era esse o sentido desse dogma entre os mazdeistas, donde elle foi tirado.

A igreja, baseada no *Credo dos Apostolos*, manda crer na communicação dos santos, isto é, dos espiritos bons e justos; ella affirma que os espiritos maus se manifestam aos homens; logo ella mesma crê que os espiritos bons e os maus se podem communicar connosco; no que está conforme com os Evangelhos, que se mostram cheios desses factos; e nenhum christão tem o direito de repellir os ensinamentos dos Evangelhos.

O *Credo* dizia: « Crêde na communicação do espirito »; e os traductores junctaram-lhe, como supponmos, o qualificativo *santo*.

O dogma da remissão dos peccados é de uma sublimidade incomparavel. Nelle se nos manifestam toda a grandeza, toda a justiça, toda a misericordia de Deus.

Sim; pelas expiações e provações nos diversos mundos e na erraticidade, todos os peccados serão remidos; todos

nós, mais ou menos rapidamente, segundo os nossos esforços, attingiremos á perfeição.

O dogma das penas eternas! Parece incrivel que, admittindo o principio da remissão dos peccados, tenham os homens dado um sentido tão lato á palavra *eternas* n'este dogma. Moysés nos diz no Exodo: « Jehovah será adorado eternamente, e ainda além da eternidade »; por consequencia a palavra *eterno* não tinha para elle um sentido de illimitado no tempo.

Jesus empregou-a para exprimir um tempo muito longo, comparado á duração da vida terrena do homem. Sim; serão longas as expiações do espirito renitente no mal, do cego voluntario que se afasta por gosto do caminho do dever. Ellas se prolongarão, até que elle tenha repellido de si todos os sentimentos maus, que o têm arrastado por uma cadeia tão longa de faltas contra os preceitos divinos.

O dogma da immaculada conceição de Maria, que produziu tão grande abalo no seio do mundo catholico, é, entretanto, tão simples e tão logico, estudado á luz do Spiritismo. Os espiritos se encarnam para expiar, para provar-se ou para cumprir uma missão. Maria não tinha faltas a expiar; sua encarnação era o cumprimento de uma missão elevada, portanto ella, a pura, a cheia de graça, encarnou-se sem a macula do peccado original. O peccado original é a falta, pela qual o espirito mereceu a encarnação, sua prisão a um corpo de lama, sua privação temporaria dos gosos da vida espirital. O espirito, que não tem faltas a expiar, encarna-se sem a macula do peccado original.

Chegamos finalmente ao dogma que deu lugar a mais protestos no seio do mundo catholico, e que roubou tantas adhesões á igreja romana: o da infallibilidade do chefe dessa igreja.

Entendamo-nos primeiro sobre o sentido dessa palavra, tão propria para produzir effeito e entontecer as massas pouco illustradas.

No seu rigoroso sentido, essa palavra só pôde exprimir um attributo da Divindade, da força omnisciente, omnipotente, infinitamente justa e perfeita, o unico ser que nunca, em sentido nenhum poderá errar. Jesus não admittia para si essa infallibilidade, visto que elle disse que Deus só é justo e bom; e porque seria affirmar uma falsidade, seria blasphemar contra o Creador.

A infallibilidade de que se tracta aqui, é sómente a de não errar na interpretação dos ensinamentos do enviado do Altissimo, a de resolver sempre com acerto as questões que se refiram á pratica da moral christan.

Assim entendido, perguntamos: o chefe de uma igreja terrena, o pontifice de uma qualquer das religiões que dominam as differentes fracções da humanidade, poderá pretender a esse attributo, poderá ser infallivel? Respondemos: Sim, quando elle fór realmente um papa, um pontifice.

Sim, quando o chefe de uma religião qualquer, catholica, protestante, brahmanica, budhica, manometana, etc., comprehender que fóra da humildade, da caridade e da justificação não pôde haver salvação; que é na pratica dessas virtudes que consiste a sua missão; que o luxo, as pompas e as grandezas mundanas não são mais que um culto tributado a Manon;—quando o chefe da igreja repellir, como tentação de um espirito mau, as purpuras e os diamantes; abandonar o fausto que o rodeia ainda, com grave escandalo d'aquelles a quem

prega a humildade, a pobreza e a resignação;—quando o chefe da igreja, envolto no borel e arrimado ao bordão do peregrino, não se enojar de estender a mão aos pobres e aos enfermos, correr persuroso ao tugurio da miséria para levar-lhe o obulo da caridade, enxugar todas as lagrimas dos afflictos, podendo então sómente dizer, não por vaidade, sem ser desmentido pela pompa que o cerca, mas com toda a sinceridade e convicção: « Eu sou o servo dos servos de Deus »; então sim, esse homem será o representante do Christo na Terra, estará em communição com os espiritos bons, mensageiros do Eterno; esse homem será infallível, no sentido restricto da palavra, como estabelecemos acima.

(Continúa).

● Espirito

(UMA CAUSA CELEBRE NA AUSTRALIA)

JOSEPH ETIENNE

(Continuação)

Os vizinhos attribuíam esta viagem a qualquer empreza importante, pois fallava-se com insistencia nos campos de ouro e nas excavações de Ballart; mais de um lavrador mesmo, trocára o trabalho da terra pelo trabalho das minas.

Deixar o certo pelo incerto, porém, não era costume de Ben e aquelles que o conheciam melhor, estavam convencidos de que elle fôra simplesmente pagar alguma divida ou abrir novos creditos para o seu commercio.

A viagem de Ben não durou mais do que uma semana, mas caso tivesse durado muitos annos, não o teria mudado tanto!

O jovial rendeiro de Yorkshire perdéra a tranquillidade; andava pensativo; com a cabeça sempre baixa, os olhos fixos e estremecendo todas as vezes que alguém se dirigia a elle, como se despertasse de um grande pesadello.

Ben nunca fôra loquaz, o que dava occasião a que Madge dissesse frequentemente que elle pensava mais do que fallava; mas, um movimento de cabeça, um leve sorriso ou uma interjeição escapada de tempos a tempos e que seus interlocutores interpretavam a seu modo, tudo isto mostrava que Benjamin Lytton tomava parte na conversa; entretanto, depois da sua curta ausencia não era mais o mesmo homem: sua face larga, quasi rubicunda, alongou-se um pouco.

Madge, a corajosa Madge, não via mais seu companheiro naquella physionomia taciturna; chegou mesmo a desconfiar que o seu homem tivesse travado algum máo conhecimento em Sydney, onde elles abundavam.

— Se elle se aborrece perto de mim, dizia ella, é porque se distrahe longe.

Uma quinta-feira, á noite, quasi seis mezes depois da partida de Hardy, de quem não se fallava mais; pois na Australia, como em toda parte, o tempo caminha rapidamente e as recordações o seguem de perto, Benjamin Lytton entrou em casa mais sombrio que de costume.

Era já tarde.

A noite estava bastante escura, e, em rafadas, o vento gemia atravessando a planície.

Depois de ter guardado sua carroça e tendo distribuido a ração ao animal, o bom homem entrou em casa e foi sentar-se a um canto da chaminé, e, com os cotovellos apoiados sobre os joelhos, escondeu o rosto entre as mãos.

Margarida não deu-lhe mesmo o «Boa noite» habitual e continuou a

fazer *tricot*, perguntando *in petto* se não seria de bom aviso manifestar ciúmes.

Este longo e triste serão passado a ouvir o sibillar do vento e o bater da chuva nos vidros das janellas, predispunha-a muito para o máo humor, porém, Madge era dotada de bom coração.

Havia 30 annos que ella amava aquelle que sentara-se diante de si, sem dar-lhe um aperto de mão, sem lhe dirigir sequer, um olhar, e no doloroso abatimento em que Ben estava mergulhado, sua colera transformara-se em piedade.

Procurando, em vão, uma phrase com a qual pudesse attrahir a attenção de seu marido, fez o que faria a mulher de um selvagem: entregou-lhe o cachimbo.

Ben recusou-o com o gesto e só então Madge reparou que elle tinha na mão direita algumas folhas de salgueiro e que as apertava convulsivamente.

As faces, que por um movimento brusco deixara apparecer, estavam pallidas e a pobre mulher ficou interdita, considerando aquelle rosto triste, aquellas narinas dilatadas, aquella testa franzida, do companheiro de sua vida.

— Que vás fazer destas folhas? perguntou lhe assustada, retardando a explicação que um momento antes tentára provocar.

— Eu o vi! respondeu Ben.

— Viste!? Quem? tornou Madge com surpresa.

— Hardy... murmurou Benjamin.

— Hardy!? exclamou Margarida. Estás sonhando? bom homem. Elle estará bem longe de Penrith, si tiver viajado sempre. Ah... E' a bebida que te perturba o juizo, Ben. Como queres ver d'aqui o nosso vizinho que a estas horas está se divertindo bem á sua vontade na nossa bella e boa Inglaterra?

E lutava contra o secreto e instintivo terror que se apossava de si, ao notar a decomposição da physionomia do esposo.

— De mais longe se volta a este mundo, tartamudeou Benjamin.

— Basta! Si Hardy tivesse voltado, persistiu Madge, combatendo o seu crescente panico, já todos saberiam. Elle partiu muito bem, mudo como um kangurú, mas se já tivesse voltado os seus jornaleiros apregoariam aos quatro ventos esta feliz nova, e mesmo os nossos vizinhos já teriam contado o succedido augmentando-o quanto pudessem.

E assim continuou a fallar procurando distrahir seu marido, que deixára pender outra vez a cabeça entre as mãos e não escutava uma unica palavra.

Procurando Madge tirar-lhe das mãos as folhas, que apertava nervosamente, continuou:

— Tencionas então plantar algum saissal? Creio que já é de mais o que ha por aqui, e eu prefiro arrancar a propagar esta herva tão damninha, que invade todo o terreno.

E puxava docemente as folhas de salgueiro, mas, vendo os olhos de Ben injectados de sangue, ficou como que petrificada; depois recuou insensivelmente.

— Foi junto a estes ramos que eu o vi, disse Ben com voz entrecortada e fraca. Estava encostado á grade que circula a sua grande casa... Tu sabes! Elle sentava-se sempre ali, olhando para a estrada quando esperava alguém para negocio, ou mesmo simplesmente para conversar...

— Mas que disse elle? perguntou Madge tentando tornar firme a voz. Depois de pequena pausa Ben continuou, lentamente:

— Não fallou; apenas, da ferida aberta no craneo, o sangue cahia gotta

a gotta... Um sangue negro... que corre ha muito... ha muito tempo, pelas faces, pois já estava coagulado! Margarida estremeceu.

— Naturalmente dormiste dentro da carroça e sonhaste, disse ella tentando convencer-o.

— Não! Não! Eu não dormia. Saltei da boléa e caminhei direito a elle! Vejo-o ainda! Estava sem paletot... com os braços cruzados... immovel! A' proporção que eu avançava... elle... elle não recuava... porém... tornava-se pallido... mais pallido... mais... pallido ainda... transparente, emfim!!... Eu via, através do seu corpo, moverem-se as folhas dos salgueiros, agitadas pelo vento!... Depois, quando julguei estar perto, quando ia abraçal-o... nada! nada mais encontrei do que as arvores que oscillavam sempre! Agarrei isto... e jogou ao chão os ramos verdes—agarrei estes ramos no lugar em que cahiam as gottas de sangue da sua ferida... E vês? Não estão ensanguentados!!...

(Continúa).

A casa malassombrada

— «—»

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «—»

(Continuação)

Ao demais só notava-se daquella lado uma porta de sahida.

A casa era de telha van, como são todas as dos sertões, onde o calor tornaria inhabitavel uma casa forrada.

Tambem não se conhecem nos campos casas assoalhadas, substituindo essa parte das construcções das cidades, o barro recalçado e nivellado.

Não se podia saber quaes eram os commodos internos da casa malassombrada, porque todas as portas e janellas estavam fechadas, e nenhum dos hospedes tentou abri-las.

O que se podia inferir é que ou os tinha em grande cópia, ou eram extraordinariamente espaçosos.

O matto cresceu em torno do predio abandonado, de modo que, a dous passos das paredes, viam-se arbustos, naquella tempo despídos de folhas.

Emquanto os camaradas tratavam dos cavallos, Thomé e seu sinhô moço e o desconhecido recolhiam as malas para o alpendre, onde armaram, de um lado, tres redes, deixando o outro lado para os camaradas, que dormiam em couros de vacca.

Thomé tinha o privilegio de dormir em rede, por fazer companhia ao sinhô moço.

Tudo estava tranquillo naquella habitação pavorosa, onde nem o vento rumorejava.

Isso causava admiração a Leopoldo e principalmente ao desconhecido, tanto como dava desgosto a Thomé, que viera alli para ver as cousas estupendas de que resavam as chronicas, e já se convencera de que tinha perdido o tempo.

— São historias de gente medrosa, que toma o piado da coruja por assovio de almas, e miados de gattos do matto por gargalhadas de fantasmas.

Estava nestes soliloquios, accendendo o fogo para preparar a ceia, quando lhe chegou aos ouvidos um gemido lastimoso, partido do interior da casa.

Voltou-se, suppondo que era do sinhô moço, mas já este estava a seu lado, com o desconhecido.

— Ouviste? perguntou o moço, todo espantado.

— Parece que afinal sempre se re-

solveram a nos dar espectáculo! Vem disso.

Um vôo, como de passaro muito pesado, passou por cima das cabeças dos tres, que olharam e nada viram.

— Já vejo que as almas têm azas, disse zombeteando mestre Thomé.

— Thomé não zombes com estas cousas, que não sabemos até onde chegarão.

Uma gargalhada estridente rompeu de dentro da casa.

— Vosmecê está ouvindo? disse o cabra sem se abalar. Elles estão zombando de seus medos.

— Não te calará! Thomé.

— Se elles não bolirem commigo, eu não direi nada; mas parece que querem conversa.

A estas palavras respondeu de dentro um côro infernal de voserias, que atordoavam, e de que não se podia distinguir nem uma palavra.

— Fallando todos a um tempo não nos podemos entender, gritou o cabra. Se querem conversa, tenham modo e fallem portuguez, porque eu não comprehendo a lingua das almas do outro mundo.

A algazarra redobrou e uma chuva de areia cahiu sobre os tres.

— Se não estão doudos, estão fazendo creanças. Isto não são modos de tratar a hospedes.

— Como havemos de dormir no meio destas visagens? disse aterrado a moço Leopoldo.

— Eu bem o avisei, resmungou o desconhecido, que estava sobre brasas.

— Pois eu hei de dormir perfeitamente, disse Thomé. Estas almas são mansas, e não querem senão metter medo. Cá para minha banda vem de carrinho.

Um estapido como de trovão reboou no interior da casa, e foi seguido de um raio de luz amarellada, que foi perder-se nas arvores vizinhas.

— Olé! Tambem fazem tempestades dentro de casa! Mas olhem que o relampago precede o trovão, e aqui foi o contrario.

— Meu Deus! Isto esta ficando insupportavel.

— Sinhô moço de que tem medo? Deixe-os commigo só, que hei de mostrar-lhes de quantos páos se faz uma canoa.

— Não. Eu é que não me quero expor a mais, disse com voz tremula Leopoldo Dantas.

— Bem que o avisei, exclamou o desconhecido.

— Ora o senhor é que está mettendo medo a sinhô moço. Se não tem animo, vá-se embora.

— E vou mesmo, disse elle. Vou dormir na areia do rio.

— Eu o acompanho, exclamou Leopoldo.

— E quem fica tomando conta das cargas? perguntou Thomé.

— Ficas tu, que gostas desta cousas.

— Pois, sim; ficarei eu, e de bom grado.

Os dois camaradas chegaram naquella momento, e vendo o amo em via de marcha, perguntaram o que era aquillo.

— Vão dormir na areia do rio, com medo de uns fedelhos d'almas d'outro mundo, que nos têm feito umas caretas, alli de dentro de casa.

— Almas do outro mundo! exclamou um dos rapazes. Então eu vou com o amo.

— Pois vae, poltrão.

— E eu fico, que nunca vi alma do outro mundo, e desejo vel-as, disse o outro.

— Muito bem. Já tenho companheiro, exclamou Thomé.

Os tres medrosos partiram em desfilada, e Thomé com seu companheiro trataram de preparar sua ceia.

(Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Maio—1

N. 131

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o
Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de
Souza, largo do Riachuelo n. 14.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

Scepticismo e crença

Spirita e sceptico! Parece irrisoria
essa união hybrida e extravagante da
crença firme e racional, baseada na
observação e no raciocínio com a du-
vida systematica, e no entanto ella
existe; e o que mais é para admirar-
se, no proprio terreno da phenomena-
lidade spiritica.

E' realmente entre os spiritas, entre
os mediuns principalmente, que se
mostram os maiores descrentes, em
relação ás ordens de mediumnidades
diferentes d'aquella ou d'aquellas que
elles cultivam.

Fallai a um medium que só tenha
obtido manifestações psychographi-
cas, ou de escriptura indirecta, dos
resultados importantes conseguidos
pelas mediumnidades de effeitos phy-
sicos, de escriptura directa, de mate-
rialisações, etc.; e ainda que pelo
raciocínio elle acredite na possibili-
dade do facto, nelle encontrareis mais
dúvidas, do que n'aquelles a quem
chamamos descrentes, n'aquelles que
não têm mediumnidade ostensiva.

Dizei a um medium que nunca te-
nha testemunhado phenomēnos de
uma certa ordem, que elles se estão
produzindo em um tal lugar, e vel-o-
heis, mais que qualquer outra pessoa,
manifestar desejos de ir observal-os;
não, guiado por natural curiosidade,
mas porque elle duvida; e uma vez
alli, é exactamente nelle que tereis o
mais desconfiado observador.

Convem-nos pensar sobre esse facto,
cuja causa não trepidamos em attri-
buir a suggestões do mundo invisivel,
talvez mesmo com o fim de provocar
esse estudo.

As mediumnidades se desenvolvem
em vastissimo campo; são variadissi-
mos os modos de que se servem os
espiritos em suas relações com os ho-
mens.

A cada passo da nossa vida os que
partiram, amigos ou inimigos nossos,
procuram influir na nossa conducta,
insinuando-nos pensamentos adequa-
dos ao fim, a que nos pretendem con-
duzir.

Todos somos mediuns; todos vive-
mos em contacto constante com os
habitantes do mundo invisivel que,
como o que observamos na vida ter-
rena, se repartem em diversas cate-
gorias.

Convem ao homem dominar-se sem-
pre, nunca consentir que a sua razão
seja offuscada pelas predicas boas ou
más, pelas insinuações benevolas ou
malevolas dos invisiveis.

Busquemos sempre separar o joio do
trigo, distinguir o que vem de Deus,
daquillo que procede da ignorancia e
perversidade dos espiritos atrazados,
esses pais do erro e da mentira, em-
quanto por seus esforços não conse-
guem a luz, que lhes illuminará o
bom caminho.

Mediuns, sobre tudo vós, observai,
estudai muito. A vossa faculdade des-
envolvida, se vos póde ser util instru-
mento de progresso, tambem vos póde
conduzir a amargas desilluções.

E' grande a vossa responsabilidade.
Vigiai e orai.

Razão e sentimento

« Será licito ao que morre de fome,
apossar-se do alheio contra a vontade
do seu dono, afim de evitar a morte? »

Os nossos sentimentos humanitarios
respondem-nos logo pela affirmativa;
porque, ao simples enunciado dessa
questão, ergue-se em nossa mente o
quadro afflictivo de uma creatura hu-
mana debatendo-se nas ancias de uma
morte horrorosa, porque uma outra,
dotada de ferina crueldade, lhe re-
cusa os meios de salvação.

A' tal vista, a compaixão por um e
o odio contra o outro obscurecem-nos
o entendimento; e o coração não nos
deixa raciocinar.

Se, porém, consultarmos sómente á
nossa razão, ella nos dirá: Não, nin-
guem tem o direito de assenhorear-se,
á força, do fructo do trabalho de ou-
trem.

Só se póde apresentar uma desculpa
áquelle, que procede como acima figu-
ramos, e é a da allucinação, da per-
turbacão de suas faculdades intelle-

ctuaes pelo predominante sentimento
da fome e pelo temor da morte.

Mas essa attenuante, nascida do
atrazo da nossa humanidade, a quan-
tos abusos, a quantos crimes não vem
franquear as portas?

Aquelle que vê sua mãe, sua esposa,
seus filhinhos morrendo á mingua, não
será tambem merecedor de desculpa,
se desnorreado assaltar na estrada ao
incauto viajante, para assim conse-
guir recursos que vão alliviar á mise-
ria dos seus? E os nihilistas, essa
praga do presente, buscarão outra
cousa, nas desordens que estão provo-
cando, a não ser um melhoramento
nas torturas do seu viver?

Por esse modo se a razão calar-se
deixando sómente imperar o senti-
mento, chegaremos a uma desordem
immensa, ao cahos, á completa disso-
lução da sociedade.

Quem nos diz que não foi a sua
incuria, que levou os individuos a que
nos referimos, ao triste estado a que
ficaram reduzidos? e sendo assim,
será justo que elles se vão apossar do
que foi adquirido pelos penosos labo-
res de outrem?

A caridade é a mais sublime das
virtudes, mas não deve ser imposta.

Na presente questão, se ella pro-
testa contra a dureza d'aquelle, que
nega ao faminto um pedaço de pão,
não póde tambem approvar o acto
iniquo de quem fere a outrem, pri-
vando-o do que lhe pertence.

O sentimento é o incentivo que nos
impelle a obrar, mas nunca devemos
consentir que elle nos offusque a
razão.

Dia virá, talvez não muito longe,
em que o homem não terá mais neces-
sidade de recorrer a esses meios extre-
mos, não só porque em seus amargos
elle encontrará corações fraternos
que lhe venham em auxilio, como
tambem porque, libertando-se dos vi-
cios e sentimentos ruins que ainda o
degradam, elle melhor comprehenderá
os seus deveres, e difficilmente ficará
reduzido a essas tristes condições.

Ave! Libertas!

Estamos em festa. Foram-se os te-
mores, e no formoso firmamento do
imperio do Cruzeiro levanta-se fulgu-
rante o sol da liberdade.

Soou a hora de desaparecer da face

da nossa sociedade a macula da esca-
vidão, que nos dividia em algozes e
victimas e nos privava do lugar, que
nos compete no convívio dos povos
civilizados.

O sopro divino invadiu todos os
peitos, baniu de todas as mentes a
ideia dos mesquinhos interesses, em
cujas aras era offerecido em sacrificio
o sentimento da caridade, essa sub-
lime virtude que mais nobilita e
exalta o homem aos olhos do Pai ce-
lestial.

Todos os obstaculos sumiram-se,
como por encanto; milhares de con-
versões se deram, não menos maravi-
lhosas que a de Paulo no caminho de
Damasco; e de todos os corações se
erguem hoje aos céus hymnos de amor
e gratidão pelo triumpho esplendido
e incruento da generosa propaganda
da libertação dos captivos.

Incançaveis trabalhadores do pro-
gresso, almas generosas que tanto vos
empenhastes nesta lucta, não julgueis
que tudo esteja concluido; é cedo
ainda para repousardes á sombra dos
louros conquistados. Partiram-se os
ferros do captivo material de um
grande numero de nossos irmãos, mas
um numero ainda muito maior definha
e succumbe sob os pesados grilhões
do vicio e da perversão moral.

Luctemos sem descanço; implore-
mos com fé e esperança o auxilio do
alto para o completo libertamento da
nossa patria.

NOTICIARIO

Discurso. — Em outra secção
desta folha publicamos o importante
discurso proferido pelo Illm. Sr. Dr.
Castro Lopes na sessão commemorativa
de 31 de Março ultimo, anniversario
do passamento de Allan-Kardec.

Revista del Hipnotismo. —
E' o titulo de uma notavel revista
scientificas que, sob a direcção do Sr.
Dr. A. de Das, acaba de apparecer em
Madrid. O valente campeão do pro-
gresso só se dedica ao cultivo da
sciencia, banindo de seu campo de
estudo toda outra qualquer questão.
Entre seus collaboradores contam-
se os mais nomeados hypnotisadores
do mundo, sendo um delles o prof.
Barety, de Niza, que ultimamente
publicou um importantissimo tractado
de magnetismo animal.

A nova revista apparece quinzenal-
mente, e para o estrangeiro é a sua
assignatura de 25 pesetas por tri-
mestre.

Recebem-se assignaturas á rua da Carioca 120, 2º andar.

Agradecemos cordialmente a remessa do 1º numero, e pedimos permuta.

Efeitos physicos. — O Sr. Cirne Lima, morador na capital do Pará, á rua do Rosario n. 46, communicou-nos em data de 20 de Setembro ultimo, o seguinte facto acontecido com sua familia: Na noite de 22 de Agosto, ás 10 horas, estando elle já recolhido e sua senhora perfeitamente acordada, começou esta a dar gritos abafados, como se alguém a quizesse asphyxiar.

Elle dizia que lhe apertavam o pescoço. O Sr. Lima sentou-se e segurou-a com força, mas viu-a ser-lhe arrancada dos braços e lançada ao chão por um poder estranho e quasi irresistivel.

No dia immediato varias pessoas foram á sua casa, e ainda, facto extraordinario, viu-se no pescoço da senhora signaes patentes da compressão ahi produzida na vespera pelos dedos de uma mão desconhecida.

Entre essas testemunhas estavam as Ex.mas Sras. DD. Raimunda Martins, e Antonia Cirne da Fonseca, a familia do Sr. José Maria da Silva Basto e o Sr. Philadelpho Camello Pessoa, empregado no Arsenal de Guerra.

E' uma manifestação physica violenta de cuja possibilidade não pôde duvidar quem estuda a doutrina spirita. A senhora é um medium de efeitos physicos, e o facto dado, se lhe trouxe um incommodo passageiro, foi ao mesmo tempo uma prova palpavel para muitos da communicabilidade dos espiritos.

Pela natureza da manifestação se reconhece o estado do manifestante; e isso nos viria tambem demonstrar, se de tal ainda duvidassemos, que o simples facto de abandonar o corpo, na morte, não dá logo ao espirito toda a lucidez; que as imperfeições, os vicios, a malvadez são qualidades do espirito e não do corpo que o reveste, e afinal que o espirito conserva os sentimentos bons ou máus, que manifestava na vida.

Manifestação de força. — No *Religio Philosophical*, de Chicago, de 18 de Fevereiro ultimo, publicou o Sr. J. H. Cook, de Springfield, uma noticia importante, cujo resumo é o seguinte: Ha 25 annos estava elle em Westbrook, perto de Portland. Era o tempo em que os phenomenos spiriticos começavam a despertar o maior interesse. Vivia em sua companhia uma joven sobriinha de sua esposa, a qual, junctando-se com outra moça da vizinhança, entregava-se a seguidos trabalhos mediámnicos com uma mesa, ou pela psychographia.

Uma tarde, em casa desta ultima, foram ellas trabalhar diante de varias pessoas, e ficaram cheias de terror á vista da manifestação violenta que ahi se deu. Estando o ar calmo, toda a casa foi abalada, como se por ella passasse formidavel furacão; portas, janellas, moveis e louças, tudo se movia, parecendo que o predio ia desabar.

Pedindo-se uma explicação ao espirito, elle respondeu ser um facto identico ao citado nos Actos dos Apostolos, cap. 4, v. 31.

Achava-se tambem ahi o Dr. Stone, pouco sympathico ás ideias spiriticas e casado com uma orthodoxa.

Mezes antes tinham elles sido pela morte separados de seu unico filho, de cerca de 10 annos de idade, e desde esse dia deram-se em sua casa varios factos, que pareciam manifestações do fallecido.

Elles desejavam ardentemente vencer-se da realidade, e sendo convidados, correram a testemunhar o facto, e que alludimos acima.

Vieram e viram. Então o medium, impellido por uma força irresistivel, escreveu uma communicação que satisfez a todos, assignada pelo espirito do menino, filho do Dr. Stone.

Perguntou este por seu pai, e o espirito respondeu-lhe que tambem alli se achava. Para fazer uma experiencia perguntou, se sua mãe tambem estava; e obteve em resposta, que não, porque ainda vivia na terra.

As provas foram tão positivas, que o Doutor tornou-se um crente e convicto adepto do Spiritismo.

São factos, sempre factos, que nos vêm demonstrar serem chegados os tempos de romper-se o véu, de desmoronarem as barreiras, que nos escondiam as bellezas do mundo espirital. Essa communicação dos dous mundos, até agora pouco estudada, e por censuravel teimosia ainda por muitos negada, tem de ficar patente aos olhos de todos.

Manifestações. — Resumimos da *Revista de Estudos Psychologicos*, de Madrid: Ha 45 annos, quando falleceu o Sr. Peytout, cura de Sentenac, espalhou-se o boato, de que ouviam-se á noite ruidos insolitos no pavimento superior do presbyterio; sentiam-se as passadas de alguém que passeava, arrastava cadeiras, descia as escadas e sorvia pitadas de rapé, como fazia em vida o fallecido cura.

Os simples acreditariam logo que era elle, que não queria ainda afastar-se dos seus parochianos; mas os espiritos fortes não deram ouvidos a isso, e enviaram dous dos seus, os Srs. Eychenne e Galy, bem armados, para verificarem o caso. O facto deu-se: elles sentiram mover-se cadeiras no andar superior, descer-se a escada; e percorrendo toda a casa, nada acharam de suspeito: tudo estava no seu lugar.

Ao sahir disseram: Não temos duvida; não é um homem que anda alli, mas o fallecido cura, cujas pisadas bem conhecemos.

Maria Calvet, criada do successor de Peytout, conta que, estando limpando os utensilios da cosinha, viu passar um padre sem lhe dirigir a palavra; julgando ser seu amo, pois alli não havia outro, ella riu-se e perguntou: Quer me metter medo? mas olhando de novo, não viu mais alguém; e ella que era conhecida por animosa, não teve mais a coragem de ficar só.

Anna Maurette, mulher de Raimundo Ferran, passando de manhandado pelo presbyterio, viu o cura lendo seu livro de orações juncto ao cercado; mas, querendo fallar-lhe, notou que elle se afastava, não lhe deixando ver o rosto.

Na volta encontrou com o cura e disse-lhe: « Muito cedo levantou-se hoje V. Rvma. » « Porque, filha? » perguntou-lhe o cura. « Era ainda escuro, quando vos vi juncto á cerca lendo o vosso breviario », disse ella. « Não é possível, pois acabo de levantar-me do leito », redarguiu o padre.

Então acudiu á mente della que a figura que vira, não se parecia com aquelle com quem estava fallando, mas com o outro que já tinha deixado o mundo.

Eis ahi um facto bem testemunhado; e em Sentenac não ha hoje quem não creia, que o cura Peytout voltou á terra, e fez-se visivel, depois de haver abandonado pela morte seu corpo carnal.

Salvo por um espirito. — O *Banner of Light* de Boston, de 31 de Dezembro ultimo, escreveu a seguinte noticia, que lhe foi transmittida pelo sabio professor Tholuck, da Universidade de Halle e um dos mais eminentes theologos allemães.

Elle declarou ter ouvido a narração do proprio Dr. De Wette, seu intimo

amigo, homem modesto, experiente e de uma intelligencia lucida e vigorosa.

O Dr. De Wette, famoso critico biblico allemão, regressando uma noite á casa, entre 9 e 10 horas, ficou surpreso de ver da rua illuminado o seu gabinete de estudo, quando elle tinha plena certeza de haver apagado sua lampada, ao sair.

Suppondo que fosse algum ladrão, que, aproveitando-se de sua ausencia, vinha para roubal-o, resolveu-se a ir chamar a policia, quando viu um homem assomar á sua janella e mostrar-se-lhe em plena luz.

Sua surpresa não teve mais limites; e instinctivamente elle apalpou-se todo afim de certificar-se da sua identidade, porque o individuo que estava á janella, era em tudo o seu perfeito retracto.

Sem querer perturbar os estudos do outro—elle, o Dr. De Wette foi pedir agasalho por aquella noite em uma casa fronteira, e, por uma coincidencia notavel, installaram-no em uma camara, donde completamente se devassava a sua.

Dahi ponde elle ver á vontade o Dr. De Wette n. 2 passeando pensativo, consultando livros, tomando apontamentos, representando em tudo, o mais perfeitamente possível, seus gestos e modos.

Á meia noite viu o seu substituto vir á janella, cerrar as cortinas e apagar a luz; e elle, depois ainda de alguma espera, foi dormir tambem.

Mal amanheceu, elle transpoz a rua, foi direito ao seu gabinete, mas não ponde descobrir vestigio algum de haver alli estado alguém.

Decidamente, disse elle, foi uma allucinação; já me vou fazendo velho, e os meus sentidos me illudiram, causando-me o incommodo de não dormir em minha casa.

Com esta convicção dirigiu-se elle por um corredor á sua camara de dormir. Era ahi que o esperava a maior surpresa. Toda a camara estava cheia de destroços; seu leito estava em pedaços; o tecto de alvenaria de tijolo tinha desabado durante a noite.

Assim o espirito que forçou-o a não dormir em casa, salvou-lhe a vida.

Lux. — Fomos mimoseados com os primeiros numeros desse periodico, órgão da Academia Internacional de estudos spiriticos e magneticos, de Roma.

E' uma importante publicação mensal destinada á propaganda do espiritalismo experimental e do christianismo scientifico.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Sr. E. Ungher, Casella Postale n. 142, Roma.

Agradecemos e pedimos permuta.

Manifestações auditivas. — O facto que vamos narrar é historico, e pertence a uma época em que não se occupavam, como hoje da manifestação dos espiritos.

Nos *Apontamentos do Marquez Christophe Juvenal des Ursins*, Tenente-General do Governo de Pariz, publicados em 1601; bem como na *Histoire de l'Ordre du Saint'Esprit*, escripta por De Saint Foy, edição de 1778, lê-se o seguinte:

A 31 de Agosto de 1572, oito dias depois da carnificina de *Saint-Barthelemy*, após um dia extraordinariamente quente, o Marquez des Ursins, havendo ceiado no Louvre com Mme. de Fiesque, foi com ella gozar da viração da noite sob uma latada que olhava para o rio. De repente elles ouviram no ar um som confuso de gritos tumultuosos, gemidos e imprecações de raiva; deixando-os immoveis, surpresos e sem mesmo a coragem de fallar.

E' certo que o rei tambem o ouviu, assustou-se e não ponde mais conciliar

o somno; que no dia immediato, ainda que nada dissesse a tal respeito, conservou-se sombrio, pensativo e com um ar espantado.

Aubigné, liv. 1º, cap. 6º, pag. 561, diz que Henrique IV contava muitas vezes aos seus familiares, mostrando-se ainda atemorizado, que oito dias depois de *Saint-Barthelemy*, veio uma grande quantidade de corvos empoleirar-se sobre o pavilhão do Louvre; e que nessa mesma noite Carlos IX, duas horas depois de se haver deitado, saltou da cama, fez levantar seus camaristas e mandou indagar do que havia, pois chegava-lhe aos ouvidos um grande ruido de vozes e gemidos, semelhantes aos que ouvira na noite da matança, parecendo-lhe que atacavam aos partidarios de Montmorency. Elle fez partir seus guardas, que, voltando, declararam conservar-se Pariz quieto, e estar no ar o ruido que se ouvia.

Eis um facto bem testemunhado, e propalado por conhecidos historiadores e personagens dignos de credito.

As vozes que ultimamente se têm feito ouvir nas sessões dos mediums de efeitos physicos, nos Estados-Unidos e na Inglaterra, nos explicam a natureza desse phenomeno, que veio despertar o terror na mente dos que se haviam envolvido na celebre tragedia de S. Bartholomeu.

Recebemos. — *El Constructor*, de Barcelona, órgão dos marceneiros, defensor dos interesses do trabalho; *La Regeneracion*, semanario, livre-pensador, de Barracõa; *El Pensamiento*, periodico decenal de sciencias e artes, de Cienfuegos.

Agradecemos cordialmente e pedimos permuta.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

V

Entre as abelhas melliferas, as *chalicodomes* não constroem um novo ninho, senão quando não encontram um antigo, que ellas reparam convenientemente; as *xylocopes* não cavam moradas nas arvores, senão depois de terem explorado os velhos troncos que existem na vizinhança, afim de verem se se podem alojar em aberturas já feitas por gerações anteriores da sua especie, o que as liberta de um trabalho desnecessario.

Existem colmeias cujos favos são todos parallelos entre si; e é o caso mais ordinario; em outras, porém, os que occupam uma parte da colmeia, são ainda parallelos, mas os da outra parte são obliquos aos da primeira. Resta assim um intervallo entre as ultimas camadas, e nelle vêm-se favos desigualmente inclinados, de modo a haver uma gradação insensivel nas inclinações.

Nas colmeias um grande numero de cellulas é unicamente destinado a recolher as provisões; as abelhas fazem-n'as maiores que as outras.

Quando a colheita do mel é tão abundante, que faltam cellulas para recolhê-lo, as obreiras procuram alongar as cellulas antigas, e constroem novas de maiores dimensões que as ordinarias.

Poderemos acreditar que a reflexão não dirija, muitas vezes, os actos desses animaes? que elles sejam destituídos de intelligencia?

Vêde-as no trabalho da inspecção das cellulas que contém as larvas, e depois de examinal-as todas, voltar para augmentar as provisões d'aquellas, em que as não encontraram em quantidade sufficiente, e dizei, se lhes faltam a memoria e o raciocinio.

Sempre a abelha-mestra parte com o primeiro enxame, que na primavera abandona a colmeia; e enquanto essa colonia construe sua nova morada, as abelhas que ficaram na antiga, fazem severa guarda ao redor dos alveolos reaes, onde se acham as jovens femeas no estado de larvas, de ninphas ou mesmo de insectos perfeitos. porém ainda presos. Nenhuma dessas captivas será nesse estado conservada além de um tempo determinado; nenhuma deixará a prisão antes da hora precisa.

A ordem é inflexivel. Uma só rainha devé dar leis a esse povo; e apenas uma dessas femeas deixa seu alveolo e é fecundada, vai matar todas as outras, que ainda estão nos alveolos.

Já de ha tempos immemoriaes, as abelhas descobriram aquillo que ainda ignoram os grandes sabios da nossa raça: ellas conhecem o meio de tornar fecundos os seres estereis da sua raça por meio de uma alimentação apropriada.

Ellas sabem que fornecendo a um dos seus maior quantidade de alimento, devem proporcionalmente dar-lhe maior porção de ar, para lhe facilitar a digestão.

Uma larva de obreira que tenha de idade menos de 3 dias, pôde com esses cuidados tornar-se uma femea fecunda, quando a morte privar a colmeia de sua rainha.

Os zangões. — Esses animaesinhos se grupam, se associam e cumprem sua tarefa com amor. Suas sociedades são menos numerosas que as das abelhas.

Essa sociabilidade menos desenvolvida indica uma civilização menos adiantada, uma industria menor, uma intelligencia mais obtusa.

Tambem a architectura de seus ninhos é menos notavel que a dos das abelhas e das vespas. Todavia esses animaes possuem tambem uma certa intelligencia. Chegada a primavera, vê-se as femeas dos zangões voando pelos prados e collinas seccas, visitando todas as cavidades que encontram, examinando-as e afinal se decidindo pela que mais lhes convem.

Ellas experimentam a grandeza das cellulas onde têm de depor seus ovos, e, em caso de necessidade, as alargam. Quando as larvas se desenvolvem, as cellulas que as contém, não tendo mais a precisa capacidade, se fendem, e então a mãe addiciona cera até fechar as aberturas.

O augmento da população entre os

zangões tem isto de notavel, que a industria e a intelligencia da cidade crescem na razão directa do numero de habitantes.

A intelligencia ali se excita com o contacto, e uma especie de emulação arrasta todas as vontades ao trabalho, à defesa commum e aos cuidados a dispensar aos filhos.

As pulgas. — Basta pensarmos nos exercicios que faziam as chamadas pulgas sabias, para reconhecermos que esses animaesinhos possuem uma intelligencia susceptivel de cultivo.

(Continúa.)

SECCÃO LIVRE

Saudação a Allan-Kardec

Mestre venerando!

O dia de hoje, anniversario d'aquelle, em que tiveste a ventura de deixar a masmorra, chamada — *globo terrestre*, coincidiu d'esta vez com a época, em que um dos mais puros espiritos, ha dezanove seculos, deixou tambem o involúcro terrestre, e voltou á patria celeste.

Jesus, como elle proprio o tinha predicto, resuscitou ao terceiro dia de sua crucifixão; isto é, condensou até ao puncto de tornar tangivel o seo perispirito, e se apresentou durante 40 dias a seos discipulos.

Vós tambem, desprendido do carcere da materia, condensastes o vosso sublime espirito nas obras, em que revelastes a doutrina de Jesus, pura como elle a ensinou: vós tambem, posto que desencarnado, estaes presente sempre não só aos milhões de vossos discipulos, mas a todos os povos da terra!

Jesus veio opportunamente, segundo as vistas de Deus, ensinar a humanidade, mais embrandecida já do que nos tempos de Moysés, o caminho do céo.

Mas esse enviado do Rei dos reis dizia muitas vezes aos seos discipulos que não era ainda opportuno o tempo, que elles não estavam ainda em condições de saber muitas cousas, das quaes mais tarde teriam conhecimento *pela revelação do Espirito de Verdade*.

Chegou esse tempo; e foi desanove seculos depois da prégação de Jesus, que de todas as partes do mundo irromperam as communicações dos espiritos com os homens.

Fostes vós então, venerando Mestre, o homem predestinado para codificar essas communicações, e formar o Organon da doutrina spirita.

Vós fostes o quinto Evangelista, que commentando, não por vossa interpretação, mas pela dos espiritos andiantados, as proposições de Jesus colligidas nos quatro Evangelhos, realisastes a palavra do divino Mestre, quando prometteu que mais tarde viria o *Espirito Consolador* completar o seo ensino.

Feliz de vós, a quem coube tão gloriosa e humanitaria missão! Mil vezes feliz!

Se Jesus, como crêm os catholicos, usando do modo de falar dos hebreos, está á mão direita do Deus Padre, vós, preclarissimo Mestre, estâes á mão direita de Jesus; porque, explicando as communicações espiritas, mostrastes o sentido dos Evangelhos por provas positivas e scientificas, tirando-lhe o caracter de mysterio, e de prodigio, que lhe dava a ignorancia de leis naturaes até então desconhecidas!

Eu vos saúdo, Mestre, e em nome de todos os vossos discipulos vos peço que não cesseis de rogar a Deus, e a todos os bons Espiritos, afin de que a obra já tão adiantada da propagação do Spiritismo cresça cada vez mais para melhorar a sorte da humanidade.

Riode Janeiro, 31 de Março de 1888.

DR. CASTRO LOPES.

O spiritismo como philosophia religiosa

CONFERENCIA PELO DR. E. QUADROS

(Conclusão)

Vistes d'este tosco e precipitado exposto que as grandes ideias da força creadora e regedora do universo inteiro, da immortalidade da alma e de sua communicabilidade comnosco, das penas e recompensas em uma vida futura, e da passagem de um mesmo espirito por diversas encarnações, para purificar-se e conquistar a felicidade dos eleitos, têm em seu favor o consenso unanime dos povos, desde aquelles que ainda luctam com os seus instinctos ferozes para sahir do selvagismo ou da barbaria, até os que mais tem espantado o mundo com os progressos de sua civilização; que por toda parte essas ideias apparecem, formando o fundo de todas as religiões professadas desde os mais antigos tempos até os nossos dias.

Ao lado d'essa prova de tão grande peso, que outra de subido alcance não nos fornecem a observação e o estudo da natureza, livro immenso e de belleza incomparavel pelo Creador patenteado ás nossas vistas, e a razão, essa faculdade maravilhosa que Elle nos deu para guiar-nos na escabrosa senda da vida, para entrarmos em relação com Elle e antevermos suas infinitas perfeições?

Fitemos nossas vistas na abobada apparente do firmamento, por uma dessas noites calmas do estio, em que as estrellas scintillam fulgurantes, bellas, faiscantes como gemmas preciosas derramadas profusamente pelos espaços sem fim. A sciencia tem investigado e chegado a conhecer as distancias pasmosas que d'ellas nos separam, suas grandezas, côres, brillos, graus de fluidez e condições de habitabilidade, podendo-se concluir sem medo que n'ellas progridem humanidades em diversos graus de desenvolvimento, que ellas são as diversas moradas da casa do Pai celestial, de que fallou-nos Jesus.

Quem, ao contemplar tanta grandeza, e magnificencia, não se sentirá amesquinhado em seus sonhos vaidosos de rei da criação, e não será arrastado por uma força invencivel a reconhecer a existencia do Creador, fonte de todo o poder?

A harmonia que preside á criação inteira, desde a vida e o movimento d'esses astros colossaes, esplendorosos mananciaes de luz, calor e magne-

tismo, que, com immenso cortejo de planetas, satellites e cometas, navegam no incommensuravel do espaço; até os phenomenos não menos maravilhosos que se passam no interior da cellulinha, sepultada n'um microscopico grão de pollen; as leis absolutas e eternas, a que tudo na criação está sujeito, dizem-nos de sobra que essa força creadora é infinitamente sabia.

A força infinitamente poderosa e sabia não pode deixar de ser justa, boa, misericordiosa, amante; de ter, em summa, todas as perfeições que podemos imaginar, porque a injustiça, a malvadez, o odio, a vingança, etc., não são mais que productos da ignorancia, da fraqueza, da imperfeição.

Estudando o curto periodo da vida do homem terreno, o espaço de tempo que lhe separa o nascimento da morte, ficamos impressionados pelos soffrimentos e contrariedades a que o vemos sujeito, pelas injustiças apparentes que o ferem.

Onde a causa do que vejo? pergunta o pensador; porque Deus se diverte em atormentar o homem, sua creatura, seu filho?

Que outra doutrina philosophica lhe pode dar uma explicação mais racional e consoladora que a das reencarnações? Soffremos em consequencia do que fizemos outrora; trabalhamos hoje para colher no futuro os fructos de amor e ventura, reservados aos trabalhadores de boa vontade.

Nosso espirito não morre: elle vivia antes de vir á terra preso a um corpo carnal; elle viverá depois da separação e decomposição d'esse corpo.

Era isto apenas uma aspiração consoladora no passado, pois faltava-lhe um corpo para fornecer-nos uma prova positiva e irrecusavel de sua veracidade, porque os homens de então não tinham meios de investigar e conhecer as leis que regem as manifestações dos espiritos. Estudadas ultimamente, ellas vieram dar-nos essa prova, e hoje a sciencia que explica as nossas communicações com os habitantes d'além-tumulo, se propaga pelo mundo inteiro com uma força admiravel, arrastando os mais scepticos a curvarem-se ante a imponente magestade do Creador.

E' que o homem, por toda parte, n'ella encontra o complemento e a explicação dos principios religiosos, que elle recebeu de seus maiores.

São os proprios espiritos, esses nossos companheiros de peregrinação terrena, nesta ou em nossas passadas encarnações, que nos vêm dizer: « Amigos, estamos comvosco; já tivemos muitas vidas e teremos ainda muitas outras, n'este mesmo ou em outros dos tantos mundos que povôam a immensidade; soffremos pelo mal que fizemos, e pelo bem que deixámos de fazer; sobre todos nós vela o olhar carinhoso do Pai celestial, que por seus delegados, de hierarchias diversas, dirige tudo na criação, porque só a perfeição entra com Elle em relação directa.»

Eis, Senhores, o Spiritismo em sua mais simples expressão; elle é o christianismo expurgado das falsas interpretações dos homens; elle vem completar e explicar os ensinios do Christo; elle não é estacionario e, como disse Jesus, se resume no amor de Deus sobre todas as cousas e no amor do proximo como de si mesmo.

Progridam as sciencias, caminhem desassombradamente, transponham todas as metas que possamos imaginar; o Spiritismo não receiará dellas, porque elle não teme a luz; será sempre seu alliado, porque ellas nada mais fazem que fornecer-lhe meios de melhor cumprir o preceito de amar a Deus sobre todas as cousas e de amar ao proximo como a si mesmo.

A casa malassombrada

— «:» —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «:» —

(Continuação)

Manoel, o camarada que ficou para acompanhar a Thomé, preparou um espeto de páo e, tendo tirado da mala das provisões um pedaço de carne de vento, começou a fazer a espetada para assal-a ao brazeiro.

Emquanto estava occupado naquelle mister, Thomé preparava uma jacuba, bebida composta d'agua com farinha e rapadura.

— Não sabes? Manoel. Hoje vás dormir em rede, que bem o mereces por tua coragem.

— E eu que bem preciso disso, porque dei um tombo que me deixou com os lombos moidos.

— Pois dormes na que armei para o maricas, que chora com medo de onça e fica frio com umas tolices de almas.

— Mas o que viram elles para fugirem tão precipitadamente.

— Não viram nada, rapaz. Um risadas e uns berros alli dentro da casa, e um punhado de areia que nos jogaram em cima.

— Pois só por isso?

— Por isso só.

— Ora, realmente esses homens deviam vestir saia.

Uma detonação, como de peça de artilheria, ou de pedreira, retumbou no espaço, e interrompeu a conversa dos dous.

Thomé olhou para o companheiro, a ver se tinha homem comsigo, e encontrou-o insensível ao medo.

— Temol-a travada foi tudo quanto disse a rir e olhando para o cabra.

— Bravo! Manoel. Não supponha que fosses tão homem.

— Ora, ora. Lá em minha terra, no ribeirão do Trahiri, andava tudo assombrado com uma alma, que vinha todas as noites resar ao pé da cruz levantada á beira da estrada, para lembrar aos transeuntes que alli jazia um christão.

« Não havia quem passasse naquelle logar depois de anoitecer.

« Eu entendi que aquillo não podia continuar eternamente, e resolvi fallar com a tal alma.

« N'uma sexta-feira, tomei a minha espingarda e o meu facão, e botei-me para o sitio malassombrado.

« Esperei até o cantar dos gallos. Nada. Esperei até romper o dia. Nada. « Tres dias seguidos fiz ronda alli; e nada vezes nada.

« Conte o que tinha feito, levei muita gente commigo ao logar para que se visse que tudo era mentira, e acabei com o malassombramento. »

— Pois eu fui mais feliz do que tu, porque encontrei alguma cousa, n'uma batida que fiz como tu.

« Na matta de Nazareth, ha um logar onde via-se o diabo a quatro.

« Já ninguém passava alli; e como a matta tem grande extensão, era-se obrigado a fazer uma volta de 10 ou 12 leguas, por se evitar o ponto malassombrado.

« Fui ver o que tanto amedrontava a gente do logar, e, occulto por detraz de grossa arvore, vi, á claridade da lua, dous fantasmas que se dirigiam para o meu posto, vindo de lados oppostos da estrada.

« Tinham a altura dupla do homem, e vinham vomitando pela boca fogo amarellado.

« — E' hoje, disse commigo, e segurei o cabo do meu pasmado.

« Os fantasmas encontraram-se mesmo debaixo da arvore, por detraz da qual eu me occultára.

« — Ha profanos na matta? perguntou um ao outro.

« — Do meu lado não, e do teu?

« — Também não.

« Trocadas estas palavras, apearam-se de pernas de páo, cobertas por longa camisola branca, um moço e uma moça, que se atiraram nos braços um do outro.

« Fiquei tão desapontado, que não me pude conter, e exclamei: ora bolas. Pensei vir encontrar almas do outro mundo, e acho-me com uns namorados!

« Os moços quasi cahiram de susto, e, tendo eu sahido do meu escondrijo, não tive remedio senão aceitar uma moeda de ouro e dar em troca a promessa de não revellar o que tinha visto. »

— Mas agora, mestre Thomé, parece que encontramos o que procuravamos. Isto aqui não é arte de gente. Que diz!

— Rapaz. No fim é que te poderei responder.

Manoel poz-se de cocoras ao pé do brazeiro, e apoiando a ponta do espeto n'uma pedra, sustentava o cabo de modo que a carne espetada ficasse suspensa sobre as brasas.

Thomé tinha os olhos na espetada e o pensamento muito longe d'alli.

Ambos estavam absortos.

De repente foi a attenção de um e de outro attrahida para a appareição de um terceiro, embuçado em capote escossez, que acocorou-se ao pé de Manoel e poz sobre as brasas a sua espetada.

Esta, em vez de ser de carne, era um sapo enorme, cuja gordura derretia-se e pingava nas brasas, que crepitavam sinistramente.

Os dous olharam-se como quem dizia: temos obra.

O intruso, mudo e impassível, virava o sapo, ora de barriga para cima, ora de costas, e por fazer obsequio a quem lhe fornecera as brasas, levava-o acima da espetada visinha para untal-a com a gordura que escorria do bicho.

— Isto também é de mais! exclamou Manoel. Que o senhor venha aqui assar um bicho immundo, passe; mas que me emporcalhe a carne, que vou comer, com a gordura delle, é desaforo. Tire seu espeto das brasas, senão faço-o voar com elle e com a sua porcaria.

O homem, sempre mudo e impassível, continuava com o espeto nas brasas, e a ensopar a carne do visinho com a gordura que delle corria.

Manoel fez-lhe segunda intimação, que produziu o mesmo resultado negativo.

Eufurecido com tão atrevido procedimento, ergueu-se de um salto, e, fazendo do espeto coma carne um bordão, despejou-o com toda a força no maroto.

O espeto bateu nas brasas, que saltaram em todas as direcções; pois que o homem do sapo era de fumo — não oppoz resistencia, e desfez-se, dando uma pavorosa gargalhada!

— Mil demos te levem, bradou o rapaz desapontado.

Nova gargalhada estroou nos ares, onde os dous viram uma coruja tendo no bico um sapo.

(Continúa).

O Espirito

(UMA CAUSA CELEBRE NA AUSTRALIA)

— — —

JOSEPH ETIENNE

— — —

(Continuação)

Um soluço embargou-lhe a voz; depois continuou:

— Vou mostrar-os ao esquire... Sim! Vou mostrar-os... Talvez elle me dê alguma explicação.

Margarida, tentando sorrir e julgando que seu marido estivesse ébrio, disse:

— Vamos, meu velho Ben, não pensemos mais nisto; não façamos rir os nossos visinhos. A roupa suja lava-se em casa. Se bebeste um bocadinho mais, em Sydney, isto não incomoda pessoa alguma e um bom somno te tranquilizará. Em vez do grog beberás um pouco de *souchong* bem quente, depois deita-te e amanhã já nem te lembrarás disto.

— Não! Não póde ficar assim, continuou Ben a meia voz; certamente ha uma trahição... ha um crime!

E cada palavra era acompanhada por um movimento de cabeça, emquanto que a sua physionomia assustava Madge cada vez mais, a qual com muito custo conseguiu fazel-o deitar-se, cada vez mais convicta de que alguns golos de mais bebidos em Sydney ou em caninho, tinham transformado a razão do bom homem, comquanto não pudesse evitar de quando em vez os temores supersticiosos aos quaes se juntavam também os temores positivos.

Se Ben fallasse sobre este assumpto fóra de casa, não só o fariam prender por louco, como também attrahiria sobre si a odiosidade de muitos.

Aquelles que, pela «allucinação do rendeiro, estavam ameaçados e dos quaes os nomes Madge nem mesmo mentalmente queria pronunciar, podiam interromper seus interesses ou então procurar uma vingança qualquer.

Além disto, ella sabia que o cabo de um punhal estava sempre ao alcance da mão de um colono, por aquellas paragens e que cada um nunca se separava do seu revolver, que guardava na cinta.

Até então, os Lytton, marido e mulher, viviam em paz com seus visinhos; o que lhes succederia, pois, se Margarida não conseguisse distrahir Benjamin da sua idéa fixa!

Tratou então de arranjar as cousas da melhor maneira possível e preveniu-se contra as eventualidades.

Mostrou-se alegre e brincalhona, ella que nunca o fóra, porque os pezares e as inquietudes duplicam, triplicam o peso dos annos, e não houve mais dentro de sua casa, accidentes a deplorar. Não ouviu-se mais nem queixas do passado nem previsões inquietas do futuro; a boa mulher fazia a vida passar o mais docemente, o mais alegremente possível e perto ou longe de Ben, nunca mais fallou sobre Hardy, nem sobre o seu agente, nem mesmo sobre os seus jornaleiros.

Todo este lado da vizinhança ficou, para ella, mergulhado em profunda escuridão e receiava até que o seu homem visse tremer com o vento da noite, a folhagem de um salgueiro.

Margarida Lytton, desta fórma, levava uma triste e monotona vida, especie de monomania, contando, para sua cura, com o auxilio de Deus e do tempo, grande curandeiro dos pezares da terra.

Rodeiado por todos estes cuidados, Ben tranquillizou-se e pouco a pouco esqueceu-se tanto do espectro, como da celebre quinta-feira do mercado.

Certa madrugada, já estava a carroça cheia de viveres e a lista de commissões de todo o genero, como credores a pagar, pequenos atrasos a saldar, compras a fazer, etc., era tão extensa que teria sido difficil a Ben achar tempo para entrar em uma taverna, ou mesmo para pensar em beber.

Certamente, se isto fosse possível, Madge o acompanharia a Sydney; mas não tinha ella necessidade de tratar da sua casa?

Sobre este artigo o rendeiro brincava. Deixava sua mulher como soberana dona do seu *ménage*, mas, em

compensação só elle tratava dos negocios da rua.

Emfim, depois de ter ouvido duas ou tres vezes o conselho de que para encontrar, na volta, bons petiscos quentes, o grog servido e uma ceia confortavel, seria preciso não vir muito tarde, Benjamin Lytton partiu, menos absorto que de ordinario e o sorriso de adeus dirigido á sua esposa, foi tão jovial que a fez alegre todo o resto do dia.

A tarde preparou tudo para receber-o, e, depois, sentando-se em um banquinho, começou a trabalhar.

Algumas vezes as agulhas paravam; Madge prestava o ouvido ao menor rumor, passeiando em torno de si um olhar inquieto; depois, tremula, recomeçava com ardor.

Sabia que o trabalho dá azas ao tempo.

Emfim!

Quebrou-se o silencio.

Começou a ouvir quasi indistinctamente o guincho das rodas.

Tudo era calma: as estrellas scintillavam; a lua fazia o seu curso habitual, e o coração da boa mulher acompanhava o rythmico movimento dos segundos marcados na pendula, que quasi a impossibilitava de ouvir o rumor que momentos antes tanto a agitára.

Quiz lançar-se fóra de casa e ir ao encontro de Benjamin, porém sua auçiedade podia despertar a lembrança da outra semana; fincou, pois, os pés no solo e conservou-se immovel.

Depois de ter, como de costume, guardado sua carroça, Ben entrou carregado de embrulhos, entregou-os a Margarida, contando ao mesmo tempo o resultado da sua tarefa, naquelle dia, a qual foi grande.

Desembarçado das commissões, foi sentar-se á mesa.

Madge apressou-se em encher o cachimbo e o copo, sem ousar, entretanto, olhal-o.

Havia seis mezes que a mudança de Ben, tinha acordado as inquietudes de sua companheira, fazendo com que ella percebesse que os olhares curiosos e interrogativos o fatigavam, augmentando ao mesmo tempo a sua tristeza.

Foi, pois, com ar alegre e indifferente que ella o interrogou sobre os negocios e sobre as novidades do dia.

Ben contou em poucas palavras, como sempre, que tirára bons resultados dos generos vendidos; que comprára por bom preço os objectos que trouxera; a evasão de um forçado-da *stockade*; a chegada de um barco com *convicts*; a partida de um vapor para Norfolk e finalmente, que entretivera-se por algum tempo conversando em Sydney.

Depois, tendo acabado de contar quanto sabia, em vez de levar o copo á boca, Ben encostou-se á mesa e disse:

— Então? Madge. Com certeza hoje não me accusas de ter bebido de mais... Creio que vês perfeitamente que fui sobrio e que estou são do espirito...?

— Certamente, respondeu Madge. Estás como eu te amo, como eu te quero: ajuizado... O apoio e alma da casa, como deves ser.

— Estás pois contente...?

— Porque não estarei? bom homem. Ha trinta annos, a contar do dia de S. Miguel, que estou todos os dias.

— Pois bem, Madge, tornou Ben em tom solemne, collocando a mão sobre o coração, hoje... eu vi o espirito! O espirito de Hardy!...

— Que loucura! exclamou Margarida, tentando em vão mostrar tranquillidade.

(Continúa).

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

GRUPO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Maio—15

N. 132

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o
Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pi-
nheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de
Souza, largo do Riachuelo n. 14.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

As promessas do Christo

No horizonte sombreado pelos pesa-
dos vapores desprendidos de nossos
corações, ainda tão cheios de odios e
maldades, desponta a aurora bem-
dicta da regeneração do nosso planeta
e da sua humanidade, o começo da era
feliz em que vão ter seu cumprimento
as promessas do divino mestre.

Tudo passará: a face da Terra se
transformará completamente, novos
imperios se erguerão sobre as ruínas
de outros desaparecidos, as socieda-
des soffrerão uma modificação radical;
mas os ensinios que elle nos legou,
que por seu intermedio enviou-nos o
Pai celestial, não passarão; persisti-
rão eternamente, como o unico codigo
capaz de conduzir-nos á bemaventura-
ção, ao cumprimento dos nossos
destinos na criação.

Não menos formidavel que a lucta
tremenda, visivel, palpavel, que ve-
mos travada em todos os campos, em
que se desenvolve a actividade hu-
mana, é aquella que se empenha no
intimo de cada um de nós, lucta assi-
gnalada por muitos desfallecimentos
e muitas quedas, em que procuramos
trocar a negra toga do homem do
passado, pelas brancas vestes com que
sómente poderemos ter ingresso na
sala do festim dos escolhidos, onde a
hypocrisia, a mentira, o orgulho, e o
grosseiro sensualismo jamais serão
recebidos.

Vigiemo-nos, sejamos severos com-
nosco mesmos, mas conosco sómente,
pois que dos actos dos outros não co-
nhecemos ainda senão a exteriori-
dade.

Não julguemos, não condemnemos,
como disse o apóstolo Paulo aos Co-
rinthios, até que chegue o Senhor,
que não só por ás claras o que se
acha escondido nas mais profundas
trevas, como descobrirá ainda o que
ha de mais secreto nos corações.

Relativamente a cada um de nós, o
estudo do Spiritismo vem esmagar a
hypocrisia, confundir a mentira, e
libertar-nos dos vicios que nos fizeram
cahir tanto.

Basta que o homem considere que
nunca, em momento nenhum da sua
vida elle se acha só; que por toda
parte elle é sempre acompanhado pe-
los espiritos daquelles, com quem
conviveu na Terra; e que estes lhe
podem ler no pensamento a toda hora,
como em um livro aberto; para que
elle refreie os arroubos criminosos
desses pensamentos, e pela vergonha
e pelo pejo procure dirigir-se pela
senda da virtude, pelo caminho unico
que ha de conduzi-lo á perfeição.

E' o cumprimento da promessa do
Nazareno: Nada ha de occulto que
não deva ser conhecido.

E' uma descoberta que intimida
ainda a muitos de nós, mas que ex-
prime uma das condições de vida do
homem do futuro, para quem a ideia
do isolamento será uma utopia.

Mas que de grandeza neste ensino!
Incute esse pensamento na mente de
vossos filhos, e vel-os-heis sacrificar
tudo á verdade, e lançar para longe a
hypocrisia e a mentira como armas
inuteis; convencidos de que, se lhes
é ainda possivel illudir aos encarna-
dos, não conseguirão fazel-o aos invi-
siveis que os acompanham, que leem
em seus pensamentos, e podem denun-
cial-os áquelles a quem pretendam
enganar.

Não é a desordem que o Spiritismo
vem lançar no seio da sociedade, na
vida de cada um de nós; esse ensino
é um antidoto contra o veneno das
más paixões, um freio aos desregra-
mentos daquelles que, cegados pe o
egoismo, consideram o amor ao pro-
ximo como um sentimento só proprio
dos pobres de espirito, e que, se ás
vezes fingem tel-o, só o fazem com o
secreto intento de chamar a attenção
e attrahir louvores sobre si.

Soccorramos aos necessitados na
medida das nossas forças, mas que
esse acto não seja uma exterioridade
banal, e sim um fructo delicioso da
semente da caridade germinada em
nossos corações.

Auxiliemos aos que soffrem, sem
tocarmos a trombeta para annunciar
ao mundo que damos esmolas.

Que importa que os homens igno-

rem o bem que praticamos? Nosso
espirito subirá tanto mais quanto
maior fôr o seu desinteresse, e de entre
os invisiveis que nos seguem, muitos
dos quaes nos foram, talvez, muito
caros na vida, alguns lucrarão estu-
dando nossos actos e nossos pensamen-
tos, buscarão corrigir-se; e assim tere-
mos a dita de concorrer para o seu
melhoramento, para a sua ventura,
que será tambem a nossa.

O magnetismo vegetal

E' facto de experiencia que as pes-
soas muito sensitivas, as que facil-
mente cahem em somnambulismo, são
influenciadas pelos vegetaes e, mesmo,
pelos mineraes, e que essa influencia
varia com a natureza do objecto
(planta ou mineral), com que ellas es-
tejam em contacto. Existe, portanto,
um magnetismo vegetal, como um
magnetismo mineral, como um mag-
netismo animal. Se neste ultimo a
corrente póde ser dirigida pela von-
tade do animal com o fim de produzir
um determinado effeito, como vemos
na onça, na giboia e em muitas aves
de rapina para paralyzar os movi-
mentos dos que ellas pretendem apre-
sar; naquelles essa corrente só póde
obrar sob a influencia attractiva de
uma vontade estranha.

Essa corrente fluidica é modificada
pela natureza dos elementos constitu-
tivos do vegetal ou mineral, donde
ella parte, e possui as virtudes medi-
camentosas destes; e cremos mais que
é principalmente nesse fluido que taes
virtudes se acham em maior grau de
concentração e poder.

Assim, pois, parece-nos racional
que, se um enfermo collocar-se juncto
de uma planta que contenha os prin-
cipios necessarios para combater-lhe a
enfermidade, póde por sua acção só,
ou auxiliado pela vontade de um
magnetizador encarnado ou desencar-
nado, attrahir o fluido magnetico da
planta, conseguindo um resultado
mais benefico prompto e effizaz, do que
absorvendo tisanas e xaropadas, prepa-
radas com partes dessa mesma planta,
onde ao lado do principio curador
terá elle de ingerir grande porção de
elementos inertes ou, mesmo, destrui-
dores, em parte, da acção fluidica.

O *Moniteur Spirite et Magnétique*,
de Bruxellas, de 15 de Fevereiro ul-

timo, traz um longo e bem elaborado
artigo neste sentido, dictado por uma
não pequena experiencia.

Ahi, porém, aconselham que os me-
diuns curadores sejam os accumula-
dores e transmissores do fluido mag-
netico do vegetal. Guiado por seus
espiritos protectores o medium attra-
hirá o fluido, accumulal-o-ha em si, e
depois transmittil-o-ha ao enfermo por
transfusão.

Compete aos cientistas estudar esse
novo meio de curar nossas enfermida-
des, aconselhado por nossos incança-
veis amigos do espaço.

NOTICIARIO

Notavel phenomeno.— Resu-
mimos do *El Pan del Espiritu*, de
Santiago do Chile, o seguinte facto,
variante de muitos outros que, a cada
passo, encontraremos na vida de todos
os povos, e demonstração patente da
existencia de um *quid* mysterioso que
escapa ao dominio dos nossos sentidos,
mas que póde e deve ser estudado e
comprehendido pela nossa razão.

Ha cerca de 6 annos chegou a
Arica, commissionado pela Sociedade
Botanica de Berlim para estudar a
rica e ainda pouco conhecida flora
boliviana, um joven medico allemão,
o Sr. Mauricio Stonner, natural de
Francfort, onde residia sua familia.

Acompanhado sómente por um ve-
lho e fiel pagem, internou-se elle pelo
sombrio dominio das pouco explora-
das florestas dessa região, onde o
viajante deve sempre entrar preve-
nido de tudo, como os que se adian-
tam nos vastos desertos do continente
africano.

Não ha no mundo espectaculo mais
grandioso e cheio de magestade que
o das formidaveis tempestades dessas
regiões; em nenhum outro paiz ellas
se formam, se desencadeiam e passam
com maior celeridade.

Algumas horas depois de um ama-
nhecer sereno e limpido vê-se, de re-
pente, o firmamento envolver-se em
negro e pesado manto de nuvens, a
chuva cahir em torrentes impellida
por forte ventania, acompanhada do
medonho cortejo de relampagos e tro-
vões, e ainda pouco depois o sol mos-
trar-se brilhante, lançando á terra
seus raios ardentes e fertilisadores.

Uma noite, recolhidos á sua bar-
raca, foram os nossos viajantes sur-
prehendidos por uma dessas tormen-
tas. O vento sibilava, parecendo
querer varrer da superficie da terra
os objectos que se antepunham á sua
marcha devastadora.

Vencido pelo cansasso, o Dr. Ston-
ner tinha adormecido, mas pelas 2
horas despertou em sobresalto ouvindo
alguem chamal-o. « Ouviste alguma
cousa, João? perguntou elle ao pagem.
« Sim, respondeu este, e parecia-me
ser a voz da senhora. » Pensavam elles

no facto, quando ouviram ainda uma voz angustiosa bradar: « Mauricio, Mauricio! » « E a voz da senhora », disse João, e ambos precipitaram-se fôrta da tenda. Era tempo; um ruído de fogo incandescente invadia a floresta e avançava para envolver os ardores danço tempo de se salvarem com os objectos mais indispensáveis.

Dois mezes depois soube o illustre explorador que nesse dia, a essa mesma hora, em Francôr, sua mãe despertara, chamando por elle, de um somno agitado em que soahava ser atacada por uma horda de selvagens.

Que de mysterios nos esconde ainda a natureza! Que torrentes de luz o estudo consciencioso desses factos virá derramar, sobre as relações que nos prendem uns aos outros neste mundo! Que importancia não reveste, aos olhos do serio investigador, o estudo dessa sciencia, que nos faz conhecer as nossas relações com as forças invisíveis do mundo espirital!

Deixando seu corpo adormecido, o espirito dessa mãe transpõe a longa distancia que os separa, e vai vigiar pelo objecto de seu termo amor.

Dirão, sem duvida, que o perigo provinha de um incendio e não de um ataque de selvagens, não havendo relação entre os dois factos. E' preciso que lembremo-nos que o espirito encarnado, que se vai manifestar, não pôde ter a lucidez dos que já deixaram o corpo, e que as ideias da vida de relação influem nos pensamentos, que elle então manifesta. Essa senhora, educada na Europa, tem a ideia de serem as florestas do novo mundo cheias de tribus ferozes e animaes da peor especie. Em contacto com o espirito de seu filho, o seu recebeu delle a impressão do terror que o dominava, por achar-se em uma floresta, cercado de perigos e longe de todo auxilio, e a ideia de um ataque de selvagens accodi-lhe logo; donde a agonia que se manifestou pelo grito, que tão a proposito veio salvar aos dois viajantes.

Quem estuda os phenomenos medianimicos, sabe de que meios os espiritos se servem para nos fazer ouvir vozes, sem que elles disponham dos órgãos vocaes.

Em sua angustia esse espirito de mãe foi auxiliado por seus guias, porque a sua obra era boa, e Deus consente sempre que se auxilie aos que querem fazer o bem.

Uma predição realisada.
— Conta o seguinte o *Harbinger of Light*, de Melbourne, de Janeiro ultimo: Em Fevereiro do anno proximo passado compareceu a uma sessão do Sr. Whitney um cavalheiro, que era-lhe totalmente desconhecido. No correr dos trabalhos manifestou-se um espirito, dizendo a este que era seu irmão A. J. Stevens, e que lhe pedia aconselhasse a sua irman Ignez, puzesse em ordem os seus negocios, pois ella ia deixar a terra.

Como sua irman estava então de perfeita saúde, o cavalheiro não deu credito ao espirito; mas teve de dobrar-se á evidencia, quando viu a dicta senhora fallecer repentinamente seis dias depois.

Em Abril, em uma outra sessão onde estavam reunidas cerca de 1:500 pessoas, manifestou-se o espirito de Ignez, declarando a uma sua irmã, ahí presente, que ella deixara um testamento em que a contemplava. Sua irman declarou-lhe que não havia testamento algum; ao que retorquiu o espirito: Ha um feito em 1879, e acha-se em Edimburgo, na Escocia.

Mandou-se verificar, e tudo era exacto, estando a senhora de quem fallamos, contemplada com um legado de 100:000 dolars.

Eis-ahi os espiritos trabalhando para auxiliar aos homens com os bens da fortuna. Mas, não cessaremos de

repetir que engana-se, sujeita-se a amargas decepções todo aquelle que buscar o Spiritismo como um meio de fazer fortuna. Seu fim é o melhoramento moral e intellectual do homem, e não concorrer para dar-lhe meios, de que ninguém sabe o uso que irá fazer.

Ainda ha bem pouco tempo, aqui nesta Corte, um espirito disse a um medium, no dia da extracção de uma loteria: Compra o bilhete n. 3:7:09 desta loteria. E' tarde, disse o medium. Onde encontrarei esse bilhete? — Vai a tal kiosque, retorquiu aquelle, e o encontrarás.

Chegando ao kiosque, perguntou o medium, se havia ainda alli aquelle numero. E' o unico que tenho, disse o vendedor. Mandaram guardar e não vieram buscal-o.

Tornou o sujeito para casa muito esperancoso, mas, vendo a lista no dia immediato, não encontrou o tal numero entre os premiados.

E o espirito não mentiu, pois elle só disse que tal bilhete estava no kiosque, e não que seria premiado.

A este sophisma, de que o espirito lançou mão, está sujeito todo aquelle que evocar espiritos para congeir bens materiais.

Estranhos impulsos. — Com essa epigraphe publicou o *Golden Gate* de 7 de Janeiro ultimo uma collecção de factos merecedores de serio estudo, entre os quaes estão os seguintes: Um dia um homem, saltando o parapeito da Ponte Nova, atirou-se ao Sena, onde infallivelmente teria morrido, se alguns individuos que testemunharam o facto, não o tivessem tirado da agua. Interrogado á cerca dos motivos que tinha para assim obrar, respondeu que elle mesmo os não sabia dizer; que era um homem relativamente feliz; que não tinha tido contrariedade alguma em sua vida; e quanto ao facto, só se lembra de ter ido até a ponte e de o haverem pescado do rio.

O segundo facto é o de um homem, no perfeito uso de suas facultades, que um dia, sem motivo algum, sentiu-se dominado de um desejo invencível de destruir. Lançou mão de um pau e foi dando em tudo, que achou diante de si. Ao tornar a si, de nada se lembrava, não conhecia aquelles a quem maltractára, e ficou seriamente incommodado pelos estragos que fizera. Muito tempo depois repetiu-se o facto, e elle praticou um assassinato.

O terceiro é o de uma mulher que sentia uma forte vontade de cortar-se, com qualquer instrumento que lhe cahia nas mãos.

Ella confessava, que não desejava matar-se, mas que tinha immenso gozo em vêr correr seu sangue.

Creemos que esses factos devem ser estudados com todo o cuidado.

Dirão, sem duvida, que a sciencia admite a loucura intermitente, a loucura em momentos lucidos; mas parece-nos que tal explicação não pôde satisfazer a quem, porque é uma simples constatação do facto.

As suggestões hypnoticas que ultimamente estão sendo o objecto de sabias investigações, nos collocam no verdadeiro caminho que nos levará ao conhecimento perfeito dessas enfermidades, a que a sciencia tem ligado tão pouca importancia. Intelligencias invisíveis podem em muitos casos desempenhar o papel de hypnotisadores e ser a causa dessas tantas aberrações, que todos os dias se estão manifestando entre nós.

O estudo do Spiritismo, o desenvolvimento das medianidades, servirão muito no descobrimento da causa desses males que nos flagelam.

Estudemos o Spiritismo scientificamente, e teremos meios de conhecer a natureza dos invisíveis, com quem estamos em relação e que, muitas vezes,

valendo-se de pequenas alterações dadas no nosso organismo, produzem symptomas de outras molestias mais graves, que fazem andar ás toitas a sciencia official.

Que são, que foram os lunaticos de todos os tempos? Que influencia pôde ter a lua nas nossas enfermidades? Espiritos perversos são capazes de provocar os symptomas do mal nas épocas das phases do nosso satellite, para desorientar-nos e fazer nos buscar a origem dos nossos soffrimentos phisicos, onde nunca se poderá encontrar.

Intervenção benéfica. — Contou-nos o nosso amigo, o Sr. tenente F. Lisboa de Mara, o seguinte facto que com elle se deu na campanha do Paraguay, a 13 de Junho de 1858: Achava-se elle descansando em sua cama, em uma pequena palhoça, como os nossos soldados costumavam construir, todas as vezes que se demoravam em um acampamento, quando ouviu gritar de fóra:

— Cadete! Seu cadete! Elle levantou-se para ver quem o chamava, e mal sahio da palhoça, ouviu ao longe a detonação do canhão inimigo, o sibilar medouho de uma bala de 68 e o son de sua queda sobre a palhoça, que elle deixara. A bomba cahiu exactamente sobre a cama, onde elle antes procurava repousar.

Embalde buscou elle depois saber quem o havia chamado.

Foi só ultimamente no estudo do Spiritismo, que o Sr. Mara pôde achar o que buscava, e comprehender que um amigo invisível o acompanhava na vida velando por elle.

Em diversas outras occasiões esse mesmo amigo se lhe tem manifestado, prestando-lhe bons serviços.

Um espirito brincador. — O nosso amigo, o Sr. A. Pereira, estando com sua familia em uso de banhos salgados, costumava sahir de casa ás 4 horas e meia da manhã, a fim de chegar com tempo ao lugar que escolhera para banho e voltar cedo.

Ultimamente notou elle que, ao approximar-se a hora, ferravam todos em profundo somno, só despertando depois das 6 horas.

Deixaram de ir ao banho alguns dias, mas depois comprehendendo o que era, disse elle á sua senhora: Havemos de ir, seja a que horas for.

De facto foram uma vez ás 6 horas. Na noite immediata, porém, mal havia elle adormecido, sua senhora acordou-o dizendo que eram horas. Embalde protestou elle, pois sentia-se ainda cansado das fadigas do dia, e o céu ainda escuro lhe affirmava ser muito cedo; sua senhora lhe mostrava o relógio, cujos ponteiros indicavam 4 horas e meia.

Foi só depois de se acharem todos vestidos e dispostos a sahir, que notaram que o relógio estava parado.

As obras de um invisível. — O Sr. Antonio de Souza Bentim, actualmente residindo na nossa provincia de Minas Geraes, communicou-nos que em diversos lugares do sul da provincia se tem, de algum tempo a esta parte, manifestado um espirito, cujas proezas são para nós um digno objecto de estudo.

Esse espirito, desconhecendo o seu verdadeiro estado, diz que está invisível pela virtude de uma oração que elle conhecia. Acredita-se vivendo ainda como os de mais, apenas gozando dessa faculdade de não ser visto.

Suas manifestações são violentas, porém já têm produzido algum resultado bom. Elle diz chamar-se Domingos Pinto Colchão e ser taverneiro.

Havia ahí um casal, cuja harmonia estava destruída pelos amores illicitos do marido. Colchão apresentou-se nessa casa, e ahí conservou-se com o

fim de defender a parte mais fraca da furia daquelle que della devia ser o protector.

Um dia o homem trouxe da cidade um côrte de vestido, que destinava á sua amante, e tendo de ir antes á casa, occultou o presente no mato.

Ao entrar teve de sustentar forte lucta com a mulher, que o accusava de descurar-se do cumprimento de seus deveres. Perdendo a paciencia, elle levantou a mão para a mulher; mas teve de recuar horrorisado, vendo uma acha de lenha, sustentada por mão invisível, levantar-se sobre a sua cabeça, ao mesmo tempo em que uma voz forte de homem lhe dizia: Se a feres, racho-te a cabeça. Vai já buscar o embrulho, que escondeste no caminho, e traze-o para tua mulher.

O marido comprehendeu que obrava mal, e hoje vive bem com sua mulher.

Ouvindo contar as façanhas desse espirito, um sujeito descrente riu-se muito, e disse. Tudo isso é um embuste de alguém, que se quer divertir á custa dos tolos. Não existe espirito algum. Tudo isso é uma farça.

Avisado do ponto onde o espirito se estava manifestando, elle lá foi, mas ao entrar na casa, viu um tamauco, conduzido por mão invisível, dar-lhe forte pancada sobre a boca, ao tempo em que uma voz lhe dizia: Fica sabendo que eu existo.

Reccebemos: — *La Hipnotherapy*, revista scientifica e litteraria que se publica em Madrid, sob a direcção do Sr. Dr. D. Alberto de Das.

Agradecemos e pedimos permuta. — *Prophetes et propheties* e *Manuel de Spiritisme* com que sua auctora, a distincta propagandista, redactora da *Lumière*, M. Lucie Grange, nos mimoseou.

Agradecemos cordialmente.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

VI

VERTEBRADOS

Reptis e Batracianos. — Ainda que os reptis pareçam menos sensiveis que os outros animaes, elles não experimentam menos, ao voltar a primavera, o sentimento imperioso da necessidade de ter uma familia; o que na maioria dos animaes dá tanta força aos mais fracos, tanta actividade aos mais lentos e tanta coragem aos mais tímidos.

Então, apozar de seu silencio habitual, elles emittem sons particulares, que são respondidos pelos individuos do outro sexo.

Se os reptis não parecem dotados de altas facultades intellectnaes, se elles não têm as qualidades brilhantes da imaginação, possuem as virtudes dos temperamentos frios: a calma, a attenção, a desconfiança e, sobretudo, a prudencia.

As vistas das serpentes encantam as aves nos ares; ellas têm consciencia de seu poder magnetico, quando delle usam para immobilisar a presa, sobre a qual se querem lançar; e ellas nos apriscos sugam o leite das ovelhas.

Notai sua intelligencia e sua astucia no facto tão conhecido de penetrar ella em uma camara, illudir a criança pondo-lhe na boca a ponta de sua cauda, enquanto suga o leite, que lhe era destinado.

A cobra verde e amarella domestica-se, e toma amor a seu guia.

O lagarto não tem grande intelligencia, porém é um animal tão manso, tão innocente e tão familiar com as

crianças que attrahe a nossa sympathia, parecendo que elle nos retribue caricia por caricia.

Elle conhece a ternura, e sabe se fazer bello para agradar á sua noiva, deixando suas roupas cinzentas para trajar outras de mais vivas cores.

O sapo, esse animal de apparencia tão repulsiva, pôde domesticar-se, e então é muito docil e susceptivel de receber educação.

Os Peixes. — Os peixes têm pouca sensibilidade, e como elles respiram sempre o mesmo ar e metade menos que o homem, têm necessariamente menos faculdades.

Quanto aos que vivem na vasa ou no fundo das aguas lodosas e estagnadas, são extremamente preguiçosos, inertes e estúpidos.

Elles são, em compensação, dotados de muito maior fecundidade; talvez devido a não existir entre elles as relações de paternidade e maternidade reaes; pelo que elles não tomam cuidado de sua posteridade.

É um facto já muito comprovado entre os animaes que têm numerosa familia, que as affeições enfraquecem e se dissipam, quando parilhadas por muitos.

Ha peixes que sabem elevar-se acima do seu elemento, e estender sua existencia aos espaços ethereos, tal é o peixe volante, que alguns padres da igreja compararam á alma humana. *«Se a alma, dizem elles, quizer pairar acima das vagas da existencia material, é necessario que, de tempos a tempos, ella mergulhe no oceano do infinito, em Deus, ainda que só seja para refrescar-se e humedecer suas azas.»*

Ha também peixes que dão completo desmentido á accusação de egoismo, que fazemos á sua raça: não ha privações nem sacrificios á que essas humildes creaturas se não sujeitem pelo bem estar da sua progenitura.

O desinteresse vem ainda dar mais merecimento a esse sentimento.

Nos mammiferos e nas aves o pai e a mãe se acham, de algum modo, recompensados de suas penas, de seus cuidados e soffrimentos, pelos gozos que acompanham ao exercicio de um dever natural. Elles vêm, elles acariçam, amam seus filhos, e são por estes amados. Como certos insectos, porém, os peixes se devotam á uma familia, que elles não conhecerão.

Esse amor, não aos individuos, mas á raça, não aos filhos, mas á progenitura, é tão poderoso e característico nos peixes que elle os faz mudarem, ao menos uma vez ao anno, seus habitos, suas habitações e seu modo de vida.

Para podermos ajuizar do caracter, costumes e intelligencia dos peixes, é preciso considerarmos, não só o meio em que elles vivem, como também sua organização, que está em relação com este meio.

(Continúa).

Discurso

PROFERIDO PELO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA NA SESSÃO DE 31 DE MARÇO, COMMEMORAÇÃO DO PASSAMENTO DO PHILOSOPHO CHRISTÃO ALLAN-KARDEC.

Senhoras. Senhores!

Aos crentes convictos do Spiritismo cumpre, antes de tudo, render graças ao Soberano Senhor dos mundos pela aceitação, que rapida e miraculosamente vão tendo os ensinamentos da nova revelação por todos os pontos do nosso planeta.

Innumeras revistas, em todas as linguas, attestam o esplendoroso triumpho dessa propaganda, a cuja frente, incansaveis trabalhadores do

progresso se collocaram, arrostando com os odios e os motejos dos que ainda cerram os olhos á luz, homens notaveis em todos os ramos do saber humano, que, como o antigo rei dos Francos, quebram os idolos que elles adoravam, para render culto á verdade que até então repelliam.

Ha dezenove seculos predisse o Christo que esses factos se dariam, que com a instantaneidade do relampago a palavra divina repercutiria de um a outro extremo da Terra, conduzindo os homens todos a uma crença unica, e preparando a vinda do Espirito de verdade, afim de restabelecer toda a verdade.

As palavras e promessas do Messias, não comprehendidas pelo homem de outr'ora, disvirtuadas afim de acomodarem-se aos costumes semi-barbaros do passado, deram nascimento ás religiões formalistas, em que as pompas do culto externo, meio de fascinação herdado do paganismo, suplantaram e fizeram desaparecer a pureza, a humildade, a sublimidade e a divinal grandeza da primitiva revelação.

As artes esgotaram seus recursos no embelezamento dos sumptuosos templos e dos maravilhosos palacios, em que fruem todas as delicias da vida os continuadores daquelle, que veiu ao mundo em uma palhoça, que disse não ser deste mundo o seu reino, e não ter elle uma pedra onde podesse repousar a cabeça. — A theologia lançou mão de todas as subtilidades da argumentação para justificar ensinamentos contrarios aos que nos legára o mestre divino.

Mas as sciencias progrediram, a luz derramou-se profusamente e os pontos fracos da religião da fé cega se mostraram em toda a sua nudez, e foram atacados sem piedade.

De envolta com as plantas daminhas tão cuidadosamente cultivadas pelo homem, iam também ser lançados ao fogo os rebentões das boas sementes espalhadas pelo enviado dos céus, se Deus, sempre solícito pelo progresso de suas criaturas, não fizesse soar a benedicta hora do cumprimento da prophesia da vinda do consolador.

O Spiritismo chegou, o horizonte tingiu-se com as douradas cores da alvorada de uma nova era para a nossa humanidade, e nossos irmãos do espaço, por mil diversos modos, despedaçaram o véu, que nos escondia os segredos da vida d'além-túmulo, os mysterios desse mundo donde viemos, e para onde todos temos de seguir.

Ao grato clarão desse esplendido amanhecer, a esperanza renasce nos peitos dos esmorecidos peregrinos deste valle de dores e provações, a fé racional invade todas as mentes, e a caridade se ergue para unir em estreito abraço a humanidade inteira, destinada a formar uma só familia, um só rebanho, que ha de avançar seguro ao cumprimento do seu destino, sob a

directão de um só pastor: Jesus, o representante da divindade no planeta que habitamos.

Senhores! Léon Hypolite Denizart Rivail, vós o sabeis como eu, foi um desses inspirados luctadores da primeira hora, que com herculeos esforços, apesar de todas as contrariedades que lhes oppozeram, assentaram as bases dessa philosophia sublime, que veio prender em apertado elo o christianismo com a sciencia moderna.

A nossa sessão de hoje tem por fim commemorar o seu passamento, o termo da sua laboriosa peregrinação terrena.

Antes de começar a eu vos convidar a erguerdes vosso pensamento aos céus, dando graças ao Omnipotente pelo triumpho da santa causa que defendemos, manifestado pela aceitação que vão tendo os ensinamentos coordenados por aquelle, cujo passamento hoje commemoramos.

Pedimos-lhe sempre luz e graça para os cegos voluntarios, que ainda repellem os meios de progresso que lhes são offerecidos com tanto amor e dedicação por seus protectores espirituos.

Está aberta a sessão.

SEÇÃO LIVRE

A casa malassombhada

— « —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— « —

(Continuação)

Os fugitivos chegaram esbaforidos ao rio, onde pretendiam dormir.

Alli, naquella longo e largo leito arenoso, em que se reflectiam os limpidos raios da casta Diana, respiraram, como quem, presa de horrivel pesadelo que apavora mesmo depois de acordado, vê desfazerem-se as trevas da noite, e surgir a luz do astro do dia.

Tinham sede, que o medo e a corrida tornaram ardente.

Cavaram, á beira de um poço, uma cacimba com as mãos; e da agua que filtrava pela areia, serviram-se para beber até saciarem-se.

— Estamos livres daquelle pandemio, exclamou Leopoldo.

— E' verdade, respondeu o desconhecido; mas estamos sujeitos a outro perigo.

— Qual?

— O de descerem a beber onças, que abundam aqui.

— Não. As onças não sahem no claro; vivem nas mattas e nas furnas, e quando têm sede, procuram logares ermos.

— Assim é; mas quem nos diz que ha outro bebedouro nestes malditos logares?

— Ha de haver por força a junto da garganta da serra, que é o ninho dellas.

— Em todo o caso é bom não facilitarmos.

— Concorde; e nesse intuito proponho-lhe passar-mos a noite em claro, fazendo-nos conhecidos um do outro, que talvez não foi o acaso que nos ajuntou por meio tão extraordinario.

— Está dito. Eu lhe contarei minha historia, o Sr. me contará a sua, e assim passaremos as horas, que faltam para amanhecer.

— E eu, disse o camarada, se não precisam de meus serviços, dormirei enquanto os senhores conversam, que estou muito cansado.

Assentaram-se os dous em uma pedra, que parecia ter sido posta alli para aquelle fim; e o camarada estendeu-se na areia, onde adormeceu em menos de dous minutos.

— Eu me chamo, começou o desconhecido, Joaquim de Amorim e sou neto do coronel Thomaz de Amorim, de quem talvez já ouvisse fallar.

— Conheço-o muito de nome, pela fama de philantropo, que emprega sua fortuna só em fazer bem.

— Pois conhece-o pelo que elle vale.

« Meu avô teve até agora, no decurso de 80 annos, uma vida placida e feliz, em que apenas havia um ponto negro, a morte de minha avó, a quem elle adorava, e por quem ainda chora.

« Eu, desde os 12 annos, dediquei-me ao estudo, que comecei no Caicó, na aula de latim, regida pelo padre Guerra, e que tenho continuado em Olinda, onde conclui meus preparatorios.

« Fui criado com uma prima, orphã de pai e mãe, que meu avô criou e educou com o maior desvelo.

« Essa menina, hoje com desoito annos de idade, era o idolo do velho, não só porque tinha no rosto estampadas as feições de sua querida esposa, como ainda porque adivinhava-lhe os pensamentos para lh'os prevenir.

« Bella, boa, rica, bem educada, Margarida foi cubçada por quantos rapazes estavam nas condições de lhe pretenderem a mão.

« O destino, porém, não permittiu que ella fosse uma mãe de familia, e pois recusou todos os partidos.

« Eu queria-lhe bem como a uma irmã, e tanto que atirar-me-hia ao fogo, só por lhe poupar um leve desgosto.

« Quando parti para Olinda levei saudades dos parentes, dos companheiros de infancia, dos collegas, de meu avô, que me serviu de pai; mas quem me occupava principalmente o espirito era Margarida.

« Demorei-me tres annos fóra de casa, enquanto me preparava para a academia.

« Quando fiz o ultimo exame de humanidades, e que tinha diante de mim as ferias, só me pedia o coração que viesse passal-as no Acazi.

« Não era pela familia, era só por Margarida, por quem sentia, acrisolado pela ausencia, um sentimento muito mais forte do que a amizade fraternal; porque era um espinho a pungir-me o coração a todo o momento.

« Voei pelos campos dos sertões, logo que me chegou a conducção, que havia pedido a meu avô.

« Cheguei á casa dous dias antes daquelle em que era esperado, e meu coração expandiu-se de celestiaes alegrias, vendo a satisfação que se irradiava dos olhos de Margarida por motivo de minha chegada.

« Entretanto aquella innocente effusão com que nossas almas se comunicavam, tinha cedido logar a um certo acanhamento da minha e da parte della, que eu attribua simplesmente á ausencia.

« Eu me sentia alegre, porém sem liberdade, quando estávamos usós.

« Ella não me dava mais abraços e beijos, como antes de deixal-a; e até me parecia algumas vezes triste e como quem tivesse chorado.

« — Se o meu acanhamento é filho do amor, que substituiu á amizade de irmãos, raciocinava eu, o della deve ter a mesma explicação, que outra não descubro.

« Este raciocinio me fazia feliz, abriando-me os horisontes de um futuro, qual só podem sonhar os verdadeiros poetas, os que são dotados de uma imaginação de fogo.

« Correramos dias, e o espectro da nossa separação já me conturbava o coração, quando resolvi reconhecer a minha posição real, dando seu verdadeiro nome ao sentimento que ligava Margarida a mim.

« Era impossivel deixar a casa e passar um anno, na incerteza do meu destino.

« Fiz mil projectos de fallar em meu amor á minha prima, e nenhum me agradava, porque faltava-me a coragem.

« Entretanto viviamos na maior intimidade.

« Um dia... Olhe, Sr. Leopoldo. Não é um animal que vem marchando para nós?

— E, é uma onça pintada!

— Estamos perdidos! Talvez já nos tenha farejado.

— Não que ella vem com passo natural.

— Vamos fugir, que nenhuma arma trouxe os.

— Julgo melhor ficarmos quietos, que o vento vem d'ali e ella não nos pôde sentir. Talvez beba e volte sem nos descobrir.

— Seja; até porque ella nos apanharia ainda que fugissemos.

— Maldita lembrança de dormir neste amaldiçoado logar! Será o que Deus for servido.

— Mas, olhe que ella parou.

— E' verdade. Está olhando para a lua. Dizem que a onça, desde que encara a lua, fica como que magnetizada, a ponto de não ver nem sentir mais nada. E veja que ella está sentada sobre os trazeiros, e não tira os olhos da lua.

* *

— Agora sim senhor, exclamou Thomé; temos negocios com verdadeiras almas do outro mundo. Não ha na terra quem possa fazer o que acabamos de vêr.

— E o que havemos de fazer? perguntou Manoel.

— Esperar os acontecimentos.

Uma voz sepulchral soou aos ouvidos dos dous conversantes, dizendo: quem dorme nesta rede sou eu.

E voz igual disse: e eu nesta outra.

Uma terceira ajuntou: e esta é minha. Assim como ouviram, viram, Thomé e Manoel, tres corpos, que não sabiam donde tinham vindo, espichados nas tres redes, que se tinham armado.

— O negocio complica-se, disse Thomé; mas eu vou ver quem são esses gaitos, que se apoderam das nossas redes.

— Vamos a ella, disse Manoel.

E os dous, tomando cada um sua faca, partiram para a primeira rede, que ficou vazia tão depressa lhe pizeram as mãos.

O mesmo com a segunda.

— Não ha mais duvida, disse o camarada; creio nas almas do outro mundo.

— E eu tambem, disse Thomé, sem se abalar.

Neste ponto ouviram uma voz de mulher, que cantava no interior da casa, dizendo em versos sertanejos, quasi sem metrificacão, e só se attendendo á rima:

Fui pura eecem formosa
Dos roeios bafejada,
Bella rosa, na manhã
Da existencia desfolhada.

Dentre as flores, que a cercavam,
Não havia outra mais linda.
Tive amor e fui amada,
E conservo amor ainda.

A clara luz da minha alma,
A vida dos olhos meus,
Não pude saber a sorte
Da que foi os sonhos seus.

Como o rouxinol desmaia
Em meio do triste canto,
Cahiu a flor de Malherbe
Da morte no negro manto.

E a voz de um velho, tremula e soluçante, assim descantou:

Tive na vida dous polos
Qual delles mais atrahente:
A sede do ouro que mata,
E o amor da filha, innocente.

Venceu no peito o primeiro,
A filha ao ouro vendi.
Corre o tempo, vai-se o ouro,
Sem ouro e filha me vi.

Immensa noite, medonha,
Trevas eternas me envolvem.
Minha alma queimam remorsos,
Vermes o corpo revolvem.

Após estas commoventes baladas, que revelavam os soffrimentos de duas almas, victima e algoz, ouviu-se uma terceira voz que dizia:

Alzira, por piedade
Engana meu coração.
Dize que és minha sómente,
Alimenta esta illusão.

Não tive culpa de amar-te.
De roubar-te ao noivo teu.
Certeza de me adorares
Mil vezes teu pai me deu.

Mas... que faço?... porque rogo?
Sou senhor, posso mandar.
Comprei-te a peso de ouro
Nada podes recusar.

Pois que negas o direito
Que a lei divina me dá.
Morre, cruel. Nenhum outro
Teus encantos gozará.

Fez-se em seguida um charivari infernal de pôr surdos os dous rapazes, que de pé, com os braços cruzados, ouviam, mas não entendiam nada do que ouviam.
Depois da horrorosa assuada, soon de novo, terna e melodiosa como a flauta a horas mortas, a voz da moça.

No fundo do mar, no espaço,
Na terra, no ceu, no inferno.
Onde quer que se respire,
Meu amor será eterno.

Leopoldo, além deste mundo
Existe o Throno de Deus.
Não posso sem ti, meu anjo,
Subir ás nuvens dos céus.

E tu foges, doce encanto,
Da que foi a tua Alzira!
E pousar tu vaes ao longe,
Onde a morte se respira!

Ah! Não fujas por piedade.
Tem dó dest'alma penada.
Vem dizer adeus eterno
A que foi tua adorada.

Um silencio pavoroso seguiu-se a este ultimo descante.
Dir-se-hia que aquelles infelizes só faziam todas aquellas visagens para poderem desabafar, em peito humano, suas doridas magoas.
Thomé e Manoel, sempre em pé e de braços cruzados, tinham a alma repassada de tristezas que não sabiam explicar, e que não era facil entrarem em seus peitos essencialmente materiaes.
O cabra foi o primeiro que voltou a si daquelle verdadeiro espasmo moral, e

tanto que sacudiu a nuvem negra que lhe envolvia o cerebro, exclamou:
— O' lá de dentro. Se lhes posso ser util, digam o que querem.

Um gemido foi a resposta, e nada mais: barulho, ou falla, se fez sentir até o romper do dia.

Os dous valentes dormiram muito a gosto até que amanheceu.

Thomé levantou-se pensativo e, tendo recommendado a Manoel que ficasse guardando as cargas, dirigiu-se para o rio, onde tinham ido dormir os companheiros.

Achou-os abatidos e macilentos, como quem passou noite de vigilia, sob a pressão de uma sentença de morte.

Felizmente a onça, embebida na lua até de manhã, sorprehendida pela claridade do dia, disparou para as brenhas sem dar pela presença dos nossos amigos.

Estes correram, ansiosos de curiosidade, para o cabra, que lhes di-se simplesmente:
— Eu e Manoel dormimos até agora.

— Dormiram como? perguntou estupefacto Joaquim de Amorim.
— Como se dorme em qualquer parte, respondeu Thomé.

E tomando o Sinhô moço de parte conversou com elle muito tempo, enquanto Amorim dizia:
— E' valente! é temerario!

(Continúa.)

Será assim?

O homem talha o granito
delle sica o bloco informe,
que jazia a tempo enorme,
desafiando o infinito.

E com seu genio mirifico
escultura-o para que forme
a estatura do heróe, que dorme
NO PO DO NADA SCIENTIFICO.

Depois... o artista portentoso
volta ao po devorador,
Perdendo a vida, o talento,
sciencia, crencas e amor.

E só fica o monumento
a rir-se do seu auctor.

J. G. S.

Pará, 21-3-88.

O Espirito

(UMA CAUSA CELEBRE NA AUSTRALIA)

JOSEPH ETIENNE

(Continuação)

— Era elle mesmo! continuou Ben; hoje durante o dia não bebi senão agua, entretanto, vi-o, vi-o ainda! Encostado sobre a mesma gral... no mesmo logar... na mesma posição... diante do mesmo salgueiro e com as mesmas feridas sangrando!... Brush é um scelerado! Terei as provas d'isto antes mesmo de comer um pedaço de pão ou de beber um copo de rhum!...

E assim fallando, agarrou o chapêo que collocára junto a si e sahiu com tanta rapidez, que Madge comprehendeu logo ser inutil qualquer tentativa para retel-o...

Benjamin Lytton, como homem que antecipadamente traçou seu plano, foi directo á casa de Sir James Were, antigo tenente da armada, reformado por aquelle tempo, que morava a um quarto de legua longe da sua propriedade, e que, nomeado juiz de paz do logar, dizia-se ter tanta firmeza no character, quanta justiça nas sentenças.

James Were preparava-se para dormir, mas sabendo que seu visinho insistia em fallar-lhe, vestiu-se rapidamente e mandou entrar Lytton, a quem offereceu um logar junto á lareira.

Vendo-o silencioso e intimidado, procurou dar-lhe coragem e entabou a conversação, informando-se do preço dos generos e de muitas outras cousas em Sydney.

— O trigo está em baixa; o milho sustenta-se tanto que conseguí vender quatorze saccos, respondeu Benjamin, mas... ha outra cousa mais séria que me traz á presença de Sir Were...

— Que ha de novo? visinho. Pouco

falta á sua physionomia para que me faça medo.

— Senhor, disse o rendeiro fazendo rodar o chapêo entre os dedos, Vossa Honra sabe que eu não sou um visionario... Tenho tanto juizo como qualquer outra pessoa; nasci e criei me em Yorkshire...

— Eu sei; nunca te tomei por um louco, supprime portanto os circumloquios; mas ainda uma pergunta: que ha de excepcional para que estejas tão pallido e venhas aqui a tal hora?

— E' uma questão de consciencia... E' necessario que eu fale. E' o meu dever... E' que... E' que, senhor, eu... eu vi o espirito de Hardy!

E contou em poucas palavras, mas expressivamente, as duas apparições.

O juiz de paz, a principio, desconfiou como Margarida, que a primeira visão de Ben fosse o resultado de abundantes libações e que a segunda não fosse mais que o producto de uma imaginação já ferida, que, á mesma hora de obscuridade e em presença dos mesmos objectos, evocava o mesmo pesadelo.

Reflectiu, hesitou, interpellou Benjamin, forçou-o a repetir alguns detalhes, invertendo á sua vontade a ordem dos factos: depois tornou a reflectir deixando escapar algumas interjeições — « Estranho! Singular! Impossivel! » E os dous homens conservavam-se sentados, um diante do outro.

Enfim Were ergueu-se.

— Nada se pode fazer hoje, disse elle; amanhã tratarei d'isto. E' preciso que esteja aqui bem cedo, Sr. Lytton, e então, visitaremos o local e perscrutaremos tudo, inclusive os salgueiros.

James Were não mostrava pelos indigenas esse profundo desprezo que o inglez manifesta geralmente pelas raças inferiores.

Uma pequena tribu destes selvagens, que os viajantes representavam como o ultimo, como o infimo elo da cadeia humana, acampava proximo a estas propriedades.

A' testa desta horda achava-se um indio, moço ainda, chamado Goosy Corrow, celebre por possuir em alto gráo o instincto e fero de cão de caça, particular á raça dos aborigenes.

Estes selvagens, que julgam ser cannibae, dão caça aos homens e descobrem suas pegadas, não só através dos campos como tambem sobre os rochedos e nas aguas.

Seguem uma pista, conduzidos unicamente por signaes secretos que só elles conhecem.

Corrow, mais civilizado e mais humano que seus companheiros, puzera ao serviço dos colonos suas maravilhosas faculdades.

Devia-se, portanto, a elle a descoberta de scelerados temidos que, depois de haverem commettido alguns crimes, se tinham evadido e que, apezar de atravessarem, descalços, os caudalosos rios ou os simples riachos, apezar de terem ido e vindo sobre seus passos, pulado espinheiros, fossos, etc., nunca conseguiram illudir o olphato dos negros sabujos que eram lançados ao seu enalço.

Na madrugada seguinte, Benjamin Lytton já encontrou Goosy Corrow na antecâmara do juiz de paz.

O selvagem estava em companhia de alguns outros, de longos cabellos negros ou vermelhos, trançados e duros, pendentes como velhas pontas de grossas cordas, deixando entrever apenas aquellas caras pintadas a diversas côres e mais sombrias ainda do que a noite.

A cartilhagem do nariz de cada um estava atravessada por um pedaço de osso ou de bambú; o labio superior, levantado, deixava ver no meio do

marfim reluzente dos seus dentes felinos pequenos pontos de ebano; com o corpo cabelludo e com as pernas de uma magreza de esqueleto, estes entes pareciam animaes bimanos e não se approximavam da nossa especie, senão pelo emprego que elles faziam de alguns ornamentos bizarros feitos de escamas de peixes, pennas de diversos passaros, dentes de marsupiaux, que serviam-lhes de collar, e cintas de pelle de kanguri.

Suas armas constavam do terrivel *baumerang* curvo, de duas laminas; o *wómara* de aduncas pontas que servia para amarrar solidamente o inimigo; os *waddis* ou clavos; o arco e a flexa e a armadura de cortiça.

Só Goosy, na sua qualidade de chefe, se tinha envolado em um manto de pelles de *opossums*.

O bom rendeiro de Yorkshire, se ousasse, teria recuado diante desta equivoaca gente, conquanto já tivesse visto muitas vezes estes selvagens, que pertenciam á tribu dos Gwea-Galls, de Sydney e das costas visinhas.

James Were, assim que viu Ben, dirigiu-se para elle, dizendo:

— Estamos promptos: conduza-nos.

O chefe dos negros cravou em Lytton seus olhos fundos e amarellados, demorando um olhar perscrutador sobre sua pessoa; depois pronunciou algumas palavras, mais sonoras, mais doces do que se devia esperar daquella larga boca, e immediatamente todos os outros formaram fileira atraz de Benjamin, que seguiu pela grande estrada de Sydney e não parou senão junto aos salgueiros, que pendiam por sobre a cerca.

As poucas folhas que ainda restavam nos galhos que o rendeiro algum tempo antes espedacára, marcavam o logar em que o phantasma apparecera.

Goosy Carrow não conhecia o facto; ignorava completamente qual a pista que devia seguir e até mesmo do que se tratava, entretanto, assim que deitou os olhos sobre a cerca que rodeava a chacara, abaixou-se, examinou de perto o sólo, pousou os magros dedos sobre algumas manchas escuras que só então todos perceberam, e disse com este accento esganicado que tomam os insulares, ao pronunciarem o limitado numero de palavras inglezas que difficilmente conseguem decorar:

— Sangue de homem branco!

Então, começou a explorar as immedições com toda a minuciosidade. Chegando em certo ponto, deitou-se, cheirou a terra e, erguendo-se um pouco com as mãos apoiadas sobre o sólo e os braços estendidos, como se quizesse marcar com exactidão o lugar de um tumulo:

— Aqui... corpo deitado! disse.

O terreno secco e gretado, mostrava nunca ter sido revolvido, mas Sir James Were, habituado a comprehender Goosy, que não o empregava pela primeira vez, explicou que naquella phrase comprehendia-se que um corpo fora deitado na superficie e não sob a terra, e, confiado no instincto do selvagem, deixou-o proseguir na sua busca, em extremo, singular.

Cada descoberta, como facilmente se cre, excitava mais o ardor do australiano, que de quando em vez, reunia em consulta os seus homens, que olhavam, tocavam com os dedos, aspiravam qualquer galho cahido, qualquer pedra que encontravam no caminho, para minutos depois conferenciarem ainda, e o rendeiro de Yorkshire, sempre pallido, mais com os olhos injectados de sangue por uma espera febril, seguia com a maxima anciedade todos aquelles movimentos.

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Junho—1

N. 133

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

13 de Maio de 1888

Tombaram na fria noite do passado os preconceitos, que até bem pouco dividiam os filhos do Cruzeiro em victimas e algozes, escravos e senhores!

Hoje, do Amazonas ao Uruguay, do Paraná ao Atlantico, não ha mais que um povo livre, regenerado nas aguas do baptismo da remissão dos captivos.

Após trezentos annos de uma noite tenebrosa, de uma agonia lenta e atropeladora das sublimes faculdades, que Deus doára a todos os seus filhos; no horisonte revestido das mais pomposas galas, entre purpuras e ouro, surgiu sorridente e esplendoroso o sol da emancipação politica para os descendentes dos miseros africanos, incultos parias, raça proscripta, no seio de um povo que se diz civilisado e christão, no meio de uma natureza onde tudo respira o mais expansivo sentimento de liberdade.

Está finalmente lavada da face do imperio do Cruzeiro a macula infamante da escravidão; e, se elle foi o ultimo a sacudir esse jugo infamante, coube-lhe a gloria de ser um dos poucos que effectuou essa importante reforma sem o sacrificio do generoso sangue de seus filhos.

Por uma solidariedade admiravel vimos erguer-se uma nação inteira, sem distincção de classes, de côres politicas ou de fortunas, para realizar a grande obra que veio immortalisar o dia 13 de Maio de 1888, escrevendo-o com caracteres de ouro nos annaes do mundo de Cabral.

Insondaveis arcanos da Providencia! Já de ha muito essa ideia pairava no ar; e em todos os grupos e sociedades spiritas desta côrte, centenares de vezes, nossos amigos do espaço nos repetiram, que a abolição da escravidão ia ser mais prompta do que se suppunha.

Como os homens ainda se illudem! Que de lagrimas amargas regaram as tumbas daquelles batalhadores illustres, que succubiram antes da hora do tão almejado triumpho; novos Moysés cahindo ao sopro da morte antes de entrarem na terra da promissão!

Engano! Completa illusão! Elles não se anniquilaram, deixaram o envolvero terreno para com mais segurança dirigirem o movimento e conduzirem-n'o ao esplendido resultado, que acabamos de obter.

«Vem de cima o movimento», disse, ha bem pouco, um dos mais altos vultos do senado brasileiro. Sim, elle vem do alto.

Spiritas, ergamos nossas mentes ao ceu, subamos em santo arrojo aos pés do Eterno, rendendo-lhe graças pela extincção da escravidão no Brazil.

A tentação

Se Jesus disse a seus apóstolos queridos, aquelles que, por sua elevação moral e intellectual, elle escolhera no espaço para virem auxiliar-o no cumprimento de sua grande missão terrena: «Estai attentos, vigiai para não cairdes em tentação»; se os espiritos elevados, quando, influenciados pelo corpo carnal que elles revestem, para desempenhar entre os homens missões de progresso, podem succumbir á tentação; como nos será possivel evital-as, a nós ainda tão fracos, tão eivados dos vicios e más inclinações que trouxemos de nossas vidas passadas?

Mas é mesmo contra a nossa conveniencia tentarmos fugil-as, porque é na lucta que se triumpha, é luctando que nos elevaremos sobre as suggestões criminosas de nossos vicios e de nossas imperfeições, porta sempre aberta para os nossos inimigos invisiveis actuarem sobre nós, laço que nos prende aos espiritos atrazados e perversos, que nem querem progredir nem consentir que os outros se lhes adiantem.

Nunca peçamos a Deus que nos afaste das tentações, pois seria pedir que nos eximisse da lucta e, por consequencia, do progresso.

Peçamos sim que seus bons espiritos nos auxiliem para triumpharmos dellas.

Não basta, porém, pedir; é neces-

sario que nos esforcemos para merecer a graça, que imploramos, pois Deus não seria justó, se viesse em auxilio de quem voluntariamente envereda pela estrada do crime, folgando na pratica do mal, com consciencia plena do seu acto, e contentando-se sómente em pedir-lhe um favor, de que não procura torriar-se digno.

Mas, donde vem a tentação? Nós vemos na Terra homens dominados pela sede do ouro, pelo desejo insaciavel de gosos materiaes, pelo orgulho, a vaidade, a luxuria, a gula, etc.; vir-lhes-ha ella do corpo?

Não, o corpo é materia, é apenas um vehiculo para as manifestações do espirito, que a elle se acha preso. A tentação está pois no espirito. Aquelle que é dotado de más inclinações, procura satisfazel-as, arrastando o corpo como um simples instrumento de suas paixões.

Quando, porém, esse espirito sente o desejo ardente de purificar-se, de vencer suas imperfeições; esse acto de sua vontade devia fazer calar completamente os seus sentimentos máus. Entretanto não se dá isso: nós vemos individuos que querem a todo transe libertar-se de suas inclinações viciosas, que concentram todas as aspirações, todas as forças de sua alma na suplantação dos pensamentos e sentimentos criminosos que o querem arrastar ao ma., terem necessidade de sustentar uma lucta porfiosa, tornando-se o seu espirito um verdadeiro campo de combate, onde se degladiam dous inimigos incarnicados, duas forças antagonicas, uma das quaes inevitavelmente succumbirá.

Perguntamos, esses sentimentos e pensamentos antagonicos virão ambos da mesma fonte, do mesmo espirito, afinal destinado a servir de trophéu ao triumpho do mais forte? Como crer que na mesma hora, n'um mesmo curto instante, seja um mesmo espirito humilde e orgulhoso, liberal e avarento, casto e luxurioso?

Não parece mais racional que haja na tentação uma lucta de dous principios intelligentes, distinctos e dotados de sentimentos contrarios?

O estudo do mundo espiritual nos vem demonstrar que é exactamente isso o que se dá. Os espiritos bons e máus podem entrar em relação com-nosco, e por uma attracção sympa-

thica elles se approximam daquelles que pensam e sentem como elles; e quando nos resolvemos a repellir de nós os defeitos, que nos demoram no nosso caminhar para o progresso, aquelles que estão com-nosco, comprehendendo que por esse modo elles terão de ser afastados, luctam, para que nos não libertemos dos laços, que nos ligam a elles.

São elles que nos suggerem essas ideias, que vêm despertar em nossa alma os sentimentos, que desejamos repellir; são elles que com o phantasma dos soffrimentos da miseria buscam conter o avarento, que se quer tornar liberal; que com o receio do ridiculo tentam deter o orgulhoso que se quer fazer humilde, etc.

Qual de nós, estudando a si mesmo, já não terá encontrado no seu intimo esse duelo de morte, inexplicavel para aquelle que não admite a communicação dos espiritos com-nosco?

Sim, é isso a tentação. Trabalhem para vencel-a, supprimindo em nós mesmos o principio donde ella emana, purificando-nos, porque assim afastaremos de nós os que nos querem desviar do bom caminho.

Uma reparação

Agora que triumphou a sublime ideia da abolição da escravidão no nosso paiz, que por todas as fórmulas é justo, que manifestemos nossa gratidão aos seus gloriosos propugnadores; cumpre-nos fazer reviver a memoria de um homem, illustre entre os mais illustres filhos desia terra, que com o seu prestigio, conquistado por numerosos e inolvidaveis serviços, muito contribuiu para a victoria de 1871.

Era o tempo em que o nosso exercito, regressando laureado da longa campanha do Paraguay, podia inspirar receios aos directores da politica então dominante, caso elle pretendesse, esquecer do sacro sentimento do amor á patria que foi sempre a sua bussola, transformar-se em um elemento perturbador da ordem estabelecida.

O visconde do Rio Branco, esse vulto homerico cuja veneranda imagem jamais será apagada do coração dos Brasileiros, esse homem de intelligencia lucida e prompta, servida por uma linguagem sublime e arreba-

tadora, esse athleta da tribuna, teve ás vezes desfallecimentos, receiava o movimento que ia provocar.

Era nessas occasiões que se lhe fazia ouvir sempre a voz animadora de um seu amigo sincero, patriota devotado e encanecido no serviço do paiz, dizendo-lhe: «Nada tema; eu respondo pelo exercito.»

Esse homem, cuja memoria apon-tamos á gratidão dos nossos patricios, foi o inclyto Duque de Caxias, Marechal do exercito Luiz Manoel de Lima e Silva.

E' justo que inscrevamos o seu nome entre os dos triumphadores da grande causa da libertação dos captivos.

NOTICIARIO

D. Josefina Eugenia Fortes. — A 24 de Maio ultimo foi dado á sepultura o despojo mortal de D. Josefina Eugenia Fortes, dilecta filha do nosso presado amigo e irmão em crenças o Sr. Mannel Rodrigues Fortes.

A penosa enfermidade que por tanto tempo a teve prostrada n'um leito de acerbos dores, foi uma prova de que triumphou esse espirito angelico, espantando a todos pela sua calma resignação, pela sua segura esperança da paz e das alegrias, que ia encontrar no mundo da verdade, no mundo onde as futeis vaidades terrenas não podem ter ingresso.

Era ali, era no seio dessa familia profundamente convencida das verdades spiriticas, que quizeramos que os nossos adversarios fossem aprender o consolo immenso, que o Spiritismo infunde nas almas soffredoras, anihilando completamente os terrores e agonias do momento fatal do passamento.

Que Deus a illumine, são os votos que fazemos, e dé-lhe forças para proseguir em sua marcha ascencional e vir com seus conselhos animar aos que ainda ficam neste mundo de dores e provações.

Distincção. — A *Société Magnétique de Genève* concedeu ao nosso amigo e confrade o Sr. F. Antonio Xavier Pinheiro o titulo de membro correspondente, remetendo-lhe o competente diploma. Congratulamo-nos como nosso companheiro de trabalho por tão bella distincção.

A propaganda dos invisíveis. — Cançamos de esperar. Milhares de curiosos de todas as classes, entre elles muitos dos que, pelos empregos que occupam, têm obrigação de informar ás auctoridades, para que se tomem as necessarias providencias, têm ido presenciar os factos *inexplicaveis*, que se estão dando na casa da rua de Santo Christo n. 157; e até agora o jornalismo nada disse a respeito, os cientistas se calam e a policia nada faz.

Nesse predio pequeno, cuja frente é occupada por um armarinho, reside um homem de meia idade, pobre e carregado de familia.

Viviam elles do seu trabalho honesto, a mulher e as filhas, ainda meninas, costurando roupas que o chefe da casa expunha á venda no seu armarinho, quando lhes veio perturbar a paz uma perseguição atroz exercida por inimigos desconhecidos.

Informam-nos do seguinte:

Na ultima quinta feira santa 29 de Março, começaram a cahir pedras em diversos pontos da casa, sem que se podesse ver donde vinham, nem a mão que as jogava.

Depois foram pedras substituidas por sal de cosinha, não havendo logar algum em que se possa estar a abrigo dos golpes dessa materia, que é arremessada em quantidade sobre as pessoas, os moveis, as roupas e o solo, que, ás vezes, fica por ella coberto.

A freguezia abandona a casa de negocio, donde é expellida a punhados de sal, lançados por um individuo, que não se pode ver nem conhecer. Examinámos a casa toda e podemos affirmar, que o facto não é produzido por algum visinho mal intencionado, pois, mesmo que o quizesse, era-lhe impossivel fazel-o de fóra.

A supposição de ser então algum dos proprios moradores não nos parece tambem admissivel: é uma familia pauperrima que não podia comprar tanto sal, e para que? para vir prejudicar a si mesma afugentando a sua freguezia e deteriorando o objecto de seu negocio?

Ultimamente ainda, como nos informam, os factos ahi se complicaram para muitos; para nós, porém, se aclararam totalmente.

Collocou-se, por mais de uma vez um papel, em que se escrevera uma oração pedindo o auxilio dos ceus, sobre uma mesinha posta na alcova, cuja porta cerrou-se, deixando-se ahi tambem um tinteiro e uma penna e pouco depois verificou-se que a tinta fora entornada sobre o papel; e que em todo o escripto a palavra *Deus* fóra riscada a traços de penna.

Afirmou-nos ainda muito espantado o dono da casa que vira, uma das vezes, a penna erguer-se por si mesma, sem que alquem a segurasse, e traçar a palavra *Deus* do papel.

Afinal desenvolveu-se a mediunidade vidente em toda a familia; vellos e creanças andam assustados com a apparição de um homem vaporoso, que se mostra nos mais reconditos sitios da casa.

Já sabemos que, em vez de explicarem o phenomeno e buscarem alliviar o martyrio desses pobres, bradaram contra o spiritismo; é mais simples, ninguem o duvida. Nós, porém, desde já declaramos que essa gente nunca pensou nisso; e como catholicos, elles não criam possivel a nossa communicabilidade dos chamados mortos.

Homens da sciencia, ahi se vos offerece uma bella occasião de *desmascarar o charlatanismo!*

E vós, spiritas, pensai que ha alli muitos infelizes, a quem deveis auxiliar. Dai ao perseguidor a luz de que elle necessita, e aos perseguidos a luz e o pão.

Commemoração do passamento de Allan Kardec. — A sociedade spirita *Cachoeirana*, da Bahia, celebrou o anniversario do passamento do illustre philosopho Allan Kardec com uma sessão magna, cuja acta nos foi remetida, por copia, para o archivo da Federação Spirita Brasileira.

Nós com toda a effusão da nossa alma agradecemos.

Além do presidente, o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes, usaram da palavra os Srs. Dr. Manuel Lopes de Carvalho Ramos, Joaquim Florindo Lopes, Dr. Arthur Cerqueira da Rocha Lima e José Alvares dos Santos Souza.

O *Tempo*, jornal que se imprime na cidade de Cachoeira, publicou o importante discurso pronunciado nessa sessão pelo Sr. Joaquim Florindo Lopes.

Um novo medium. — Extra-himos do *Banner of Light* de 31 de Dezembro o seguinte:

Annunciou-se, ha pouco tempo, que um sapateiro de Cincinnati, chamado Willis, descobrira que elle possuia o dom *mediamnico* de fazer desapparecer todos os *symptomas* da velhice.

Fez-se uma sessão, e nella ficou conhecido ter elle uma faculdade *mediamnica* importante, que convinha desenvolver.

Em uma das noites que se seguiram, estando em sua officina, ouviu elle um ruido surdo que, assustou-o a principio, mas que depois attribuiu a seu filho, que suppoz quizesse mangar com elle. Verificou, porém, que o menino estava dormindo, e não podia ser o auctor da brincadeira.

D'ahi em diante os golpes se tornaram mais distinctos, e outras manifestações mais positivas começaram a dar-se, forçando-o a convidar alguns amigos, para testemunharem-n'as.

Em uma dessas sessões, entre outros factos, deu-se o seguinte: Um dos presentes escreveu uma pergunta, poz o papel em um envelope, e collocou este sob o candieiro.

Pouco depois, sem que o medium se movesse do seu lugar, viram todos cahir um papel aos pés do perguntador, no qual achava-se escripta uma resposta completa á sua pergunta.

E' uma variante da escriptura obtida nas ardosias; um grande elemento de convicção para os modernos S. Thomé.

Uma sessão interessante. — O *Herald* de Springfield. (Estados Unidos) deu noticia de uma sessão particular, havida nessa cidade. Achavam-se reunidas doze pessoas. Chegada a hora, o dono da casa preveniu, para que se formasse o circulo, e logo ouviu-se um rumor surdo embaixo, e depois uma voz bem distincta, dizendo: Podem subir.

« Melhor, disse um dos presentes, suppondo que chegavam mais convidados. » — « Não é isso, replicou o dono da casa. Não ha pessoa alguma na escada, nem em qualquer outro ponto da casa, a não ser nesta sala. » — « Talvez me tenha enganado, mas pareceu-me ouvir uma voz humana bem clara. » Todos affirmaram a mesma cousa.

Percorreu-se a casa toda; estava deserta. Voltaram todos á sala, cerraram-se as portas e as janellas; e durante 5 minutos reinou completo silencio, ouvindo-se apenas o pulsar dos corações, dos que estavam assentados ao redor da mesa, immersos em quasi perfeita obscuridade.

De repente ouviram-se na escadaleves passos que, aos poucos, se foram tornando mais distinctos. Abriram e cerraram a porta, sem que se visse entrar alquem. Depois uma voz bem clara disse: « Boa noite, minha mãe. » As palavras pareciam vir de um gabinete contiguo, para o qual convergiram todos os olhares.

« E' a voz de meu filho, morto no combate de Wilson. » disse uma senhora idosa, que estava no circulo, com a voz tremulo e os olhos cheios de lagrimas.

« Sim, sou eu, querida mãe, disse a voz do gabinete. Quiz vir cumprimentar-te. »

Ao ouvir isso, a pobre mãe deu largas ao seu sentimentalismo. Depois, como tornando a si, perguntou: « Dize-me, Alberto, onde estás? como vieste aqui? »

« Mãe, respondeu a voz, cahi ferido por uma bala na margem do pequeno rio, que atravessa a nossa bella cidade. O sangue dos sulistas e dos nortistas ahi correu juncto; e o espirito que, então vivendo na terra, lançou o projectil, que trespassou-me o coração, é hoje um dos meus camaradas do mundo espiritual. Ha 20 annos que almejo por ver chegar esta hora, em que te podesse dizer que sou feliz, e não tens razão de chorar por mim. Aqui temos tudo quanto é puro e digno de a nor. Os amigos e inimigos da terra são aqui todos companheiros de trabalho. Até a vista. »

Illustres descrentes, consultai a

vossa consciencia e dizei a vós mesmos, ja que vos falta a coragem de fazel-o em publico, se ha outra religião, se existe outra philosophia capaz de offerecer identico consolo a uma mãe afflicta, por desconhecer o destino do espirito daquelle que foi seu filho.

Consultai ás vossas esposas, e ellas vos dirão o alcance do conforto que o Spiritismo deu áquelle de quem nos occupamos nesta noticia.

E' a grandeza e racionalidade de seus ensinós; é esse balsamo puro que elle derrama no peito dos que soffrem, que estão fazendo que a doutrina spirita tenha uma propaganda tão assombrosa.

Um morto-vivo. — Apesar do riso de mofo da incredulidade orgulhosa, a propaganda do spiritismo avança desassombrada, transpondo todas as barreiras, que buscam levantar em seu caminho. Milhares de livros, revistas e jornaes, escriptos em todas as linguas, derramaram e derramam a mãos cheias os simples e santos principios do christianismo scientifico, da religião do amor sem limites ensinada pelo Christo, hoje desenvolvida e explicada pelo consolador.

Preparado assim o terreno, começam os factos, phenomenos assombrosos de mil variados modos, a se darem por toda parte, a chamarem a attenção de todos para o estudo experimental da nova doutrina.

E' tempo de virem os homens da sciencia explicitos ao povo maravilhado e perplexo.

Pessoa fidedigna informa-nos de uma importante manifestação spirita produzida ultimamente nesta Côte.

O illustrado Sr. Dr. G. L. de Araujo, dirigindo-se ao seu escriptorio na quarta feira de Cinza ultima, achou a porta fechada, e bastante contrariado sentou-se, esperando que lh'a viessem abrir. Pouco depois chegou o Sr. Duarte de Abreu Gaimaraes, que ahi escrevia, cumprimentou ao Doutor e abriu a porta.

O Doutor Araujo entrou e entregou-se ao seu trabalho, sem mais se lembrar do occorrido.

No dia immediato foi á sua casa, trajando lucto, a senhora de Guimarães para fallar-lhe do fallecimento de seu marido. « Como? exclamou elle; de que morreu? Ainda hontem commigo no escriptorio? » « No escriptorio? Hontem? retorquiu a viuva. E' impossivel, porque elle falleceu na terça feira do carnaval, e foi sepultado hontem. »

Como explicar-se esse facto de um homem que falleceu na terça feira, apresentar-se no dia immediato, fallar, abrir uma porta, e ir entregar-se ao seu trabalho? Expliquem-n'o os descrentes.

Cumpre-nos sómente accrescentar que o Sr. Dr. Araujo não cria na communicabilidade dos espiritos com-nosco, não estudava o spiritismo.

As visões do professor Stowe. — Com essa epigraphe publicou o Sr. Gail Hamilton no *Religio Philosophical Journal*, de Chigaco, de 23 de Janeiro ultimo, o seguinte:

O fallecido Rev. Prof. Stowe, de Hartford, era dotado de uma faculdade extraordinaria, ou antes, se o preferem, era sujeito a extraordinarias allucinações.

Quando criança, elle foi muitas vezes castigado por mentiroso, porque affirmava, acreditando real, aquillo que os outros não viam.

O caracter de suas visões fica bem determinado no seguinte incidente: Uma joven dama que estava de visita em sua casa, achava-se uma tarde collocada debaixo de uma arvore, que lhe ficava frondeira á porta.

O professor chegou á porta, viu-a vestida de branco e ficou fixando-a sem lhe dar uma palavra, até que ella

rindo-se, perguntou-lhe o que era. Foi então que elle, reconhecendo-a, disse: Desculpai, eu suppunha que fosse uma visão.

Nunca elle ligou grande importancia a esses factos; e apesar de crer tanto na existencia do mundo invisivel como na do visivel, pedia a crer que nas suas visões só lhe appareciam entes actualmente vivos, quadros e scenas da vida actual.

Nunca elle entrou em discussão a tal respeito, procurando sustentar-se os objectos que via, eram reaes ou um producto de seu cerebro.

Eis ahi uma faculdade de videncia extraordinaria, desenvolvida espontaneamente desde os primeiros annos da vida de um homem, e tão poderosa que elle chegava a confundir os objectos e seres que por ella lhe appareciam, com os que tinham uma existencia real no mundo sensivel.

Um facto spirita. — A *Revue Spirite*, de Paris, de Fevereiro ultimo, transcreve da importante obra *People from the other World*, do Sr. Henri S. Olcott, varios factos passados na residencia da familia Eddy, da Escocia, de entre os quaes escolhemos o seguinte: Uma noite de inverno, achando-se toda a familia reunida, ouviram todos o rodar de uma carruagem, que vinha pela estrada do norte da villa, circumstancia que lhes pareceu extraordinaria, porque a espessa camada de neve que cobria o solo, devia amortecer o ruido. Indo á janella, todos viram uma carruagem descoberta e de forma antiga, puxada por uma parrelha de cavallos brancos, com plumas nas cabeças. A carruagem rodou e entrou no pateo da casa, conduzida por um cocheiro, envolto em longo manto de pelles e com tope no chapéu.

Sobre as almofadas do fundo vinha uma dama idosa, trajando ricos vestidos escoceses, que olhou com bondade e saudou aós que ahi se achavam.

Com a timidez natural dos habitantes do campo, ninguem dizia palavra, esperando que a dama manifestasse os seus desejos. Mas, de repente, sem que se pudesse explicar como, dama e carro desapareceram.

O dono da casa partiu com a mulher e a sogra, dizendo que aquillo era uma obra da feiticaria diabolica (spiritismo), á que ellas se entregavam. Ellas, porém, sustentavam, que aquillo era um simples presagio da morte de uma pessoa da familia. Os rapazes foram, munidos de lanternas, examinar a estrada, e não encontraram vestigio algum da passagem de um carro.

Um mez depois falleceu a mãe da Sra. Eddy.

Era uma ideia dominante na familia, acrescentamos nós, de que essas manifestações extraordinarias prenunciavam a morte de algum membro della; e os espiritos lançaram mão desse meio para avisal-os, afim de ser o golpe menos rude.

Geralmente zombamos daquelles que acreditam, que a entrada de uma borboleta negra em uma casa é um annuncio de morte. Não precipitemos nosso juizo. Os espiritos se servem dessa crença, tão propalada entre as pessoas ainda não corrompidas pelo scepticismo da moda, para prevenil-as do golpe que vão receber e minorarlhes os soffrimentos.

Tomai uma dessas borboletas, nessas occasões, e vel-a-heis completamente eutorpecida e tonta pela acção fluidica do ser invisivel, que a trouxe alli.

São avisos dados aos vivos por aquelles que elles teimam em chamar mortos.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

VII

A agua é o dominio dos peixes, como o ar o das aves e insectos. A agua lhes imprime essa molleza de orgãos, essa mucosidade, essa mobilidade perpetua que os caracterisam.

Se, devido a essas propriedades de seus orgãos, as manifestações de sua intelligencia e de sua sensibilidade são mais fracas, a sua vida animal ganha em longevidade.

Constantemente mergulhados n'agua, suas fibras, seus ossos e o tecido de seus orgãos conservam por um tempo mais longo sua flexibilidade.

Os peixes são, como diz Virey, as aves do mar. Como entre as aves, encontramos entre elles um grande numero de especies, que amam a vida em sociedade, e outras que preferem a solidão.

As emigrações annuaes dos peixes no seio dos mares não são nem menos regulares, nem menos admiraveis que as das aves na região das tempestades. Uns e outros circulam em legiões immensas, seja para colherem em outros pontos uma alimentação mais abundante, seja para ahi se reproduzirem em paz; uns e outros voltam annualmente á sua primeira patria; e nas epochas dessas viagens o homem faz igualmente pesar seu braço dominador sobre os aligeros cantores dos ares e os mudos habitantes das ondas.

Se as aves dos tropicos ostentam as mais bellas plumagens, os peixes da zona equatorial não lhes cedem o passo, reflectindo em suas escamas os variados brilhos das pedras preciosas.

Os peixes mudam de côres e de escamas segundo sua idade, seu sexo e, mesmo, segundo as estações, e como as aves elles sabem predizer os ventos e as tempestades.

Os sentidos da vista, do odorato e da audição são nelles delicados.

Os Romanos conseguiram que os peixes de um viveiro respondessem, acudindo cada um ao chamamento do nome especial, que lhe haviam dado.

Além dos ninhos que alguns delles sabem construir com cuidados e precauções, que nos denunciam a reflexão, o juizo, a intelligencia, tambem em muitas de suas especies descobre-se pronunciado o sentimento e a ideia da sociabilidade, que é um signal de intelligencia.

As AVES — As aves são admiravelmente dotadas, no que se refere a sentidos, principalmente ao da visão. As aves de presa, com excepção das nocturnas, abraçam com a vista um horizonte dez vezes mais extenso que o do homem. Segundo Belon, o gavião descobre distinctamente um mosquito a 500 metros de distancia.

O milhafre, que paira nos ares a

aluns inacessiveis ás nossas vistas, decbre facilmente o peixe morto, queluctua na superficie das aguas, e o ranaz imprudente que sahe de suaoca.

Era de um só golpe de vista abraçama extensão consideravel de paiz, a vés precisam mudar o alcance de sua visão, conforme se acham sobre o sol, ou planam em alturas consideravis do ar. Seu olho é naturalmente prebyta, salvo o das especies aquaticas o crystallino é mais achatado qu nos mammiferos; porém, para acomodarem-n'o ás distancias, ellas posuem um pequeno orgão particular, chamado *pente*. Ellas têm uma terceira palpebra, que circula eire as duas outras, cobre todo o globo do olho, percorre-o sem cessar pra conserval-o sempre limpo e brillante, e lhe serve tambem de cortina para amortecer o effeito dos raios luminosos.

Depois do da vista o sentido da audição é o mais perfeito nesses animaes, e superior tambem ao correspondente dos mammiferos; o que se prova pela facilidade, com que a maior parte delles retem e repete sons, series desons combinados e mesmo palavras.

O tacto existe nas aves, parecendo, diz Buffon, que ellas vencem aos quadrupedes na tactilidade digital, em que se resume esse sentido para ellas; que, em geral, se servem de seus dedos muito melhor que os quadrupedes, seja para segurar, seja para apalpar os corpos.

Todavia, acrescenta o mesmo auctor, o interior dos dedos sendo nellas sempre revestido de uma pelle dura e callosa, seu tacto não pôde ser delicado, e as sensações que elle produz, devem ser pouco distinctas.

Nas aves falta quasi o sentido do gosto. Produzindo uma quantidade de calor superior ao nosso, se ellas tivessem papillas linguaes sensiveis, seriam de gosto delicado, e não encontrariam assaz alimentos para entreter o foco de seu calor. Ellas não mastigam, nao saboream, engolem.

O odorato das aves é tambem pouco desenvolvido, e grande numero dellas não tem narinas; de modo que só recebe a sensação do cheiro por uma fenda do interior da boca. Entretanto ellas praticam certos actos, que só pelo sentido do olfato se podem explicar: vede os pombos correios, que parece só por esse sentido poderem voltar ao ponto donde partiram.

(Continúa).

Um conto sem pretensão

Deixando o corpo mergulhado nesse estado de grato torpor, que separa o somno da vigilia, e no qual os pezares da vida parecem fugir de nós, meu espirito afastou-se e encontrou-se em um lugar para mim totalmente desconhecido. Era uma vasta planicie, em cujo longinquo limite avistavam-

se as torres e pontos altos de uma cidade, fracamente illuminados pelos raios do sol poente.

De um lado havia uma mouta de arbustos, juncto á qual estava assentado um homem já idoso.

Eu ia dirigir-me a elle, quando vi do lado opposto encaminhar-se para mim um joven, que me parecia muito preocupado com algum trabalho importante, sobre o qual tomava apontamentos em uma carteira.

Ao chegar, disse-me elle, sem mesmo olhar para mim:

— Oh, amigo, ajuda-me; dá-me uma rima para *puff*.

Tive vontade de rir; mas, fixando o meu interlocutor, senti profunda compaixão por esse pobre enfermo. Seu rosto pallido e descarnado, seus olhos desvairados, seus modos desevoltos, tudo me fez crer que alli estava um louco.

Dirigi-lhe a palavra, e travamos o seguinte dialogo:

— Sabes que já não és da terra.

— Que novidade! Ha já bastante tempo que atirei o corpo ás urtigas e ando vagabundo pelo espaço. Confesso que não me desagradou a mudança de vida. Aqui não preciso procurar alimentos e vestidos, e não receio ser illudido pelos sorrisos hypocritas dos que se diziam meus amigos. Imagina que um dia tive vontade de ir vel-os, e felizmente achei-os reunidos e fallando de mim. Sabes o que diziam? Que a morte havia-se demorado muito em vir buscar-me; que eu tinha sido um tolo, um ignorantão, um amigo incommodo, etc. Canalha! Como se eu algum dia lhes houvesse pedido algum favor.

— Deves esquecer-te disso. São, sem duvida, rapazes, que só pensam em divertir-se.

— Ah! Eu não os odeio; apenas fujo delles.

— Mas qual a tua vida no espaço?

— Ora, a mesma que passei na terra. Não se me dá que chova ou faça sol. Tudo me é indifferente, e com isso vou vivendo. Não tenho aspirações. Divirto-me em fazer versos.

— Mas, não deixaste na terra parentes, affeicoados?

— Não. Meus pais morreram deixando-me criança. Alli vivi descuidado, sempre evitando incommodarme. Gostei de uma menina...

— Então tens ainda la uma affeição.

— Espere. Tive, mas menos de um anno depois da minha morte essa serigaita estava casada com outro.

— Querias então que ella vivesse isolada, fugindo assim á missão, que lhe coube na vida? Perdoa-a.

— Bom; já vejo que tenho pela prôa um dos taes moralistas massantes, que só se comprazem em fazer perder a paciencia aos mais. Vou-me embora, já que me não podes dar a minha rima. Adeus.

Apenas elle retirou-se, disse o velho:

— E' muito difficil a moralisação de um espirito frivolo. Ha dez annos que esse infeliz vaga no espaço, sem experimentar a menor modificação no seu modo de pensar e obrar. Indifferente a tudo, elle foge de todos os que procuram aconselh-lo. Só o aguilhão do soffrimento ha de impellit-o ao progresso. Soffrerá e Deus o auxiliará.

Se a mocidade soubesse quanto mal ella se prepara no futuro com a vida frivola que passa na terra, evitando o trabalho serio e proveitoso, para só occupar-se de prazeres e banalidades, talvez tivesse medo e tentassa mudar de rumo. Mas tarde ou cedo todos se dobrarão ao imperio da lei eterna do progresso. Tudo caminha, tudo se adianta, e ai daquelles que fraqueiam e deixam-se ficar atraz! A noite os surprehenderá no meio da jornada, e elles chorarão arrependidos o tempo que perderam.

SEÇÃO LIVRE

O Espirito

(UMA CAUSA CELEBRE NA AUSTRALIA)

JOSEPH ETIENNE

(Continuação)

As seccas são frequentes na Nova Galles do Sul, e os lavradores queixavam-se de que nem uma gotta de chuva viera refrescar os seus campos durante sete annos, e este facto muito augmentava as difficuldades da investigação, a julgar-se pela inquieta physionomia do selvagem.

Esquadrinhava tudo; atrás de montes seccas, em volta de pequenos montes de terra, tomando as mais excéntricas posições para ver todas as alturas, e, com as narinas dilatadas aspirava para todos os lados.

Emfim, ao cabo de mais de duas horas, reuniu de novo seus companheiros, conferenciou com elles e depois, sem afastar os olhos do chão, caminhou lentamente, acocorando-se algumas vezes, seguido sempre pelos outros selvagens, até á borda de um pequeno lago isolado á pequena distancia.

— Corpo arrastado até aqui! disse parando.

Goosy Corrow e seus homens deram algumas voltas em diversos sentidos.

Persecutaram os espinheiros, examinando com o maior cuidado toda aquella luxuriante vegetação que medrara largamente junto ás aguas estagnadas do lago...

Tudo em vão!

Nem um indicio havia, de ter se dado ali facto algum extraordinario e as aguas não mostravam conter mais do que nenufares e outras plantas aquaticas, vegetaes em decomposição e o negro limo que lhes dava um aspecto lugubre.

Como possuidor de grande desespero, o chefe dos selvagens deixou-se cahir com o ventre na terra e apoiou o queixo sobre a borda do lago; seus olhos conservaram-se fixos sobre aquelle liquido pestilento.

Subitamente ergueu-se, com um unico movimento, como um peixe que, estando em secco salta para o seu elemento; esfregou as mãos e deixou partir um silvo agudo e estridente, particular á sua tribu, o qual servia para mostrar que tinha achado outra vez a pista, e, com os braços estendidos, apontando para o meio do lago, onde a decomposição de uma substancia occultada em parte sob as hervas, produzia uma massa viscosa de diversas côres, exclamou:

— Gordura de homem branco!

Immediatamente as aguas foram revolvidas por meio de compridas varas, e um dos selvagens, mais habil, fez de um velho tronco de arvore uma especie de piroga e com o gancho de seu womera, justo no logar designado pelo dedo de Goosy Corrow, suspendeu um cadaver; depois mergulhou e trouxe os destroços de um lenço de seda ainda preso a uma grande pedra que sem duvida servira para ligar o corpo no fundo do lago.

Não podia haver a menor duvida: eram os restos de Hardy; os dous dentes do meio faltavam á mandíbula descarnada; o antigo deportado perdera-os em uma rixa, e um dos caninos, montado sobre outro, lembrava a Sir Were a expressão pouco sympathica que outrora imprimia á physionomia do defunto.

Finalmente, dos restos da jaqueta, ainda agarrada nas costas e omoplatas, pendiam os mesmos botões de cobre que durante mais de tres an-

nos todos viram brilhar no peido Hardy.

Deixando Ben e os negros fazedo guarda ao cadaver, Sir Were saiu sobre o cavallo, picou-o de espor e partiu na direcção da casa que Beh administrava desde a supposta agem do seu proprietario.

Ahi chegou em menos de um quarto de hora, e, compondo a physionomia da melhor maneira possivel, perguntou a um empregado se o gerente estava em casa.

Brush que acabava de jantar, pto da janella, correu ao gentleman e pediu-lhe graciosamente que deixasse o animal pastando e fosse com elle ao interior da casa tomar algum refresco.

Sir Were declinou este ultimo ferecimento e depois de trocar algumas palavras de mera polidez, disse ao visinho que tinha um favor a pedir-lhe.

— Eu desejo, continuou, fazer aquisição de uma boa ponta de terra que depende desta propriedade, isto o preço seja razoavel... Mas... senhor tem os poderes necessarios para fazer este negocio?

— Oh! Sem duvida, Sir Were respondeu Brush. O meu amigo, sabido que a sua ausencia podia prolongar-se muito, concedeu-me os mais amplos poderes. Sou seu agente de confiança e como tal, posso pôr e dispor de todos os bens como elle mesmo.

E, apresentou um acto ao juiz de paz, que apoz rapido exame achou em boa forma e entregando o documento a Brush, disse:

— Uma vez que assim é, e se o senhor nada tem a fazer neste momento, peço-lhe que me acompanhe e visitaremos juntos o terreno de que se trata.

— Estou sempre ás suas ordens.

E acompanhou-o.

Para se chegar á ponta de terra de que fallára Sir Were, era necessario passar junto do lago.

No momento em que, desembocando de um massiço de arvores, os dous homens deram com os olhos em cheio sobre o cadaver já decomposto, estendido sobre a ribanceira, os selvagens estavam dispostos em varias posições e Ben tinha a fronte curvada, o ar embrutecido e conservava-se sentado sobre o tronco de uma arvore, tendo as costas voltadas para aquelle penivel espectáculo.

(Continúa.)

A casa malassombrada

— a —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZEIRA DE MENEZES

— a —

(Continuação)

— Sr. Joaquim de Amorim, disse Leopoldo ao seu hospede, eu me demoro aqui até amanhã. Se quiser fazer-me companhia, concluiremos o nosso interrompido entretenimento desta noite: a narração da sua e da minha historia.

— Demora-se aqui até amanhã! Então quer passar outra noite exposto aos perigos que corremos hontem?

— Não. Eu vou passar o dia e a noite na casa malassombrada.

— O que me diz, senhor! Acaso terá perdido a razão? Não se lembra que de lá fomos corridos?

— Lembra-me bem; e é por isso que fico. Não quero que meu pagem e um camarada me tenham na conta de mais fraco do que elles. Como vê, lá ficaram e nada lhes succedeu; entretanto que nós só estamos vivos por um favor do céu.

— Isto é verdade, Sr. Leopoldo; e talvez fosse eu o unico responsavel.

— Não. Eu fugi realmente intimidado.

— Quer, então, castigar-se daquelle falta, indo hoje affrontar o que lhe fez hontem fugir?

— Exactamente. E o senhor não me quer imitar?

— Seria vergonha para mim não o fazer.

— Então continuará a ser meu hospede até amanhã.

— Terei essa honra e esse prazer.

— Vamos todos para a casa malassombrada, exclamou Leopoldo que, desde a conversa com Thomé, estava taciturno.

Os quatro seguiram para o ponto indicado, onde encontraram, fazendo fogo para preparar o almoço, o valente Manoel.

— Ah meu amo, que bonita festa perdeu! Olhe. Tivemos musica de cantoria, que nos fez quasi chorar, a mim e a mestre Thomé. Primeiro uma mocinha, que se confessou bella e despresada pelo amante, a quem um sujeito a roubou. Chamava-se... como é que se chamava ella? mestre Thomé.

— Alzira.

— E' isto mesmo. Chamava-se Alzira. Não que ella nos dissesse o nome; mas revelou-o o machacaz, que parece ter casado com ella enganado, segundo disse, pelo pai della. Depois cantou o velho. Cantou chorando, porque diz que está no inferno. Mas, meu amo, se elle está no inferno, como é que pôde estar aqui?

— E' que não está no inferno, Manoel; ou então o inferno é mesmo este mundo.

— Parece que sim, porque o velho disse que estava em trevas, e entretanto a lua brilhava no céu. Por fim cantou o marido enganado, mas que ainda queria sel-o mais; pois que pedia á moça que fingisse amal-o.

Leopoldo tinha os olhos rasos de lagrimas, e Thomé ouvia a tagarellice do companheiro de braços cruzados e cabeça pendida sobre o peito.

— E o caso é, meu amo, que figura no drama um Leopoldo, o amante logrado da mocinha: logrado não por ella, mas pelo pai della. Eu não entendi bem uma passagem em que ella diz, ou queixa-se: de elle fugir preferindo ir dormir ao ar. Parece que ella se referia a vosmecê. Figa! Eu te esconjuro! Quem não soubesse que vosmecê nunca andou por estes logares, era capaz de jurar que o negocio era com o senhor. O caso é que a pobre moça pena e penará, enquanto o tal Leopoldo, que tem nas mãos o seu destino, não vier dar-lhe as despedidas. Olhe, meu amo, de tudo o que ouvi foi esta passagem o que mais me causou pena. Se eu soubesse quem é e onde está o tal Leopoldo, eu deixava seu serviço, em que estou muito satisfeito, só para ir contar-lhe o que ouvi, e pedir-lhe que venha tirar de penas uma alma boa. Boas são todas tres; porque fizeram o diabo para nos metter medo; mas não tocaram n'um cabello de nossa cabeça.

— Está bom, Manoel. Vai cuidar do almoço, disse mestre Thomé. Basta de historias.

— Tem razão, mestre Thomé. Está em primeiro logar a propria conservação.

— Enquanto se prepara o almoço, Thomé, vamos ver modos de penetrar nesta casa.

— Sr. Leopoldo, não faça isto, exclamou Joaquim de Amorim. Já é muito ficar aqui, quanto mais entrar nesta casa.

— Fique o senhor com os rapazes, que eu vou ao que disse. Hei de resgatar com usura minha cobardia de hontem.

— Agora, sim; estou reconhecendo meu amo; disse Manoel esfregando as mãos de contente; porque o rapaz estimava deveras a Leopoldo, e ficou

triste de saber que elle fugira de medo.

— Pois en, disse Joaquim de Amorim, não levo tão longe o desejo de remir a falta de hontem.

O moço e o pagem examinaram a porta e as janellas da frente e a de um oitão, sem acharem brecha para entrar.

Foram ter á porta do fundo, que empurraram com força; mas de balde.

Todas as portas e janellas estavam fechadas por dentro, com trancas.

— Eu vou subir ao tellado, sinhô moço, salto dentro de casa, e abro esta porta. Não ha outro meio.

Acabava o cabra de pronunciar estas palavras, quando um immenso maracajá saltou de um buraco aberto na parede e que ficava encoberto por uma moita.

— Allí está a entrada, exclamou o pagem. Eu vou penetrar por ella e abrir a porta. Vosmecê me espere aqui.

Thomé enfiou pelo rombo feito na parede e desapareceu aos olhos do moço, que foi attrahido por uma scena extraordinaria.

O maracajá, que sahio disparado de dentro da casa, parou a 20 passos; e, tão depressa desapareceu o pagem, deixando só o moço, voltou sobre os pés e veio postar-se em frente deste.

Olhou-o tão placidamente, pôde-se dizer: tão meigamente, que Leopoldo sentiu-se enternecido.

O animal aproximou-se d'elle e chegando-lhe ao pé, cheirou-lhe a mão estendida, como se a quizesse beijar.

O moço amimou-o ternamente, dominado por um sentimento instinctivo, que elle proprio não podia definir.

Parecia-lhe que o lindo animal lhe fazia vibrar no peito a corda do amor infrene que concebera por Alzira.

Fantasia de amoroso poeta!

Estavam os dous a se desfazerem em amabilidades, quando a porta rangeu sobre os gonços e appareceu o fiel Thomé.

* * *

— Oh! Vosmecê domou esta fera-siinha?

— Não, Thomé, foi elle que me procurou, e que me veio fazer festa. Dir-se-hia um animal creado com-migo. Quanto lhe quero já por estes momentos de gratas e tristes recordações que me dispersou no peito!

— Isto é um sonho, sinhô moço, ou é um milagre de amor. Este animal não é o que parece, é, sem duvida, a alma que tanto tem soffrido pelo senhor.

— Ah! Se é ella, como sou feliz de lhe provar que a minha nunca a esqueceu!

O maracajá suspendeu-se brandamente nos pés e levou as mãos aos peitos do moço, como se o quizesse abraçar!

— Alma querida que não és para mim mais que uma lembrança e uma saudade, recebe, sob a forma deste lindo animal, o terno abraço do que foi teu noivo, desgraçado noivo, que ainda chora e chorará sempre a perda da unica felicidade a que aspirou na terra.

E, abaixando-se até ajoelhar-se, tomou o animal entre os braços e apertou-o contra o coração.

O maracajá parecia embevecido, e reclinando mollemente a cabeça sobre o hombro de Leopoldo, deu dous alegres miados, como late o cão quando vê chegar o amado senhor.

— Que quadro estupendo! balbuciou Thomé.

— Que doce consolação, que balsa-mo para minhas maguas! exclamou Leopoldo.

E, separando se do animal, disse ao pagem: vamos entrar.

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a - F. A. XAVIER PINHEIRO - Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Junho—15

N. 134

EXPEDIENTE

São aentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Congratulação

Jubilosos agradecemos as congratulações, que dirigiram aos brasileiros nossos irmãos da sociedade *Constancia*, de Buenos-Ayres, no seu e em nome dos spiritas da Republica Argentina, pelo fausto motivo da abolição da escravidão no nosso paiz.

Fazemos votos ao Omnipotente para que, cada vez mais, se estreitem os laços fraternos, que devem prender em uma só familia os povos do nosso continente, a quem talvez Deus reserve um grande papel na historia da humanidade terrena.

A Federação Spiritica Brasileira, no seu e em nome dos spiritas do Brazil, saúda aos seus irmãos da grande republica sul-americana.

A grande reforma

O numero de periodicos, revistas e obras spiritas que veem a luz da publicidade em todos os pontos do nosso planeta, faz ficar-se pasmo ante a maravilhosa força de impulsão, que preside á propagação das novas ideias de um a outro extremo do mundo.

Até hoje nenhuma outra religião, nenhuma outra doutrina philosophica conseguiu em tão curto periodo de tempo contar maior numero de adeptos.

Além da racionalidade, simplicidade e grandeza dos seus ensinamentos, baseados na mais san philosophia, na mais sublime moral; além das manifestações variadissimas dos habitantes do mundo espiritual, dos nossos parentes e amigos que nos precederam na partida do mundo visivel e palpavel, manifestações que vêm confirmar a theoria, tornando o Spiritismo uma sciencia experimental; o grande segredo da sua espantosa propaganda está em não procurar elle ferir de chofre as leis que regulam as socieda-

des politicas, as religiões e os principios scientificos das outras escolas.

O Spiritismo lavra com a mesma intensidade na Russia e nos Estados Unidos, na China e na França, na India, na Africa e em toda a America.

Elle tende em primeiro logar a reformar, a regenerar moral e intellectualmente o individuo. E' modificando os sentimentos e os pensamentos dos homens, mostrando-lhes que a vida terrena é uma simples etapa da sua longa viagem através da eternidade, alargando ás suas vistas os horizontes do futuro, e fazendo-lhes conhecer que a Terra é um degredo passageiro, onde cada um delles vem expiar seus erros e faltas passadas, e lutar para libertar-se dos vicios e más inclinações que o fizeram cair em suas outras vidas — que a doutrina spiritica conseguirá o seu grande *desideratum*: a reforma social, politica, scientifica e moral das sociedades.

Quando o homem conhecer bem o seu papel na criação, e o fim a que forçosamente tem de attingir; quando despojar-se dos vicios que lhe entorpecem a marcha, compreenderá as imperfeições das leis que regem suas sociedades, e buscará reformal-as de conformidade com as suas novas ideias.

Então novas constituições virão dirigir os destinos dos povos, mais perfectas, mais conformes com os sentimentos de justiça pelo Creador innoculados em nossos corações, e uniformemente firmarão nos nossos codigos os santos principios da liberdade, da igualdade e da fraternidade universal.

Por enquanto vamos trabalhando para melhorar as condições da nossa sociedade; mas convençamo-nos de que para conseguirmos uma boa reforma social devemos começar pela reforma do homem.

Não julguemos que estamos abandonados, entregues sómente ás nossas forças, nessa lucta titanica pelo progresso da humanidade terrena; não, vem de cima o movimento; nossos amigos do espaço trabalham sem cansaço, provocam, animam, incitam-nos, para não esmorecermos na tarefa que nos tocou em partilha.

São obra delles essas grandes conversões que se dão, no momento opportuno, no modo de pensar de muitos de nós; conversões que espantam e parecem inexplicaveis aos que não credi-

tam na communicabilidade dos dous mundos.

E' um erro supôr-se que os que partiram, legando á terra o que della haviam recebido, se esqueçam dos parentes, dos amigos que aqui ficaram; abandonem a tarefa aqui por elles empreendida.

Com a maior lucidez que então possuem, pôde o modo de pôr em pratica suas ideias soffrer alguma alteração, mas elles não as deixam servir-se daquelles encarnados, em que encontram disposições, para leval-as á execução.

Ficai certos que na grandiosa obra da libertação dos captivos, com que o Brazil levantou-se ufano aos olhos do mundo civilizado, não foram sómente os vencedores aquelles a quem acclamam e cobris de flôres. Sobre elles pairavam invisiveis as sombras venerandas dos Paranhos, Euzebio de Queiroz, Luiz Gama, José Bonifacio, Ferreira de Menezes, Silva Xavier, Franklin, Lincoln, e milhares e milhares de outros, amantes idolatras da liberdade, que la do alto não poupam esforços para levantar-nos do abatimento em que jazemos.

Tudo progride; tudo avança, e pela transformação do homem obteremos a grande reforma da sociedade, e entraremos nessa era de paz e felicidade, promettida pelo Christo, e que será o reinado de Deus sobre o nosso planeta.

O sensitivometro

Está hoje fóra de duvida que nenhum ser vivente escapa á acção do fluido magnetico; mas nem todos sentem igualmente os efeitos desse poderoso agente da natureza.

Ha pessoas demasiado sensiveis que conhecem logo a invasão desse fluido estranho em seu organismo, experimentando uma impressão agradável ou desagradavel, e outros symptomas ainda mais importantes, segundo a analogia ou a disparidade desse fluido com o seu proprio ou com as necessidades do seu organismo.

Estudos serios e aprofundados já têm sufficientemente demonstrado, que o magnetismo animal está sujeito ás mesmas leis physicas, que o dos imans; que a acção magnetica de um homem sobre o outro é a mesma que exerce um iman sobre outro, ou um iman sobre um homem.

E', portanto, vantajoso conhecer-se, se uma pessoa possui a sensibilidade

magnetica pouco ou muito desenvolvida, quando se tracte de sua cura pela magnetoterapia ou hypnotherapie, esse ramo da sciencia medica que, de dia a dia, vai ganhando terreno sobre os outros processos de curar.

O illustre prof. Durville, incançavel propagador do hypnotismo, acaba de inventar um novo aparelho, o *sensitivometro*, que vem satisfazer essa necessidade. E' uma barra de ferro magnetico de 185 millimetros de comprimento, 31 de largura e 6 de espessura; encurvada sob a fórmula de uma ellipse, cujos extremos, ou polos contrarios, distam de 45 millimetros. O diametro maior exterior do aparelho é de 80 e o menor de 53 millimetros. O sensitivometro pôde suspender um peso 12 vezes maior que o seu; elle deve ser applicado na parte do ante-braço, que fica logo acima do pulso.

Segundo os estudos do Sr. Durville sobre a polaridade magnetica do corpo humano, os antebraços apresentam polos secundarios positivos do lado do dedo minimo, e negativos do lado do pollegar.

Se applicar-se o instrumento de modo que o seu polo positivo corresponda ao do mesmo nome do antebraço de um individuo, este sentirá repulção, calor, mau estar, excitação, sono magnetico, contracções e anesthesia; se porém forem os polos de nomes contrarios, attracção, frescura, bem estar, tranquillidade, paralyisia e anesthesia.

Além de mostrar o grau de sensibilidade magnetica de cada um, ainda o sensitivometro pôde ser applicado na therapeutica como excitante ou como calmante.

O auctor combate a ideia do Dr. Charcot e da escola da Salpêtrière, de ser a sensibilidade magnetica um symptoma do histerismo, visto que ha histericos, em que tal faculdade é muito desenvolvida, e outros em que é muito diminuta.

A *Revista del Hypnotismo*, de Madrid, em seu segundo numero, traz um notavel artigo sobre esse importante invento.

Nós o resumimos, porque ahi vemos a sciencia demonstrando que a mediunidade não é um symptoma de enfermidade, mas uma faculdade natural que convem estudar.

NOTICIARIO

Congresso Spiritista. — Os spiritistas de Hespanha reuniram-se a 26 de Fevereiro e a 15 de Abril ultimos em sessão preparatoria em Barcelona, para a grande sessão que alli terá lugar, por occasião da Exposição Universal, a 8 de Setembro do corrente.

Para essa grande festa foram dirigidos convites a todas as sociedades spiritistas do mundo, afim de se fazerem representar, concorrendo para essa obra de união e confraternisação.

Creemos de bom conselho que as sociedades spiritistas do Brazil devem corresponder ao amavel convite dos nossos irmãos d'além-mar.

O Sr. Dr. Slade. — Segundo cartas que recebemos de New-York, do importante medium de escriptura directa, cujo nome encima estas linhas, deve elle achar-se entre nós, com sua sobrinha Miss Agnes L. Slade, por estes poucos dias.

Uma cavalcada de espiritos gigantes. — No *World's Advance Thought*, de Portland, conta o Sr. E. W. Cressey o seguinte:

A 27 de Dezembro ultimo, pelas 3 horas da tarde passeava elle por uma estrada e achava-se a cerca de 3/4 de milha do moinho de Milwaukee, quando, lançando os olhos para o alto, viu no fundo azul do céu destacar-se uma pequena mancha branca que bem depressa tomou os traços de um velho de longas barbas. Elle viu essa figura mover-se, fital-o e depois seguir no rumo do occidente.

Então descobriu mais, vindo de pontos diferentes e reunindo-se para caminhar na mesma direcção, uma centena de espiritos, homens e mulheres, trazendo estas nos braços crianças, de uma belleza sem igual na Terra. Todos olharam para elle e continuaram na sua marcha, claramente visíveis sobre o fundo da abobada plenamente azul.

Todas essas figuras tinham cerca de 16 pés de altura, pelo que o medium acreditou serem, talvez, espiritos de uma raça de gigantes, habitantes de algum outro dos tantos mundos que rolam na immensidade.

Manifestações physicas. — Conta-nos o Sr. Augusto Gonçalves Pereira o facto seguinte acontecido com elle nesta Côrte:

Em 1881, quando elle ainda nada conhecia do Spiritismo, teve necessidade de deixar a cidade e ir residir fóra. Achando vazia uma casa na estação de Queimados, alugou-a e para lá seguiu com sua senhora. Era uma casa pequena, composta de uma sala, um quarto, cozinha e quintal.

No quarto havia uma cama franceza sem colchão e dous bahus de folha, dos quaes um continha roupa e o outro louça; objectos que não se sabia a quem pertenciam, mas que se suppunha serem do fallecido proprietario da casa.

Os novos inquilinos accommodaram-se mesmo na sala, depois de examinarem, se a casa estava segura.

Pela meia-noite sentiram o crepitar do fogo na cozinha, mas indo examinar, viram que o fogão não tinha lume.

Acreditando ter sido uma illusão, foram deitar-se, e então ouviram pisadas no quarto visinho e o ranger da cama, como se alguém ali estivesse deitado.

Na noite immediata os factos se reproduziram. Elle e sua senhora ouviram os golpes de um facão rachando lenha, a crepitação do fogo, as pisadas e mais a buina da louça, que alguém tirava do bahu do quarto visinho.

Querendo o Sr. Pereira pegar no castiçal, viu ser este artemessado para longe, apagando-se a vela, sem que, apesar de tão brusco movimento, fosse ella tirada do castiçal, que foi encontrado no meio da casa.

Sabida a occorrença, os Srs. Manuel Rodrigues Marques e Antonio Ribeiro de Souza, amigos do Sr. Pereira, pediram para virem tambem observar; e, armados de punhaes, vieram fazer-lhe companhia na seguinte noite.

Os factos repetiram-se; elles sentiram que alli andava alguem, que não tinha um corpo visivel.

Um dos dous sendo pisado pelo mysterioso visitante, deu-lhe uma punhalada, mas accendendo a vela, achou o punhal cravado no soalho.

E' facil de suppor-se como alli se passou o resto da noite.

O Sr. Pereira tractou no dia immediato de mudar-se, e só então soube que nessa casa ninguem podia morar, pois que ella era frequentada pela alma do antigo proprietario, que por ter sido muito usurario, sem duvida ali escondera parte de sua fortuna.

Não é um facto novo. Pelas communicações de além-túmulo sabe aos que os espiritos daquelles, que deixaram a vida, dominados por um grande apego aos bens e sentimentos mundanos, arrastados ainda por esses sentimentos, frequentam e, mesmo, habitam suas antigas moradas, até que se convençam do seu novo estado.

E' o castigo do vicio pelo proprio vicio: O usurario vendo o desbarato de sua fortuna no proprio lugar, onde esconden-a; o lascivo castigado pela sua impotencia de satisfazer seus desejos bestiaes; o guloso vendo sempre diante de si a apparencia dos manjares appetitosos em que elle não pôde tocar; verdadeiro supplicio de Tantalos, mas tambem fonte providencial, onde beberá a regeneração e o progresso.

Mediuns de effeitos physicos. — Por muito tempo a dança das mesas foi um dos mais apreciados divertimentos dos salões; aos poucos, porém, a moda passou; e sómente alguns espiritos mais preserutadores das causas dos phenomenos que observam, buscaram descobrir a desses movimentos, que a maioria attribua a uma acção magnetica dos presentes. Reconheceu-se então que o movel respondia por golpes e movimentos intelligentes a perguntas feitas pelos que se achavam juncto; e por consequencia que alli havia a manifestação de um ser invisivel, intelligente e capaz de entrar em relação connosco.

Pertence a esta ordem de phenomenos o que vamos narrar.

Tendo uma vez assistido a um trabalho destes, o Sr. Dr. E., assaz conhecido nesta Côrte, por sua sudez e vasta illustração, contou a seus filhos o que vira. Os jovens, apenas retirados da vista de seu pai, foram trabalhar com uma mesinha e conseguiram o mais completo resultado.

A seu pedido a mesa move-se em todos os sentidos, salta e p' pancadas combinadas com as letras do alphabeto responde ás perguntas, que lhe fazem.

Ultimamente estavam os jovens na sala, diante de varias pessoas, e iam interrogar ao movel, quando entrou o Dr. B., amigo da familia. O recém-vindo conheceu logo do que se tratava, e declarou que não cria nas communicações, mas que desejava ver.

Começou o movel a mover-se, e perguntando-se-lhe, a quem o invisivel queria dirigir-se, respondeu que ao Dr. B.

Continuaram as perguntas e vieram as seguintes respostas: Chamei-me Roque, fui assassinado em Maceió em 185, estimava-o muito, o senhor morava na rua A., e meu assassino, F.,

foi condemnado a 12 annos de prisão. O Sr. Dr. B. então lembrou-se desse rapaz que foi assassinado em Maceió, que elle havia conhecido e estimado em criança.

Então contou que, ao chegar a Maceió, o assassino de Roque lhe mandara pedir para se encarregar do patrocínio de sua causa; ao que elle não pôde acceder por repugnar-lhe a consciencia e pela amizade que tivera ao fallecido.

Foi, pois, o espirito de Roque que lhe veio fazer sentir, que a gratidão do espirito não morre com o corpo.

Manifestação do General Jackson. — A *Fraternidad*, importante revista mensal de Buenos-Ayres, transcreve do *Times Democrat*, de Nova-Orleans, a seguinte noticia, cujo resumo offerecemos aos nossos leitores: Em uma das noites do fim do anno ultimo uma sentinella do Instituto Militar da Virginia ouviu um leve ruido, semelhante ao de folhas seccas deslocadas pelo vento, e logo se lhe apresentou entre os dous canhões, que guarnecem a entrada do quartel, a figura de um official com o uniforme do exercito confederado, montado a cavallo baixo, tendo a espada desembainhada e o gorro adornado de plumas brancas. Cheia de terror a sentinella não soube o que fazer; e o cavallo e o cavalleiro entraram no pateo sem fazer ruido, apesar de ser este ladrilhado. Tarde lembrou-se de perguntar: Quem vive! Mas sem lhe dar resposta, a figura se aproximou de um precipicio, que ficava por traz do quartel, e desapareceu.

Procedeu-e a minucioso exame, mas não foi possível achar-se vestigio algum do extraordinario personagem.

A mesma hora, na noite seguinte, o facto reproduziu-se nas mesmas condições, salvo a de ser então testemunhado por muita gente, que se havia preparado para velo.

Um soldado apontou-lhe a baioneta ao peito, e mandou-lhe fazer alto; a figura desapareceu de sua frente e foi surgir atraz, ou antes passou por elle sem chocal-o, e impassivel fez a mesma jornada da vespera.

Um velho veterano, que abi tambem se achava, asseverou ter reconhecido no phantasma a imponente e magestosa figura do General Jackson (Stonewall).

A luz inesperada. — O seguinte foi publicado por monseñor Capel no *Corrier Dove*, como sendo as palavras de um arcebispo hoje fallecido:

« Não é possível negar-se a communicação constante dos mortos com os vivos. Já grande parte do clero está disso convencida. Eu confesso que, se me não viesse illuminar essa luz, semelhante á que conduziu Paulo ao arrependimento no caminho de Damasco, eu teria morrido sceptico; mas ella veio de um modo tão extraordinario, que eu a creio mandada por Deus. »

Previsão. — São notaveis os phenomenos de visião ou annuncios de acontecimentos futuros dados pelos invisiveis ao nosso irmão em crenças, o Sr. J. C. de Borba. Elles se apresentam revestidos de tal importancia, que despertariam a duvida, se as pessoas pelo medium prevenidas não os vissem realizados rigorosamente no tempo predicto.

Ha tempos, um espirito avisou-o que seu patroo morreria dahi a 20 dias. O Sr. Borba não acreditou, e todos aquelles a quem contou o occorrido, riram-se, pois o homem gozava de perfeita saúde. Ch'gado o vigesimo dia, deu-se a realisacão da prophencia de um modo inesperado, pois que aquelle a quem ella se referia, succumbiu victima da ruptura de um aneurisma, de que elle nem desconfiava soffrer.

Outra vez disse-lhe um espirito: D'aqui a 8 mezes viajarás com F., que te fallará sobre tal negocio. Correu o tempo, e na época predicta effectuouse a viagem, e F. repetiu-lhe tudo o que elle tinha escripto sob o dictado do amigo invisivel.

Um dia, dominado por um poder irresistivel, o nosso amigo deixou o seu trabalho, vestiu-se, sahiu á rua, caminhou a um destino desconhecido, foi ter a uma reunião, onde entrou no conhecimento de um facto grave, que traria a desgraça de uma familia inteira, se elle o não impedisse com o que descobriu sem querer.

São tantos os phenomenos dessa ordem, que com elle se dão que, não podendo dar preferencia a algum, escolhemos ao acaso os que offerecemos aos nossos leitores.

Ainda ultimamente, quando lhe diziam que um conhecido seu, que se achava doente, estava livre de perigo, o espirito avisou-o de que essas melhoras eram apparentes, e que o individuo não podia deixar de morrer breve. E assim se deu.

O Sr. Borba, spiritista de convicção segura, homem cuja seriedade e honorabilidade não precisam ser attestadas por quem quer que seja, é um medium desenvolvido, vidente, auditivo e intuitivo, que está prestando importante serviço á propaganda do Spiritismo entre nós.

Phenomenos de videncia. — A 14 de Abril ultimo, achando-se o Sr. F., medium vidente, de visita em casa do Sr. Major O. Porto, pediram-lhe visse, se na sala se achava algum espirito. O medium descreveu a principio alguns, que foram perfeitamente reconhecidos pelos presentes.

Depois fallou no espirito de uma menina, que alli se achava tambem e cuja identidade foi reconhecida, porque uma senhora que alli estava, pediu que esse espirito lhe desse um signal que confirmasse ser ella mesma quem se apresentava, e o espirito levou logo a mão á boca como chupando o dedo, sestro que tivera em vida, como a senhora affirmou.

Note-se que essa menina nascera e fallecera no interior da Bahia, e que o medium nunca a vira nem nella ouvira fallar.

Afinal apresentou-se o espirito de uma senhora idosa, baixa, envolvida em um chale verde escuro, e com um penteado de pastinhas, outr'ora muito usado.

Pediram-lhe um signal que a fizesse reconhecer e ella mostrou um rosario e uma caixa de rapé.

Em vão deram tratos á memoria os alli presentes, não poderam saber quem era e se espirito.

Então o mesmo espirito da menina, de quem fallámos acima, pediu que esperassem.

O Sr. Porto escreveu para a Bahia contando o que se passara em sua casa no dia 14 e dando todos os signaes do espirito que abi se manifestára. Seu irmão respondeu-lhe que os signaes eram os de D. F., fallecida no dia 8, isto é, seis dias antes d'aquelle em que se manifestára na Côrte.

Sua morte era aqui ignorada e por isso não se pôde na occasião saber quem era.

Ainda, como prova de sua identidade, apresenta-se o facto de haver sido ella madrinha da menina, cujo espirito vinha com o seu.

São factos dados em taes condições, que é impossivel attribuir-se a uma allucinação.

O medium nunca foi ao interior da Bahia, nunca ouviu fallar nos espiritos que se manifestaram, e na occasião nenhum dos presentes pensava nelles; esperando que o medium lhes denunciase a presença de outros, com quem tinham tido nessa vida relações mais intimas de parentesco.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

VIII

Os micrographos descobriram na composição do cerebro e da medula das aves muitas especies de cellulas, umas destinadas ás funcções da sensibilidade e outras ao movimento, sendo estas ultimas estrelladas ou multipolares e maiores que as primeiras; são essas cellulas que servem de incitador á contracção muscular, são as cellulas nervosas do movimento. Em proporção, sua quantidade é muito maior nas aves que nos outros vertebrados; o que está evidentemente em relação com a actividade de sua locomoção.

Nada é imperfeito na organização dos seres; tudo é adaptado ás condições do meio em que vivem, e do fim a que devem attingir: a estrutura da ave apresenta uma armação ossea leve.

Destinada a viver no ar, ella deve ter menos peso que o peixe, que vive n'agua, e o mamifero que passa sua vida na terra. A medida que as aves avançam em idade, seus ossos longos se tornam ocos, fistulosos, o que lhes permite o accesso ao ar em seu interior.

Nos mamiferos existe entre a região pulmonar e a abdominal uma parede chamada diaphragma; nas aves essa membrana é aberta e fragmentada, de modo a dar plena passagem ao ar inspirado. Esse ar, penetrando em todas as cavidades, forma cellulas que, comprimidas pelos musculos, fazem o officio de folles e activam o foco da respiração.

Resulta dessa estrutura particular que o sangue, assim clarificado, tornado mais fluido pelo oxygeno, mais excitante, imprime aos movimentos da ave essa riqueza de acção, essa alegre impetuosidade, essa ligeireza que nos encantam. Assim cheias de ar, ellas se tornam verdadeiros aerostatos.

Quando a temperatura do homem não passa de 30 ou 32 graus, a da ave não desce além de 35; e se adicionarmos a essa elevação de temperatura um coração provido de quatro cavidades, comprehendemos como pôde a ave ser devorada pelo fogo da vida, arrostar os mais rudes invernos e tornar-se mais leve por esse ar que, penetrando em seus orgãos, se aquece e se dilata.

Esse sangue mais quente torna a ave mais sensível, mais viva, mais ardente. Ella é sempre agitada, turbulenta e inquieta. Suas impressões, porém, sendo mais vivas, são menos profundas; ellas sentem mais do que concebem.

O canto das aves não será uma das provas mais manifestas de sua intelligencia? Ouvi-as, e vós as distingui-

reis facilmente por suas modulações especiaes. Querem que ellas cantem assim natural e instinctivamente, que nunca tenham tido mestre, que não comprehendam o que dizem, que o sentimento e a intelligencia não influam nas suas manifestações vocaes; mas não notam que cada especie sabe se fazer comprehender por todos os individuos que a constituem; que cada son de sua voz tem um sentido particular, que lhes serve de meio de comunicação.

Se assim não fosse, como se poderiam entender e combinar as que vivem em sociedade? Como se ajustariam ellas para construir seus ninhos, com tanta complicação e arte arranjados? Como nesses trabalhos de architectura cada uma sabe a parte que tem de executar?

Estudemos as aves viajantes no momento de mudarem de clima; ellas se reúnem, se combinam, como se estivessem em uma assembléa, em que cada membro tem o direito de emitir a sua opinião, sobre a decisão que se ha de tomar. Durante a viagem, segundo a sua auctoridade e a sua posição, ellas não cessam de se fazerem ouvir para regularem a velocidade do vôo, afim que as mais fracas possam acompanhar ás mais fortes, e as extraviadas voltar ao bando.

E' na primavera da vida que, como o homem, a ave manifesta mais sentimento, intelligencia e poesia. O amor immenso e desinteressado domina-as então. Suas vestes adornam-se das mais vivas côres; suas vozes têm modulações mais ternas.

As aves femeas vencem em intelligencia ás suas irmans das outras sociedades; não só ellas são mais esbeltas que os machos, como também mais attentas, mais reflectidas e mais previdentes. São ellas que escolhem o lugar, em que tem de ser construido seu ninho, e sabem modificá-lo segundo as necessidades e os climas.

E' a abstruz fema quem sepulta na visinhança do cone de areia, donde devem sair seus filhinhos, um certo numero de ovos que lhes servirão de primeiro alimento.

Todas as perfeições que notamos nos ninhos das aves, são obra da intelligencia das femeas, não sendo seus companheiros mais que simples serventes.

Com que heroismo a gallinha, a perua, a perdiz e tantas outras aves defendem seus filhos! O homem que, uma só vez no curso de sua vida, mostrasse a decima parte do devotamento, que esses seres nos manifestam em todos os instantes da sua para defender sua ninhada, seria glorificado como um heróe.

Entre os muitos factos fornecidos pela observação, e que demonstram a nossa these, citaremos o papagaio cinzento do Coronel O'Kelly, o qual não só repetia um grande numero de phrases, como respondia ás muitas

questões que lhe dirigiam. Elle assoviava diversas arias, batia o compasso com muita sciencia, e se, por ventura, se enganava em uma só nota, corregia logo sua falta. Além da memoria, não havia nisso raciocinio e associação de ideias?

O Rev. Herbert diz tel-o ouvido cantar mais de cincoenta arias de estylos totalmente diversos, sem nada deixar a desejar; e quando esse mesmo animal estava na muda, ninguem conseguia fazel-o cantar; e se teimavam em sollicitá-lo, elle voltava as costas, dizendo: Poley está doente.

Fallando das andorinhas diz Tausenel: Ella é melhor que a rôla e o pardal na ternura, que Philemon e Baucis na fidelidade, que a perdiz no devotamento materno, que a aveloa (motacila, lavadeira) na caridade social, e que o falcão no poder do vôo, na finura da vista e na ligeireza.

Que de lições de fidelidade, prudencia, amor e caridade não encontraria o homem na vida dessa avesinha, se melhor a estudasse! Nos casos de morte violenta que prive os pequenos da andorinha do amor de seus pais, suas visinhas caridosas se encarregam dos orphãosinhos, tractando de alimental-os e educal-os.

E' quasi uma blasphemia negar-se o dom da intelligencia a seres dotados de tão bons instinctos, de tão elevados sentimentos.

(Continúa).

Comunicação

RECEBIDA PELO MEDIUM SOMNAMBULO D. B. S., NESTA CIDADE, A 5 DE ABRIL DE 1888, E DIRIGIDA AO SR. F. XAVIER PINHEIRO.

Meu amigo.

Eu sou uma creatura que por longos annos soffreu neste planeta.

Em epoca já muito remota minha condição foi ahí muito humilde, o mais que podeis imaginar, pois a minha pobreza assim o exigia. Deus attrahiu-me para o espaço, e então eu comprehendí as causas do meu soffrimento e dei-lhe graças por haver pago a minha divida.

Tornei á Terra, onde passei uma existencia regular e tranquilla.

Foi da minha humildade passada que me vieram os sentimentos, que hoje fazem a minha felicidade; por isso eu vos aconselho re ignação em todas as provações que vos vierem, porque nellas está a vossa felicidade eterna.

E' certo que muito se ganha nas encarnações; sejam ellas abençoadas. E' nesse grilhão carnal que tanto nos opprime, que o nosso orgulho abate-se; é ahí que aprendemos a ser humildes e a trabalhar para os nossos irmãos.

Mais tarde tereis também quem trabalhe para vós. Olhai sempre para baixo; não vos esqueçaes daquelles que gemem na miseria; não penseis só em vós e nos vossos, mas lembrai-vos que todos são vossos irmãos. Quando um mendigo vos bate á porta, sabeis, por ventura, se foi elle outr'ora vosso pai, vosso irmão ou vosso filho? Não, por certo.

Eu desejo a vossa felicidade, bem como a de meus filhos; por isso vos peço: progredi praticando a caridade

em tudo, no limite das vossas forças; cada lagrima que euxgardes, será uma consolação para a vossa alma no futuro. Se com boas palavras conseguirdes banir a incredulidade de alguem, a benção de Deus virá sobre vós; por cada filho de Deus que, por uma obra de caridade, levardes da tristeza á alegria, avauçareis da mediocridade espiritual para as alturas aspiradas por todos os christãos.

Tendes ouvido. Guardai, como um thesouro, em vosso peito os conselhos dictados pelo mais ardente amor conjugal, e orai sempre pela vossa

ANGELINA.

SECÇÃO LIVRE

O Espirito

(UMA CAUSA CELEBRE NA AUSTRALIA)

JOSEPH ETIENNE

(Continuação)

James Were, que estudava a phisionomia do seu companheiro, disse-lhe:

— Tenho alli alguma cousa para lhe mostrar, Sr. Brush; veja... São os restos do Sr. Hardy, não ha sobre isto a menor duvida... Como explica o senhor o facto de ser o seu cadaver encontrado neste lago?

Brush saltou do cavallo, tranquillamente, aproximou-se com um passo bastante firme, examinou minuciosamente o corpo, e, impassivel, erguendo a cabeça, declarou que também reconhecia no cadaver o seu amigo Hardy mas que era-lhe impossivel dar qualquer esclarecimento sobre aquelle crime.

— A menos, accrescentou, que não lhe tenham armado uma cilada quando se dirigia para Sydney. Naturalmente os scelerados depois de o terem despojado do ouro e de todoo dinheiro que trazia consigo, atiraram-n'o ahí para que o crime não fosse descoberto.

E após pequena pausa, continuou com solemnidade:

— Felizmente... Graças a Deus, minhas mãos estão limpas, e o meu pobre amigo, se pudesse voltar a este mundo, diria francamente que eu não me envolvi em tão execrando assassinato!

Estremeceu visivelmente, mas James Were julgou ser effeito do horror causado pela simples ideia daquella barbaridade.

O juiz de paz não sabia o que pensar em face daquelle homem tão calmo.

Não admittindo que os mortos apparecessem, achava a historia de Ben tão singular que não estava longe de pol-a em duvida.

— Quem sabe, pensava, se não foi mesmo Benjamin Lytton quem commetteu o crime, e que, achando-o por demais pesado na sua consciencia, ou melhor ainda, temendo uma descoberta, forjou toda esta historia de espectro? Fazer-se conduzir á praça por meios sobrenaturaes e descobrir, elle mesmo, o assassinato, não será talvez uma invenção para afastar de si as desconfianças?

Aquella incerteza fazia-lhe mal.

A's ultimas vezes que encontrara o rendeiro, lembrava-se perfeitamente de o ter achado um tanto sombrio, e havia já algum tempo que a Sra. Sally, uma mulher que estava ao seu serviço, falava a ensurdecer sobre os pezares de Margarida Lytton que já nao se considerava tão feliz como outr'ora, e accrescentava sempre erguendo os olhos ao céu com ar compungido:

— Ah... Estes homens! Estes homens!

Esta phrase, no tempo em que era pronunciada frequentes vezes, só servia para excitar o riso no juiz de paz; agora, porém, voltava-lhe a idéa, e predisponha-o contra Benjamin, de quem o rosto pallido e sobresaltado fazia sobresahir ainda mais a impassibilidade do de Brush.

Mas...

A quem daria proveito a morte de Hardy, senão ao gerente dos seus bens? Só elle recebera o ultimo adeus da victima; só elle o vira na noite do crime, e não é sobre quem póde lucrar com um crime, que devem recahir as suspeitas?

Olhando para Brush, lembrava-se de que apenas dezito mezes eram de corridos, desde que elle, recém-chegado ao paiz, apparecera por aquellas paragens, onde não se conhecia nem o seu caracter nem a sua familia; que desde os primeiros dias ligara-se a Hardy, e que, neste acto, em virtude do qual Brush se assenhoreava tão bruscamente de tudo quanto pertencia ao defuncto, não havia sequer, o nome de uma testemunha.

Voltando os olhos para os Lytton, pensava na estima de que sempre estiveram cercados; sabia que descendiam de boas familias das quaes a reputação sempre se conservava intacta e que, finalmente, todos os consideravam no numero dos mais honestos do logar...

Não! Não!... Era impossivel e seria até um sacrilegio desconfiar delles!

Chegando a esta conclusão, Sir Were cravava de novo o olhar sobre o gerente, do qual a attitude triste, mas firme e resignada em presença daquelle cadaver putrefacto, atirava-o em uma dolorosa incerteza!

— Ah! Se com effeito aquelle homem for o verdadeiro criminoso... o seu sangue frio ultrapassa o limite forças humanas!

Os creados de Hardy, interrogados um a um, davam a mesma resposta: « — Muitas vezes ouvi o amo fallar de uma proxima viagem á Inglaterra afim de visitar seus parentes. »

Ora, sendo assim, se a posse de Brush, que annunciava a elles, embora tão bruscamente, a partida do amo, tivesse excitado nos creados algum movimento de surpresa, certamente seria de pouca duração, pois em vista da grande intimidade que reinava entre aquelles dous homens, era muito natural que a gerencia dos bens, na ausencia de um ficasse entregue ao outro.

Além disto, não se recordavam elles de ter ouvido uma, dez, vinte vezes Hardy dando instrucções a Brush, a respeito dos seus negocios?

Muitas vezes disse elle diante de todos:

« — Depois da minha part da, se antes della eu não tiver feito, mandarás plantar verduras naquelle pedaço de terra inculta; farás semear milho neste outro lote; etc. etc. »

E, como um depoimento, os creados repetiam esta e outras phrases diante de Sir Were, sem variar uma unica palavra.

Foi aberto um rigoroso inquerito e Brush, reconhecido como o verdadeiro criminoso, foi accusado de homicidio voluntario, e conduzido a Sydney, para ali ser encarcerado até que chegasse o dia do julgamento.

Eu achava-me, então, em Sydney, para onde me arrastara a multidão de curiosos e avidos aventureiros, attrahidos pelo boato das riquezas inextinguíveis descobertas na Australia.

O interesse, porém, que despertava o assassinato de Hardy, descoberto de uma forma sobrenatural, fez com que esta multidão se esquecesse, embora

por um momento, dos campos de ouro, e, durante alguns dias não se fallou na colónia, senão do espectro, de Brush e do renleiro de lorkshire, que via espiritos.

Entre as minhas cartas de recommendação, havia uma para Sir James Were: dirigi-me, pois, á sua casa, onde acolheu-me delicadamente e admitto-me na sua intimidade, contando-me então, minuciosamente, tudo quanto estou narrando aos meus benignos leitores.

Estavamos ambos retidos em Sydney, eu, pelas grandes chuvas e elle, pelo famoso processo.

Ordinariamente jantavamos juntos e a nossa conversa versava unicamente sobre o facto, para o qual convergiam-se todas as atenções, e em certo dia de folga mostrou-me o lago que deve á descoberta de Gosy Corrow uma grande celebridade e o nome de «Lago do Cadaver».

Levou-me depois á casa em que a triste Midge procurava diminuir por mil modos a ansiedade que assaltara fortemente seu pobre marido.

O interior daquella cabana recordou-me vivamente os bons e confortáveis sítios dos nossos lavradores inglezes das margens do Tee e do Onse.

Conversamos longamente e creio que contribui bastante para tranquillisar a consciencia timorata do juiz de paz, que, todavia, receava ser influenciado pela estima que tributava aos seus antigos visinhos e pelas suas prevenções para com Brush.

Felizmente Sir Were estava de accordo commigo em considerar que o ar infeliz e melancolico de Ben não era senão o sentimento que deve experimentar um homem, que se vê olhado por alguns como um assassino, e que sente a opinião publica indecisa sobre o seu character.

Approximava-se o desenlace do drama.

Chegámos justamente no dia do julgamento.

Era uma quinta-feira.

A multidão obstruia o transitio pelas immedições do tribunal, e, sem a protecção do juiz de paz, de quem eu me tornára a verdadeira sombra, certamente não arranjaria um logar para assistir aos debates.

(Continúa).

A casa malassombrada

— (C) —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— (C) —

(Continuação)

Adiante delles marchou, saltando alegremente, o maracajá, que tanto festejava ao moço como ao cabra.

Chegados á sala de dentro, meio em trevas, meio alumada pela escassa luz que penetrava pela porta, o animal dirigiu-se para uma extremidade, onde se via uma porta entre-cerrada.

Entrou por ella, olhando para traz como a convidar que o seguissem.

Tudo era escuridão neste compartimento, donde sahia um cheiro fetido e nauseante.

Os dous homens recuaram para tomarem respiração; mas o maracajá, tendo soltado um miado, que valia por gemido, sahio, olhou para elles, e tornou a entrar.

— Aqui ha coisa, disse Thomé. Eu vou vê-lo que é. Parece que neste quarto é que fica a janella do oitão; e, pois, vou abri-la para dar luz e ar, que nos permittam penetrar e parar ali.

Leopoldo, em extremo commovido, respondeu com a cabeça, e ficou em pé, enquanto o pagem fazia o que dissera.

Uma lufada de vento penetrando na sala pela porta do quarto, e a luz clara que inundara o mesmo quarto, indicavam ao moço que a janella estava aberta.

Ao mesmo tempo um grito de horror, solto por Thomé, fel-o galgar, de um salto, o limiar da porta.

Laçando a vista para o quadro que aterrara o cabra, o moço empallideceu, cambaleou, e cahiria, se aquelle não corresse a sustentá-lo nos braços.

— Coragem, sinhô moço. Um homem deve ser sempre um homem.

Leopoldo destacou-se dos braços do fiel pagem, e, retabelecido do profundo espasmo, encarou corajosamente a scena que se lhe offerencia.

O quarto era vasto e tinha por mobilia uma cama de casados forrada de sola, um canapé com assento tambem de couro, duas cadeiras de páo atiradas de costas no chão, e uma mesa sobre a qual estava um oratorio aberto.

A cabeceira da cama, viam-se dous quadros da Senhora, e entre elles um retrato de moça.

Em cima da cama estava uma ossada, cuja caveira tinha em torno grande quantidade de cabellos longos, como só os tem uma mulher.

No chão, humido de patrulagem, coberto de esverdeado bolor, achavam-se outras duas ossadas collocadas parallelamente e tão juntas, que os braços de uma cahiam sobre a outra.

Uma das caveiras ainda tinha a pelle enrigecida, conservando uma melena de cabellos brancos e cortados curtos.

A outra estava despida de pelle; mas os cabellos que a cercavam eram pretos e curtos.

Entre as costellas da ossada que estava sobre a cama via-se uma faca de ponta, indicando ter sido dirigida ao coração.

Ao lado de cada ossada dos dous homens, achava-se uma pistola descarregada.

Leopoldo reconheceu de relance que alli se dera um triplice assassinato, e pelo que sabia, referido pelo pagem, conciuu que as victimas foram: Alzira, o pai e o marido.

Antes de se aproximar dos restos mortaes que tão ancioso interesse lhe causavam, marchou para o oratorio e orou pelos finados.

Depois de satisfeito aquelle pio dever, encaminhou-se para a cama e contemplou o que sobrevivia da unica mulher que lhe inspirára amor, e amor que nem a ausencia nem o tempo tinham tido o poder de extinguir.

Estava nesta muda contemplação, que lhe arrancava doridas lagrimas, quando o maracajá saltou sobre a cama e, depois de lamber a caveira da que fóra a bella Alzira, dirigiu-se para o ponto onde jazia a mão da moça; e ali metten o focinho e levantou uma caixa de velludo, que Leopoldo reconheceu.

Era seu retrato, que elle offertára á noiva no dia de seus annos, pouco antes de se romperem os laços do amor que os ligára.

O moço sempre se julgou trahido pela amante; mas suas estrophes da vespera, que lhe foram repetidas por Thomé e por Manoel, e agora o facto de ter ella guardado consigo o retrato que lhe dera, convenceram-o de que a pobresinha fóra uma victima da cubica do pae.

Como, porém, explicar o facto de ter ella na mão aquelle retrato, quando foi assassinada?

Em seu espirito fez-se a luz, luz sobrenatural, que lhe mostrou todas as peripecias do terrivel drama.

Alzira fora surpreendida pelo ma-

rido com aquelle retrato, e dahi a causa de sua morte.

O pae, em desespero, correu a soccorrel-a, e não a podendo salvar, travou lucta com o assassino.

Os dous cahiram ao mesmo tempo traspassados pelas balas de suas pistolas.

O moço, quasi alegre por saber que fóra sempre amado, tomou o seu e o retrato de Alzira com uma madeixa de seus cabellos, e sahio d'alli.

* * *

— Já sei muito, disse elle ao pagem, quando chegaram ao terreiro. O resto virei saber á noite.

— E não tem medo de almas do outro mundo? perguntou o cabra.

— Nunca terei medo daquella que me foi a luz, o ar, a vida.

« A ti devo a mais doce consolação; e, mais que tudo, a paz da alma de minha adorada Alzira; porque ella pena em razão de alguma falta que precisa ser reparada; e, se tu não foras, nunca eu me atreveria a vir aqui, para satisfazer seus votos.

« Guarda segredo do que viste; porque não quero que o mundo saiba o segredo de dous amantes separados por um tumulto e unidos apesar delle.

« Desde que eu satisfaça a missão que me impuz de vingar a morte de meu irmão, virei fixar minha residencia aqui, e viverei com Alzira morta, já que não pude viver com ella viva.

« Conversaremos, riremos ou choraremos, até que a morte nos ligue em laços indissoluveis na eterna mansão dos espiritos.

« Esses restos que acabamos de descobrir, precisam de sepultura; mas só depois de me installar aqui é que sepultal-os-hei.

« A Alzira levantarei uma capella, onde descansará á vista do Senhor e de sua Benta Mãi, sob a qual irei todas as noites ouvir-he palavras de amor, desse amor casto e santo que me consagrou, até morrer por elle. »

Thomé começou a temer pela razão do sinhô moço e, para distrahir-o daquellas idéas fixas, disse-lhe com ar presenteiro:

— Vosmecê deve estar contente por ter achado o que suppunha ter perdido para sempre: a fidelidade de sua noiva; portanto vamos almoçar, que a gente não vive de amores, e ainda mais, de amores de mortos.

O moço rodeou a casa com passo lento; mas quando chegou ao alpendre tomou ares de indifferente.

Estendendo-se na rêde, e tendo antes dito a Joaquim de Amorim que não encontrara por onde penetrar na casa malassombrada, convidou seu hospede a continuar a narração de sua vida, o que elle fez nestes termos:

— Cheguei hontem ao ponto em que fiz proposito de revelar meu amor á minha prima.

« O sol já occultava seu disco cor de fogo nas serras que se divisavam no horizonte, as nuvens que passavam rapidas, tocadas pelo vento, tomavam formas fantasticas, e tingiam-se de parrourino e roseo, a acaná, num galho da mais alta arueira, enchia a solidão com seus cantos agoureiros, a natureza parecia preparar-se para receber os sylphos e genios da noite, tudo era melancolia, doce e suave melancolia, que só conhece o habitante dos desertos sertões, sentado, ao crepusculo da tarde, na tosca colina do solitario albergue.

« Na igreja visinha souo o toque de Ave-Maria, o mais poetico e sentimental de quantos a humana mão póde arrancar do mais afinado instrumento; porque falla de amor ao coração, falla de religião á alma.

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

razil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Agosto—1

N. 137

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o
Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pi-
nheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de
Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho
Sardenberg.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

O estudo dos phenomenos psychicos

Illude-se completamente aquelle
que acredita ser uma cousa facil a
observação scientifica, o estudo, a in-
terpretação e a classificação das ma-
nifestações spiriticas ou, em geral, dos
phenomenos psychicos.

E' um mundo que surge ás nossas
vistas atonitas, onde tudo está sujeito
ás leis absolutas e eternas da natu-
reza, pois que nada no universo se
póde subtrahir ao dominio dellas;
mas onde só avançaremos com segu-
rança, quando bem conhecermos essas
leis e suas vastas e variadissimas
applicações.

Sabemos que o espirito sobrevive
ao corpo, e tem a faculdade de se com-
municar connosco, vemos as suas di-
versas manifestações; mas quanto á
sua natureza intima, aos meios de
que se serve para entrar em relação
com os homens, e ao modo por que o
faz, apenas nos é dado aventurar hy-
potheses, mais ou menos plausiveis,
mais ou menos racionais, ficando re-
servada ao futuro a decisão da justeza
dos nossos juizos.

Como os phenomenos physicos, -os
psychicos só se produzem com o con-
curso de determinadas circumstancias,
que nestes ultimos não são puramente
physicas, porque nelles influem as
condições intellectuaes e moraes dos
seres encarnados e desencarnados que
ahi se communicam.

Essas condições, se por um lado nos
facultam a possibilidade de obtermos,
a qualquer hora e em qualquer lugar,
os factos que desejamos observar, por
outro lhes difficultam a apresentação.

A experiencia nos ensina que para
obtermos manifestações spiriticas pro-
veitosas, precisamos collocar-nos em
condições que as provoquem. Se evo-

lucos espiritos por mero passatempo,
por frivola curiosidade, ou nada se
produzirá, ou virão espiritos galho-
feiros e máus, que por zombaria ou
maldade buscarão fazer que desnor-
teem, aquelles que com elles se que-
riam divertir.

De um trabalho nessas condições
nunca provirá um resultado serio,
uma convicção segura para alguém.

Admittamos, porém, que todos este-
jam animados do ardente desejo de in-
struir-se e no caso de prepararem um
bom ambiente, que os phenomenos se
produzam, surge a tarefa difficilima
de observar-os, estudal-os, interpre-
tal-os e classificar-os.

Vejamos um exemplo: Ha pouco
em nma obra notavel publicada na
Inglaterra, lemos a narração do se-
gninte facto, feita por um homem de
sciencia:

«Frequentemente hypnotisava elle
uma senhora, que nesse estado lhe
fazia descripções, de surpreendente
minucia, dos lugares que ella conhe-
cia, com detalhes de que não curava
no seu estado normal.

Afigurou-se-lhe haver alli alguma
cousa mais que uma maior apuração
de memoria, e, para convencer-se,
quiz ver como ella se sahiria, tra-
ctando de lugares onde nunca hou-
vesse ido. Pediu-lhe então se dirigisse
a um determinado estabelecimento, e
ficou surpreso vendo-a descrevel-o,
como elle sabia que realmente era.
Occorreu-lhe, porém, á mente a ideia
de poder o seu pensamento influenciar
na videncia da somnambula, e para
certificar-se, elle imaginou que em
cima de uma mesa havia um grande
guarda-chuva aberto.

A somnambula, fallando da sala,
declarou estar vendo sobre uma mesa
um guarda-chuva aberto.»

O observador noviço, o homem
pouco habituado aos estudos das ma-
nifestações do somnambulismo lucido,
concluiria logo que a somnambula
nada mais fazia que ler o pensamento
do magnetizador.

Eis uma falsa interpretação, nas-
cida de um juizo precipitado, que não
formará, por certo, quem já tenha
feito estudos mais aturados sobre essa
ordem de phenomenos.

O observador collocado nestas ulti-
mas condições não póde desconhecer
que, se muitas vezes o somnambulo
pensa segundo a vontade do magneti-

sador, outras muitas elle descreve
lugares e scenas, que nem elle nem o
magnetizador conhecem, e cujo acerto
só depois se consegue verificar.

Admittamos agora que o observador
não seja noviço, que possua o cabedal
da experiencia, ainda no seu genio,
no seu character póde haver fecunda
fonte de erros para os juizos que tem
de formar.

Ha individuos excessivamente cre-
dulos, no Spiritismo como em todo
outro systema philosophico-religioso,
que observam tudo sob o prisma das
ideias exageradas que os dominam.
Se essas ideias são as spiriticas, elles
por toda parte veem manifestações;
se a atmospha se obscurece ou se
agita, se um cão niva, se uma folha
se move impellida pelo vento, elle
acredita que é um espirito que nos dá
signaes de sua presença.

Ha outros tão desconfiados, tão
receiosos de serem enganados, que por
toda a parte descobrem embustes,
armadilhas á boa fé dos incautos.

Salta á vista de todos que tanto
estes como aquelles nunca poderão
fazer observações e estudos proveito-
sos; aquelles cegamente admittem
tudo; estes, em vez de observarem o
facto, empregam toda a sua attenção
na descoberta dos artificios, com que
elles desconfiam, que os querem
illudir.

Do que dissemos resumidamente
conclue-se que uma boa observação
dos phenomenos spiriticos só poderá
ser feita com proveito por homens
serios, calmos, bem conhecedores da
doutrina, isentos de prejuizos, nem
demasiado credulos, nem excessiva-
mente desconfiados.

Estado e Religião

O homem é naturalmente sociavel;
se se póde comprehender um anacho-
reta, que, fugindo ao bem estar que
traz consigo a distribuição do traba-
lho pelos homens em communhão
social, não se póde comtudo generali-
sar; que não passa de excepção.

Mas esta excepção mesma só se dá
após o desanimo pelas miserias da
vida, após a desillusão das virtudes
humanas. Ah! quanto seria para
desejar que o perfuga da civilização
podesse comprehender as relações en-
tre a ignavia dos homens e o estado

social da humanidade, entre os diver-
sos periodos da historia humana e a
justiça das leis divinas que se cum-
prem!

Entretanto hoje mesmo já não se
encontram estes fugitivos da civilisa-
ção na abundancia em que exhubera-
vam em épocas felizmente passadas:
quantum mutatum ab illo!

Nem mesmo, suppondo agradecer á
divindade, ninguém mais procura uma
Thebaida. Irrisivel seria hoje, que
algum novo Stylita se alçasse a uma
columna para, vivendo assim segre-
gado da sociedade, mais elevar-se á
contemplação de Deus.

A época não é portanto de anacho-
retas, nem mesmo de cenobitas, que
aquelles succederam, fazendo com que
ao isolamento de um só se seguisse o
isolamento em communhão.

Os tempos presentes confirmam por-
tanto o axioma de que o homem é
naturalmente sociavel: dahi a neces-
sidade da ~~organização~~ dos estados.
Para isso é que cada homem cede um
pouco de suas liberdades em beneficio
da agremiação social; o ideal é, po-
rém, que tal cessão vá de menos em
menos até os limites de sua annullação,
compativeis com os proventos de uma
civilização sempre crescente.

Contrariamente aos fins do estado,
a organização das diversas igrejas
tem por intuito o preceituamento das
regras em virtude das quaes cada in-
dividuo preparará para si tal ou tal
posição em una vida que não é a
actual, isto é, em uma vida que es-
capa aos conchavos que deram origem
aos Estados organizados. Se pois como
estes são aquellas tambem sociedades,
o alvo a que miram é totalmente di-
verso: independem portanto uns de
outras.

Assim é que póde e deve o estado
gyrar em uma esphera independente
de todo daquella em que se move a
igreja. Vê-se que a questão encarada
do ponto de vista social leva ás mes-
mas conclusões que quando a olhamos
do ponto de vista, por assim dizer,
psychologico, isto é, quando chama-
mos á discussão o livre arbitrio de
que são todos os espiritos dotados.

Entretanto ha uma tal aberração
nos sectarios de todas as religiões
que, quando se trata de concessões
dadas pelo Estado (note-se bem: *dadas
pelo Estado*) a igrejas diversas da sua,

esquecem-se de todas as noções da justiça para defenderem o monopólio exclusivo de todos os favores da agremiação social.

Mas esse monopólio defendido por uma igreja em Estados em que é privilegiada, é por ella mesma atacado naquelles em que é outra que goza de favores. Ora isto não se dá sómente com tal ou com tal igreja, mas com todas ellas: de concluir é portanto que é seu mesmo proceder que demonstra não dever o Estado reconhecer nenhuma dellas, pondo-as assim todas no mesmo pé de igualdade.

Fallamos com toda a isenção de espiritos desprendidos de paixões, pois que, nos collocando fóra de qualquer religião, alteamos-nos a um nível que não é assoberbado por interesse algum de seita.

Demais cumpre que fique bem claro — e para isso não cessaremos de repetir — que encaramos a questão no ponto de vista exclusivamente sociológico, e nunca no politico, terreno aliás em que superabundariam argumentos em favor de nossa these.

Tão só nos move o principio da justiça, phanal unico a orientar todos aquelles que creem sinceramente naquella principio de pureza a que o orador romano chamava *causa causarum*.

Por isso é que, da mesma sorte que não queremos a sociedade subjugada a qualquer seita, por igual não admittimos que a vida intima desta seja perturbada pelas injunções daquella.

Em resumo repetimos o que já destas columnas uma vez annunciámos: em nossa bandeira está gravado em caracteres indeleveis o lemma de Cavour — *Igreja livre no Estado livre*.

Simple protesto

Depois de haver passado sem um só protesto no venerando senado brasileiro o projecto de lei permittindo no Brazil a completa liberdade de cultos, sorprehende-nos desagradavelmente a tentativa da camara temporaria de fazel-o dormir nos seus poeiratos archivos o somno do esquecimento.

Parece incrível que hoje, nos fins do seculo XIX, neste paiz que acaba de espantar o mundo com a mais imponente manifestação de seu amor á liberdade, quebrando generosamente as algemas dos captivos, ainda haja alguém que não core de erguer a voz para combater a liberdade de consciencia, o direito do livre exame em materia de religião!

E' até irrisorio que alguém ainda pretenda o direito de impor ao homem o modo por que elle deve prestar á Divindade as homenagens do seu culto; e entretanto os ultramontanos se julgam auctorizados a fazel-o, sem pensarem que a fé imposta só tem como consequencia a descrença ou a hypocrisia.

Quando vemos quasi inculto e deshabitado o vasto e uberrimo territorio do Brazil, quando devemos envidar todos os esforços para trazer ao nosso seio a immigração europeá, é uma imperdoavel falta de patriotismo provocar-se essa questão odiosa, que virá embaraçar seriamente a vinda de emigrantes.

Da interpretação racional das Escripturas se conclue, que Deus quer o amor de seus filhos, sem se importar com o modo pelo qual elles lh'o manifestem; a virtude tem sempre direito a um premio, qualquer que seja a religião daquella que a pratique.

Tolher a plena liberdade de cultos, em um paiz onde ninguém conseguirá demonstrar a superioridade do culto privilegiado, é transformar-nos em um povo de hypocritas e afugentar do paiz a corrente emigratoria, cujo estabelecimento no nosso meio é o unico recurso, que nos resta para levantar-nos ao lugar que nos é destinado no mundo.

Limitamo-nos a lavrar o nosso protesto e, uma vez que nos falhe a justiça dos homens, esperamos tudo da infallivel, unica infallivel, justiça de Deus.

NOTICIAS

O curandeiro de Niteroy.

— O *Jornal do Commercio*, desta Côrte, em seu numero de 20 de Julho ultimo, publicou com a epigraphe supra um documento official, em que se accusa ao Sr. Eduardo David Rey, de Niteroy, de empregar meios fraudulentos para, illudindo a boa fé dos ignorantes, assenhorear-se de parte de sua fortuna.

Cumpre-nos informar ao publico de quaes sejam esses meios fraudulentos.

O accusado é um medium, cuja lucidez admiravel tem já sido observada por muita gente de honorabilidade e capacidade reconhecidas.

Os factos que se dão com o seu concurso, e que o supracitado documento classifica de meios fraudulentos são phenomenos da segunda vida ou vista psychica, que hoje constituem um objecto de serio e consciencioso estudo para grande numero de notabilidades scientificas do mundo culto, cujas opiniões a respeito estão consignadas em numerosas revistas e periodicos scientificos, escriptos em todas as linguas conhecidas.

O Sr. Eduardo declara positivamente aos que o procuram, que elle é um simples instrumento de intelligencias invisiveis, *espiritos*; portanto elle não illude a ninguém.

O numero cada vez maior dos que o buscam diariamente, é uma prova evidente de serem reaes os seus prognosticos, pelo que provocam novas investigações.

Esses meios fraudulentos que elle emprega, são os mesmos de que se serve o celebre Edison para espantar o mundo com as suas continuas e maravilhosas descobertas.

Lutem os inimigos da luz; seus esforços virão quebrar-se contra os baluartes da augusta verdade que, resplandecente e bella ha de derramar-se por toda a Terra, elevando os humildes trabalhadores do progresso e confundindo os seus cegos detractores.

Congratulação. — O *Mineiro*, periodico de Barbacena, de 20 de Maio ultimo, publicou a seguinte manifestação, que com todo prazer transcrevemos, como um documento importante para o estudo da historia do Spiritismo no Brazil.

« Como sectarios convictos da sublimne doutrina, cujo principio essencial é — *Sem caridade não ha salvação*, e que estabelece, firmada na experiencia, a mais pura egualdade, só reconhecendo como verdadeiros titulos os que são baseados na virtude e na sciencia, testemunhamos nossa satisfação com o immenso facto da remissão dos captivos em nossa futura patria, congratulando-nos, por este memoravel acontecimento, com a União Spiritica Universal.

Barbacena, 14 de Maio de 1888. — Francisco H. Roiz Valle, José Joaquim Leonel, Francisco Ferreira de Carvalho, José Maximo de Magalhães, Antonio Carlos Gonçalves, José Pinto de Souza, José Thomaz de Castro, Alfredo Ferreira Paes, José Ferreira de Castro Junior, Arthur Ernestino Garcez e Gralha, Leopoldo Cesar Gomes Teixeira, José Joaquim Cavalleiro, Manuel Carlos de Abranches, José Ferreira de Castro, Manoel Ferreira Paes, Francisco Marciano Ferreira Paes, Joaquim Carvalho Campos, José Vicente de Moura, Eduardo Barreiros, Juvenal Augusto da Silva, Honorio José de Castro. »

Manifestação em sonhos. — Já hoje, todos os que se dedicam ao estudo do Spiritismo, não têm mais duvidas, sobre o facto de, por occasião do somno do corpo, poder o espirito que a elle se acha preso, vagar no espaço, dentro de certos limites, e entrar em relação com outros espiritos, já desencarnados ou nas mesmas condições d'aquelle a quem nos referimos.

Perence a essa ordem de factos o seguinte, acontecido com o Sr. M. F. Figueira, como elle proprio nos informa.

Precisava elle decidir um negocio importante com uma pessoa, que não estava nesta côrte, mas que elle esperava a todo momento.

Uma noite sonhou que se encontrava com um homem, completamente desconhecido, que lhe apresentou uma carta de ordem daquella por quem esperava, e disse-lhe seu nome.

No dia immediato disseram ao Sr. Figueira que lhe queriam fallar, e indo elle ver quem era, encontrou-se com o homem que lhe apparecera em sonhos.

— E' o Sr. M., e vem da parte de F.? perguntou elle.

— E' verdade, disse o outro admirado, pois era a primeira vez que se viam.

Phenomenos de suggestão.

— A obra *Phantasms of the Living*, escripta com a intenção de explicar os phenomenos spiriticos pela acção de uma força inconsciente residindo em nós mesmos, offerece-nos um vasto repertorio de factos bem authenticados, que aos poucos iremos trazendo ao conhecimento dos nossos leitores, deixando-lhes livre o direito de explical-os como julgarem melhor.

Conta na obra citada o Sr. W. F. Barret:

« Em 1881, estando presentes o narrador e a familia Creery, mandaram um dos meninos da familia ao gabinete contiguo, cuja porta estava cerrada, dizendo-se-lhe que trouxesse aquillo que primeiro lhe acudisse á lembrança. O pequeno entrou no gabinete e cerrou de novo a porta.

Por indicação do Sr. Barret todos pensaram n'um determinado objecto, guardando completo silencio. Logo depois o menino entrou trazendo o que se pedira, sem que algum dos

presentes lhe houvesse communicado alguma cousa. Assim trouxe elle uma escova, uma laranja, uma maçã e um garfo, tendo apenas se enganado com este ultimo, que elle substituiu por uma pinça, mas voltando de novo, corrigiu o engano.

A experiencia com outro menino deu ainda o mesmo resultado.

Parece-nos simples que esses espiritos ligados pelos laços da sympathy, e pelos originados da comunidade do fim que ali os reunia, podessem perfeitamente se communicarem seus pensamentos, por uma corrente fluidica entre elles estabelecida; mas não é tambem destituida de racionalidade a ideia de poder essa transmissão ser feita por agentes do mundo espirital; e nós já tivemos uma prova disso, fazendo a experiencia com um medium na sala da Federação Spiritica Brasileira: pensamos todos em um determinado acto, e o medium que se havia retirado para o gabinete afim de não conhecer a combinação, ao voltar fez o que se resoivera, declarando que um espirito lhe estava dizendo o que era.

Manifestações pela typtologia. — Ainda na supracitada obra encontramos o seguinte:

Em Agosto de 1885, achando-se reunidos em uma casa de Rustington alguns amigos, por proposta do mais joven buscaram um passatempo na velha dança das mezas.

Tres damas, as Sras. W. B. Richmond, Perceval Clark e outra sentaram-se á parte, collocando as mãos sobre uma mesinha, assaz leve para poder mover-se pelo mais ligeiro impulso, mesmo inconsciente.

Começou o movel a agitar se, e pronunciando-se pausadamente as letras do alfabeto, e juntando as que eram determinadas por uma pancada do movel, achou-se: « Harriet me conheceu ha já alguns annos; chamei-me Kate Gardiner.

As damas não se lembravam de terem conhecido algum com esses nomes; mas elles chamaram a attenção de um dos cavalheiros presentes, o Sr. R. L. Morand, preceptor dos filhos da Sra. Richmond, cuja historia ali ninguém conhecia.

Elle perguntou qual o sobrenome de Harriet, e obteve a palavra Morand; fez ainda outras perguntas e, em resumo, disse a força que se manifestava pela mesa, que Harriet e Kate se haviam encontrado em Kingstown, e que Harriet era tia de Robin, pai do Sr. Morand ali presente.

Não podemos concordar com a opinião emittida pelo Sr. Morand, de haver o movel obrado sob a influencia do seu pensamento pelo facto de elle já saber com antecedencia a resposta, que devia ser dada ás perguntas que elle fazia; e para isso basta-nos pensar na primeira resposta obtida e que damos acima, quando elle nada perguntava, e nem se lembrava de Harriet e Kate Gardiner.

Um magnetizador de cueiros.

— A *Revista del Hypnotismo*, de Madrid, traz a narração de uma importante sessão de hypnotismo effectuada a 27 de Janeiro ultimo, em casa do prof. Durville, em Pariz; onde se deram factos, que parecem contradizer ao principio geralmente admittido da influencia da vontade do hypnotizador na producção dos phenomenos da hypnotisação ou magnetisação.

Na sala do illustre professor achavam-se reunidos 15 observadores, attentos ao que se ia passar, e sentado em um sofá um homem muito sensível á acção magnetica. Junto a elle estava uma chapa metalica, presa a um fio de cobre envolto por uma camada de gutta percha, e que, depois de dar volta á sala, ia ter a um gabinete, onde estava o hypnotizador, que os

experimentadores ignoravam quem fosse.

Segurando a chapa com a mão direita, o homem do sofá foi ferido de completa paralyzação; quando, porém, lhe collocaram a mesma chapa na mão esquerda, elle voltou a si, e depois apresentou todos os phenomenos que se dão, quando os polos homogenios do hypnotizador e do hypnotisado estão em communicação.

Além disso, elle movia os beijos como se quizesse mamar, e declarava que sentia grande vontade de fazel-o, como se fosse uma criança.

Veamos agora o que se passava no gabinete: Ah! se via o professor Durville de pé e attento juncto a um berço, onde estava deitado um recém-nascido, que apenas contava 56 horas de idade.

O menino segurava com a mão direita um pedaço de pão embebido em agua assucarada, que sugava com gosto, e na mão esquerda apertava uma boneca de panno, onde se prendia o outro extremo do fio metalico.

Era elle o hypnotizador.

Que segredos encerra a natureza!

O homem afadiga se, engenha as mais bellas theorias, que se lhe afiguram da mais incontestavel racionalidade; e de repente surge um facto simples que vem lhe derrotar todos os calculos, abalar e lançar por terra todo o trabalho, em que elle consumira tanto tempo.

Mas, então, o que fazer? Continuar, continuar sempre, até encontrar uma theoria que explique completamente todos os factos observados.

Mediunidade somnambolica. — Todos sabemos que o somnambulismo pôde ser provocado ou espontaneo; no primeiro caso o agente é um magnetizador encarnado que actua sobre aquelle, que tem a faculdade de cahir em somnambulismo; no segundo caso o phenomeno se dá, sem que o vulgo veja, conheça o magnetizador. No somnambulismo chamado espontaneo, porém, não deixa de haver tambem um agente e um paciente, sendo aquelle um ser invisivel, um espirito.

De entre os nossos mediums somnambolicos tem-se mostrado notavel por sua lucidez a Exma. Sra. D. Regina de Vasconcellos.

São muitos, segundo nos informam, os factos que com ella se têm dado nesta Côrte; de entre os quaes citaremos os seguintes:

Pedi-lhe nosso amigo o Sr. Manuel de Souza Abalo, que fosse á villa da Lagoa, na ilha de S. Miguel, para ver sua mãe. O medium que nunca foi a essa ilha, descreveu tudo tão ao vivo, com tanta exactidão que causou admiração a todos.

Elle fallou nas doçãs, nos barcos que estavam carregando laranjas, nos edificios, ruas, praças e, afinal, na casa onde devia ir; pintou o aspecto desta, sua collocação, seus compartimentos, e, finalmente, a pessoa de quem se desejava ter noticias, seu estado de saúde e sua occupação no momento.

Outra vez, pediram-lhe para ir a uma casa desta cidade para ver uma enferma, indicando-se-lhe a rua e o numero da casa.

Elle foi, mas a descripção que fez, não combinava com o que se sabia. Disseram-lhe para virificar o numero da casa, e então elle reconheceu que se havia enganado, dirigindo-se ao numero dado, descreveu perfeitamente a casa, seus compartimentos, moveis, habitantes, etc.

No dia 24 de Maio pediram-lhe para ir a Milão ver o Imperador do Brazil, e elle descreveu minuciosamente a camara, os moveis, a collocação do enfermo e as pessoas que se achavam juncto ao leito.

Não basta dizer-se que dá-se ali

um phenomeno de somnambulismo lucido, já admittido pela sciencia; convem quese estude o como se produz esse phenomeno e se procure saber quem é o magnetizador invisivel que actua sobre o somnambulo, para elle cahir em crise.

Recebemos. — *La Verdad*, revista mensal, de Kingston, dedicada á politica, sciencia, psychologia e questões de interesse geral, sob a direcção do Sr. José Mayner e Ros.

Tinha ella suspendido ha poucos mezes sua publicação, e volta hoje a occupar o lugar que lhe compete nas fileiras dos luctadores do progresso.

Sustentemola e continuaremos a permutar.

REVISTA MENSAL

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

X

A acção do homem sobre a domesticção dos animaes é limitada á sua sociabilidade. Não ha uma só especie tornada domestica que naturalmente vivesse em sociedade; de tantas especies solitarias, em cuja associação o homem não tem interesse, não ha uma só que se tenha domesticado. A sociabilidade nesses animaes não depende nem de sua intelligencia, porque a ovelha estúpida vive em sociedade, quando o leão, o urso, a raposa andam isolados; nem do habito, pois vemos que ella não nasce mesmo da longa permanencia dos filhos juncto a seus pais. O urso se occupa com seus filhos por tanto tempo e com tanta ternura como o cão, e entretanto é um dos animaes mais solitarios.

Cuvier estabelece 3 estados distinctos entre os animaes: o das especies solitarias (gatos, ursos, hyenas, etc.), o das que vivem em familias (lobos, cabritos montezes, etc.), e o dos que formam verdadeiras sociedades (castores, elephantes, macacos, cães, phocas, etc.).

Elle applicou-se a estudar essas sociedades, seguiu os progressos do animal, que nasce no meio de sua tropa, que ali se desenvolve e que, em cada epoca de sua vida, aprende daquelles que o cercam, a tirar partido de sua experiencia e a se aperfeiçoar. Elle mostra na fraqueza dos animaes na primeira idade o principio de sua obediencia aos mais velhos, que já têm a força, e no habito de obedecer, uma vez adquirido pelos mais novos, a razão por que o poder pertencerá ao mais velho, mesmo que este venha a tornar-se o mais fraco.

Todas as vezes que uma sociedade de animaes possui um chefe, nota-se que, quasi sempre, este o mais velho; entretanto Flourens pensa que essa ordem pôde ser alterada por paixões violentas, passando a auctoridade a um outro que, usurpando o poder pela força, o conserva pelo habito.

Ha pois na classe dos mammiferos

especies, que formam verdadeiras sociedades, e é dellas que o homem tira todos os seus animaes domesticos. O cavallo e o carneiro, tornados pela educação companheiros do homem, o são por natureza dos animaes de sua especie. O homem não muda o estado natural desses animaes, mas aproveita-se delle. Encontrando animaes sociaveis, elle os torna domesticos, não sendo a domesticidade mais que um caso particular, uma modificação da sociabilidade. O gato nunca será domesticado e escravizado; apenas conseguimos amañal-o, como podemos amañar e acostumar a viverem connosco o urso, o leão e o tigre.

Nota-se que os animaes que até aqui têm resistido á sociabilidade, são evidentemente aquelles, em quem a animalidade é mais desenvolvida, são os que estão melhor armados para assegurar sua existencia e defender sua vida. E se o desenvolvimento da intelligencia parece em nada influir na faculdade de se associar, é tambem certo, que o homem só pôde tirar partido da domesticidade, quando o animal é intelligente.

Está fóra dos limites do nosso quadro o estudo minucioso da organização de cada typo differente, das especies que formam a grande classe dos mammiferos, e das relações que a ligam ás suas faculdades; vamos apenas apresentar simples factos da manifestação de sua intelligencia, attestados por observadores dignos de fé.

A ordem dos roedores contem não menos de 400 especies, entre as quaes estão as dos esquilos, das marmottas, dos castores, dos arganases, dos ratos, dos gerbos, das toupeiras, dos porco-espinhos, dos echinomis, das cotias, dos porcos da India e das capibaras.

As lebres e os coelhos são tambem roedores, mas distinguem-se daquelles por terem um par de dentes menores e de uma forma especial, atraz de seus incisivos superiores.

Esses animaes são, em sua maioria, timidos, e commumente só roem substancias vegetaes. Seu talhe é, em geral, pequeno, exceptuando-se os da capibara, porco-espino, castor, marmotta, lebre e coelho. Seu sentido da audição é habitualmente fino, e a grandeza de suas orelhas varia segundo o uso que dellas fazem: os cavadores as têm muito pequenas, os que vivem á borda d'agua e que nadam frequentemente, as têm curtas, e os que só escapam ao perigo pela fuga, muito longas.

Os orgãos da vista são mais ou menos desenvolvidos segundo os habitos dos animaes.

A intelligencia desses animaes é menor que a dos ruminantes, pachydermes, carnivoros e quadrumanos.

Uma causa que demora o desenvolvimento intellectual de um certo numero de roedores é a variabilidade de sua temperatura.

A actividade vital e a actividade

intellectual dependem, em grande parte, da regularidade com que se opera a funcção da nutrição. Uma alimentação apropriada ao crescimento e entretenimento dos orgãos desenvolve o calor indispensavel para o exercicio das funcções delles todos e, por consequencia, tambem do cerebro. Muitos dos roedores, ao chegar a estação dos frios, soffrem um abaixamento de temperatura, semelhante á modificação que então se dá com os reptis. Elles ficam entorpecidos, o exercicio de suas funcções vitaes se suspende quasi.

No periodo de seu somno hibernal a marmotta queima, com a sua respiração, 30 vezes menos carbono que nas épocas normaes.

(Continúa).

SECÇÃO LIVRE

Diametros reaes das estrellas

O modo para mim assaz honroso pelo qual aceitastes e inseristes nas columnas do vosso orgão, no 1º de Setembro de 1886, um trabalho meu sobre a determinação, por um processo novo, das parallaxes annuaes das estrellas, anima-me, Srs. Redactores do *Reformador*, abusando ainda da vossa benevolencia, a recorrer a vós, pedindo-vos a publicação dos resultados a que cheguei, na solução de uma outra questão de não menor importancia, para os que se dedicam ao estudo dos grandiosos problemas do mundo sideral.

Tracta-se de conhecer as grandezas reaes das estrellas, assumpto de serios e profundos estudos em outros tempos, hoje abandonado por não se ter um meio directo de conduzi-lo ao desejado fim.

Quando pensamos na espantosa distancia, que nos separa das estrellas, mesmo das que por seu brilho e magnitude apparente mais se distinguem ás nossas vistas, acode-nos logo á mente a ideia de suas proporções colossaes, sem as quaes ellas nos escapariam.

Assim a estrella Delta dos Gemeos, cuja distancia ao nosso planeta é tal que a luz, com a sua velocidade de 74.698 leguas por segundo, gasta 21.752 annos em precorrel-a, não poderia se nos apresentar sob o aspecto de um astro de 4ª grandeza apparente, se ella não fosse realmente excessivamente grande.

Tentou-se outr'ora pela observação directa determinar os angulos, sob os quaes podemos ver os diametros apparentes das estrellas, como um meio de chegar-se ao conhecimento de seus diametros reaes; mas os angulos encontrados foram tão pequenos que os melhores instrumentos não poderam dar-lhes a medida.

Comtudo Herschel determinou alguns, e é delles que nos vamos servir para chegar aos das outras.

Quando por meio de uma lente observamos dous ou mais objectos, as dimensões da imagem de cada um delles crescem na razão da força ampliadora do instrumento; mas as relações entre essas imagens amplificadas são as mesmas, que as existentes entre os dictos objectos, observados sem o auxilio de instrumento, visto que, se a imagem de um se mostra duas vezes maior que a natural, a do outro cresce na mesma proporção.

Se, pois, observarmos as estrellas por meio de uma simples lente, veremos cada uma dellas sob a fórma de

um disco, cujo diametro poderá facilmente ser medido.

Ora é claro que nas imagens que por esse meio obtivermos as irradiações das estrellas influem como poder amplificante, mas como a influencia é a mesma para todas, a relação entre as suas grandezas apparentes não será alterada.

Além disso o estado da atmosphera e a altura do astro sobre o horisonte no momento da observação, também alteram o resultado desta, mas é uma alteração de facil correccão.

Temos então diversos discos cujas dimensões poderão ser comparadas; e como Herschel determinou os angulos sob os quaes nós vemos os diametros apparentes de algumas estrellas, se tomarmos para termo de comparação o de Wega, que elle achou ser de 0".360, obteremos os das outras por uma simples proporção.

Por esse modo acharemos para valores dos angulos, apreciados em fracções de segundos, sob os quaes se veem os diametros apparentes de Arcturo=0,295; de Alpha do Centauro=0,281; de Syrio=0,273; de Canopus=0,268; de Procyon=0,256; de Aldebaran=0,254; de Delta dos Gemeos=0,240 e de Beta da Aguiã=0,175.

Já ahí nos é fornecida uma probabilidade de acerto: o angulo assim determinado para Arcturo é sensivelmente identico ao achado por Herschel pela observação directa.

O disco do nosso sol se nos apresenta sob o angulo de 1:920"; ora, se supozermos que nosso astro do dia se afaste de nós até uma distancia 881:992 vezes maior que a que delle realmente nos separa; isto é, até uma distancia igual á que estamos de Wega, seu diametro nos appareceria sob o angulo de 0,00217, o que nos indica que esse diametro é 165,9 vezes menor que o dessa estrella.

Fazendo o mesmo raciocinio para as outras, teremos que, tomando o diametro real do sol para unidade, os das estrellas acima mencionadas serão representados pelos seguintes numeros: Beta da Aguiã=11,7; Alpha do Centauro=33,4; Syrio=124; Wega=165,9; Arcturo=228,6; Canopus=3:671; Procyon=4:195; Aldebaran=66:842 e Delta dos Gemeos=184:615.

São grandezas que espantam e confundem-nos o espirito.

Para melhor formarmos um juizo dessas relações diremos: Se representarmos a grandezza da nossa Terra por uma pequena cabeça de alfinete, a do Sol será representada por uma laranja, as de Beta da Aguiã e Alpha do Centauro por espheras de 1,17 e 3,34 metros de diametros, as de Syrio, Wega, Arturo, Canopus e Procyon por baldes de 12,4—16,6—22,8—367—419 metros de diametro, e as de Aldebaran e Delta dos Gemeos por enormes globos enjos diametros medirão 6,7 e 18,5 kilometros.

Se uma destas ultimas estrellas occupasse o lugar do nosso sol, todo o systema solar ficaria sepultado no seu immenso bojo, a grande distancia de sua superficie brilhante.

EWERTON QUADROS.

A casa malassombrada

—«:»—

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

—«:»—

(Continuação)

« — Tudo está acabado! Margarida ama e é amada! E eu sou um intruso, um importuno, a quem repelle para

se atirar a gosto nos braços de seu amante!

« Meu Deus! Porque não morri antes de seguir para aquella maldicta arvore? »

« Levantei-me da rede, e comeci a passear pelo quarto, sem poder achar socego. »

« Uma nuvem de sangue me envolvia o cerebro e toldava-me a vista! »

« Fui á minha mesa, e tomei as minhas pistolas de viagem. »

« Apontei com uma ao ouvido, para dar cabo de uma existencia, que já não tinha razão de ser. »

« Sem Margarida, sem o amor daquelle divina creatura, o mundo me era um deserto pavoroso, a vida um horrorivel pesadelo. »

« E vel-a feliz nos braços de outro, era um verdadeiro supplicio de Tantaló. »

« — Não. Não terei coragem de sobreviver á minha desgraça. »

« Dizendo assim, apertei o gatilho da pistola; mas a arma, carregada a muitos mezes, negou fogo. »

« — Já que Deus ou o diabo não querem minha alma, exclamei em furias, oferecer-lhes-hei outra, que aceitarão, quer queiram, quer não. »

« E jurei por minha mãe que afogaria no sangue de meu rival esse amor em chammas que me devorava. »

« Duas pancadas na porta me chamaram á vida real. »

« Abri-a immediatamente, suppondo ser o moleque que me vinha trazer o banho. »

« Fiquei, porém, tremino e extatico, vendo entrar minha prima Margarida, pallida, com os cabellos em desordem e com a physionomia decomposta. »

« Collocada de dentro, ella mesma fechou a porta, e cahiu-me de joelhos aos pés, abraçando-me as pernas. »

« — Quinquim. Pelos felizes dias de nossa infancia, pela terna e fraternal amizade que sempre nos ligou, tenha pena da mais desgraçada das mulheres. »

« Automaticamente ergui a, e olhando-a de face, tive pena de seu estado. »

« — O que lhe aconteceu? »

« — Diga-me antes que me perdoe, qualquer que seja a falta de que me possa acusar. »

« — Eu nada sou para lhe perdoar; mas se posso valer-lhe em qualquer perigo, disponha de mim. »

« — Obrigada, meu querido amigo, meu irmão. Obrigada mil vezes, porque, sob a sua protecção, não ha mal que me possa vir. »

« — Mas, minha prima, porque está tão perturbada, tão aterrada? Que perigo receia? »

« — Ouça-me, porém premonha-se contra a raiva e o desespero que lhe ha de provocar a minha narração. »

« Eu vou-me confessar a você, ao unico ente que tenho hoje na terra, a quem posso ainda recorrer. »

« — Se você também me repellir, meu querido irmão, serei condemnada a uma vida de miseria, e oprobrios, como ninguem póde imaginar. »

« Mas, não; você tem uma alma boa e por cousa alguma desprezará um desgraçado, mais digno de piedade que de rigores. »

« — Você está-me fallando enigmas, Margarida! O que lhe aconteceu? Se de facto um grande perigo a ameaça, eu participarei delle com tanto maior prazer, quanto de minha vida já dispuz, e se ainda a conservo, é porque nem Deus, nem o diabo a quizeram. »

« Já vê que não encareço qualquer serviço que lhe possa prestar, arriscando o que voluntariamente tirei pela janella. »

« Margarida, espantada com esta linguagem, e talvez mais com a physionomia que eu tinha, olhou para a mesa, onde ainda estavam as pistolas, e comprehendeu. »

« Mais pallida ficou e mais tremula, a ponto de cahir na rede, que nos ficava ao lado, soluçando estas palavras: »

« — Fui fadada para dar a morte a todos os que amo. »

« Naquelle desalinho, era ella tão bella, tão seductora, que, esquecido de tudo o que acabava de damnar minha alma, tive uma miragem arrebatadora: »

« — Quem sabe se esta confissão, que quer fazer-me, não é a chave de seu coração, que me vem dar? »

« Fiquei ali, por minutos, em contemplação do divino modelo, que Phydias arderia por encontrar para suas geniaes producções. »

« Margarida ergueu-se lentamente, e pondo-me a mão sobre o hombro, disse-me soluçando: »

« — Quanto daria eu para ainda ser digna de seu amor! »

« A estas palavras, que valiam por um desengano, a nuvem de sangue, que celera logar á miragem de um momento, envolveu-me novamente o cerebro, e horrorivel tornou-se minha face: tanto que Margarida recuou espavorida. »

« — Meu bom irmão, exclamou angustiada, o que tem? Offendi-o acaso, com o que disse? »

« — Não, Margarida, não offende ao poeta quem não tem capacidade para comprehender a sublimidade de suas composições, não offende o coração que ama, quem não tem no peito amor que dê em troca. »

« — Que culpa tenho eu, meu bom irmão, de não ter esse amor para lhe dar? »

« Oh! Que felicidade seria para mim poder dizer-lhe: corpo e alma sou sua! »

« Mas, ah! Se minha alma tiver um dia essa aspiração, meu corpo será a trincheira fatal; porque a um nobre coração, como é o seu, não póde unir-se a mulher polluida, aviltada, de gradada, para quem as lagrimas e os remorsos serão os unicos amigos, os companheiros de toda a sua vida! »

« — Margarida! exclamei como um louco. »

« — Sim, meu irmão. Eu sou indigna de seu amor, e até de sua estima. »

« Em troca destes sentimentos, que faziam minha felicidade, só lhe peço compaixão, piedade, perdão, que serão minha eterna vergonha, lembrando minha falta: essa que lhe venho confessar. »

* * *

« Não lhe posso descrever, meu amigo, o tumulto que me foi pela alma, sabendo que era um anjo decahido aquella que eu adorava como uma creatura divina pela innocencia e castidade. »

« — Diga-me, diga-me quem foi o infame; que ousou violar sua pureza, que eu juro por minha alma lavar em seu miseravel sangue a mancha de nosso nome e a negrura de meu coração. »

« Margarida, tomando-me a mão que beijou, disse-me com ar solemne: »

« — Ouça-me primeiro, e depois decida qual deve ser sua victima. »

« Deus permita, meu bom irmão, que a sentença caia sobre mim; porque a vida vae-me ser de penas mais duras que as do inferno. »

« Disse isto com tanto sentimento, com a expressão de tão grande desespero, que me senti transido de compaixão. »

« — Eis o que é o mundo, reflecti commigo. Quem não teve os meios de ser feliz, trabalha a suar para sel-o! Quem recebeu aquelles meios em profusão, faz-se voluntariamente desgraçado! »

« Qual a humana creatura que já se viu mais cercada que esta moça, dos meios que conduzem á felicidade? »

« Nascida de uma familia honesta, creada por um homem virtuoso, tendo, desde o berço, exemplos e modelos de nobreza e santidade, cercada do respeito de todos, não lhe faltando nunca satisfação a seus minimos desejos; o que mais lhe era preciso para ser boa, para ser pura, para ser feliz? »

« Parece que os meios em que se vive nem sempre têm o poder de modificar os sentimentos naturaes! »

« Quem é ruim, se em these melhora sua natureza quando recebe boa direcção, muita vez resiste a tudo e segue a impulsão que traz... donde? de quem? »

« Se fomos creados por Deus para a vida temporaria, que deve definir nossa posição na vida eterna, como explicar-se essa differença entre os que nascem já ruins, e tanto que resistem á influencia dos meios bons, e os que nascem bons, e tanto que resistem á influencia dos meios ruins? »

« Eu tenho visto de uma familia de bons usos e costumes, sahirem filhos bons e máus, apesar de terem recebido a mesma educação. »

« O mesmo tenho visto a respeito dos filhos de familias de máus costumes, que os cria e educa nas mesmas leis. »

« Ha, então, naturezas diversas e oppostas, que já se traz do ventre materno, o que nada implica com a liberdade humana. »

« Se só temos uma existencia, e se depois della somos julgados definitivamente; força é confessar: Deus não nos deu forças de impulsão ignaes, embora nos tenha dado igual destino! »

« Esta moça e eu nascemos e vivemos nos mesmos meios. »

« E, pois, se as condições criginaes do ser humano fossem iguaes, com passo igual marchariamos na terra; salvo o melhor ou peor uso que fizemos de nossa liberdade. »

« Esse uso, porém, explicaria sómente as differenças de proceder; mas não as differenças de inclinações naturaes. »

« Eu só posso explicar taes differenças por existencias anteriores; o que implica a ideia de existencias ulteriores. »

« Assim, sim. »

« O espirito de ruins inclinações é um espirito mais atrazado nas vias do progresso humano, e se não melhorar, se não progredir nesta existencia, progredirá em subseqüentes. »

« O espirito bom, ou de boas inclinações, é um espirito mais adiantado, que collocou-se na vanguarda, porque já tinha avançado mais em perfeição. »

« Assim, sim. »

« As boas e as más inclinações naturaes explicam-se pelo uso da liberdade humana, no correr das existencias; e não por obra do Creador. »

« Enquanto eu meditava nestas cousas, Margarida esperava, anhelante, a oportunidade de me referir suas desgraças. »

« Percebi o empenho que tinha de fazer sua dolorosa confissão, e, arrancando-me ás reflexões que me embriavam, disse-lhe: »

« — Falle. »

« — Sabe como fui creada por nosso avô. »

« Em torno de mim, uma atmosphera de amor, de bons exemplos, de pureza, de virtudes »

« Pois bem. Eu me sentia, a meu pesar, constrangida nesse meio! »

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Agosto—15

N. 138

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico commecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

O mundo que finda e o mundo que surge

Para no ar alguma cousa de extraordinario. Por toda parte as sociedades se agitam sob poderoso influxo estranho, em busca de um *que* desconhecido, de melhores condições de vida que ellas ainda não podem bem comprehender.

Nada parece estavel; as ideias novas surgem, crescem, chocam-se e modificam-se com rapidez espantosa, produzindo uma desordem immensa, em cujo fundo apparecem as aspirações ainda vagas de uma transformação completa no seio da humanidade terrena, destruindo as desmoralizadas instituições do passado, para dar lugar a novas creações, sob cujo imperio caminharemos com mais segurança para o cumprimento dos nossos destinos.

Atravessamos bem acentuada época de transição. Todos, mesmo os espiritos mais scepticos, sentem-se feridos em seu intimo, vislumbam através das densas nuvens, que nos escondem o futuro, um tenue raio de esperança que em vão, por espirito de escola, por orgulho, digamos a palavra, estes tentam esconder aos olhos dos outros.

Sim, o presente com suas duvidas e vacillações, suas luctas grosseiras e seus pequenos triumphos, como se deu com o passado, cheio de pressões, violencias, amargores e trevas, vai deixar o terreno por elles desbravado a uma civilização mais apurada, mais digna do homem que já conhece a missão, que lhe compete desempenhar no planeta que elle habita.

Vem de cima essa agitação; são as estrellas que se abalam do alto dos céus, como, em sua linguagem imaginosa, predisse o Christo se daria no fim dos tempos. São elles, os espiritos

puros, essas estrellas dos céus, esses mensageiros augustos da Divindade, que descem para rasgarem o véu, que nos escondia o verdadeiro sentido das promessas do Messias, para porem um termo ao reinado da letra, e guiarem-nos na aurora do mundo que começa, resplandecente de luz e de verdade, sobre os destroços do mundo que termina, sepultando sob os seus restos as iniquidades, a ignorancia, o egoismo e a futil vaidade do homem que se vai.

Que bella e fulgurante desponta no horisonte a alvorada da nova era!

Somem-se os vãos terrores, que nos entibiavam a marcha, como as nuvens da tormenta aqoutadas e varridas do firmamento por fortes correntes aereas, provocadas pela acção vivificante do nosso astro rei!

Despedaçado o véu que nos escondia os mysterios da vida de além-tumulo, trazendo-nos a certeza da nossa sobrevivencia á dissolução do corpo de lama, que nos serve de instrumento de provas em nossa peregrinação terrena, dissipam-se as duvidas que nos atormentavam o espirito, e assim com passos seguros poderemos avançar pela interminavel estrada do progresso, tendo sempre na mente Deus e a eternidade.

Segundo as promessas do Christo, está vencida a morte, palavra sinistra, fonte de acerbas dôres para nossos pais; termo de um degredo e começo de infindas venturas para nós.

Nessa convivencia, agora patente, do homem terreno com aquelles que elle suppunha para sempre perdidos para si, abrir-se-hão novos e vastissimos horisontes á sciencia, que então com mão firme, e guiada por mais poderosa intuição, desvendará os sublimes segredos da natureza, e entrará no conhecimento, cada vez mais aperfeiçoado, das leis eternas e absolutas, que regem a criação inteira.

Com os avisos e conselhos, com os exemplos daquelles que já foram da Terra, e hoje vivem nas regiões aereas, a moral pratica terá um guia seguro na razão esclarecida, e a humanidade avançará para o cumprimento do seu destino, banindo de seu seio os odios, os despeitos, as pequenas vinganças, o orgulho e a tola vaidade, fontes de tantas quedas, de tanta demora em sua marcha para a perfeição.

Com esse aperfeiçoamento moral e intellectual iremos supplantando os innumerados inimigos, que encontramos ainda na natureza bruta, o elemento espiritual terá a preponderancia, e um novo typo humano, menos materializado, com um corpo menos denso, mais fluidico, virá paulatinamente se substituindo ao que agora vemos.

Com essa modificação de constituição do corpo do homem terreno seus órgãos sensoriaes se apurarão e abraçarão mais vastos limites de acção, dando-lhe impressões novas, que ainda não conhecemos nem podemos definir.

O amor prenderá então todas as creaturas em uma grande familia, em que os mais elevados, os mais fortes, os mais instruidos empregarão todos os seus esforços no melhoramento dos que lhes ficam abaixo na elevação, na força e na instrucção.

Então os mensageiros divinos se succederão mais rapidamente, vindo impulsionar o homem, cada vez, a maiores progressos, e fazendo-o, cada vez mais, approximar-se do estado feliz, de que já gozam os habitantes dos grandes planetas do nosso systema solar.

Trabalhemos e esperemos.

A « Imprensa Evangelica » e o Spiritismo

Com essa epigraphe a *Imprensa Evangelica*, de S. Paulo, em seu numero de 21 de Julho ultimo, publicou um artigo, fazendo ligeira comparação entre os ensinamentos spiriticos e os dogmas da sua igreja.

Começa declarando que lhe tem faltado tempo para fazer um estudo serio do systema, como nós o expomos. Apesar disso, porém, proclama ser seu dever, como sectario das verdades contidas na Biblia, « combater a doutrina spirita, porque ella nega a divindade de Christo, a origem divina do Velho Testamento, a necessidade de uma propiciação para o peccado, a existencia de Satanaz e dos demonios condemnados á perdição eterna, o inferno, e ensina a possibilidade do homem livrar-se da corrupção inherente á sua natureza sem o auxilio da graça divina e sobrenatural. »

Nos Evangelhos, nos Actos, nas Epistolas e nas Prophecias, em parte nenhuma nos mostrarão um ponto

unico, em que elle mesmo, seus discipulos ou os antigos prophetas attribuem a Jesus a divindade, no sentido em que o illustrado collega a considerava.

Jesus em seus ensinamentos apresenta-se sempre como um enviado, um delegado do Pai juncto aos homens, sempre subordinado, sempre cumpridor e transmissor de suas ordens. Protector e guia do nosso planeta e de sua humanidade, elle é o primogenito, em relação a nós, porque já existia, quando esse planeta se formou, de conformidade com as leis eternas que regem a criação.

No longo caminhar da humanidade através dos seculos, Deus, nos momentos opportunos, tem sempre enviado á Terra, por seus augustos mensageiros, revelações adequadas ao estado de progresso dos differentes povos, revelações que constituem o fundo das diversas religiões, que os homens têm professado e professam, fazendo-lhes acrescimos e interpretando-as, para accommodal-as ás suas ideias, genio, costumes e graus de civilização. Todas ellas, assim, têm para nós um fundo de verdade, todas ellas procedem do alto.

Deus é a justiça infinita, e como tal, não pôde condemnar ou premiar alguém pelas faltas ou virtudes de um terceiro. Dando ao homem a razão e o livre arbitrio, elle facultou-lhe os meios de avançar para a perfeição por seus esforços, por seu proprio trabalho.

Jesus, esse typo de pureza e de amor, não veio pagar pelas faltas dos nossos avós, nem resgatar-nos de um peccado que não tinhamos commettido, offerecendo-se como victima propiciatoria da *colera* do nosso amantissimo pai; mas sim para dar-nos um exemplo subido de resignação e caridade, ensinar-nos os meios de libertarmos-nos de nossas imperfeições.

A justiça e a misericordia infinitas do Creator repellem a ideia da condemnação eterna de uma de suas creaturas. Os soffrimentos, tarde ou cedo, provocam o arrependimento, e Deus nunca recusa o perdão aos arrependidos.

A existencia de Satanaz, desse deus antagonista do Creator, e igual a elle em poder, é um encherto tirado do mazdeismo pelos Judeus durante o captivo de Babylonia; mas convem

que lembremos, que nessa religião está consignada a promessa da completa reabilitação de Arlman e seus sequazes.

Para nós Satanaz é um symbolo das nossas imperfeições, dos nossos erros, contra os quaes cumpre-nos estar sempre prevenidos.

O inferno é a consciencia do mau atormentada pelos remorsos: elle não póde ser eterno, porque nelle se gera o arrependimento que salva.

Não somos abandonados da graça divina, pois no meio das attribuições da nossa vida, recebemos sempre pela inspiração, embora, muitas vezes, inconsciente, avisos, conselhos dos nossos anjos da guarda, desses guias collocados juncto a nós pela misericordia e bondade do nosso Pai celestial.

Apresentaes a vossa interpretação das Escripturas, nós apresentamos a que nos dão nossos amigos do espaço; o mundo julgará qual dellas é a mais racional, qual dellas a mais conforme com os sublimes attributos da força regedora dos destinos do mundo.

NOTICIARIO

Uma visão importante e sua explicação. — M. Carolina Corner publicou em *The World's Advance-Thought*, de Portland, Oregon, de Maio ultimo, uma noticia, digna de meditação, dos trabalhos mediaimicos da Condessa Adelma Von Vay, assaz conhecida e respeitada na Styria, não só por sua elevada posição social como por seu desvelado amor aos desprotegidos da fortuna. A condessa é um medium notavel por sua lucidez admiravel e pela importancia das communicações que recebe.

« A 13 de Abril ultimo ella viu no copo d'agua o seguinte quadro: O sol despontava no horizonte de um deserto. Do alto do céu um coração luminoso guiava um grupo, formado por um beduíno que conduzia um elephante, sobre o qual se assentava uma joven, envolta em longo véu e trazendo nos braços uma criança.»

Logo depois cahiu o medium em estado somnambulo, e transmittiu a seguinte communicação do mundo espiritual:

« Acabais de ver a Virgem Mãe e o novo Messias. O coração luminoso visto no céu representa a fusão das essencias de todas as religiões da Terra.

Na obra *Geist, Kraft, Stoff* (Espírito força e materia) já tendes claramente explicado como os primogenitos de Deus (filhos da luz ou da manhã) são os salvadores do mundo, os celestes mensageiros da redempção.

Por toda parte se preparam na Terra para receber a nova Revelação; o esperado Messias, porém, não se mostrará entre os mal guiados e viciados Christãos; elle surgirá no seio de uma antiga tribo arabe, procedente dos velhos reis da Persia, e sectaria da religião de Zoroastro. E' um povo que ha muitas centenas de annos espera o seu Messias.

Elles o verão entre os annos de 1890 e 1900.

Será uma encarnação immaculada e santa, annunciada por numerosas aparições nos céus. Sua missão será harmonisar e unificar a parte espiritual do Christianismo, do Mahometismo e do Judaismo.

O novo Messias terá muitos apostolos,

que irão pelo mundo, combatendo os erros e exaltando, como unica offrenda digna da Divindade, a pureza e a justiça. Elles serão muito perseguidos, mas sua virtude triumphará.

Dentro de 100 annos uma nova ordem de cousas estará estabelecida na face da Terra; o typo humano se tornará mais espiritual, e no anno 2000 começará a realisação do prometido pelo Arauto celestial.

Paz sobre a Terra aos homens de boa vontade.»

Traduzimos essa prophacia por parecer-nos bella e propria dos tempos de transição que vamos atravessando.

Avisos de morte. — A morte nos previne sempre, diz o povo com sua natural sensatez, em sua linguagem rude, mas verídica. Innumerables factos o demonstram.

Qual de nós não terá sentido uma tristeza, um abatimento inexplicavel, quando, muitas vezes, a centenas de leguas do ponto em que nos achamos, fallece uma pessoa que nos votava e a quem tributavamos sincera affeição? E não é só pelo sentimento, por essas manifestações intimas que somos avisados do passamento e, mesmo, de accidentes importantes da vida de entes que nos são caros.

O povo, principalmente os homens simples habitantes dos campos, onde o scepticismo da moda ainda não conseguiu fazer adeptos, tem certas crenças, baseadas em longas observações e na tradição, que, comquanto provoquem o riso dos incredulos cientistas, não deixam de ter seu fundamento, visto que os factos as confirmam.

Assim o *Light*, de Londres, fallou de uma senhora idosa, a quem desejavam occultar a morte de uma criança por ella muito amada. Um amigo, conversando com ella, foi interrompido bruscamente do seguinte modo: « Estou triste; algum dos meus tem de partir. E' crença antiga em minha familia, que nella se dará uma morte, todas as vezes que uma avesinha se mostra renitente voando juncto da nossa janella. Eu vi hoje a avesinha, e conto com o fallecimento de um parente.»

O facto dos pombos fugirem da casa onde se tem de dar uma morte, tem já tambem sido verificado por muita gente.

Hoje com o progresso que vai tendo o desenvolvimento das mediunidades, esses factos parecem ir se collocando na categoria das manifestações dos espiritos, que lançam mão dos meios apropriados para, nos prevenindo, impedir que a nossa sensibilidade receba um golpe rude e inesperado.

São as aparições em sonhos e pelas mediunidades vidente ou auditiva os meios hoje por elles mais communmente empregados.

Nada ha de mais natural que aquelle que deixou o envolvero terreno, podendo communicar-se, vá dar essa noticia aos seus parentes e amigos. Pertence a essa ordem de factos o acontecido em Uruguayana em 1875 com o illustrado Dr. Saturnino T. de Aquino, que não era spirita, convem que digamos.

Uma noite viu elle em sonho sua mãe morta. Marcou o dia e a hora, e no primeiro paquete chegou-lhe a confirmação exacta do seu sonho.

Meninos videntes. — São os grandes elementos que se preparam para as luctas do futuro, essas crianças mediums que vemos surgirem por toda parte.

Já não tem conta, excede a toda estimativa o numero daquellas de que temos conhecimento.

São enxames de espiritos, que estão se encarnando com as aptidões precisas para entrarem na nova ordem de cousas, que se vai estabelecer no nosso planeta.

Preparemos, desbravemo-lhes o terreno, semeemos para que elles possam colher á farta, para proveito da humanidade inteira.

Em dias de Maio ultimo um filho menor do nosso amigo o Sr. M., ao recolher-se a casa, de dia, viu na porta do jardim de sua casa uma moça trajada de branco, cujas feições elle não ponde bem fixar, e que retirou-se para o interior, quando elle chegava.

Impressionou-o o facto do vestido branco, por estar sua familia de lucto.

O menino perguntou a seu pai quem era aquella moça, e este nada lhe ponde dizer, pois alli não estivera moça alguma.

Examinou-se toda a casa e nada se achou.

O Sr. M. que tambem é medium, teve logo a intuição do que era, e de quem era o espirito que apparecera ao menino.

Um filhinho do Sr. Abalo, residente na rua dos Ourives e um dos mais dedicados propagandistas do Spiritismo, estando juncto de sua mãe, que achava-se occupada nos arranjos de sua casa, disse-lhe um desses dias ultimos:

— Olha, mamã; quem é aquelle homem tão amarelo, que está alli mexendo n'aquella cesta?

— Deixa-o, meu filho, é algum infeiz que ainda não conhece o seu estado, respondeu-lhe ella; julga-se ainda vivo na terra. Que Deus se compadeça delle.

— Oh! tornou o menino admirado, lá se foi embora, zangado.

Um filhinho do Sr. Elias da Silva, de 2 annos de idade, passando uma vez por um corredor, fitou um dos cantos do forro, e cerrou os punhos em attitudo de quem queria dar um soco.

— Que é isso? lhe perguntaram.

— Um frade, respondeu o pequeno, que está me fazendo caretas. Que homem feio!

A faculdade de videncia deste menino se tem já manifestado em muitas occasiões.

Que Deus os guie!

Um medium inconsciente.

— Deu-se ultimamente nesta capital um facto importante de mediumidade intuitiva com o Dr. P., medico bastante conhecido, e pouco propenso ás ideias spiriticas.

O Sr. R., homem já idoso, soffria, havia tempo, de uma paralyisia complicada com outros phenomenos morbidos, que muito o faziam penar. Esteve elle entregue aos cuidados de notaveis facultativos aqui e em Pariz, sem obter melhora alguma.

Afinal conversando com o Dr. P., este lhe disse:

— O senhor só tem vermes.

O enfermo não ponde conter o riso; mas o doutor aconselhou-lhe remedio para vermes.

Sem esperança alguma o Sr. R. usou da receita e curou-se, pois era realmente o que elle tinha.

Com uma franqueza digna de todo elogio o Dr. P. declarou que a ideia lhe viera, sem elle saber como; que os symptomas não annunciavam isso, e que elle apenas dera um conselho, sem esperar o resultado obtido.

Com toda graça conta o Sr. R. o facto, acrescentando:

— Gastei nove contos de réis sem proveito algum, e vim a curar-me com 640 réis.

Donativo valioso. — O nosso distincto confrade, o Sr. F. A. Xavier Pinheiro presenteou á bibliotheca da Federação Spirita Brasileira com varias importantes obras de Spiritismo, que de proposito mandou vir de Pariz, junctamente com os retractos do Cura d'Arç, Dr. Demeure e Svendenborg, e os desenhos medianimicos obtidos por Victorien Sardou.

O Sr. Eduardo David Rey.

— Muito se tem fallado dos phenomenos de segunda vista, que se dão com o concurso do Sr. E. Rey, de Nithroy. Seus desaffectedos, para desmoralisarem-n'o, inventaram um amontoado de fabulas ridiculas, que não podem resistir a uma critica severa e conscienciosa. Assim dizem que a victima de seus odios tem á sua disposição um batalhão de espiões, que lhe informam de tudo o que se passa nas moradas dos consultantes. Quem assistiu a esses trabalhos admiraveis do Sr. Rey, não póde conter o riso á vista de taes desparates.

Vamos contar um facto occorrido ultimamente em uma casa particular, onde o medium, completamente desprevendo, estava de visita.

Achavam-se presentes varias pessoas, das quaes algumas totalmente descrentes.

O medium fallou a um destes ultimos de uma enfermidade secreta, que ha muito o atormenta; descreveu depois a molestia de sua esposa, que então estava em lugar bem afastado do da reunião. Afinal, a pedido do mesmo senhor, tractou minuciosamente da casa de residencia de sua familia em uma villa de Portugal, dando-lhe todos os signaes de seus parentes.

Um moço portuguez que se achava na reunião, pediu-lhe fosse a uma outra villa visinha do Porto e lhe desse noticias de seu pai. Elle descreveu a casa perfeitamente, e disse depois: O senhor tinha lá prometido casamento á linda moreninha e, passando os mares, esqueceu-se della. O moço, ruborizado, quiz explicar o facto, que confessou ser real; mas o medium interrompeu-o dizendo: « Não precisa explicar-se; seu pai está bom, eu o vejo; e pintou-o perfeitamente.

Outro moço, tambem portuguez, pediu lhe fosse a uma villa proxima de Braga, e lhe fallasse de sua mãe.

— Vejo uma senhora que tem no punho um lobinho.

— E' minha mãe, disse o joven.

— Ha na casa uma immensa excavação.

— E' exacto, é uma adega.

— Ahi vejo tres grandes pipas e alguns barris. Em uma das pipas fizeram um pequeno furo, que taparam com um pedacinho de pau. Para que seria?

— Não sei, disse o consultante, envergonhado e sorrindo.

— Ah! Não sabe! Foi uma travessura de alguém para experimentar o vinho.

O joven confessou ser real, que elle fizera isso, mas que já nem se lembrava de tal, por já se haver passado muito tempo.

Os factos foram em muito maior numero, mas cremos sufficientes os que apontamos, em resposta aos que classificam de embuste os trabalhos do Sr. Rey.

A nós cumpre estudar os factos acima relatados. Haverá nelles sómente um phenomeno de vista psychica? Não, pois o medium não se limitava a descrever os lugares e o estado de seus habitantes no momento da consulta; elle contou tambem factos occorridos antes, e nos quaes nem os consultantes pensavam mais.

Nós cremos, pois, que, além dos phenomenos da dupla vista, ahi se deram manifestações de seres invisiveis, amigos dos consultantes e conhecidos de seu passado, que assim quizeram lhes despertar a crença.

São esses invisiveis, auxiliares voluntarios do Sr. Rey, que constituem o batalhão de espiões, que o avisam do que se passa nas moradas dos que o buscam. São seres intelligentes e livres, por sua natureza fóra do alcance das perseguições e odios terrenos, e que podem, quando menos se

espere, fornecer inconcussas provas da sua existencia. Aquelles que teimam em consideral-os uma phantasia de cerebros enfermos.

Recebemos. — O *Recife Illustrado*, periodico litterario, critico e humoristico, publicação trimensal, do Recife.

Traz bem elaborados artigos, bonitas poesias e caricaturas, engraçadas allusões aos republicanos da ultima hora.

— A *União*, periodico republicano que se publica nesta capital.

— A *Revolta*, semanario de Campinas, dedicado á franca e activa propaganda republicana.

Saudamos aos illustres collegas e pedimos permuta.

Novo grupo spirita. — Experimentamos subido jubilo, sempre que temos de annunciar aos nossos leitores a fundação de um novo nucleo de estudos spiriticos, demonstração patente de ir a santa causa da verdade conquistando adeptos no seio da nossa sociedade.

A 14 de Julho ultimo fundou-se nesta côrta o grupo spirita S. Francisco de Paula, o qual funciona á rua da Providencia n. 47 e destina-se ao trabalho com os espiritos obcessores.

Fazemos votos para que sejam seus esforços coronados do desejado successo.

MISCELLANEA

O Trabalho

COMMUNICAÇÃO RECEBIDA PELO MEDIUM SR. CORDEIRO

Grande é a missão do trabalho! O trabalho honrado é de todas as preces a mais sublime, que o homem pôde offerecer ao Creador, porque o trabalho honesto e perseverante é tambem uma grande virtude.

O homem pelo trabalho não só grangea o seu pão quotidiano, como a paz para si e a harmonia com os seus concidadãos. Por isso vos digo, irmãos! arredai de vós a ociosidade, a mãe de todos os vícios, e que vagueia sempre acompanhada pela ignorancia, a deshonra e o crime.

O homem pela ociosidade atraza o seu adiantamento moral e physico, e falta aos seus deveres para com Deus e para com a sociedade, pois precisando alimentar-se, elle necessita de trabalho, e se for ocioso será conduzido a toda sorte de humilhações.

Destas aos vícios o caminho é curto, e ahi chegado elle se desvia da estrada do progresso e, passando por modificações inauditas, de despenhadeiro em despenhadeiro, vai rolando insensivelmente até o fundo do abysmo do crime.

Vede agora quão diverso é o painel da virtude do trabalho, pela qual se grangeia a sympathia de ambos os mundos, aperfeiçoa-se o moral e desenvolve-se o talento.

Sem a moral é impossivel ao homem ter uma fé robusta, que possa affastal-o dos obstaculos amontoados nesta vida transitoria. Aquelle que não possui a virtude do trabalho, cahe na cisma da indolencia e, actuado por

espiritos da mesma ordem, está sempre á borda do precipicio.

O ocioso se aborrece de si, de Deus, do mundo e de tudo; cahe na languidez, n'uma somnolencia doentia e fatal. Em tal estado elle representa o irracional. Preguiçoso, acarreta contra si enfermidades e transgride a lei do Altissimo, porque abrevia a sua vida, antecipando o termo que lhe foi decretado para a sua provação.

O Eterno Pai de misericordia prescreveu ao homem, bem como a todos os animaes da Terra, horas destinadas para o descanso do corpo. Observai e vede, se não é o homem, de todos os animaes, o que mais abusa do tempo decretado.

Antes da luz solar despontar no horizonte e vir aquecer as ramagens dos arvoredos, já as avesinhas esvoaçam, enchendo os ares com seus trinos e gorgeios; os insectos se movem inquietos, toda a natureza desperta, e só a maioria dos homens dorme.

Como é bello e sublime ver esses alados cantores, esses innumerados bandidos de irracionais, guiados pelo instincto, renderem preito ao Creador e darem culto ás suas leis, ao despontar da aurora!

E o homem, esquecido das leis divinas, ainda se queixa das provações por que passa!

Trabalhai; junctai á da caridade a pratica desta virtude, digna dos corações bem formados.

Purificai vossos corações pela fé do trabalho, porque, quando a caridade pura nelles entrar, tereis a vosso lado o Christo, nosso redemptor que vos abrirá a porta estreita, que dá entrada para a morada do nosso bom Pai.

Trabalhai; que o trabalho honesto traz a esperanza, desta surge a fé, e de ambas brota a flor dilecta do Christo — a singela caridade.

Que a paz do Senhor seja convosco!

Um amigo.

Jupiter

Do livro do Sr. Roze — *Révolutions du monde des esprits*, trasladamos para aqui algumas communicações, que pelo menos porão os leitores ao correr de algumas opiniões pessoas de certos espiritos.

— Poderei receber algumas noções sobre Jupiter?

— Jupiter é o globo mais adiantado do turbilhão. E' um destes bellos planetas nativos e normaes, formados de elementos escolhidos e os mais puros da materia.

Lá tudo é composto de uma substancia excessivamente subtil, de densidade fraquissima, e em que domina o elemento fluidico. Sua atmosphera, como a de todos os globos materiaes, é apropriada á distancia do sol e de natureza a compensar seu afastamento deste astro.

Os habitantes de Jupiter têm chegado a um grau de perfeição bastante elevado para que, mesmo entre os espiritos inferiores por seu saber, as paixões inimigas do amor fraterno sejam totalmente desconhecidas: neste

do, em que o espirito experimenta assim dizer ante ipadamente uma te das alegrias da felicidade ceeste, elle conforme seu adiantamento nido a um corpo mais ou menos terial, relativamente á substancia que é composto o globo, e que lhe permite ou deslizar pela superficie solo, ou elevar-se facilmente nos ares. Somente os animaes são fixos como ao solo, e são os operarios intelli- vos que o homem emprega para a gen- ção de trabalhos materiaes. Es- ex- são animaes, cuja conformação já se aproxima da do homem, podem ser, segundo seu adiantamento, encarnados mais tarde como espirito humano, ou passar para um globo superior ainda a Jupiter, se sua natureza, como espirito, o exige.

Porém ha poucos que sejam obrigados a fazel-o, pois que Jupiter está, senão na ultima, ao menos em uma das ultimas categorias dos mundos elevados, em que o espirito animal possa penetrar: infinitos ha superiores em cujo limite elle pára; não tendo ahi o espirito nenhuma relação com a materia, não tem mais necessidade de auxiliares.

As habitações, cujos desenhos deu o espirito de Palissy, são tão encantadoras que estes debuxos podem apenas dar-vos dellas bem pallida idéa; e as habitações aereas que elle vos descreveu, não poderiam ser indicadas fracamente senão pela pintura, a qual só poderia reproduzir mais ou menos fielmente o suave brilho dos tons transparentes que as enriquecem. As concepções mais ideaes de vossas pinturas mais poeticas são bem grosseiras juncto desta doce realidade.

Tudo em Jupiter tem um caracter de suavidade, de graça, e de doçura divinas: os sons, a luz, as côres, a vida, tudo lá é grato á vista e ao ouvido. Em resumo, os sentidos apurados estão em perpetuo e divino encanto, bem que os gosos sensuaes nada sejam lá comparativamente aos gosos moraes; e, vede bem, Jupiter ainda é um mundo material; ha mundos fluidicos, e em variedades e progressão ao menos iguaes ás dos mundos materiaes; julgai qual deve ser a felicidade dos ditosos habitantes destes mundos!

Jupiter tem uma organização physica que o põe ao abrigo da maior parte dos phenomenos atmosphericos que são causa de tantos desgostos nos mundos inferiores. A temperatura é sempre igual, isenta das transições que tanto vos fazem soffrer; na superficie ha calma constante, o que explica a estabilidade dos delicados edificios de que tendes specimens: a cnuva é substituida por um orvalho benefico que a noite borrija sobre o solo, e que tem origem nas zonas mais elevadas da atmosphera, onde correntes, que reinam em todos os sentidos, permitem aos habitantes dirigirem á vontade seus jardins aereos, e distribuem por toda a superficie do globo os vapores accumulados nas regiões equatoriaes, que formam as faxas observadas sobre o astro.

As noites são lá, como sabeis, alumadas por quatro satellites de côres variadas. Estes satellites foram cometas materiaes que Jupiter, por sua immensa força attractiva, fixou juncto a si como astros regulares, e aos quaes communica os fluidos vitaes de que é tão rico.

Todos são providos de reinos vegetal e animal; porém a raça humana ainda não appareceu senão no primeiro, em que começou a despontar. Esta operação só muito mais tarde se completará para todos.

E' partindo de Jupiter, como typo de perfeição para os planetas do turbilhão que voltaremos á Terra descendo, porque todos estes mundos que o compõe estão gradualmente ligados

entre si desde o primeiro até o ultimo.

— A longevidade attribuida por Palissy aos habitantes de Jupiter é exacta?

— Inteiramente; é ainda esta uma das leis sublimes do codigo de Deus. Quanto peor é o mundo em que vive o espirito, presa da desgraça, tanto mais curta é a vida, em consequencia mesmo do mal que lá reina; assim em Mercurio o odio, as guerras, os excessos, tudo abrevia a vida do homem, a ponto de reduzil-a a uma media de 12 annos.

Desde que vosso globo melhorou, a média da vida augmentou-se e ir-se-ha augmentando. E' uma lei inseparavel da lei do progresso do espirito.

— Qual é a causa das correntes que formam as faxas de Jupiter?

— São as diferenças de temperatura entre os polos e o equador como na Terra.

— Portanto a temperatura lá é igual, não sobre todo o globo, porém para os mesmos logares?

— E' isso mesmo. Os polos não são habitados.

ARAGO.

SECÇÃO LIVRE

Habitabilidade da Lua

Sempre que esta questão entra na tela da discussão, os antagonistas da ideia de ser o nosso satellite habitado, recorrem aos argumentos, que lhes parecem irrespondiveis, de ser a Lua inhabitavel porque nella não existem o ar e a agua.

Apezar de nos parecer que esses argumentos não têm a força, que lhes querem emprestar, pois que a organização dos seres que vivem na Lua, podia ser tal que dispensasse o concurso desses dous elementos, indispensaveis á vida no nosso planeta; nós queremos, comtudo, demonstrar, que esses argumentos não se baseiam em factos fornecidos pela observação ou, mesmo, pelo raciocinio.

Observações muito incompletas tinham outr'ora feito suppor que a Lua não era envolvida por uma atmosphera; hoje, porém, já se tem reconhecido que, ainda que muito rarefeita, essa atmosphera existe.

Dizem que na superficie do nosso inseparavel companheiro de viagem não ha agua, porque esta se não nos mostra suspensa em sua atmosphera, sob a fórma de vapores.

Vejamos o motivo. A attracção na superficie da Lua é 0,283 da que se exerce na superficie da Terra. A zona interplanetaria percorrida por esses dous astros tem, mais ou menos, a mesma densidade; portanto, em relação á da Terra, a densidade do ar na atmosphera lunar juncto á superficie é representada por 0,283; seu peso que aqui seria 0,283 do peso do nosso ar, lá será de 0,080. O vapor d'agua tem a densidade de 0,6235, mas em virtude da attracção lunar, seu peso sera ahi representado por 0,175; por consequencia seu peso é cerca de duas vezes maior que o do ar ali, e, em virtude da lei do equilibrio dos fluidos, nunca se poderá elevar na atmosphera.

É certo que a attracção na superfície do planeta Mercurio é 0,237 da terrena, que a densidade do ar ali é 0,232 da do nosso, e seu peso, comparado ao do ar da Terra, é representado por 0,055; mas a quantidade média de calor que esse planeta recebe do Sol, é 0,77 vezes o que recebe a Terra, portanto a densidade do vapor d'agua é 0,092 da do que vemos aqui, e seu peso é representado por 0,022 do do nosso ar; por isso, sendo o vapor d'agua em Mercurio mais de duas vezes mais leve que o ar ali, nós vemos a sua atmosphera sempre carregada de vapores.

Na Lua a agua existe principalmente nos estados em que se a encontra nos polos terrenos.

EWERTON QUADROS.

Estranhos phenomenos de Spiritismo na India

O *Religio Philosophical Journal*, de 9 de Junho ultimo, transcreveu do *The Two Worlds* os seguintes artigos escriptos por um cavalheiro inglez que, por sua longa residencia na India, sua elevada posição social e sua bem cultivada intelligencia, pôde fallar com segurança sobre as opiniões, costumes e crenças desse povo singular e interessante.

Como o periodico de Chicago, nada acrescentamos, a fim de não alterar as ideias do narrador, que conta-os como elle os observou.

Traduzimol-os por suppol-os dignos de attenção, como um estudo dos costumes, opiniões e crenças dos velhos Hindus. Diz o narrador:

« Os Ingleses na India teimam em não ligar importancia aos symbolos do culto hindú. Apesar das leis severas estabelecidas pelo governo, elles apenas se abstêm das manifestações publicas, porém não buscam reprimir a tendencia que cada um sente de deprimir e ridicularisar os objectos que o povo venera, e que elles chamam pedaços de pau e de pedra.

Em vão os doutos brahmines lhes asseguram que não é a pedra, que elles veneram, mas a divindade que nella habita, elles continuam a envolver no mesmo ridiculo o symbolo e a divindade. Os proprios Hinahs que já receberam uma educação mais liberal e que, pelo seu contacto com os estrangeiros, têm adoptado ideias com accentuado cunho materialista, já vão tambem partilhando da opinião dos seus conquista-lores.

De vez em quando, porém, a existencia do invisivel habitante desses grosseiros idolos se manifesta por algum facto extraordinario, que vem despertar a crença do povo e provar-lhe que alli não esta sómente a materia bruta.

Chegando uma tarde, depois de longa e fastidiosa jornada, do aquartelamento de Banspur (o autor substitue os nomes dos lugares e personagens por outros ficticios), vi ao lado da estrada, em uma sargeta, feita para dar escoamento ás aguas, uma grinalda de flores depositada sobre uma pedra, que eu supuz ser um objecto sagrado.

Indo examinal-a alguns dias depois, observei que era um idolo informe, na posição de um homem de cocaras, e que fora lançado na sargeta. Não havia alli altar algum. Sómente ao redor do idolo estavam espalhadas flores marchas.

Despertada a minha curiosidade, busquei conhecer o motivo da presença alli daquelle idolo.

Out'ora, me informaram, elle teve collocado sobre um altar no meio de um grupo de arvores que se elevava no terreno, hoje batido que fica entre a estrada e o templo inglez.

Precisando de material para algumas construcções, um engenheiro glez mandou demolir o altar hindú.

Enbalde, receiosos da vingança dos deus, os naturaes se oppozeram a isso; o engenheiro, que não tinha esses pejuizos, fez derrubar o idolo e tirar o material do altar.

Naquelle mesma noite dous filhinhos seus cahiram gravemente enfermos e, apezar de todos os cuidados, falleceram.

Difficilmente iam elle e sua senhora buscando resignar-se, quando foram surpreendidos por uma molestia cruel, que matou-os em poucos dias, quando elles, por conselhos dos medicos, iam em viagem para outra estação.

A historia propalou-se rapidamente, e o brahminie que servia ao idolo e fôra tão chocado pelo desacato que lhe haviam feito, veio timidamente cobri-lo de flores e acender uma lampada ao pé d'elle, na borda da valla onde o tinham lançado. Elle não ousa tiral-o dali, sem que lhe dê uma indicação de tal desejo a divindade offendida.

Deixei Banspur e só depois de muitos annos, o meu dever de inspector me levou a passar ali um ou dous dias.

Ao chegar ao aquartelamento, procurei ver o idolo, mas já o haviam retirado. Faltou-me tempo para saber dos motivos por que o tinham feito; os quaes depois chegaram ao meu conhecimento de um modo inesperado.

Encontrei-me em Inglaterra com um primo meu, que exercera o lugar de engenheiro em Banspur, logo depois da minha partida d'ahi.

Elle me contou que o commandante geral mandara remover o idolo d'ahi, como um objecto repugnante.

O velho sacerdote fora ter com elle e lhe narrara a historia, acima relatada, pedindo-lhe não cumprisse a ordem. Na classe militar, porém, as ordens se cumprem rigorosamente.

Meu primo fez remover o idolo, e teve logo de partir para outro aquartelamento, onde, apenas chegado, perdeu seu filhinho, o unico ente que lhe restava de uma numerosa familia.

Nossos parentes não creem que haja relação alguma entre a remoção do idolo e a morte da tão profundamente pranteada criança; eu, porém, não posso partilhar dos sentimentos de desrespeito que os Anglo-indianos votam aos objectos do culto dos Hindus.

(Continúa).

A casa malassombrada

— « —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— « —

(Continuação)

« Comprehende isto? meu bom irmão. Sabe explicar tão extraordinaria contradicção da minha natureza com as regras da vida que me cercavam?

« Eu não tinha ambições; porque tão depressa me vinha um desejo, por mais extravagante que fosse, era immediatamente satisfeito.

« Eu sentia, porém, uma falta indefinivel, que me fazia soffrer e que não me era possível determinar.

« A's horas melancolicas do crepusculo, meu coração se entumescia, e meus olhos se humedeciam.

« Porque isso? Eu não me sabia explicar.

« Quando via os canarios do campo, ou as rolas dos bosques, se beijarem estreitamente, eu sentia formar-se um vacuo em meu coração, e um desejo não sei de que, que me deixava triste.

« O vento brando da noite, e o rocio da madrugada, faziam nascer em mim um espirito, sempre esse sentimento indefinivel, que me causava prazer e pena ao mesmo tempo.

« Uma noite sonhei com você, e acordei tão enternecida, e corando quando de você me lembrava, que hoje posso dizer-lhe: se não fôra sua ausencia, não sei qual dos dous amaria mais ao outro.

« — Meu Deus! exclamei fôra de mim. Eu bem não queria deixar esta casa. Se não fosse meu avô, essa porta do paraíso, que se me abriu, nunca se teria fechado para mim!

« — E' verdade, meu bom irmão. E devo acrescentar que cheguei a esquecer-lhe, pedindo-lhe que viesse a mim.

« — Mas eu não recebi essa carta. « — Meu destino era negro. Eu não devia ser feliz na terra e sobretudo immaculada.

« Depois que lhe escrevi aquella carta, comecei a ter pejo de entregal-a a meu avô para remettel-a.

« Pejo de que? se eu constantemente lhe escrevia, e se minhas cartas lhe eram sempre dirigidas por intermedio d'elle?

« Não sei explicar esse facto, senão pela fatalidade.

« Tivesse a carta seguido seu destino; e eu hoje seria a mais ditosa das mulheres, unido ao seu meu coração, por um amor tão puro quanto ardente.

« Eu estrenei todo aquellas palavras, e, sem me conter, exclamei:

« — E porque não reviverá esse amor, que fazia a sua e a minha felicidade?

« Porque o soão da fatalidade requemou-o, porque a mão do espirito do mal arrancou de meu coração todas as fibras do amor casto, porque nasceram em logar dellas as de uma cegueira delirante, que suffocou aquelle amor e me perdeu?

* * *

« — Lá vem a eterna historia da tentação, disse eu com a expressão de cruel escarneo.

« Margarida abaixou a cabeça, e grossas lagrimas lhe cahiram dos olhos.

« — Eu mereço mais, meu bom irmão, e queira Deus que, no fim de minha confissão, eu não lhe ouça senão palavras de pungente escarneo, que não de odio e de vingança.

« — Perdão, Margarida. Eu vejo que sua alma está magoada, e não sou tão cruel que augmente a afflicção ao afflicto.

« Foi uma erupção de mil dores concentradas. Perdoe-me.

« — A tentação não é uma historia, meu irmão; é uma verdade, que só não experimenta quem não tem a alma aberta aos golpes do tentador.

« — E a liberdade que Deus nos deu para resistir-lhe, para vencer o mal?

« — Sim; temos essa liberdade; mas quem tem uma natureza disposta para o mal, quasi não tem o livre arbitrio para resistir-lhe

« Você quer saber uma cousa? Eu creio que o mal é como a ferragem, que não se limpa com uma, mas só com grande numero de lixadas.

« — Não a comprehendo, Margarida.

« — Eu creio que ha creaturas de natureza má, e tanto que n'uma unica existencia, por mais que façam, não conseguirão limpar-se de todas as suas maldades.

« Tudo o que podem alcançar, é lavarem-se de algumas.

Para se purificarem, é preciso que tenham muitas existencias; nas quaes a liberdade vai adquirindo imperio, á medida que a lepra que a abafava vai-se rareando.

« Eu penso assim pelo que se deu commigo.

« Rasguei a carta em que lhe descrevia os sentimentos que me enchiam, de tropel, o coração, e fiquei entregue a essa aspiração vaga, que me dominava e me tiuha como em sonho.

« Sua imagem concentrou por momentos todas aquellas aspirações; mas ao tempo e sua ausencia, deram-lhes outra direcção.

« Meu avô entregou seus negocios a Antonio Bento, que raras vezes parava aqui em casa, e menos ainda sentava-se á nossa mesa.

« Eu olhava para o moço com a indiferença com que olhava para todo o mundo.

« Comecei, porém, a notar que elle me apparecia sempre em meus passeios, e, mesmo em casa, quando me encontrava, olhava-me de certo modo, que não era o dos outros homens.

« Não vi mal nisso, pois que elle sempre me tratou com todo o respeito, e pois continuei a tratal-o também com a estima devida ao homem da confiança de meu avô.

« Um dia, chegando eu ao umbuzeiro, onde sempre costumei passar algumas horas do dia a ler, vi no chão um papel, que tive curiosidade de abrir.

« Era um idyllo de amor, em que se descrevia a desgraça de um joven por causa da indiferença de sua adorada.

« Estava eu lendo, quando entrou debaixo da arvore Antonio Bento, em estado afflictivo.

« — D. Margarida, disse elle muito perturbado; eu vim procurar este papel que a senhora tem, e que perdi aqui ainda ha pouco.

« Pelo amor de Deus esqueça o que leu, e não diga que isto é meu.

« — Desculpe, respondi, ter tido a curiosidade de ler este papel, que achei no chão; quanto ao mais farei o que me pede.

« Antonio Bento recebeu o papel do minha mão, e sahiu agradecendo-me.

« Eu fiquei scismaando.

« Como era desgraçado aquelle moço, que todos suppunham venturoso!

« Tive realmente pena d'elle; mas distrahi-me com o livro que levava.

« Passeava eu, no dia seguinte, pelo campo, e eis que me surge inopinadamente aquelle homem.

« Complimentou-me com certo acanhamento, e começou a me pedir que não o considerasse mal, pelo que sabia de seu coração.

Descreveu-me seu estado, e eu lhe disse:

« — Mas o Sr. é casado; porque não concentra seu amor em sua mulher?

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Setembro—1

N. 139

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

SALVE!

A Federação Spiritica Brasileira congratula-se com a nação pelo feliz regresso a seu seio de Suas Magestades Imperiaes, e faz votos ao Omnipotente pelo completo restabelecimento do Augusto Imperante.

Os agouros

Desde tempos que já vão de nós bem longe, o homem, a braços com os soffrimentos, desfallecimentos e contrariedades, inherentes á vida terrenal, buscou uma esperança que o alentasse na lucta, consultando a vontade do céu, dos seres invisiveis encarregados de guial-o, manifestada na presença de um animal ou de um objecto, de um facto ou de um phenomeno natural, que por serem pouco communs lhe chamavam a attenção e impressionavam-n'o.

D'ahi os agouros, ou presagios tirados do vôo, do canto, do appetite das aves, dos phenomenos atmosphericos: raios, relampagos, etc.

Foi na velha Caldéa e na Phrygia que a arte da interpretação dos agouros começou a ter maior importancia, sendo submettida a regras fixas e aprofundados estudos.

Dahi estendeu-se ella pelo mundo antigo, tomando direito de cidade entre os Gregos e os Romanos.

A historia nos conta que, quando os Gregos, sob o commando de Xantippo, avançavam ao encontro dos Persas em Mycale, viram sobre a praia um caduceu, e esta sim ples vista

foi bastante para, sem então se poder explicar como, se propagasse em suas fileiras a noticia de estarem seus irmãos victoriosos na Grecia. De facto nesse mesmo dia Pausanias ganhava a batalha de Platéas.

Tambem vemos na historia dos Hebreus, mesmo no tempo dos primeiros successores de Aurão e de Moysés, o povo dirigir seus votos ao Altissimo e procurar descobrir uma resposta no maior ou menor brilho das pedras do peitoral do summo-pontifice.

Todos sabem os terrores que despertava no seio da sociedade medieval a simples e innocente apparição de um cometa, fazendo até um papa morrer de susto e um poderoso monarcha deixar o throno para ir sepultar-se n'um claustro.

Hoje mesmo, quando o facho da sciencia tem illuminado os mais sombrios recessos do antro das duvidas do homem do passado, quando a razão esclarecida procura banir de nossa mente, como futeis e vergonhosas superstições, essas ideias que, dizemos sem receio de errar, tanta e tão benéfica influencia exérceram nas crenças de nossos avós, ainda encontram-se pessoas, não só nas infimas camadas sociaes, mas ainda entre os que mais se recommendam por seu sabere virtudes, que, por uma tendencia natural que não tentam explicar, acreditam nos agouros.

Ha ainda muita gente que crê, que a presença de uma borboleta negra em uma casa, que o encontro de uma coruja, as manifestações vocaes de certos animaes, que variam com os individuos, presagiam desgraças, ao passo que outros factos da mesma natureza lhes prenunciam prosperidade.

E o certo é que, se lhes perguntarmos porque acreditam nisso, cada um cita um grande numero de factos justificativos da sua crença.

Estudemos o facto. Em todos os tempos nunca o homem esteve na vida terrena abandonado a si mesmo; seus guias, seus amigos do espaço, interessando-se por elle, buscavam sempre animal-o, mostrando-lhe que devia ter confiança nos céus, que por elle velavam.

Esses amigos invisiveis, não podendo directamente de um modo patente se comunicar a elle, visto que

o desenvolvimento das mediumnidades não era tão commum, como hoje vai sendo, recorriam a esses meios indirectos, fazendo-o ver nos objectos que se lhe apresentavam, nos phenomenos que o impressionavam, uma manifestação daquillo, que elles lhe queriam ensinar. Assim, querendo comunicar um facto desagradavel, a morte de um ente caro, a uma pessoa que acredite em agouros, os espiritos conduzem á sua morada, ou dirigem-lhe o pensamento para a presença de um desses seres ou objectos que a impressionam, e ao mesmo tempo lhe dão a conveniente suggestão, avisando-a e preparando-a para o golpe que ella tem de receber.

Não se nos diga ser esse recurso desnecessario, pois que nos sonhos podia-se ter o aviso do que ia acontecer; na maioria das vezes as preocupações de nosso espirito com os factos da nossa vida terrena nos impedem de discriminar as visões e os conselhos que recebemos em sonhos.

A arte dos agouros teve, pois, sua razão de ser. Hoje, porém, que despedaçou-se o véu que nos escondia os segredos da vida de além-tumulo, que as mediumnidades se têm desenvolvido de um modo admiravel, dando-nos um meio tão facil de entrarmos em relação com os suppostos mortos, essa arte perde o seu character de maravilhoso e entra na grande categoria dos nossos meios naturaes de communicação com os invisiveis, despida de sua antiga importancia porque já temos outros meios mais simples e mais perfeitos de receber os avisos e conselhos, que tão resumida e incompletamente por ella nos vinham.

Contrariamente, pois, do que propalam seus adversarios, o Spiritismo vem com argumentos solidos e racionais seguros matar a superstição, fazendo-nos conhecer quem são aquelles que se comunicam connosco, demonstrando-nos que a alma não morre e conserva na vida errante e livre as sympathias e antipathias que sentia, quando presa a um corpo.

São elles, os nossos ex-companheiros de peregrinação terrena, que do alto buscam todos os meios de entrarem em relação connosco, aconselhando-nos segundo as suas luzes, conforme o seu grau de adiantamento moral e intellectual.

Se, porém, os agouros perderam muito de sua importancia, não se póde desconhecer que elles prestaram grandes serviços ao homem do passado.

Como a alchimia precedeu á chimica, e a astrologia á astronomia, a arte dos agouros foi a precussora das mediumnidades, alavanca poderosa que o Creator nos concedeu, quando estamos nas condições de bem servirmos-nos della.

A «Revista Evangelica» e o Spiritismo

Não deixará, por certo, de experimentar profundo sentimento de commiseración, aquelle que, com animo calmo, contempla o modo desabrido e desrespeitoso, por que reciprocamente se combatem os adeptos das seitas sahidas do christianismo, os intitulados sectarios daquelle que disse:

« Não julgueis, não condemneis. O maior será aquelle que for o servo dos outros. »

Do combate das ideias elles descem com a maior facilidade aos ataques pessoaes, provocando o escandalo que, ao mesmo tempo, desmoralisa ao atacante e ao atacado, e prejudica grandemente aos principios que elles defendem.

E tão habituados já se acham elles ao manejo dessas armas, tão condemnadas pelo divino mestre, que mesmo tractando de um assumpto diverso, não deixam de recorrer a ellas.

O Spiritismo não é uma religião, mas uma alta doutrina philosophica, que apparece no momento opportuno para levantar o espirito humano do abatimento em que elle jazia, em consequencia das luctas provocadas pelos sectarios das diversas religiões.

Apezar disso, a *Revista Evangelica* de S. Paulo publicou, ha pouco, um sermão pronunciado nos Estados Unidos por um dos seus pastores, que ella diz ser um varão respeitavel por seu saber e virtudes; amontoado de inverdades e grosseiros insultos dirigidos ao que o homem mais presa na vida terrena.

Limitamos-nos a pedir ao collega que estude aquella peça oratoria monumental á luz dos ensinios evangelicos, que elle propala ser a sua regra de conducta na vida.

NOTICARIO

Avisos e manifestações em sonhos. — Communica-nos o nosso distincto confrade, o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes, presidente da Sociedade Spiritica Cachoeirana (Bahia) os seguintes factos que resumimos:

Sonhou um respeitavel commerciante daquella praça estar assistindo as scenas desoladoras do enterramento de seu cunhado; elle via a casa forrada de negro, sua irman e parentes em prantos, representando-se tudo tão ao vivo, que elle despertou sobresaltado e muito incommodado.

Pela manhã contou elle seu sonho á sua familia, e mesmo ao dicto seu cunhado que, sentindo-se forte e bom, riu-se muito dos sustos do narrador.

Na noite desse mesmo dia, quando já fechar seu estabelecimento, recebeu um chamado de sua irman, para ver seu cunhado que adoeceu gravemente. Todos os recursos da sciencia medica foram inuteis, e dous dias depois o enfermo succumbiu.

O segundo facto deu-se com o nosso distincto confrade, o Sr. J. A. S. S., tambem residente na Cachoeira.

Tendo elle ido á capital, falleceu, asphyxiado por submersão no rio Paragnassú, um menor ingenuo, de nome João, estimado pela familia.

Recebendo a noticia sem pormenores, o Sr. J. S. S. teve uma desconfiança inexplicavel de ter havido precipitação no enterramento do corpo tirado do rio, e para certificar-se pediu a Deus permittisse, que o espirito de João se lhe manifestasse em sonhos.

Durante duas noites consecutivas nada conseguiu.

Na terceira noite, porém, sonhou que, regressando á casa, encontrava-se com o ingenuo, e tendo-lhe pedido explicações do facto de estar ali quando havia morrido, elle lhe respondeu que não era exacto que elle tivesse fallecido.

Notou o Sr. J. S. S. que a figura de João apresentava os beiços e o queixo entumescidos. Desperto, elle lembrava-se perfeitamente do seu sonho, e com esta ideia tornou á casa.

Quando lhe contaram em casa os pormenores do facto, ponde elle então verificar parte de seu sonho, pois que o corpo tirado do rio tinha os beiços e o queixo entumescidos.

Nós cremos que o Sr. J. S. S., quando seu corpo dormia na capital, foi em espirito á sua casa e ali viu o espirito do ingenuo, que, levado por uma attracção sympathica, ali vagava; o qual lhe disse não estar morto por não poder explicar o facto de sua desencarnação.

Effeitos physicos e intelligentes. — Conta-nos o Sr. Dr. E. Quadros os seguintes factos dados nesta côrte em 1885:

Uma noite, achando-se elle lendo os Evangelhos interpretados pelos espiritos, ouviu uma forte pancada sobre o tecto da sala, e erguendo os olhos instinctivamente, viu no centro da mesma um homem de figura colossal, de cerca de 13 palmos de altura, com os braços cruzados e olhando-o fixamente.

Perguntou-lhe se queria alguma cousa; nenhuma resposta. Perguntou-lhe se desejava que orasse por elle. O vulto abaixou a cabeça, e foi recuando pelo corredor, até juncto á porta que se achava fechada, e ali sahio pela fresta estreita, que existia entre a porta e o solo.

Embalde buscou conhecer o segredo de tal manifestação, nenhuma intuição lh'o revelou.

No dia seguinte foi elle ao quartel general com o fim de narrar o occur-

rido ao fallecido Coronel E. de São Pedro, que, conquanto não quizesse aprofundar muito esses estudos, eria sinceramente na communicabilidade dos espiritos.

Apenas se encontraram, disse o Sr. Quadros:

— Tenho a contar-lhe um facto.

— Tambem tenho outro, respondeu o Coronel; ouça o men.

Estava eu hontem lendo muito entretido, quando senti cahir um corpo pesado juncto a mim; olhei e vi um animal parecido com um grande rato; segui-o, e elle foi sempre fugindo, e depois desapareceu, em um lugar onde não havia sahida alguma. Veiu-me logo a ideia de uma manifestação.

Então contou-lhe o Sr. Quadros o seu facto, e nelle estava a explicação da desaparição do animal.

Do estudo dessas manifestações, que sempre se deram, mas em que até então ninguém prestava attenção, resalta a confirmação da intervenção dos espiritos nos actos da nossa vida terrena.

Elles preparam os acontecimentos em que, muitas vezes, entramos como simples comparsas, e vão propagando as novas ideias, de modo que a crença se derrama sem grandes choques, pela analyse dos phenomenos que se dão connosco mesmo, ou em nossa presença.

Nó que acima contamos, tudo foi preparado por elles.

Phenomenos de audição mediannimica. — O Sr. J. S. S., residente no arrabalde de São Christovão, nesta capital, contou-nos o seguinte facto com elle acontecido em dias de Maio ultimo:

Em casa proxima á sua residia seu filho, tendo na data acima citada um filhinho bastante enfermo. Achando-se uma tarde o Sr. S. em seu quintal, ouviu distinctamente uma voz, que elle então não ponde reconhecer, e que lhe dizia:

— J., vai ver teu neto, que está mal.

Extremoso por essa criança, elle correu á casa de seu filho, mas o menino já ia melhor, e nesse mesmo dia seu mal começou a declinar com rapidez.

Contando o que se passára, soube elle que o mesmo facto se havia dado com seu filho, o qual, estando na varanda lendo o jornal, ouviu uma voz, que lhe parecera de sua mãe, mas que essa disse não ter sido della, mandando-lhe ver seu filhinho que estava morrendo.

Elle correu ao quarto e achou a criança calma.

Não sendo contrarios ao Spiritismo, elles attribuiram o facto a algum espirito, mas não buscaram indagar quem fosse elle.

Dias depois recebem o Sr. S. a noticia do passamento de um irmão de sua mulher, exactamente no dia em que se tinham dado as manifestações.

O fallecido era tambem dedicado aos estudos spiriticos, e sabia que seu cunhado e seu sobrinho aceitavam a ideia da communicabilidade dos dous mundos.

Seu espirito separado do corpo, encontrando disposições mediannimicas nos seus dous parentes, manifestou-se-lhes pela audição.

Dirão, sem duvida, que elle errou dizendo-lhes que o menino estava mal, que ia morrer; mas bastava que elles fossem ver a criança para se certificarem do contrario e ficarem quites com o susto.

O espirito quiz dar-lhes uma prova forte, para que elles não attribuissem o facto a uma allucinação; como talvez acontecesse, se o annuncio fosse conforme com os seus desejos e esperanças.

Eis como a propaganda do Spiritismo se vai fazendo sem abalos por

toda parte. Cada um dos habitantes do espaço, vendo chegada a hora predicta pelo Christo, desce em busca dos que com elle viveram, para attestar-lhes a sua sobrevivencia á decomposição do corpo que abandonou na morte, e chamar-lhes a attenção para a grande reforma que se vai effectuar no nosso planeta.

Sonhos e evidencia. — Na notavel publicação *Phantasms of the Living*, dos Srs. Gurney, Myers e Podmore, obra escripta em um fim puramente scientifico, lê-se os seguintes factos:

A 25 de Maio de 1880, tendo se deitado muito tarde, o Sr. Wingfield de Belle-Isle-en-Terre sonhou que, achando-se recostado em seu sophá, viu diante de si, sentado em uma cadeira, seu irmão Ricardo; dirigiu-lhe a palavra e este só lhe respondia por acenos de cabeça; e depois retirou-se do quarto.

O Sr. Wingfield, quando acordou, estava com um pé sobre a cama e o outro no chão e chamava por seu irmão; e a impressão recebida era tão forte que sahio da alcova em busca deste.

Tres dias depois recebeu elle a noticia da morte de seu irmão, acontecida a 25 de Maio, ás 8 1/2 horas da noite, em consequencia de uma queda de cavallo, quando caçava.

Eis o segundo facto:

O guarda da igreja de Hinxton-Saffron-Walden, a 8 de Maio de 1885, ao entrar no pateo da igreja, á tarde, viu chegar a Sra. de Freville com o seu bonete negro e as roupas, com que tinha por costume apresentar-se.

O guarda olhou-a de frente, e notou apenas que ella estava mais pallida que de ordinario. Suppoz que ella viesse visitar o tumulo de seu marido, como o fazia ás vezes, e conservou-se perto, seguindo-a sempre com a vista, a uma distancia de 5 ou 6 metros.

Abaixou a vista e ao reerguel-a, logo depois, já a Senhora tinha desaparecido.

Acreditando que ella tinha entrado no mausoleu, foi elle verificar e reconheceu, que a porta não tinha sido aberta e que ninguém transpuzera a grade. Eram 9 horas e 20 minutos da noite.

Ao voltar á casa o guarda contou á sua mulher que havia visto a Sra. de Freville; mas no dia immediato experimentou um forte abalo sabendo, logo pela manhã, que essa senhora havia fallecido ás 7 horas e 30 minutos do dia antecedente, isto é, 1 hora e 50 minutos antes de havel-a visto no pateo da igreja.

Os auctores da obra que consigna esses factos, não são spiritas, ao contrario, negam a communicação dos espiritos connosco.

La Ley de Amor. — E' o titulo de uma obra importante philosophica, scientifica e moral, publicada pela Sociedade de Estudos Psychologicos de S. Luiz de Potosi (Mexico) em 1882.

E' um volume de 300 paginas, dictado por nossos irmãos do espaço, em que são tractados com proficiencia e profundeza de vistas, em linguagem amena e elevada os mais serios pontos de philosophia, moral e sciencias naturaes.

E' um trabalho cujo estudo aconselhemos aos nossos irmãos, que nelle, estamos certos, encontrarão luz e conforto.

Ao Illm. Sr. Refugio J. Gauzales, que teve a fineza de mimosear-nos, com um exemplar dessa obra, nossos sinceros agradecimentos.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

XI

O rato é um animal domestico por natureza, elle ama a vida em familia e dá preferencia á morada do pobre; seus costumes são patriarchaes, sua physionomia é fina e respeitavel.

Esse animalinho não é insensivel aos bons tractos, e toma amizade ás pessoas que o nutrem e acariciam.

Elles são habéis operarios, e constroem suas moradas de conformidade com o numero dos que as têm de habitar. E' na escolha do lugar para seu estabelecimento que elles manifestam toda a sua intelligencia. Elles escolhem as bordas das aguas dormentes, onde encontram raizes para a sua alimentação, e lugares elevados, quando as aguas não conservam um nivel permanente, afim de que nas cheias, ellas os não venham incomodar.

Suas moradas se dividem em repar-timentos conforme o numero das familias ahí reunidas.

A intelligencia do rato é tal que o que consegue escapar de uma armadilha, difficilmente torna a cahir nella.

Os ardis da lebre, a quem tocaram em partilha sentidos menos finos que a outros animaes, podem excitar a inveja em uma raposa.

Ella distribue seus filhos por diferentes tocas, de modo que todos não fiquem ao mesmo tempo sujeitos ao perigo que ameaça a uma dellas.

Perseguidos, depois de multiplicarem seus rastos em diferentes sentidos, ellas de um salto se afastam dos lugares assim marcados e vão dormir quietas.

O coelho tem mais intelligencia que a lebre, com mais facilidade elle illude aos cães que o perseguem; espantando as lebres, elle as faz correrem em frente dos cães, e assim desviando de si a attenção destes, vai comer quieto, esperando que voltem.

Elle tem um companheiro e vive em sociedade; seus interesses não se concentram em sua familia, mas estendem-se a toda a republica subterranea, a todos os seres de sua especie, que vivem em sua visinhança. Quando a necessidade o não impelle a isso, quando elle vive em domesticidade, o coelho não prepara para si uma toca debaixo da terra. Os direitos de propriedade, da velhice e da paternidade são muito respeitadas entre os coelhos.

Tanto já se tem dicto sobre os actos de intelligencia do castor, que pouco ou nada podemos acrescentar aqui.

Elle construe uma cabana, edifica sobre a agua, fórma calçadas e diques com uma industria surprehendente.

Pretendem alguns que nelle não ha intelligencia, mas sim sómente um

instincto, isto é, uma força maquinal e cega, pelo facto de alguns desses animaes, vivendo longe dos seus desde a sua mais tenra idade, obrarem do mesmo modo que os que vivem na sociedade destes, e podem receber a instrução; nós cremos que, além dessa força estranha que o arrasta a construir, intervem a intelligencia para elle levar avante o seu trabalho, modificando-o segundo as circumstancias.

Onde os castores encontram condições favoráveis, vivem em familia e em sociedade; erguem villas onde cada familia tem a sua choupana, obra-prima de construcção. A escolha do local, a preparação dos materiaes, a disposição do dique, a edificação das choupanas, tudo attesta uma intelligencia verdadeiramente notavel. Em França, ha já 3 seculos que elles, perseguidos pelo homem, modificaram completamente seu genero de vida; as familias se dispersaram, procurando um abrigo nas fendas dos rochedos. Assim, não só o castor renunciou á vida em sociedade, como adquiriu novos habitos e criou uma industria, que elle desconhecia; era architecto, tornou-se mineiro.

Os Ruminantes. — A intelligencia dos ruminantes é muito mais grosseira e limitada que a dos carnívoros; no fundo sua natureza é mais intractavel que a destes.

O camello é um animal intelligente e docil; quando, porém, o offendem, sabe conservar o odio e vingá-se, quando pôde, lançando por terra e pisando seu offensor. Como elle o lama é docil e intelligente, mas tem uma physionomia mais espirituosa e mais vivacidade de sentimentos.

A paciencia, a brandura e as caricias têm muito poder sobre o boi, ao passo que os máus tractos o desgostam e paralyam sua intelligencia.

Bem educado, é elle um animal manso, paciente e trabalhador.

Quando perseguido, o veado emprega em se occultar uma arte, que não pôde deixar de ser o fructo de vistas muito finas e reflexões assaz complicadas.

Antes de entrar em seu esconderijo, muitas vezes, elle caminha em sentidos diferentes, afim de fazer que lhe percam a pista; o que denota uma combinação de raciocinios, baseados na experiencia.

(Continúa).

D'além-Tumulo

O Spiritismo não é uma religião, como muitos acreditam; é uma doutrina, uma sciencia baseada sobre factos provados e presa a todas as religiões. Sendo porém espiritual, a alma que estuda o Spiritismo não pôde tornar-se irreligiosa. Como doutrina religiosa, o Spiritismo nos faz conhecer o valor do tempo, moeda de que nos convem fazer um bom uso. O tempo

nos é dado para pagarmos nossas dívidas, progredirmos e ajudarmos nossos irmãos invisíveis que soffem; as religiões nol-os fazem ver com os olhos da fé, o Spiritismo nos ensina a communicarmo-nos com elles. Que doces surpresas as manifestações offercem a dous corações que se amaram e que a morte separou! Essa descoberta l'hes é proveitosa, porque a sua prece será feita com mais ardor.

Orar por um amigo, que bom estimulante! E o amigo não é um ingrato, e vem com os meios de que dispõe, ajudar ao que pede por elle.

Nestes tempos de provas e soffrimentos, em que a fé vacillante precisa ser fortalecida, o que haverá mais no caso de sustentar-nos em nossas penas, do que a esperanza de uma vida melhor? Nossas privações se mudarão em alegrias, as religiões nol-o dizem, mas o Spiritismo nol-o faz sentir em toda a sua plenitude: elle ergue o véu de muitos mysterios, á medida que o homem avança na senda difficil e cheia de duvidas onde a virtude vacilla e nasce o desanimo.

Nas quedas e males sem conta que a duvida gera, quando nossas paixões desencadeiadas não sentem mais um freio, perguntamos com inquietação: para onde vamos? O Spiritismo nos mostra no horisonte um arco-íres, symbolo de esperanza e fé; sim, de fé, porque o céu nos não abandonou. Deus vela sobre seus filhos; não creou-os para perdê-los; mas são elles mesmos que demoram seu progresso moral. Deus pelas calamidades presentes nos obriga a voltarmos para elles nossas vistas, porque o tinhamos esquecido com os nossos destinos futuros.

Nós somos viajantes, muitas vezes, esquecidos do termo a que se propõem.

Se a correção vos parece rude, a lembrança della ficará melnor gravada, mas Deus é justo e bom. As religiões não podendo servir de freio a nossas paixões desregradas, o Spiritismo vem solidificar o terreno sob os nossos passos, retituir-nos a esperanza e a fé, que o erro e a incuria nos tinham feito perder.

J. B. VIANNET, cura d'Ars.

(Ext. de *La Lumière*, Paris, Maio, 1883.)

Estranhos phenomenos de Spiritismo na India

(Conclusão)

Não é o que acabo de contar a unica prova que tenho do poder dos tão despresados deuses hindus.

Os actores da presente historia me são bem conhecidos; não se dando o mesmo com as personagens do outro sexo, por causa da reclusão a que vivem sujeitas na India.

Na grande cidade de Kalbai (nome ficticio) vivia um opulento e influente cavalheiro hindú, que eu chamarei Purushotam Dharmanathi, o qual

occupava um importante cargo de confiança juncto ao governo inglez e era um dos dez maiores da sua casta.

Ainda que o systema das castas confira uma igualdade nominal a todos os individuos da mesma divisão, e todos os varões possain theoricamente desposar as filhas dos individuos das outras classes, praticamente as familias mais illustradas e opulentas só contraem enlances entre si, e a união de uma donzela de uma dessas familias com um homem de condição mais humilde é considerada impropria.

Purushotam tinha sido feliz no seu lar domestico, como na sua vida publica. Seus filhos eram respeitadas profissionaes que, depois de se distinguirem na Universidade de Kalbai, casaram-se muito bem; e suas filhas desposaram a homens de sua classe, cujas fortunas cresceram, com os dotes que ellas trouxeram.

No meio, porém, de tanta ventura, tinha elle um acerbo desgosto, quando pensava em sua filha mais moça, Savitri. A infeliz era calva, era como uma viuva, cuja cabeça raspada é o ultimo e mais patente symbolo da degradação, em que caem as tristes e solitarias viúvas hindús.

As damas hindús são orgulhosas de seus negros cabellos, que vaidosamente apresentam em bastas tranças cabindo-lhes pelas costas, e que ellas adornam nos seus esponsaes com jasmims e ricas joias de ouro, elemento indispensavel de suas toilettes.

Frequentemente Anandibai se lamentava com Purushotam por esse afeiamento de sua querida filha, o que era, sem duvida, uma punição de suas transgressões em sua precedente existencia, segundo elles.

Ella recorreu aos cabelleireiros que, conhecedores da opulencia da familia, lançaram mão de toda a sua sciencia, e asaram de todos os unguentos e simples, que sempre se encontram em taes casos. Savitri continuou calva.

Tambem os cabelleireiros europeus foram consultados, mas não foram melhor succedidos.

Correu o tempo, e era preciso que Savitri se casasse, pois a sociedade hindú não admittê em seu seio velbas donzelas, quando ellas podem encontrar marido em sua condição.

Anandibai chamou os physicos hindús, sectarios das velhas praticas, que hoje vão sendo postos á margem pelos diplomados das universidades inglezas da India; e elles embaide esgotaram sua rica pharmacopéa; Savitri continuou calva.

Instada por seus filhos, ella fez o sacrificio de appellar para os medicos europeus, sacrificio terrivel para uma dama hindú; mas o amor materno venceu seus escrúpulos.

Vesicatorios e um sem numero de outros medicameatos martyrisaram a cabeça da pobre moça; o resultado era sempre o mesmo.

Resolveu então a familia casal-a, mesmo assim, e encontrou um joven, da sua mesma classe, porém de posição social muito inferior, o qual, deslumbrado pela perspectiva do dote, tomou-a para mulher.

Os pais celebraram as bodas com o coração repassado de dor, lamentando a desgraça dessa união desigual.

O noivo, porém, foi captando a amizade da familia, e esta resignou-se.

Algum tempo depois do casamento de Savitri, derramou-se o espanto no seio da população indigena de Kalbai pela chegada de um eremita do Penjab, cuja sabedoria era maravilhosa. Todos os que o buscavam, viam descobertos os seus mais intimos pensamentos, seus segredos de familia e o seu já esquecido passado.

Thesouros perdidos eram reencontrados, os doentes se restabeleciam, e sabios conselhos eram dados a todos.

Esses prodigios chamaram a attenção de Anandibai, e nella despertaram o desejo de consultar o santo homem sobre Savitri.

Ella communicou seu pensamento a seus filhos; mas estes procuraram desilludil-a de seu intento de recorrer a um charlatão, dizendo-lhe que ella já tinha feito todo o possivel, e que Savitri, já sendo casada, podia ir se ella quizesse.

O coração da mãe não se conformou com esse conselho. Ella foi, levando simples offerendas, e contou ao eremita a causa de suas penas.

Este fixou-a com os olhos immoveis, como os de um somnambulo, e lhe disse:

— Procura a deusa Amba, e paga a promessa, que lhe fizeste.

Ao ouvir isso, acudiu repentinamente á memoria da consultante o voto que, antes do nascimento de Savitri, ella tinha feito á deusa pela felicidade dos seus, voto de que ella se havia esquecido completamente.

Ella partiu para a casa, suppondo estar sonhando, e, entre os risos e manifestações de contrariedade de seus filhos scepticos, que lhe aconselhavam esquecesse o passado e não acreditasse na existencia de Amba, segundo as instrucções dos Inglezes, communicou-lhes que iria cumprir o seu voto.

Ella partiu com Savitri levando dom e presentes propiciatorios, e do estação de Palura, distante 20 milhas de Kalbai, fez a viagem de 6 milhas até a villa onde se eleva o templo das deusas. Ahi ellas confessaram-lhe suas faltas e lhe offereceram os presentes que traziam; deram a volta do templo e regressaram a Kalbai.

Um mez depois estava a cabeça de Savitri coberta de cabellos, que cresceram produzindo tranças mais ricas e luxuriantes que as de suas irmãs.

Só ellas duas acreditaram na acção benefica da divindade na producção do facto. Purushotam attribuiu-o a uma recompensa dos meritos de sua filha em sua existencia anterior; e seus filhos a uma manifestação demorada das virtudes das pilulas, poções e pomadas dos doutores inglezes.

Esses factos me feriram mais a attenção, quando meus estudos spiritistas me deram os meios de comprehendê-los, e reconhecer o pouco criterio dos missionarios christãos, que negam a existencia do deus adorado pelos Hindús.

Se elles melhor estudassem os factos, comprehenderiam que cada um desses idolos é ali o symbolo de uma verdade espiritual, cuja realidade elles devem tomar para base de sua propaganda.

Negar os factos reconhecidos e attestados por homens não menos intelligentes que nós, é um meio que me parece pouco effiz de levá-los a deixarem a sua para abraçarem uma outra religião.

Se os missionarios christãos desejam ser bem succedidos na India, cheguem-se aos espiritualistas d'ahi e, assentados a seus pés, busquem estudar os problemas, que elles tinham tomado a peito resolver. »

A'quelles que, lendo as precedentes narrativas, acrescenta o *Religio Philosophical Journal*, se julgam auctorizados, á imitação dos *sapientes* inglezes da India, a clamar: « Quanto disparate! Que mal nos podem fazer despresados idolos de pedra? » nós aconselhamos que estudem os trabalhos experimentaes do Barão de Gul-

denstutbe, auctoridade na materia tão justamente considerada na Europa como na India.

Na *Footfalls on the Boundary of Another World* do Sr. Robert Dale Owen, e nos artigos de collaboração do supracitado Barão em varias obras francezas de Spiritismo, são citados varios casos de apparecimento de respostas, escriptas por mãos desconhecidas, dadas a perguntas feitas em papel depositado nos tumulos de personagens celebres.

O Barão de Guldenstutbe escreveu muitos artigos para demonstrar scientificamente, os meios de que se servem os espiritos para entrarem em relação com os habitantes deste mundo.

Por um grande numero de factos testemunhados elle prova que nada provoca melhor as manifestações dos que chamamos mortos, do que os retratos, estatuas, tumulos, altares e outros monumentos religiosos, que lhes perpetuam a memoria entre os homens.

Os deuses e deusas hindús foram todos, é totalmente fóra de duvida, personagens illustres, que viveram na Terra e que, hoje habitando regiões superiores, continuam a proteger seus amigos e compatriotas de outr'ora, cuja estima para com elles é sempre avivada pela vista dos monumentos, que erigiram em sua memoria.

Nós diremos tambem: A crença na existencia de um poder superior, dirigindo os destinos do mundo, é um elemento indispensavel para o progresso da humanidade. Um povo sem crenças, caso a sua existencia fosse possível, seria uma aberração da natureza humana, um elemento inutil á obra do progresso universal e desde ha muito destinado a desaparecer na voragem dos tempos sem deixar vestigio de si.

A crença, qualquer que ella seja, é sempre um laço que nos prende a Deus, um freio aos nossos desregramentos, um incentivo para, perseverando na pratica do bem, elevarmos-nos pelo aperfeiçoamento moral e intellectual da nossa individualidade, consciente e livre.

Deus vela constantemente sobre a sua obra. Pelo egoismo da casta brahmanica o povo hindú, desde eras que já muito de nós se afastam, foi conservado no culto idolatra das imagens, e sua crença em seus idolos está hoje tão arraigada em sua natureza, que arranca-a de chofre será transformal-o em uma sociedade de atheus, inutil-sal-o para tudo.

E' lentamente, com a instrucção, que se lhe deve ir fazendo adoptar uma religião espiritual, e não ferindo de descredito os objectos de seu culto, quando elle não está preparado para receber um outro mais paro.

A casa malassombrada

—(—)

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

—(—)

(Continuação)

« O homem respondeu-me, fazendo uma descripção do amor, e a apologia da liberdade do coração, e a perversidade dos padres que prendem essa liberdade natural; e fel-o com tal arte, que eu fiquei mesmo crente de que o que Deus dá, o homem não pôde tirar.

« Despedi-me e dirigi-me para casa, pensando naquelles dizeres, que me tinham accendido a minha aspiração indefinivel.

« Deitei-me e sonhei com Antonio Bento, do mesmo modo como acontecera com você.

« No outro dia eu não podia tirar a mente e o pensamento do inoço desgraçado por amor.

« Achava-me arrastada para elle por um sentimento que me dominava.

« A tardinha, fui eu que busquei-o no açude, onde sabia que elle estava.

« Conversámos sobre seus soffrimentos; e parece que elle me conheceu fraca, pois que me deu claramente a entender que era eu o objecto de sua paixão.

« Fiquei revoltada com semelhante declaração; mas o sentimento que, desde a noite, me dominava, acalmou todo o meu impeto, e me fez muda.

« Voltei para a casa sem dar mais uma palavra; mas deixei meu tentador sciente de que não era repellido, triunphante!

« Que noite horrivel passei!

« A imagem de minha mãe, chorando a meu lado, me concitava a fugir do maior perigo que pôde ameaçar a mulher.

« De outro lado, a figura attraente de Antonio Bento, mostrava-me os risinhos quadros da felicidade pelo amor.

« Acordei ainda escuro, sentindo os estremecimentos da consciencia á voz de minha mãe, e sentindo as mais gratas emoções do coração á vista da imagem de Antonio Bento.

« Ia-me levantar para sacudir o terrivel pesadelo, quando senti uma mão que me segurou o hombro, e uma voz que me disse:

« — Tenha dó de um louco.

« Eu fiquei sem forças para mover-me e para fallar.

« Desde esse dia fatal, sua irman foi a vergonha da nobre familia em que nasceu.

« Eu não me pude mais conter, Sr. Leopoldo.

« Batiam-me os queixos como a quem tem rigoroso calafrio.

« As pernas me tremiam como quem tem maleitas.

« A cabeça me ardia em fogo, como deve ser o do inferno.

« — Basta, Senhora! Conheço sua ignominia e meu dever!

« Margarida cahiu-me aos pés soluçando. Eu repelli-a bruscamente, ferozmente!

« — A' adultera Jesus perdoou, geneu a desgraçada, rolando a meu empurrão.

* * *

« A'quellas palavras, tive vergonha de minha covardia, e compaixão da misera, que succumbiu aos ardiloses expedientes do miseravel, auxiliados por sua natureza fraca e ardente.

« Margarida ficou estendida no chão e insensivel.

« Parece que aquelle golpe, tão inesperado quante violento, limpou-me o coração, como limpa o campo medonho redemoinho.

« N'um momento, senti-me livre desse amor que me prendia, e restabelecido na amizade fraternal que sempre me ligou a Margarida.

« Pude, então, friamente julgar o caso de sua desgraça, que sendo-lhe uma vergonha indelevel, não era uma degradação senão para o infame que abusou de sua innocencia, jogando com seus instinctos carnaes.

« — Pobre victima! exclamei soluçando.

« Mas trema o algoz, que ninguem no mundo livrar pôde do castigo que lhe destino!

« Aliviado o peito por esta explosão, tomei Margarida nos braços e colloquei-a no collo como uma creança.

« De facto, allí não estava mais a moça que me amára, estava sim a creança que fóra a doce companheira

dos dias unicos de felicidade para o homem.

« Abracei-a, beijei-a, chamei por seu nome com tanta effusão, que, quando morta estivesse, resuscitaria.

« A moça abriu os olhos, ainda desvairados, e balbuciou:

« — Oh! como seria eu feliz se fosse digna de seu amor!

« Ainda estremeci a esta prova; mas a onda passou.

« Abrindo então os olhos consciencientemente, a moça ficou attonita por se ver em meu collo.

« — Como! será possível que me tenha perdoado, que se tenha compadecido de mim, que ainda me estime?!

« — Desgraçadal respondi. Ali tem a miseria até onde desce a mulher que se esquece.

« Tu, que eras a soberana de todos os corações, avidos de te darem provas de sua estima e de seu respeito, imploras, mendigas a piedade, a compaixão, até dos teus!

« Mulher, ente sublime, anjo da terra, porque desces da região encantadora em que te collocou a natureza, e vens te envolver no lodo immundo, em que fervilham os ultimos dos seres creados?

« Nas azas da castidade sobes a um throno nas nuvens, acompanhada do respeito e da admiração dos homens.

« Porque fechas, porque deixas cahir estas azas, sem as quaes te precipitas nos abysmos da ignominia, acompanhada do desprezo e do escarneio de todos?

« Margarida! não quizesse manter a posição invejavel do idolo dos que te conhecem!

« Margarida. Preferiste ser a pedra de escandalo de toda esta gente honesta!

« Pois bem. Teu castigo já te foi imposto.

« A que ordenava, pede!

« A que attrahia, repelle!

« A que sahia á luz, procura as trevas!

« A que sentia-se cercada de respeito, vê-se apupada pela gentalha!

« A que tinha a consciencia da nobreza de sua alma, da pureza de seu corpo, sente-se humilhada e desprezível a seus proprios olhos!

« Eis quanto desce e quanto soffre, a mulher que sacrifica a honra!

« Tu estás castigada, Margarida; mas não estás abandonada.

« O homem que te amou, morreu esmagado pelo golpe que lhe deste, revelando-lhe tua deshonor.

« Só se ama a mulher que se julga immaculada como a neve das mais elevadas montanhas.

« Em lugar daquelle homem ficou o que te acariciava, creança, com beijos e abraços.

« Não ves como te tenho ao collo?

« E' que, de hoje em diante, tu não serás para mim mais do que a Margarida dos 5 annos.

« — Ah! como és bom! meu Quinquim.

« Quem sabe se essa especie de retrohamento não fará o milagre de expurgar minha alma das immundices dos ultimos annos?

« Sim, meu caro irmão, eu quero ser sempre para você a Margarida dos 5 annos.

« Ao menos, se não tenho a pureza e a innocencia daquelle idade, terei o goso de brincar a seu collo, de abraçá-lo, e de beijá-lo, como nos felizes dias.

« E dizendo assim, Margarida abraçou-me e beijou-me com tanta effusão, que me fez derramar lagrimas.

« — Bom. Agora que já temos organizado o nosso modo de vida daqui em diante, diga-me você, Margarida, o mais que me tem de dizer.

« — Pouco resta de minha vergonhosa confissão.

« Quando você hoje estava comigo no umbuzeiro, Antonio Bento deu o signal para me fallar.

« Ouvi tudo, disse eu; e bem sabia que o assobio era o signal de uma entrevista amorosa.

« Veiu elle dizer-me que meu avô descobriu nosso negro crime, e que intimou-o, sob pena de morte a fugir para sempre da provincia.

« — Meu avô descobriu tudo! Oh! então a cousa torna-se grave!

« — Tanto mais que Antonio Bento queria levar-me consigo, e, á minha formal recusa, declarou-me que, em tal caso, daqui não sahirá.

« — Isso é o menos, porque a inferno que elle fosse, disse eu rangendo os dentes, lá mesmo eu iria arrancar-lhe o infame coração.

« Margarida olhou-me tão assustada, que me enfureci.

« — Se ainda o ama, não é capaz de regeneração, pensei commigo.

« — E o perigo que você corre? Ah! eu nem quero pensar nisto!

« — Esta explicação do susto da moça satisfiz-me; e eu lhe respondi:

« — Fique tranquilla, porque eu sou a justiça e o meu inimigo é a infamia criminosa.

« — Mas, Quinquim, e meu avô? O que fará de mim?

« — Oh! como deve ter soffrido o pobre velho!

« — E ser eu, eu que o prezo mais que a vida, quem é, certamente, a causa de sua morte!

« E ser por elle olhada com desprezo!

« — Ah! meu bom irmão, você tem razão. Eu já comecei a soffrer a pena de minha culpa, e se esta é de fazer correr de vergonha, aquella é de calcinar a propria alma.

« — Agora, minha Margarida, é cuidar sómente de resgatar a falta pelo arrependimento.

« — Se aos olhos dos homens a mulher cahida não se regenera, aos olhos de Deus todas as culpas se rimem pelo arrependimento.

« Tenha coragem e faça proposito de emenda, que eu estarei a seu lado.

« — Assim terei coragem, qualquer que seja a tempestade que se levantar contra mim.

« Um moleque me veiu chamar da parte de meu avô, com urgencia.

* * *

Em toda a Ribeira do Seridó e circumvisinhos, não ha quem não guarde memoria do coronel Thomaz de Amorim.

Era elle o homem mais rico e poderoso do Acari, a quem, n'um circulo de muitas leguas, ninguem se podia gabar de lhe não dever beneficio ou favor.

Sua fortuna era para os necessitados, e sua influencia para socorrer os opprimidos.

No seio da familia, aquelle homem do tempo antigo, era todo carinhoso para com seu neto e sua neta, que mulher já não tinha ha muitos annos, havendo perdido a que amára loucamente.

Só aquella creatura, se não fóra um anjo, teria poder no mundo para obrigar o coronel a fazer mal a alguem.

Seu coração melhor pôde ser apreciado, e seu caracter aquilatado, pelo facto que vamos referir.

Sua predilecta, por ser o retrato da adorada esposa, era Margarida, por quem o bom velho faria loucuras.

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERACAO ESPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Setembro—15

N. 140

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Perseveremos

Novos Colombos, através dos procellosos mares da vida, os espiritos do Senhor não cessam de bradar-nos: «Tende fé; além se ergue a terra da promessa. Ao amanhecer do grande dia, vereis acalmados os ventos, pacificadas as ondas que ameaçam tragar o vosso fragil batel. Confiai nos timoneiros, que têm por missão levar-vos ao porto de salvamento.»

Spiritas, deixai que os incredulos zombem dos vossos conselhos; elles comprehenderão, em tempo talvez não muito remoto, que a razão e a justiça estavam de vosso lado, que os illudidos são os que agora negam a verdade, a grandeza e a sublimidade da doutrina trazida pelo consolador, pelo Christo prometido na desoito seculos.

Deixai que os sectarios das diversas seitas sahidas do Christianismo, dominados por cego fanatismo, por censuravel intolerancia, vos anathematizem, contrariamente ao que lhes ensinou aquelle que elles chamam seu Deus, lancem sobre vossas cabeças os raios impotentes da sua colera, arma de tanto effeito no passado, e hoje, pelo abuso do emprego que della fizeram, incapaz de impressionar a quemquer que seja. A lucta entre ellas se empenham umas contra as outras, lucta sem treguas, sem respeito a cousa alguma, e altamente escandalisadora dos sanctos principios da moral evangelica, vos demonstra claramente não ser o da verdade e da justiça os caminhos, por onde ellas enveredaram. A luz divina ha de um dia illuminal os, e elles então chorarão o tempo perdido nessas questões estereis e sem importancia alguma no

progresso real do espirito, e das quaes só lhes pôde advir a gloria ephemera de uma preponderancia toda mundana, passageira como o fumo que se esvai no ar.

Deixai que os cegos executores do poder civil, esquecendo a sua missão elevada de distribuir a justiça ao povo, consumam seus preciosos momentos na busca dos meios de tolher a marcha da propaganda spirita, fazendo encarcerar com mentidos pretextos e tentando aterrar os humildes instrumentos dos verdadeiros propagandistas da santa doutrina. Elles voltarão do seu erro e terão remorsos pungentes de haverem combatido o que não conheciam, tornando-se inconscientemente os inimigos da luz, os legitimos representantes do fraco e tristemente celebre pretor romano, que entregou o justo indefeso ao odio e vingança dos orgulhosos phariseus.

Não julgueis do triumpho da causa que defendeis, pelos louros que colherdes na vossa presente vida; não, a vossa missão é preparatoria, é toda de desgostos e soffrimentos no presente; mas fitai os olhos no céu, fitai-os no futuro; é lá que vossos filhos e vós mesmos, em vossas outras encarnações, recebereis o premio de vossas fadigas, de vossos trabalhos de hoje.

O reino de Deus, o reino da verdade, do amor e da justiça ainda não está firmado neste mundo, onde o orgulho dá leis, a inveja separa os homens, a ambição os atira a essas luctas fraticidas que tingem de sangue a face do planeta, e a luxuria os arroja ao nível dos brutos.

Trabalhai, empregai todos os vossos esforços para repellir de vós, e fazer que vossos irmãos repillam de si esses sentimentos criminosos, funesta herança de nossos erros passados, porta sempre franca para as hediondas aberrações que maculam a humanidade.

São esses maus sentimentos os nossos principaes e mais perigosos inimigos: são elles que em parte justificam ás perseguições, que soffremos da parte dos homens. Libertemo-nos delles, e deixemos que os homens se ergam para apedrejar-nos; pois, se proteger-nos a couraça da virtude, novos Danieis, sahiremos illesos das garras desses famintos leões.

A liberdade de cultos

Ainda está pendente da boa vontade dos nossos legisladores a discussão do projecto que permite ao cidadão brasileiro o direito pleno de manifestar as suas crenças religiosas segundo os dictames da sua consciencia.

Causa pasmo que em fins do seculo 19º, em um paiz da livre America, quando os progressos das sciencias, das artes e das industrias capricham em promover por todos os modos, em todos os terrenos, o bem estar da sociedade, ainda se discute sobre as vantagens e desvantagens de uma questão dessa ordem.

Pouco nos importa a victoria desta ou daquella das religiões formalistas, que ainda entre si partilham o mundo: somos livre-pensadores, cremos em Deus, na immortalidade da alma e seu progresso indefinito, e temos plena certeza que o homem do futuro só adorará a Deus em espirito e em verdade.

E' sómente sob o ponto de vista moral, politico e economico que encaramos a questão.

Para nós a plena liberdade de cultos é uma medida altamente moral, politica e economica: E' moral, porque estabelece o imperio da verdade, libertando o cidadão brasileiro da penosa obrigação de simular uma crença differente daquella que elle realmente professa, de mentir á sua consciencia sujeitando-se a formulas em que elle não crê.

E' altamente politica porque quebra uma arma, de que com grande proveito podem lançar mão os agitadores da ordem publica. E' de boa politica que as leis acompanhem os progressos da sociedade, sancionando suas conquistas e reprimindo os abusos; a liberdade de cultos é hoje entre nós um facto, conseguido por uma evolução natural; á lei compete apenas regular-lhe a marcha e impedir-lhe os excessos.

E' economica, porque é um factor indispensavel para obtermos emigrantes europeus. Ao vastissimo territorio brasileiro, uberrimo e riquissimo de productos naturaes, em todos os reinos da Natureza, faltam braços amestrados no trabalho, para que possamos subir ao lugar que o Creator nos destina.

A população na Europa superabunda e tenta expatriar-se, a nós compete collocarmo-nos nas condições que os attraiam ao nosso seio; e entre ellas está a da certeza que elles devem ter, de que poderão aqui entregar-se livremente ás praticas do culto em que foram educados. Não basta a tolerancia, que amanha poderá ser suprimida; é necessario que a lei lhes garanta essa liberdade.

NOTICIARIO

Um apostolo da caridade.

Ordinariamente o ouro soffoca a sensibilidade. A prova da riqueza é muito difficil de ser conduzida a satisfactorio resultado. O rico, ferido, muitas vezes, pela ingratição daquelles a quem beneficia, ou dominado pelo insano desejo de accumular mais, esquece o preceito divino de dar de comer ao que tem fome, e torna-se egoista e cruel.

Ha, porém, muitas exceções, e entre ellas citamos aquelle que chamou-se entre os homens William Wilson Gorcoran, ha pouco fallecido em Washington. Foi um dos cresus e um dos mais generosos philantropos do Novo Mundo.

Começou simples caixeiro, aos 30 annos de idade estava á testa de um dos principaes bancos da capital dos Estados Unidos, e finalmente achou-se encarregado de todas as grandes operações financeiras do Estado.

Retirou-se do negocio em 1854 com uma fortuna colossal, que consagrou em grande parte a obras de beneficencia. Creou hospícios, asylos, collegios, e fundou em Washington o famoso museu artistico que tem o seu nome, e que elle dotou com uma somma de 1 milhão de dollars. Avalia-se em 12.000 contos de réis o que elle dispendeu em boas obras durante 30 annos.

Eis uma fortuna bem empregada. Eis um exemplo digno de imitação.

Aviso em sonhos. — Em dias de Maio ultimo uma filhinha do nosso confrade, o Sr. Elias da Silva, contou a seus pais, que sonhára ter sido seu irmãozinho mordido por uma cobra.

Horas depois ouviu-se na casa os gritos do pequeno, que com um pausinho batia n'uma monta de mato, e chamava para que viessem matar um bicho.

Correram e viram uma cobra coral que, enraivecida, preparava-se para lancar-se sobre o menino.

Estudemos o facto. O menino não foi picado pela cobra, como sua irman vira em sonho; mas como explicar o facto do espirito prever uma cousa tão fortuita, como a de ir o pequeno ao quintal, encontrar uma cobra e proval-a.

Só achamos uma explicação: espiritos amigos quiseram aconselhar cautella com as crianças em um lugar, onde talvez abundem esses reptis.

Avisos, conselhos, provas de affecto dos invisíveis.

Clarevidencia. — No *Phantasms of the Living*, de Londres, escreveu o seguinte Mrs. Jeanie Gwinne Bettany, em Novembro de 1884:

« Em pequena davam-se em mim varios phenomenos psychicos, que eu então considerava como um facto ordinario.

Uma vez, tinha eu 10 annos, estava passeando em um paiz plano, proximo da residencia de meus pais, estudando minhas lições de geometria, quando vi perfeitamente um gabinete em tudo semelhante ao gabinete branco de minha casa, e sobre o solo estendida minha mãe com todas as apparencias de uma morta. Depois de alguns minutos, em que os objectos que me cercavam, tinham-se-me apagado da vista, a visão foi cessando, deixando-me a impressão de um facto real.

Corri á morada do nosso medico, e conduzi-o á casa de meus pais, sem poder explicar-me a mim mesma, como me havia apparecido assim, aquella que eu deixara boa ao sahir de casa.

Levei o doutor ao gabinete branco, e ahí encontrámos minha mãe cahida, exactamente como eu a tinha visto. Ella havia sido surpreendida pela manifestação de uma enfermidade cardiaca, que a teria matado, se o medico não chegasse a tempo.

Os pais de Mrs. Jeanie tambem attestaram o facto.

Não havia prevenção alguma, a vidente tinha deixado sua mãe no gozo de perfeita saúde, apparentemente, quando, tractando de uma coisa inteiramente diversa e que lhe absorvia todo o pensamento, foi assaltada pela extraordinaria visão.

Que de innumerados factos destes se estão dando quotidianamente, sem que se lhes preste a devida attenção!

Ainda ha pouco, nesta capital, a senhora do nosso distincto confrade, o Sr. A. Seixas, viu perfeitamente do interior de sua casa as tristes scenas do naufragio de um navio, e que verificou-se ser a reproducção fiel do que acontecera.

Pertence tambem á mesma ordem o phenomeno dado com o papa Pio V, que do Vaticano descreveu aos cardeaes a batalha de Lepanto, no momento exacto em que ella se feria.

Será um transporte do espirito ao lugar em que o facto se dá? ou a representação fluidica do facto feita por esse invisível, que a estampa na mente do vidente? No estado de vigilia, parece-nos mais simples a segunda hypothese.

Uma prova physica. — O *Light*, de Londres, narra uma notavel experiencia physica, relatada em uma carta que se suppõe ser de Arthur Hamilton, e que vamos resumir.

No curso de suas longas viagens elle tinha alugado um barco e cruzava perto de Dantzic, quando avistou uma ilha, que disseram os baleeiros não gozar de boa fama, e ser sómente habitada por um ente mysterioso que se via chorando vir assentar-se na ponta do promontorio, e por dous meninos, vestidos á moda antiga, cuja vista presagiava desgraças e a conversação uma morte certa.

Excitada a sua curiosidade, resolveu elle ir explorar a ilha, porém os baleeiros difficilmente aceitaram o encargo apenas de conduzi-lo até á praia, costa pantanosa e sesonatica, onde elle passou a noite guardando o trabalho para o dia immediato.

Com o dia elle observou tudo e, tendo avançado para um grupo de arvores, que coroava um monte, evidentemente o ponto mais elevado da ilha, achou-o cercado de um muro de pedras grandes, sendo o monte formado tambem de enormes pedras justapostas.

Por ingreme escada subia-se ao planalto superior, tendo toda essa construcção a configuração de um altar druidico.

Ficou o visitante muito impressionado com a sua descoberta, e seja que esse ar pestilento lhe atacasse o systema nervoso, seja porque, como dizem, certos lugares possuem uma atmospheria espirital que nos affecta o organismo, elle começou a desvaivar.

Então passou-se ahí uma coisa inexplicavel para elle: estava quasi libertado do sentimento de terror que o dominára, quando uma intuição imperativa ordenou-lhe olhasse para certo ponto da plataforma. Fel-o e viu ahí de pé dous meninos, que regulavam ter 12 annos de idade, trajando vestidos de fôrma antiga, de côr azul claro, que lhes iam até os joelhos, e presos á cintura; sapatos de couro seguros por correias que se cruzavam nas pernas, cabeças descobertas, cabellos castanhos e fluctuantes.

Seria isso uma recordação da historia contada pelos baleeiros, e então acivada pelo estado de exaltação do visitante? Ha de ser esta a explicação dos cientistas orthodoxos: o escriptor da carta, porém, diz ser-lhe impossivel explicar o sentimento que despertou em sua alma, tão acostumada a resistir, a impressão do dominio sobre elle desses dous pequenos romanos, sem duvida raptados de algum ponto da Italia e transportados para esses tristes lugares, para o meio desses restos do druidismo.

São temos difficuldade, diz o noticiario do jornal inglez, em comprehender o facto. Os olhos de Arthur Hamilton se abriram, e elle pode ver o que muitos negam. O aspecto dos lugares pôde exercer poderosa influencia no desenvolvimento das faculdades dos mediuns.

Phenomenos spiritas na China. — Já não pôde haver duvida de haverem sido conhecidas, de ha seculos, na China as diferentes fôrmas de phenomenos spiriticos, de que se estão occupando as outras nações.

Demonstra-o o seguinte extracto da obra *Quatorze mezes em Cantão*, publicada por Mrs. Grey, esposa de um sacerdote inglez, ali residente.

Diz ella: Creio que vos vai causar alguma surpresa a noticia de haver um spirita chinês dado uma sessão na nossa residencia.

Elle fez trazer do aposento dos criados uma grande meza redonda, e collocar sob cada um dos quatro pés uma pequena bacia d'agua.

Chamou quatro criados, e mandou que cada um segurasse em um pé da mesa.

Feito isso, começou elle a rodar sobre si mesmo e em torno do movel, a principio lentamente, pronunciando palavras de encantamento, e depois com movimento cada vez mais acelerado. Quatro minutos depois de ter elle começado, principiou a mesa a girar, acompanhando-o e obedecendo como um ser intelligente.

Quando o movimento precipitou-se, os criados foram deixando o movel, que parou, quando, já sem folego, o medium se deteve.

Perguntou-se-lhe como elle conseguia isso, e elle respondeu que a mesa era movida pelo espirito (Joss).

Perguntei-lhe ainda, se elle podia evocar os espiritos dos que já não eram deste mundo e conversar com elles, e elle me disse que, já de ha muitos seculos, os Chinezes conheciam

os phenomenos das mesas giratorias, da clarividencia e da communicação dos espiritos.

(Resumido do *The World's Advance Thought*, Portland, Abril, 1888.)

Phenomenos extraordinarios. — São dignos de estudo os factos extraordinarios, dados ultimamente em Necochéa (Republica Argentina), como conta a *Constancia*, revista spirita de Buenos-Ayres de 31 de Maio ultimo, donde os resumimos.

Tracta-se de uma familia conhecida que, indo residir em Necochéa, foi desde a viagem surpreendida pela manifestação de phenomenos inexplicaveis e capazes de aterrorisar aos mais destemidos.

A principio começaram a notar que as roupas de mada das crianças appareciam cheias de manchas de sangue; depois viram dos rostos dos meninos correrem gotas do mesmo liquido, sem que proviessem de alguma ferida patente, e sem elles queixarem-se de soffrimento algum.

Seguiram-se manifestações violentas e incommodas: as roupas eram despedaçadas, os coleções arremessados ao solo, varios objectos desappareciam e iam ser encontrados em outros lugares, onde ninguem podia ter a lembrança de os depositar.

Uma faca de ponta sumiu-se da cosinha, e foi achada cravada no colchão da criada debaixo dos travesseiros.

Uma noite um pequeno de collo despertou chorando, e foram achado com uma fita de fumo atada ao braço, tendo junto á cabeceira do leito uma pequena cruz de madeira.

Esses factos, de um cunho incontestavelmente lugubre, têm impressionado profundamente a familia, que escreveu aos seus parentes da capital, pedindo-lhes consultassem os entendidos sobre esses phenomenos e os meios a empregar para impedir-lhes a continuacão.

Pedimos aos que attribuem os phenomenos spiritas ao charlatanismo, nos expliquem o interesse, que pôde ter essa familia em inventar taes factos, que só lhes causam prejuizos e incomodos, sem compensação de especie alguma.

Todos ali andam assustados, e a senhora sente-se gravemente enferma, em consequencia dos terrores que a sobresaltam.

E' de summa conveniencia, que aquelles com quem se dão taes factos, busquem no estudo de seus actos e sentimentos, a causa dessas vingancas de além tumulo, que todas tendem á nossa correcção.

E' só com o nosso melhoramento intellectual e moral, que evitaremos os golpes desses infelizes transviados, desses cegos voluntarios do mundo da luz.

O telephone na India. — No *Religio Philosophical Journal* de 28 de Abril ultimo lê-se uma noticia acerca desse famoso invento, que nos está prestando tão assignalados servicos.

O Sr. F. Amesbury que acaba de chegar a New-York, depois de uma estada de 2 annos no paiz dos tigres e dos famosos fakirs, conta que, segundo o que lá viu, o emprego do telephone se faz na India, desde uma época que remonta á cerca de 2,000 annos.

Ainda que a sua construcção seja diferente da que usamos, os principios empregados são identicos; é a communicação das vibrações de um diaphragma a outro, ligado a elle por um fio metalico, reproduzindo os sons emittidos pela voz humana.

O transmissor é de madeira com as dimensões de uma barrica de farinha, e fixo ao solo; o fio é subterraneo e

de um metal, cuja composição não pode ser determinada.

Os sacerdotes conservavam secreto esse invento, no interior dos templos que assim estavam em communicação; o que não concorria pouca para alimentar as superstições da população.

Dous templos de Pacy, separados por uma distancia de uma milha, serviam-se desse meio de communicação, como muitos outros de diferentes pontos da peninsula, e os sacerdotes dizem que isso remonta aos primeiros tempos do homem na Terra; mas o Sr. Amesbury tem razões para crer que não vai além de 2,000 annos.

Esse notavel achado foi devido ao facto de haver o engenheiro inglez Sr. Harrington salvado a vida a um sacerdote hindú, com o que captou a amizade dos outros, que assim lhe facilitaram os meios de entrar no conhecimento desse invento, que com grande prejuizo do progresso, estava encerrado no segredo dos templos pelo egoismo dos brahmines.

A planta magnetica. — Ha pouco o deputado mexicano, D. Perfecto Carrera, deu noticia de uma planta, chamada pelos naturaes *erva advinhatoria*, cujo contacto prolongado por algum tempo, faz-nos cahir em estado de somnambulismo lucido, praticando os actos mais extraordinarios de um hypnotizado, e de nada nos lembrando depois.

Talvez que essa planta tenha a faculdade de fazer affluir ao cerebro grande porção do fluido magnetico ou nervoso do corpo, aumentando-lhe suas faculdades perceptivas e tornando mais facéis as communicações do espirito do experimentador com os livres que vagueiam no espaço.

Os videntes de Canós. — Quando, em 1610, Galileu descobriu os satellites de Jupiter, a inteira academia de Cortona levantou-se em opposição, pretendendo que esses satellites eram o producto de uma illusão optica, eram filhos de um defeito da luneta, que tinha o poder de fazer apparecer quatro satellites sómente na distancia em que estava Jupiter e não á qualquer outra.

O homem é sempre o mesmo, ri-se de tudo aquillo que, segundo suas ideias preconcebidas, lhe parece um absurdo, antes de fazer os exames precisos para conhecer onde se acha a verdade.

A *Tribuna do Norte*, do Ceará, tem publicado correspondencias de Canós, na mesma provincia, tratando de um facto de mediunidade vidente que ali se vai desenvolvendo de um modo admiravel; eis o facto: Tres meninos, sendo o maior de 13 annos de idade, viram em uma capoeira diversos espiritos, que se lhes apresentaram com as fôrmas de uma mulher, um frade e varios pretinhos que brincavam saltando e rolando pelo chão.

Segundo seus preconceitos, os meninos os baptisaram logo de Maria, o anjo Gabriel e uma tropa de diabinhos.

Divulgou-se a noticia, e o povo começou a affluir ao lugar todos os dias, nas horas em que se dá a appareção.

Muitas pessoas consideradas têm feito o mesmo, e entre ellas o respeitavel parochão do lugar.

O numero dos videntes vai crescendo, já são muitos hoje os que attestam a manifestação.

Nada vemos nisto de extraordinario a não ser a zombaria com que o correspondente procura tornar interessantes as suas missivas. Se a interpretação que dão ao facto, lhe parece ridicula, apresente a sua, e o publico sensato decidirá.

Necrologia. — Com a idade de 17 annos, deixou o envolvero terreno

a 3 do corrente, em consequencia de um desastre, o Sr. Mariano José Machado Neto, extremoso e querido filho do nosso estimavel consocio, o Sr. Mariano José Machado Filho.

Crete convicto da doutrina spirita, nella encontrará o nosso amigo um consolo seguro ás penas que o magnanimamente, á vista do inesperado e doloroso passamento do seu idolatrado filho. E' nos soffrimentos que nossas almas se purificam; tudo na vida é provas por nós mesmos escolhidas para o nosso melhoramento.

Elevamos nossas mentes ao soberano Senhor dos mundos pedindo luz e forças para aquelle que partiu, em busca da ventura, depois de haver cumprido suas provas nesta etapa de sua infinda jornada no caminho do progresso.

O Sr. A. Bell. — Acha-se entre nós esse nosso distincto confrade com sua Exma. familia, vindos da Belgica para fugirem á perseguição atroz daquelles que, quando em minoria, se apresentam como mansas e timidas ovelhas do Christo, mas que, apenas se vêm bafejados pelas auras do poder civil, arrojam a mascara e se mostram dignos emulos dos heróes que horriaram o mundo com as barbaridades da inquisição.

Aproveitemos o exemplo.

Sejam bem vindos os nossos confrades.

Donativo valioso. — Nosso illustrado confrade, o Sr. José Bernardino da Silva, presenteou á bibliotheca da Federação Spirita Brasileira com varias obras philosophicas importantes de Augusto Nicolas, L. Figuiere, Pioger e Montalvergne.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Continuação)

XII

Os pachydermes.—O elephante tem os olhos pequenos, mas brilhantes e espirituosos, o olfacto muito fino, e de entre os animaes é um dos mais intelligentes. Domado, elle se torna o mais manso e obediente dos animaes, afeiçoa-se á pessoa que cura delle, a acaricia, a previne e parece adivinhar o que lhe pôde agradar; em pouco tempo elle chega a comprehender os signaes e, mesmo, a entender a expressão dos sons. Elle distingue o tom imperativo, o da colera, o da satisfação, e obra em consequencia; recebe com attenção as ordens de seu amo, executa-as com prudencia e empenho, sem precipitação, porque seus movimentos são sempre commedidos. Buffon o chama de *milagre de intelligencia*.

Proporcionalmente o cerebro do elephante é maior que o do gorillo. Sua audição é excessivamente fina; elle ama a musica, aprende a marcar o compasso, a mover-se com cadencia e junctar a proposito alguns accentos ao ruido dos tambores. Seu odorato é exquisito e elle ama apaixonadamente os perfumes de toda especie, escolhe as flores odoríferas, colhe-as uma a uma, reúne-as em ramallete e as conduz na boca, parecendo saborear-lhes o cheiro. Seu tacto é tam-

bem muito delicado, tendo para sede principal a tromba. Elle reconhece, quando zombam delle, e vingá-se.

Entre os muitos factos demonstrativos da intelligencia do elephante, cita-se o seguinte, acontecido em Madagascar:

«Um guia de um elephante, por brinquedo, tomou um côco lembrou-se de querer partilha contra a cabeça do animal; este deixou que aquelle se esquecesse do facto, vendo adormecido, segurou um côco com sua tromba, e deu-lhe com elle na cabeça, produzindo-lhe a morte.

O cavallo é um outro pachyderme em que tudo respira vivacidade, energia e intelligencia. Sua sensibilidade é tambem muito desenvolvida. Sua voz se modella sobre suas sensações, seus desejos e suas paixões. Os cavallos selvagens escolhem de entre si os chefes, que os devem dirigir. Se em suas marchas encontram um inimigo, á que pela fuga não possam evitar, elles se formam em uma massa circular, com as cabeças voltadas para o interior, onde encerram os jovens da manada; com o que conseguem afugentar os tigres e os leões.

O cavallo de guerra é um companheiro, um amigo do soldado; elle entende a voz do homem, partilha suas paixões bellicosas, relincha com furor contra o inimigo. Em 1809, em uma de suas insurreições, os Tyrolezes prenderam 15 cavallos bavaros e os introduziram em suas fileiras; quando se deu a a recontra, esses cavallos, sem attenderem aos meios empregados para contel-os, passaram-se, levando seus cavalleiros que assim foram aprisionados.

Quem desconhecera a intelligencia, a excellencia de coração e o devotamento do burro ao pobre lavrador? Animal vivo e indomavelmente feroz no estado natural, elle se mostra abatido e embrutecido pelos maus tractos, que lhe dão no captiveiro. Esse animal parece ter horror ás innovações, é admiravel em sua sobriedade, em sua constancia no trabalho, e em sua resignação na indigencia. Em sua primeira idade elle é encantador, alegre, ligeiro e gentil; são os maus tractos que lhe fazem perder essas qualidades. Sua paixão pela musica é digna de ser observada, e sua memoria é admiravel.

Os carniceiros. — Os animaes que se nutrem de carne, têm mais relações que os outros com os objectos que os cercam; tambem sua intelligencia é mais extensa nos detalhes ordinarios da vida.

A sentidos exquisitos elles unem muita força e agilidade; o que lhes era necessario, á vista da lucta que têm de sustentar para obter o seu alimento.

O urso é um animal muito intelligente e que pôde prestar muitos serviços ao homem. O lobo tem grande vivacidade, sentidos delicados, uma vista penetrante e excellente ouvido.

Seu olfacto é tambem apurado. Com a idade de 2 mezes começam os lobinhos sua aprendizagem, acompanhando á sua mãe que os ensina a caçar e despedegar presas vivas. Quando elles completam 8 ou 9 mezes, ella os abandona ou expelle. E' um animal precavido e industrioso. Quando um casal de lobos ataca um rebanho, a femêa se apresenta ao cão e foga diante delle, enquanto o macho, aproveitando-se da ausencia deste, agarra sua presa e condul-a.

Tendo os sentidos igualmente finos, a raposa tem mais agilidade e destreza que o lobo. Ella supre pelo artil e a paciencia á força que lhe falta.

O gato é um animal muito observador, paciente, reflectido e que melhor calcula suas acções. Observadores conscienciosos, entre outros o phrenologista Gall, concluíram que os cães comprehendem o que se diz diante delles. Com George Leroy perguntamos: Será possível attribuir-se só ao instinto os variados movimentos desse intelligente animal, que o homem emprega em tão numerosos e diferentes misteres, e que, conservando mesmo em sua sujeição uma liberdade sensível, excita em seu senhor ternos sentimentos de interesse e de amizade por sua docilidade voluntaria?

(Continúa).

O Apostolado

COMMUNICAÇÃO RECEBIDA EM UM GRUPO DE PARIZ

O apostolado é de todas as missões a mais digna, a maior e a mais consoladora que ha no mundo.

Que pôde haver de mais grato que o querer e poder partilhar com seus irmãos amados os divinos beneficios da fé? O que de mais doce que o saber fazer que os outros amem, orem e esperem? Nada é comparavel á ventura daquelle que, compenetrado das verdades eternas, pôde fazel-as germinar nos corações que lhe são caros. Não há dita superior a esta para as almas ternas. Nunca vos precipiteis em julgar severamente os espiritos, que fazem parte do exercito militante do progresso, quando elles tombarem invalidos em combates infructiferos. Nem sempre elles são tão culpados como parecem, segundo o estado da vossa actual civilização.

A maioria dentre esses operarios revolucionarios são instrumentos da divindade.

Tendes ainda muito a aprender a esse respeito, um dia comprehendereis ou antes formareis uma ideia do que seja a Eternidade, a actividade do espirito e a justiça divina, quando souberdes que cada espirito, encarnado ou desencarnado, deve ser ovelha e pastor. Cada ser encarnado é chamado em um dado tempo a ser o director e o pai de um povo. Cada espirito deve saber governar. A passagem a

mais difficil a transpor-se é o começo em que se firma para o espirito o livre arbitrio, a pesada responsabilidade de seus actos. Ahi estão o perigo, os escolhos terriveis a evitar. Se elle fallece em sua missão, cada accção voluntariamente cega ou injusta prepara para o espirito centenas de seculos de penas e dores. E' então que elle chora e geme, que elle tenta muitas vezes, aqui na vida, readquirir suas forças para reconquistar a plenitude de suas faculdades intellectuaes, que deixou sepultar-se sob o espesso véu da materia, antes de poder de novo libar no calis da verdade.

Eis porque tantos nomens soffrem sobre a terra, sem poderem explicar o motivo. Elles estão sob o jugo das incertezas e da duvida; mas eu apressome em dizel-o, ha sempre uma porta de salvação aberta áquelles mesmos, que foram outrora convidados ao banquete das alegrias espirituas. São os filhos prodigos que tornam á casa paterna, onde serão recebidos com todo o amor e ternura do coração misericordioso daquelle, que nos creou todos para a felicidade e que, em sua solicitude, collocou a nosso lado um amigo fiel e compassivo que, conhecendo todos os combates do vosso mundo, não vos abandona, qualquer que seja a vossa triste posição social, como as luctas difficeis em que vos empenheis.

Fui forçado, amados irmãos, a vos fallar dessas cousas, para que comprehendais bem o que vos foi revelado. Qualquer que seja a posição material do espirito, elle não pôde mais retrogradar, nem esquecer o que adquiriu. A fé não mais se pôde extinguir; ella é mais ou menos ardente, pôde parecer tepida, e precisa ser estimulada, quando se esteve longo tempo em um meio contrario ao seu desenvolvimento.

Eis onde o apostolado se torna uma ventura real, porque basta vivificar a centelha espiritual pela razão para reconduzir esses espiritos á senda da verdade. Nós vos tomamos, á maioria das vezes, nessas condições. A maior parte da primeira phalange christan destacou-se para tomar parte exclusivamente nas luctas materiaes; muitos se tinham illudido sobre as suas proprias forças e ficaram invalidos sobre a estrada.

O espirito divino, porém, não se havia retirado de seus corações, o raio da fé nelles não estava totalmente extincto.

Suas vistas buscavam, através de sua razão, essa impalpavel claridade, esse não sei que indefinivel, esse fluido mysterioso que é como um iman attractivo, emanado do foco divino, e repousa sobre cada ser creado, depositando nelle os germens de todas as faculdades espirituas.

Que a paz do Senhor esteja em vossos corações, e sua santa benção desça sobre vós.

João.

(Trad. do *Spiritisme* de Paris.)

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO
MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

-POR FREQ

O Madeira, o maior dos poderosos afluentes do Amazonas, nasce na Bolívia, da junção dos rios Beni e Mamoré, na lat. de 10°30' e log. oc. de 22°12'20" do Rio de Janeiro, separando primeiro os territórios de Matto Grosso e Amazonas, e atravessando depois o território desta ultima provincia até lançar-se no grande rio, 240 kilometros abaixo de Manaus.

N'uma extensão de 416 kilometros elle percorre um terreno pedregoso, formando treze formidaveis cachoeiras que extraordinariamente dificultam o transitio em barcos, que, muitas vezes, têm de ser arrastados por terra.

Nesse penoso serviço muito ouzura auxiliavam aos viajantes os selvagens Caripunas, que viviam nas imediações, mas que depois abandonaram esse posto, em consequencia das injustas vexações que soffriam da parte daquelles á quem serviam; vexações que deram motivo a sangrentas represalias de um e outro lado.

Da cachoeira de Santo Antonio, a ultima das 13 descendo, é o Madeira, na epoca das cheias, navegavel por paquetes até a sua foz, n'um percurso de cerca de 900 kilometros.

Foi juncto a essa cachoeira, em uma barranca de 36 metros de elevação, que em 1728 o jesuita João de Sampaio fundou a primeira missão dessas paragens, a qual foi depois abandonada; foi ainda ali que em 1871 fixou-se a sede do destacamento militar do Madeira.

São muitos os rios e riachos que, no seu curso, vêm engrossar-lhe o volume d'agua, entre os quaes estão o Jacu-paraná, o Machado, o Manicoré e o Jamary, que mede 160 metros de largura em sua foz, fica a 82 kilometros da supramencionada cachoeira de Santo Antonio, e em cujas cabeceiras fundou o jesuita Sampaio a aldeia das Cachoeiras em 1735, abandonada depois pelos continuos assaltos dos selvagens Murás.

É indescriptivel a phantastica belleza das paisagens, que a cada instante prende a attenção do viajante que visita essas paragens! Já centenas de naturalistas têm tentado esboçar a magestade d'essas florestas virgens, que dizem Saint Hilaire e de Humboldt serem tão velhas como o mundo, regiões mysteriosas onde a luz do dia difficilmente penetra.

Arvores gigantescas de uma infinidade de especies ali entrelaçam seus ramos formando uma copa cerrada, presas, muitas vezes, umas ás outras por liames que simulam corpulentas serpentes.

Ahi não se nota a monotona uniformidade da cor verde escura das florestas das outras partes do mundo, mas uma infinda gradação dessa mesma cor, esmaltada pelas variadissimas das flores, que aromatisam o ambiente e nos encantam as vistas com os seus vivos e brilhantes matizes.

Ahi abundam madeiras de construção e de marcenaria ao lado de um sem numero de plantas alimenticias e medicinaes.

São o pau-d'arco, o ipê, a sucupira, o pau ferro, o acapú, o campeche, a massaranduba, a gameleira, a castanheira, o cacauero, as seringueiras, as palmeiras, a baunilha, a arvore do puchury, a do guaraná, etc. A excessiva humidade do solo e o calor tro-

pical são as fontes dessa exuberancia de riqueza floral, que torna essas regiões um potosi, onde só falta o homem para exploral-o.

É certo que as febres palustres imperam formidaveis nas margens desses gigantes tributarios do Amazonas, afugentando os que lhes tentam raptar o velo de ouro.

Em geral são baixas essas margens, e nas enchentes as aguas invadem as matas que as cobrem; e quando os rios voltam aos seus leitos, deixam exposta aos raios ardentes do sol uma espessa camada de folhas podres, que enchem os ares de miasmas.

Um dia, porém, temos certeza, essas difficuldades serão removidas.

A essa flora tão rica corresponde ainda uma fauna abundantissima em todos os seus ramos: os reptis são nomeados, os peixes formigam nesses rios ainda tão pouco frequentados; as aves são innumeraveis, adornadas das mais vivas e formosas cores. São as araras, 142 especies de papagaios, os auras, os jacus, os mutuns, os agamis ou galinhas do mato que vivem em bandos, fazendo ouvir o seu grito agudo semelhante ao som de uma trombeta, os jacanás e outros tantos que seria interminavel citar sómente as conhecidas.

Entre os mammiferos citaremos os macacos, typo caracteristico da America do Sul. Elles se distinguem dos do antigo mundo pela disposição de suas narinas abertas para os lados, pela ausencia de calosidades e o comprimento da cauda.

A ausencia de grandes mammiferos e a multiplicidade de animaes trepadores são caracteres distinctivos dessa classe do reino animal no Brazil. Não só o simianos, como os roedores da familia dos ratos, dos desdentados e mesmo, os carneiros, são ahi providos de uma cauda prehensiva, que os ajuda a subirem ás arvores.

Os simios são menores, porém mais ageis que os do antigo continente; de entre elles se destacam os huivadores ou guribus, cujos huivos apavoram, os saguis, os pequenos oistitis, etc.

Além delles se encontram nessas brenhas o jaguar, a onça, o cuguar, o maracajá, o cão do mato, o coati, o sarigué, a anta, o queixada, o caetitú, o porco-espinho, a cotia, os ratos do mato, o veado, o tamanduá, o preguiçoso, etc.

(Continúa).

A casa malassombrada

—(—)

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

—(—)

(Continuação)

Sua predilecta, por ser o retracto da adorada esposa, era Margarida, por quem o bom velho faria loucuras.

Tambem, por se saber quanto elle adorava aquella neta, seus amigos e beneficiados esmeravam-se em dar á moça as mais sollicitas provas de sua respeitosa estima.

Prestar um serviço, ou fazer uma fineza a Margarida era mais do que salvar a vida ao coronel Thomaz de Amorim.

A moça, entretanto, era por si mesma digna da maior estima.

Educada nos seus principios, que eram o distinctivo de sua nobre familia, ella era a auxiliar de seu avô na pratica da caridade.

Tendo recebido ensino superior ao que se dava ás moças de seu tempo e do lugar, era considerada como um ente superior a todos, até pelo avô, que a chamava — minha doutora.

Varios casamentos vantajosos lhe tinham apparecido, mas ella se recusára a todos, pretextando ser casada com seu vôvósinho, o que mais augmentava a bebedeira do velho já visinho dos oitenta annos.

Em lugar pequeno não ha mysterio. O que se faz de noite, sabe-se de dia.

Começou, pois, a rosnar alguma coisa a respeito de sinhá, que causava mortificação aos verdadeiros amigos do Coronel.

Havia ali um moço de boa familia, casado e com filhos, que devia tudo o que era ao Coronel Thomaz de Amorim.

Por sua intelligencia e actividade, o velho o chamára á direcção de seus negocios, remunerando-o com prodigalidade tal, que nada lhe faltava, nem á sua familia.

Antonio Bento vivia em casa do coronel, e era mais dono della do que o proprio coronel, que nunca lhe contrariava as ordens.

Era um mordomo, com poder superior ao do proprio dono.

Começou, pois, a rosnar alguma coisa sobre amores de Sinhá com Antonio Bento; e já havia algum tempo que isso se dava, sem que ninguém tivesse coragem de prevenir o coronel, cuja morte julgava-se infalivel, quando soubesse da deshonra da neta, obra de homem em quem maior confiança depositava.

Na vida dos homens e nos factos naturaes, tudo tem o seu dia.

Chegou o dia de receber o coronel o golpe, de que todos receiavam.

Uma circumstancia imprevista fez que o pobre velho fosse testemunha auricular de uma conversa dos dous amantes, que lhe revelou a hediondez de seu crime.

O coronel foi superior á sua desgraça, a maior que podia feril-o; porque era elle do numero dos que presam mais a honra do que a vida, já hoje bem raros.

Se tivesse a neta morta, não sentiria o que lhe fez sentir sua degradação.

Ver a que fora as delicias de sua velhice, o idolo de seu coração, prestes a cessar de pulsar-lhe no peito; ver a imagem de sua adorada esposa, rebaixada do docel da pura innocencia em que sempre a julgara recolhida, á vil e vergonhosa posição de barrigan de um homem, que nem ao menos podia reparar a deshonra, que lhe trouxera, sendo, como era, casado!

Ver este, a quem cobrira de beneficios, ser o autor de sua maior vergonha, da vergonha que ia nodoar seu nome immaculado e o de sua veneranda familia!

Ver tanta ignominia, e não ter a felicidade de morrer immediatamente!

— Estavam reservados para meus ultimos dias as cruéis provações, as unicas provações que me fazem ter horror á vida; que me fazem desejar a morte!

Cumpra-se o meu destino; e permitta Deus que eu tenha força para vencer a tentação de fazer mal a um semelhante.

Tendo feito aquella queixa, acompanhada daquella prece, ambas ouvidas no ceu, que ao ceu chegam sempre os gemidos dos corações bons; o coronel revestiu-se de uma coragem superior á fraqueza humana; e passando á sua sala mandou chamar Antonio Bento.

Este, suppondo que seu segredo estava ainda inviolado, e que era chamado para negocios, appareceu presenteiro, como de costume; o que foi seta acorada a traspassar o coração do velho.

Com animo sereno, sem mostrar fraqueza nem mesmo na voz, o respeitavel ancião disse ao infame assassino de sua honra:

— Conheço seu negro procedimento, que outros puniriam cruelmente.

O moço empallideceu e começou a tremer.

— Eu, continuou o coronel, apesar de ter recebido de sua mão o maior golpe que me podia vir ao coração, não quero, no fim da vida, fazer o que nunca fiz em quasi oitenta annos de existencia.

O moço cahiu de joelhos, balbuciando a palavra perdão.

— Levante-se, disse com severidade o coronel, e ouça.

Nem lhe quero dar o castigo que merece, nem posso deixar meu nome, que é meu dever transmittir puro a meus descendentes, maculado e ridicularizado.

Tenho, pois, resolvido pôr entre mim e o senhor o tempo e o espaço.

Vá á minha estribaria, e escolha o melhor cavallo que ahi achar.

Tome dous comos de réis, e hoje mesmo parta d'aqui, e corra, corra; que d'aqui a 48 horas partirão, em sua perseguição até os limites da provincia, dous homens, com ordem de matal-o, se o apanharem aquem daquelles limites.

Sua mulher e seus filhos, tão desgraçados por sua culpa, como eu sou, ficam por minha conta; nada lhes faltará.

Logo que o senhor tiver fixado sua residencia em qualquer provincia, que não seja a nossa, me escreva, que eu mandar-lhe-hei sua familia e recursos para o senhor mantel-a.

Esta é sua sentença, a que lhe peço pelo amor de Deus se submeta, para não ser eu obrigado a substituil-a por outra que me repugna e lhe será fatal.

Antonio Bento recebeu o dinheiro, e como um homem idiotificado, partiu da casa do Coronel.

* *

Sahindo da casa do Coronel Thomaz de Amorim, Antonio Bento levava a alma opprimida.

A negra ingratitude de que era réu para com o velho, avultando ainda mais diante da generosidade com que o tratara;

O amor insano que o levára a commetter tão feio crime, e que ia ser o seu tormento, pela eterna separação do ente amado;

A desordem que ia lavar no seio da familia, quando sua santa mulher conhecesse a infidelidade de que era victima;

Tudo, tudo concorria para lançar aquella alma n'um estado, que, se não era de loucura, era de um desespero sobrehumano.

Marchava para a casa, onde a mulher e os filhos, que o adoravam, aguardavam sua chegada, como o condemnado marcha para o patibulo.

Hia de cabeça baixa, e braços cahidos, sem pensar, sem saber o que fazia, sem consciencia de si.

A alguns passos de casa, os tres filhinhos lhe sahiram ao encontro, saltando e gritando alegremente:

— Ahi vem papai, ahi vem papai. Que dôr! que agudo estillete penetrou-lhe o coração áquella vista!

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Outubro—1

N. 141

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

As almas gêmeas

No percurso de sua viagem atravez da eternidade, ora errante no espaço, ora habitando os mundos sem conta, dispersos na immensidão, o espirito encontra sempre outros a quem se liga pela conformidade de seus pensamentos, sentimentos e inclinações, constituindo grupos sympathicos que avançam junctos, auxiliando-se mutuamente em suas luctas e provações, partilhando irmãmente dos pesares e alegrias uns dos outros, pelas relações fluidicas que os prendem na ordem physica, e pelo amor que os identifica na ordem moral.

E' a esses espiritos unificados assim, que chamamos almas gêmeas; é em seu seio que aquelle que termina as provas de uma de suas encarnações, vai encontrar a paz, o conforto, a alegria e a animação para novos empreendimentos.

Se na vida terrena, onde a materia é sempre um véu espesso, que nos esconde as intenções daquelles com quem convivemos, os conselhos e a estima de um amigo são thesouros inapreciaveis, o que valerão ali onde a duvida não póde se nos insinuar na alma, sobre a sinceridade dos sentimentos que nos manifestam aquelles, cuja amisade, cujo amor fraterno já estão para nós confirmados por innumeras provas; aquelles em cujas mentes é nos dado ler como em um livro aberto ás nossas vistas?

Um dia, talvez ainda bem longe, esses grupos sympathicos, estendendo-se aos poucos, abrangerão a humanidade inteira do nosso planeta, e então attingiremos ás venturosas condições em que progridem esses mundos felizes,

edens de paz e amor onde habitam os dilectos do Altissimo; dilectos, sim, não em consequencia de uma selecção arbitraria e injusta do nosso Pai commum, mas porque se tornaram dignos dessas graças por seus esforços continuados na conquista do progresso physico, intellectual e moral. Deus não faz selecções entre seus filhos; a virtude attrahe sempre um premio, e o vicio um castigo, quaesquer que sejam a crença, a patria, a posição social daquelles que os praticam.

Emquanto, porém, a humanidade não se elevar a esse grau de perfeição, formar-se-hão sempre no mundo espiritual esses grupos, mais ou menos extensos, ilhas e ilhotas semeadas na face do oceano destinadas a formar, um dia, vastissimo continente, quando os espaços que as separam forem cumulados pelas elevações do solo submarino, em consequencia de revoluções geologicas ou do trabalho incessante dos coraes.

E' nesses centros sympathicos que o espirito, quando suas provas não exigem o contrario, escolhe aquelles com quem tem de viver na Terra ou nos outros mundos, para onde o chame a necessidade do seu adiantamento.

Se na vida terrena ouvíssemos sempre a nossa consciencia, se não buscassemos, ás mais das vezes, calcar nossas inclinações naturacs, dominados pela sensualidade, pela vaidade ou pela ambição das riquezas, a união dos sexos entre nós seria fortalecida pela uniformidade de pensamentos e sentimentos dos conjuges, e não haveria necessidade de estabelecer-se leis sobre o divorcio, que ninguem poderá negar ser uma fonte de desordens e corrupção para a sociedade, uma espada de Damocles ameaçando continuamente a paz e a felicidade conjugal.

Mas, que fazer, quando por uma educação bem dirigida não procuramos incutir sentimentos nobres e elevados no animo de nossos filhos, indicar-lhes o caminho da justiça, da moralidade, da virtude como o unico capaz de conduzil-os á felicidade? Cegos, deslumbrados pela miragem dos gosos materiaes, das posições e riquezas adquiridas sem trabalho, elles se atirarão inconscientemente, e n'uma partida de azar jogarão seu futuro, ignorando se poderão satisfazer os compromissos então contrahi-

dos. Dahi o fastio, o aborrecimento no fim de algum tempo, tendo como consequencias as luctas de ciumes, a destruição da paz domestica, e os tantos crimes vergonhosos que diariamente escandalizam a sociedade por toda parte.

Quos ha em que, para punição de seu passado e afim de suplantarem os sentimentos de antipathia que experimentam um pelo outro, dous espiritos, encarnados em sexos contrarios, podem ser conduzidos por seus guias a ligarem-se na vida terrena; a lucta virá naturalmente, mas que esplendida será a victoria daquelle dos dous que, sacrificando o seu orgulho, conseguem despertar a sympathia no coração do outro! E não valerá a pena o sacrificio de um tão curto lapso de tempo á dita infinda que espera o vencedor na eternidade?

Homens, meditai bem quando tiverdes de escolher uma companheira, bani de vossa mente todo pensamento egoistico, buscai uma alma gêmea da vossa, evocai vossos guias, pedi a luz do alto, e não receieis que a vossa escolha vos possa algum dia trazer o arrependimento.

Pensai que a belleza physica, as posições e as riquezas são accidentes que se esvaem como o fumo; buscai os dotes moraes, que são eternos como a vida, como a immensidade, como Deus.

NOTICIARIO

A «Gazeta de Noticias». — Despeitada pelo nenhum effeito de sua injusta opposição á propaganda do Spiritismo entre nós, a *Gazeta de Noticias*, em seu numero de 22 de Setembro ultimo, ataca desabridamente aos que, convencidos dessa grande verdade, procuram divulgá-la.

Não vimos retribuir-lhe insulto por insulto, porque sabemos ser elle a arma dos fracos, e só pedimos-lhe que sacrifique um pouco sua sede de ganancia a bem da moralisação da imprensa do nosso paiz.

O facto que serviu de pretexto á sua verrina, está affecto aos tribunaes e ahi ficará demonstrado o seu nenhum fundamento.

Um medium adivinho. — No *Golden Gate* de 21 de Abril ultimo o

Sr. C. A. Reed dá noticia de uma importante sessão do medium Mrs. Ladd-Finegan, na casa da sociedade spirita de Portland, na tarde de 8 do dicto mez.

A sala continha mais de 50 pessoas, e o medium, em um dos seus dias mais felizes, occupava o estrado.

A experiencia, que plenamente satisfizes a todos, constou de prognosticos de acontecimentos que breve se tinham de realizar.

Deu-se ahi um episodio interessante, demonstrando sufficientemente que não influam nas predições do medium as ideias e os occultos desejos dos consultantes, que por uma correspondencia magnetica lhe fossem suggeridas. O medium disse a um dos assistentes, que um seu amigo de longas barbas breve lhe daria avisos importantes. O cavalheiro, não se podendo lembrar de quem queria o medium fallar, declarou que não tinha amigo algum com esse signal.

Inutilmente tentava aquelle avivar-lhe a memoria fazendo minuciosa descripção do desconhecido, quando uma senhora declarou quem elle era, pelos signaes dados, e verificou-se então que o medium dissera a verdade.

São factos de clarividencia, ou antes de avisos dados pelos invisiveis, que com sua maior lucidez e facilidade de transportar-se rapidamente a grandes distancias, podem, ou pela audição ou pela impressão de quadros em nossa imaginação, dar-nos noticias do que se está passando longe de nós, e que só mais tarde se póde verificar.

Provas spiriticas em Sorrento. — No *Corriere Spiritico*, de Florença, de 15 de Abril ultimo, o Sr. Giulio Dentoni narra os factos obtidos em sessões familiares e que folgamos de resumir.

Estava elle em Sorrento em uma roda de jovens, na qual, depois de conversações sobre varios assumptos, veiu a fallar-se do Spiritismo. Só elle ahi conhecia a doutrina, e por isso acreditou-se obrigado a illucidar os outros.

A consequencia foi, que combinou-se em fazer experiencias em certos dias.

Tentaram o trabalho da mesa, mas nada conseguiram a principio. Quando já nada esperavam, fazendo o Sr. Dentoni uma pergunta, obteve por pancadas, que ali estavam os espiritos de Mozzard e Mimmi, que os queriam auxiliar.

Os trabalhos nas outras sessões foram melhorando e tornando-se convincentes. Por varias vezes cadeiras foram arrancadas com violencia do seu lugar, occasionando a queda dos que nellas estavam assentados; outras foram levadas de encontro á mesa, calcando contra esta o assistente, mas sem que este ficasse molestado.

Dous dos presentes, os Srs. Fornari e Gargiollo se mostraram com faculdades mediannimicas, e vão se desenvolvendo.

Na ultima sessão, já ao terminar o trabalho, perguntou-se se o espirito

podia articular sons, e tendo obtido resposta affirmativa, iam todos se retirar, quando ouviram um longo e bem distincto gemido, partido de lugar da sala, onde não estava alguem.

Assim se vão accumulando por toda parte as provas da sobrevivencia do espirito ao phenomeno da morte do corpo, e de sua communicabilidade com os encarnados.

As testemunhas desses factos já se contam aos milhares, e estão espalhadas por todos os pontos da Terra.

Cabe-lhes o imprescindivel dever de contar o que têm visto.

Manifestação em sonhos.—

A Sra. F., residente em Juiz de Fóra, tem tido em sonhos notaveis avisos do mundo espiritual, que são sempre seguidos de plena verificação. Catholica ou, antes, verdadeira christã, ella não se limita ás formulas que a igreja impõe aos seus adeptos, mas manifesta sua crença pelo exercicio da santa caridade.

Sempre que na igreja se effectua, segundo o ritual romano, a encomendação de algum finado, ella recolhe-se ao seu quarto, e ora profundamente concentrada por aquelle que partiu.

Ultimamente viu passar um enterro de luxo, e ella, segundo o seu costume, foi orar pelo passado. A noite viu ella em sonhos uma reunião de muita gente desconhecida, donde se adiantou para ella um homem e lhe disse:

— D. Florisbella lhe agradece a prova de affecto que lhe deu hoje.

No dia immediato deu ella inuteis tractos á sua memoria para saber, quem era essa Florisbella e qual o serviço que lhe havia prestado.

Oito dias depois foi visitada uma amiga sua, trazendo lucto fechado.

— Por quem está de lucto? perguntou ella.

— Por minha prima Florisbella, respondeu a visitante. Pois vocês não viram o enterro?

Florisbella era uma amiga da Sra. F., que fallecera fóra, e seu corpo viera para ser sepultado em Juiz de Fóra.

Levitação e transporte.—

Em um grupo que funciona nesta capital, á rua da Harmonia, tem se dado ultimamente, com o concurso do medium. Sra. D. Emilia F. importantes phenomenos physicos de levitação e transporte de corpos pesados sem o contacto de mãos.

Na sessão de 5 de Setembro ultimo, achando-se presentes cerca de 20 pessoas, uma mesa pesada ergueu-se por si só e fluctuou no ar a uma altura de cerca de um metro do solo.

Diversas pessoas já viram na residencia do mesmo medium uma grande mesa, obedecendo á sua ordem, abandonar o seu lugar, longe de todo contacto, e vir collocar-se juncto á sua cadeira.

Uma das condições que dão mais realce a esses phenomenos é a do desinteresse do medium, senhora muito simples que, convencida da veracidade da communicação dos espiritos, chama-os em seu auxilio para fazer a propaganda, sem disso tirar qualquer proveito material, qualquer lucro para o seu bem-estar terreno.

Com um desinteresse destes muito se poderá conseguir, e ninguem com justiça verá em taes factos um producto de embuste.

Um sonho realizado.— Livre das preocupações diarias da vida terrena na occasião do somno do corpo, o espirito entra mais facilmente em relação com os seus amigos do espaço, recebendo delles avisos e conselhos, que lhe podem ser de grande utilidade. Já na Grecia antiga o sonho

era considerado como um dos meios de entrarem os homens em relação com os genios, ou habitantes invisiveis do espaço.

A leitura das obras spiriticas tem feito que muita gente se vá lembrando dos avisos que tem obtido durante a sua vida, nesse estado de despreendimento do seu espirito, dos justos conselhos que por esse meio receberam, e que muitas vezes lhe têm sido proveitosos; e com isso vai-se enriquecendo o repertorio de factos, com que estamos resolvidos a mimosear nossos leitores.

Conta-nos nosso amigo o Sr. Mr. M., que, ha já algum tempo, quando elle ainda não se applicava ao estudo dos phenomenos spiriticos, sonhou que sua caixa forte estava aberta e dois individuos desconhecidos o roubavam.

Acordando em sobresalto, elle communicou seu sonho a seu irmão e convidou-o para irem verificar o que havia.

Seu irmão riu-se, e lhe disse:

— É um sonho que não tem importancia, pois sabemos o cuidado que empregas em pôr tudo em segurança no escriptorio, quando de lá te retiras.

Contudo, tornou o Sr. M., vamos examinar.

Foram e, cousa inexplicavel, encontraram as portas interiores e o cofre abertos.

Era a primeira vez que isto se dava e por isso impressionou-o bastante.

Seria um aviso de um desencarnado?

Podia ser perfeitamente; mas tambem era possivel que o facto se desse sem essa intervenção de um outro espirito. Nesse estado de entorpecimento do corpo, o espirito que a elle está ligado, sente-se mais livre e dotado de maior lucidez, podendo ir observar o que se está passando em um lugar distante d'aquelle, em que o corpo fica repousando; por esse modo era possivel que o proprio espirito do nosso confrade fosse ao seu escriptorio e verificasse o facto de terem ficado abertas as portas e cofre. O choque que nelle produziu o receio de que lhe podessem roubar, fez-o acordar-se dominado por essa ideia.

Que de mysterios encerram ainda para o homem os mais simples e triviaes phenomenos da natureza!

Materializações de espiritos.— O *Banner of Light*, de Boston, narra importantes phenomenos desta ordem obtidos nas sessões de Bervy, em Boston.

Em um canto da sala apresentou-se ás vistas de todos os assistentes uma pequena nuvem luminosa, que depois foi se estendendo gradualmente e descendo até tocar o solo. Essa massa tenue foi depois se contornando com a forma de uma figura humana, até apresentar a imagem perfeita de uma moça, que reconheceu-se ser Bertha, sobrinha do Sr. Brackett.

Além della tambem se materializaram outros espiritos. Via-se como uma columna de gaze branca, que se ia modelando com a configuração de um ser humano, até ficar com a apparencia completa de pessoa conhecida pelos assistentes; a qual avançava e vinha cumprimentar aos seus amigos e parentes.

E' facto attestado por varias pessoas, que o testemunharam.

Diante desses factos, cada vez mais assombrosos, que se estão accumulando em todos os pontos do mundo, as duvidas sobre as relações dos dons mundos, corporeo e espiritual, provocarão o riso em proximo futuro.

Presentimentos.— O que é o presentimento? Um phenomeno psychico que acompanha á humanidade desde os seus começos, cuja explicação

os antigos deram mais ou menos claramente, e que os modernos cientistas não procuram estudar.

Qual a pessoa que, em sua vida, não tem já recebido uma ou mais dessas prevenções de acontecimentos que lhe interessam? O Spiritismo nos diz: que o presentimento não é mais que aviso de amigo invisivel, preparando quem o recebe, para o facto que vai ter lugar.

Pertencem a esta ordem de phenomenos os seguintes, acontecidos nesta capital com o nosso distincto amigo, o Sr. M.

Uma vez, ha bem pouco ainda, estando elle á mesa, sentiu-se, sem motivo algum apparente, excessivamente triste e dominado por uma ideia vaga de que alguém de sua familia ia morrer.

Nisto veio servir-lhe o chá uma filha sua, e a simples approximação da menina foi bastante para que elle, sem mais poder conter-se, sahisse da mesa soluçando.

Seguiu a seus afazeres, mas nada o podia distrahir do pensamento que o senhoreava.

Ao tornar á casa, veio-lhe ao encontro a mesma sua filha, que, por brincadeira ou talvez guiada por uma acção medianimica inconsciente, havia prendido aos cabellos um pequeno véu negro.

— Tira esse véu, minha filha! Tira-o, por piedade, disse-lhe elle, des-norteado pelo soffrimento.

Horas depois essa menina sentia os primeiros accessos da enfermidade, a que succumbiu dali a dous dias.

Identico phenomeno deu-se com elle ainda ultimamente, no dia em que cahiu sua senhora, cujo fim tão proximo nada presagiava, atacada do mal, que em alguns dias fez-a deixar a Terra.

São sempre os nossos amigos do espaço, buscando alliviar-nos, novos Cyreneus, do peso da cruz que temos de conduzir ao calvario; são sempre elles demonstrando-nos que a morte não é uma barreira intransponivel, erguida entre nós e aquelles que, tendo terminado suas provas, foram esperar-nos na outra vida, onde os havemos de encontrar, para caminhar juntos, cada vez mais estreitando os laços que nos ligavam aqui.

Recebemos.— O *Respigador*, publicação quinzenal, litteraria, scientifica e noticiosa, da ilha de S. Jorge (Açores).

— A *Lyra*, organ da Arcadia Dramatica Esther de Carvalho, desta capital.

Agradecemos e pedimos permuta.

MISCELLANEA

A intelligencia dos animaes

(Conclusão)

XIII

Os quadromanos.— São os seres da criação que mais se assemelham ao homem. Nessa classe são os mais notaveis o *orangotango*, de Sumatra e de Borneo, o *chimpanzê*, da costa occidental da Africa, o *gorillo*, das mesmas regiões e particularmente das florestas do Gabon, e os *gibbons* que habitam o continente indico e as ilhas vizinhas.

No estado livre o orango é vivo,

dotado de uma força athletica, e conserva-se quasi sempre sobre as arvores, por entre as quaes corre e salta com extrema agilidade. Em terra elle é grave e não tem a petulancia caprichosa da maioria dos macacos. Os jovens mostram sempre grande intelligencia, muita doçura de character e notavel sentimento de sociabilidade. Elles imitam todas as acções, a que se não oppoem a sua organização: bebem no copo, comem com o garfo e a colher, servem-se do guardanapo e, como um criado, servem á mesa de seu amo. Estudando sua vida, encontraremos nella actos de uma intelligencia superior, pela combinação de ideias que fazem suppor.

Segundo a maioria dos naturalistas, é o chimpanzê o simio que, pelo todo de sua organização, mais se aproxima do homem. A construcção de sua cabeça, a superioridade intellectual do conjuncto de seus traços, a extensão de seus braços, melhor proporcionados que os dos outros simios com o talhe do seu corpo, a grandeza e a perfeição do seu pollegar, a fórma mais humana de seus pés, sua marcha quasi vertical e a natureza dos sons que, em certos casos, emite, tudo concorre para encurtar a distancia que delle nos separa. Docil e de facil domesticação nas primeiras idades, o chimpanzê torna-se feroz depois. Para atacar animaes mais fortes elle se serve de pedras e do pau. É mais sociavel que o orango.

O gorillo é de um poder muscular prodigioso, sua força iguala á do leão.

Seu ar sinistro, suas fortes mandibulas armadas de formidaveis caninos, sua ferocidade natural infundem justificado terror e têm impedido que se faça estudos serios sobre seus habitos e as manifestações de sua intelligencia. Entretanto esses animaes, insensíveis a todo tracto, incapazes de domesticação, esses typos da mais requintada ferocidade amam, protegem e se sacrificam por sua progenitura. A ternura da femea por seus filhos é tal, que é preciso ser-se dotado de uma alma incapaz de sentir qualquer emoção moral para tentar lh'os arrancar dos braços.

No ponto de vista da intelligencia e da sensibilidade, a passagem dos anthropomorphos ao homem primitivo, muito mais degradado que o bushiman, o selvagem australiano e os miseraveis fuegios, é insensivel.

Só diremos que as faculdades sensitivas e intellectuaes dos animaes sobem em uma escalla ascendente e por grãos insensíveis do zoophyto até o homem.

Cada um delles dispõe das faculdades de que precisa, segundo os meios em que vive; todos crescem e se aperfeçoam seguindo os grãos infinitos da escalla que vai ter a Deus.

M. E.

D'além-Tumulo

MEDIUM JOSINO E. DA SILVEIRA

Rio de Janeiro, 4 Setembro 1888.

A virgem das florestas vela tristemente; seu corpo flexível como a palmeira do deserto repousa sobre a penedia, taciturna, com a face pousada sobre a mão e o braço curvado, firmando-se sobre o joelho. Em que scisma? Que sonhos lhe povôam a alma? Que visões lhe passam pelo céu phantastico do pensamento?

Out'ora festiva, engrinaldada e aromatisada pelos perfumes das flores silvestres, princeza das tabas que lhe cantavam hossannas, no seio dos guerreiros adornados com o seu cocar de plumas, era como o anjo da ventura guiando as mancebos a moverem nos combates seus mortiferos tacapes. Hoje, porém, imagem pallida dos ultimos raios do sol que morre no horisonte, ella scisma como um phantasma suspenso nos ermos para assombrar os viventes.

Quem foi? Quem é? Triste recordação!

E' a virgem da liberdade, symbolo sagrado que aviventa todas as crenças, nectar benedito que embriaga todos os cerebros, licor mystico que dá forças ao cansado. Oh! santa liberdade, onde foste? Essa imagem triste, pallido reflexo do passado, ferida pela mão de Tupan, representa ali o captivo da raça proscripta e extincta; e seu valente chefe, longe da terra dos viventes, libertado da materia, vela no espaço infinito, como o navio perdido na amplidão dos mares, apenas avistado ao longe como um ponto duvidoso.

Quantas auroras lhe vêm beijar os pés, quantos raios do sol queimar-lhe a fronte e quantas geadas da noite se lhe deslisar pelo rosto macilento!

Os mares bramem sem treguas, o estrepito das vagas que se quebram nas praias, se eleva pelo espaço como um desafio á natureza, e no entanto tudo lhe é indifferente. Que lhe importam os silvos dos reptis, os uivos dos tigres e os trinos dos passaros?

Imagem tetrica, lobrigando a liberdade extincta do passado, ella viu a geração dos Tamoyos sumir-se nas trevas do tempo, quando avidos aventureiros lhes roubaram tudo, a patria e a vida. A santa liberdade estigmatizou-os e por isso as selvas se tornaram ermos. Dardeje embora o sol seus raios flammejantes, como querendo reanimar o sangue dos cadaveres dessa raça, o gelo do esquecimento amontou-se tanto sobre a sua memoria, que apenas um tibio reflexo pôde ir ferir a virgem das florestas, imagem desmaiada, reflexo pallido da raça extincta que se immergiu para sempre no antro duvidoso do Destino, que tudo devora com suas fauces medonhas.

Sempre que contemplo o céu da minha cara patria, sempre que esse passado se desenha aos meus olhos, eu comparo a liberdade ida com a dos tempos que passam, e digo:

« Onde estás, oh! liberdade? Enquanto meus irmãos te cantam hosannas, tu escondes teu rosto em um sudario e deixas que a mentira te substitua, asphyxiando tudo na voragem do soffrimento.

* * *

A santa liberdade dos tempos idos, rememorando-me a vida errante dos bosques, traz-me recordações gratas e tristes. Eu vim de longe, de muito longe, de lá onde a luz escassa do sol se perde na escuridão das trevas; de muito longe onde o meu espirito teve o primeiro berço de infancia para caminhar e progredir. Oh! recordação vaga como a sombra phantastica dos ermos do norte!

Quando penso nessa patria que, ha pouco, deixei e onde ainda me é dado viver para velar por ella, sinto estremecerem todas as fibras do meu coração em canticos festivos, como uma harmonia dulcissima tangida em celeste harpa e vibrando em todo o meu ser fluidico.

Muito tive de caminhar para chegar aqui, e quando me arrojaram ao seio destas florestas seculares, bafejadas pelas auras matutinas impregnadas dos suaves perfumes das flores silvestres, embora nessa encarnação embrutecido para esse centro, pois que eu vinha de uma raça pertencente á infancia da humanidade, fui elevado em dignidade, e pela força que me alentava, fizeram-me o robusto chefe de uma tribu livre, que supplantava no fervor dos combates seus feroses inimigos.

Mais tarde Caramurú viu seu povo desaparecer para sempre e ficou só.

Na cuniada dos montes quantas noites de luar me vêm solitario carpindo a santa liberdade, escondida no manto do desconhecido.

Essa liberdade que deve nivelar todos como irmãos, que ha de lançar para longe todos os oppressores da humanidade, formando um povo puro e digno de seu Creador, onde está?

Velai e chamai-a, para que ella venha em vosso auxilio, em auxilio dos proscriptos do Pai de amor. Chamai-a, porque vós tambem vindes de longe e todos somos irmãos.

J. DE ALENCAR.

Karma e Nirvana

Traduzimos do *Golden Gate* de 14 de Julho ultimo, o seguinte improviso do Sr. Mohini, indio assaz conhecedor e sectario das doutrinas brahmanica e budhista, no salão do Sr. Sinnet, em Londres.

«A Theosophia é a sciencia da alma, e eu emprego aqui esta ultima palavra para representar um ser individual, intelligente e, como vos vou demonstrar, capaz de uma existencia activa e independente dos laços materiaes.

Exprimo tudo o que tem consciencia de seus actos, de seus pensamentos e de seus desejos pelas palavras, alma, intelligencia ou espirito, que julgo synonymas.

A memoria, a imaginação, o juizo, a vontade não são mais que as faculdades isoladas de um só e mesmo ser; pois no meio da diversidade dos nossos pensamentos nós temos a consciencia de nossa identidade. A alma é apta para obrar independentemente do corpo, como vossos homens de sciencia o admitem, logo ella pôde existir sem o corpo. Julguei necessaria esta preparação para bem desenvolver o meu assumpto.

Tendes ouvido fallar dos milagres de Mahomet, das maravilhas de Buddha e do poder divino do Christo. Todos elles foram homens de uma vida purissima, adeptos da classe mais alta das sciencias occultas, de que vos quero fallar. As leis naturaes que governam o mundo, não mudam; a energia que procede do sol e que os Persas adoram, é o seu poder motor. Essas leis são invariaveis através dos

tempos. Nós interceptamos uma parte dessa inergia, utilisamo-nos das correntes aereas, absorvemos a electricidade que nos cerca e assimilamol-a aos nossos corpos, formando com ella a nossa atmospha individual, pela qual damos uma fórma material aos projectos concebidos por nosso espirito. Quero fallar-vos de Koot-Hoom, e faço-o com reverencia, porque elle é um dos irmãos Mahatma. E' possivel que elle aqui se ache com seu corpo astral, enquanto seu corpo material repousa no Thibet.

Para ser-se um Mahatma é necessario executar muitos e arduos trabalhos, que conduzam á sublime vida que se desenvolve além. Muitos aspirantes ou candidatos são conhecidos como *chelas*. Eu estou no segundo anno do meu noviciado. Restam-me ainda tres annos para estudar e avançar.

Talvez que antes de dez eu não possa satisfazer os desejos de minha alma. E' preciso que não se tenha feito algum e isto é difficil, difficilissimo mesmo na India, onde uma connexão intima com a natureza nos ajuda a sacrificar os prazeres sensuaes, quanto mais aqui onde os gozos da vida tentam de toda sorte homens irresolutos. No entanto o isolamento é nocivo, porque é pela actividade que alimentareis e desenvolvereis as vossas faculdades. Ninguem deve fugir a todos os desejos naturaes, é o excesso das paixões e o abuso dos instinctos degradantes que tolhem a elevação do espirito. Não será digno de lastima aquelle que deixa o corpo, como um grosseiro animal, arrastar sua bella e candida alma, o attributo que o faz semi-divino, a tão deploraveis fraquezas, como o mono que, fazendo momices, malignamente esmaga a pobre ave prisioneira? Muitos acreditam ser cousa facil a aquisição dos mysterios da fraternidade, e quando se desilludem accusam ao destino. Será justo criminar-se á primavera porque o cardo não tem folhas, condemnar-se o sol porque o morcego evita a luz do dia, censurar a nuvem porque a gota de chuva não cahe no bico do passaro? Não accuseis o destino, não tenteis modificar seu plano. Não vos afasteis dos conselhos da sabedoria; o fogo jámais se transformará em agua, o oceano em um regato, Merú em um collina, o leão em uma gazela, o veneno em doce nectar e a serpente em uma grinalda de flores.»

O REPOUSO ETERNO NO NIRVANA

O Sr. Mohini fez uma pausa, tomou um pouco d'agua, e o Sr. Sinnet entregou-lhe um pedaço de papel, que elle leu, fixando depois no auditorio seus brilhantes olhos:

«Desejam muitos dos presentes, continuou, que eu lhes falle do Karma e do Nirvana. Vou fazel-o, esforçando-me para que me compreendais, ainda que me seja difficil exprimir-me em vosso idioma.»

Fez-se ouvir um murmurio de aprovação, e Mme. Blavatsky disse com alguma impaciencia:

«E' justo; questionai-o: Elle nada dirá, se o não interrogarem perpetuamente.

O Sr. Mohini sorriu-se para ella e continuou:

«Quando deixamos este mundo, não somos aniquilados; não existe a morte; o que assim chamais é o grande despertar. Vossos corpos são simples vestidos, ou antes o corpo é o templo da alma, e quando esse templo é destruido, a alma o deixa como um material estragado e entra em um outro.

Karma quer dizer a alma em uma nova vida corporea. Somos ainda almas novas, mas, apezar disso, já tivemos outras vidas antes da presente, e sempre continuaremos nossa marcha, segundo as leis moraes e naturaes, do ponto em que tenhamos ficado. Karma significa a continuidade da raça humana, a infinita successão dos nascimentos, uma perpetua productividade de cousas moraes. O Nirvana é a terminação desses afadigosos esforços, mas não é o aniquilamento; é o mais subido bem, a praia longinqua, o porto que se encontra além deste oceano de dôres; é o objecto dos nossos supremos desejos. Elle é sobretudo a estancia da tranquillidade, é infinito e glorioso. Um dos vossos orientalistas escreveu que o budhismo segregou da fraternidade universal um terço da humanidade. Eu não peço ao povo que aceite a nossa fraternidade; compete-lhe vir a nós e não nós a elle. O Sr. Sinnet suppoz ter convencido o mundo das bellas verdades contidas em seus livros. Talvez vos convencesse, mas não a mim, que vi suas razões impugnadas e suas asserções ridicularizadas por capciosos criticos, que vivem no retiro e consideram a satira seu alimento quotidiano.

Que interesse tem a ran que vive no charco em saber noticias de outros paizes? A flor que está fóra do nosso alcarce, nós a dedicamos a Deus. Se algum de vós desejar saber mais, eu pedirei que leia os livros do Rig-Veda, a mais antiga autoridade, no que se refere á religião e instituições sociaes dos Hindús, e que foram traduzidos do Sanskrito pelo prof. Max Muller. Uma outra obra que deveis ler com interesse, é a doutrina da immortalidade da alma por Kardec.

E'-me impossivel em tão pouco tempo dizer-vos tudo o que eu desejo sobre a Theosophia e os admiraveis avanços que ella faz aos que se collocam nas condições de recebê-los; essas grandes difficuldades ainda não foram supplantadas pelos esforços de Mme. Blavatsky, o coronel Olcott e o nosso hospede, o Sr. Sinnet. Eu digo que todos nós sentimos ser isso uma verdade, e que a luz de um mais esplendido dia começa a despontar sobre o nosso mundo.»

Fizeram-lhe depois diversas perguntas, a que elle respondeu de um modo muito conforme aos ensinamentos spiriticos.

Entre essas perguntas estava a seguinte:

O que determina a natureza do sexo que tomamos em nossas encarnações?

Elle respondeu que o espirito precisa progredir em todos os sentidos, que, no sexo masculino dominando o sentimento do abstracto e no feminino o do concreto, o espirito precisa passar por ambos para que o seu progresso seja completo.

SECÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREG

(Continuação)

As duas margens do madeira estão hoje occupadas por estabelecimentos agricolas de Brasileiros, Bolivianos e Portuguezes que, apesar dos ataques continuos das febres palustres, e apesar ainda de concentrarem todo o seu trabalho na industria da extracção de alguns dos productos, que a natureza prodigamente lhes offerece ali, com abandono de centenas de outros não menos uteis, enriquecem em pouco tempo. De facto, a caça e a pesca, a mandioca, o aipim, as batatas doces, o milho, a banana, o cacáu, a baunilha, o assahy, a bacaba, etc., lhes dão sem falta alimento bom e barato; além do que, os trabalhadores braças ali empregados, em geral, indios bolivianos, são muito pouco exigentes, no que se refere a vestuario e alimentação. Suas juponas ou, antes, camisolinas são feitas de cascas de arvores, que elles põem de molho e depois batem com uns cacetinhos, até que tomem o aspecto de um panno grosso e consistente.

Dissemos que os trabalhadores dos estabelecimentos do Madeira, pelo menos, de sua parte superior, eram indios bolivianos; e ha para isso uma razão ainda inexplicavel para mim: as febres que victimam os brancos, pardos e, principalmente, negros, parecem respeitá-los.

O trabalho dos seringas é a principal industria desses esclarecedores do progresso do vale do Amazonas. A seringa (*siphonia elastica*) é uma arvore de 16 a 20 metros de altura, da familia das *euphorbias*, que abunda nos terrenos pantanosos dessa região. Seu succo leitoso, obtido por incisão no tronco, se coagula em uma massa tenaz e muito elastica, conhecida com o nome de *cautchú* ou *borracha*. É um carburto de hydrogenio, solúvel na agua fervendo, no sulfureto de carbono e oleos volateis e insolúvel no alcool.

Os trabalhadores avançam por esse terreno encharcado, com um facão dão diversos cortes horizontaes no tronco da arvore, com um barro negro e visguento prendem debaixo de cada córte uma tigelinha de lata, e passam á outra e depois á outra. No fim voltam pelo caminho seguido, recolhem todo o leite contido nas tijelinhas em uma caldeira, e levam-n'a ao fogo. Quando a materia se liquefaz toda, elles tomam um pau, mergulham a ponta no liquido, sacam-n'o e este endurece logo; vão depois fazendo successivos mergulhos, e em cada um nova camada fica adherente á primeira. Assim

formam elles essas bolas, chamadas *sernambi* ou *borracha impura*, que é exportada.

A má direcção do trabalho extractivo da borracha deixa ao trabalhador ignorante a liberdade de dar em cada arvore um numero maior de golpes do que o conveniente, e tambem de atacar as que ainda não adquiriram seu pleno desenvolvimento, donde o prompto esgotamento e morte dellas; o que pôde em muito pouco tempo occasionar a extincção dos seringas.

Felizmente uma nova mina acaba de ser descoberta nos sertões do Maranhão, grande promessa para o futuro dessa provincia, se a politica que entre nós se envolve em tudo, não lhe vier tolher os passos.

Na margem direita do rio Madeira, donde foram lançados para o interior das selvas os cruéis selvagens Parintins, esse terror dos habitantes dessas regiões; os Acara-pirangas, homens robustos, de pelle branca ligeiramente amarellada, que a 13 de Junho 1871, baquearam em seu assalto ao nosso ponto militar de Santo Antonio, e os Araras; á cerca de 15 kilometros abaixo da cachoeira de Santo Antonio, estende-se a *praia do Tamandú*, comprida praia de areia, descoberta na época das vasantes, e onde vêm desovar as tartarugas no mez de Setembro.

As tartarugas d'agua doce ou *emydias* formam um genero da ordem dos *chelonios*, e muitos naturalistas o consideram uma vasta familia contendo mais de 70 especies. Ellas estabelecem uma transição das tartarugas terrestres ás maritimas, variando em sua conformação, segundo se aproxima mais destas ou daquellas. As que têm a concha deprimida, as unhas fracas e os pés mais largos, vivem de preferencia nos rios correntosos. Suas escamas são mais lisas que as das tartarugas maritimas; seu pescoço e sua cauda são mais longos; suas narinas são collocadas na extremidade do focinho e, ás vezes, sobre pedunculos moveis. Sustentam-se de vermes, moluscos, peixes, reptis e plantas aquaticas.

De entre os seus subgeneros citaremos a *chelys*, que tem a boca fendida até aos olhos. As escamas que cobrem sua carapaça ossea, são muito delgadas e flexiveis. Ellas medem, em geral, 90 centimetros a 1 metro de comprimento; vivem constantemente na agua, mas se aproximam das praias para colherem ervas aquaticas. Cada uma dellas põe annualmente, em média, 150 ovos.

São ellas que, fugindo hoje, pela presença do homem, dos lugares que frequentavam outr'ora, vão buscar um refugio proximo ás cachoeiras do Madeira, onde os homens e as feras dão-lhes formidavel caça.

Na lua de Setembro ellas cobrem a praia do Tamandú, onde vão sepultar na areia seus ovos, cuja incubação ellas, voltando para o rio, confiam aos cuidados do calor solar e da humidade. Na lua de Novembro a praia mostra-se coberta de myriadas de ratinhas, que se precipitam para o rio, perseguidas por numerosas áves de rapina. São as tartaruginhas que despertam á vida.

É no mez de Setembro, na época da desova, que dão caça ás tartarugas. O auctor destas linhas pôde asseverar que, em uma só noite de Setembro de 1871, foram apanhadas 5.000 tartarugas.

É arriscado nessa occasião atacá-las do lado do rio, pois, pretendendo fugir por esse lado, ellas, se roçarem a perna de alguém com os extremos lateraes da carapaça, podem produzir profundos golpes. Atacam-n'as do interior para o rio. Fogem muitas, mas sempre ficam muitas prisioneiras.

Tambem vão colhel-as no seu pro-

prio elemento, empregando o arco e a flecha.

O projectil compõe-se de uma flecha delgada e empennada, em cujo extremo se encaixa uma ponta de aço farpada e aguda: nesta se prende a extremidade de um cordel, de alguns metros de comprimento, o qual se enrola na flexa e a ella se prende pelo outro extremo.

Em geral os indios do Amazonas, nessas occasiões, não fazem a pontaria directamente para o animal, apontam para o ar, e o projectil, com um acerto maravilhoso, desce a cravar-se na concha da tartaruga. Com a dor esta dá um arranco, que faz saltar a flecha, ficando presa a ponta de aço.

O animal mergulha, mas o cordel se desenrola e a flecha, boiando, indica ao caçador a marcha que elle deve seguir, para colher sua presa paxando-a pelo cordel.

A carne da *chelys*, comquanto rija, é saborosa e muito apreciada no Amazonas e Pará.

* * *

A cerca de um kilometro abaixo da extremidade da praia do Tamandú, no anno de 186., via-se uma simples casa, cujas paredes eram feitas de supupo, como lá se diz, isto é, de terra sem cal, e coberta de palha.

O proprietario não era um preguiçoso, o que se tornava logo patente pelo aspecto do terreno que lhe rodeava a habitação. Sua horta não era descuidada, e fornecia mais que o necessario para o consumo das pessoas que ali residiam. No fundo via-se grande plantação de bananeira, cujo fructo, muitas vezes, é nessas paragens considerado o pão do pobre. Ao redor da casa eram tambem cuidadosamente conservadas varias plantas medicinaes, cujo uso, na maior parte, a sciencia official ainda desconhece.

A casa compunha-se de uma sala pequena, guarnecida por alguns tamborettes e duas mezas de madeira branca sem verniz, sobre uma das quaes viam-se arrumados por ordem e rotulados muitos molhos de plantas, flores e raizes seccas; e sobre a outra um tinteiro de clumbo, dos antigos, de fórma de carretel, e uma canneta para escrever. No canto da sala jazia um caixão com instrumentos de carpinteiro, e pendente da parede um quadro com a imagem do cruzificado.

(Continúa.)

A casa malassombrada

— « » —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— « » —

(Continuação)

Passou sem fazer afago aos queridos filhos, que emmudeceram e ficaram tristes, vendo a desusada indifferença do pai.

Na porta encontrou a mulher, a cuja vista quasi desmaiou.

— Vens hoje mais cedo, meu amigo, mas vens com uma cara de quem tem dôr n'alma.

Estás doente? Dize, dize depressa, que estou tremula de susto.

— Não tenho nada, Joanninha.

— Não tens nada! E quasi não te podes ter em pé!

Porque me occultas o que tens? Se Deus é servido que estejas mal, ou que tenhas tido alguma desgraça, bem sabes que eu participo de teus bens e de teus males.

Tenho coragem bastante para que te arreces de me descobrir o mal que te persegue.

Dize, dize á tua mulher, que te ama mais que a vida, o que te causa tão profunda perturbação.

O infeliz sentou-se a um banco encostado a parede da sala, sem saber o que responder á carinhosa esposa.

Cobrinha a cara com ambas as mãos, rompu em soluços, que elle mesmo não sabia se eram causados pelo amor contrariado, ou se pelo remorso da traição e da infidelidade.

— O que é isto? meu amigo, perguntou a desolada esposa, sentando-se ao lado do marido, e tomando-lhe a cabeça, que cubrio de beijos.

Praticaste algum crime? Sofreste algum insulto? Perdeste a protecção do homem que nos tem sido o pai?

No seio de tua mulher, entre os braços de nossos filhinhos, encontrarás alivio ás tuas maguas.

Não ha desgraça para quem tem uma familia que o adora, que se sujeita á maior miseria, rindo, para lhe poupar uma lagrima, que tem coragem e resignação para tudo, menos para vel-o amargurado.

A unica desgraça irremediavel é a que vem do coração, é a que rompe os santos laços de um amor que é nossa vida e nossa felicidade.

Esta nunca te chegará, meu amigo; porque quanto mais correm os annos, tanto mais se avigora o amor de tua mulher.

E os doces penhores desse amor, os queridos filhos que Deus nos tem dado, são nossas fontes da felicidade domestica, da unica verdadeira e pura felicidade, permittida aos miseros videntes.

Esta tu a tens, como quem mais.

Porque, então, te abates deste modo?

Derrama no coração de tua mulher o fel que te envenena as fontes da vida; e verás que, repartida por dous, a desgraça torna-se mais supportavel.

— Dize-me, dize-me o que te afflige.

— Meu Deus! como sou desgraçado!

O que devia fazer minha maior ventura, é precisamente o que me causa as maiores torturas!

Joanninha. Minha desgraça augmenta com estas palavras ternas, idyllos de amor, que te inspira o melhor dos corações.

Se me recebesses irada, ou indifferente, como seria eu feliz!

— Como dizes?

Preferes minha indifferença a meus afagos, minha ira a meu amor?

Se isso não é loucura, meu amigo, é crueldade, crueldade que não merece quem te dedicou alma, vida, e coração.

Eu não te comprehendo! Explica-tel

— Pois bem. Eu me explicarei; visto que a isso me obriga minha sorte cruel.

Dize-me: quando, por dever de educar teus filhos, és obrigada a ralhá-los ou a castigar um delles, não te incommoda mais vel-o humilde e lacrimoso receber o castigo?

— Mas, tu, interrompeu a moça, creio que não tens de que me exprobares, nem de que me castigar.

— Antes tivesse, porque trocaria-mos mal por mal.

— Estou-te desconhecendo, meu amigo. Tens hoje uma linguagem que nunca te ouvi!

— É que eu tenho hoje o inferno n'alma.

— Meu Deus! O que de tão grave te aconteceu?

— Joanninha. A mulher que concentrou todas as afeições n'um homem, o que pensará, o que fará, se um dia reconhecer que este homem é um monstro indigno de seu amor?

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Club Gymnastico n. 17

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Outubro—15

N. 142

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico commecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

A REENCARNAÇÃO

A faculdade de poder e dever cada um de nós caminhar para o bem supremo por seu proprio trabalho, por seus proprios esforços, de completar em cada uma de nossas vidas a obra eucetada nas precedentes, reparando as faltas nellas commettidas, expurgando-nos das inclinações viciosas que ainda nos prendam aos mundos inferiores de provas e expiações, accumulando thesouros de sciencia e de moral, que vão nos auxiliar poderosamente em nossos progressos futuros, é que póde haver de mais bello, de mais sublime, de mais consentaneo com a bondade e a indefectivel justiça da força omnisciente e omnipotente, creadora e legisladora do universo inteiro.

Cada um se salvando pelo merito de suas obras, e não por uma graça especial, ou pelas eventualidades do nascimento, ou pela adopção deste ou daquelle dos cultos ensinados pelas diversas religiões, que entre si ainda partilham o imperio do nosso mundo, é uma das mais bellas, das mais levantadas prescripções do codigo sublime, que o Creador impoz a toda a criação.

Todos partimos do mesmo principio, essencia espiritual, simples e ignorante; todos por nossas faltas, pela postergação dos preceitos divinos, fomos arrastados a vestir um corpo de lama, mais ou menos pesado, menos ou mais impressionavel e capaz de progredir rapidamente, segundo a maior ou menor gravidade da nossa falta, da nossa rebeldia em ouvir os conselhos amigos dos encarregados de guiar-nos. E' essa teimosia no mal,

esse peccado original commettido por cada um de nós mesmos, e não por outro, por cuja queda a justiça divina nos não podia responsabilisar, que nos sujeitou ás tantas dôres e contrariedades das encarnações materiaes em mundos ainda atrazados, onde nos cumpre resgatar todos os erros, todas as culpas do nosso passado.

Todos nós, espiritos cahidos e confinados hoje nesta escura penitencia-ria, chamada Terra, attingiremos um dia á perfeição, isto é ao gráu de adiantamento moral e intellectual, que nos libertará das penas inherentes ás encarnações dos espiritos atrazados, e nos collocará nas condições desses espiritos de luz, mensageiros augustos da Divindade, que, incapazes mesmo de pensarem no mal, avançam, sempre aprendendo e ensinando, para o foco brilhante donde emana toda a sciencia, toda a justiça e toda a misericordia.

O progresso do espirito é indefinito, porque nunca elle chegará á perfeição infinita, que só pertence a Deus.

No espaço infinito e no tempo infinito o espirito progride indefinitamente.

Jesus, esse grande e puro espirito, o fundador da Terra, o guia da nossa humanidade, avança, como tudo, para Deus, o supremo limite de todas as perfeições; accumulem-se, porém, os seculos, as dezenas, centenas, milhões de seculos, a eternidade inteira, nunca elle será igual a Deus.

Todos nós chegaremos a esse estado de pureza relativa, mas a nossa marcha e o tempo que empregaremos nessa jornada, serão proporcionaes aos nossos esforços para nos levantarmos do estado de abjecção em que cahimos.

De entre as duvidas que apresentam á theoria da reencarnação, tão claramente proclamada pelo divino mestre aos seus discipulos e a Nicodemos, duas nos parecem mais merecedoras de resposta.

Dizem: A reencarnação não é uma verdade, porque nenhum de nós se lembra do que foi em suas vidas precedentes.—Quem de nós se recorda do que fez, do que sentiu no primeiro anno desta sua encação?

Será isto um motivo para negarmos que houve essa phase na nossa vida actual?

Esse esquecimento do que fomos, é de incalculavel utilidade para o nosso progresso na vida presente. O potentado, o monarcha orgulhoso de outr'ora que, para ser humilde, soffre hoje uma encarnação na mais infima classe da hierarchia social, teria forças para lutar e vencer, se conhecesse a posição que occupou em suas vidas anteriores? Demais nós viemos aqui para combater não os nomes e as posições ephemerias, que tivemos em nossas outras vidas, mas os vicios, os defeitos, as más inclinações do nosso espirito.

A segunda duvida é a seguinte: O espirito vê na erraticidade as provas, por que precisa passar para fortalecer-se no bem e reparar o mal que fez; elle escolhe o centro em que se deve encarnar, e que tem de fornecer-lhe, em parte, os elementos para a lucta que elle vai travar; determina ou consente nas provas que tem de soffrer, e que serão provocadas pelas condições do meio, em que vai viver. Neste caso, dizem os adversarios da reencarnação, elle não se poderá afastar desse caminho, e morre o livre arbitrio e cahimos no fatalismo. Não, respondemos nós, porque foi elle mesmo que livremente escolheu essas provas, e a voz da consciencia constantemente lhe lembra os compromissos que tomou. O negociante que firma um contracto social, fal-o com inteira liberdade, com plena consciencia, e durante o tempo do seu contracto fica tambem, em parte, coagido e responsavel pela infracção que lhe fizer; entretanto ninguem dirá que haja nisso fatalismo. O espirito tambem firma um contracto, colloca-se nas condições de bem cumpril-o, e se fallir, torna-se passivel das penas prescriptas no codigo universal.

Deus não força o espirito a caminhar, é este mesmo que, convencido de tal necessidade, esforça-se para satisfazel-a.

Na eternidade elle avançará segundo a sua vontade; mais ou menos rapidamente, conforme a determinação do seu livre arbitrio.

NOTICIARIO

O Capitão Belchior A. B. da Fonseca. — A 26 de Setembro ultimo deixou nesta capital o envol-

torio terreno, ferido por uma enfermidade cardiaca, o nosso distincto confrade cujo nome encima estas linhas.

Incançavel na lucta, foi elle um dos maiores divulgadores dos ensinamentos spiritas no nosso paiz; dotado de uma intuição clara, elle arrastava seus ouvintes á convicção por sua elocução fluente e raciocinios irrefutaveis.

Ha entre nós muita gente, que a elle deve a iniciação das verdades spiriticas.

De entre muitos factos que podiamos narrar, mencionaremos um acontecido com uma das nossas notabilidades medicas que, encontrando-se um dia com o capitão Belchior, provocou-o e ficou pasmo vendo-o discorrer com acerto e elevação de ideias sobre uma seria questão de physiologia.

— Em que auctor estudaste isto? perguntou-lhe.

— Em auctor nenhum, respondeu o interrogado. Não fiz mais que traduzir os pensamentos que me vinham. Fui medium.

O medico foi estudar, praticou e é tambem um medium, como Pasteur, etc...

Seu espirito deixou a Terra em busca de novas forças para continuar na tarefa aqui começada.

Que Deus o illumine e guie na erraticidade, para que com seus conselhos elle auxilie aos que ainda aqui ficaram, são os votos que fazemos.

O Sr. Dr. Henri Slade. — No nosso numero de 15 de Julho ultimo, dando conta dos resultados das experiencias do medium Dr. H. Slade nesta côrte, dissemos que as faculdades mediannimicas eram sujeitas a certas suspensões temporarias ou permanentes, e que os trabalhos do celebre medium entre nós tinham ficado muito á quem da nossa expectativa.

Satisfeitos cumprimos hoje o dever de declarar ao publico que, segundo os periodicos spiritas e não spiritas de Buenos Ayres, a suspensão das faculdades do Dr. Slade desappareceu, e suas experiencias ali foram esplendidas.

Quaes as causas do phenomeno que aqui se deu? Seria elle, seriamos nós os culpados? *Dicant Paduani.*

Aviso de morte. — Informa-nos do seguinte pessoa fidedigna: O Sr. Castro Menezes, residente em São Paulo, em dias de Setembro ultimo, sem motivo algum conhecido, sentiu-se bastante triste e para esparecer foi sentar-se sob as arvores do passeio publico. Pouco depois viu diante de si uma figura de homem, que lhe não foi possivel reconhecer e que seguiu na direcção de sua morada. Impressionado voltou elle á casa e ahí encontrou um telegramma chamando-o a esta capital, afim de ver seu irmão que se achava muito mal. Teve de esperar pelo trem de ferro, que só partia na manha seguinte, nessa noite viu em sonhos perfeitamente o corpo de seu irmão, o l.º tenente Castro Menezes, fardado e accomodado no feretro, em que ia baixa á terra.

Despertando em sobresalto, elle disse á sua senhora :

— Meu irmão morreu.

Embalde procurou ella dissuadi-lo desse triste pensamento, elle partiu e, ao chegar á casa, encontrou seu irmão morto e apresentando-lhe a mesma figura que elle vira em sonhos.

Ambos eram crentes na sobrevivencia da alma ao phenomeno da morte do corpo, e na possibilidade da communicação dos espiritos livres com os encarnados. Era natural, portanto, que o que partiu, viesse avisar ao que ficava.

Fascinação pelo olhar. —

Ninguem, por certo, tem deixado, pelo menos, de ouvir fallar na faculdade, que possuem certos animaes, de dominar a outros pelo olhar. isto é, pelo fluido magnetico que se lhes desprende pelos olhos, sob o impulso de sua vontade.

Como exemplos temos os factos já bem conhecidos da giboia e do gato sobre o rato e pequenos passaros, da cobra sobre o sapo, de certas aves de presa sobre animaes pequenos, etc. Como esses animaes o homem tambem dispõe desse poder de fascinar, já a individuos da sua especie, como diariamente vemos no nosso mundo de relações; e nem a outra causa era devido o ascendente que exerceram as Aspasias, Cleopatras, Ninons e Maintenons; já sobre os irracionais, como nos contam os viajantes sobre os domadores de serpentes e animaes ferozes.

A respeito desse phenomeno falla o Sr. J. Jesupret filho, em sua obrinha *Le Magnetisme Animal*, da qual resumimos o seguinte :

« Um inglez, chamado Bul Padsor, tendo reconhecido o effeito poderoso do seu olhar sobre todas as especies da raça canina, começou a viajar, fazendo por toda parte apostas de que conservaria sempre á respeitavel distancia de si os mais furiosos e ferozes desses animaes, apenas olhando-os fixamente. Todos se riam do que chamavam uma especulação, mas tentados pela esperanza do lucro, apostavam e perliam, conseguindo assim o domador de cães um capital soffrivel.

Sua reputação subiu aos mais altos circulos da sociedade ingleza, e um Lord muito rico assentou que devia castigar a esse charlatão. Elle convidou Padsor a ir á sua residencia e mostrou-lhe a numerosa matilha que ali existia, perguntando-lhe se elle aceitaria uma aposta de 5,000 lib. ster. contra nada para dominar pelo seu processo doze dos seus bul-dogues.

— Aceito, disse Padsor, não só com esses doze, mas com toda a vossa matilha.

O Lord pediu 8 dias de espera, e durante esse tempo fez exercitar doze formidaveis cães, que eram lançados contra bonecos que approximadamente representavam o domador.

No dia designado os convidados encheram as archibancadas construidas em um campo visinho. Chegou Padsor, cuja figura despertou o riso em todos; era um homem baixo e bastante magro, e que ninguem podia suppor possuidor de tão extraordinaria força.

Dous buldogues lançaram-se furiosos na arena, mas a dous passos d'aquelle a quem queriam despedaçar, rodaram dando uivos de raiva e de dor, sem mais poderem erguer-se. Vieram outros quatro, depois seis e afinal mais doze, e todos, ao chegarem á mesma distancia, cahiam e rolavam pelo chão.

Então o vencedor deu um assovio, e todos os cães levantaram as orelhas e conservaram-se attentos. Ao segundo assovio de Padsor seguiu-se uma scena terrivelmente medonha: como loucos, os animaes se atiraram uns contra os outros ás dentadas, e alguns ameaça-

ram mesmo aos espectadores, o que produziu entre estes o panico e uma desordem indscriptivel.

Padsor ganhou a aposta; mas a Inglaterra desde então prohibiu os espectaculos deste genero.

Este facto vem tambem relatado pelo Dr. Maurer nos *Segredos do Magnetismo*.

Manifestações sensiveis. —

Contou-nos nosso distincto amigo, o Sr. P. O. S., engenheiro assaz conhecido entre nós, os seguintes factos de manifestações de espiritos, dados quando elle viajava, em serviço do Governo, na vasta zona que separa as nossas provincias de Minas Geraes e Espirito Santo; nessa região silvestre onde lentamente vão penetrando as luzes da civilização, e onde o trabuco, a pistola e o punhal são ainda inseparaveis companheiros do sertanejo, não porque sua indole seja má, mas por um habito que herdaram de seus maiores.

Havendo pousado em uma casa pequena, cujos moradores, apenas um casal, cederam-n'a por alguns dias, indo aboletar-se fóra; ouviu o nosso informante seus tres guias, sertanejos do lugar, estarem contando que á noite, o engenho trabalhava ali perto, sem que alguém o tocasse.

Informando-se elle do que havia, os guias lhe disseram, cheios de respeitoso temor, que na casa havia *assombração*, que o engenho trabalhava por si só, vozes desconhecidas os chamavam por seus nomes, e um delles, levantando-se de noite, vira a figura de um preto de pé sobre o fogão, que desaparecera, quando elle buscava reconhecê-lo.

Um dos guias contou ainda, que nessa casa estivera alugado um preto de uma situação visinha, o qual trabalhava no engenho, mas que um dia, offendido pela patrão, desmoroneou completamente e enforcou-se em uma arvore, donde foram tirado o cadaver.

O facto era recente, e o contador acreditava ser essa a alma que ali apparecia.

O nosso amigo affirma tambem ter ouvido o ruido produzido pelo trabalho do engenho.

Nada vemos nisso que saia dos limites do possivel. E' um espirito pouco lucido que, se acreditando ainda na Terra, vem se entregar ao trabalho, á que estava habituado.

Narramos o facto apenas para mostrar, que não é só nos centros cultos que os factos de manifestações spiriticas se estão multiplicando de um modo realmente assombroso; por toda parte os espiritos estão luctando para convencer aos homens de sua existencia e communicabilidade com elles. E' a demonstração da immortalidade d'alma, necessaria para o nosso progresso.

Uma convicção. — O Sr. Candido Costa, joven estudioso, hoje crente nos principios da doutrina spirita e medium em via de desenvolvimento, contou-nos o seguinte facto, que impelli-o ao estudo das obras do Spiritismo.

Morava elle com um outro joven, e ambos riam-se de boa vontade, quando lhes fallavam em communicações de espiritos, que suppunham puras phantasias de entes alucinados.

Note-se, porém, que o seu companheiro de casa era medium vidente, mas attribuia o que via a criações de seu proprio espirito.

Um dia foi este assistir a uma sessão na Sociedade Spirita Fraternidade, e notou que elle via exactamente, o que attestavam estar vendo os outros mediums; isto impressionou-o e elle passou a ler as obras e se foi convencendo.

O Sr. Costa, informado disso, quiz uma vez fazer uma experiencia; tomou

papel e lapis, chamou o outro para auxilia-o; concentrou-se e esperou; mas sua mão conservou-se immovel; pelo que ia elle deixar a tentativa, mais descrente que antes, quando o outro lhe disse :

— Está juncto de ti uma senhora gorda, clara, de cabellos longos e ondulados, com uma grande cicatriz no rosto, e trajando roupa branca.

— Quem será? perguntou elle.

— Diz chamar-se Joaquina, ser tua tia, haver deixado a Terra pouco depois do teu nascimento, e acompanhar-te sempre.

O Sr. Costa foi ter com seus parentes, mais velhos que elle, e pedindo-lhes os signaes physionomicos dessa sua tia, achou-os rigorosamente identicos aos que lhe dera o medium.

Passou a estudar, patenteou-se-lhe a faculdade mediumnica e hoje está convencidissimo das verdades sublimes da immortalidade da alma humana, da sua convivencia com os que estão ainda ligados ao seu instrumento carnal, de sua indefinita perfectibilidade, e todas as mais contidas nos ensinamentos da nova revelação.

Factos de mediumidade intuitiva. — Para o *Phantasms of the Living*, escreveu o Rev. E. D. Banister, vigario de Whitechapel, em Preston, o seguinte em 12 de Novembro de 1883 :

« Meu pai, no dia de sua morte, tinha sahido de casa, ás 2 horas e 30 minutos, afim de fazer seu costume passeio pelo jardim e campo visinho. Sete ou oito minutos depois da sua partida, sem motivo algum apparente, veio-me o pensamento instantaneo de ir procural-o; e esse pensamento era tão forte que eu não podia attender á razão alguma em contrario.

Minha familia tinha resolvido ir fazer uma visita de caremonia, mas eu não me importava com cousa alguma. Sahimos em busca de meu pai, e fomos encontral-o morto no campo, e pela distancia comprehendemos, que a hora em que elle cahiu, era exactamente aquella em que me veio a ideia de ir ter com elle.

— Para a mesma publicação tambem escreveu Mrs. Alice Muir, a 7 de Abril de 1885 :

« Em 1849 estava ella residindo em Edinburgo, quando um dia, estando vestindo seu filhinho de 5 annos de idade para levá-lo á igreja, o menino olhou-a fixo e disse :

— Prima Janie morreu.

Embalde se lhe fizeram perguntas para conhecer como elle o sabia; o pequeno limitava-se a affirmar :

— Ella morreu.

Janie era uma menina de 16 annos de idade, muito affeição aos filhos da narradora, e que havia pouco, tinha com sua familia partido para o Cabo.

Mis Alice tomou nota da occorrença e communicou-a á sua mãe e a suas irmãs.

Chegaram noticias do Cabo confirmando o aviso da morte da menina, na noite anterior ao dia em que o pequeno a annunciara.

Avisos, demonstrações da communicabilidade dos espiritos connosco. Deixando o corpo, se está lucido e comprehende o seu novo estado, o espirito corre para juncto dos seus affeições, afim de que se não interrompam as relações que os prendiam na vida terrena.

Que prazer para elles, quando aquelles á quem se dirigem, comprehendem o que se passa e os acolhem com amor! Que dôr pungente quando as suas intuições vêm apenas aguçar os tormentos da saudade, naquelles que não creem ainda que os chamados *mortos* podem se entreter connosco! Mas a crença se propaga, e temos fé que breve será geral.

Sociedade Portugueza de Beneficencia. — A 7 do corrente celebrou com missa solemne e brilhante sessão magna o trigésimo anniversari da fundação do seu hospital nesta capital a benemerita sociedade, cujo nome encima estas linhas.

Congratulamos-nos com a sua distincta directoria pelo esplendido triumpho conseguido em favor dos que soffrem, na pratica da caridade, a mais sublime das virtudes que, segundo ensinou o Christo, eleva o homem aos olhos de Deus.

Luz e caridade. — E' o titulo de um novo centro spiritico installado nesta capital a 23 de Setembro ultimo, na casa sita á rua do Senador Pompeu n. 124.

Suas sessões terão lugar aos Domingos ás 7 horas da noite, sob a direcção dos nossos irmãos em crença os Srs Lima e Cirne e Noya Junior.

Fazemos votos pela completa realisação dos desejos desses incansaveis batalhadores do progresso.

Donativo. — Para auxillo da propaganda o nosso confrade, Sr. João Manuel de Almeida Barboza, de Campinas, enviou-nos o donativo de 50\$000.

Agradecemos.

MISCELLANEA

D'além-tumulo

Com prazer traduzimos a seguinte communicação obtida no grupo spirita Paz e Progresso, de Orizaba (Mexico) a 20 de Maio ultimo.

« Meus irmãos! — Quando eu vivia na Terra, envolto mea espirito na crosta material, como a semente sepultada no interior de seus tegumentos, não podia transpor os limites restrictos do circulo da minha instrucção, e achando-o pequeno em demasia, fazia incriveis esforços para romper os diques que sujeitavam minha imaginação, pois era o nome que eu dava a meu ser pensante, crendo-o o effeito, um producto do meu corpo e, como este, destinado ao aniquillamento. Alguma cousa, contudo, contrariava meus conceitos, mas era uma cousa tão vaga que, não me sendo possivel saber que voz era aquella que se me oppunha, acreditei-a tambem uma parte de meu cerebro e dominei-a, submettendo-a ao jugo das ideias que em mim predominavam.

Só havia em mim uma ideia fixa, a de não fazer o mal para m'o não retribuirem; visto que todas as outras ideias philosophicas sempre me offereciam um lado, pelo qual vinha a duvida destruil-as em minha mente. O magnetismo, que mais era que um effeito material pelo qual a vontade do magnetizador se impunha ao ser envolvido em seus fluidos, fazendo-o pensar do mesmo modo que elle, transformando-o em um espelho onde se vinham reflectir as imagens que elle desejava produzir?

O Spiritismo, quantas vezes quiz estudal-o? mas parecia-me demasiado ideal, e para evitar novas decepções repelli-o.

Eu, porém, desejava que a humanidade o adoptasse, porque, se ella se

convencesse da sua realisação, podia transformar as penas terrenas em uma dita celestial.

Além de tudo, eu via nesta philosophia o magnetismo exercendo um dos mais importantes papeis, e a ideia preconcebida que eu delle fazia, levou-me a crer que no Spiritismo havia uma parte ideal e uma outra positiva. Comtudo acreditei que essas aspirações, no meio de sua simplicidade, eram louváveis e eu não tinha o direito de ridicularisá-las, preferindo deixá-las de parte como nimiedades só permittidas ao sexo feminino. Ninguém, porém, se escarmenta pelo que contam os outros, e o Ser Supremo, em sua justiça e sabedoria infinitas, faz que todas as suas creaturas cheguem a Elle, percorrendo os mesmos tramites e soffrendo as mesmas penalidades, porque o premio concedido a todos é também o mesmo.

Chegou um dia em que, não podendo resistir á influencia de uma enfermidade penosa, desprenti-me de meu corpo e deixei de comunicar-me directamente com os seres que tinham sido e continuavam a me ser muito queridos.

Vi meus filhos e minha idolatrada esposa chorando a minha morte, e apesar de meus esforços, subjugados pelo pensamento de nunca mais me verem.

— Morto, eu? comecei a pensar. Como morto se eu me sinto vivo como dantes? e pelo contrario, já restabelecido do meu mal?

Esforzava-me para fazel-os comprehenderem isso, mas não me respondiam e continuavam a chorar. Oh! Era uma cousa horrivel; eu era um cego que precisava de luz, e o Ser Supremo jámais a nega a alguém; tenho disso seguras provas. Ouvi que me chamavam, corri, achei-me em um circulo de velhos amigos; quiz fallar e consegui, mas oh surpresa! Por elles soube que eu já não tinha um corpo material, que só de mim existia o ser invisivel, o ser que concebe, o espirito emfim. Expuz minhas duvidas, que por elles me foram aclaradas, e pude logo convencer-me que a vontade de meu espirito dirigia o braço de uma moça, pelo qual meu pensamento era traçado sobre o papel. Isto tirou-me do erro, e comprehendí que já era invisivel para o mundo physico, e então procurei estudar-me em minha nova vida, que se me afigurava a primeira, ainda que na existencia do meu espirito já o não era. Lembrei-me das minhas antigas ideias, quiz sauccional-as ou destruil-as pela base. Foi então, que me preoccupiei com o magnetismo, que ia ser o vehiculo conductor das minhas ideias ao mundo, em que eu vivera. Assisti a varias sessões puramente magneticas, em que não entrava pensamento algum de spiritismo, sendo muitos dos seus membros materialistas. Qual foi, porém, a minha

surpresa! Ali, no meio de seres totalmente refractarios á philosophia spirita, eu a vi confirmada e representada, ainda que interpretada erroneamente.

Vi que o magnetizador, depois de envolver o somnambulo em seu fluido, lhe impunha a sua vontade, como em uma subjugação. Que mais fazem os espiritos em relação aos mediuns?

De todo modo o ser extranho, obedeça a sentimentos moraes ou seja um reprobó, envolve o medium em seus fluidos, entra em communicação com elle e por essa subjugação transmite suas ideias ao mundo material. Eis o modo por que os espiritos se communicam com os seres corporaes; e eis como, longe de ser um desmentido á philosophia spirita, o magnetismo é um dos seus maiores motores.

A. F. CUENCA.

(Trad. do Boletim del Circulo Espiritista Paz y Progreso.)

Uma visão

O meu amigo, o Sr. J. S., residente nesta capital, é um desses homens cuja modestia passa ás raias do que se deve desculpar; estuda muito e mesmo conhece muito, para um simples curioso, as sciencias naturaes.

Ultimamente fez-me elle uma visita, e disse-me: Venho contar-te um facto importante, e quero ouvir a tua opinião, sobre a interpretação que lhe dei, tu que estás em intimas relações com os Srs. defunctos.

— Por favor, interrompi-lhe, falla baixo, pois se a *Gazeta* te ouvir, chama-me logo de corruptor dos inexperitos e provocador de hysterismos.

— Ora, tornou elle, não faças caso, o publico sensato é o juiz entre ella e vocês. Vamos ao facto: Hontem, achando-me recostado no meu sophá, perfeitamente acordado, vi desenharse-me na frente uma paisagem admiravel; era uma vista de bosque, muitas arvores de 10 a 15 metros de altura, de casca lisa e amarellada, entrecruzavam seus ramos galhos, mas não apresentavam nem uma folha, nem uma flôr, nem um fructo. O solo se estendia a perder de vista, formado de uma materia semelhante á argilla ferruginosa, sem um só ponto verde que lhe interrompesse a monotonia.

Vi encostado a uma das arvores um simio, que, assim sentado, tinha um metro de altura, todo o seu corpo, menos o rosto, era coberto de um pelo preto, longo e lustroso como o veludo. O rosto era semelhante ao do cão, de côr cinzenta e com os olhos orlados de vermelho, a cauda era longa e da côr do corpo.

Depois appareceu-me uma mulher, a figura mais horrenda que tenho visto. Tinha a cor vermelha escura dos nossos selvagens, a cara disforme de uma velha tapuia, emoldurada em comprida, amarellenta e suja cabel-

leira; trajava ou antes estava envolvida em um panno esfarrapado, cuja côr foi-me impossivel advinhar. Sumiu-se, e então apresentou-se-me uma tropa de uns 10 negros, altos e bem conformados, mas de uma côr azulada bem pronunciada.

Como vestidos traziam apenas um avental de pennas de varias cores e uma especie de diadema da mesma natureza, dominando nellas a côr vermelha.

Traziam colares e braceletes de conchas brancas e usavam de arco e flexa.

Passaram, e finalmente vi vir ainda um delles, que olhava fixo e estendia o braço esquerdo apontando para o sol, cujo disco tinha uma superficie seis vezes maior que a que vemos d'aqui.

Depois tudo desapareceu. Que me dizes? Pelo aspecto do Sol parece-me que me quizeram mostrar uma paisagem de Mercurio. Será?

— E porque não? perguntei-lhe. E' muito possivel.

— Mas eu supponha que Mercurio fosse ainda um mundo de cujo atrazo nem mesmo podiamos formar uma ideia; no entanto pelo que vi, a ser exacto, já seus habitantes têm alguma industria, e não são uns monos, como eu supponha.

— Aragô disse em uma communicação recebida em Pariz, que não podemos formar juizo do seu atrazo moral e intellectual, que os Mercurianos estão muito abaixo dos mais baixos selvagens das nossas brenhas; mas que ha, mesmo no nosso systema, humanidades ainda mais atrazadas.

— Sempre os nossos amigos, disse elle, deixam alguma cousa a desejar nas instrucções que nos dão; pelo que vi, ha ali duas raças distinctas, qual dellas a dominante? qual a que veio primeiro?

— E já sabes qual a que veio primeiro á Terra?

— E' também verdade, queria saber o que ia pela casa do visinho, antes de conhecer o que se passa na minha. Ha muita gente no mundo que procede assim.

FREQ.

D'além-Tumulo

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 188.—Medium, D. M. A. Monteiro.

Irmãos!

E' tempo de virdes ao templo da luz e da verdade com o fim de estudar, para escolherdes o caminho que deveis seguir. E' dever de todo o filho de Deus buscar a verdade, afim de ver se deve crer ou descrever; para isso foram dados ao homem a intelligencia e o livre arbitrio; não podeis julgar sem ver e sem ouvir. Estudai, investigai, buscai comprehender os conselhos da vossa consciencia, que nunca vos enganará. O Spiritismo não quer crentes cegos e fanaticos, mas sim homens que de boa fé venham pedir-lhe o conhecimento das verdades eternas, que sempre, cheios do mais puro amor, damos áquelles que nol-o pedem.

Lembraí-vos das palavras do divino mestre: Pedi e dar-se-vos-ha, batei e abrir-se-vos-ha: é o que vos cumpre fazer. E' passado o tempo da fé cega, imposta e sem raciocínio: o Pai quer que seus filhos vão a elle espontaneamente e convencidos da verdade e do amor que lhe devem, e não como hypocritas que procuram aparentar a perfeição dos que, cheios de fé, amam ao seu Creador.

Não, meus amigos, mil vezes não; amai a Deus, mas indagai porque o deveis amar, para que os vossos pensamentos sejam sinceros e possam elevar-se a elle.

Perdoai a minha linguagem um tanto rude e mesmo, talvez, pesada, tende, porém, em vista o fundo de minhas palavras, e comprehendereis que sou um vosso amigo, que quer a vossa felicidade na vida real, unica que se póde dizer completa.

Um amigo.

Medium F.—Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1888.

Meus amigos!

Aqui estou. Luctei, era a missão que eu tinha pedido; luctei muito ao vosso lado, até que meu corpo cahiu extenuado; não pude resistir mais.

Tende confiança em Deus; apesar de lentamente, a propaganda se ha de fazer.

Para aquella que foi na vida a minha cara companheira, para a minha idolatrada filhinha, para os meus parentes, amigos e companheiros de fadigas, eu peço a benção do Pai celeste, para que se conservem firmes na nossa santa crença, que ha de um dia dar ao mundo a paz e a felicidade real e sem macula.

Em outra occasião eu direi mais. Pedi por mim, pedi por todos os que soffrem, e todos ficaremos presos em doces e indissolueis laços. Adeus.

BELCHIOR.

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

No quarto immediato achava-se uma cama de madeira com colchão e travesseiro, e o indispensavel mosquitoieiro de cassa para evitar as ferroadas e importunações desses endiabrados dipteros, ali chamados *mosquitos* ou *maruis*, que abundam nesses sitios. Uma espingarda de dous canos, pulverinhos e linhas de pescar completavam-lhe a mobilia.

O terceiro quarto era a cozinha, cujo fogão consistia em tres pedras no meio da sala, sobre as quaes se assentava um caldeirão de ferro.

A sala da frente tinha uma porta para o lado do rio, e uma janella em cada uma das paredes lateraes.

Nessa casa morava um homem maior de 60 annos, magro e de aspecto doentio. Era bastante moreno, tinha os cabellos já muito grisalhos e curtos, e usava a barba raspada toda. Seus olhos eram grandes e negros, um tanto amortecidos e nelles translucia a bondade e a singeleza de uma alma san. Vestia sempre roupas de fazenda escura e grossa e chapéu do Chile.

Em sua presença davam-lhe o nome de João; mas fóra conheciam-n'o antes com o de *Solitario do Alto Madeira*, e os supersticiosos ainda chamavam-n'o o *feiticeiro da praia do Tamanduá*.

Qual a sua familia? Qual a sua provincia? Ninguém o sabia, pois elle nunca revellou-o a alguém. Apenas se conhecia o tempo do seu estabelecimento ali, sem nada constar sobre a sua procedencia.

Em outra palhoça meior e mais retirada da praia morava um indio velho boliviano, que o solitario recebera por caridade. Este respondia pelo nome de José e era um desses entes quietos e inoffensivos, como todos os dessa raça, por quem nunca viria mal ao mundo.

Elle pescava, caçava e ajudava ao seu protector no preparo da sua alimentação.

Em geral, as pessoas pouco instruidas e imbuidas dos principios que os missionarios romanos cavilosamente derramaram no seio dos indigenas da America do Sul, sentiam um terror supersticioso ao avistarem a vivenda do solitario, mas nem por isso deixavam de cortejar-o e recorrer a elle no caso de necessidade, encontrando sempre de sua parte afavel acolhimento, conselhos uteis e, mesmo, auxilio pecuniario ou em generos, na medida de suas posses reduzidas; porque, convem que se saiba, o solitario, como todos os moradores do Madeira, tirava alguns recursos da extracção da borracha e colheita da salsaparilha e ipecaconha, que vendia a negociantes do Pará.

Não é facto para admirar-se, pois temos visto muitos que publicamente combatem o spiritismo, mandarem por terceiros consultar a mediuns spiritas em casos de enfermidades.

Era principalmente como curandeiro que buscavam o solitario, que se tornara bastante conhecido em longa extensão do curso do Madeira.

Essa crença era diariamente fortalecida pelos resultados obtidos. A gente simples, guiada pelo seu bom senso natural, julga pelos factos que observa, sem procurar-lhe explicar as causas, muito mais quando estas se escondem ás suas vistas nas sombras da metaphysica. Assim, muitos que chamavam-n'o de maniaco e feiticeiro, nas occasiões recorriam a elle e ficavam satisfeitos.

Nunca conseguiram fazel-o receber uma paga pecuniaria por esses servicos.

Com o fim de os não molestar elle não devolia os presentes em generos ou fazendas que lhe faziam os abonados, mas caprichava em não tocar nelles, e os distribuia pelos necessitados.

Todos sabiam disso, e quando lhe enviavam um presente, era com a competente declaração—para os seus pobres.

Dos poucos abonados, porém, era inutil tentar, elle nada recebia.

Esse homem tinha algum cultivo intellectual, mas sentia embaraços em exprimir-se, quando se tratava de factos triviaes da vida; e só se tornava eloquente e verboso, quando era preciso aconselhar seu semelhante em apuros e arriscado a precipitar-se no erro.

Seus argumentos, sempre apropriados á intelligencia do consultante, fallavam lhe á alma, iam-lhe direito ao coração.

Era elle em extremo religioso, não dessa religião de formulas vans, de apparencias, muitas vezes, hypocritas, mas da religião da moral pratica que arrasta e convence pelo exemplo.

Uma tarde sentiu-se elle bastante incommodado; assaltava-o um presentimento de desgraça proxima, que lhe não era possivel bem definir. Vinha-lhe á mente a ideia de estar um seu amigo, ainda joven, arrastado ao suicidio por desgostos, que suppunha insuperaveis; e ao mesmo tempo um

desejo invencivel de dirigir-se á praia do Tamanduá.

O hypnotismo e o spiritismo comecam apenas a desvendar esses segredos da alma humana. Nada se acha isolado na creação; o magnetismo é um laço potente, que prende os seres todos uns aos outros e, atravez dos espaços incommensuraveis, liga a creação inteira em um só todo, e de degrau em degrau, vai unil-a ao soberano regedor dos mundos.

Que de vezes, quando pensamos firmemente em uma pessoa, ficamos pasmosos ao saber que, ao mesmo tempo, ella tambem pensava em nós, embora buscasse distrahir-se! Pelo magnetismo estabelece-se assim uma communicação inconsciente entre dous entes, ás vezes, separados por grande distancia.

Já vejo o protesto que vão levantar contra essa ideia, os que receiam os perigos, que della podem advir á ordem social; mas cumpre não esquecermos que o homem não vive na terra abandonado a si só, que seus guias, seus protectores espirituales podem desviar seus maus pensamentos, do alvo á que se dirigiam ou destrahir-lhes o effeito despertando neste outros pensamentos.

Ha disso uma prova que o leitor com facilidade conseguirá: ore, peça com fervor por aquelle que o odeia, e notará que esse sentimento mau irá desapparecendo até extinguir-se.

Obedecendo a essa voz intima que o impellia, o solitario resolveu-se a sahir, tomou seu chapéu e sua bengala e partiu.

O sol já se sumira além das mattas, a noite ia comecar. Era essa hora solemne em que a contemplação da natureza infunde em nossa alma um sentimento de melancolia mystica, tão grato aos corações dos poetas; em que as flores derramam no ambiente suas mais doces fragrancias, e mil ruidos, até então despercebidos, formam um concerto harmonioso, que se eleva aos ares, saudando á magestade da noite que comeca.

A luz, o calor, o som e o cheiro não são mais que vibrações do fluido ethereo, cada vez menos amplas, cada vez menos rapidas. As vibrações mais fortes tolhem e impossibilitam a completa manifestação das mais fracas; é por isso que na ausencia do sol os sons e os aromas se tornam mais distinctos.

Era a hora em que os ecos das magestosas florestas do Amazonas despertam, enchendo os ares com os sons variadissimos dos gritos, cantos, gemidos e uivos das aves que se recolhiam aos seus ninhos, dos quadrupedes que deixam suas tocas para, protegidos pela sombra, irem á caça de sua subsistencia. Pouco depoisahi se restabelece o silencio, até que desponte o novo dia, saudado pelos alados cantores que partem em bandos alegres em busca do alimento quotidiano.

Agitado e triste, o velho chegou á praia; estava deserta; pareceu-lhe, porém, que ao vel-o chegar, um homem se havia occultado no matto. Elle apressou os passos resolutos e certificou-se, pelas pegadas na areia, que não se tinha enganado. Chegando ao lugar, elle viu encostado a uma arvore um joven, que a pouca claridade não lhe impedia de reconhecer.

— Que faz aqui escondido, Sr. Alvear? perguntou-lhe com carinho. Porque fugir á presença do seu velho João?

— Nada, respondeu o interpellado com uma perturbação que fez estremecer o ultimo vindo; estava triste e vim espaiar aqui.

— Não, não me occulte cousa alguma. Desculpe-me, mas a sua intenção não é boa.

— Como? Desconfia de mim?

— Meu amigo, é ainda muito moço, pouco conhece o mundo. O senhor veio aqui com o fim de pôr um termo á sua vida.

— Quem lhe disse? perguntou o joven desnorreado por ver-se descoberto.

— Faça-me um favor; adie por algumas horas seu criminoso projecto, venha á minha choupana; e, ali abrigados da friagem da noite, conversaremos em liberdade.

(Continúa.)

A casa malassombrada

— «:» —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO
DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «:» —

(Continuação)

— Porque me perguntas isto, que não pôde se entender contigo!

— Responde-me, responde-me.

— Se a mulher que figuraste amasse de veras esse homem, levaria o heroismo até o ponto de continuar a amar o monstro, que julgou ser um anjo.

— Mesmo, quando soubesse, que elle não a ama, que ama a outra?

A moça ergueu-se, como por uma mola.

— Tu não és esse homem! Eu o juro!

— E se fosse?

— Se fosse eu choraria toda a vida a maior desgraça que me poderia vir na terra; porque sabe, meu amigo que teu amor é a unica luz de minha alma.

— Chora, então, a maior desgraça que te podia vir na terra: mas chora tambem pelo homem mais desgraçado do mundo; porque um amor infernal te roubou meu coração; que foi todo teu, e me atirou no abysmo de todas as desgraças.

Joanninha. Eu amei a neta do coronel; e meu crime foi descoberto pelo bom velho, que acaba de intimar-me para fugir daqui immediatamente, sob pena de mandar-me tirar a vida.

Teu marido é um monstro, que te illudiu, que desgraçou uma innocente, que lançou a morte na alma de seu bemfeitor, que se entregou corpo e alma ao demonio.

— Meu Deus! bradou a moça e cahiu no chão.

* * *

O velho coronel passeava de um para outro lado da sala, com as mãos cruzadas por detraz das costas; o que era indicio certo de graves apprehensões.

— Venha a morte... hia elle dizendo, quando eu penetrei na sala.

— O que me quer? meu avô, e por que está tão afflicto, que pareceu-me ouvir-lhe pedir a morte?

— E' verdade, meu filho, pedi e peço-a, como o unico possivel remedio para os males que me affligem.

— Meu avô perdoe; mas eu lembro-lhe que o Sr. é christão, e que um christão não pôde pedir a morte.

— Não sei porque!

O faminto pôde pedir pão.

O sequioso pôde pedir agua.

Pôde-se pedir satisfação ás necessidades do corpo.

E', entretanto, um peccado pedir satisfação á maior necessidade da alma, livrar-se da mais angustiada agonia pela morte!

— E' isso mesmo, senhor. Se a vida foi-nos dada para transformarmos em puro ouro o barro de que fomos feitos, e se o meio de conseguirmos a mystica transformação é o soffrimento, são as dores da alma; comprehendese que pedir a morte é desertar do campo da batalha.

— Mas, meu filho, quem tem 80 annos de soffrimento e dores, já deve ter direito á reforma.

— Não ha direitos, quando imporem superiores deveres, e o maior dever do homem é cumprir sua missão, a missão que lhe foi dada pelo Pai celestial, e quando essa missão está satisfeita, ou quando a medida está cheia, é que pôde ser dada a reforma.

Deus que o tem conservado até os 80 annos, é que o tem destinado, talvez, ás mais duras provas, ás provas decisivas de sua inquebrantabilidade.

O que cumpre, meu avô, é não perder no ultimo instante, a preciosa riqueza accumulada com o suor de tantos annos.

O que cumpre é resistir heroicamente a qualquer golpe, com que o Senhor seja servido proval-o, louvando e engrandecendo a mão que o fere.

— Rapaz. Onde aprendeste tão alta sabedoria, que se pôde chamar — a medicina das almas desgraçadas?

— Aprendi com o senhor, com suas lições e com seus exemplos.

Como vê, meu amigo, eu fui narcotizando as dores do velho, antes de me as elle revelar, para mais valerem minhas palavras.

— Tens razão no que dizes, e eu que, por graça de Deus, tenho-te dado até hoje lições e exemplos de salvação, não posso, nos ultimos dias, destruir a obra de tão longa vida.

Tens razão, Joaquim. Tens toda a razão.

Entretanto esta prova por que estou passando pede mais do que valem minhas fracas forças.

— O que tem, então, o senhor que tanto o afflige e o faz tão desanimado, como nunca o vi?

— Foi para te contar, para te abrir meu coração magoado, que te mandei chamar.

— Pois aqui estou para ouvir-o, e, se me julgar digno, para repartir suas angustias.

— Angustias crueis, meu filho; tão crueis como nunca soffri, e que me fizeram pedir a morte.

— Felizmente, vosmecê encontra forças em sua alma para resistir a esta tentação, para receber resignado a dura provação!

— Felizmente tu me lembraste o meu maior dever.

— Já vê que o que planta sempre colhe, e que é gloria para elle a melhor colheita.

— Sim; mas essa gloria elle só a experimenta quando o terreno em que planta não é esteril.

Agradecei-lhe a fineza, mas redargui dizendo:

— Do amanho do terreno é que depende a boa espiga.

O velho ficou silencioso por longo tempo, embebido em profunda meditação.

— O que farias, me perguntou, rompendo bruscamente o longo silencio; o que farias, se apanhasses tua prima Margarida em flagrante de amores com um homem casado?

Um nó na garganta tolheu-me a voz.

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Regente n. 19, 2º andar.

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Novembro—1

N. 143

EXPEDIENTE

A Federação Spirita Brasileira mudou a sua residencia para a casa da rua do Regente n. 19, 2º andar, para onde deve ser dirigida a sua correspondencia.

São agentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

O SPIRITISMO

Sob o influxo poderoso de uma inspiração divina, o sublime cantor dos martyres do trabalho, o gigante propheta do seculo dezoito, previu que a livre America seria o berço da novissima civilização.

Foi, com effeito, do seio desse povo, que por sua constancia, arrojo de empreendimento, inimitavel espirito de economia e grandeza de vistas, tem se constituido o modelo vivo e o assombro da presente geração, que surgiu a nova luz, pharol de incomparavel brilho que deve guiar a humanidade terrena no novo marco de jornada, que ella tem de percorrer na senda do progresso indefinito.

Foi desse solo já tão famoso nos annaes da nossa humanidade, onde uma natureza imponente disputa sem cessar ao genio do homem a palma da victoria na lucta das mais estupendas criações, que, ha cerca de 50 annos, elevou-se aos olhos do mundo attonito um espirito de luz, adornado com toda a magestade, com todos os sublimes attributos da grandiosa manifestação do Tabor.

Eil-o que, tendo na esquerda os Santos Evangelhos e na mão direita uma palma de oliveira, se apresenta ante o congresso universal!

Quem sois? perguntam todos, fascinados pelo esplendor celeste da aureola que lhe circumda a fronte.

« Quem sou? A vós, oh sabios da Terra! en direi: Venho trazer-vos o fio de Ariadne para conduzir-vos no intrincado labyrintho de vossas lucubrações, fornecer-vos o elo que deve

prender vossas conquistas á fonte das verdades eternas; eu sou a luz, a verdade e a vida.

Direi a vós, oh pobres segundo a carne, que succumbis aos golpes dos soffrimentos! Eu venho trazer-vos o balsamo santo ás penas que vos affligem, o consolo ás vossas profundas magnas; eu sou a esperanza e a fé.

A vós, oh grandes do mundo, soberbos potentados que cerraes os ouvidos aos lamentos de vossos irmãos padecentes, e desviaes as vistas de seus esfarrapados andrajos! Eu venho abrir-vos os olhos que, sob as incitações do orgulho, afastastes dos céus para só fital-os nos ephemeros brilhos das grandezas mundanas; eu sou a caridade e o amor.

Aos que estão investidos das arduas funcções de juizes e legisladores dos povos, respondo. Eu venho, alargando os horisontes de vossas vistas além dos acanhados limites da vida terrena, offerecer-vos um modelo santo para a confecção do novo codigo, que deve guiar vossos julgamentos no futuro; eu sou a justiça e a misericordia.

A vós, sectarios de todas as seitas sahidas do christianismo! cumpre-me dizer:

Eu venho apresentar-vos a verdadeira interpretação dos sublimes ensinios do martyr do Golgotha, demonstrar-vos que é tempo de buscardes o espirito que vivifica, deixando a letra que já produziu seus fructos no passado, e hoje só dá a morte; eu sou o consolador promettido pelo Christo para vos vir ensinar toda a verdade.

Finalmente a todos vós, homens, adeptos de todas as crenças que ainda partilham o imperio do mundo, direi: Eu venho restabelecer a paz e a fraternidade universal, mostrar-vos que sois todos irmãos, filhos do mesmo Deus, unico e indivisivel; eu sou a tolerancia e a fraternidade, a porta da vida eterna, o complemento e a explicação do christianismo, o pão de vida que o mestre vos envia; eu sou o Spiritismo.

Chegaram os tempos predictos, e hoje que estaes preparados para receber-me, eu venho em nome do Eterno, enviado pelo vosso protector e guia, trazer-vos a paz, o conforto e a luz. Segui-me, erguei vossos olhos aos céus, estudaí os factos que se estão dando no vosso planeta, e conhecereis

que são os mesmos que foram annunciados ha 18 seculos, como os precursores da grande transformação, por que têm de passar o vosso planeta e a sua humanidade. »

Homens, ouvi a voz dos mensageiros divinos, que por todos os recantos do mundo vos estão convidando para a grande obra da nossa regeneração; vigiai attentos sobre os vossos pensamentos e sentimentos; purificai-vos affim de merecerdes a dita de tomar assento no banquete celestial, que Jesus prepara para os homens de boa vontade.

NÃO MATARÁS

Ha cerca de 2 mezes deu-se nesta capital um acontecimento serio, que por muitos dias occupou a attenção publica, visto o empenho do jornalismo em trazer-a ao corrente de todas as circumstancias que o promoveram e accentuaram. Foi publicamente assassinado um homem na mais frequentada rua desta capital, por haver lançado a deshonra no seio de uma familia e ainda provocar continuamente áquelle, sobre quem atirára tão grave affronta.

O jornalismo lançou aos quatro ventos as narrações mais commovedoras e capazes de impressionar profundamente os cerebros mais endurecidos, e o poder supremo veiu ainda augmentar a excitação ordenando uma prorogação, affim de ser o facto julgado naquella mesma sessão do jury. São cousas dignas da época anormal em que vivemos, quando a paixão domina soberana, a lei é letra morta, e a justiça uma palavra van, que só serve para embellezar discursos.

Sem a precisa calma os juizes se reuniram e resolveram a questão, ao som de uma trovoadade de palmas, acompanhamento hoje obrigado de todos os actos do poder publico entre nós.

Mas, deixemos tudo isso e fallemos do que mais impressionou-nos em todo esse pleito. Acostumados a respeitar ao meritissimo organ da justiça publica por suas brilhantes manifestações na tribuna jurydica, ficámos surpresos vendo, pelos extractos que lenos nos jornaes, que, sem duvida, n'um rapto de enthusiasmo, sua snra.

proclamou o perigosissimo principio de ser licito ao marido ultrajado em sua honra matar á mulher adultera surprehendida em flagrante. Nós cremos que tal crime poderá ser excusado sómente quando provar-se, que o assassinato foi praticado por um homem allucinado pela dor, fóra do caso de raciocinar com calma; mas ensinar-se da tribuna do jury que a lei permite essa desaffronta, parece-nos propagar-se um erro de funestissimas consequencias.

A ninguem é licito matar a outrem; e se considerarmos na deficiente educação que entre nós recebe a mulher, nos perniciosos exemplos que ella tem sempre deante dos olhos, visto que ninguem poderá impedil-a de observar a corrupção medonha que invade tudo, devia-se antes procurar desculpar-lhe as leviandades e afastal-a das bordas do precipicio, que ameaça tragal-a.

Como o homem, a mulher é um ente fraco e, pelas condições em que vive, mais que elle sujeita a ser illudida; porque punil-a com tanta severidade, quando áquelle se permite tudo e até que elle se glorie, na roda de seus pares, de actos que deviam fazel-o corar e esconder-se das vistas do mundo?

Quando a mulher, succumbindo ao imperio da paixão, se degradar da posição que lhe cumpre occupar, não condemneis simplesmente a ella, mas envolvi na mesma sentença aquelles que não souberam educal-a, e aquelles que por sua conducta desregrada impellem-n'a á vingança, sob os impulsos do ciume.

E o que diremos daquelles que com seus escriptos, e seus discursos maliciosos buscam animar a juventude a proseguir na trilha do vicio, incitando-lhe a vaidade e impellindo-a ao goso material, sem respeito a cousa alguma?

Não os isenteis da vossa censura, pois elles são os microbios geradores da corrupção, dessa peste mortifera que nos ameaça de formidavel destruição.

Quando virdes uma dessas infelizes victimas da reprobção social, porque não souberam amparal-a e guial-a, lembrai-vos do que disse Jesus:

« Aquelle de entre vós que for limpo de culpas, atire-lhe a primeira pedra. »

NOTICIÁRIO

D. Feliciano R. Dias.—A 18 do mez ultimo terminou a serie de provas desta sua encarnação, e partiu em busca de luz e conforto no mundo da verdade, nossa distincta irman em crenças, cujo nome encima estas linhas.

Medium somnambulico e vidente assaz desenvolvido, foi um dos poderosos elementos de propaganda spirita nesta capital.

Sua coragem, sua resignação no soffrimento, sua crença firme na bondade, justiça e misericórdia do Pai celestial, nunca desmentidas até o momento do seu desprendimento, são uma prova da grandeza e sublimidade dos ensinoss dessa doutrina, que nos dão a inabalavel convicção da sobrevivencia do nosso eu & decomposição do corpo, seu instrumento de provações terrenas.

Hoje, livre das cadeias da materia, seu espirito foi encontrar os amigos, que o precederam na partida.

Que Deus o illumine para que elle continue no trabalho de propaganda, tão brilhantemente aqui encetado, são os nossos humildes e ardentes votos.

Esckriptura directa.—A *Albarrada*, de Cuba, de 15 de Março ultimo, falla dos notaveis factos de esckriptura directa em ardosias, obtidos com o concurso do medium, Dr. V. S. Stansbury, de São Francisco (California).

Diante de uma assembléa de mais de 200 pessoas se fizeram as experiencias, que deixaram a todos maravilhados.

O Dr. Stansbury colloca um pedacinho de lapis entre duas lousas, amarra-as, e manda que um dos presentes as segure de um lado, fazendo elle o mesmo do outro. Pouco depois sentese o ranger do lapis entre as lousas, e quando se as separa, se as encontra cobertas de esckripturas e mensagens, em cuja producção o medium, de fórma nenhuma, ponde influir.

Uma vez elle collocou as lousas amarradas pependentes de um prego, fixo na parede e ás vistas de todos; ahi mesmo o facto reproduziu-se.

O Sr. M. S. Moore, de Portland, um dos presentes a essa sessão, escreveu sobre ella uma noticia circumstanciada para o *Banner of Light*.

Um caso importante.—A sociedade americana de Estudos Psychicos está investigando um facto curioso acontecido na cidade de Oil com o chefe do deposito publico, Sr. George Fry; caso de que tambem se occupa já em sua obra sobre phenomenos psychicos o Rev. M. D. Gage, de Alpha, em Illinois.

O Sr. G. Fry é um homem de 38 annos de idade e reside ha 20 annos em Oil, onde goza a reputação de homem honesto e verdadeiro.

A 4 de Dezembro ultimo, estando elle escrevendo em seu esckriptorio, notou que seu relógio de parede tinha parado ás 8 horas e 45 minutos. Ergueu-se para dar-lhe corda, por acreditar, que o accidente se dera por se haverem esquecido de fazel-o.

Mas apenas se approximava, ouviu partir do interior do relógio uma voz forte e muito semelhante á de seu irmão Gedeão Fry, dizendo-lhe:

— Parto, vou-me embora.

Elle communicou o occorrido á sua familia, mas ninguém atinou logo com o que podia ser, pois Gedeão gozava de robusta saúde.

No dia immediato um telegramma de Big Rapids annunciou-lhe a morte desse seu irmão, e por uma carta vinda depois se soube, que o passamento se dera exactamente na hora em que parára o relógio do esckriptorio,

e que ás ultimas palavras de Gedeão foram estas:

— Parto, vou-me embora.

Narrando o facto, o Sr. George Fry accrescenta que nunca estudou o Spiritismo, nunca fez experiencias, e que o relógio do seu esckriptorio era propriedade de seu fallecido irmão.

Nada vemos de extraordinario no facto; ahi temos o phenomeno da voz directa, ou, ainda mais commum, da audição mediámnica do Sr. George Fry, e da parada do relógio por uma acção magnetica espirital, a mesma de que se servem os invisiveis para produzirem os effeitos physicos.

Não podemos, porém, deixar de aplaudir a resolução da sociedade sabia norte-americana que, rompendo com os preconceitos fatuos dos scien-tistas da moda, não trepida de apresentar-se ao mundo com a intrepidez que deve sempre adornar aos que estudam a verdade, onde quer que ella pareça estar.

O Sr. Richard Hodgson, membro da Sociedade de Estudos Psychologicos, foi o incumbido de apresentar um relatório minucioso sobre o facto.

Buscarão os nossos imital-os? Duvidamos, pois elles já sabem muito sobre esses phenomenos, sem precisarem fazer estudos especiaes.

Guerra aos mediums.—É este o grito que se levanta do campo dos intransigentes defensores do quietismo, ameaçado de todos os lados pelo formidavel emboate das ideias novas que, no tempo por Deus prescripto, vêm produzir benefica transformação no seio da nossa humanidade.

É principalmente contra os mediums que se ergue a grita descompassada dos transviados, que, imprudentes e loucos, tentam com uma peneira encobrir a luz do sol.

O correspondente da *Revue Spirite*, de Pariz, nos Estados Unidos communicou-lhe em Abril ultimo os seguintes factos, que resumimos:

Mrs. Fay é um notavel medium de transfiguração e materialisação. Ultimamente, em Boston, deu ella uma sessão bastante concorrida, onde se tratava da producção dessas duas ordeus de phenomenos.

Quem tem lido alguma cousa sobre a phenomenalidade spirital, sabe que na transfiguração as feições do medium se modificam totalmente, de modo a fazel-o apresentar o typo de outra pessoa, que ordinariamente é o que teve na Terra, o espirito que se manifesta. Na materialisação o espirito apparece com um corpo diverso do do medium, podendo-se ao mesmo tempo ver os dous corpos.

Mrs. Fay tinha prevenido que se iam dar os dous phenomenos; mas cinco dos assistentes, de antemão combinados, e que não comprehendiam a distincção, apenas se produziu a transfiguração, lançaram-se sobre o medium, bradando que estava descoberta a fraude.

O choque soffrido pelo medium foi violento, e teria podido ser-lhe fatal.

Mrs. Fay processou esses pobres diabos, e é quasi certa a sua condemnação.

O segundo facto deu-se ainda em Boston. As irmans Berry são ali muito conhecidas como mediums de materialisação. Em uma de suas sessões ultimas foi grande a concorrencia de pessoas interessadas no estudo dessas manifestações; entre ellas, porém, estavam alguns individuos mal intencionados e desejosos de conquistarem fama com pouco trabalho.

Recollido o medium, apresenta-se na sala uma figura de espirito materializado, e logo elles saltam de suas cadeiras, e seguram o visitante que elles suppunham ser um dos mediums; mas a figura foi aos poucos se dissolvendo em suas mãos até desaparecer.

Tontos, sem crer no que viam, quiseram fugir; e fizeram-no mais precipitadamente do que desejavam, porque alguns dos outros assistentes, incommodados por terem sido perturbados em seus estudos, lançaram mão de suas bengalas, e provaram-lhes que dellas bem sabiam se servir.

O terceiro facto aconteceu em New-York. Tem-se ahi tornado celebre o medium, Mrs. Diss D-bar, que dizem ser filha da famosa Lola Montès, pelas faculdades vidente e desenhista. Ella vê os espiritos e desenha-lhes os retratos a oleo rapidamente sobre cartões ou telas trazidas pelos visitantes.

O Sr. Marsh, rico e notavel advogado, já tendo por esse meio obtido mais de cem retratos, apresenta-se defendendo o medium com toda a força, nascida de uma convicção profunda, contra os ataques violentos e incessantes dos jornalistas, que não poupam o individuo que veio assim prejudicar aos artistas.

Nós congratulamo-nos com os nossos irmãos da America do Norte por esse vigoroso impulso, que os nossos adversarios, sempre os mesmos em toda parte, assim vieram dar á propaganda spirita.

Da perseguição nascerá o estudo, e deste ha de surgir a verdade.

Phenomeno de videncia.—*Le Temps*, jornal de Pariz, infenso ao Spiritismo, publicou o seguinte facto acontecido com um distincto medico de Londres:

Em pleno dia, achando-se elle assentado em uma poltrona, em seu gabinete de estudo, lendo um artigo do duque de Argyll sobre a philosophia de H. Spencer, sentiu-se dominado por um torpór estranho e adormeceu.

De repente foi despertado pelo toque da campainha, e olhando viu diante de si a figura de um homem desconhecido, de acentuado typo judeu. Trazia o mysterioso visitante uma japonsa escura e chapéu alto e pontea-gudo.

O doutor estava completamente acordado, nada sentia de extraordinario, mas só mentalmente se ponde dirigir ao intruso, perguntando-lhe quem era e o que desejava. O homem, porém, só lhe respondeu com um sorriso; depois do que seu corpo se foi rarefazendo, a ponto de, através delle, o doutor poder ver a estante que estava juncta á parede fronteira; e finalmente sumiu-se totalmente.

Confessa o doutor que nunca havia visto tal homem, nem na vida de relações terrenas, nem em sonhos, nem mesmo descripto em alguma obra; que estava então no perfeito uso de suas faculdades, e que essa imagem ficou-lhe gravada na mente, sem relação com algum facto de sua vida.

O doutor não é spirita.
(Resumido da *Revue Spirite* de Pariz, de Junho de 1888.)

Um sonho prophético.—O *Religio Philosophical Journal*, de Chicago, de 12 de Maio ultimo, publicou o seguinte:

Em uma manhã da semana finda, o Sr. Beverly Williams, habitante do Mexico, disse á sua mãe:

— Mãe, dentro de uma semana estarei morto, ou foi uma mentira o meu sonho da noite passada.

Era uma prophécia; seu corpo jazia no prazo estipulado no cemiterio de sua cidade. O Sr. Williams contava 56 annos de idade e nunca fora supersticioso; mas esse sonho o impressionára muito:

— Sonhei que me sepultavam, disse elle, que uma luz intensa me envolvia, no meio da qual se destacava uma pequena ave, que parou juncto ao meu rosto e convidou-me a segui-la. Enquanto eu hesitava, senti-me transportado para o espaço.

Elle esteve com saúde até o dia em que uma congestão cerebral fulminou-o.

Novo grupo spirita.—No dia 1º de Outubro ultimo fundou-se nesta capital um novo centro de propaganda, com a denominação de S. Joaquim, na casa da rua da America n. 3, 2º andar, sob a presidencia do nosso irmão Noya Junior.

Fazemos votos pela consecução do seu desideratum.

Recebemos.—Do nosso amigo o Sr. Felisberto Augusto Martins a obra *O Papa Leão XIII e o breve Dolemus inter Alia*, por Francisco Prio.

Agradecemos.

MISCELLANEA

D'além-tumulo

Medium Josino E. da Silveira—Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1888.

Ainda o mesmo sol dardeja seus raios sobre os pincaes das montanhas; a mesma é a vegetação, e as mesmas florinhas das selvas, orvalhadas pelo relento, aquecem suas petalas aos raios vivificadores, que lhes dão seiva e vida.

Ainda como sentinellas vivas, relembrando o passado, ostentam-se soberbos e silenciosos, como monges piaculares, em santo recolhimento, elevando suas preces ao Criador, esses colossos de granito, em cujas infinitas facetas vem reflectir-se a luz do dia, como em myriades de lantejoulas; e os pallidos clarões do luar ainda refulgem nas crystalinas aguas das fontes que, surgindo do seio dos altos montes, serpeiam em limpidos regatos pelas sinuosidades das encostas.

Os mesmos dias e as mesmas noites; as mesmas feras uivam, os mesmos passaros trinam e chilram; as mesmas ondas ao longe, ora deslisam-se mansamente sobre arenosas e inhospites praias, ora, embravecidas em seu regougar melonho, vêm quebrar-se de encontro aos rochedos, lançando em torno a espuma do seu furor; e nesse caminhar incessante do planeta que não cança em seu movimento giratorio, nessa marcha sem tregua de tudo que avança do finito ao infinito, do imperfeito ao perfeito, nessa harmonia insondavel que se levanta do universo inteiro para entoar louvores ao Criador dos mundos, macilenta como o marmore do mausoléu, vela ainda a virgem das florestas, a encantadora miragem dos sonhadores, a fada voluptuosa do puro sentimentalismo que nos faz pulsar todas as fibras do coração, porque ella é a imagem querida da liberdade, o anho constante do captivo, o anjo bonancoso da Redempção dos povos!...

Tudo caminha, e nessa marcha evolutiva nada se perde; os factos naturaes, como os phenomenos da natureza, reproduzem-se no meio desse progresso indefinito que jámais alguém poudé perscrutar. Só o olhar do

homem, embido no presente, não busca na noite mysteriosa do passado, nesse livro immenso da historia da humanidade, as lições de luz que lhe podem abrir as portas do porvir.

E a virgem das florestas vela sombria, enquanto a escravidão humana hasteia seu estandarte negro sobre a fronte dos povos, porque, tristemente, a escravidão moral, o atrophamento dos direitos dos povos está na razão directa do jugo da escravidão material; e esta querida patria pela qual ainda velo do espaço, essa mãe estremeçada que me gerou tantas vezes em seu seio em mais de uma encarnação, eu a vejo agrilhoada, peada em seu curso progressivo, porque nella impera o embuste, em lugar da esplendorosa verdade que deve ser a alavanca poderosa do seu real engrandecimento moral e material. Por isso vela a imagem triste da santa liberdade nos ermos, onde tão nobres raças foram perseguidas e extinctas. Ella, emblema das paginas santas do Evangelho que nivela os homens como irmãos diante do Pai de amor, espera pacientemente ente o dia de sua glorificação, em que do seio do deserto, illuminada pelos clarões da justiça eterna, possa irradiar sobre a fronte dos povos, e unil-os todos em fraternal amplexo, ligados pelo pensamento, pelo sentimento e pela caridade que jorra do seio do Altissimo.

Caramurú dos tempos idos, chefe soberbo das florestas, viu seu povo sumir-se, como o pó que o vento levanta e dispersa no espaço.

Oh minha idolatrada patria, objecto sagrado do meu estremeçado amor, um dia, talvez breve, quem sabe?... as trevas do captiveiro moral que te infibiam as forças e tolhem-te os movimentos, serão espancadas pelos raios do esplendido sol da liberdade, que virá do seio da eternidade espargir seus fulgores sobre a virgem das florestas; e Caramurú de outras eras, tambem do espaço onde paira sobre ti, entoará seu cantico de amor á santa liberdade, filha dilecta de Deus, irman genea da caridade, unificadora das crenças, redemptora de seus irmãos.

Esperai um pouco mais, e o ponteiro que marca as eras dos povos, se moverá, e virá o dia da regeneração.

J. DE ALENCAR.

Um mendigo philantropo

Do periodico spirita *La Buena Nuova*, de Sancti-Spiritus, resumimos o seguinte:

A 10 de Setembro de 1887 falleceu em Saata Fé Cecilio Tolosa, ou o Tobias de Santa Fé, como alguns chamavam-n'o. Era cordovez, e já de ha muito residia em Santa Fé, onde por suas numerosas obras humanitarias tinha captado a sympathia e estima geral.

Era orpham, não conhecera as doçuras do lar; vivia só, completamente

devotado a soccorrer os enfermos, enterrar os mortos e consolar aos desvalidos como elle. Coberto de farrapos, continuamente ferido pela miseria, tremendo de frio, carrega lo de annos, acoçado pela fome, esse miseravel era a providencia das familias pobres e o deus dos famintos errantes e desesperados.

Ser estranho, digno dos mais calorosos affectos dos bons, cerrou os olhos na vida terrena, vendo-se rodeado de grande multidão que fazia votos pelo afastamento de sua hora final.

Em riquissimo ataúde seu cadaver foi levado á mão até o templo, seguido por immenso concurso, achando-se na igreja desde o governador da provincia até o ultimo mendigo, desde a mais opulenta dama até a mais humilde operaria. Quarenta corôas cobriam o feretro, offerecidas pelas pessoas mais notaveis de Santa Fé. Os jornaes lhe dedicaram sentidos artigos necrologicos, e no intimo das choupanas as mulheres e as crianças choraram a morte do philantropo mendigo.

Eis um exemplo do modo por que elle exercia a caridade:

Uma tarde viu elle dous cavalheiros que passavam; chegou-se a elles e pediu-lhes um real; recebeu-o, agradeceu e seguiu seu caminho. Levados pela curiosidade estes o seguiram, occultando-se, e viram-n'o chegar á praça Vinte e Cinco de Maio, encaminhar-se para um banco, onde dormitava um pobre velho de origem franceza, tocal-o ligeiramente no hombro, pôr-lhe na mão o real que levava, e fugir rapidamente, como se tivesse praticado um roubo. Os cavalheiros interrogaram ao mendigo da praça, e este em resposta mostrou-lhes o real, que elle ignorava quem lhe havia dado.

Pela illustre medium, Sra. D. Amalia Domingos y Soler, foi recebida a respeito a seguinte communicação do mundo espirital:

« E' justa a tua admiração, pois, effectivamente, em um presidio como a Terra não abundam as almas generosas, porque se abundassem, converteriam essa penitenciaria em um paraíso, e não pôde brilhar no fundo dos abysmos o Sol que corôa com seus raios de ouro os altos cimos das montanhas, por isso quando se encarnam neste mundo espiritos elevados, soem vestir humilissimo envolvero, para passarem despercebidos da generalidade e só aos afflictos prestarem os benedictos effluvios de seu sentimento; porque a virtude, em seu maravilhoso esplendor, com todos os dons que de direito lhe pertencem, seria um sol que vos deslumbraria; além do que as condições deste planeta tolhem ao espirito o progresso no seio das grandes riquezas e dos faustosos esplendores, porque os seres tantos que ahí vivem do engano e da exploração, o rodeiam, o cercam, o assediam, o

prendem em um circulo demasiado estreito, e o poderoso, se derrama seu ouro a mãos cheias, vai criar vicios entre aquelles que abusam da sua boa fé, augmentar a ingratição com a facilidade da dadiva entre os exploradores de profissão; se elle se poser em guarda para estudar e conhecer a differença que existe entre o verdadeiro necessitado e o parasita social, terá um trabalho fatigante, uma lucta que não merece sustentar aquelle que já tem o grau de perfeição, a que attingiu o espirito de que nos occupamos.

Quem diria que aquelle mendigo solitario estaria hoje cercado de maravilhosos esplendores, não tendo mais necessidade de voltar á Terra, a não ser, decorridos seculos, no desempenho de alguma importante missão, para ser adorado como um legislador divino pelas almas sedentas de justiça?

Sim, a historia desse espirito é interessante e longa; dotado de grande energia, amantissimo da humanidade elle teve tambem seus momentos de desalento, pedindo, como Jesus, que o Senhor afastasse de seus labios aquelle calice; mas a esses curtos desfallecimentos succedia sempre a reacção generosa de sua fé immensa na Omnipotencia Suprema, pois desde o alvo-recer de sua intelligencia acreditou sempre na existencia de uma causa primeira e adorou-a na natureza, sem deixar de estudar as diversas religiões, syntheses das successivas civilisações que colonisaram este planeta; e quando dominou todas as afflicções terrenas, quando se julgou assaz forte para ser grande sem o amor de uma mãe, sem os laços de uma familia carinhosa, sem a commodidade da abundancia, sem a consideração social, resultante de uma posição honrosa, veiu só, isolado, cercado de privações, dizer:

« Adeus Terra! adeus! parto depois de haver experimentado todas as tuas dores e sorriso com as tuas fugaces alegrias, depois de haver demonstrado como amam as almas generosas, como fazem suas as penas alheias, esquecendo as proprias; como se interessam pelos que vivem isolados e opprimidos pela escravidão da miseria. Depois de haver escripto uma pagina de gloria na historia desse mundo, posso dizer: Adeus Terra! Adeus penitenciaria de debeis espiritos escravos das paixões; vou respirar novas brisas, adquirir novos conhecimentos, subir mais um degrau na escala do progresso. Adeus Terra! Os resplendores do infinito me atraem, como a luz atrahem as mariposas dos vossos vergeis; eu, porém, não morrerei como essas flôres do ar. Banhar-me-hei em um oceano de luz e, envolto em luminosas roupas, seguirei na minha peregrinação, pedindo hospitalidade aos mundos em que tenho o direito de penetrar. »

Isto pensou esse espirito em sua

ultima encarnação terrena, epilogo do seu viver nesse planeta e preparação para nova viagem. Ditosos os espiritos que, como o mendigo philantropo, deixam após si um pó de soes e a essencia do amor! Segui, se poderdes, suas pegadas, que são o caminho recto do progresso, a pratica bemdicta do amor universal. Adeus!

SECÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

Dominado por um poder irresistivel, o mancebo seguiu-o cabisbaixo, e ambos entraram na choça do solitario, que, cerrando a porta e acendendo uma vela de carnaúba, veiu assentar-se diante do companheiro.

* * *

Para melhor conhecermos o principal personagem deste conto, temos de remontar o curso do tempo e transpôr, sem os incommodos das viagens terrenas, uma extensão de centenas de leguas. Eis-nos chegados. Estamos no começo do nosso seculo, nos campos fertilissimos da encosta occidental da frondosa Serra do Herval, na provincia do Rio Grande do Sul.

Nas proximidades da margem direita do rio Camaquan erguia-se uma modesta casinha, habitada por um casal de pequenos agricultores. A mulher teria seus 45 annos e o marido era maior de 50. Eram ambos morenos, parecendo mestiços de indio com branco. Os fructos que com tão diminuto cultivo a terra ahí produz, davam-lhes os meios sufficientes para viverem independentes. A vida correram-lhes sempre feliz, libertados, como estavam, das necessidades ficticias, que tanto mortificam aos habitantes das cidades. Eram muito religiosos, viviam em boa harmonia com seus vizinhos, que os estimavam e respeitavam.

Uma só cousa lhes faltava, como elles criam, para se julgarem completamente ditosos: era a vinda de um herdeiro, com quem partilhassem seus affectos, e que teimava em não querer lhes dar esse gosto.

Final o céu onviu-os, e o tão desejado filho veiu ao mundo. Deram-lhe o nome de João Paulo.

A alma humana é sempre varia e inconstante: satisfeita a ardente vontade do casal, vieram-lhe os sustos pelo futuro do menino. A provincia continuava a ser agitada pelas luctas de Portuguezes e Hespanhoes, o espirito militar despertava por toda parte, e a pobre mãe já estremeçia á ideia de ver um dia esse anjinho, que sorrindo lhe estendia os bracinhos, atravessado por uma lança ou varado por uma bala inimiga.

O pequeno foi crescendo, mas era de natureza enfermiza, o que obrigava seus pais a vigiarem-n'o sempre com toda sollicitude. Era elle de um genio triste e concentrado, amante da solidão, muito docil e obediente, excessivamente medroso de almas do outro mundo.

Era um temor inexplicavel para seus pais, pois elles, conhecendo isso, buscavam sempre incutir-lhe no animo que as almas dos mortos iam para muito longe e não podiam vir ao mundo.

O menino tinha arraigada a crença na sobrevivência do espirito ao corpo, e tinha medo d'aquelle.

Uma outra coisa ainda incommodava seus pais: o menino, quando estava só, tinha o habito de fallar como se conversasse com alguém, o que lhes fazia temer que elle viesse a acabar louco.

Uma vez, tinha elle 7 annos, pousou na morada de seus pais um viajante, que parecia pessoa bem collocada na hierarchia social. Estabelecida a familiaridade entre elle e seus velhos hospedes, contou elle a sua desventura de ter uma filha soffrendo, havia já longos annos, de um mal que ninguem podia definir, e que resistia a todos os recursos da medicina.

João Paulo que estivera ouvindo a conversa, sahio e pouco depois voltou com um molho de ervas, que entregou ao viajante, dizendo-lhe:

— Tenha fé em Deus, senhor! Dê uma infusão disto à sua filha e ella sarará.

Todos olharam pasmos para a criança, em cujos olhos havia uma tal expressão de angelical ternura que captivava e impunha. Sua mãe correu e suspendeu-o nos braços, receiosa e sem saber explicar o que se passava.

Felizmente o viajante era um homem crente e, aceitando o presente, disse:

— Muitas vezes Deus se serve das creaturas fracas e innocentes para produzir suas grandes obras. Aceito suas ervas como uma dádiva do céu.

Toda a noite passou a pobre mulher em sobresaltos, esperando a retirada de seu hospede para pôr o menino em confissão.

Amanheceu; o viajante seguiu a seu destino, e ella anciosa chamou a contas o pobre João, que realmente não sabia explicar cousa alguma.

Elle contou que ouvira como uma voz intima, que elle já estava acostumado a ouvir, e que esta lhe mandara sair e ir ao matto proximo, e que ali ella ainda lhe dissera apanhasse daquella erva e levasse-a ao hospede de seus pais; e que depois disso elle ignorava tudo o mais, que havia feito.

A mãe, desatinada, quiz levá-lo ao padre para benzer-o, mas seu marido oppoz-se dizendo-lhe:

— Esperemos o resultado; se este for bom, não pôde ser uma obra do diabo, mas de Deus, como bem disse o nosso hospede.

Passaram-se uns quatro mezes. Uma manhã chegaram à casinha um homem e uma dama, bem trajados, pessoas de distincção que viajavam a cavallo.

— Não pude ir adiante sem vir vel-os, disse o cavalheiro, que era o viajante de quem fallámos acima. Vamos, minha filha, abraça o teu pequeno medico, foi elle o intermediario de Deus para a tua cura.

A moça apertou nos braços o pequeno e beijou-o.

Em balde quiz o cavalheiro dar a sua bolsa em paga do grande favor recebido, com muita delicadeza lhe foi recusada.

— O que poderei então fazer por seu filho? perguntou elle. Devemos-lhe tanto.

— Dê-me uma moeda para a pobre viuva, que mora ali adiante, e que acaba de perder seu unico filho na fronteira.

A moça tomou a bolsa de seu pai e, entregando-a ao pequeno, disse-lhe:

— Tome, dê-lhe tudo, no seu e no nosso nome.

João Paulo sahio correndo, orgulhoso com o seu triumpho.

— São muito felizes, meus caros hospedes! Seu filho é o maior the-

soiro que o céu lhes podia conceder. accrescentou o viajante ao montar a cavallo.

Ao passarem por uma palhoça, que ficava ao lado da estrada, João lhes veio ao encontro, e lhes disse:

— Não continuem a sua viagem; a fazenda para onde se dirigem foi incendiada, e seus parentes não estão longe daqui.

Estavam ainda perplexos os viajantes, quando um cavalheiro, reconhecendo-os, veio a elles, e indicou-lhes o ponto onde encontrariam aquelles a quem buscavam. Tudo era exacto, como João Paulo annunciara.

A noticia dessa cura maravilhosa propalou-se, e muitos enfermos lucraram com isso.

Em todos os tempos da historia da humanidade appareceram na Terra naturas predispostas á communicação com os habitantes do mundo invisivel; eram os adivinhos de outrora, são os mediums de hoje. Mais raros nos tempos que já foram, em que por seu atrazo o homem não podia comprehender esse subido dom do céu; os mediums hoje se multiplicam por todo o mundo, patenteando aos olhos de todos a nossa constante convivência com o mundo espirital.

Os espiritos podem auxiliar-nos em tudo o que diz respeito ao nosso progresso physico, moral e intellectual; elles são os grandes impulsadores dos adiantos, que vão tendo as sciencias, as artes, as industrias, etc.

A mediumidade curadora ou pela transmissão de fluidos do medium e do ambiente, por intermedio deste, ao corpo do enfermo, e a receita que indica as enfermidades e os medicamentos, que as devem combater, são dous poderosos agentes de propaganda, que hão de sempre triumphar de todos os meios que os despeitados empregam para reduzi-los ao silencio. Inutilisai um medium, surgirão cem; porque os instrumentos doces não faltam, e os suggestionadores espirituaes zombam dos odios dos potentados da Terra.

João aprendera o officio de marceneiro, porque tinha gosto para isso, e seus pais não o quizeram contrariar.

Seguiram-se as guerras da minoridade, a proclamação e desaparecimento da republica de Piratiny, aspiração precoce de almas patrioticas, e no meio dessas agitações João Paulo perdeu seus idolatrados pais com poucos mezes de intervallo.

Elle sabia que os mortos não iam para longe, que esses seres queridos estavam com elle, que a velhice já lhes tornava a vida pesada, e por isso resignou-se; mas não quiz continuar a viver ali; vendeu ou deu o que tinha, e foi estabelecer-se em Porto Alegre com casa de marceneiro.

Ahi conservou-se 10 annos, ganhando pelo seu officio o preciso para alliviar muito soffrimento, exercendo a caridade, como manda o Evangelho, em que o beneficiado recebe o auxilio, sem conhecer a mão que lh'o presta; illustrando seu espirito pela leitura e observação, e derramando no circulo em que vivia, as luzes colhidas em suas lucubrações.

Elle via cada dia assaltarem-lhe o espirito novas ideias, que o transformavam completamente; da religião acanhada que recebera de seus pais, sua mente illuminada ia buscar na natureza o unico templo digno do Creator. A abobada azulada do firmamento; os brilhantes focos de luz nella suspensos sobre as nossas cabeças; o mar immenso, ora calmo e sereno como a alma do justo, subindo aos ceus n'um raio de crença, ora revoltado pela tormenta, como a mente

do criminoso agitada pelos remorsos; o doce canto das aves, o gemer da brisa, o estalar do raio, tudo lhe parecia animado, tudo lhe fallava de Deus e da eternidade.

Sua mediumidade receiptista e curadora foi-lhe ali um poderoso instrumento para acalmar muitas dores e restituir a saúde a muitos infelizes, que sem isso teriam succumbido á mingua de tudo.

Os invejosos começaram a odiá-lo e buscavam meios de compromettel-o, mas uma mão occulta protegia-o, e sempre os planos tenebrosos de seus desafectos eram malogrados.

(Continúa.)

A casa malassombrada

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

(Continuação)

Eu não sabia o que responder, tendo feito de frei Thomaz, aconselhando resignação, quando minha alma estava sedenta de vingança.

O velho percebeu minha perturbação e a excitação que me dominava, e, pensando, talvez, que eu duvidava do facto, disse com entranhada raiva:

— Eu surpreendi-os. Eu ouvi. Ninguem me contou.

Só assim posso convencer-me, disse por parecer que ignorava tudo.

Mandei chamar o infame e impuz-lhe a fuga immediata, sob pena de fazel-o desaparecer da terra.

Ah! se elle não fizer o que lhe ordenei, affirmo-te que collocarei a honra acima até de minha salvação!

— Não comprometta sua alma, meu bom avô; deixe-me o encargo de manter illesa a honra de nosso nome. Não confie em mim?

— Reconheço que és homem e que tens uma alma bem formada; mas para o caso me parece fraco pelas ideias que enunciate.

— Eu saberei conciliar-as com as exigencias mundanas. A justiça de Deus toma muitas vezes seus instrumentos na terra.

— Bem; muito bem. Incumbe-te de fazer cumprir minha sentença; mas só recorre a medidas extremas, se o miseravel não fizer o que lhe impuz como condição de vida.

— Fique tranquillo, que, se tenho nobreza d'alma, tambem tenho consciencia.

Diga-me, porém, o nome do miseravel.

— E' Antonio Bento, gemeu o velho; e cahiu em uma cadeira.

Compreende bem que eu perguntei o nome do miseravel, só para fingir que o ignorava.

— E Margarida? perguntei, por sondar o coração do velho sobre a moça.

— Esta morreu, e se está viva e tem meu sangue nas veias, ha de fugir desta casa, que nunca foi lupanar, e entregar seu corpo ás feras na matta visinha.

— Oh! meu avô. Vosmecê desarrasão!

Margarida é uma boa alma; mas é uma natureza ardente e fraca.

O seductor estudou-a, conheceu-lhe o fraco, atacou-a por ahi.

Só, sem uma alma que lhe fosse confidente, que lhe desse coragem, que lhe lembrasse o dever; sua queda

é mais para lamentar do que para condemnar.

A seducção fascina aos fortes, quanto mais aos fracos e inexperientes.

Senhor. Todas as maldições sobre o perverso, que abusou da innocencia e da fraqueza.

O castigo de Margarida não pôde ser mais cruel do que ver-se descahida da consideração geral no desprezo dos que a cercam.

Tenha pena della, que ninguem ha mais digno de sua comiserção.

— Vai afastar desta terra o causador de tanto mal, e depois fallaremos de Margarida.

* * *

Sahi da sala mais satisfeito do que esperava: primeiro porque tinha em minhas mãos, só em minhas mãos, o homem que me roubara o amor de Margarida, tornando-o impossivel, segundo porque conseguí afastar de uma atmosfera mephitica o velho a quem dedico amor de filho, e terceiro porque pude assentar os alicerces da reconciliação de meu avô com a neto.

Sei que nunca mais esta voltará a ser seu idolo, porque sua alma é tão afeiçoada aos principios da honra, que repugnar-lhe-ha sempre a ideia de que a moça não é a candida pureza que sonhara; mas ao menos terá na casa natal o respeito devido a seus habitantes.

Sahi, pois, e vim para meu quarto, onde ainda encontrei Margarida chorando ajoelhada diante de um crucifixo, que fora de minha mãe, e que eu conservava ali, por duplo respeito.

Veiu-me á mente, a descortinar aquelle quadro, a lembrança da Magdalena, e uma lagrima escapou-me das palpebras.

Morta para as alegrias do mundo, permita Deus que sua alma se abra ás alegrias do céu!

Margarida, sentindo meus passos, ergueu-se anhelante, como o réu que espera a sua sentença.

— O que houve? O que quer meu avô fazer de mim?

— Não houve cousa de maior, e meu avô, comquanto muito legitimamente offendido, nada resolverá a seu respeito, que lhe possa causar mal.

— Ah! Eu não receio mal, nem mesmo a morte; o que receio, o que me é insupportavel, é o desdem, é o desprezo daquelle que adoro como pai, e que me suppoz sempre um anjo.

— Mas, minha prima, toda culpa arrasta sua punição, e se o desprezo de nosso avô é sua maior tortura na vida, foi sua culpa quem o provocou.

— E' assim, Quimquim; mas não haverá modos de cortar a alma pelo meio, como se corta a perna e o braço gangrenados?

Mulheres, exclamou a moça, se quereis evitar desespero maior que o do inferno, velai por vossos passos, acautelai-vos por que não deis nem um em falso; porque o pé que escorrega arrasta o corpo ao abysmo!

Eu estava transido de dor assistindo ao desespero de uma alma, que renegava a culpa e não podia desligar-se della!

— Minha prima, disse eu, aproximando-me da moça e tomando-a nos braços...

— Largue-me, largue-me. Não está ainda sati-feito!

— Margarida!

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Regente n. 19, 2º andar.

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Novembro—15

N. 111

EXPEDIENTE

A Federação Spirita Brasileira mudou a sua residência para a casa da rua do Regente n. 19, 2º andar, para onde deve ser dirigida a sua correspondência.

São agentes desta folha:
No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

LUTAI

« Bemaventurados os que têm sede de justiça, porque elles serão fartos », disse-nos Jesus no memoravel sermão da montanha.

Se nos concentrarmos e, como simples espectadores, lançarmos nossas vistas sobre os factos que diariamente se estão dando no seio de todas as sociedades, mesmo das que se adornam com o pretencioso titulo de mais civilizadas; se estudarmos esse tetrico scenario onde se representa a luta do bem, da verdade e da justiça com as mais torpes e condemnaveis paixões, não poderemos furtar-nos á dolorosa convicção de ser ainda muito atrazado o mundo, em que vivemos.

Comparando-o nosso estado actual com o de nossos maiores, attestado pela historia do homem do passado, vemos que não é pequeno o progresso conseguido pelo nosso tempo; mas se fizermos a comparação do que somos com o que seremos, quando o nosso mundo for regido pela sublime moral evangelica, não deixaremos de reconhecer, que é ainda longo o trajecto que temos de fazer.

Não se julgue que exageramos. Ninguém desconhece que importante papel desempenham ainda na vida das sociedades terrenas o orgulho, a vaidade, a inveja, o odio, a ambição com o seu medonho cortejo de baixezas, intrigas, perseguições, e viuganças mesquinhas. O fraco, o desprotegido dobra-se tremendo ante as desarrasoadas pretensões, os mais injustos caprichos dos grandes do dia.

Ai delle, se lhe não alentar a ideia, a esperança de encontrar melhor justiça na força omnipotente e omnisciente, que regula os destinos do mundo!

« O Creador experimenta suas criaturas », dizia a religião de nossos pais; mas esse pensamento provoca a duvida, parece offender a justiça divina, pois não admittindo essa religião mais de uma existencia para cada homem, não pôde explicar o facto de serem uns experimentados em provas tão penosas, quando as de outros são tão brandas; e se mais ganhará quem mais aqui soffrer, ninguém desconhecerá que, a ser assim, não ha justiça na distribuição das provas da vida.

O Spiritismo veio esclarecer essa duvida, dizendo-nos: « Já tivestes outras vidas e tereis ainda muitas outras. Os vossos soffrimentos de hoje são as consequências dos erros e faltas de vossas existencias passadas. Superbos potentados, oppressores de outr'ora, sois os humilhes opprimidos de hoje, vindos de novo á Terra para vos depurardes no cadiño da expiação. Fracos e desprotegidos do presente, sereis os diligentes da fortuna do futuro, para pordes em pratica o que aprendestes na phase dolorosa das vossas encarnações.

E' assim que, por experiencia propria, iremos subindo em perfeição moral, até attingirmos ao ponto de só nos utilisarmos dos dons que Deus nos conceder, em proveito de nossos irmãos soffredores, no adiantamento da humanidade.

O verdadeiro crente só ambiciona os bens do mundo, como um meio de beneficiar aos infelizes, que encontra no seu caminho, vergados ao peso de suas duras provações.

Um dia, indepenientemente do que tenham sido em suas outras vidas, os homens se acreditarão todos irmãos e mutuamente se auxiliarão; mas emquanto essa convicção não se arraigar em todos os espiritos, não negueis o obulo da caridade áquelle que vo-lo implora, pois não sabeis que laços vos prenderam a elle em uma outra vida.

Quem sabe, se o pobre que repellis da vossa porta, não foi um pai, um filho, um amigo que estremecesteis outr'ora, e por quem darieis então tudo, mesmo a vida para vel-o feliz? Pensai então na dor que experimentareis,

quando na erraticidade vos encontrardes com elle, quando a verdade do passado estiver patente ao vosso espirito.

Spiritas, vós que já conheceis essa sublime revelação, sede os primeiros a dar o exemplo; bani de vossas mentes todo pensamento de odio, orgulho, inveja e ciúme, que nada mais faz que entorpecer-vos a marcha para a perfeição.

Lançai para longe a maledicencia; se quizerdes censurar a um vosso irmão que desconfiades andar transviado, buscai-o e dizei-o a elle só, pois assim exercereis a caridade, e talvez tenhaes o gosto de vel-o corrigir-se.

Todos nós somos acompanhados por espiritos amigos e inimigos, como o sabeis, e estes empenham-se em ter-nos consigo. Lutai para, em vez de lhes dardes a victoria, trazei-os para vós, arrepenhidos e desejosos de caminhar para o bem.

A luta é forte, mas Deus não exige impossiveis; fazei o que puderdes: soffrei com paciencia e resignação, e esperai na justiça indefectivel do nosso Pai celestial.

Soffrereis da injustiça dos homens, ficai certos disso, pois é e tem sido sempre essa a sorte dos pioneiros das grandes reformas, mas esperai tudo da justiça divina. Lembrai-vos do que disse Jesus.

As suggestões hypnoticas

A divulgação dos resultados das experiencias de hypnotismo provocou muitos protestos em diferentes pontos do nosso planeta, pelos perigos que dellas podiam advir á sociedade, e serios embaraços que criavam á administração da justiça. Ficou-se conhecendo que por uma simples ordem do hypnotizador, a pobre victima de seus artificios se apresentaria como a unica responsavel do que fizera por determinação delle, sem jámais denunciá-lhe o nome.

Assim, o Sr. Liegeois hypnotizou uma mulher e neste estado suggeriu-lhe o pensamento, de que o Sr. O. a difamava e que ella devia matá-lo com um tiro de revolver, mas que nunca, em condição alguma, declarasse o seu nome, como lhe havendo suggerido tal ideia.

Despertada, a sonnambula, ao ver entrar o Sr. O., lançou mão de um revolver posto ao seu alcance, e fez fogo contra elle.

Interrogada, ella declarou que aquelle homem a tinha offendido, e que ella o matára por propria vontade. Nada pôde arrancar-lhe a confissão de haver-lhe sido suggerida essa ideia e o nome do suggestionador.

Em vão hypnotisaram-na de novo, ella teinhou em não denunciá-lo.

Vê-se pois o perigo que tal facto vinha fazer correr a sociedade, onde os verdadeiros culpados conseguiriam fugir á acção da justiça, deixando em seu lugar os inconscientes instrumentos de seus maleficios.

Homens notaveis, porém, se incumbiram da tarefa de remover essas difficuldades, e em parte já viram seus esforços bem succedidos.

Os Srs. Liegeois, Liebault e Bernheim fizeram a respeito serias experiencias, e conseguiram descobrir o meio de fazer que o suggestionado denuncie indirectamente o verdadeiro criminoso, sem infringir a ordem que recebêra no estado de hypnotisação.

Não se consegue que elle dê o nome do suggestionador, mas só mente que o faça conhecido por qualquer outro modo. Assim, a mulher a que nos referimos acima, não dará o nome do Sr. Liegeois, quer se ache ella no estado normal, porque então se esquecer das circumstancias todas da suggestão, menos do facto que tem de executar; quer estando de novo hypnotizada, porque então se recorda da ordem recebida de não declarar lhe o nome; se, porém, lhe disserem que o seu suggestionador está em perigo de vida e que ella o pôde salvar, ella estando hypnotizada, correrá em sua defesa e assim o denunciárá sem querer.

Mais uma vez o reconhecemos, a divulgação dos phenomenos do hypnotismo vem a tempo para a satisfação de urgente necessidade do progresso da humanidade; compete ao homem remover-lhes os inconvenientes e bem dirigil-os, para colher as vantagens que elles lhe vêm proporcionar.

Ninguém conseguirá deter em sua marcha o carro do progresso; preparemos-lhe os caminhos, para que elle avance sem grandes abalos.

NOTICIÁRIO

Importante manifestação em sonhos. — Em dias de Outubro ultimo o nosso distincto confrade, o Sr. M. O. Porto, residente nesta capital, teve em sonhos uma conversa longa e instructiva com o espirito do nosso amigo o capitão Belchior da Fonseca, que em Setembro partiu da Terra para o mundo espirital.

— Bem, disse o Sr. Porto, já sei que agora vais explicar-me todos os mysterios do mundo em que te achas.

— Meu amigo, respondeu-lhe o interpellado, não nos é dado fazer tudo o que queremos; ha leis irrevogaveis, a que todos estamos sujeitos. Eu, quando estava ahi, como todos vós, suppunha que os espiritos superiores instruíam aos outros daquillo que lhes não é ainda permitido revelar aos encarnados, e que só pelo temor estes deixavam de fazel-o. Não é assim, o espirito, ainda que queira, não pôde dizer mais do que deve. Quero dar-te uma prova e esclarecer um desses mysterios; presta-me attenção.

O Sr. Porto viu-o mexer com os labios, esforçando-se para articular palavras, mas não pôde ouvir uma só.

— Então, entendeste? perguntou.

— Absolutamente nada, respondeu o medium.

— Eis-a-hi, tornou aquelle, como tudo se passa. Ha leis ainda desconhecidas mesmo para nós. Em balde tentaremos revelar-lhes tudo, vós comprehendereis sómente aquillo, que podem e devem saber.

Manifestação importante.

— Ao nosso digno confrade, o Sr. capitão Francisco X. Vieira Gomes, da Cachoeira, contou o Sr. Fausto Custodio, em 19 de Agosto ultimo, o seguinte:

Na Feira de Santana, na provincia da Bahia, o Sr. Eduardo..., pessoa muito conceituada ahi, achando-se perfeitamente acordado, ouviu na noite de 22 de Fevereiro ultimo chamarem-no distinctamente por seu nome; correu toda a casa, e não encontrando a quem, foi dormir, sem mais se importar com o facto. Pela manhã, tendo elle sahido para o seu emprego, sua senhora teve de levantar-se para embalar a rede de sua filha que despertara chorando. Então pareceu ouvir os passos de uma pessoa no corredor, approximando-se da alcova:

— Quem anda ahi a estas horas? Quem está ahi? perguntou ella.

De subito levou a mão aos olhos que, contra o seu querer, cerravam-se, e neste estado viu uma pessoa entrar no quarto, dirigir-se para ella e responder-lhe:

— Sou eu, Rosa, tua mãe, que venho despedir-me de ti e lançar-te a minha ultima benção. Dize a teu marido que mande celebrar uma missa por minha alma.

— Então minha mãe morreu? perguntou a senhora.

— Se não tivesse morrido, retorquiu-lhe o espirito, não estaria agora aqui; já não sou do numero dos que vivem neste mundo. Peço-te que não te esqueças da missa por minha alma. Quero abençoar-te; mas retira do teu braço essas contas vermelhas e põe outras pretas em signal de lucto.

A senhora viu-a retirar-se sem nunca lhe voltar as costas e reconheceu sua mãe, trajando vestes negras e com um lenço branco atado á cabeça.

Foi então, ouvindo-a, que seu marido lembrou-se do facto de o haverem chamado na noite anterior.

Noticias do norte vieram confirmar o aviso do passamento da sogra do Sr. Eduardo.

Nem elle nem sua senhora se entregavam aos estudos dos phenomenos

spiriticos, portanto não tinham ideias preconcebidas a respeito; foi pois uma manifestação espontanea.

Imbuído ainda nos preconceitos da sua ultima vida, o espirito vem pedir missas e lucto. Depois elle comprehenderá que mais lhe valerão orações sinceras dictadas pelo sentimento profundo do amor filial, do que essas manifestações exteriores exigidas pela etiqueta, e em que tão raras vezes o coração toma parte.

Clarividencia e efeitos physicos — Informa-nos nosso amigo o Sr. E. Paiva Rios o seguinte com elle acontecido em 1859.

Sendo elle então estudante do collegio de Ayruoca, Minas Geraes, achava-se um dia sentado em sua cama preparando a lição de geographia, ao tempo em que dous colegas seus, B. e M., conversavam tambem sobre as suas leituras ambos na cama immediata. No intervallo das duas camas estava uma canastra, sobre a qual descansava um bule de louça com café. Era dia; estavam elles assim entretidos, quando viram cheios de espanto a tampa do bule subir verticalmente até certa altura, correr depois horizontalmente, e finalmente cahir despedaçando-se.

Passada a primeira impressão, M. pediu ao Sr. Rios que sahisse por um pouco, pois elle ia magnetisar seu collega B., afim de saber o que era aquillo.

Rapaz e curioso, o Sr. Rios oppoz-se, pois tambem desejava assistir á magnetisação; porém, cedeu depois com a promessa de M. contar-lhe tudo o que se passasse, com a condição de elle nada dizer a B., caso o que visse assim o exigisse.

B., quando tornava a si da crise, não se lembrava totalmente do que tinha feito, dicto ou visto durante ella.

O Sr. Rios, voltando quando o chamaram, foi informado por M., de que o somnambulo dissera que havia fallecido o avô de B., legando-lhe toda a sua fortuna, e que d'ahi a 8 dias, viriam buscal-o em uma carreta para ir ter com seus parentes.

Oito dias depois, em 20 de Agosto de 1859, viram elles entrar o carro no pateo do collegio, para conduzir o alumno B. para a casa de seu avô, que havia fallecido, constituindo o seu universal herdeiro.

O fallecimento do velho se tinha dado exactamente na hora, em que se produzira o phenomeno do levantamento e despedaçamento da tampa do bule.

São phenomenos que outr'ora despertavam um temor supersticioso, por serem suppostos fóra das raias das leis naturaes, mas que hoje, pelo alargamento do campo de acção dessas leis, em consequencia de se haver feito sobre elles estudos mais aprofundados, enchem-nos de satisfação por nos virem demonstrar a nossa constante communicação com aquelles que nos precederam na partida para o mundo da luz e da verdade.

Factos notaveis. — No *Archiv für den Thierischen Magnetismus*, vol. 6, pags. 133-9, datado de Dusseldorf, 15 de Junho de 1819, conta o Cons. H. M. Wesermann os seguintes factos:

1.º Tentei prevenir ao meu amigo, o Camareiro G., de uma visita que eu lhe queria fazer, apresentando-lhe, pelo poder da minha vontade, a minha imagem em sonhos.

Note-se que havia 13 annos que nos não viamos nem nos escreviamos.

Ao chegar eu inesperadamente á sua casa no dia immediato, elle mostrou-se muito admirado e me disse:

— Vi-o em sonhos na ultima noite. Era de 5 milhas a distancia da minha á sua casa.

2.º A Sra. W. ouviu em sonhos uma conversa que eu tivera com duas outras pessoas, a 3 milhas de distancia do lugar em que ella se achava, sobre assumpto muito reservado.

Quando fui visital-a no dia seguinte, ella me referiu tudo o que ouvira, e ficou pasma ante a minha attestação da veracidade de seu sonho.

Nesses dous factos, realmente admiraveis, nada mais vemos que uma demonstração de que o espirito vigia durante o somno do corpo, e pôde ir ter com os individuos com quem sympathisa.

3.º A seguinte experiencia foi feita a uma distancia de 9 milhas.

Queríamos que o Tenente N. visse em sonho, ás 11 horas da noite, a figura de uma dama, fallecida havia já 5 annos, e que esta lhe aconselhasse um acto bom. Contrariamente ao que esperavamos, elle a essa hora não dormia, mas estava em um gabinete conversando com seu amigo S.

Elles, porém, viram, ás 11 horas, abrir-se a porta do gabinete, apparecer-lhes a figura, vestida de branco, com um lenço preto ao pescoço e a cabeça descoberta; que adiantou-se, saudou-os amavelmente com a mão e sahio pela mesma porta. As sentinelas interrogadas declararam, que ali não entrara alguem.

O facto da figura da dama cumprimentar apenas, em vez de aconselhar ao tenente N., como queria o hypnotisador, e o de tambem ser visca pelo amigo do dicto tenente N., de quem não curára aquelle, nos demonstra que ahi não houve hypnotisação, mas verdadeira manifestação do espirito da dama, que, evocado inconscientemente pelo Cons. Wesermann, quiz auxiliá-lo em uma obra boa.

Manifestações em Odessa.

— A *Revue Spirite*, de Pariz, de 15 de Junho ultimo, traz uma detalhada descripção dos phenomenos physicos obtidos em Odessa, em sessão intima em casa do Sr. Samuel Bourker, dedicado propagador do Spiritismo, com o concurso dos mediums novamente formados, Sra. Sophia Neibourg e Eugene Schuschleimberg, dos crentes, J. Baptiste Marsky, Copil Kensep, Johannes Packla, Maria Mias-konsk, e do observador, incredulo Valerjen Nesberg.

Os trabalhos, simples nas primeiras sessões, foram cada vez mais se tornando importantes. Começaram por movimentos de uma pequena mesa, que por pancadas deu diversos avisos e communicações intelligentes, e depois correu pela sala, dançou ao som de uma aria tocada por uma caixa de musica, elevou-se a dous palmos do solo e por diversas vezes avançou com impeto contra o Sr. Valerjen, como querendo magoal-o.

Chumbo miudo e flores foram atirados sobre o solo e os assistentes, dando-se uma vez o facto digno de nota de ficar o ambiente recendente do aroma de violetas, quando as flores que cahiam, eram pequenas rosas, desconhecidas no lugar.

Tem apparecido luzes phosphorescentes; diversos assistentes têm recebido contactos de mãos geladas, beijos, sopros e tambem taponas.

A medium Sophia sentiu-se puchada fortemente pelos cabellos, e outra vez que lhe seguravam fortemente pela cintura, como querendo elevá-la do solo.

Em uma das sessões, estando a sala ás escuras, ouviu-se o estrondo da queda de um corpo e um grito do medium Eugene; accendeu-se logo o gaz, e viu-se o medium cahido, dando patentes signaes de terror; sua sobrecasaca estava no outro extremo da sala, seu collete em ponto diferente, sua camisa sobre o sophá, seus punhos um sobre a mesa do trabalho e outro

no chão, sua gravata sobre as cordas de uma cithara.

Outra vez ainda, achando-se a sala nas mesmas condições, accendendo-se o gaz, quando o mesmo medium pediu, viram-no cahir do ar com a cabeça para baixo, perdendo os sentidos.

Nota-se que não são muito delicados os espiritos que ali se manifestam, mas não é facto novo, pois o mesmo se observa sempre nos que produzem essas manifestações violentas.

São os trabalhadores braçaes do mundo espirital.

VIES COLLEANA

Um desafio feito á sciencia

No jornal — *Fanfulla della Domenica*, de Roma, de 9 de Agosto ultimo, publicou o prof. Chiaia Ercole a seguinte carta dirigida ao prof. Lombroso:

« Senhor. — No vosso artigo — A influencia da civilisação sobre o genio — publicado no n. 29 deste periodico, entre incontestaveis bellezas de estylo e de logica, deparei com uma phrase, que me parece a synthese do movimento scientifico, desde o momento da invenção desse quebra cabeça chamado alphabeto até a nossa época. Eil-a:

« Cada seculo é prematuro para as descobertas que elle não vê nascer; não podendo mesmo elle reconhecer a sua incapacidade e falta de meios para encontral-as. A repetição de uma mesma manifestação, fazendo mossa nos cerebros, prepara os espiritos e os torna cada vez mais aptos para conhecer as leis, que regulam essa manifestação. Quinze ou vinte annos bastam, para fazer que o mundo admire uma descoberta tratada de loucura no momento de sua appareição.

Ainda hoje as academias riem-se do hypnotismo e da homeopathia.

Quem sabe se os meus amigos e eu que hoje nos rimos do Spiritismo, não laboramos em erro, como se dá com os individuos hypnotisados? Graças á illusão que nos envolve, talvez não possamos saber que nos enganamos e, como tantos alienados, collocando nos no ponto opposto á verdade, zombamos daquelles que não pensam como nós. »

Impressionado por essa phrase tão espirituosa e casualmente tão apropriada a um certo facto que me occupa, ha já algum tempo, eu recolho-a com prazer, sem demora, sem commentarios que lhe alterem o sentido e, conformando-me com as regras de uma perfeita cavallaria, servir-me-hei della como de uma provocação.

As consequencias deste desafio não serão nem perigosas nem sangrentas; combateremos lealmente e, quaesquer que sejam os resultados do nosso recontro, succumba eu ou prostre o meu adversario, haverá sempre benevolencia, e de todo modo o resultado será util á grande causa da verdade.

Falla-se muito hoje de uma enfermidade que se manifesta no organismo humano; verificam-na diariamente, mas ninguém lhe conhece a causa e sabe o nome a dar-lhe.

Essa enfermidade é evidente, seus efeitos sensíveis são provados pela experiencia e se referem principalmente ao sentido do tacto, isto é, ao verificador geral de todo o conhecimento.

Neste sentido continuamente se tem reclamado o exame da sciencia contemporanea; mas ella, por toda resposta, zomba com o riso ironico de Piron, precisamente por não estar o século preparado para isso, como geralmente se diz.

Porém o autor da phrase por mim acima citada, certamente a não escreveu pelo mero gosto de escrevel-a; ao contrario, me parece que elle não sorrirá desdenhosamente, se o convidarmos a observar um caso particular, digno de attrahir a attenção e occupar seriamente o espirito de um Lombroso.

Quero fallar de uma enferma pertencente á mais humilde classe social, de 30 annos de idade, mais ou menos; seu olhar não é fascinador nem dotado dessa força, que os criminalistas modernos chamam irresistivel; mas ella pôde, quando quer, de dia ou de noite, pelos phenomenos surprehendentes da sua enfermidade, divertir durante uma hora um grupo de curiosos, mais ou menos scepticos, mais ou menos faceis de se contentarem.

Preso a uma cadeira, ou segura fortemente pelos curiosos, ella attrahe os moveis que a cercam, os levanta, os conserva suspensos no ar como o esquife de Mahomet, e os faz descerem com movimentos ondulatorios, como se obedecessem á direcção de uma vontade estranha; ella lhe augmenta ou diminue o peso, segundo a sua vontade; fere, martella o tecto, o solo e as paredes com rythmo e cadencia, respondendo ás perguntas dos assistentes; claridades semelhantes ás do magnésio saltam de seu corpo, envolvem-no, ou cercam os assistentes testemunhas dessas scenas maravilhosas; ella desenha tudo o que se deseja sobre as cartas que lhe apresentam: algarismos, assignaturas, numeros, phrases, apenas estendendo a mão para o lugar indicado; se collocar-se em um angulo da camara um vaso com argila molle, encontra-se depois de alguns instantes a impressão de uma mão grande ou pequena, de um rosto de admiravel precisão, visto de frente ou de perfil, e que pôde ser reproduzido em gesso; assim se tem obtido retratos de diferentes posições, facilitando a occasião de fazerem serios e importantes estudos, aquelles que o desejam.

Essa mulher eleva-se ao ar, quaesquer que sejam os laços que a retêm; ella se conserva assim, parecendo deitada no vacuo, contrariamente a todas as leis da estatica, e parece

libertada da acção da gravidade; ella faz soar instrumentos de musica, organs, sinos, tambores, como se fossem tocados por mãos ou agitados pelos sopros de gnomos invisiveis.

Chamareis isso um caso particular de hypnotismo, direis ser essa mulher um fakir de saia, que a fariéis encerrar n'um hospital... Não desloqueis a questão, eminente professor; o hypnotismo, é cousa sabida, só causa uma illusão momentanea; depois da sessão tudo torna á sua fórma primitiva; mas aqui o caso é diferente; nos dias que se seguem a essas scenas maravilhosas, restam dellas traços, documentos dignos de consideração. Que pensais disso?... Deixai-me continuar. Essa mulher em certas occasiões pôde crescer de mais de 10 centímetros; é como uma boneca de borracha, um atomato de novo genero, toma as formas mais bizarras. Quantas pernas e braços possui ella? Não sei dizel-o. Enquanto seus membros são retidos pelos mais incredulos, nós vemos apparecerem outros, sem saber-se donde vêm; seus calçados são muito pequenos para encerrarem os pés enfeitados, e esta circumstancia particular faz suppor haver nisso a intervenção de um poder mysterioso.

Não zombeis; quando eu digo: faz suppor, nada affirmo, riris na occasião opportuna.

Quando essa mulher está amagradada, vê-se apparecer um terceiro braço, de origem desconhecida, que nos diverte, tirando-nos os bonets, os relógios, o dinheiro, os aneis, os alfinetes com uma habilidade admiravel; ella saca-nos a casaca, o colete, as botas, escova-nos os chapéus e entrega aos seus donos, alisa-nos os bigodes e tambem de vez em quando, mimoseia-nos com alguns socos, porque tambem tem seus momentos de mau humor.

A mão da mulher é pequena, mas esta terceira é grosseira e callosa, ornada de grandes unhas, humida, ora apresentando o calor natural e ora o frio glacial do cadaver; ella se deixa serrar, observar attentamente, quando ha luz bastante para isso, e acaba por elevar-se, ficando suspensa no ar, como se o punho fosse cortado.

Juro-vos que saio com o espirito muito calmo do antro dessa Circê; e livre de seus encantamentos, passo em revista todas as minhas impressões e acabo por não crer em mim mesmo, ainda que o testemunho dos meus sentidos e da minha consciencia me confirme, que não fui o ludibrio de um erro ou de uma illusão. Um montão de volumes dos mais illustres experimentadores antigos e modernos, que é inutil innumerar aqui, attestam a verdade, o lado real dessa charlatanaria paradoxal.

Neste estudo se apresentam sempre cousas novas e inesperadas; acaba-se trocando uma saudação, um aperto de mão com personagens, que apparecem e esvaem-se como sombras em alguns

instantes. Não é possível attribuir-se á magia todas essas manobras extraordinarias; vós dizeis que devemos estar prevenidos contra o embuste, dar rigorosa busca na pessoa de que eu me occupo, afim de tornar impossivel qualquer fraude; ficai sabendo que os factos nem sempre correspondem á expectativa inquieta dos assistentes, o que é ainda um mysterio sem explicação e que, bem considerado, prova que o individuo que opera, não é o só arbitro dessas maravilhas; sem duvida elle possui a exclusiva faculdade desses actos prodigiosos, mas elles só se podem produzir com o concurso de um agente ignorado, um ser a que chamamos o *Deus ex machina*.

De tudo isso resultam a grande difficuldade de estudar o fundo dessa estupenda charlatanaria e a necessidade de fazer-se uma serie de experiencias, para formar-se um grupo de homens capazes de esclarecer os incantos e vencer a pertinacia dos quereladores que, sabe-se, negam o privilegio dos espiritos observadores.

Esses quereladores por um simples indicio descobrem a evidencia das forças occultas da natureza; da queda de uma maçan. do movimento de um pendulo elles querem deduzir as grandes leis, que regem o universo.

Ora, eis o meu desafio: Se vós não escrevestes a phrase acima citada só pelo prazer de escrevel-a, se realmente tendes amor á sciencia, se não sois escravo de prejuizos, vós, o primeiro alienista da Italia, fazei-me a fineza de vir a campo, persuadido de irdes ali encontrar um homem cortez.

Quando poderdes ter uma semana de folga, designai-me um lugar, onde nos possamos encontrar; escolhei o momento que mais vos agrada, e eu vos apresentarei a minha feiticeira.

Escolhereis uma camara, onde eu entrarei só convosco antes da experiencia, e nella collocareis os moveis e os instrumentos de musica que quizerdes, fechando á chave o vosso piano. Julgo inutil apresentar-vos a dama no costume adoptado no paraizo terrestre, porque esta nova Eva é incapaz de tomar a sua desforra sobre a serpente e seduzil-a. Quatro cavalheiros nos acompanharão, como convem nas justas cavalleirescas; vós escolhereis dous que eu só verei no momento do recoutro, e eu levarei os dous outros. Nunca se offereceram melhores condições aos cavalheiros da Mesa Redonda. E' evidente que, se a experiencia for mal succedida, vós me julgareis como um allucinado que deseja ser curado de suas extravagancias; mas, se o successo coroar nossos esforços, vossa lealdade vos imporá o dever de escrever um artigo, no qual, sem circumlocuções, reticencias ou expressões ambiguas, attestareis a realidade dos mysteriosos phenomenos, e promettereis investigar-lhes as causas.

Se recusardes, explicai-me a phrase: *o século não está preparado para isso*. Sem duvida, ella pôde ser explicada pelas intelligencias vulgarissimas não por um Lombroso, a quem se dirige este conselho do Dante:

« Com a verdade deve-se fazer cerrar os labios á mentira. »

Vosso devotado e respeitador

Professor, CHIATA ERCOLE.

O distincto prof. Lombroso aceitou o convite, e combinou o encontro com o seu amavel adversario.

Esperemos.

SECÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

Uma vez convidaram-no a ir á morada de um figurão da terra. Suppondo que se tratava de utilizar-se do seu officio, elle foi sem receio. Ahi encontrou sobre um leito de dores um ancião respeitavel, que com a voz já muito enfraquecida lhe disse:

— Sr. João Paulo, ha 5 annos que soffro os tormentos do inferno, sem ter um minuto de descanso. Tenho consultado todos os facultativos daqui, e alguns mais nomeados de fóra; tenho experimentado um sem numero de medicamentos, e não consigo tolher a marcha do meu mal. Sei que com as suas ervas tem feito milagres, e quero confiar-me a si.

O pobre merceneiro procurou esquivar-se, pois reconheceu que alguns membros da familia do enfermo não o recebiam com agrado, sem duvida por julgarem-no um charlatão. Mas o velho acrescentou:

— Vá, pense e volte breve. Se não puder curar-me, busque ao meos dar-me algum allivio.

Recolhido a seu quarto o medium elevou seu pensamento aos céus, pediu a protecção de seus amigos do espaço, e obteve por escripto o seguinte conselho:

« As leis naturaes se têm de cumprir. O enfermo que visitaste hoje, se aproxima de sua hora final, que nenhum soccorro humano conseguirá retardar. Seu mal não tem cura; não tentes o impossivel. Pede a Deus por elle. Aquella erva que ali tens, lhe poderá dar algum allivio, mas não cural-o. »

— Não conseguirei cural-o, e que pretexto de accusação vou fornecer aos que me odeiam!... Pois hei de deixar soffrer aquelle homem por um receio que, talvez, seja sem fundamento?

Assim pensando ficou elle por algum tempo cabi-baixo e com os olhos fitos no chão. O relógio deu 6 horas, João erguen-se, tomou a erva indicada e partiu. Chegando á morada do enfermo, veio recebê-lo a dona da casa.

— Minha senhora, disse elle, seu marido está irremediavelmente perdido; seus dias estão contados. Com uma infusão desta erva pôde se-lhe dar algum allivio. Quer tentar?

— Experimentemos, responderam elle e conduziram-no ao quarto do enfermo, que estorcia-se no leito, e estendeu-lhe a mão como implorando compaixão.

— Vai ter descanço; tenha fé; aconselhou-lhe João com os olhos cheios de lagrimas.

Nos seis dias que se seguiram, elle foi ver o seu doente, que se mostrava calmo, conversando com seus parentes e extremamente penhorado pelo beneficio recebido.

No sétimo dia soube João em sua casa que o enfermo tinha fallecido, e que pela cidade accusavam-n'o de haver precipitado a crise. Essa noticia impressionou-o, mas bem de pressa a consciencia de sua innocencia triumphou, e elle esperou resignado os acontecimentos.

Poucos dias depois, chamado perante a autoridade, já bastante influenciada pelas suggestões de seus desaffectedos, elle compareceu na secretaria da policia, e viu logo que nada tinha a esperar dos homens.

Expoz tudo o que se havia passado, que só por sentimento de caridade tentara alliviar os soffrimentos daquelle pai de familia. O juiz foi inexoravel e, declarando que as suas ervas tinham apressado a morte do enfermo, fel-o recolher á cadeia.

No dia seguinte pela manhã, ao abrir sua janella, o juiz viu um grupo de individuos na praça ouvindo um homem, que lhe fallava animado e apoutando de vez em quando para o céu. Sua perturbação foi grande reconhecendo que esse homem era o mesmo, que elle prendera na vespera. Mandou á prisão immediatamente indagar do que havia, mas ali ninguem ainda suspeitava, que o preso se tivesse evadido. A guarda, o carcereiro, ninguem sabia explicar o facto; mas o preso já lá não estava. O juiz fez vir João Paulo á sua presença e pediu-lhe explicações.

— Eu tambem não comprehendo o que se passou; vi approximar-se da porta da prisão um homem, abril-a e mandar-me embora, ordenando-me que, logo que despontasse o dia estivesse na porta de V. Ex., que me queria fallar. Sahi, os guardas dormiam; e o homem desapareceu, sem eu saber como nem por onde.

Algun comparsa seu, retorquiu o juiz com mau modo. Voltará para a prisão, e veremos se ainda os anjos ou o demonio o virão libertar.

O pobre seguiu cabisbaixo, foi de novo encerrado, e a guarda reforçada teve ordem de vigiar com toda attenção, com ameaça de severo castigo aos infractores.

A alta hora da noite o juiz foi á prisão.

Nenhuma novidade havia; o preso dormia tranquillo, as sentinellas dobradas estavam attentas, e o velho carcereiro tinha a chave da prisão amarrada á cinta.

Mal, porém, chegado á casa, se ia elle accommodando, bateram-lhe á porta.

Elle ergueu-se contrariado e mandou entrar a praça que lhe queria fallar, e que lhe disse cheia de medo:

— Sr. chefe, o preso desapareceu; a porta estava bem fechada e vigiada por duas sentinellas, todos nós estamos promptos deitados ali junctos. Eu ia passando pelo somno, quando senti puxarem-me a perna; ergui-me e vi as sentinellas cahidas com um ataque, a porta fechada e a chave na cinta do carcereiro; mas o diabo do feiticeiro tinha-se escapado.

Imagine-se a colera do potentado, vendo-se assim ludibriado e exposto ao riso de mofa dos salões:

— Vocês me hão de dar conta desse homem, morto ou vivo, trouxeu elle, despedindo a praça.

Tres dias depois um camponio, vindo da villa do Triumpho, contou que, se

approximando do rio Jacuhy, viu caminhando, a algumas braças adiante de si, o curandeiro João Paulo; que, levado pela curiosidade, elle acompanhou-o, viu-o chegar á margem do Jacuhy, ajoelhar-se, lavar a cabeça e desaparecer; que indo até esse ponto, elle não descobriu alguém passando o rio.

Propalou-se a noticia do suicidio do marceneiro, e só então seus protegidos conheceram a mão occulta, que os auxiliava. Na sua officina, porém, não se encontrou declaração alguma.

Pouco tempo depois o chefe que tanto o perseguira, com a razão transtornada, suicidou-se lançando-se ao mar: facto que muita gente attribuiu a um castigo do céu.

Foi cerca de 8 mezes depois do desaparecimento de João Paulo, que surgia o solitario nas margens do Alto Madeira.

* * *

João fitou tristemente por algum tempo seu hospede, que conservava os olhos fitos no chão, a face apoiada na mão esquerda, e o cotovello sobre a perna, e depois com acento commovido e paternal lhe disse:

— Dizem com razão, Sr. Alvear, que desaggravamos nossas penas, quando as partilhamos com um amigo. Dê-me a honra de julgar-me seu amigo, porque realmente o sou, e contem-me o que lhe faz tanto aborrecer a vida, ainda n'uma idade em que tudo sorri ao homem.

— Sr. João! Como as apparencias illudem! Ha, por certo, muita gente que me inveja a vida e, no entanto, eu fui e sou o mais desventurado dos homens.

Tenho um segredo que, por vergonha, nunca confiei á pessoa alguma; mas sou obrigado a fazel-o agora, pois ha nelle plena justificação ao que estou resolvido a fazer. Meu pai foi um negociante abastado da praça do Pará; minha mãe morreu dando-me á luz. Vê, pois, que não foi muito auspiciosa a minha entrada no mundo.

Meu pai concentrava em mim todo o seu carinho, mas como tinha de fazer continuas viagens ao Amazonas, e eu não possuia outros parentes na capital e nem podia acompanhá-lo, resolveu-se, só por amor de mim, a casar-se de novo, escolhendo para companheira uma moça de familia muito pobre, que, ao menos por gratidão, devia interessar se por seu filho. Não aconteceu assim; essa infeliz foi o anjo máu que lhe envenenou os ultimos annos da vida.

Vinha á nossa casa frequentemente um negociante arruinado do rio Negro, de caracter sombrio e antipathico, chamado André Turino...

— André Turino! disse João admirado.

— Sim; é o mesmo em que pensa; é esse velho estabelecido hoje em Manicó. Esse homem, depois de por 6 annos illudir a confiança de meu pai, acabou raptando-lhe a mulher.

— E a mulher? perguntou João.

— E' a mesma com que vive ainda, e que desposou depois da morte de meu pai; que, soffrendo e sempre triste, fugindo da sociedade, aguentou-se ainda 15 annos, só sustentado pelo amor que me dedicava. Morto elle, continuei com a casa de negocios, esforçando-me para imitar sua honradez, por todos reconhecida. Aos 25 annos julguei que devia casar-me, e sentindo inclinação real por uma menina, filha do negociante portuguez Jeronimo Rios...

— Parente desse que foi assassinado no Jaiary? perguntou João.

— Elle mesmo, que depois veiu se estabelecer nesse ponto. Pedi sua filha

e fui aceito, mas por ser ella ainda muito joven, o casamento demorou-se. André Turino conseguiu ter ingresso em sua casa, e eu depois de algum tempo comeci a notar que me tratavam com frieza, e para abreviar, no fim de um anno a pobre Silvina casou com Alvaro, filho de Turino.

— Conheço-o; já vejo que teve a quem sahir.

Tem dado muitos desgostos á mulher, que hoje vive em companhia da viuva de Rios, e este morreu sem, ha muito, nem quererer vel-o.

(Continúa.)

A casa malassombrada

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

(Continuação)

— O Sr. magnetizou-me como a cobra, venceu-me pela força, e depois prendeu-me a si pela vergonha.

Não está contente? Ainda quer que eu continue a cavar mais fundo o abysmo de minha degradação!

— Margarida, o que dizes?

— Digo que ao arrastamento dos sentidos, que me fizeram fraquear até descer á posição vil da mulher perdida, opponho agora as forças de meu espirito, que me elevarão da baixeza, a que desci, ás alturas da peccadora arrependida, da mulher regenerada.

— Meu Deus! O que ouço!

— Ouve a voz de um sangue nobre que se revolta contra sua propria degradação, ouve a voz da alma indignada contra a fraqueza do corpo que a reveste, ouve a voz de Margarida de Amorim que lhe diz: Sr. Antonio Bento, o Sr. é a encarnação do espirito das trevas; mas eu acordei, e não o temo, porque sinto junto de mim o meu anjo da guarda.

E dizendo aquellas palavras, chegava-se a mim e me dizia:

— Anjo de minha guarda, guarda de minha alma, que pela celestial gerarchia foste dado para minha defeza e guarda, defende-me, protege-me cobre-me com tuas azas, contra o inimigo espirito, que renuncio, que repillo, que amaldiço, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.

Eu não sei descrever o estado de minha alma. Parecia-me que assistia a uma scena fantastica, em que via uma menina arrastada pelo demonio por um braço, e por outro segura pelo anjo de sua guarda, que desferia luz, a que o espirito das trevas não podia resistir.

Cheguei a crer que estava louco, ou que sonhava.

Margarida, porém, continuou. — Sabe, infame, que nunca te amei, e que se me tomaste de surpresa o corpo, nunca conseguiste tomar-me o espirito e o coração.

Estes tinham senhor, creatura nobre, alma superior, a quem me roubaste, como a serpe rouba os queridos filhinhos á rôla dos bosques.

Elle chora a perda da amada. E esta, nem direito tem de chorar a sua perda, porque se reconhece indigna, até de sua commiserção.

E a moça debulhada em lagrimas, estorcía as mãos em desespero.

Calcule, meu amigo, qual seria o meu!

Saber que a mulher a quem dedicava o amor mais puro que jamais filtrou de coração humano, era minha pelo coração e pela alma, e sabel-o

pela boca dessa mesma mulher... perdida... e louca!

Effectivamente Margarida estava louca.

Seu espirito foi tão fraco para resistir á tentação, quanto para soffrer os embates dos successos que se deram naquella noite.

Eu senti reviver todo o amor que, ha pouco, amortecera em meu coração, como brazas ardentes cobertas pela cinza.

Amava perdidamente, amo loucamente aquella que, ha duas horas, era indigna de meu amor.

A mulher perdida nunca mais poderia ter meu coração.

A louca pelo arrependimento teve e tem um amor sem esperanças, mas firme como a rocha e profundo como o pelago.

— Diga-me, Sr. Leopoldo, já encontrou na terra um homem tão desgraçado como eu?

Leopoldo riu sinistramente, e respondeu por esta pergunta:

— Qual é mais desgraçado: o que ama uma louca, a quem póde ver, abraçar e beijar castamente a cada momento; ou o que ama com todas as forças da alma, com desespero, freneticamente, uma alma penada?

— Uma alma penada! Mas isso não é amor, é pura loucura!

— Ainda melhor.

Qual dos dous é mais desgraçado: o que ama sem esperança, mas no uso de sua razão; ou o que, tambem sem esperança, ama uma sombra, que já lhe foi a noiva em dias felizes, e que nem ao menos está no uso de sua razão, como diz o senhor?

— Oh! Este é mil vezes mais desgraçado, principalmente se estou em erro, se está elle no pleno gozo de suas faculdades.

— Pois, meu amigo, acabe a sua historia, para ouvir a minha, e depois consolar-se, se ha consolação em se reconhecer menos infeliz que outro.

Em todo o caso, tome este conselho de alta sabedoria:

O homem que soffre não deve olhar para cima, para os que são felizes, deve olhar para baixo, para os que são desgraçados.

* * *

— E' justo, disse Joaquim de Amorim, repetindo o postulado de Leopoldo: ao que soffre, a perspectiva da alheia felicidade irrita, ao passo que a de maior desgraça, compunge e consola.

— E' um dos effeitos do egoismo, de que não está isento nem o mais puro espirito da terra.

Eu já aguardo ansioso sua historia, porque prevejo que é mais lugubre do que a minha e me trará balsamo consolador.

— Confessa-se, então, egoista?

— Se en disse que não ha, nu terra, quem não o seja!

— Pois acabe, para eu comecar.

— Pouco me falta, e eu resumirei.

— Com muito custo me fiz reconhecer de Margarida, que não cessava de me pedir perdão pelo desgosto que me causava, e de supplicar com as mãos postas, que fizesse com que meu avô não a amaldiçoasse.

Abraçei-a beijei-a ternamente, e ella, transportando-se, em espirito, aos tempos da infancia, comecou a rir e a pedir-me que fizesse um carrinho para passearmos no terreiro, puchados por dous carneiros.

Prometti-lhe tu o o que me pediu, e ella ficou tranquilla, dizendo-me:

— Você não sabe mais d'aqui, para brincarmos de manhã e de tarde?

(Cont nua.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL
Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL
Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a -- F. A. XAVIER PINHEIRO -- Rua do Regente n. 19, 2º andar.

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Dezembro—1

N. 145

EXPEDIENTE

Para cumprimento do prescripto nos nossos estatutos, são convidados todos os socios quites da Federação Spirita Brasileira, para comparecerem á sessão de sexta-feira, 7 do corrente, ao local de suas reuniões, á rua do Regente n. 19, 2º andar, afim de se proceder á eleição da nova directoria, que tem de funcionar no anno de 1889.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes em debito o obsequio de satisfazerem a importancia de suas assignaturas do corrente anno, afim de podermos prestar contas á sociedade.

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.
Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.
Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.
Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.
Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

SCIENCIA E RELIGIÃO

Como na India a philosophia de Sankhya, que negava a existencia de Deus e a autoridade dos Vedas e outros livros sagrados, e dava para principio de tudo uma materia primordial, foi uma manifestação da reacção do pensamento humano contra as intransigentes e absurdas imposições da casta brahmanica; o comtismo ou positivismo moderno é um protesto energico do mesmo pensamento contra a intolerancia da religião catholica romana, e as abstrusas e ante-scientificas interpretações dadas por esta aos sublimes e simples ensinios do grande philosopho de Nazareth.

Comte, o gigante propagador da sciencia positiva, foi forçado a chamar a attenção do mundo para os factos de observação, para os phenomenos experimentaes do universo sensivel, não como o fim unico á que a sciencia deve visar, mas como um

meio de libertar a intelligencia humana do pesado jugo da theologia romana, fornecendo-lhe uma base solida no conhecimento do mundo physico, para dali elevar-se á concepção de uma religião racional completamente livre do dominio dos dogmas da fé imposta sem raciocinio.

A. Comte não negou a existencia da força primaria, manifestada patentemente nas maravilhas da criação, aconselhou apenas que se estudasse primeiro os phenomenos do mundo sensivel, deixando de parte aquillo que escapa ao dominio dos nossos sentidos.

Conhecendo a natureza, o espirito humano não póde fugir á impressão poderosa da ideia da causa primeira, principio criador e regularizador de tudo, sem o que ficariam inexplicaveis os phenomenos tantos que observamos na criação, todos marcados com o cunho indelevel de contingencia.

A materia bruta existe e se nos mostra em variadissimas fórmas, sujeita sempre a leis eternas e absolutas em cada um dos seus modos de ser; e essas leis a que ella obedece cegamente, não podiam ser por ella mesma estabelecidas; ellas demanam necessariamente de uma intelligencia superior, de um centro cuja natureza intima escapa á nossa limitada comprehensão.

Caminhe a sciencia materialista, attinja a meta do que lhe é dado conhecer no mundo material, e ella verá sempre novos horisontes abrirem-se ás suas vistas, e de degrau em degrau irá por seguras deducções invadir o mundo invisivel, e das causas secundarias remontará infallivelmente á causa primaria e unica do universo inteiro.

O sentimento religioso é uma necessidade indeclinavel, um alimento indispensavel da natureza humana; sem elle a moral fallece por falta de uma base segura, e a sciencia torna-se um amontuado confuso de conhecimentos varios, sem um nexo que os prenda em um todo harmonico.

Sem o sentimento religioso o homem será o ludibrio de suas desenfreadas paixões, o nauta lançado no encapelado oceano da vida sem uma bussola que o guie, sem um pharol que lhe indique o porto, a que se deve dirigir.

Do berço á tumba a vida terrena é uma cadeia de decepções e contrariedades, e o homem succumbiria por certo, se o sentimento religioso não lhe incutisse uma esperanza de um futuro melhor; esperanza que nunca se lhe apaga da alma até o termo do seu viver terreno, e que, por consequencia, só terá uma realisção, quando elle abandonar os pesados grilhões da carne que o prendem ao mundo da materia.

E' tempo de combater-se a todo transe o antagonismo, em que as religiões formalistas se collocam em relação aos progressos scientificos.

A sciencia e a religião ambas que-rem e buscam a verdade e, portanto, devem marchar de accôrdo, auxiliando-se mutuamente, pois cada uma dellas lucra tudo com os adiantos da outra.

Nenhuma dellas deve temer a luz, porque o seu fim é esclarecer e guiar os homens para o bem, e não illudilos para disso tirar qualquer proveito.

A humanidade progride, as sciencias caminham, a religião não póde ficar estacionaria, sob pena de ser abandonada.

Ao Deus inexoravel e vingativo dos Hebreus substituiu o Deus justiceiro do catholicismo medieval, o qual hoje deve ceder o lugar ao Deus infinitamente amoroso e misericordioso do christianismo moderno, ou novissima revelação, que nos apresenta em sua pureza primitiva os ensinios do Christo, completados pelo Consolador prometido.

O Spiritismo, despedaçando o véu que nos escondia os mysterios de além-tumulo, veio trazer-nos a explicação das dôres, que nos pungem neste mundo de provas e expiações, animar-nos com a esperanza de sermos felizes, quando banirmos de nosso espirito as impurezas que nos separam do foco de luz e venturas, que criou-nos para o bem.

Homem, tu és o arbitro da tua felicidade, de ti só depende encurtares o mais possivel o tempo de tua estada nas trevas e no soffrimento!

Trabalha e subirás, esforça-te e vencerás, regenera-te e verás a Deus, isto é, irás gozar da bemaventurança, que elle reserva aos trabalhadores de boa vontade.

E' na purificação e elevação do nosso sentimento religioso que nos devemos empenhar com todas as nossas forças, e a razão esclarecida pela sciencia será nisso o nosso instrumento de trabalho.

NOTICIARIO

Predicção realisada.— Com a nossa distincta irman em crenças, D. Feliciano Dias, fallecida em Outubro ultimo, deu-se o seguinte pouco tempo antes:

Estivera em tratamento em sua casa uma parenta sua, soffrendo de grave enfermidade pulmonar. Uma noite teve ella de acompanhar á enferma que se retirava para a casa de seus pais.

Ao tornar á casa, D. Feliciano, estando assaz fatigada, dirigiu-se para o quarto onde a enferma estivera por mais de 15 dias, afim de arrumal-o, quando viu diante de si o espirito de um homem que lhe disse:

— Não entres, não sejas imprudente; estás agora em condições de receber os miasmas que infeccionam o ar naquelle quarto.

Ella recuou, mas teimou e entrou.

— E's muito imprudente e vais soffrer.

— O que? perguntou ella, morrerei?

— Tu sabes que não existe a morte para o espirito, tornou elle; deixarás o corpo.

Dias depois teve ella os primeiros ataques da tuberculose, que levou-a á desencarnação.

Fennimore Cooper.— O *Messenger* de Liege, de 1º de Outubro ultimo, traduziu do *Times Democrat* de New-Orleans um artigo do Sr. Richard B. Kumball tratando das experiencias mediannimicas, a que assistiu o celebre romancista cujo nome encima estas linhas, e antes dellas muito sceptico.

As provas obtidas com o auxilio das irmans Fox foram taes que, pouco antes de morrer, elle escreveu um bilhete, que depois do seu passamento foi entregue a ellas por um sobrinho delle, o qual dizia isto:

« Eu vos abenço por me haverdes tornado feliz, preparando-me para esta hora.

Na sua *Historia do espiritalismo moderno* tambem falla desses trabalhos o Sr. E. W. Capron.

Vamos continuando nas nossas escavações, e acharemos que o numero dos *loucos* no passado foi tambem muito maior do que geralmente se pensa.

Mais um.— O Sr. Ducrot publicou o seguinte em uma brochura, segundo lemos no *Spiritisme* de Pariz: « Grandes novidades no palacio Mazarin. O Sr. Babinet, o perseguidor

das mesas dançantes, teve, como São Paulo, a sua conversão no caminho de Damasco.

Elle viu e tocou uma mesa que, depois de se haver inclinado á sua chegada, elevou-se ao ar, obedecendo a uma ordem mental sua. Elle proprio nol o attestou, acrescentando que o proprio Vancanson não poderia construir uma mesa capaz de produzir taes resultados.

Os Srs. Elie de Beaumont, Liais e Cortes testemunharam os mesmos factos.

Um novo medium. — Na revista *Le Spiritisme*, de Pariz, de Junho ultimo, publicou o Sr. A. Gricourt, de Southampton, o seguinte facto, que resumimos :

A 16 de Junho, achando-se em minha casa, de visita, os Srs. Fromentera e Montagne, empregados de elevada categoria, este de França e aquelle de Hespanha, e o Sr. Pourville, negociante, cahiu a conversa sobre o Spiritismo, que elles affectaram tractar com pouco apreço.

De repente, porém, fizeram-se ouvir golpes fortes nas mesas, nas cadeiras, nas paredes, no solo e no tecto.

Improvizámos logo alli uma sessão, e por meio de uma mesinha manifestou-se pelas letras do alfabeto o espirito do Sr. Thomson, americano que havia fallecido um anno antes, e tivera relações commerciaes com o Sr. Fromentera.

Depois este senhor sentiu-se dominado por uma acção extranha, suas vistas ficaram fixas em uma cadeira que se achava junto á chaminé, onde elle via assentado seu amigo Thomson, que lhe fallava claramente e lhe estendia a mão para apertar a sua.

Em seguida entrou elle ainda em relação com os espiritos de sua mãe e sua irman.

Na noite immediata estavamos todos nós em casa do Sr. Montagne, e procuravamos estudar os factos da vespera, quando de novo se produziu o phenomeno dos golpes na mesa e nos globos do gaz, cuja chamma vacillava como impellida pelo sopro de uma boca invisivel.

Como desafiando, disse o dono da casa :

— Acreditai, Thomson, caso sejaes vós, que vos não tememos. Abri aquella porta, se o poderdes.

O botão da porta girou, e esta abriu-se.

O Sr. Montagne empallideceu e sua senhora perdeu os sentidos.

Os tres estão totalmente convencidos da realidade das manifestações de além-tumulo; e o Sr. Fromentera declara ser o maior favor que o céu lhe podia conceder, esse de poder entrar em comunicação com aquelles, que elle não mais esperava ver.

Um velho investigador surprehendido pelos espiritos. — No *Moniteur Spirite et Magnetique*, de Bruxellas, de 15 de Junho ultimo, publicou o Sr. C. G. Helleberg, de Cincinnati, a narração seguinte que resumimos :

Ha um anno, em sessões intimas em sua residencia, estando presentes, além do narrador, sua mulher, o Sr. e a Sra. Stebins, e o medium Sra. Cissna, os espiritos, por intermedio desta, pintaram o retrato a oleo, de tamanho natural de um indio, seu antigo amigo, fallecido, e que fora conhecido com o nome de Missouri.

Na manha de 16 de Abril do corrente anno, foi o Sr. Helleberg á casa do medium supradicto, afim de obter um trabalho de escriptura directa sobre ardosias, e achou-se na sala de cuja parede pendia o retrato do indio.

Obtiveram logo a seguinte comunicação.

« Produzi a obscuridade na camara para agradar a Missouri. »

Cerraram-se as portas e as janellas, mas não era tal a obscuridade, que se não podesse distinguir o que se desse. De repente ouviu-se um som forte, como o de um tiro, viu-se uma campainha e a ardosia serem arremessadas ao solo, e o retrato oscillar com força. Depois a ardosia elevou-se do solo e veio cahir no collo da Sra. Cissna. Nella estava escripto :

« Eu, forte, sou feliz, feliz, chefe Missouri. »

Finalmente uma mão transparente tirou de um vaso um botão de rosa amarella e lançou sobre o medium, e na ardosia estava escripto :

« Missouri dá esse botão de rosa ao seu medium, que o guarde e estas manifestações se reproduzirão. »

E assim se tem dado.

Notaveis manifestações. — Com essa epigraphe publicou M. Marie Gifford no *Medium and Daybreak*, Londres, uma interessante noticia sobre os phenomenos spiriticos dados em sua casa, com o auxilio do medium Sr. Kuske. Ahi se mostraram materializados varios espiritos, entre os quaes o John King, que com uma luz muito brilhante passava pela sala.

Dos espiritos que neste circulo trabalhavam sob a direcção do citado King, um dos mais sympathicos, segundo o noticiario, é Christofer, espirito muito intelligente, jovial e querido por todos os frequentadores do circulo.

Sempre prompto a dar explicações, a remover as duvidas, a fortalecer as crencas abaladas, é um elemento de inapreciavel valor ahi.

A's vistas de todos elle passeiou pela sala, tendo em cada mão uma carta de jogar, donde se desprendia uma viva luz.

Bonita prova. — Quando em 1877, começou o Spiritismo a desenvolver-se em S. Gabriel, Rio Grande do Sul, appareceram diversos mediums, entre elles um rapaz de cerca de 18 annos, de um genio simples e muito descuidado. Uma vez um nome respeitavel por sua idade e posição social, pouco ou nada crente no que lhe contavam sobre os phenomenos spiriticos, estando em uma roda de amigos, por brincadeira perguntou ao supradicto medium, quem a mulher que primeiro lhe fizera pulsar o coração. A resposta não se fez esperar :

— Foi Mlle. F., uma alcazarina; eras estudante e tinhas 18 annos de idade.

Riram-se todos, menos o interpellante, que ficou com as côres de um pinetão.

Ha alguma cousa, disse elle depois, mas eu não quero aprofundar esses mysterios. Eu nunca fallei disso a pessoa alguma, e este rapaz não podia alevinhar.

Rarissimamente os espiritos se prestam a dar provas destas, pedidas por brincadeira; nós eremos que ahi manifestou-se um espirito familiar e amigo para abalar aquelle, que cegamente repellia a crenga na communicabilidade dos chamados mortos.

Phenomenos de videncia. — Para o *Phantasms of the Living*, de Londres, escreveu o Rev. G. Ridout, vigario de Newland (Gloucestershire), o seguinte :

Muito novos ainda eu e minha irman ficámos orphans. Amavamos-nos muito. Tive de partir para o collegio Magdalena, em Oxford. Uma vez, passeando por um longo corredor, eu vi, trajando roupas brancas, minha irman, á distancia, caminhando adiante de mim. Apressei os passos, ella tomou por um corredor á esquerda. Chegando a este ponto, fiquei surpreso por haver ella desaparecido.

Veiu-me logo o pensamento de sua morte, de que chegou-me a noticia pouco depois.

O fallecimento tivera lugar no mesmo dia, em que eu a vira.

— Ainda para a mesma publicação escreveu, a 11 de Agosto de 1883, o Sr. W. C. Morland, de Kent :

« Um tio de minha mulher, sendo secretario do governador Warren Hastings, residente na India, foi testemunha do seguinte facto :

Um dia, achando-se reunido o conselho na sala de suas sessões, viram passar um homem pela sala, trazendo um chapéu de forma exquisita, ainda não conhecido no paiz, um chapéu-marmita, e entrar n'um gabinete contiguo, que não tinha outra sahida.

— Meu Deus! disse um dos conselheiros. E' meu pai.

Correu-se ao gabinete, mas não se encontrou ahi alguém.

O Governador, voltando-se para o seu secretario, disse-lhe :

— Toma nota, Cator, do dia e da hora.

Mezes depois chegou o navio, trazendo a noticia da morte do cavalheiro e os primeiros chapéus-marmitas apparecidos na India.

A circumstancia secundaria de haver o espirito se apresentado com um chapéu de forma nova, parece-nos só ter tido por fim fazer recordar o facto da appareição quando chegasse o navio, trazendo a noticia da morte daquelle cujo espirito se manifestou.

Reccebemos. — *L'Apostolat Positiviste au Brésil*, Relatorio do anno de 1887, pelo Sr. Dr. Miguel Lemos.

Traz circumstanciada a noticia da propaganda positivista nesta capital. Agradecemos.

MISCELLANEA

Uma viagem a outro mundo

CONTO SPIRITICO

Estamos em pleno mar, reina completa calma na terra e no ar, nem uma ruga na face limpida do elemento salso, nem uma nuvem no céu. O vento que soprava de leste, depois de voltar para o norte e saltar por diferentes pontos do compasso entre o norte e o oeste, cahira de todo.

O *Adria*, paquete que fazia viagens de New-York para a America do Sul, avançava a toda a força em demanda da foz do Prata. Os passageiros, ignorantes do perigo que os ameaçava, buscavam anciosos descobrir a terra depois de tão longa viagem. Só o commandante, velho lobo do mar, passava inquieto, dando suas ordens e fitando sempre o horizonte.

Subito surgiu no occidente uma pequena nuvem negra, que se foi estendendo para os lados, sem elevar-se muito, e depois subiu rapidamente envolvendo o firmamento. Era o pampo, esse phantasma aterrador dos mares do sul, que chegava com o seu medonho cortejo de chuva, relampagos e trovões. O vento soprou furioso impellindo para a costa o navio, envoito em montanhas d'agua. Transidos de medo os passageiros fugiram para a coberta. Sómente um conservou-se encostado á amurada; era

Pedro de Lira, homem de média idade, character sisudo e bom, que vinha de longe ao encontro de sua familia, residente na Republica Oriental.

A maquina do paquete era impotente para dominar á correnteza que o atirava para a costa. De subito sentiu-se um violento choque, o navio fora de encontro a uma pedra, e a agua invadiu-lhe o bojo com insuperavel impetuosidade. Tudo estava perdido: seguiu-se indescrivel desordem, em que o feroz egoismo abafou todos os outros sentimentos, tratando cada um de salvar-se como pudesse. O navio adornou, a onda envolveu-o e arrastou-o ao fundo do abysmo.

Ferido e enfraquecido pela perda de muito sangue, Pedro de Lira, seguro a uma taboa, se approximava da praia, donde alguns camponeses e pescadores faziam-lhe signaes e gritavam para animal-o, sem ousarem, contudo, aventurar-se ao mar. Mas quando apenas algumas braças o separavam da praia, o infeliz perdeu os sentidos, a taboa fugiu-lhe, e elle desappareceu.

* * *

Por mais forte que seja o seu animo, por mais desabusado que elle seja, não ha homem algum que se não sinta amesquinhado, arrebatado por um sentimento de admiração e dominado por invencivel terror, quando inopinadamente se ache transportado ao seio de uma dessas florestas virgens, onde a luz do dia escassamente penetra, onde innumeraveis troncos robustos, tão velhos como o mundo, entrelaçam seus frondosos ramos, furtando-nos a vista do céu; onde o acre aroma das flores e plantas silvestres nos embriaga e dá-nos vertigeus, e os cantos, gritos, silvos e uivos das aves, reptis e feras, e mil confusos ruidos nos atordam e acovardam.

Tal era a posição em que se encontrava o nosso conhecido Pedro de Lira.

Como foi transportado para esse ponto? Onde estava? Mysterio impetravel!

Todas as scenas, as peripecias tantas de sua vida se lhe haviam apagado da mente; restava-lhe apenas a consciencia do seu eu, do seu nome, e de não ser esse o primeiro dia de sua vida terrena, e mais nada. Era Pedro de Lira, mas completamente são e forte, ainda que desmemoriado.

Elle fixou por algum tempo esses velhos gigantes das florestas, buscando inutilmente comprehender como ali se achava. Caminhou sem destino, encontrando animaes e aves silvestres, quasi todos de cores escuras e formas pesadas e extravagantes, como elle ainda nunca tinha visto. Pasmo da estupidez desses animaes, que deixavam-no approximarem-se e observarem, sem parecerem notar a sua presença.

O estrondo medonho de uma queda d'agua chamou-lhe a attenção, seguiu

nesse rumo, e cerca de meia hora depois avistou um rio caudaloso, de águas muito turvas, no qual se despenhava gigantesca e escumosa cascata. Que lugar era esse da Terra, onde tudo se mostrava com um cunho de grandeza esmagadora? onde nada denunciava a acção modificadora da actividade intelligente do homem? Misterio insondavel!

Um ronco pavoroso fel-o estremecer, e mal se havia elle escondido nos matos, que marginavam o rio, viu avançar uma fera, um monstro que pareceu-lhe pertencer á raça felina, mas em nada assemelhar-se a algum dos typos conhecidos.

Seus olhos pareciam lançar chamas, de sua fauce escancarada, defendida por formidaveis presas, sahia um bafo que empestava. O desgraçado julgou-se perdido e encommendou-se a Deus. Mas eis que, partida do mato, uma grande pedra feriu o monstro na frente, e logo impetuosamente arrojou-se sobre elle um outro animal igualmente feroz.

Sua fórma parecia a humana, não tinha pellos e a côr de sua pelle era clara. As duas possantes feras rolaram abraçadas, mordendo-se e buscando cada uma despedaçar com suas unhas os flancos da outra. Seus uivos confundidos echoavam nas brenhas, derramando o medo nesses ermos. A lucta cessou, os contendores dilacerados, banhados em sangue estavam mortos ambos.

Pedro approximou-se para ver o animal que viera por ultimo. Era um homem na fórma, mas sua physionomia apresentava tal cunho de bestialidade feroz, que intimidaria ao mais corajoso filho da Terra. Sua pelle era branca, não como a da nossa raça caucasica, mas como a dos assas, cheia de manchas escuras e amarellas, que inspiravam asco.

Seus musculos, sua armação ossea eram fortes, suas mãos armadas de unhas possantes, agudas e curvas como garras, seus beiços grossos e salientes, suas mandibulas guarnecidas de formidaveis caninos; seu nariz aquilino, sua frente fugidia, sua cabeça apenas apresentando na parte posterior compridas melenas asperas e fulvas. Estava completamente nú.

Era um homem, mas selvagem do mais baixo grau, em que podemos suppor cahida a raça humana.

Que raça era essa? em que ponto do mundo achava-se confinada? Ainda o mysterio!

Que fazer? Pedro não sabia a resolução que devia tomar, tal era o terror que o dominava.

— Vamos, coragem! disse-lhe um ho que, como por encanto, surgiu-lado.

— Quem és? perguntou-lhe.

— Meu amigo, respondeu-lhe o revendo; um pobre extraviado como tu; um homem que, como tu, busca fugir desta tetrica e horrorosa morada.

— Como te achas aqui?

— Como tu, também ignoro-o; mas nada temas, sou da tua raça, e já estou aqui ha mais tempo. Vem, eu quero fazer-te conhecer melhor esses selvagens; nada receies, eu tenho um meio de evitar que elles nos vejam, mesmo estando em contacto conosco.

Pedro achou extraordinario o que lhe disse o velho, sempre com um sorriso benevolo; mas o que fazer? Resignou-se e seguiu-o.

Atravez de longo caminho por entre o mato chegaram a um descampado.

O sol já estava abaixo do horizonte, mas o crepusculo dava ainda luz bastante, para que podessem observar. Tres individuos, semelhantes ao que elle havia visto, despedaçavam com as garras e os dentes um pequeno animal e devoravam-n'o sem preparo algum. Um delles parecia enfermo e fraco, os dous outros estavam em pleno vigor. Notou que disputavam, e de repente um dos ultimos lançou-se sobre o primeiro, estrangulou-o e apossou-se de sua parte da presa.

Alguns outros, que estavam mais retirados, homens, mulheres e crianças, todos do mesmo typo, todos igualmente de physionomias ferozes e repulsivas, se approximaram do cadaver aiada palpitante, e começaram a devoral-o. Pedro recuou horrorizado.

— Não recues, disse-lhe o velho. Eis o que é o homem em suas primitivas encarnações na raça humana. Todos nós, como elles, já vivemos assim, sem patria, sem leis, verdadeiras feras em seu antro selvagem. Não têm casas, moram nas brenhas ou nas cavidades dos montes, disputando aos animaes ferozes seu alimento diario e seu lugar ao sol. Só tres sentimentos os dominam: a necessidade de alimentar-se, a de procrear e um invencível temor do desconhecido.

São os verdadeiros parias da esplendida sociedade, que se derrama por esses mundos tantos que lhes adornam o firmamento. Não conhecem outra arma além daquellas que lhes doou a natureza, ou das pedras que arremessam a pulso, sem preparo algum. Conservam o fogo com que se illuminam á noite e aquecem suas lobregas cavernas, mas não sabem produzi-lo nem utilisal-o de outro modo. Elles o deveram ao incendio propagado na encosta de uma de suas montanhas pela erupção de um dos seus formidaveis vulcões. As femeas tornam-se tigres defendendo seus filhos dos appetites canibae dos machos. Sua religião, pois não creias que exista no universo inteiro uma raça totalmente descrente, é a que pôde gerar o medo do desconhecido; o raio, o trovão, o relampago são para elles as manifestações da colera de um ser invisível, sempre irado, sempre inimigo do homem. Também os astros lhes ferem a attenção, e elles creem serem os muitos olhos desse ente mysterioso. Sigamos.

Tempo depois chegaram a um outro descampado, illuminado pelo clarão vermelho de uma fogueira. Abi havia grande ajuntamento. A raiva os dominava: elles fallavam, gesticulavam e pareciam ameaçar a um individuo de sua raça, que occupava o centro do grupo. Era uma mulher. Apezar dos sentimentos de asco e terror que, como os outros, ella inspirava, havia em sua physionomia alguma cousa, que despertava commiseração.

Ella chorava e erguia aos céus olhos supplicantes, como esperando alguma cousa desse ente, que ali todos reputavam inexoravel e máu.

— Repara bem naquella infeliz, disse o velho a Pedro. Quando o espirito em suas encarnações se mostra rebelde a todo progresso, persevera por vontade no mal, apezar dos soffrimentos que este attrahe, segundo as irrevocaveis leis do Creator, é lançado nesses mundos primitivos onde, com a consciencia perfeita da posição que occupou e donde suas faltas o expelliram, vem soffrer o merecido castigo entre esses seres degradados e ferozes, afim de pelo arrependimento reconquistar o bem perdido, e continuar no caminho do progresso, do ponto em que se achava.

O espirito encarnado naquella mulher viveu na Terra, occupou elevada posição, sentou-se n'um throno, foi um demonio impudico, sanguinario e cruel; teve lá mesmo outras encarnações, cada vez mais dolorosas, e em condições apropriadas a domar-lhe a energia criminosa; foi impossivel, suas inclinações perversas dominavam-na sempre. Soffreu muito na erraticidade, viveu no isolamento, tendo sempre diante dos olhos o quadro de suas faltas; nada pondeu dobral-a; cahiu, cahiu muito, a ponto de merecer esta encarnação. Hoje ella sente nojo da sua degradação, está vencida, vê como ella chora e supplica a Deus o perdão de suas faltas. Eis o que é o inferno; mas não é eterno, pois esses infelizes serão um dia o que nós somos, como nós já fomos que elles são.

Esplendido era o céu. Entre as myriades de astros que recamavam o manto avermelhado do firmamento, tres se distinguiam por seu brilho, duas vezes maior que o das nossas estrelas de primeira grandeza, era um delles de uma brancura offuscante, o outro amarello e o terceiro vermelho.

— A mulher que ali vês, continuou o velho, de uma intelligencia mais lucida que a de seus companheiros, é por elles reputada um ser estranho, capaz de influir na natureza, uma especie de feiticeira. Accusam-na agora de não usar de seu poder, para fazer apparecer o astro que se esconde atraz daquella pequena nuvem que ali descobres. Se a nuvem conservar-se assim por mais algum tempo, ella morrerá.

O céu ouviu a supplica da infeliz arrependida e a nuvensinha, continuando em seu lento movimento, dei-

xou descoberta uma estrellinha azul. Um só grito, formado de mil gritos, subiu aos céus, e os selvagens cahiram todos de bruços, estorcendo-se no chão, em signal de respeito.

— Que estrellas são aquellas? perguntou Pedro.

— Não são estrellas, respondeu o velho, são planetas; o branco é Jupiter, o amarello Pallas, o vermelho Ceres e o azul Victoria.

— Mas esses planetas, tornou Pedro, não são visiveis da Terra a olho nú, com excepção de Jupiter.

— Sim, respondeu o velho, mas nós não estamos na Terra; vê além o sol que desponta, seu disco é nove vezes menor, que aquelle que estás acostumado a ver.

— Não estamos na Terra, disse Pedro assustado; então que mundo é este?

— É o planeta Juno.

Estar em Juno! Então elle tinha morrido na Terra. A lembrança de sua familia despertou-se viva na mente de Pedro de Lira, e elle, bradando: Meus filhos! perdeu os sentidos.

* * *

Estamos no dia immediato ao do naufragio do paquete *Adria*. Em modesta sala de uma casa proxima á praia acham-se reunidas varias pessoas juncto ao leito de um enfermo que, ha mais de 20 horas, está sepultado em profundo somno, do qual os mais fortes reagentes não têm conseguido despertar.

A fadiga, uma forte emoção e grande perda de sangue, proveniente de um ferimento no lado, reduziram-n'o a esse estado.

Era Pedro de Lira, salvo das ondas por um pescador que, com risco de vida, se lançara em seu auxilio.

De repente um ligeiro estremecimento percorreu-lhe o corpo até então inerte, os musculos de sua face se contrahiram, e com acento fundamentalmente doloroso elle exclamou: «Meus filhos!» e abrindo os olhos, fixou os presentes como querendo reconhecer-os.

— Todos aqui! disse com voz fraca; ainda vivo, mas sinto-me muito abatido. Que foi isso?

Contaram-lhe a historia do naufragio, e aos poucos elle se lembrou de tudo, até o momento em que perdera os sentidos já proximo da praia.

— Depois, continuou elle, tudo se me apagou da memoria, fui transportado a um lugar muito distante daqui. Estive no inferno. Como tudo aquillo é horrivel!

— Foi um delirio, disse o medico, effeito da febre. Descance, quando ficar bom contar-nos-ha o que viu.

— Sim, eu lhes contarei depois. Mas, desde já lhes asseguro que o espirito não morre com o corpo, que a Terra não é o unico ponto habitado no universo, e que a justiça de Deus governa infallivel a criação inteira.

SEÇÃO LIVRE

O SOLITARIO DO ALTO
MADUEIRA

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Continuação)

— Desfiz-me da minha casa de negocios e vim estabelecer-me aqui, ha 6 annos. Agora ouvi o que nunca confiei a pessoa alguma. Desde criança dominou-me sempre um pensamento importuno e inexplicavel de apossar-me do alheio.

Nunca tirei de quem quer que seja, juro-lh'o pelas cinzas queridas de meus pais, alguma cousa; nunca encontrei alguem para me apossar de um real que fosse. Ao contrario, meus escrupulos, muitas vezes, me causaram serios prejuizos. Apesar disso, porém, sempre me perseguia esse pensamento infernal. Isto me abatia, mas eu esperava sempre que Deus se amerciassse de mim.

Não me encontrei mais com Jeronimo Rios, senão ha cerca de dous mezes, quando tive de ir fazer-lhe um pagamento por ordem do meu correspondente do Pará. Ao entrar eu em sua casa, elle, pallido e chorando como uma criança, lançou-se-me nos braços, e contou-me a desgraça de sua filha, ligada a um mostro, como elle m'o disse. Busquei consolal-o, e no dia immediato, ao amanhecer, parti para cá. Elle acompanhou-me meio caminho, onde nos despedimos. Soube depois não haver elle tornado á casa, desconfiando-se que tenha sido assassinado e roubado, porque elle trazia consigo uma quantia importante e papeis de valor. Hoje recebi a noticia de ter vindo uma ordem de prisão contra mim como auctor desses crimes.

João, triste, abaixando a cabeça, disse á meia voz:

— Insondaveis arcanos da Providencia!

— Ah! tornou Alvear, exaltando-se, poderei eu crer nessa providencia? Luctei toda a minha vida contra a tentação do roubo, venci-a sempre, e a recompensa é ver hoje o meu nome injustamente maculado! Não, a ideia da justiça de Deus fugiu-me da mente, e eu quero a morte como o termo, o aniquilamento de uma vida condemnada á desgraça e á vergonha.

— Não se altere, tornou João, escute-me; conversemos ainda. Contemplando a magestade desse esplendido panorama que nos cerca, a harmonia sublime que por toda parte se manifesta nas obras da creação, a belleza arrebatadora do manto azul do firmamento, fina cortina de gaze corrida entre a nossa vista e a immensidade, onde rolam infintos mundos, radiantes de esplendor e vida; meditando sobre os innocentes amores dessas innumeras familias de alados cantores, que encantam com seus ternos gorgeios estas solidões, ponde algum dia o senhor acreditar, que tudo isso fosse uma obra do puro acaso?

— Não, nada na natureza se fez por si mesmo. Deus existe, mas tem sido commigo bem cruel.

— Quem lhe affirma que esta prova, por que passa agora, não será o momento opportuno, para que se manifeste commigo, bem patente, essa justiça que agora nega? Luctou toda a sua vida contra a tentação; se accusado agora, apesar de innocente, essa sua innocencia for reconhecida e proclamada pelos homens, quando o senhor se julga irremissivelmente perdido, não virá isso confirmar-lhe a crença na existencia da força que

rege os destinos do mundo? e esse pensamento fortalecido não lhe virá dar mais animo para proseguir na lucta, que até hoje tem sustentado? O seu suicidio vem, pelo contrario, macular-lhe o nome, fazendo que se suspeite, que o senhor não era innocente da falta que lhe imputam. Defenda-se até a ultima hora, e deixe que Deus decida.

Eu vejo que o senhor acredita na immortalidade da alma humana. Raciocinemos. Nós vemos na Terra individuos bons e individuos máus. Seria possivel que Deus, tão poderoso e tão sabio, fosse injusto? Não, a injustiça é filha do nosso atrazo. Mas, se Deus é justo, porque nascem uns com propensões viciosas e outros com inclinações para o bem?

Só ha uma theoria que responde satisfatoriamente a essa pergunta, é a que nos ensina que esta não é a nossa primeira nem a nossa ultima vida, que nós já vivemos na Terra ou em outros mundos, e ainda viveremos aqui ou alhures, com outros corpos, para purificarmos-nos de nossas imperfeições pela lucta, pelos soffrimentos. Cada uma de nossas vidas é um cadinho, em que o nosso espirito vem deixar uma parte de suas impurezas. Encarnando-se, nosso espirito traz os sentimentos que o dominam, os bons que o sustentarão, os máus com que elle tem de luctar. O senhor pediu essa prova; com os seus sentimentos bons combate essa ideia de rapina que o obseda, legado, não se offenda com isso, de suas outras vidas. Os espiritos estão em continua relação commosco; ha entre elles bons e máus, amigos e inimigos; é um inimigo seu quem lhe suggere esse sentimento repulsivo do crime; são seus amigos que o auxiliam no combate. Não fraqueie, resista e vencerá.

— Ah! Que vergonha! Meu Deus! Preso por assassino e ladrão!

— Tenha fé, retorquiu João com um tom de profunda convicção, eu tenho toda a certeza que o verdadeiro criminoso será descoberto.

No meio do silencio profundo que então reinava, ouviram ambos uma voz bem distincta de mulher dizer de fóra:

— Obrigada, João!

— Que é isso? perguntou Alvear sobresaltado, indo á porta.

— Alguma ave retardada que regressa ao ninho.

— Pareceu-me uma voz humana.

— Illusão, disse o solitario sorrindo; a esta hora ningem se aproxima desta morada frequentada pelas almas do outro mundo. Vamos; eu o acompanharei esta noite.

O luar estava magnifico; o sitio ficava a uns 3 kilometros, e os dous foram dormir no sitio de Alvear; onde o velho desenvolveu-lhe todo o seu thesouro de doutrina, que derramou torrentes de fé e de esperanza na alma do moço.

As 7 horas da manha chegou o subdelegado do districto, amigo de Alvear, que abraçou-o, e com a voz alterada lhe disse o que havia. Viera ordem de Manaus para prendel o por suspeitas de cumplicidade no desaparecimento de Jeronimo Rios, que se suppunha fóra assassinado. As suspeitas baseavam-se em ter havido poucos annos antes um resfriamento de relações entre os dous, e ter Alvear ido á casa de Rios e sahido com elle, não tornando este á casa.

— Eu creio na sua innocencia, disse o recebechegado, como na minha propria. Vim só, e quero que me conte tudo, pois hei de fazer o possivel para descobrir o culpado.

Alvear narrou-lhe tudo minuciosamente; a disposição que tivera com Rios havia 5 annos; o modo amigavel por que este recebeu-o; o fim de sua visita, documentado com a carta do

seu correspondente e o recibo passado pelo desaparecido; o modo despreocupado com que elle voltou á sua casa, como podiam attestal-o os aggregados, que o acompanharam na sua volta pelo rio.

Tinha, porém, Alvear de ir a Manaus e seguiu com o subdelegado para o Juary, onde deviam aguardar a chegada do barco a vapor, que os levaria á capital da provincia.

Quando, pallido e com os olhos cheios de agua Alvear abraçou seu velho conselheiro, este repetiu-lhe ainda:

— Tenha fé; Deus o salvará.

* * *

Na margem esquerda da barra do Juary erguia-se, na época a que nos referimos, uma grande casa de palha, onde se fornecia pousada aos passageiros, que ahí vinham esperar a chegada do barco a vapor, que fazia viagem de ida e volta para a capital.

O barco estava carregado e partia no dia seguinte. Varios negociantes ahí se achavam reunidos e conversavam sobre seus negocios. Alvear, que havia chegado na vespera, estava sentado a um canto, cabisbaixo e pensativo, seismando na dolorosa situação em que se achava, suppondo ler em todos os semblantes uma repulsão, que talvez só existisse em sua imaginação.

— Sr. Alvear, disse o subdelegado, que com elle viera, vamos para a meza, são horas de almoçar; deixe-se de criaçadas; seja homem.

(Continúa.)

A casa malassombrada

— «:» —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO

DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— «:» —

(Continuação)

E estrelecendo e transfigurando-se, accrescentou com voz estertorosa:

— Mesmo assim é preciso para que o demonio não me apanhe sózinha.

— O demonio não volta mais, affirmei com segurança tal, que a moça encarou-me de olhos arregalados, e balbuciou:

E... agora eu tenho a meu lado o meu anjo da guarda.

— E onde estava elle? perguntei para explorar a profundeza de sua perturbação mental.

— Estava ausente, tinha ido fazer uma viagem longa... muito longa, quando chegou já era tarde.

Ah! Porque se demorou tanto? accrescentou soluçando.

Podia eu hoje ser ainda uma alma pura, podia ser... mas não devo fallar nisso!

Já o dia vinha amanhecendo, e eu precisava sahir, para cumprir as ordens de meu avô.

Convidei Margarida a voltar para seu quarto, e ella prompta a fazer tudo o que eu queria, seguiu commigo para o quarto, onde deixei-a recommendando-lhe que não sahisse, sem que eu a chamasse.

Por segurança, chamei uma preta velha que tomou conta de nós em crianças, e, depois de lhe dizer que Margarida estava louca, recommendei-lhe que a vigiasse, porque nada lhe acontecesse.

A pobre velha ficou consternada com a minha revelação, pois que nos votava amizade como de mães.

Consolei-a, quanto pude, dizendo que loucura é molestia que se cura, e sahi.

De volta a meu quarto, preparei-me de armas, carregando de novo minhas

pistolas, e parti para a casa do vaqueiro, cujo filho era meu pagem.

— José. Vae á casa do Sr. Antonio Bento, e dize-lhe que senhor velho precisa fallar-lhe. Eu te espero debaixo da gameleira, que fica no caminho. Vai e volta depressa.

O rapaz sahiu correndo, e no fim de um quarto de hora veio dizer-me: que Antonio Bento sahiu de casa pela madrugada, para viagem longa.

— Pois eu e tu havemos de descobrir-o, ainda que seja no inferno; disse ao rapaz.

— Vou já ver dous cavallos, na estribaria; e daqui a meia hora podemos partir.

— Pois sim, e nem uma palavra.

Eu bem sabia que José era mudo, quando se tratava de negocios meus; mas quiz sempre advertil-o.

Em menos de meia hora estavam a cavallo, armados como é de costume nestas terras, quando se viaja, embora não haja malfeteiros.

Para onde iam? Para onde foi Antonio Bento.

Mas para onde seguiu este? Ou seguiu para o Norte, em procura de seu tio Joaquim Bento, homem que tem fama de valente e mora na ribeira do Riacho dos Porcos, ou seguiu para o sul, em procura de Mannel Bent, seu primo, que mora no Trahiri, e que passa tambem por valentão.

Na estrada real é que poderei saber que direcção tomou.

Picámos os cavallos, e ao sahir do sol chegámos a uma casinha, na beira da estrada geral, e sita a duas leguas ao sul da fazenda de meu avô.

Appareceu-nos um rapasote, que nos perguntou se queriamos alguma cousa.

— Queremos saber se por aqui passou, de madrugada para cá, um moço alto, cheio de corpo, claro e bem apessoado, montando um cavallo castanho de frente aberta e arreagado das mãos.

— E' o Sr. Antonio Bento, mordomo do Sr. coronel Thomaz de Amorim?

— Elle mesmo.

— Passou por aqui ao romper do dia, quando eu chegava do matto, onde tinha ido caçar tatús.

— E não lhe disse para onde ia?

— Disse-me que ia ao Trahiri, de ordem do Sr. coronel.

Estava na pista do miseravel.

Antes das 10 horas do dia, passei por este logar, e fui ás 11 horas descansar na fazenda dos Macacos.

Soube ahí que o meu homem passara por volta das 9 horas, o que lhe dava duas horas de avanço.

Logo que o sol quebrou o calor, partimos dos Macacos, e pelas oito horas descobrimos no pateo da fazenda do Cupim, o cavallo que meu avô dera a Bento, pastando, peiado.

Estava seguro o meu homem.

Depois que todos dormiam naquella fazenda, atravessei pela frente della, e fui pousar na matta.

Não dormi. Tinha n'alma uma sede de sangue, de vingança, que me fazia parecer eterna aquella noite.

Ao romper do dia ouvi o tropel de um cavallo. Era Antonio Bento.

Tomei uma das pistolas, e quando elle me viu, já eu tinha seguras as redeas e feito estacar o cavallo.

O infame, assim que me reconheci saltou em terra, e vendo que eu segurava uma pistola, exclamou:

— Que valentia! matar um homem desarmado!

Sem lhe responder, tomei a outra pistola, entreguei-lh'a, e disse:

— Defenda-se.

Não se fez de rogado, e lhando a pistola, como fiz estenden o braço ao mesmo eu, e simultaneamente disp. armas.

(Continúa.)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — F. A. XAVIER PINHEIRO — Rua do Regente n. 19, 2º andar.

Anno VI

Brazil—Rio de Janeiro—1888—Dezembro—15

N. 146

EXPEDIENTE

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes em debito o obsequio de satisfazerem a importancia de suas assignaturas do corrente anno, afim de podermos prestar contas á sociedade.

São agentes desta folha:

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto. Na Cachoeira (provincia da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. Francisco Vieira de Souza, largo do Riachuelo n. 14.

Em Piracicaba, o Sr. Antonio de Carvalho Sardenberg.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia, e terminam sempre a 31 de Dezembro.

UM NOVO MARCO

Eis-nos chegados ao limite do sexto lanço da nossa jornada; e se ainda não nos é dado, ao som dos festivos hymnos da victoria, repousar tranquilos sobre um leito de flôres, descansaremos, ao menos, satisfeitos com a nossa consciencia por havermos cunprido com o nosso dever, fortalecidos com a crença de que a verdade ha de triumphar, e animados com a esperança de que os nossos successores não esmorecerão na lucta, e só deporão as armas depois do triumpho completo do Spiritismo.

Quem prestar attenção ao trabalho feito, quem lançar os olhos sobre a estrada percorrida pela propaganda spirita entre nós, não deixará de reconhecer que, á medida que os annos se vão succedendo, o aspecto da paisagem que contemplamos, tem variado sensivelmente. Se no começo da jornada eram innumeradas as difficuldades a vencer, e não se conseguia dar um passo sem ter os pés lacerados nas urzes e seixos afiados de um terreno virgem; hoje já sente-se o caminhante animado pelos aromas da crença que se vão derramando pelo ambiente, e pelos encantos de um virente campo salpicado de formosas e olorosas flores.

Não nos lastimemos pela demora da divulgação dos salutaros ensinamentos da nova revelação. A rapidez, talvez, hle prejudicasse a firmeza; e uma

doutrina dessa ordem só pôde ser adoptada com proveito depois de profundos estudos e seria meditação.

A propaganda se vai fazendo com segurança; a luz da verdade aos poucos leva a convicção aos animos, e o numero dos adeptos convictos cresce de dia á dia, ainda que a falsa vergonha obrigue ainda muitos a esconderem suas crenças. Dia virá em que elles comprehenderão, que a luz lhes não foi dada para esconderem-na sob o alqueire, mas para que elles a manifestem ao mundo.

A Redacção do *Reformador* não pôde deixar escapar esta occasião de agradecer a todos aquelles, que de tão boa vontade auxiliaram-na no cumprimento de sua espinhosa tarefa, fazendo votos pelo triumpho da causa que todos nós defendemos.

Ella tambem agradece com toda a effusão d'alma ás distinctas Redacções das revistas e periodicos estrangeiros e nacionaes que honraram-na com a sua permuta.

NOVA FORÇA

Para celebrar o centesimo terceiro anniversario do sabio academico, Sr. Chevreul, o coronel Le Mat publicou em Pariz os documentos authenticos sobre as descobertas da *força interatomica*, isto é de uma nova força motriz produzida pelo som. E' um meio de fazer, por exemplo, manobrar uma locomotiva ou qualquer outra machina por meio de um simples diapásio.

Essa descoberta é devida ao norte-americano, Sr. Keeley, e ha já dous annos que tem sido objecto de serios estudos, obtendo afinal o beneplacito dos homens da sciencia.

O novo achado vem fazer uma completa revolução na sciencia official e na industria, e justificar, ao mesmo tempo, as theorias dos occultistas de todos os tempos e as hypotheses intuitivas de Descartes, Edgar Poe, Herbert Spencer e outros da mesma estatura.

No seu livro — *A raça futura* — o celebre romancista Bulwer Lytton diz, que ella disporá de uma nova força que, segundo elle descreve, se assemelha muito ao agente agora descoberto pelo illustre americano.

Como o grande Edison, o Sr. Keeley luctou em sua juventude com as grandes difficuldades que cercam á posição de um orphan pauperrimo. Elle pertence á seita dos christãos substancialistas, que acreditam que toda força: som, luz, electricidade, cohesão, etc., é uma substancia.

Não é uma ideia nova; ella já hoje corre mundo sob o patrocínio de nomes illustres. O som, o calor, a luz, a electricidade, etc., não são mais que o ether ou fluido interatomico vibrando de diversos modos e com diferentes velocidades e amplitudes de vibração.

Nas impressões que recebemos do mundo sensível, não ha simplesmente um choque produzido pelos movimentos do fluido ambiente, mas tambem uma incorporação desse fluido.

O Sr. Keeley consegue armazenar o fluido, que se apresenta vibrando como som, quando elle se desprende do corpo chocado, e empregal-o depois como força motriz. Com um pequeno apparelho desses elle produziu uma pressão de 25.000 libras por metro quadrado, e desenvolveu uma força de 250 cavallos.

Com a força desse apparelho elle levou uma locomotiva de Philadelphia a New-York.

Era tempo de apparecer um novo agente, para substituir á hulha que escasseia.

Que bello se nos afigura o terminar do seculo XIX! Que de obstaculos vencidos, que de esplendidos triumphos lhe vêm cerrar as portas, depois de tão porfiadas luctas!

Em todos os terrenos a humanidade avança, tropeçando sim, porém caminhando sempre em busca do ideal da perfeição, que todos sentimos em nós mesmos gravado pela mão de Deus.

Nada ha de occulto que não deva ser descoberto e patenteado ao mundo.

Sermões sobre o Spiritismo

Attrahidos pelo annuncio previo de que no domingo do Adveto se trataria na tribuna da matriz de S. José do modo porque a igreja catholica considera o Spiritismo, ali nos achámos no dia 2 do corrente á hora marcada, revestidos de certa satisfação intima perante o facto de, pela primeira vez

nesta cidade, merecer as honras de uma discussão sincera e por parte tão respeitavel, um assumpto que de ha muito se impõe ao estudo e á meditação.

Contristou-nos, porém, que daquella cadeira, donde devera sempre se fazer ouvir a verdade, se enunciassem de ante mão proposições erradas e falsas, para, por meio dellas, se concluir tambem erradamente. Por essa razão somos tirados do silencio, correndo-nos o dever de fazer uma ligeira analyse daquelle discurso.

Releve-nos o Revm. vigario de São José a franqueza da nossa linguagem, mas temos necessidade de dar ás cousas o seu verdadeiro nome, diante da declaração de S. S. de que, tratando da origem do Spiritismo, não queria alludir á vida privada daquelles que primeiro o representaram, porém trataria sómente da ideia em si, estabelecendo discussão leal e franca; não o queremos molestar, trataremos tambem apenas das ideias, agradecendo cordialmente a S. S. o apoio que está prestando á propagação de tão util doutrina.

Assacando contra o Spiritismo taes proposições, e afirmando os phenomenos, S. S. produzirá um effeito contrario aos seus intuitos, porque provoca uma parte dos seus ouvintes a indagar da verdade e consolida em sua crença a outra parte já bastante conhecedora da doutrina, e apenas revella que desconhece o assumpto e nesse caso deveria limitar-se, sem discussão, a condemnar em absoluto, como faz a sua Igreja, o Spiritismo como arte do Diabo.

S. Revm. disse:

— Que os Spiritas tinham a presumpção de tratarem directamente com Deus;

— Que os introductores foram Mesmer, Cagliostro, Douglas Home e Allan-Kardec; os dous primeiros manifestos embusteiros; Mesmer, apresentando-se como magnetizador, illudira o publico de Pariz, collocando uma grande pilha na praça publica, onde as pessoas que tocavam ficavam alteradas da mentalidade, vendendo por ultimo o seu privilegio pela fabulosa somma de 400.000\$000; Cagliostro percorrendo a Europa com uma esphera ou grande globo reluzente onde uma menina, por intervenção

espiritual, via e dizia a buena-dicha; Dr. Douglas Home compendiando e divulgando nos Estados Unidos os primeiros phenomenos que ali se deram, como pancadas nos moveis, movimentos das mezas, etc., repentinamente aceitos pelo genio inventivo dos naturaes daquelle paiz; Allan-Kardee, finalmente, reduzindo a corpo de doutrina em obras que publicou;

— Que nas sessões spiritas, appareciam luzes, relampagos, estrondos, as mezas andavam, os mediums viam pelos cotovellos, etc., ouviam-se orquestras, choros, etc., sem estar presentes instrumentos, musicos ou cantores, etc., etc., e fez a descripção scientifica dos orgãos necessarios para a locomoção, vista e audição naturaes e descreveu a luz ordinaria, para concluir que taes phenomenos são sobrenaturaes.

— Que o espirito em relação com os homens não podia ser divino, porque Deus só se revelou a Adão, a Moysés e na pessoa de Christo; nem podia ser o dos Anjos porque só tres baixaram e poucas vezes Gabriel, Raphael, Miguel; nem os dos grandes homens, porque a linguagem das communicações estava em contradicção com o estylo que lhes era peculiar emquanto vivos.

— Que, finalmente, não podendo ser o espirito Divino, nem o das almas que estão no céu, no purgatorio ou no inferno, que espirito podia ser o que se manifesta?

E' o que dirá no proximo sermão. Agora, fallamos nós.

(Continúa).

Questão Ercole-Lombroso

Na carta em que o professor Lombroso responde aceitando o desafio do professor Chiaia Ercole, só impõe a condição de serem as experiencias feitas de dia e em plena luz. Por esse modo ficam banidos do estudo os phenomenos luminosos, que exigem uma certa obscuridade. Mesmo assim, porém, restam muitos outros que poderão trazer muita luz ao conhecimento da verdade spiritica.

Esperemos o resultado.

NOTICIARIO

Contra o Spiritismo. — Em seus sermões dos domingos do Advento, deliberou o illustrado vigario de São José, desta capital, occupar-se do Spiritismo, que promete fazer sumir-se nas sombras do Orco. Com effeito, perante um auditorio formado quasi exclusivamente de confrades nossos, já o illustre vigario deu começo aos seus intuitos. Por outro lado, o nosso collega de jornalismo, orgão nesta côrte da religião catholica, talvez julgando erradamente ter deante de si um concorrente, abriu em suas co-

lumnas espaço á collaboração de um escriptor, que, como mil outros que o tem precedido, julga-se armado da massa herculea capaz de abater tantas quantas cabeças surgirem da hydra. Quando do pulpito e do jornal, até o presente envolvidos na neboa desdenhosa de simples negações, pertem agora uniformemente arregimentados pelotões resolvidos a dar combate, é que a perseverança de nossa propaganda tem realmente minado a consciencia publica; é que temos sabido ser discipulos aproveitados do ex-chefe do catholicismo Pio IX, quando proclamava aos quatro pontos cardeaes — *Clama, clama; ne cesses.*

Uma manifestação importante. — O Sr. A. Reader conta no *Messenger de la Paix* o seguinte, que elle ouviu na meza do bispo Wilberforce, de Winchester, um dos mais altos dignitarios da igreja anglicana, sabio respeitado em toda a parte onde se falla o inglez:

Ha algum tempo, foi o dicto bispo convidado para um jantar em uma estancia retirada. Ao entrar no salão, por haver elle chegado um pouco cedo, só encontrou sentado no divan um sacerdote catholico lendo n'um grande livro.

O bispo saudou-o, e elle retribuindo a saudação com a cabeça, continuou a ler. Foi depois aquelle para outra sala onde se achavam a dona da casa e outros convidados. Ahí perguntou elle áquella quem era o padre que estava no salão. A senhora empallideceu, e elle, suppondo haver committido uma inconveniencia, pediu desculpas, ao que ella respondeu:

— Não, não ha inconveniencia alguma. O que ahí está, não é um homem, mas um ente sobrenatural. Eu e meu marido já o temos visto, e se nada dissemos, foi para não passarmos por visionarios; mas, uma vez que V. Rym. o viu, eu lhe rogo que o faça retirar desta casa.

O Sr. Wilberforce pediu que ninguem o acompanhasse e foi ao salão, onde encontrou o padre na mesma posição. Dirigiu-se afoitamente a elle, mas sentiu-se muito abalado, quando o padre fitou-lhe os olhos em que transluzia a profunda tristeza de uma alma abatida pelo soffrimento.

— Poderemos saber, perguntou elle, a causa de vosso soffrimento e o motivo que aqui vos traz.

— Ha oitenta annos, respondeu o interpellado, morava eu nesta casa, que me pertencia. Então ouvi em confissão uma dama, e era tão grave o que ella me dizia, que, contrariamente aos preceitos da minha igreja, eu tomei apontamentos de tudo o que ella disse, e que vinha comprometter a muitas pessoas recommendaveis por sua posição social.

Depois tendo de fazer uma viagem de recreio, colloquei os meus apontamentos dentro de um livro e fui encerral-o em um esconderijo, que mandei fechar para que ninguem o encontrasse.

Parti e morri de uma queda do cavallo; e desde esse tempo aqui venho em busca de uma pessoa que se preste a destruir esse documento. Far-me-heis o obsequio de servir-me?

O bispo aceitou o encargo.

— Dais-me a vossa palavra de queimar esses papeis, sem lhel-os nem consentir que alguém os leia?

— Vol-o prometto, disse o bispo.

— Então vinde commigo, tornou elle.

Seguiram atravez de varios aposentos, desceram diversas escadas, e afinal o padre, parando e apontando para um ponto da parede, disse:

— E' aqui.

O bispo chegou-se para ver, e quando voltou-se, não viu mais o seu companheiro.

De volta á sala, o Sr. Wilberforce contou o que se havia passado, e todos, cheios de curiosidade, acompanharam-no até o lugar. Um pedreiro atacou a parede; encontrou-se a cavidade, e o proprio bispo dahi sacou um grande livro já muito mofado. Abrindo o livro, encontrou elle os papeis que, em cumprimento de sua promessa, foram queimados, sem que alguém os lesse.

Nunca mais o espirito tornou áquella casa.

Além da importancia do facto, attestado por personagens de tanto valor moral, ha nelle ainda uma lição que deve ser proveitosa a todos.

Ahi está demonstrado que as nossas levandades neste mundo são, muitas vezes, a causa de muito soffrimento para os nossos espiritos no outro.

Ação dos invisiveis. — A intervenção do mundo espiritual nos actos da nossa vida está hoje confirmada por inumeros factos, cada qual mais importante. Benefica ou malefica, ella é sempre digna de estudo, pois se da verificação da primeira nos vem grande animação, da verificação da segunda provem para nós um aviso seguro, para nos libertarmos das nossas más inclinações que attrahem para nós os espiritos viciosos e máus, que nos querem prejudicar.

Informam-nos do seguinte:

O Sr. F., morador na rua Oito de Dezembro, no arrabalde de S. Francisco Xavier, tem por habito collocar á noite juncto ao seu leito uma espingarda Laffouchet carregada, por prevenção contra os gatunos.

Pela manhã elle a descarrega afim de evitar algum desastre. Um dia, porém, ultimamente, esqueceu-se de fazel-o, e sua cunhada, suppondo a arma descarregada, tirou-a de onde estava e foi pol-a em outro lugar. Depois foi á janella, donde teve de retirar-se para attender ao chamado de uma menina, sua sobrinha. Apenas, porém, retirou-se da janella, a arma disparou e toda a carga veio empregar-se no ponto que ella acabava de deixar. O mais importante ainda é que ninguem a havia chamado, e sua sobrinha nem estava em casa.

Foi pois um phenomeno de audição, pelo qual um espirito amigo livrou-a de uma morte certa.

Ha já algum tempo, essa mesma senhora, achando-se sob um telheiro no quintal de sua casa, ouviu a voz da mesma menina, chamando-a, e apenas ella sahira para ir ter com a menina, o telheiro desabou. Ainda ahí se deu o mesmo facto: a menina não a tinha chamado.

Tangibilidade e videncia.

— A Sra. N. pessoa respeitavel, foi ultimamente ao cemiterio de Catumby visitar a sepultura de uma sua netinha. Chegando á casa, notou que havia perdido uma de suas luvas; voltou ao cemiterio e, quando se aproximava da sepultura, viu se dirigir para ella um homem desconhe-

cido, trajando calça e camisa brancas muito limpas e tendo em uma mão um balde e na outra a sua luva, que lhe offereceu sorrindo.

Ella tomou a luva e buscava tirar de sua carteirinha algum dinheiro para gratificar ao homem, quando este desapareceu, sem se afastar do lugar.

Um novo medium. — O *Golden Gate* de 25 de Agosto ultimo traz o retrato e a biographia do joven americano Fred Esans, que em 1885 tornou-se adepto do Spiritismo, e ha dous annos começou a manifestar-se importante medium de escriptura directa. Suas sessões têm sido sempre muito concorridas. Os assistentes escolhem tres pessoas, á quem entregam suas lousas convenientemente lacradas e selladas e, mesmo, sem que o medium lhes toque, ellas apparecem cobertas de escriptura, em linguas e com côres diferentes.

Em presença do celebre prof. Wallace appareceu na lousa o retrato do Revm. Pierrepont, grande pregador americano, já fallecido, rodeado de escriptos de diversas côres, quando entre as lousas não se havia collocado lapis algum.

O espirito Saint-Clair, que foi pintor na vida terrena e hoje guia o medium nos seus trabalhos annunciou que ia produzir photographias permanentes sobre as ardosias, e cumpriu a sua promessa. Elle cobre a lousa de uma camada de verniz estranho, sobre o qual apparece o retrato.

Não só tem apparecido photographias de pessoas fallecidas, como tambem de outras que ainda são da terra. O Sr. Esans está hoje na Australia.

Uma coincidência singular

— Com esta epigraphie publicou o *Golden Gate*, de S. Francisco da California, de 26 de Maio ultimo, o seguinte artigo do Sr. C. A. Reed, de Portland:

« Ha já algumas semanas o Inspector da posta, Mason, entrou para o hospital de S. Vicente, desta cidade; soffrendo de uma febre typhica e parecendo suspenso entre a vida e a morte.

Seus amigos vacillavam entre a duvida e a esperanza, e na vespera do dia do seu passamento estiveram alguns delles em uma sessão spiritica, em que trabalhava o medium, Mrs. Ladd Finegan.

Depois de se haverem manifestado alguns espiritos, um dos presentes perguntou ao espirito Spencer, se elle cria possivel a cura de Mason.

— Restam-lhe poucas horas de estada no meio de vós; respondeu o interpellado.

— Como? Julgais-l'o tão mal?

— Sim; tornou o espirito, sua vida se extinguirá antes de despontar a luz do novo dia.

Mason falleceu ás 4 horas da manhã. O mais interessante, porém, é o que conta o Inspector Anderson, que nessa hora se achava ali só com o enfermo: Na hora exacta do passamento a luz da lampada oscillou e apagou-se deixando-os em trevas.

Parece-nos que quizeram mostrar, que a morte se effectuou antes de surgir a luz do dia, como o espirito havia dicto.

Influencia da luz sobre as materializações de espiritos.

—O Sr. Mathien Fudter publicou no *Medium and Daybreak* de Londres um artigo sobre o assumpto á que se refere a epigrapha supra, do qual o *Messenger* de 15 de Junho fez o resumo, que trasladamos para as nossas columnas.

« Os que não conhecem o Spiritismo, não podem absolutamente comprehender a possibilidade de um espirito tornar-se visivel e fazer mover objectos materiaes; elles se admiram de que os espiritos, caso se manifestem, não o façam em plena luz, como fazem na obscuridade. A resposta a esta objecção é que os espiritos não são omnipotentes. Eu e todos os seres humanos não somos senão espiritos encarnados, que, despojados na morte de seu envolucro carnal, continuam a ser espiritos, visto que não é o seu templo terrestre ou a sua roupa que faz de cada um delles um ser humano, como não é a perda do seu envolucro que os faz ser espiritos. O homem ou o espirito que subsiste depois da sua transformação, é o mesmo homem ou espirito que vivia antes; e se o espirito adquire depois de seu desprendimento certas aptidões, em compensação perde outras e, em particular, a faculdade de ficar em contacto com suas substancias materiaes.

Se elle quizer readquirir esse poder, precisa de materia, e como ella lhe falta, pela subtilidade da que constitue seu corpo fluidico, elle vai tiral-a dos espiritos encarnados. Para obter essa materia é necessario que um certo numero de pessoas sympathicas umas ás outras, meia duzia por exemplo, se reuna em sessão; o espirito desencaruado manipula e concentra então a exhalação ou emanação da materia viva produzida por seus corpos. Depois elle se reveste momentaneamente com ella, e chega assim a tornar-se visivel com a figura que tinha na terra. Uma vez que obteve esse resultado, elle póde conversar, escrever ou tocar um instrumento.

As pessoas que não estão familiarizadas com estas questões, objectarão que não temos provas de que os espiritos subtraíam realmente essa materia dos assistentes, pois que ellas não a veem escapar-se de seus corpos.

Mas, apesar de ser essa operação invisivel para nós, não nos é difficil provar, que são os assistentes que fornecem a materia. Sómente os espiritos têm a vencer grandes difficuldades para central-a; e elles affirmam que a luz produz um effeito de desagregação, que muito prejudica á operação, porque quando elles a reúnem, essa materia constantemente tende a se dissolver e espalhar-se na sala em particulas invisiveis. Se submettermos um pedaço de gelo á acção do calor, não poderemos conserval-o no estado solido; quem nos diz que a luz não exerce a mesma influencia sobre essa outra substancia? Nós sabemos que ella produz o movimento, pois que o radiometro o demonstra, pondo se em movimento logo que um raio de luz o attinge. A experiencia chimica do hydrogenio e do chloro que se conservam como simples mistura até que sejam expostos á luz, para com explosão produzirem o acido chlorydrico, fornece-nos um exemplo que nos demonstra incontestavelmente o poder da luz.

Observamos que uma certa categoria de espiritos póde facilmente se comunicar e produzir phenomenos physicos em uma semi-obscuridade; que outros, ao contrario, exigem a mais profunda, excluindo até o mais tenue filete de luz natural ou artificial.

Creemos que isto depende do ambiente, da maior ou menor quantidade de força fluidica que os espiritos po-

dem colher das pessoas presentes e de suas disposições moraes. »

Segundo diz Allan-Kardec, acrescenta o Sr. B. Martin, auctor do resumo, a communhão de pensamento, a unidade de intenção, de vontade, de desejo e de aspiração, serão sempre o mais poderoso auxilio que prestaremos á manifestação dos espiritos.

O enfermeiro infel. — *Le Spiritisme*, de Pariz, de Julho ultimo, publicou o seguinte facto, que resumimos :

Um joven de boa familia foi recolhido ao hospital militar de R., e falleceu depois de um curto tractamento. Poucos dias antes de sua morte, fora-lhe entregue da parte de sua familia, residente em outro ponto, a quantia de 200 francos em ouro, que elle, sem avisar á directoria, collocou em seu cinto.

O enfermeiro que lhe lavava á cabeceira, sciente de tudo, achou que ali se lhe apresentava uma boa occasião de locupletar-se á custa de quem já não podia denunciar; e fel-o.

Mezes depois sentiu elle que suas pernas inchavam de um modo inquietador, e como tivesse ouvido fallar das curas que estava obtendo um medium do lugar, ainda que nada conhecesse de spiritismo, foi ter com elle.

Feita a consulta, um espirito se apossou do medium e escreveu o seguinte :

« Te apropriaste do meu pequeno thesouro; roubaste-me, suppondo-te só, quando eu estava ao teu lado; occultaste o dinheiro em tua camara. Eu não sou máu; podia perder-te, mas não o faço, com a condição de remettes sem demora essa quantia á minha familia, que della necessita. Fal-o sem perda de tempo. Não me vingarei de ti; não o quero; só desejo provar-te que os espiritos existem; pois creio que isso exercerá benefica influencia sobre a tua vida, detendo-te á borda do precipicio. Para provar-te a acção que exercemos sobre certas naturezas, affianço-te que tua enfermidade desaparecerá, logo que tenhas cumprido o teu dever de homem de bem. »

Espantado e confuso, o enfermeiro remetteu a quantia roubada; e alguns dias depois a inchação de suas pernas tinha desaparecido como por encanto.

E' um facto authenticico, attestado pelo Sr. Ginodeau.

O espirito effectuou a cura pelo mesmo processo de que se servem os magnetisadores, o emprego de fluidos, cujas propriedades curadoras ainda tão mal conhecemos.

No facto acima narrado vemos uma grande vantagem resultante do conhecimento do Spiritismo, da doutrina que nos ensina que nem um dos nossos actos escapa ao testemunho dos invisiveis que nos cercam, e têm a faculdade de denunciar-nos áquelles com quem convivemos.

Foi uma esplendida lição para o enfermeiro infel.

Recebemos. — *El Bien Social*, importante periodico publicado pela

Sociedade Philantropica Mexicana, sob a direcção do Sr. Francisco Sosa. Traz esplendidos artigos de sciencia e moral, e é de distribuição gratuita. Agradecemos e pedimos permuta.

— *Abolicionismo e clericalismo*, complemento á carta enderessada á S. Ex. o Sr. Dr. Joaquim Nabuco por R. Teixeira Mendes. Agradecemos.

— *Discurso* pronunciado pelo Sr. Joan Hoffman, secretario da Academia internacional dos estudos spiriticos e magneticos de Roma, na sessão de 9 de Setembro ultimo no Congresso internacional dos Spiritas em Barcelona. Agradecemos.

— *Nuevos Experimentos sobre la Fuersa Psiquica*, por W. Crookes, versão hespanhola por F. R. S., feita por conta do Centro de Propaganda spirita de Buenos Ayres.

Agradecemos o exemplar com que fomos mimoseados.

MISCELLANEA**D'além-tumulo**

Medium, D. M. Monteiro — Grupo Deus, Fé e Caridade—Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1888.

Já resplendente de luz desponta a aurora da felicidade. Bemdicto seja o Pai Celestial que vos concede essas tantas graças, que se derramam sobre a Terra, e com tanta frequencia estão sendo notadas em todos os pontos!

Tudo denota serem chegados os tempos com tanto amor promettidos pelo divino mestre, ha já tantos seculos, durante a sua vida terrena tão cheia de dedicação. E' preciso, porém, que de vós parta o esforço para comprehenderdes a vossa posição nos tempos que correm; do contrario não podereis aproveitar os beneficios que recebeis continuamente; pois que tudo se vos mostra claro, tudo vos convida a caminhar para a perfeição. E' tempo de cuidardes do vosso progresso moral; não vos affasteis, não troqueis a luz pelas trevas, porque ai daquelle que assim o fizer! bem dolorosos serão seus soffrimentos.

Deus que tanto vos dá, o que exige de vós, a não ser boa vontade? Os amigos que vos rodeiam, o que mais pedem que a modificação das vossas paixões frivolas, que vos afastam das moradas bemaventuradas? Ide, meus bons amigos! procurai aos poucos ir-vos dominando afim de destruides as causas dos vossos soffrimentos, e já mesmo nesta vida começardes a gozar; pois Deus é justo e nada esquece.

Avante pois, não sejais descuidados, porque não sabeis se o dia de amanha já será tarde; o futuro pertence a Deus, e não o podeis prever.

E vós, spiritas sinceros, sede os executores das palavras divinas, ensinai pelo exemplo da vossa conducta, meio seguro para attingirdes a perfeição; lembrai-vos que a vossa responsabilidade está na medida dos conhecimentos que adquiristes.

Amai-vos mutuamente; sede na Terra os apóstolos da caridade moral, a mais santa e mais pura aos olhos do Creador.

Deus vos illumine e abençoe.

PAULO.

D'além-Tumulo

Medium, D. M. Monteiro — Grupo Fé e Caridade—Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1888.

A paz de Deus seja em vosso centro.

Tudo caminha, pois a promessa do Divino Mestre não póde ser desmentida; Deus assim o quer, e sua vontade está acima de todas as vontades. O Spiritismo progride e progredirá sempre, se a fé e a boa vontade dos seus apóstolos se conformarem com as inspirações de seus guias. Ensinai pelo exemplo; sede incançaveis na obra, nunca imiteis aos phariseus que diziam boas palavras, mas tinham os corações vãos e as almas repletas de corrupção e de impurezas, afim de não serdes tão ou ainda mais culpados que elles. Deus é bom; Elle vos guia e vos mostra a realidade das cousas; a cada instante exemplos frisantes surgem aos vossos olhos; nada vos falta, podeis seguir sem receio de tropeçar, porque a luz que vos cerca, é pura, abundantissima, e nada conseguirá obscurecel-a.

Ensinai a amar a Deus, fazendo de sua sagrada lei uma religião santa, cujo desempenho vos está confiado.

Disso depende a vossa felicidade e a daquelles que, junto a vós, vierem colher tão altos ensinios.

E' grave a vossa responsabilidade, mas serão grandes o merito e a graça que receberéis.

E vós que procuraes a luz, aproximai-vos e aproveitai esse tempo precioso, afim de não serdes sorprendidos como as virgens descuidosas, que se guardavam para a ultima hora, e soffreram as consequencias de sua negligencia. Buscai com toda a boa vontade, e achareis a chave que abre a porta da verdadeira vida, e o consolo de todas as dôres.

Deus vos illumine.

Um afeiçãoado.

SECÇÃO LIVRE**O SOLITARIO DO ALTO MADEIRA**

CONTO SPIRITA E DE COSTUMES

POR FREQ

(Conclusão)

Todos tomaram assento ao redor de uma grande meza, collocada no centro da casa, sobre a qual fumegavam appetitosos gnizados de tartaruga e peixe, e um assado de anta, carne saborosissima, superior á do porco domestico. Servia aos hospedes um homem de meia idade, typo indiatico, flegmatico como todos os indios man-

dos do Amazonas. Joaquim era o seu nome, mas todos junctavam-lhe o cognome *Assahy*, por causa da sua paixão por essa bebida.

O almoço ia em meio, quando um novo hospede entrou na sala. Era o solitario do Alta Madeira. Seu ar solenne denunciava, que se havia passado alguma coisa de extraordinario. De pé, com a voz pausada e firme, dirigindo-se ao subdelegado que occupava a cabeceira da mesa, elle disse:

— Senhor juiz, eu venho esclarecer a justiça sobre o assassinato do malaventurado Jeronimo Rio.

Todos se ergueram espantados e fitaram-no.

— Eu sei, continuou elle, onde o corpo está sepultado. Está juncto a um umbuzeiro pouco afastado da estrada, a meio caminho da casa de Rios a este ponto; e quem o enterrou ahí, foi aquelle homem — apontou para o indio Joaquim Assahy.

— Mas não fui eu quem o matou, respondem o indio, pallido como um cadaver. Foi o Sr. André Turino que fez isso, e me obrigou a ir com o seu escravo Pedro enterrar o corpo no mato.

Os soldados da escolta que viera de Manaus, tiveram ordem de não deixar sahir alguém; e a auctoridade dirigiu-se a Joaquim:

Narre-nos o facto, como se deu; nada occulte, e nada tema.

Joaquim continuou, um pouco mais animado:

— Eu estava juncto á estrada tirando seringa, quando vi passar o Sr. Alvear com o Sr. Rios. Não me importei com isso e fui continuando no meu trabalho. Cerca de meia hora depois, já me achando eu mais afastado, ouvi alguém pedindo soccorro e dizendo:

— Não me mates, miseravel ladrão!

— Corri para a estrada e vi o Sr. Rios cahido e o Sr. André Turino tirar-lhe do bolso uma carteira e papeis e guardal-os. Não tive animo de dizer nada. Elle se ergueu e, vendo-me, atirou-me com duas moedas de prata, dizendo:

— Toma para matares o bicho. Se fores prudente, terás maior paga; mas, se por ti se vier a saber disso, fica certo que esta faca te fará nunca mais denunciar a outro.

— Elle assoviou, e Pedro que estava perto, appareceu. Então elle mandou-nos enterrar o corpo em cova bem funda. Nós o sepultamos juncto do umbuzeiro. Agora en peço que me livrem do Sr. Turino, que é um homem do diabo.

— Nada temas, ficas connosco, respondem a auctoridade. E sabes onde está Pedro agora?

— Está perto, vai pela estrada, esteve aqui ainda ha pouco.

Mandon-se-lhe no encalço, e encontrado, elle se apresentou. Era um creoulo, ainda muito moço e bem fallante. Seu depoimento, depois de muita reluctancia, devida ao terror que lhe inspirava seu senhor, confirmou em tudo o de Joaquim.

Dois praças ficaram guardando os dous cumplices do crime, e o subdelegado com os seis restantes e alguns homens de confiança dirigiu se ao estabelecimento de André Turino, rio abaixo. João, ao embarcar em sua canoa para tornar ao seu sitio, disse, ao despedir-se de seu amigo Alvear:

Então existe ou não uma Providencia, guiando os negocios dos homens?

— Sim, respondem o mancebo, abraçando-o, e tem na Terra anjos encarregados do cumprimento de seus santos decretos.

Houve alguma imprudencia da parte da auctoridade em ir assim intimar a ordem de prisão mesmo em casa de Turino, por todos reconhe-

cido como homem mau e rixoso, e que tinha em seu serviço cerca de 30 homens, na maioria soldados escusos do serviço, turbulentos e destemidos. Felizmente todos tinham seguido em uma expedição com Alvaro, filho de Turino, e só estariam de volta pelas 9 horas da noite. Só se achavam em casa André Turino, sua mulher e uma criada negra.

Contrariamente ao que se esperava, Turino acovardou-se e, informado do depoimento dos seus dous cumplices, cahiu em profundo abatimento, e confessou sua falta. Como fôra de si, elle disse:

— Já não posso. Ha dous mezes que o espectro de Rios me persegue por toda a parte, ameaçando aniquillar-me.

— Eram 5 horas da tarde, quando elle partiu com o subdelegado e a escolta para o Jamary, afim de seguir para Manáus na manhã seguinte.

Deixemol-os partirem ao seu destino, e demoremol-nos no sitio de André Turino.

* * *

Era de alguma importancia o estabelecimento de Manicó; além do cauchin, baunilha, cacau, ipeca-conha e salsa, dali se exportava milho, de que havia grandes plantações, bananas, e peixe salgado. A casa de vivenda da familia, afastada da praia, era de paredes de barro reboucadas e caiadas, mas coberta de palha, era uma casa grande e de bonito aspecto. A cerca de 500 metros della viam-se as palhoças dos aggregados.

A's 9 horas da noite chegaram os exploradores extenuados de fome e de fadiga. Alvaro, sabendo o que se havia passado, ficou como uma fera e vociferou contra a covardia do pai, e a incuria da mãe e da criada, que não correram a avisal-o, fosse como fosse. Elle resolveu ir com os seus ás 2 horas da manhã assaltar o pouso de Jamary e arrancar seu pai das mãos da justiça. Distribuiu armamento á sua gente e mandou-a comere dormir, para estar prompta na hora aprasada. Duas grandes canoas os conduziriam, e a distancia de menos de 7 leguas seria vencida em menos de 2 horas.

Todos se recolheram, elle só, com a cabeça em fogo, passeou por algum tempo em frente á casa, e depois, já prompto, foi sentar-se na borda de uma das canoas, como querendo por sua ansiedade precipitar o curso do tempo. O cansaço fel-o dormir, mas de subito foi despertado por um alarido horroroso; a plantação ardia, os homens da fazenda despertavam meio-queimados de suas palhoças incendiadas e, ainda tontos de somno, corriam semi-nus em todos os sentidos.

— Os Parintintins! Demonio! bradou o filho de Turino, eugatilhando sua espingarda.

Eram, com effeito, elles, esse flagello dos habitantes do Madeira abaixo do Jamary, hoje muito reduzidos pelas perseguições que por todos os modos lhes promovem, mas então para todos um objecto de horror. Não havia anno em que elles não apparecessem, incendiando, matando e destruindo tudo com uma sanha feroz. São anthropophagos e excessivamente cruéis. Atacam de preferencia de surpresa, escolhendo a noite para as suas satanicas proezas, e por meio de mechas accesas presas ás suas flechas ateiam o incendio nas casas e plantações. Um pedaço de pauo grosseiro passando-lhes por entre pernas e prendendo-se á cintura é o seu vestuario unico; seu rosto e corpo são cobertos de traços negros e figuras, que os tornam hediondos. Elles não se batem a pé firme, mas saltando para um e outro lado, afim de impedir que lhes façam pontarias. Durante o combate levantam uma

grita medonha, para intimidarem aos contrarios. Elles tinham visto a partida e o regresso da expedição, e contavam com o cansaço dos trabalhadores, para surprehendel-os.

Alvaro, vendo em chammas a casa de sua familia, lembrou-se de sua velha mãe e correu para lá. Oh! desespero! As portas estavam arrombadas, as infelizes, ama e criada, tinham sido surprehendidas durante o somno e arrastadas para as brenhas por esses canibae.

Elle conseguiu reunir sua gente e avançou contra os selvagens, que se iam retirando. Em um descampado, do vermelho clarão do incendio, os indios accossados empenharam combate. Um delles, chefe, estava no meio do terreno, fazendo face aos assaltantes. As balas pareciam respeitá-lo; mas afinal um ex-soldado enviou-lhe uma directamente ao peito; o selvagem cambaleou, estendeu o arco; sua flecha partiu e atravessou a garganta do seu vencedor. Elle tambem cahiu, e o combate tornou-se furioso, pois seria uma vergonha para a tribu inteira deixar o cadaver de seu chefe em poder do inimigo. Um selvagem avançou, protegido por uma nuvem de flechas e ameaçado pelas balas contrarias, pôz o cadaver ao hombro e partiu; uma bala derrubou-o, outro selvagem substituiu-o e com o corpo ás costas ganhou a mata. Tudo cessou por parte delles, e os malvados desapareceram como os phantasmas de um sonho.

Os perseguidores embrenharam-se atraz delles, mas era inutil, não os encontrariam.

O dia surgia, e o plano de Alvaro fôra aniquilado por um poder desconhecido.

D'ahi a pouco o barco a vapor se aproximava da praia. Nada mais havia a fazer-se; a destruição estava consumada, e ir no encalço dos selvagens era perder tempo inutilmente. Ao ouvir a narração do que se passára, André Turino, que não quiz sahir do seu camarote, exclamou com accento lugubre:

— Estás vingada, sombra de Rios! Estás vingada; eu sou um desgraçado. Ninguem mais conseguiu arranjar-lhe uma palavra até Manáus.

* * *

Tinha decorrido um mez depois dos ultimos acontecimentos que acabámos de contar. João acordára triste e, sem saber porque, tinha vontade de chorar. Alvear chegára na vespera, e narrára-lhe o que se havia passado na capital. André Turino estava louco, ora furioso, ora buscando um escondrijo, dizendo que o phantasma de Rios o queria arrastar para o inferno. O julgamento fôra suspenso.

O velho boliviano, companheiro do solitario, acabava de chegar do mato, onde fôra preparar uma armadilha para dar cabo de um veado, que lhe estava estragando a roça. Em lugar apropriado elle collocára a espingarda com carga de bala e chumbo grosso, presa ao gatilho por uma corda que, esticada, a faria descarregar. O animal, passando, se encarregaria dessa tarefa, pois não podia evitar o encontro da corda.

Estava elle entregue aos seus trabalhos culinarios, quando Alvear chegou e entrou a conversar sobre a doutrina, que tanto o havia consolado. De repente em frente a uma janella lateral, que ficava a algumas braças do mato, soou um tiro, e o solitario recebendo a carga em pleno peito, tombou dizendo:

— Alvaro Turino, desgraçado! Alvear e o indio tomaram suas espingardas para perseguirem ao assassino:

— Não, disse o solitario com voz já pouco clara; é inutil, meu trabalho

está concluido, meus pais me esperam; entreguemol a Deus esse infeliz. Sr. Alvear, proteja a esse meu pobre companheiro e lembre-se sempre de seu amigo João Paulo.

Tinha expirado. A dor de seus dous amigos se manifestava nas lagrimas abundantes, que derramavam. Onviu-se então uma forte detonação ao longe, augmentada pelo eco da floresta.

— Oh! bradou o velho boliviano, o malvado foi punido por Deus, cahiu na minha armadilha.

Foram ambos ao lugar com outros visinhos, que haviam chegado, e encontraram o cadaver do infeliz Alvaro ferido no coração.

* * *

Alvear fez construir no cemiterio de seu estabelecimento uma sepultura decente para encerrar o corpo de seu excellente amigo, e conservou consigo o velho companheiro deste. Seus negocios foram bem, e depois de um anno, elle desposou a filha de Rios, viuva de Alvaro Turino.

Com os ensinios do solitario elle comprehendeu o que se passava consigo, e o pensamento que o atormentava desde criança, tinha desaparecido.

André Turino fallecera louco em Manaus.

FIM

A casa malassombrada

— « » —

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS PELO DR. A. BEZERRA DE MENEZES

— « » —

(Continuação)

A bala da delle errou o alvo, a da minha traspasou-lhe o coração.

Arrastei-o para o mato, como se fosse um reptil, e enterrei-o n'um formigueiro, encommendando-lhe a alma a Satanaz.

Esperei a noite para viajar de volta, e, na segunda, passava por este sitio, sendo no boqueirão atacado pela onça.

José disparou o tiro no terrivel animal; porém errou e elle veio sobre mim, ao tempo em que o cavallo de meu pagem disparava com elle, furioso.

O meu cahiu ferido, e eu pude milagrosamente galgar a pedra onde me encontrou.

* * *

— Acabou sua historia? Sr. Joaquim de Amorim.

— Não. Faiza dizer-lhe: que ainda tenho sede de vingança, que pesa-me não ter o infame seductor de Margarida mais cem vidas, para eu ter o gosto de lh'as tirar todas, e que tenho medo e horror de voltar para minha casa, onde a dor de meu avô e a loucura de Margarida cavaram-me uma especie de sepultura no deserto.

— O tempo habitual-o-ha a esse novo modo de vida, disse Leopoldo.

— O tempo gasta tudo, Sr. Leopoldo; mas a presença do objecto amado priva-o de gastar o amor que será o meu tormento.

— A julgal-o por mim, creio que tem razão. Ha sentimentos tão profundos que só acabam com a morte.

— Se Margarida morresse, antes de eu conhecer sua deshonra, que doce e triste felicidade seria para mim perpassar pela memoria as scenas de nossa infancia, e chorar um amor perdido!

(Continúa).